

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Doutoramento em História

**HISTÓRIA DA IMPRENSA PERIÓDICA
DESPORTIVA PORTUGUESA
(1875-2000)**

Francisco Pinheiro

**Orientadora:
Professora Doutora Maria de Fátima Nunes**

2009

À memória dos jornalistas desportivos.

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Doutoramento em História

**HISTÓRIA DA IMPRENSA PERIÓDICA
DESPORTIVA PORTUGUESA
(1875-2000)**

Francisco Pinheiro



170317

Dissertação de Doutoramento,
apresentada à Universidade de Évora,
para a obtenção do grau de
Doutor em História

Orientadora:

Professora Doutora Maria de Fátima Nunes

2009

Resumo

História da Imprensa Periódica Desportiva Portuguesa

Fazer a história da imprensa periódica desportiva portuguesa foi o objectivo deste trabalho, que englobou a análise a 940 publicações periódicas desportivas, criadas em Portugal entre 1875 e o ano 2000.

A construção desta história do jornalismo desportivo português permite compreender a importância e dimensão real desta área de especialização jornalística e fazer o seu enquadramento na história dos *media* em Portugal e no contexto internacional.

Este estudo possibilitou ainda a identificação das principais linhas editoriais e tendências discursivas subjacentes à actividade jornalística desportiva portuguesa, assim como os diferentes trajectos e retóricas, em distintos espaços e dimensões temporais.

Palavras-chave: Imprensa Periódica Desportiva, História dos *Media*, História do Desporto, Jornalistas, Heróis, Censura, Sociedade, Cultura, Política e Futebol.

Abstract

History of the Portuguese Newspaper Sport Press

Making the history of the Portuguese newspaper sport press was the main goal of this research. This work included 940 Portuguese sports newspapers, created between 1875 and 2000. The construction of the history of sport journalism in Portugal was an important step to understand the real dimension of this specific area in the Portuguese and international *media* context. The research gave his contribution to identify the editorial lines and speech tendencies in the Portuguese newspapers sport press and gave some essentials contributions to different dimensions of the Portuguese general history in the contemporary era.

Keywords: History of Writing Sport Press, History of Media, History of Sport, Journalists, Heroes, Censorship, Society, Culture, Politic and Football.

Resumo

História da Imprensa Periódica Desportiva Portuguesa

Fazer a história da imprensa periódica desportiva portuguesa foi o objectivo deste trabalho, que englobou a análise a 940 publicações periódicas desportivas, criadas em Portugal entre 1875 e o ano 2000.

A construção desta história do jornalismo desportivo português permite compreender a importância e dimensão real desta área de especialização jornalística e fazer o seu enquadramento na história dos *media* em Portugal e no contexto internacional.

Este estudo possibilitou ainda a identificação das principais linhas editoriais e tendências discursivas subjacentes à actividade jornalística desportiva portuguesa, assim como os diferentes trajectos e retóricas, em distintos espaços e dimensões temporais.

Palavras-chave: Imprensa Periódica Desportiva, História dos *Media*, História do Desporto, Jornalistas, Heróis, Censura, Sociedade, Cultura, Política e Futebol.

Abstract

History of the Portuguese Newspaper Sport Press

Making the history of the Portuguese newspaper sport press was the main goal of this research. This work included 940 Portuguese sports newspapers, created between 1875 and 2000. The construction of the history of sport journalism in Portugal was an important step to understand the real dimension of this specific area in the Portuguese and international *media* context. The research gave his contribution to identify the editorial lines and speech tendencies in the Portuguese newspapers sport press and gave some essentials contributions to different dimensions of the Portuguese general history in the contemporary era.

Keywords: History of Writing Sport Press, History of Media, History of Sport, Journalists, Heroes, Censorship, Society, Culture, Politic and Football.

ÍNDICE

Resumo	p. 4
Preâmbulo	p. 9
Introdução	p. 11
I PARTE	
– A construção de uma história da imprensa periódica desportiva	p. 19
Capítulo 1 – Imprensa e desporto	p. 20
1. Estudos internacionais	p. 22
1.1. Contributos anglófonos	p. 24
1.2. Internacionalização em meio académico	p. 28
1.3. Contributos europeus diversificados	p. 29
2. O caso português	p. 34
2.1. Contributos multidisciplinares	p. 37
Capítulo 2 – Fazer a história da imprensa periódica desportiva	p. 45
1. Metodologia e fontes	p. 46
2. Análise histórica e discursiva	p. 48
II PARTE	
– Imprensa periódica desportiva em Portugal	p. 50
Capítulo 1 – 1875-1893: Primórdios da imprensa periódica desportiva	p. 51
1. Títulos aparentemente desportivos de índole política	p. 51
2. O surgimento da imprensa desportiva estrangeira	p. 52
3. A cruzada da ginástica	p. 54
4. Caça e touros	p. 57
5. Do ciclismo surge o primeiro jornal desportivo generalista	p. 60
6. Contributos dos periódicos generalistas	p. 62
7. Desporto e literatura: o início de uma longa relação	p. 64
Capítulo 2 – 1894-1900: Início da consolidação	p. 66
1. O panorama internacional	p. 66
2. Os primeiros periódicos desportivos generalistas	p. 67
3. Tauromaquia, a principal especialidade	p. 71
4. Imprensa velocipédica no final do século XIX	p. 75
5. Longevidade chega com o tiro e a caça	p. 80
6. Desporto, literatura, teatro e o caso Dreyfus	p. 86
Capítulo 3 – 1901-1904: Primeiros passos no novo século	p. 91
1. O panorama internacional	p. 91
2. Automobilismo: uma nova especialização	p. 92
3. Fusão gera mais qualidade, organização e longevidade	p. 94
4. Tauromaquia continua a dominar	p. 100
5. A fórmula desporto-literatura-teatro e a imprensa generalista	p. 101

Capítulo 4 – 1905-1910: Consolidação	p. 106
1. A doutrina desportiva continua	p. 106
2. Da decadência à esperança	p. 109
3. Tauromaquia domina e automobilismo arranca	p. 117
4. O aparecimento dos boletins desportivos institucionais	p. 121
Capítulo 5 – 1911-1913: Esperança e diversificação	p. 124
1. O desporto e as artes fortalecem relações	p. 124
2. O panorama inglês e francês	p. 127
3. Quatro modalidades com voz	p. 129
4. O papel doutrinal da imprensa desportiva generalista	p. 133
5. Heroísmo patriótico em tempos de união jornalística	p. 135
6. A definição do papel do jornalista desportivo	p. 142
Capítulo 6 – 1914-1918: Instabilidade em tempos de guerra	p. 146
1. O panorama antes da guerra	p. 146
2. As incertezas e as dificuldades geradas pela guerra	p. 150
3. Apelos à união	p. 154
4. Entrada na guerra e o advento da imprensa na «provincia»	p. 159
5. Tauromaquia, aeronáutica, caça e o binómio artístico-desportivo	p. 166
Capítulo 7 – 1919-1920: Reajustamentos e mudanças	p. 169
1. O curto reinado de <i>O Sport de Lisboa</i>	p. 169
2. Domínio a dois, com interferências	p. 172
3. Pequena expansão regionalista	p. 178
Capítulo 8 – 1921-1923: Início da popularização	p. 181
1. Progressiva regionalização	p. 181
2. Lisboa hegemónica	p. 185
3. Porto: a definitiva consolidação	p. 187
4. Profissão: jornalista desportivo	p. 190
5. Quezílias, pactos e questões éticas	p. 194
6. Consolidação regional	p. 200
7. Os órgãos informativos dos clubes e de especialidade	p. 205
8. O auge e o declínio da imprensa artístico-desportiva	p. 210
9. Os primeiros passos da imprensa desportiva do Ultramar	p. 214
Capítulo 9 – 1924-1926: Anos dourados	p. 218
1. Contexto europeu	p. 218
2. O primeiro diário desportivo português	p. 220
3. Jornais de referência: pontos de vista comuns	p. 223
4. Rivalidades: a polémica morte de Kid Augusto	p. 226
5. O primeiro Porto-Lisboa inter-jornalistas	p. 229
6. Apogeu da informação desportiva generalista	p. 232
7. Questões éticas	p. 236
8. Inovações gráficas e editoriais	p. 238
9. As dificuldades dos primeiros três meses	p. 241
10. O recorde de 1926	p. 246
11. Reforço regional	p. 250
12. Os efeitos imediatos da mudança política de 1926	p. 253

Capítulo 10 – 1927-1936: Ciclo de continuidade	p. 256
1. Centralismo da Capital	p. 256
2. As dificuldades do meio lisboeta	p. 260
3. Porto a duas vozes	p. 268
4. O agravamento da guerra Norte-Sul e das rivalidades jornalísticas	p. 277
5. Tréguas e colaborações esporádicas	p. 282
6. Ideias à volta do jornalismo desportivo	p. 285
7. Fase de crescimento regional	p. 289
8. Imprensa desportiva generalista do Ultramar	p. 299
9. Órgãos de clubes e instituições em mudança	p. 303
10. Jornalismo especializado dominado pelo automobilismo	p. 308
11. A chegada da rádio desportiva	p. 318
Capítulo 11 – 1937-1953: Fase de estabilização e mudança	p. 323
1. O panorama internacional	p. 323
2. Reajustes no prólogo da guerra	p. 325
3. Linhas editoriais no início da Segunda Guerra Mundial	p. 334
4. A imprensa desportiva generalista durante a guerra	p. 337
5. Tempos dominados pela informação dos clubes	p. 341
6. Ligeiros sinais de mudança	p. 346
7. Em defesa de uma terminologia desportiva portuguesa	p. 350
8. O fim de um capítulo e o início de outro	p. 354
9. Censura no jornalismo desportivo	p. 358
10. Forte concorrência na imprensa desportiva generalista	p. 363
11. Ressurgimento da imprensa desportiva especializada	p. 370
12. Forte crescimento dos órgãos de clubes e instituições	p. 374
Capítulo 12 – 1954-1957: Período áureo da informação clubista	p. 381
1. O panorama evolutivo no estrangeiro	p. 381
2. Rivalidades entre a imprensa desportiva generalista	p. 384
3. Política, desporto e censura	p. 389
4. Período positivo da imprensa desportiva generalista	p. 392
5. Mundo do motor e Lisboa dominam imprensa especializada	p. 404
6. Continuação da hegemonia dos órgãos de clubes e instituições	p. 408
7. A consolidação da rádio e a novidade chamada televisão	p. 412
Capítulo 13 – 1958-1974: Declínio fruto da normalização	p. 420
1. Factores de mudança	p. 420
2. Fase de reajustamento no jornalismo desportivo generalista	p. 422
3. Período de acalmia na imprensa desportiva generalista	p. 427
4. Reflexões à volta da ideia de jornalismo desportivo	p. 436
5. Mudança de paradigma doutrinária	p. 440
6. Conturbação política afecta imprensa desportiva	p. 442
7. Fraco crescimento da imprensa desportiva especializada	p. 448
8. Ciclo de crescimento nos órgãos de clubes e instituições	p. 455
9. Rádio, televisão e o papel da imprensa internacional	p. 461
Capítulo 14 – 1975-1978: Crescimento nos alvares da democracia	p. 465
1. O conturbado ano de 1975	p. 465
2. Guerra Norte-Sul: novos capítulos de uma história antiga	p. 468

3. Efemeridade marca os novos títulos generalistas	p. 472
4. Lisboa dominadora na imprensa especializada	p. 476
5. Órgãos clubistas e institucionais marcados pela diversidade	p. 480
Capítulo 15 – 1979-1984: Início de um novo paradigma	p. 483
1. Sinais de mudança	p. 483
2. Domínio da imprensa desportiva especializada	p. 487
3. 1982: ano de mudança	p. 491
4. Breve fase de transição	p. 495
5. Panorama radiofónico, televisivo e o contexto internacional	p. 499
Capítulo 16 – 1985-1987: Diversidade	p. 506
1. Incremento jornalístico diversificado	p. 506
Capítulo 17 – 1988-1995: O paradigma da especialização	p. 516
1. Predomínio dos periódicos especializados	p. 516
2. Proliferação regional da imprensa desportiva generalista	p. 522
3. Consolidação definitiva de uma imprensa desportiva diária	p. 524
4. Os jornalistas desportivos como bode expiatório	p. 528
5. O desporto na esfera da televisão pública e privada	p. 531
6. Reforço dos órgãos clubistas e institucionais	p. 533
Capítulo 18 – 1996-2000: Conflitualidade e regionalização	p. 536
1. Imprensa desportiva diária em balanço	p. 536
2. Descrédito devido à conflitualidade	p. 537
3. Estabilização no fim do século XX	p. 543
III PARTE	
– História e memória da imprensa periódica desportiva	p. 550
1. Evolução histórica	p. 551
2. Reflexões doutrinárias	p. 555
Conclusão	p. 557
Fontes e Bibliografia	p. 563
Fontes	p. 564
Bibliografia e Obras de Referência	p. 578
Anexos	p. 587
Anexo I – Evolução Geral da Imprensa Periódica Desportiva Portuguesa entre 1875 e 2000	p. 588
Anexo II – Lista de Tabelas e Figuras	p. 593

PREÂMBULO

«O futuro depende daquilo que fizemos no presente.»

Mahatma Gandhi

Tal como quase todos os acontecimentos da vida, também esta dissertação resultou da conjugação de vários factores, cada um deles essencial para o resultado final que aqui apresento. O primeiro desses factores foi a necessidade de criar um instrumento de trabalho que permitisse identificar que género de publicações desportivas existiu em Portugal ao longo da história, facilitando futuras investigações sobre a história do desporto.

Em 2000, quando iniciei uma pesquisa (em parceria com o sociólogo João Nuno Coelho) sobre a história do futebol em Portugal – da qual resultou o livro *A Paixão do Povo: História do Futebol em Portugal*, publicado em 2002 pelas Edições Afrontamento – tive imensas dificuldades em perceber quais as principais publicações periódicas desportivas portuguesas desde o final do século XIX até à actualidade, principalmente se quisesse fugir ao binómio formado por *A Bola* (1945) e *Record* (1949). Quais as principais publicações desportivas no final do século XIX? E no século XX? Durante cerca de dois anos de pesquisa identificámos dezenas de publicações valiosas onde analisar o fenómeno futebolístico em Portugal. Esse conhecimento permitiu-nos posteriormente, em 2004, publicar a obra *A Nossa Selecção em 50 jogos, 1921-2004* sobre a história da selecção nacional de futebol.

A identificação e, acima de tudo, a familiarização com essas fontes levaram-me, no âmbito do Mestrado em Estudos Históricos Europeus, na Universidade de Évora, a apostar numa dissertação que conjugasse as principais publicações desportivas e os conceitos de Europa e Portugal, de que resultou a tese *A Ideia de Europa na Imprensa Desportiva Portuguesa (1893-1945)*, defendida em 2003 e publicada em 2006 pelas Edições Minerva Coimbra, com o apoio do Instituto de Comunicação Social. Em 2004, com o apoio da Universidade de Évora e da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), decidi avançar para a pesquisa de doutoramento, cujo tema assentou no levantamento de todas as publicações periódicas desportivas criadas em

Portugal, desde o início deste fenómeno, no último quartel do século XIX, até ao ano 2000, construindo uma história da imprensa periódica desportiva.

Desde 2004, com o apoio da FCT, foi-me possível realizar conferências e apresentar *papers* em encontros académicos, nacionais e internacionais, sujeitos a sistema de *referee* científico. O trabalho foi ainda complementado pela publicação de artigos académicos, no âmbito de diversos congressos nacionais (Associação Portuguesa de Gestão do Desporto, 2005; Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2006) e internacionais (European College of Sport Science, na Finlândia, 2007; North American Society for Sport History, em Nova Iorque, 2008; International Association for Media and Communication Research, em Estocolmo, 2008). Estas experiências permitiram-me perceber o «estado da arte» e as correntes de investigação nas áreas da imprensa e desporto, possibilitando a internacionalização do meu trabalho e a criação de uma rede de conhecimentos multidisciplinar.

Em termos institucionais, estendo os agradecimentos à Biblioteca Nacional, Biblioteca Pública Municipal do Porto, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Hemeroteca Municipal de Lisboa, Biblioteca Nacional do Desporto, Arquivo Nacional Torre do Tombo, Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem, Instituto Nacional de Estatística e Instituto de Comunicação Social.

Por fim, este trabalho não teria sido possível sem o apoio dos meus pais e da Cristina, que neste período passou de namorada a esposa e mãe do nosso Rodrigo. E não posso esquecer os amigos, fundamentais em tudo na vida, em especial o João Nuno Coelho pelas suas correcções e sugestões, assim como alguns mentores que contribuíram com a sua amizade e orientação, casos de Richard Zimler, Artur Agostinho, Gabriel Alves e Manuel Queiroz. As últimas palavras de agradecimento vão para a Universidade de Évora (para os docentes do primeiro Mestrado em Estudos Históricos Europeus) e para a minha orientadora, Professora Doutora Maria de Fátima Nunes, sem a qual nada disto teria sido possível e cujo papel foi decisivo na abertura de novos horizontes para o meu conhecimento académico e pessoal. E, finalmente, o agradecimento à FCT por ter apoiado este projecto.

INTRODUÇÃO

«Relógios antigos, bolas e batatas têm beneficiado mais de estudos históricos do que os jogos e os desportos. Alguns jornalistas, psicólogos, sociólogos e os próprios desportistas têm escrito sobre desportos; os historiadores apenas se debruçaram casualmente sobre o assunto.»

Desporto e Sociedade,

1988

No dia 28 de Junho de 1915, pelas três horas da manhã, com apenas 32 anos, morria no Hospital de Santa Marta, em Lisboa, Armando Machado, um dos mais emblemáticos nomes da primeira vaga de jornalistas desportivos portugueses. A sua paixão pelo desporto começou nas últimas décadas do século XIX, na Suíça, para onde fora estudar. Exímio futebolista, jogou no Grasshoppers FC, clube amador suíço, ao serviço do qual sofreu uma grave fractura no pé esquerdo. Foi várias vezes operado, sem sucesso, sendo-lhe amputada a perna em inícios de 1900. Apesar do desporto ter estado na origem da sua invalidez, nos 15 anos seguintes dedicou-se à construção do edifício desportivo em Portugal, através do jornalismo. O «seu querido jornal»¹, *O Sport de Lisboa*, o melhor periódico desportivo português em 1915 e o único que sobreviveu durante a Primeira Guerra Mundial (1914-18), dedicou-lhe uma profunda homenagem em 3 de Julho de 1915, afirmando que Armando Machado «no jornalismo português da especialidade é insubstituível»². Foi graças a personagens como Armando Machado que a história da imprensa desportiva portuguesa se foi edificando e se tornou num dos ramos mais importantes do jornalismo de especialidade em Portugal. E é essa história que vamos tentar contar ao longo deste trabalho.

O enredo que aqui começa tem como personagem principal o periódico desportivo, cujo nascimento se enquadra naquilo que o historiador José Tengarrinha (1989: 17), na sua *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, definiu como a terceira época de evolução da imprensa periódica portuguesa, caracterizada pela «organização industrial da Imprensa (desde o último quartel do século XIX aos nossos dias).» Segundo Simões et al. (1994: 1), na *História de 50 anos do Desporto Português*, até 1873 tinham-se publicado em Portugal

1 Lacerda, A. (1915, 3 de Julho). Armando Machado. *O Sport de Lisboa*, p. 5.

2 Idem, ibidem.

1.407³ jornais, mas nenhum de cariz desportivo, deduzindo-se que o aparecimento deste género de periódicos é posterior a essa data. Esta inferência, que tentaremos confirmar, levanta algumas questões metodológicas: será que os autores englobaram os periódicos desportivos numa outra categoria, como a dos jornais recreativos? Ou, e esta é uma questão fulcral à qual tentaremos responder, será que até 1873 não nasceu nenhum periódico desportivo em Portugal? Mas para avançarmos no caminho de uma história da imprensa periódica desportiva em Portugal convém definir à partida o que se considera como periódico desportivo. Martínez de Sousa (1981: 134) definiu informação desportiva como o «serviço ou a secção de uma publicação periódica que se especializa no tratamento das notícias e informações relacionadas com o desporto.» Esta definição levou Moral e Ramírez (1999: 280) a afirmar que «informação desportiva é, por tanto, aquela que recolhe todas as notícias produzidas no mundo do desporto nos seus diferentes aspectos e categorias.» Foi precisamente essa recolha, de cariz multifacetado, que motivou Antonio Alcoba (1999: 24) a salientar que «ao fim e ao cabo, um diário desportivo é idêntico a um de informação geral se compararmos o seu número de géneros específicos com o número de subgéneros que do campo específico do desporto se podem extrair.» Para Alcoba (1999: 24), as secções local, regional, internacional, economia, cultura, desporto, entre várias, que surgem nos jornais generalistas, equivalem às secções futebol, ciclismo, basquetebol, motociclismo, automobilismo, ténis, atletismo, entre outras, dos jornais desportivos.

Um outro campo conceptual de abordagem indispensável é o da definição de desporto, fundamental para podermos afirmar se determinado assunto-tema-actividade é ou não considerado desporto. No entanto, como esclarece o polaco Wojciech Liponski (2005: 12), em *L'Encyclopédie des Sports*, onde apresenta mais de três mil modalidades desportivas (dum total de oito mil desportos analisados a nível mundial), «construir a definição exacta de desporto e separá-la do que não o é, está longe de ser fácil.» Liponski (2005: 12) e os mais de cem investigadores internacionais envolvidos na elaboração

3 A listagem era a seguinte: 650 políticos, 261 literários, científicos e recreativos, 47 de teatro, belas-artes e modas, 45 satíricos, burlescos e críticos, 42 de anúncios, 41 agrícolas, comerciais, industriais e artísticos, 40 de jurisprudência e administração, 26 de medicina, farmácia e afins, e 9 militares (tendo em conta os números apresentados, o total representa 1.361 publicações).

de *L'Encyclopédie des Sports* definiram desporto como «uma forma de actividade humana (algumas vezes aliada ao esforço de animais ou ao emprego de veículos ou aparelhos diversos), cujo resultado é mais determinado pelo esforço físico que pelo intelectual.» Esta caracterização, além de minimizar o papel da competição na definição de desporto, coloca em segundo plano os jogos que caem sobre uma acção eminentemente intelectual, como o xadrez, damas ou os jogos de cartas, e afasta os ditos jogos de azar. É, precisamente, esta definição que vai prevalecer nesta história, com uma ligeira adaptação, de forma a agregar também a corrente historiográfica que defende o xadrez como desporto. Esta conciliação historiográfica, cuja explicação surge na I Parte, é a forma mais simples, abrangente e adequada para superar as dificuldades de definir o conceito de desporto, definição essa que se pretende conciliadora e não geradora de rupturas.

Definidos o objecto de análise (periódico desportivo) e o conceito de desporto (assuntos que retomarei na I Parte), convém perceber qual a importância de colocar sob a lupa da História o fenómeno desportivo. Mercê Varela defende que o desporto se converteu no século XX num facto social determinante (1972: 54), assumindo-se como um «elemento cultural de grande transcendência na intercomunicação das pessoas e dos povos» (Moral & Ramírez, 1999: 275). A transcendência do desporto fez com que ao longo da segunda metade do século XX diversas escolas historiográficas se tivessem dedicado à análise das multifacetadas vertentes do fenómeno desportivo. A primeira organização a agregar historiadores do desporto foi criada em Praga em 1967, com a designação de International Committee for the History of Physical Education and Sport (ICOSH), seguindo-se em 1973, em Zurique, a fundação da International Association for the History of Physical Education and Sport (HISPA) – ambas uniram-se em 1989 para dar origem à International Society for the History of Physical Education and Sport (ISHPES). Ainda na década de 1970, mais precisamente em 1972, seria criada nos Estados Unidos da América a North American Society for Sport History (NASSH), com o objectivo de agregar os investigadores norte-americanos, canadianos e mexicanos – no âmbito dos trabalhos desta organização surgiriam as publicações *Journal of Sport History* e *Canadian Journal of Sport History*. Já na década de 1980, foi a vez dos historiadores britânicos criarem a British Society

of Sports History, fundada em 1982 e no seio da qual se passou a publicar, desde 1984, o *British Journal of Sports History*⁴.

Os historiadores do desporto, numa atitude que se foi generalizando ao longo das últimas décadas do século XX, começaram a olhar para a imprensa periódica como uma extraordinária área de investigação⁵ e não apenas como um mero instrumento. McChesney (1989: 1) afirmaria que foram «os *media* que fizeram o desporto» («*media made sport*»), daí a importância de estudar a história dos *media*⁶ para compreender a própria história do desporto – exemplo seguido pelos investigadores da área dos *media*, com o desporto a apresentar também um vasto e prolífero campo de análise⁷.

Em Portugal, as incursões históricas no desporto têm-se centrado principalmente em abordagens biográficas, história dos clubes, história das instituições, história da legislação e história das modalidades, com realce para o futebol, aglutinador de quase toda a produção bibliográfica desportiva produzida. Envolvendo a temática do desporto e dos *media* foram poucas as incursões históricas, quer por parte dos historiadores com afinidades ao desporto, quer por investigadores⁸ da área dos *media*, isto apesar do peso esmagador do desporto nos conteúdos e nos discursos mediáticos da imprensa portuguesa ao longo do século XX – a afirmação de Woodward (1974: 120) de que é «a página desportiva 'a que vende o jornal'» tem, em Portugal, um dos seus melhores exemplos. Curiosamente, foi no campo da sociologia que o desporto e a sua história encontraram um poderoso aliado, o que se deveu em grande medida à existência da disciplina de sociologia do desporto nas faculdades de ciências do desporto e educação física, ao contrário da disciplina

4 Mais tarde mudaria o título para *International Journal of the History of Sport*.

5 E.g., na 36.ª Convenção Anual da North American Society for Sport History, realizada em Lake Placid (Nova Iorque), entre 23 e 27 de Maio de 2008, o dia 26 de Maio contou com duas sessões relacionadas com os *media* e desporto: Sport Journalism (quatro comunicações) e Media/Policy and National Identity Construction (quatro comunicações). Em 36 edições, contou pela primeira vez com um português, o autor desta dissertação, que apresentou a comunicação *The role of the sport press in the development of sport in Europe – the portuguese case and other examples*.

6 O termo *media* será utilizado como a junção de todos os meios que formam o campo audiovisual (Sodré, 2002: 66) de cariz informativo/noticioso. Mas importa salientar que o termo sofreu mutações profundas ao longo do século XX, em virtude do desenvolvimento tecnológico e informativo.

7 E.g., na 26.ª Conferência da International Association for Media and Communication Research, subordinada ao tema Media and Global Divides, realizada em Estocolmo, entre 20 e 25 de Julho de 2008, uma das secções foi dedicada ao tema Media and Sport, englobando seis sessões, com um total de 21 comunicações. Contou com um português, o autor desta dissertação, que apresentou *Media and sport: history, heroes and 'footballization'*.

8 E.g. no I Congresso da SOPCOM – Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, realizado entre 22 e 24 de Março de 1999, em Lisboa, não se realizou nenhuma comunicação dedicada ao tema *media* e desporto.

de história do desporto, ausente dos planos curriculares académicos⁹ portugueses durante o século XX.

O trabalho que aqui apresentamos pretende fazer uma história do periódico desportivo, desde os seus primórdios em Portugal até fim do século XX. E para fazer essa abordagem era indispensável definir um modelo conceptual capaz de se adaptar ao periódico desportivo português e que, ao mesmo tempo, apresentasse solidez interpretativa e metodológica. Esses parâmetros analíticos encontram-se na *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, escrita pelo historiador José Tengarrinha (1989: 17-18), sendo possível definir, numa primeira escala, um esquema de classificação das publicações periódicas desportivas, agrupando-as inicialmente segundo as suas características:

1. **Âmbito geográfico:** jornais nacionais e jornais regionais; ligações entre as áreas urbanas (onde o desporto prosperou) e as rurais.
2. **Relações com o poder público e particular:** publicações desportivas oficiais ou de instituições públicas e jornais de iniciativa particular; órgãos de clubes, associações e organismos desportivos;
3. **Orientação:** jornais desportivos independentes, aparentemente isentos; jornais orientados: órgãos de clubes, facções desportivas, personalidades desportivas, interesses corporativos.
4. **Matéria:** jornais desportivos generalistas, de cariz noticioso; jornais de especialidade: cobertura noticiosa de uma única modalidade (e.g. futebol, basquetebol, ténis, andebol, entre outras) ou agregadores de um determinado círculo desportivo (e.g. mundo do motor, que pode conjugar automobilismo, motociclismo, motocross; mundo da bicicleta, com o ciclismo e todos os desportos praticados com um velocípede); biográficos (biografias desportivas).
5. **Periodicidade e género:** diários, bi, tri ou quadrissemanários, semanários, quinzenários, mensários, anuários; revistas, boletins; os números únicos, comemorativos; suplementos.

⁹ Sobre o ensino da educação física em Portugal, cf. *INEF, 1940-1990 (1990)*. Lisboa: Ed. FMH; e Bento, 1987.

Num segundo nível de interpretação histórica do nosso objecto de estudo – o periódico desportivo –, surge a problemática relacionada com a «expansão e influência da Imprensa» (Tengarrinha, 1989: 18). Uma história da imprensa desportiva terá que responder a questões e parâmetros como:

1. O que esteve na origem do periódico? Por que se manteve ou desapareceu?
2. Qual a tiragem, expansão e difusão?
3. A quem se destina e quais os seus objectivos editoriais?
4. Contextualizar a publicação no período histórico em que se enquadra, tendo em conta os factores políticos, sociais, económicos, demográficos, analfabetismo, censura, de género, entre outros.
5. Definir relações de cooperação entre as publicações, assim como problemáticas geradoras de conflitualidade.
6. Analisar questões éticas e organizacionais do jornalismo desportivo.
7. Identificar discursos ideológicos, géneros jornalísticos e linguagem.
8. Funções ou disfunções: promoção do desporto vs. fomento da violência desportiva; fomento do espírito olímpico vs. incentivo ao elitismo e individualismo; promoção do diálogo entre os povos vs. politização do desporto (Moral e Ramírez, 1999: 280).

Além destes dois níveis de interpretação, o caminho desenvolvido pela imprensa desportiva, entre o século XIX e XX, só poderá ser totalmente compreendido ao analisarem-se também as questões relacionadas com a vida interna e concepção dos jornais (Tengarrinha, 1989: 19), considerando temáticas diferenciadas e ao mesmo tempo complementares:

1. **Redacção:** análise da estrutura redactorial, hierárquica, laboral, noticiosa, técnica e económica; rotinas produtivas.
2. **Direcção:** definição da linha editorial e dos cargos de chefia.
3. **Administração:** vida laboral, financeira, económica e ideológica.
4. **Publicidade:** evolução publicitária e dependências económicas.
5. **Tipografia/Design/Papel:** evolução gráfica e técnicas de impressão. Dependências. Formatos, qualidade e preço do papel.
6. **Distribuição/Vendas:** estratégias de distribuição e vendas do jornal. Assinaturas e problemas de distribuição postal.

É através destes parâmetros de análise que vamos apresentar esta história da imprensa periódica desportiva. A todos estes elementos tem que se acrescentar o factor «desporto», nas suas diferentes variantes: amadorismo, profissionalismo, competição, popularidade, heróis, mediatismo, politização, legislação, solidariedade, educação física, entre outras. Uma vez que o objecto de interpretação da imprensa é o desporto, a sua história determina obviamente a própria história da imprensa desportiva.

Em relação à estrutura desta dissertação, definimos três partes complementares. Na I Parte, dividida em dois capítulos, iremos apresentar a planta metodológica em que assenta a construção desta história da imprensa periódica desportiva. O primeiro capítulo dedica-se à definição de conceitos e à apresentação do «estado da arte» da investigação envolvendo imprensa e desporto. No segundo capítulo, apresentamos a metodologia utilizada para criar esta narrativa histórica sobre o periódico desportivo e as fontes bibliográficas e institucionais em que assentou todo o trabalho de pesquisa, assim como as pistas sobre a análise de conteúdo feita ao discurso jornalístico.

No tocante à II Parte do trabalho, esta foi dividida em 18 capítulos, cada um representativo de um período da história da imprensa periódica desportiva portuguesa, entre o nascimento (no último quartel do século XIX) e o ano 2000. A apresentação dos capítulos segue uma periodização inserida num contexto evolutivo interno, directamente ligada à vivência matricial do periódico desportivo, afastando-se da mera cronologia de títulos. Esta divisão estrutural de 18 capítulos afirmou-se como a melhor opção (discutida e testada em encontros e debates nacionais e internacionais) para a apresentação deste vasto campo de análise formado pelo periódico desportivo português, numa extensão temporal tão alargada (1875-2000) e numa preocupação constante com o espectro histórico internacional (sobretudo o contexto espanhol e francês). A escolha e definição de uma estrutura laboratorial que tivesse como prioridade a própria evolução do periódico desportivo, em vez das tradicionais divisões estanques dadas pelas catalogações temporais (década a década) ou pelos diferentes tipos de imaginário (político, económico ou, até mesmo, desportivo) é, em si mesma, uma afirmação da pujança do jornalismo desportivo português, capaz de gerar uma identidade própria. Esta identidade permite seguir a linha metodológica proposta por Maria de Fátima Nunes, na

obra *Imprensa Periódica Científica (1772-1852)*, na qual sugere que o historiador, no campo da imprensa periódica, não deve ficar preso «às fatias temporais habitualmente propostas pelas histórias da imprensa portuguesa» (Nunes, 2001: 31), devendo identificar a própria evolução intrínseca ao seu objecto de estudo (neste caso o periódico desportivo). Tentaremos assim traçar, ao longo de 18 capítulos, as linhas gerais desta história, sem cair em enumerações ou listagens excessivas de periódicos, definindo títulos aglutinadores de ideias e caracterizadores de cada período.

E, finalmente, a III Parte será dedicada a fundir o material investigado, apresentando as conclusões gerais e dando uma perspectiva abrangente do periódico desportivo enquanto objecto da oficina da história. Esta análise final, a qual engloba a própria conclusão – que contém os dez paradigmas evolutivos do fenómeno do periódico desportivo português –, sintetizará o vasto e moroso percurso histórico feito nos 18 capítulos da II Parte. Deste modo, esperamos que esta investigação assuma dois papéis: enquadrar definitivamente a história da imprensa periódica desportiva na história geral da imprensa portuguesa dos séculos XIX e XX, e servir de instrumento de pesquisa para futuras investigações nos campos do desporto e *media*.

I PARTE

A CONSTRUÇÃO DE UMA HISTÓRIA DA IMPrensa PERIÓDICA DESPORTIVA

«Não há jornalismo e jornalismo desportivo, há apenas JORNALISMO.»

Vitor Santos,
chefe de redacção de *A Bola*, 1983¹

Qual foi o primeiro jornal desportivo português? Quando começou a imprensa desportiva? Como se desenvolveu? Quais os momentos de apogeu? E os de crise? Que relação manteve com a imprensa generalista? Quais os efeitos da chegada da rádio e televisão? Qual a relação com a Censura? Como se construiu a profissão de jornalista desportivo? Como terá visto o jornalismo desportivo os conflitos bélicos do século XX? Terá uma visão redutora da sociedade, cingida ao desporto, ou alargada? Será o futebol um tema tão hegemónico como se pensa? Como viu as relações entre política e desporto?

Arrancamos a Primeira Parte desta dissertação com estas questões, às quais poderíamos juntar outras, porque elas ilustram o conjunto de dúvidas com que partimos para esta investigação. Nos dois capítulos que compõem esta parte inicial vamos apresentar, de uma forma geral e concisa, as várias etapas de construção desta história da imprensa periódica desportiva, servindo como uma espécie de planta de trabalho, de cariz teórico e metodológico, reforçando e complementando as linhas gerais traçadas na introdução.

No primeiro capítulo desta Primeira Parte desenvolvemos a abordagem conceptual, feita genericamente na introdução, aos termos imprensa e desporto, e apresentamos breves (esperamos que úteis) resenhas bibliográficas relacionadas com estes dois conceitos, de forma a contextualizar a nossa investigação no panorama historiográfico nacional e internacional. O segundo capítulo centra-se na explicação da metodologia utilizada para a pesquisa, caracterizando passo a passo todos os procedimentos tomados (e dificuldades encontradas).

¹ Frase extraída da palestra dada por Vitor Santos, chefe de redacção do jornal *A Bola*, no 1.º Seminário sobre Jornalismo e Desporto, organizado em S. Miguel, nos Açores, pela Direcção Regional de Educação Física e Desportos (cf. *Desporto e Sociedade* (1989), 114. Lisboa: Direcção-Geral dos Desportos).

CAPÍTULO 1

Imprensa e desporto

O ano de 2004 foi provavelmente o mais profícuo na organização de eventos relacionados com desporto, em especial futebol, em Portugal. O motivo foi simples: entre Junho e Julho realizou-se a mais importante prova desportiva alguma vez organizada em solo luso, o Campeonato da Europa de Futebol. O mundo das letras, tradicionalmente distante, associou-se ao do desporto. Um dos melhores exemplos foi a exposição bibliográfica dedicada ao desporto, organizada pela Biblioteca Nacional (BN) entre 3 de Junho e 4 de Setembro. Para a exposição, a BN publicou o catálogo *Desportos & Letras*, com 1.246 entradas relacionadas com o desporto português, distribuídas entre Manuscritos, Impressos (Monografias e Publicações Periódicas¹), Partitura² e Iconografia. A exaustiva recolha bibliográfica não incluiu a tauromaquia, por não ser considerada um desporto, mas sim «um espectáculo» (Biblioteca Nacional, 2004: 30). Esta opção controversa da BN leva-nos a retomar a questão conceptual à volta do que consideramos ou não desporto, já que não é consensual na historiografia desportiva a sua caracterização, principalmente no que se refere à tauromaquia (desporto com animais) e ao xadrez (desporto intelectual).

Como adiantámos na introdução, a definição de desporto que vai prevalecer ao longo desta história vai conciliar a caracterização de desporto de Liponski (2005: 12) na *L'Encyclopédie des Sports*³ (que inclui a tauromaquia e afasta o xadrez), com a corrente historiográfica adoptada pela BN para a exposição bibliográfica de 2004 (que exclui a tauromaquia e agrega o xadrez). A definição de Liponski, e da sua vasta equipa de trabalho em 2005, seguiu os parâmetros⁴ de interpretação de desporto utilizados em 1961 por Jean Dauven e os mais de cinquenta investigadores que colaboraram na *Encyclopédie des*

1 O catálogo apresentou 427 entradas sobre publicações periódicas, tendo sido uma das fontes em que assentou esta pesquisa, como irei explicar no capítulo seguinte.

2 Apenas uma entrada musical: «1237 – Vida desportiva: one step popular para piano / música de Eurico S. Antunes; letra de J.F. (Quinzinho) – [Porto: s.n., 1926]» (Biblioteca Nacional, 2004: 259).

3 «Uma forma de actividade humana (algumas vezes aliada ao esforço de animais ou ao emprego de veículos ou aparelhos diversos) cujo resultado é mais determinado pelo esforço físico que pelo intelectual» (Liponski, 2005: 12).

4 Estes parâmetros são os mesmos partilhados pelo Conselho Internacional para a Educação Física e Desporto (integrado na UNESCO), organismo que apoiou a obra de Liponski.

Sports (edição da Librairie Larousse). Nesta obra de referência da historiografia desportiva francesa, a tauromaquia mereceu 26 páginas de análise e o xadrez ficou ausente. Curiosamente, em Espanha, o país das touradas, as duas visões convivem lado a lado. Na *Gran Enciclopédia de los Deportes*, publicada em Madrid, em 1988, a arte do toureio não mereceu qualquer referência, ao contrário do xadrez com 25 páginas, num total de 1.256 páginas de análise a modalidades desportivas. No entanto, Moral e Ramírez (1999: 281), ao debruçaram-se sobre as modalidades desportivas com cobertura noticiosa na imprensa desportiva espanhola, incluem em 11.º lugar os «Toros» (touro).

Em Portugal, as definições de desporto variam principalmente em função da área de investigação de quem o pretende definir. O pedagogo Olímpio Bento (1987: 15-27), na obra *Desporto – 'Matéria' de ensino*, apresenta um vasto conjunto de modelos sobre como interpretar o conceito de desporto, incidindo numa visão pedagógica. O jornalista Homero Serpa (2007: 13) apostou numa visão «popular» de desporto na sua *História do Desporto em Portugal – do Século XIX à Primeira Guerra Mundial*, simplificando o termo «sem divisões, nem subdivisões, nem objectivos diferenciados». A investigadora Manuela Hasse (1999: 306), ligada à antropologia e história do corpo, optou por uma definição dinâmica de desporto em *O Divertimento do Corpo*, próxima da visão do historiador, em que o conceito está sempre em mutação, assumindo diversos significados consoante o período histórico. O filósofo Manuel Sérgio, juntamente com Noronha Feio, na obra *Homo Ludicus*, definem o conceito de «desporto como fenómeno que realiza cultura, quer reflectindo-a, quer produzindo-a» (1979: 7-8).

Estas breves ideias, ilustrativas de algumas correntes de pensamento à volta do conceito de desporto, reflectem a dificuldade em defini-lo. Mas, como referimos na introdução, a ideia de desporto assumida nesta investigação deve ser simples e conciliatória, de forma a facilitar a catalogação do que podemos considerar como periódico desportivo, que é o objecto deste estudo. Deste modo, de forma a harmonizar a definição de Liponski (2005: 12) e da BN (2004: 30), recuperámos a definição de Hebert (1946: 7), segundo a qual «desporto é todo o género de exercício ou actividade física que tenha como meta a realização de uma marca e cuja execução se baseie essencialmente na ideia de luta contra um elemento definido: uma distância, um animal, um adversário

e por extensão, nós próprios». Esta definição permite, deste modo, incluir tauromaquia e xadrez como desportos, conciliando as duas correntes historiográficas. Assim, os periódicos que se dediquem a estes temas passam a ser incluídos nesta história e a ser considerados imprensa periódica desportiva.

Uma vez que o campo metodológico desta investigação tem um eixo bicéfalo, compreendendo dois objectos, imprensa⁵ e desporto, analisar a historiografia nacional e internacional que envolve este eixo de significação é um dos passos cruciais para enquadrar esta investigação.

1. Estudos internacionais

A investigação e produção bibliográfica no campo dos *media* e desporto tem vindo a crescer gradualmente ao longo das últimas décadas, o que se explica pelo aumento da produção bibliográfica relacionada com a história do desporto e com a história do jornalismo.

Relativamente à história do desporto, durante os anos 1990 a média de obras publicadas sobre esta temática cresceu de 250 para cerca de 1.000 ao ano (Cox, 2003: VII). Este facto deveu-se a muitos clubes, provas nacionais e organismos desportivos terem celebrado o seu centenário e produzido histórias para assinalar e comemorar esse marco. Aliado a isso, a «investigação sobre a história dos desportos tornou-se cada vez mais popular no meio académico» (Cox, 2003: VII), contribuindo para o aumento da produção de estudos académicos nesta área.

Este crescimento da bibliografia internacional sobre a história do desporto levou o inglês Richard Cox, fundador da British Society of Sports History, a publicar, a partir do final da década de 1990, várias compilações bibliográficas⁶ na colecção *Sports Reference Séries*⁷, editada pela londrina Frank Cass

5 O termo imprensa é aqui usado num sentido lato, sinónimo de *media*, devendo ser entendido como «os meios de comunicação de massas, tais como jornais, revistas ou televisão» (Scalon, 2006: 3).

6 Qualquer investigador pode contribuir para essa bibliografia através do site: www.umist.ac.uk/sport/ccontent.html

7 A nível de compilações bibliográficas, Richard Cox publicou nessa colecção as seguintes obras: *History of Sport – A guide to Historiography, Research Methodology and Sources of Information*; *International Sport: A Bibliography, 1995-1999*; *British Sport: A Bibliography to 2000*.

Publishers⁸. Na obra *International Sport: A Bibliography, 2000* (Cox, 2003), que compila toda a bibliografia⁹ internacional sobre desporto entre 1 de Janeiro e 31 de Dezembro de 2000, surgem um total de 867 entradas (nenhuma delas sobre Portugal), das quais 19 envolvem o nosso eixo de significação *media-desporto*. A maioria das referências bibliográficas (oito no total) dedicadas a este tema aparece na figura de artigos publicados em revistas académicas (*Culture, Sport, Society; International Journal of the History of Sport; The Sports Historian*) e actas de congressos (11th International Society for Comparative Physical Education and Sport, Leuven, 8-13 Julho 1998), seguindo-se as autobiografias de jornalistas desportivos (4) e o fotojornalismo desportivo (4).

Esta assinalável produção bibliográfica à volta do desporto e dos *media* só é possível, tal como o trabalho que aqui apresentamos, graças ao momento de máxima liberdade que vive a historiografia¹⁰ para «interpretar o passado e construir o seu futuro, longe de determinismos e teleologias.» (Riaño González, 2004: 16). Dessa liberdade emergiram novos enfoques globais sobre os acontecimentos, espaços e tempos, ao mesmo tempo que se está a recuperar a «visão holística¹¹ da História e do mundo graças à metodologia e ao intercâmbio multidisciplinar» (Riaño González, 2004: 16) que permitem explicar, de forma abrangente e flexível, a dinâmica histórica da sociedade.

No âmbito desta multidisciplinaridade, uma das disciplinas que mais contribuiu para a história do desporto foi a sociologia. Em 2006, sob orientação de Fabien Ohi, publicou-se a obra *Sociologie du sport – perspectives internationales et mondialisation*, onde doze dos mais destacados sociólogos internacionais na área do desporto fizeram uma análise geral ao fenómeno desportivo. Coube ao professor australiano David Rowe¹² debruçar-se sobre o

8 Cf. www.frankcass.com

9 Sob a supervisão de Richard Cox, tem-se publicado anualmente, desde 2000, a compilação bibliográfica sobre história do desporto intitulada *Annual International Bibliography of Publications on the History of Sport* (UK: Sports History Publishing).

10 Cf. Castro, C. & Gómez Carbonero, S. (1998). El cambio de los paradigmas científicos: ciencias naturales versus ciencias sociales?, in Díaz Barrado, M.P. (ed.), *Historia del Tiempo Presente. Teoría y Metodología* (pp. 226-238). Salamanca: Universidad de Extremadura.

11 «Método em que, para explicar um fenómeno particular ou individual, se deverá analisá-lo como resultante de um conjunto de acções, crenças ou atitudes colectivas» (*Dicionário da Língua Portuguesa*, 2008: 899).

12 Professor de ciências sociais na Universidade de Sydney (Austrália), Rowe publicou dois estudos envolvendo desporto e *media*: *Popular Cultures: Rock, Music, Sport and the Politics of Pleasure* (1995) e *Sport, Culture and the Media* (2004). Integra o grupo de trabalho do IAMCR sobre *media* e desporto.

nosso eixo de significação e no artigo *Sports et Médias* lembrou que «a análise detalhada das relações entre media e desporto é relativamente nova, apesar da imbricação mútua destas duas instituições depois do surgimento, no século XVII, do primeiro jornal publicado regularmente sobre desporto» (Rowe, 2006: 65). Segundo este professor australiano, as investigações sobre desporto e *media* «emergiram do campo de pesquisa interdisciplinar dos *Cultural Studies*, ganhando forma no Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), em Inglaterra» (Rowe, 2006: 67). Os *Cultural Studies* viram nos temas da cultura popular e da vida quotidiana férteis campos de análise¹³, fazendo ruir doutrinas puritanas e conservadoras. Esta visão vai ao encontro do conceito de «Faire l'histoire» de Jacques Le Goff e Pierre Nora, definido pela trilogia: «Nouveaux problèmes» (novas problemáticas), «Nouvelles approches» (novos enfoques) e «Nouveaux objets» (novos objectos) (Bonifácio, 1999: 18).

1.1. Contributos anglófonos

As primeiras análises sobre o fenómeno dos *media* e desporto começaram-se a produzir na década de 1970 no âmbito das disciplinas e departamentos universitários ingleses de ciências sociais. Entre os pioneiros estavam dois nomes incontornáveis da sociologia, Eric Dunning e Norbert Elias, cuja vasta bibliografia sobre desporto, envolvendo os *media*, começou neste período com a publicação, em 1971, de *The Sociology of Sport*¹⁴.

Fora da égide académica, uma das primeiras obras a ganhar visibilidade foi *Football on Television* (Buscombe, 1975), que reunia um conjunto de visões históricas e sociológicas sobre a mediatização do futebol na televisão britânica, publicada em 1975 pelo British Film Institute. Foi precisamente em Inglaterra e nos EUA que se publicariam alguns dos trabalhos percussores neste campo de pesquisa. Alguns estudos faziam mesmo análises comparativas entre as

13 Foi sob a influência dos *Cultural Studies* que surgem vários estudos sobre a Mulher no campo da história do desporto. O primeiro livro a juntar feminismo, desporto e *media* foi *Women, Media and Sport: Challenging Gender Values*, publicado em 1994 por Pamela Creedon. Em 2000 publicou-se aquela que é a obra de referência sobre a história do desporto feminino: *International Encyclopedia of Women and Sports*. Christensen, Guttmann e Pfister coordenaram esta obra de 1.350 páginas que reúne 441 artigos de 250 colaboradores espalhados por 39 países.

14 Obra coordenada por Dunning. Elias publica o artigo «The Génesis of Sport as a Sociological Problem».

realidades mediáticas e desportivas dos dois países, como sucedeu na obra *Television and National Sport: The United States and Britain* (Chandler, 1988).

Na América do Norte, um dos primeiros artigos sobre esta temática foi publicado em Março de 1929, na revista *American Mercury* (16: 329-338), com o título *The sports section*, com H. W. Nugent a fazer uma retrospectiva histórica da evolução da imprensa desportiva norte-americana. Foi dos primeiros passos num caminho que viria a alargar-se gradualmente a partir da década de 1970, graças às investigações no campo histórico de Allen Guttman (1978, 1994), Betts (1974) e Michener (1976), entre outros. Este longo trajecto da historiografia norte-americana ligada ao desporto, à sua história e aos *media* culminaria em 2006 com a publicação de duas obras incontornáveis da bibliografia recente neste campo de investigação: *Handbook of Sports and Media* (Raney & Bryant, 2006), que reúne a contribuição de mais de 50 investigadores, na sua maioria norte-americanos, que em 650 páginas analisam em profundidade 34 diferentes perspectivas sobre *media* e desporto; e *Deconstructing Sport History: a postmodern analysis*, livro editado por Murray G. Phillips (2006), dedicado a analisar a multiplicidade de perspectivas¹⁵ sobre a história do desporto no contexto de investigação contemporâneo.

Em Inglaterra, uma das obras marcantes para «o desenvolvimento das análises anglófonas sobre a mediatização dos desportos» (Rowe, 2006: 71) foi *Fields in Vision: Television, Sport and Cultural Formation*, de Garry Whannel, publicada em 1992. Neste trabalho, o autor britânico apresenta reflexões profundas e muito críticas sobre as representações mediáticas desportivas, tendo como objecto de estudo a televisão.

Seis anos mais tarde, em 1998, publicou-se *MediaSport*, antologia que viria a tornar-se indispensável para o estudo dos elementos essenciais da mediatização desportiva. Wenner (1998: XIII) explica na introdução que «este livro explora o sucesso do desporto como meio de comunicação, único no seu género na medida em que consegue interagir com a esfera pública de uma forma muito mais alargada. Foi esta fusão da cultura do desporto e da comunicação que produziu um novo complexo tecnológico chamado Mediasport.» Em *MediaSport*, Kinkema e Harris (1998: 27) definem três

¹⁵ A problemática dos jornais desportivos foi enfocada no artigo «Anecdotal Evidence: Sport, the Newspaper Press and History», de Jeffrey Hill (pp. 117-130).



domínios principais sobre os quais assentam os trabalhos sobre *media* e desporto: a produção de textos sobre os desportos mediatizados; as mensagens e os conteúdos dos textos desportivos; a recepção e as interacções entre os textos e o público. Foi precisamente na agregação destes três domínios, tendo como objecto de estudo os textos da imprensa periódica britânica, que surgiu o livro *Football, Europe and the Press*, publicado em 2002, na colecção *Sport in the Global Society*, coordenada por um nome incontornável da historiografia desportiva internacional, J. A. Mangan¹⁶. Neste livro, Crolley e Hand comparam e exploram o discurso jornalístico à volta do futebol, nos mais importantes jornais generalistas de cinco países europeus (Inglaterra, França, Alemanha, Itália e Espanha), à procura de percepções sobre a identidade europeia. Um outro autor inglês, Peter Beck (1999), utilizou também os jornais generalistas ingleses como objecto de pesquisa em *Scoring for Britain: international football and international politics, 1900-1939*, onde fez uma análise às relações internacionais, na primeira metade do século XX, a partir dos encontros internacionais entre selecções de futebol.

Os sociólogos ingleses Dunning, Murphy e Williams (1994) serviram-se também da imprensa inglesa para estudar o fenómeno do holiganismo ao longo da história do futebol britânico. Na obra *O Futebol no Banco dos Réus*, os três investigadores da Universidade de Leicester, na Inglaterra, publicaram as principais conclusões da análise aos artigos publicados nos jornais ingleses, ao longo de cerca de 100 anos, em que se focasse o comportamento dos adeptos de futebol na Grã-Bretanha – os três autores tinham já coordenado em 1988 o estudo *The Roots of Football Hooliganism* sobre as origens e evolução do holiganismo futebolístico britânico, em que a principal fonte de pesquisa foram os periódicos.

No campo da história social, um dos primeiros contributos importantes para a área dos *media* e desporto surgiu na Austrália em 1981, com o título *Sport, Money, Morality and the Media*. Cashman e McKernan (1981) reuniram nessa obra os textos australianos mais importantes produzidos sobre as várias

¹⁶ Ligado ao International Research Centre for Sport, Socialisation, Society, J. A. Mangan lecciona na University of Strathclyde. Publicou diversas obras sobre a temática do fascismo e desporto (*Shaping the Superman: Fascist Body as Political Icon, Aryan Fascism; Superman Supreme: Fascism Body as Political Icon, Global Fascism*) e algumas obras mais generalistas (*Sport in Australian Society: Past and Present; The Games Ethic and Imperialism*).

problemáticas do desporto, com o papel dos *media* a ser um dos enfoques privilegiados. Em 1987 foi a vez de um outro australiano, Goldlust, publicar uma visão histórico-sociológica do tema em *Playing for Keeps: Sport, the Media and Society*, num livro que derruba as fronteiras disciplinares tradicionais para estudar a mediatização do fenómeno desportivo (Rowe, 2006: 69).

Seria sob o eixo anglo-americano (com contribuições de relevo de australianos¹⁷ e canadianos¹⁸) que a partir da década de 1990 aumenta a pesquisa e, conseqüentemente, a produção bibliográfica sobre *media* e desporto (Rowe, 2006: 71). Esta torna-se numa temática emergente, estimulando incursões de várias disciplinas, diversificando assim o seu campo de acção e os enfoques de análise, dando azo ao aparecimento de novas problemáticas: a questão de género no jornalismo desportivo; a percepção dos Jogos Olímpicos nos diferentes campos sociais; o papel do desporto na construção e nas representações das identidades julgadas subalternas; o papel cultural das celebridades mediáticas do desporto (Rowe, 2006: 72), entre outras linhas de investigação.

Como consequência desta diversidade, apesar de não se poder falar de uma massificação editorial de publicações sobre o tema, surgem, na década de 1990 e no início do século XXI, uma série de novos trabalhos que enriquecem, consolidam e alargam o campo de estudo sobre os *media* e desporto, nomeadamente: Birrel e Cole (1994), Creedon (1994), Baker e Boyd (1997), Davis (1997), Wenner (1998), Martin e Miller (1999), Tomlinson (1999), Boyle e Haynes (2000, 2004), Birrell e McDonald (2000), Andrews e Jackson (2001), Whannel (2001), Brookes (2002), Bernstein e Blain (2003), Andrews (2005), Schultz (2005) e Nicholson (2006), entre outros – todos estes trabalhos, de índole quase exclusivamente académica, dariam o seu contributo para a construção de uma narrativa histórica multidisciplinar e internacional à volta do binómio *media*-desporto, abrindo novos percursos de investigação.

17 Uma das mais recentes contribuições sobre a relação entre *media* e desporto na Austrália foi dada por Cokley, Patching e Scott (2006), no estudo *Gender preference in journalism education: why sport misses out*, disponível em http://epublications.bond.edu.au/hss_pubs/91 (acedido em 25 de Fevereiro de 2006).

18 Os principais historiadores sobre desporto canadianos integram a North American Society for Sport History (NASSH). Na 36.ª Convenção da NASSH, realizada em Nova Iorque, em Maio de 2008, fizeram-se oito comunicações sobre *media* e desporto, duas das quais de canadianos: Ross, 2006; Church, 2008.

1.2. Internacionalização em meio académico

Durante este mesmo período (anos 1990 e 2000), o domínio de investigação *media*-desporto estruturou-se gradualmente com a criação de diversos grupos de pesquisa no meio académico e devido às secções específicas formadas no seio de diversas associações de investigadores, como sucedeu na International Association for Media and Communication Research (IAMCR)¹⁹, com a criação de um grupo de trabalho sobre *media* e desporto, em que se destacam nomes como os de Garry Whannel (Inglaterra), Lawrence A. Wenner (EUA), Kirsten Frandsen (Dinamarca), David Rowe (Austrália), Peter Dahlén (Noruega) e Alina Bernstein (Israel).

Em termos internacionais, ao longo dos últimos 20 anos, a maioria das contribuições científicas sobre desporto e *media* surgiram a partir da multidisciplinaridade do meio académico: história²⁰, sociologia²¹, ciências políticas, educação física, motricidade humana, psicologia, economia, marketing e, obviamente, dos departamentos de ciências da comunicação. A pluralidade dos enfoques e a natureza interdisciplinar do campo de pesquisa promoveram uma grande diversidade teórica, conceptual e metodológica (Rowe, 2006: 72), com predomínio para a visão anglo-saxónica, dominante na produção bibliográfica sobre este tema. Mas, gradualmente, a Europa continental e do Sul e os novos espaços emergentes de produção intelectual, como a América do Sul²² e a Ásia²³, têm começado a fazer sentir a sua

19 A 26.ª Conferência da IAMCR realizou-se em Estocolmo, entre 20 e 25 de Julho de 2008, e a secção Media and Sport teve 21 comunicações, uma das quais de um português, o autor desta dissertação, que apresentou Media and sport: history, heroes and 'footballization' (IAMCR, 2008: 166).

20 Um dos contributos foi dado pelo *Journal of Contemporary History* (<http://jch.sagepub.com>), que no Volume 38 (3), de 2003, publicou diversas contribuições académicas sobre a história do desporto. Destacou-se o artigo «Playing Games? The Serious Business of Sports History», de Mike Cronin (pp. 495-503), dedicado a analisar o percurso da história do desporto e as suas diferentes perspectivas.

21 O European College of Sport Science (ECSS) tem integrado os estudos de história de desporto nas sessões de sociologia. E.g., no 12.º congresso anual, entre 11 e 14 de Julho de 2007, em Jyvaskyla (Finlândia), foram apresentadas várias comunicações e posters de história do desporto nas sessões de sociologia: Pinheiro, 2007a; Pinheiro, 2007b; Gerold et al., 2007; entre outros.

22 Cf. *Latin American Sport: An Annotated Bibliography, 1988-1998* (Arbena, 1999).

23 Na 26.ª Conferência da IAMCR que se realizou em Estocolmo, entre 20 e 25 de Julho de 2008, na secção Media and Sport, de um total de 21 comunicações, sete foram de investigadores asiáticos (Coreia do Sul: três; China: duas; Taiwan: uma; Japão: uma).

presença nas revistas académicas de especialidade e nos congressos sobre *media* e desporto, assim como na produção bibliográfica²⁴.

Na América do Sul têm-se desenvolvido investigações específicas sobre comunicação e desporto. Na Argentina, o grupo de trabalho *Comunicación y Deporte*, dirigido por Sérgio Ricardo Quiroga, constitui uma referência importante no âmbito hispano-americano. O livro *El Deporte de Informar*, do jornalista e investigador Sergio Levinsky (2002), é um dos mais recentes instrumentos de análise para se perceber este fenómeno neste país.

No Brasil, o grupo *Comunicação, Movimento e Mídia na Educação Física*, da Universidade Federal de Santa Maria, dirigido pela professora Marli Hatje, é um dos centros pioneiros no estudo das diversas formas de educação física e desporto relacionadas com os meios de comunicação. Esta temática recebeu vários contributos desde os anos 1990: uma das primeiras obras brasileiras a conjugar *media* e desporto foi *A Bola no Ar: o Rádio Esportivo em São Paulo* (Soares, 1994). Nos inícios da década de 2000, surgiram mais uma série de obras, principalmente de jornalistas, subordinadas a este tema: *O rádio, o futebol e a vida* (Araújo, 2001); *Jornalismo Esportivo* (Coelho, 2003); *Formação e Informação Esportiva* (Vilas-Boas, 2005).

Todas estas contribuições, diversificadas, multidisciplinares e geograficamente disseminadas permitiram o avanço para a realização de alguns estudos comparativos (Beck e Bosshart, 2003), fundamentais para se perceber a dimensão globalizante e socialmente transversal desta temática.

1.3. Contributos europeus diversificados

Na Europa continental, a escola historiográfica francesa foi a que mais contribuiu para esta linha de investigação durante os anos 1990, o que sucedeu como algo natural dada a tradição gaulesa em investigações históricas sobre o desporto.

O gradual aumento da pesquisa histórica sobre desporto, que se acentuou na segunda metade da década de 1980 (graças a impulsionadores

²⁴ Um dos livros que melhor enquadra o desenvolvimento do desporto, com incursões ao papel dos *media*, no sul da Ásia, é a obra *Sport in South Asian Society: Past and Present*, publicado em 2005 por Borja Majumdar e J. A. Mangan, com a chancela da editora londrina Routledge.

da craveira do historiador Pierre Arnaud²⁵), levou a que a academia francesa organizasse, em 1991, os primeiros *Les Carrefours d'Histoire du Sport*, encontros destinados a historiadores do desporto, com o objectivo de «provocar uma aceleração das pesquisas num determinado domínio da história do desporto e permitir a jovens investigadores e estudantes apresentar os seus trabalhos perante os seus pares» (Carrefours, 2008). Sob a alçada de um comité científico que contava com nomes consagrados da historiografia francesa sobre desporto, como Alfred Wahl²⁶ (Universidade de Metz), Thierry Terret²⁷ (Universidade Claude Bernard de Lyon) ou Françoise Papa (Universidade Stendhal de Grenoble), entre outros, decidiu-se que o 13.º Carrefour d'Histoire du Sport, em 2008, seria dedicado ao tema *Sports et Médias (XIXème-XXème siècle)*²⁸.

Ao longo da segunda metade do século XX, foram publicadas em França diversas obras sobre o jornalismo desportivo gaulês, centrando-se em diversos aspectos: biografias de jornalistas desportivos (Meyer, 1978; Passevant, 1978); a história institucional dos jornais desportivos (Thébaud, 1982); a história da imprensa e do desporto (Seidler, 1964; Fieschi, 1983).

Em 1973, a União Sindical dos Jornalistas Desportivos de França²⁹, no seu Congresso Nacional, em Marselha, decidiu avançar com a ideia de um «Livro Branco», cujo objectivo seria o de «averiguar por qual processo histórico o desporto se desenvolveu em França, que lugar ocuparam os jornalistas neste processo e, pela procura das responsabilidades, definir as verdadeiras causas dos excessos ou deformações do desporto (*Cultura e Desporto*, 1976: 6). Dessa manifestação de intenções surgiria, em 1975, no Congresso de Paris, o

25 Da sua extensa bibliografia destacam-se as obras: *Sport and International Politics: The impact of fascism and communism on sport* (Spon Press, 1998); *Sport et relations internationales, 1900-1941* (L'Harmattan, 2000); *Les origines du sport ouvrier en Europe* (L'Harmattan, 2000).

26 Professor em história contemporânea, Wahl foi um dos primeiros historiadores europeus a dedicar-se ao estudo da história do futebol europeu: *Les Archives du Football, 1880-1980* (Ed. Gallimard, 1989); *La Balle au Pied – Histoire du Football* (Ed. Gallimard, 1990).

27 Da sua vasta obra, cf. *Histoire des Sports* (L'Harmattan, 2000); *Les jeux interalliés de 1919. Sport, guerre et relations internationales* (L'Harmattan, 2003); *Histoire du sport en Europe* (L'Harmattan, 2004); *Histoire du sport* (Presses Universitaires de France, 2007).

28 O Carrefour 2008: Sports & Média foi organizado em Grenoble, pela Université Joseph Fourier, em Outubro de 2008 e contou com 105 comunicações.

29 Esta associação sindical, criada em 1958, representava em 1973 cerca de mil jornalistas franceses especializados em desporto. Nos anos 1970, contava com 16 secções regionais.

ensaio³⁰ «As responsabilidades dos jornalistas», que mais do que denunciar problemáticas se assumiu como «uma reflexão, num domínio em que as análises prolongadas são muito raras» (*Cultura e Desporto*, 1976: 47).

No início da década de 1970, a relação entre o desporto e a política³¹, tendo como pano de fundo os discursos jornalísticos na imprensa francesa, foi alvo de análise por Gravier, no estudo *O Apolitismo da Imprensa Desportiva*, publicado em Portugal na revista *Cultura e Desporto* (1974). O autor francês escolheu os jornais *L'Équipe*, *Le Monde*, *Le Figaro* e *France-Soir* para analisar o seu discurso político à volta dos Jogos Olímpicos de Munique de 1972.

Na década de 1980, a obra que melhor condensou a realidade do jornalismo desportivo francês e a sua história foi *La Presse Sportive*, de Jacques Marchand (1989), com a colaboração da Union Syndicale des Journalistes Sportifs de France. Mais recentemente, em 2003, publicou-se *Il y a un siècle: Le Sport*, que explora os primeiros passos da imprensa desportiva francesa. Ronan Dantec (2003) recupera, nesta obra de magnífica qualidade gráfica e editorial, a história dos periódicos desportivos franceses entre a sua fase de nascimento (meados do século XIX) e a fase de consolidação (início do século XX).

As investigações históricas sobre desporto e *media* têm sido apanágio de outras escolas historiográficas um pouco por toda a Europa: da Universidade de Fribourg, na Suíça, pela mão de Beck e Bosshart, surgiu-nos, em 2003, o estudo *Sports and Media*, no qual os dois autores fazem uma análise histórica a doze temáticas distintas sobre desporto e *media*, publicando uma bibliografia específica após cada análise (Biernatzki, 2003: 3-27); da Universidade de Jyväskylä, na Finlândia, Kalle Virtapohja (1998) serviu-se do discurso jornalístico da imprensa, rádio e televisão, à volta dos desportistas finlandeses nos Jogos Olímpicos, para escrever *The Secrets of Sports Heroes*.

30 Aprovado por unanimidade no Congresso de 1975, o ensaio foi elaborado por um grupo de trabalho composto por oito jornalistas desportivos de renome: André Abadie (*Sud-Ouest*), Jacques Ferran (*L'Équipe*), Jacques Marchand (*L'Équipe*), André Maussion (*Oest-France*), Paul Reuther (*Est Républicain*), François Simon (*Le Monde*), Max Urbini (*France-Football*) e Maurice Vidal (*Miroir-Sprint*). O ensaio foi traduzido e publicado na íntegra na revista *Cultura e Sociedade* (1976), 44.

31 Para desenvolver a temática da política e o desporto, num enfoque futebolístico, cf. Vassort, P. (2005). *Football et Politique*. Paris: L'Harmattan.

Mais próximo de Portugal, em Espanha, a investigação específica sobre comunicação e desporto «é ainda escassa», como refere o investigador Marín Montín (2005: 18) na obra *Comunicación y Deporte*, que compila as comunicações apresentadas em 2005 nas *Jornadas sobre Comunicación y Deporte* da Facultad de Comunicación, da Universidade de Sevilha. Este livro e as jornadas em si (que se celebram anualmente) pretendem «consolidar um novo espaço de análise à volta do tema da comunicação e do desporto, pouco tratado no âmbito científico» em Espanha (Marín Montín, 2005: 19).

Uma das primeiras reflexões em Espanha sobre o desporto e os meios de comunicação remonta a 1955, quando Fernandez Cuesta proferiu, no Club de Prensa de Madrid, a conferência «El Deporte en la Prensa» (Esteve Ramírez & Fernández Moral, 1999: 290). Nas décadas seguintes sucederam-se os artigos³² em revistas de especialidade e a apresentação de diversas investigações³³ académicas que envolviam o desporto e os meios de comunicação. Nos anos 1980 e 1990, Antonio Alcoba³⁴ seria um dos investigadores em destaque neste campo de investigação (juntamente com Miguel de Moragas³⁵), publicando diversas obras³⁶ sobre jornalismo desportivo. Além das contribuições historiográficas, Alcoba esteve na base da criação do Curso de Periodismo Deportivo na Universidad Complutense de Madrid e na organização dos cursos de Verão intitulados Deporte y Comunicación.

Na década de 1980, uma obra que mereceu realce pelo seu contributo para a história do jornalismo desportivo espanhol foi a *Historia de la Prensa Deportiva Madrileña: Orígenes del Deporte Madrileño*, publicada em 1988 por José Altabella. E em termos institucionais, em 1989 surgiu, em Barcelona, o Centro de Estudos Olímpicos, da Universidade Autónoma de Barcelona,

32 E.g. Moragas, M. (1971). El lenguaje deportivo. *Cuadernos para el diálogo*, 25; Aguilera, R. (1980). El reportaje deportivo. *Nueva Lente*, 98; Fontcuberta Arnau, J. (1981). Los diarios deportivos. *Campaña*, 187-188.

33 E.g. Gil, R. (1975). *El periodismo al servicio del deporte*. Cátedras Universitarias, Universidad de Zaragoza; Lloret Caballera, M. (1980). *Periodismo taurino*. Tese de doutoramento, Universidad Complutense de Madrid; Gutierrez Gutierrez, D. (1991). *Estructura y lenguaje de las crónicas de fútbol*. Tese de doutoramento, Universidad Complutense de Madrid.

34 Foi professor titular da Faculdade de Ciências da Informação da Universidad Complutense de Madrid.

35 Uma incursão neste campo foi em 1994, na *Revista Telos* (38), no artigo «Deporte y Médios de Comunicación».

36 Cf. *El periodismo deportivo en la sociedad contemporánea* (1980); *Deporte y Comunicación* (1987); *Cómo hacer periodismo deportivo* (1993); *La prensa deportiva* (1999), entre outras.

dirigido por Miguel de Moragas, que tinha como objectivo, a curto prazo, servir de observatório à relação entre os *mass media* e as Olimpíadas de Barcelona-1992, passando posteriormente a ser a principal referência na produção de investigação sobre comunicação e desporto em Espanha, conciliando visões multidisciplinares e epistemológicas, numa perspectiva mais sociológica que histórica.

No final dos anos 1990 e no início da primeira década do século XXI, os estudos sobre desporto e media começam a proliferar, tendo como origem o meio académico espanhol. Em 1999, Esteve Ramírez e Fernández del Moral publicaram *Áreas de Especialización Periodística*, em que dedicaram um capítulo à informação desportiva, abordando este fenómeno em termos históricos, linguísticos, éticos e socioprofissionais. Também nesse ano, Alcoba publica *La Prensa Deportiva*, uma das suas obras de referência, na qual foi mais além da análise histórica, apresentando a fórmula para conceber uma publicação desportiva ideal. Durante a primeira década do século XXI, continuaram a surgir estudos centrados na problemática do desporto e os *media*. Em 2003, Paniagua Santamaría publica *Información Deportiva*, centrando a análise nas dinâmicas de construção da notícia desportiva, assim como na relação entre a Internet e o jornalismo desportivo. Em 2005, Luis Malvar fez a história do jornalismo radiofónico desportivo espanhol no livro *La radio deportiva en España (1927-2004)* e, em Sevilha, publicou-se a colectânea *Comunicación y Deporte*, dirigida por Joaquín Marín Montín, no âmbito das Jornadas sobre Comunicación y Deporte da Universidade de Sevilha – em Madrid, durante o Verão, a Universidade Complutense, sob a alçada de António Alcoba, organizou mais um seminário sobre Periodismo y Deporte. E, em 2006, seria a vez da revista *Tádem – Didáctica de la Educación Física* dedicar o número 21 ao tema da actividade física e os meios de comunicação.

Esta viagem bibliográfica sobre desporto e *media*, por diversos países, permitiu apresentar uma amostra representativa dos enfoques e tendências dos estudos neste campo de pesquisa, não obstante, a dificuldade em enunciar aqui todos os estudos realizados e publicados. Para se ter uma ideia da dimensão internacional do binómio desporto-*media*, basta dizer que, em 2008,

a inserção das palavras «*sport and media*» no motor de busca Google³⁷, na Internet, deu como resultado 324 milhões de entradas (acedido a 22 de Agosto de 2008). E se utilizarmos a terminologia portuguesa «desporto e imprensa», o resultado da busca reduz-se, mas os números continuam nuns impressionantes 2,09 milhões de entradas.

2. O caso português

Em Portugal, a bibliografia publicada sobre o binómio desporto-*media*, embora não seja em quantidade (como sucede em Espanha), apresenta-se diversificada e multidisciplinar, a exemplo do resto da Europa. Mas no caso português, antes de avançarmos para uma análise à produção bibliográfica das décadas mais recentes, torna-se imperativo aprofundar as primeiras incursões bibliográficas neste campo, as quais serviram para construir a teia de investigação deste trabalho e lançar as primeiras luzes sobre este binómio conceptual.

Durante a primeira metade do século XX, um dos pioneiros na análise do jornalismo desportivo português foi o médico-jornalista-dirigente desportivo José Pontes que, em Abril de 1928, publicou *Como Nasceu em Portugal o Jornalismo Desportivo* (Pontes, 1928). Apesar de ser um artigo autobiográfico, Pontes conta a sua experiência ao serviço das secções desportivas, algumas criadas por ele, do *Jornal da Noite*, *Diário de Notícias*, *O Século* e *A Capital*, entre o final do século XIX e os primeiros anos do século XX. Em 1934, José Pontes publicaria *Quasí um Século de Desporto*, escrito em onze dias, de 11 a 22 de Maio de 1934, por altura da preparação da Primeira Exposição Triunfal do Desporto (Pontes, 1934: XLI). Apesar da escrita ser novamente de cariz autobiográfico, Pontes traça «um panorama rápido do muito que se fez desde 1834» pelo desporto em Portugal (Pontes, 1934: XLI) até 1924. O autor recorre à imprensa para citar e recordar alguns dos momentos altos do desporto luso, dedicando várias passagens à história da imprensa periódica desportiva portuguesa entre o final do século XIX e 1924. Ao longo de quase 300 páginas, Pontes pincela em traços gerais a história do jornalismo desportivo português através das cores dos jornais pioneiros, como o *Sport* (1894) e *O Tiro Civil*

37 Cf. <http://www.google.com>

(1895), até ao brilho do *Diário de Sport*, primeiro diário desportivo em Portugal, publicado no Porto em 1924.

Em Dezembro de 1938, quatro anos depois de José Pontes publicar *Quasí um Século de Desporto*, foi a vez de Júlio Araújo³⁸ apresentar a primeira grande obra de referência sobre o futebol português, *Meio Século de Futebol, 1888-1938*³⁹. Ao longo de 365 páginas, Araújo (1938) recordou os primeiros 50 anos de história do futebol português, reservando dez páginas à imprensa desportiva. Apesar de aparentemente serem poucas páginas, a análise de Araújo ao jornalismo desportivo português revestiu-se de um cariz de novidade, já que ultrapassava a barreira das autobiografias para perspectivar o tema de uma forma histórica. Na abertura do capítulo, intitulado *Redactores Desportivos: Colaboradores por Transcrição*, Araújo (1938: 13-22) faz uma análise geral ao jornalismo desportivo lisboeta, centrando depois a atenção nos nomes que fizeram a história do jornalismo desportivo português, a maioria deles colaboradores nessa obra. Publica também uma listagem de A a Z com cerca de 140 nomes de jornalistas desportivos, começando por A.F. (Alberto de Freitas) e terminando num jornalista anónimo que assinava com as abreviaturas Z.Z.⁴⁰ Na segunda parte da análise, Araújo publicou uma listagem geral, mas representativa, de cerca de 40 periódicos desportivos que marcaram o jornalismo desportivo português entre 1888 e 1938.

Na listagem de jornalistas desportivos, publicada por Júlio Araújo, apareciam três nomes que nas décadas de 1940 e 1950 publicariam uma outra obra de referência, *História dos Desportos em Portugal*⁴¹, a qual se centrou no futebol em Portugal. Em 583 páginas, os jornalistas desportivos Tavares da Silva, Ricardo Ornelas e Ribeiro dos Reis (1953) analisaram em profundidade a evolução do desporto português, servindo-se da imprensa periódica desportiva como uma das fontes primordiais para fazer essa história.

38 Foi presidente do Sporting Clube de Portugal.

39 Esta obra não se chegou a publicar, apesar do seu indiscutível valor histórico. O único volume existente encontra-se na Associação de Futebol de Lisboa (AFL), instituição a quem Júlio Araújo confiou a obra para futura publicação, o que nunca veio a suceder.

40 Era cronista no jornal *O Sport Lisboa e Benfica*, onde assinou brilhantes crónicas sobre o início da Primeira Guerra Mundial, em Agosto de 1914.

41 Foi publicada em fascículos pela Editorial Inquérito, de Lisboa, a partir da década de 1940 até inícios de 1953.

«O jornalismo desportivo exerce uma função de particular importância para o país». Foi com esta frase que Ricardo Ornelas (1941: 39) abriu a sua reflexão sobre a imprensa desportiva no *Boletim do Sindicato Nacional dos Jornalistas*, publicado em 1941. Foi um contributo importante para a consolidação do jornalismo desportivo no seio de uma associação, o Sindicato Nacional dos Jornalistas, que não considerava os jornalistas desportivos dignos da carteira profissional de jornalista.

Quem não se coibiu em reconhecer o papel histórico do jornalismo desportivo, no desenvolvimento do desporto, foi a Associação de Futebol do Funchal (AFF), no seu livro *Bodas de Prata da AFF, 1916-1941* (Abreu, 1942). Alguns dos principais jornalistas desportivos da época, casos de Ricardo de Ornelas e Ribeiro dos Reis, foram convidados para participarem com reflexões sobre o futebol madeirense. Neste livro publicaram-se também duas secções de recortes de imprensa com o que de mais importante se publicou nos jornais desportivos portugueses sobre a AFF e o futebol madeirense. Noé Pestana ficou encarregado de discorrer sobre a história do jornalismo desportivo madeirense, publicando o texto *Crónicas e Cronistas Desportivos*.

Os próprios jornais desportivos publicavam, por ocasião do seu aniversário ou noutras datas simbólicas, resenhas de análise ao jornalismo desportivo. Uma das revistas desportivas mais prestigiadas em Portugal, entre as décadas de 1930 e 1950, foi a *Stadium* que, na sua edição de 14 de Novembro de 1951, a propósito das bodas de prata de um outro periódico, *A Voz Desportiva*, de Coimbra, publicou uma resenha histórica geral (Oliveira, 1951: 3) sobre a evolução do jornalismo desportivo desde o século XIX até meados dos anos 1930. E foi precisamente centrada neste período de tempo que a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*⁴² (1935-1960) apresentou uma valiosa listagem de publicações desportivas portuguesas nas entradas «Desportivo» (cerca de 160 jornais referenciados) e «Sport» (cerca de 30 títulos).

A variedade de contribuições para a história e compreensão do fenómeno da imprensa periódica desportiva portuguesa, como se pode observar por esta amostra, foi variada e de origem diversa, entrando também

42 A primeira edição, com 40 volumes, publicou-se entre 1935 e 1960, sendo depois actualizada na década de 1980.

no campo da memória institucional, sobretudo a nível evocativo e comemorativo. Este campo institucional, subjacente ao desporto, estaria na origem, em 1964, de dois contributos relevantes para a história do desporto português e do periódico desportivo, por ocasião do cinquentenário da Federação Portuguesa de Futebol (FPF):

1. No Congresso Nacional do Futebol, organizado pela FPF, José Olímpio proferiu a comunicação «Propaganda e Fomento do Futebol através dos Órgãos de Informação» (Olímpio, 1964), na qual reflectiu sobre a profissão de jornalista desportivo, o poder da imprensa desportiva e a sua importância na promoção do fomento da prática desportiva, em especial do futebol;

2. No livro *Os 50 anos da Federação Portuguesa de Futebol*, Mário de Oliveira (1964: 81-84) publicou o artigo «Imprensa, Rádio e Televisão» sobre a evolução histórica do fenómeno do jornalismo desportivo nestes três meios de comunicação.

Os discursos de memória e de comemoração seriam, ao longo do século XX, áreas de reflexão fundamentais, das quais emanou uma vasta produção bibliográfica desportiva, habitualmente caracterizada por um discurso oficial e conservador, relevante na construção de uma história desportiva institucional.

2.1. Contributos multidisciplinares

Durante a segunda metade do século XX, as várias obras que se foram publicando em diferentes áreas da história do desporto – história das instituições desportivas, história das modalidades, história dos clubes, história do desporto regional, entre outras – tornaram-se pequenos contributos para a própria história do jornalismo desportivo português, já que, inevitavelmente, os periódicos desportivos foram actores directos e fontes incontornáveis em qualquer uma das pesquisas.

No campo da história desportiva regional, Garrido (1956) deu algumas achegas sobre a imprensa periódica desportiva alentejana na obra *História do Desporto no Distrito de Beja*. Trinta anos depois, Gil do Monte (1986) deu mais alguns contributos para essa mesma história em *Subsídios para a História do Futebol em Évora*. Sobre a história da imprensa periódica desportiva madeirense foi a vez de Santos (1989: 123-127) dar diversas pistas na *História*

Lúdico-Desportiva da Madeira, onde publicou o artigo «A Comunicação Social Desportiva», dedicado ao tema do jornalismo desportivo insular.

No campo da história das modalidades desportivas, Gil Moreira, antigo corredor e jornalista especializado em ciclismo, publicou em 1980 a *História do Ciclismo Português*, utilizando os jornais desportivos quer como fontes da investigação quer como actores da própria história. Foi esta mesma óptica, da imprensa periódica desportiva como fonte e actor, que Romeu Correia (1988) utilizou para escrever *Portugueses na V Olimpíada (Jogos Olímpicos de 1912): Subsídios para a História do Desporto Português*. A mesma dialéctica de processos foi repetida por Vilarinho (1993) na escrita de *Espadas e Floretes: Contribuição para a História do Desporto em Portugal* que traça a história da esgrima lusa.

Mas foi na área da história dos clubes que surgiu o maior contributo de sempre alguma vez publicado em Portugal. Uma equipa de doze investigadores, coordenados por Rui Guedes⁴³ (1987a, 1987b, 1988), fez um levantamento exaustivo de todas as publicações desportivas existentes nos catálogos da Biblioteca Nacional, desde 1890 até meados dos anos 1980. Um trabalho extraordinário e inédito que teve como resultado uma listagem de 444 «jornais e revistas de ou sobre desporto publicados no século XX ou no anterior» (Guedes, 1988: 291) e donde se extraíram informações para mais de dois milhões de caracteres e cerca de 45 mil dados sobre a história dos três principais clubes portugueses (Sport Lisboa e Benfica, Futebol Clube do Porto e Sporting Clube de Portugal), que era o objectivo da investigação. Desta pesquisa saíram as fotobiografias dos três clubes (Guedes, 1987a, 1987b, 1988), entre 1987 e 1988, e em cada uma delas foi incluída, nas últimas páginas, a listagem das 444 publicações (e.g. Guedes, 1988: 291-298) para «facilidade de consulta futura, dado que não constam ordenadas em nenhum ficheiro da Biblioteca Nacional⁴⁴» (Guedes, 1988: 291).

Em 1989, uma outra listagem, substancialmente mais reduzida (82 entradas), sobre jornais e revistas desportivos, entre o século XIX e 1987, foi

43 Músico de carreira, Rui Guedes popularizou-se como apresentador e pianista num programa televisivo infantil da RTP em 1979, no qual contracenava com o rato Topo Gigio, figura criada por Maria Peregó para a televisão italiana.

44 A cota apresentada na listagem era apenas a da Biblioteca Nacional e Guedes optou por não fazer referência às publicações que apesar de identificadas não estavam disponíveis para consulta.

publicada no capítulo «Comunicação Social» do livro *Os Anos de Diamante, 1914-1989*, da Federação Portuguesa de Futebol (Parreirão, 1989a: 87-89). Além desta listagem, o jornalista Henrique Parreirão⁴⁵ traçou nesse capítulo uma breve história da imprensa desportiva portuguesa, dos seus principais jornalistas, fotojornalistas e ilustradores/caricaturistas.

Em 1989, precisamente numa altura em que se comemorava o centenário do futebol em Portugal, esta modalidade e o desporto em geral tiveram honras de integrar, pela primeira vez, uma obra de fundo sobre a História de Portugal, *Portugal Contemporâneo*, dirigida por António Reis, que na introdução deixava claro que «a novidade deste fenómeno (desportivo) no panorama sociocultural da civilização contemporânea, bem como a sua expressão na vivência do quotidiano, não podem ser menosprezadas pelo historiador» (Reis, 1989: 11). Curiosamente, o capítulo sobre desporto não foi entregue a um historiador, mas sim a um jornalista desportivo de longa carreira, Henrique Parreirão (1989b: 381-388), que o intitulou de *A Era de Ouro do Futebol Português*, centrando a sua análise precisamente nessa modalidade entre o final dos anos 1950 e 1974. Deste modo, a Academia reconhecia finalmente o papel fulcral desempenhado pelo desporto na sociedade portuguesa. E para esse mesmo reconhecimento muito contribuiu a compilação dos principais textos produzidos sobre desporto na historiografia, cultura e literatura portuguesa, nos dois volumes da obra *Homo Ludicus, Antologia de Textos Desportivos da Cultura Portuguesa*, da responsabilidade de Manuel Sérgio e Noronha Feio (1979 e 1980). Oliveira Marques, Oliveira Martins, Fortunato de Almeida e Albano Estrela foram alguns dos historiadores que viram textos seus, sobre o desporto português, publicados nessas antologias (Sérgio & Feio, 1980: 73-137). O poeta Fernando Pessoa viu também o seu *Exórdio em Prol da Educação Física*⁴⁶ (Sérgio & Feio, 1980: 57-63) ser recuperado do baú do esquecimento literário, tal como Almeida Garrett um texto sobre pedagogia, sublinhando ambos a importância da educação física para a formação dos jovens (Sérgio & Feio, 1980: 139-140).

45 Fez também uma breve história da imprensa desportiva no suplemento do 40.º aniversário do jornal *Record*, publicado a 26 de Novembro de 1989.

46 Com o título original de *Exórdio em prol da Filantropia & da Educação Física*, a primeira edição foi publicada no Porto, pela Editorial Cultura, no início dos anos 1930.

Na segunda metade dos anos 1980, publicaram-se mais três incursões importantes para a análise do fenómeno do jornalismo desportivo. A primeira foi a obra *Portugal: Desporto e Sociedade*, em que Noronha Feio (1985) fez uma abordagem geral da história do desporto luso, enquadrando a imprensa desportiva.

A segunda incursão à temática desporto-*media* foi feita na revista *Desporto e Sociedade* (1989), subordinada ao tema *Desporto e Comunicação Social*, que compilou as intervenções realizadas no Seminário sobre Jornalismo e Desporto, organizado em 1989 nos Açores. A profissão de jornalista desportivo e a sua organização profissional, a censura durante o Estado Novo, o jornalismo desportivo açoriano e as orientações editoriais dos principais jornais desportivos continentais foram alguns dos temas abordados no seminário e publicados nesta revista, que se assume como o melhor documento existente para se perceber a realidade profissional do jornalismo desportivo português no final dos anos 1980.

A última destas incursões proveio do próprio meio jornalístico. Para comemorar o 40.º aniversário, o jornal *Record* publicou, em 26 de Novembro de 1989, um suplemento de 40 páginas, dedicando duas delas à história geral do fenómeno do jornalismo desportivo em Portugal. O jornalista Henrique Parreirão publicou três artigos em que analisou a história da imprensa desportiva nos seus primórdios, lembrou os primeiros jornalistas desportivos e criou uma listagem com mais de 150 publicações desportivas anteriores ao nascimento do *Record*, em 1949.

Na década de 1990, as comemorações do cinquentenário de *A Bola* (em 1995) e do *Record* (1999), os dois principais jornais desportivos nessa altura, deram azo à publicação de obras comemorativas em ambas ocasiões, sendo o jornalismo desportivo alvo de análise, mas com abordagens diferentes. O jornal *A Bola* publicou durante o período do seu aniversário duas obras de fôlego: *História de 50 Anos do Desporto Português* (Simões et al., 1994) e *Glória e Vida de Três Gigantes* (Simões et al., 1995). A primeira delas contou na introdução com uma breve história da imprensa desportiva portuguesa (Simões et al., 1995: 7) e do próprio jornal *A Bola*. Em ambas, o discurso jornalístico produzido desde 1945 no jornal *A Bola* foi a base de sustentação para a construção da narrativa. Por seu turno, em 1999, o jornal *Record* publicou

também duas obras de referência, seguindo o exemplo de *A Bola*, uma dedicada ao desporto em geral, *Livro do Cinquentenário: Modalidades* (Record, 1999a), e outra exclusivamente centrada no futebol, *Livro do Cinquentenário: Futebol* (Record, 1999b) – a construção de ambas narrativas assentou nos conteúdos publicados ao longo de 50 anos nas páginas do jornal.

O final da década de 1990 foi fértil em obras sobre a imprensa desportiva portuguesa. Em 1999, com a chancela do Clube Nacional da Imprensa Desportiva (CNID) e do Centro Protocolar de Formação Profissional para Jornalistas (CENJOR), os jornalistas Sobral e Magalhães (1999) publicaram *Introdução ao Jornalismo Desportivo*, «um pequeno manual básico» que tinha por objectivo «contribuir para o aperfeiçoamento» (Sobral & Magalhães, 1999: 8) de candidatos, estagiários e colaboradores da área de informação desportiva. Este manual, apesar de não conter muitos dados históricos, nem fazer uma retrospectiva histórica do fenómeno, contribuiu com reflexões importante em diversos campos de análise: a profissão de jornalista desportivo, a escrita desportiva, os géneros jornalísticos desportivos, o fotojornalismo desportivo, entre outros.

Durante este período, o meio académico também produziu algumas investigações no campo da imprensa desportiva. Em 1997, Murta defendeu na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra a tese de mestrado *O Mercado Português dos Jornais Desportivos*, centrada nas rivalidades e estratégias de vendas dos jornais desportivos portugueses. Igualmente em 1997, Cunha defendeu na Faculdade de Motricidade Humana, em Lisboa, a tese de mestrado *A Imagem dos Treinadores de Futebol na Perspectiva dos Jornalistas*, estudo exploratório e descritivo em que o autor identifica o que os jornalistas ligados ao desporto pensam sobre os treinadores de futebol.

Com um cariz histórico⁴⁷, em que a imprensa periódica desportiva desempenha novamente o papel de fonte e actor, surgiu a obra *O Divertimento do Corpo*⁴⁸, da professora e investigadora Manuela Hasse, que centrou o seu olhar nos conceitos de «Corpo, Lazer e Desporto, na Transição do Século XIX

47 Na vertente da evolução do desporto, em termos legislativos e institucionais, entre 1926 e os anos 1990, destaca-se a obra *O Desporto em Portugal*, publicado em 1996 por Alberto Trovão do Rosário, sendo o resultado da sua dissertação de doutoramento na Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa.

48 Esta obra foi resultado da investigação de doutoramento, com o mesmo título, na Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa, onde Manuela Hasse lecciona.

para o Século XX, em Portugal» (Hasse, 1999: 1). Além da contribuição bibliográfica extraordinária para o estudo do desporto neste período, Hasse analisou também os principais jornais desportivos portugueses, do final do século XIX e princípio do século XX, para construir a narrativa histórica.

Apesar do volume crescente de estudos académicos sobre desporto e *media*, que se estendeu também aos cursos superiores de comunicação social e jornalismo⁴⁹, esta temática continuou afastada dos principais congressos sobre comunicação realizados em Portugal. Quer no I Encontro Lusófono de Ciências da Comunicação⁵⁰, realizado em 1997, quer no I Congresso da SOPCOM – Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, organizado em Março de 1999, a temática do jornalismo desportivo esteve ausente dos trabalhos. Algo incompreensível se tivermos em conta que entre 1996 e 1997, pouco tempo depois dos três principais jornais desportivos portugueses (*A Bola*, *Record* e *O Jogo*) terem passado a diários⁵¹, a imprensa periódica desportiva apresentava tiragens diárias médias superiores⁵² às dos três principais diários generalistas (*Jornal de Notícias*, *Correio da Manhã* e *Público*).

Ainda em 1999, a primeira edição do Prémio CES (Centro de Estudos Sociais) para Jovens Cientistas Sociais de Língua Oficial Portuguesa, organizado pela Universidade de Coimbra, foi atribuído ao estudo *Portugal, A Equipa de Todos Nós: Nacionalismo, Futebol e Media*, do sociólogo João Nuno Coelho, que viria a ser publicada em livro em 2001. Neste trabalho, Coelho mergulhou nas páginas de *A Bola*, principal jornal desportivo da segunda metade do século XX, à procura das ideias dominantes sobre a nação.

Em 2000, a obra *História do Futebol em Lisboa*, da historiadora Marina Tavares Dias, volta a ter como intervenientes directos e como fontes de pesquisa os jornais desportivos lisboetas, com a autora a utilizar mais de 30

49 E.g., no final da década de 1990 foram produzidas diversas monografias sobre desporto e *media* para a conclusão da licenciatura em jornalismo na Escola Superior de Jornalismo do Porto (e.g., em 1996, Pinheiro defendeu a monografia *A Guerra Norte/Sul no Futebol Português*, centrando a sua análise nos discursos da imprensa desportiva).

50 Sobre tema «Debater as Ciências da Comunicação no Espaço Lusófono», o I Encontro Lusófono de Ciências da Comunicação realizou-se em Abril de 1997 na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, em Lisboa.

51 *A Bola* e *O Jogo* passaram a diários no mesmo dia, 10 de Fevereiro de 1995. O *Record* mudou para diário em 1 de Março de 1995.

52 No primeiro semestre de 1997, em termos de tiragens médias, *A Bola* (140.224), *Record* (95.438) e *O Jogo* (38.364) apresentavam em conjunto um total superior ao dos três principais diários generalistas: *Jornal de Notícias* (80.135), *Correio da Manhã* (70.587) e *Público* (53.144). Fonte: APCT (excepto *A Bola*, não filiada neste organismo).

periódicos generalistas e desportivos para construir a sua investigação sobre o futebol lisboeta. Esta investigadora participou também no número da revista *História*, de Julho-Agosto de 2001, dedicado ao futebol, em que os *media* voltam a ser fonte e actores directos nos artigos publicados sobre o tema.

Em 2002, Coelho e Pinheiro publicaram *A Paixão do Povo: História do Futebol em Portugal*, obra que compila, num único volume, a história do futebol luso entre 1888 e 2002 e em que a imprensa desportiva é uma das fontes principais para a construção da narrativa, sendo ao mesmo tempo um actor nessa mesma história. Os autores dedicaram várias páginas à história do jornalismo desportivo desde finais do século XIX até 2002.

Em 2003, Pinheiro defendeu, na Universidade de Évora, a tese de mestrado *A Ideia de Europa na Imprensa Desportiva Portuguesa, 1893-1945*⁵³, na qual fez a história dos principais jornais desportivos entre o final do século XIX e 1945, recuperando os seus discursos à volta de Portugal e da Europa.

Em 2004, a organização em Portugal do Campeonato da Europa de Futebol gerou a publicação de uma vasta bibliografia sobre futebol, com a imprensa desportiva a desempenhar, mais do que nunca, o papel de fonte e actor secundário em quase todas as obras. Coelho e Pinheiro (2004) publicam *A Nossa Selecção em 50 Jogos, 1921-2004*, obra em que analisam as 50 partidas mais marcantes da história da Selecção Nacional de Futebol Portuguesa. A imprensa desportiva e os seus discursos foram a principal fonte de pesquisa para construir a história e a análise de cada um dos jogos.

A imprensa desportiva foi também presença assídua nas páginas de *A Época do Futebol: O Jogo Visto pelas Ciências Sociais*, obra coordenada por Neves e Domingos (2004) e dedicada à análise do fenómeno futebolístico português em várias perspectivas, principalmente no campo sociológico – Kumar (2004: 231-262) publicou a reflexão «Da Bancada aos Sofás da Europa: Apontamentos sobre os Media e o Futebol no Século XX Português», traçando várias considerações históricas, sociológicas e antropológicas sobre a relação entre o futebol e os *media*.

Neste contexto de euforia bibliográfica à volta do futebol, a revista *Media & Jornalismo* dedicou o número de Abril de 2004 ao tema «Media e Desporto»,

53 Viria a ser publicada, em 2006, pelas Edições MinervaCoimbra, de Coimbra, na Coleção Comunicação, dirigida por Mário Mesquita, com o título de *A Europa e Portugal na Imprensa Desportiva (1893-1945)*.

publicando vários artigos sobre esta dialéctica, centrando os estudos no caso do futebol. Quem decidiu revisitar os seus arquivos à procura do tema Futebol foi o Arquivo Fotográfico Municipal, de Lisboa, que viria a realizar a exposição «Uma Cidade de Futebol», publicando um catálogo com o mesmo título (Teixeira et al., 2004) que englobava fotografias de alguns dos nomes mais importantes do fotojornalismo desportivo português do século XX, casos de Joshua Benoliel⁵⁴, Ferreira da Cunha e Amadeu Ferrari, entre outros – nessa obra encontra-se reflectida uma parte da história do fotojornalismo desportivo português.

Abrimos este capítulo a falar de 2004 e do catálogo *Desportos & Letras*, publicado pela Biblioteca Nacional (BN), e é precisamente com esta obra e neste ano⁵⁵ que vamos terminar esta nossa reflexão sobre a produção bibliográfica portuguesa envolvendo desporto e *media*, reflexão essa que assume mais um cariz representativo do que exaustivo. Só para se ter uma ideia do volume bibliográfico sobre temas desportivos, recordamos que o catálogo da BN contém 1.246 referências bibliográficas sobre desporto, distribuídas entre manuscritos, impressos (monografias e publicações periódicas), partitura e iconografia. Este número deixa em evidência a dificuldade que tínhamos em analisar todas as obras que contivessem referências à volta da relação entre desporto e *media*. Deste modo, optámos por escolher obras representativas dos vários ramos que compõem a oficina da história do desporto, todos eles com ligações à história da imprensa periódica desportiva, sendo evidente que no século XXI a comunidade académica portuguesa se foi inserindo, pela via interdisciplinar, nas agendas de investigação da escrita de história do desporto, da educação física e da motricidade humana, áreas de pesquisa emergentes de uma agenda internacional cada vez mais aberta e atenta ao fenómenos contemporâneos de expressão popular.

54 Sobre a obra e vida deste famoso fotógrafo publicou-se em 2005 o livro *Joshua Benoliel (1873-1932), repórter fotográfico*, que serviu de catálogo por ocasião da exposição fotográfica que decorreu na Cordoaria Nacional, em Lisboa, de 18 de Maio a 21 de Agosto de 2005, no âmbito da LisboaPhoto 2005.

55 Até 2008, publicaram-se mais algumas obras de relevo sobre esta temática – casos do número 179 da revista *Análise Social*, subordinada ao tema Futebol Globalizado (2006) ou do ensaio de Homero Serpa (2007) sobre a *História do Desporto em Portugal: Do século XIX à Primeira Guerra Mundial* –, as quais foram tidas em consideração para o estudo. Mas como o ponto de partida para esta investigação foi 2004, achamos conveniente terminar nesse ano a nossa reflexão bibliográfica.

CAPÍTULO 2

Fazer a história da imprensa periódica desportiva

A investigação histórica sobre o jornalismo português, na opinião de Correia, tem conhecido duas importantes limitações: «não é praticada especialmente por historiadores; e compreende obras de qualidade muito diversa que vão desde o memorialismo a trabalhos sofisticados sobre o impacto dos *media* na memória colectiva» (2008: 377). Apesar da «imensidão de trabalhos» (Correia, 2008: 377), onde se podem encontrar pedaços da história do jornalismo – sublinhando-se o pioneirismo de José Tengarrinha (1989) na história da imprensa periódica e os estudos especializados de Maria de Fátima Nunes (2001) no campo da imprensa periódica científica¹ e Mário Matos e Lemos (2006) com a imprensa diária generalista –, a área da imprensa desportiva tem sido negligenciada pelos historiadores. Aquela que é a obra de referência da história do jornalismo português, a *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, de José Tengarrinha (1989), nem uma linha apresenta sobre o jornalismo desportivo, isto apesar da pesquisa se estender até à década de 1910. Será que até essa altura a imprensa periódica desportiva portuguesa não tinha qualquer expressão social, nem jornalística? Mas inegável era o seu papel no final do século XX e talvez por isso passou a ser incontornável falar do seu passado em qualquer abordagem histórica sobre o jornalismo português nas décadas de 1980 e 1990.

Numa outra obra de referência, a *História da Imprensa*, coordenada por Pizarroso Quintero (1996), aparecem várias menções à imprensa periódica desportiva no capítulo dedicado a Portugal, escrito por Pena Rodríguez (1996) e complementado por Nuno Rocha. Mas essas referências centraram-se essencialmente nos títulos mais importantes do jornalismo desportivo português da segunda metade do século XX, o que nos levanta novas questões: será que a história da imprensa periódica desportiva portuguesa se

¹ Foi na senda do trabalho precursor de Maria de Fátima Nunes, na área da imprensa periódica científica, que seriam realizados diversos trabalhos de pesquisa sobre imprensa no departamento de história da Universidade de Évora, realçando-se, a título de exemplo, a obra *Ciência e Técnica na Revista Militar (1849-1910)*, de José Luís Assis, publicado em 2005, pela editora Caleidoscópio.

pode contar simplesmente através da história dos principais jornais desportivos? Ou existirá uma outra história que merece ser contada?

Em 2006, Lemos escreveu uma obra marcante para a história do jornalismo português contemporâneo: um completo dicionário² sobre a imprensa diária que intitulou de *Jornais Diários Portugueses no Século XX*. Os diários desportivos portugueses, que segundo Lemos se resumiram a quatro (*Diário de Sport, A Bola, O Jogo e Record*), mereceram uma análise nesta obra. Será que só existiram estes quatro diários desportivos? Se sim, quais as motivações para se converterem em diários? E porque é que três deles (*A Bola, O Jogo, Record*) passaram a diários quase em simultâneo em 1995? Para responder a estas dúvidas e a outras, que fomos levantando ao longo desta Primeira Parte, era necessário fazer uma história da imprensa periódica desportiva portuguesa, definindo para isso uma estratégia adequada.

1. Metodologia e fontes

Para fazer esta história da imprensa periódica desportiva portuguesa decidimos, numa primeira fase, compilar toda a bibliografia³ existente que pudesse contribuir para a criação de uma listagem geral cronológica de todas as publicações desportivas criadas em Portugal. Para este trabalho inicial foram providenciais as listagens⁴ publicadas nas seguintes obras:

1. Catálogo *Desportos & Letras* (Biblioteca Nacional, 2004), com 427 publicações;
2. *Fotobiografia: Sporting Clube de Portugal* (Guedes, 1988), com 444 publicações;
3. *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, nas entradas «Desportivo» (cerca de 160) e «Sport» (perto de 30), num total de 190 publicações;

2 Apesar de assumir o formato de dicionário, esta obra conta com uma valiosa nota de apresentação de Isabel Nobre Vargues (2006: 7-17), onde resume a mais importante bibliografia sobre a história da imprensa portuguesa. Lemos publicou também um resumo de todo o trabalho na parte introdutória da obra, que é em si mesmo uma breve história da imprensa portuguesa.

3 Várias obras contribuíram apenas com um ou dois novos títulos de jornais desportivos e por isso não foram alvo de abordagem no capítulo anterior, nem o serão neste. No entanto, constarão da bibliografia. E.g. na obra *Subsídios para a História da imprensa algarvia de 1833 aos nossos dias* (Branco, 1938) encontramos algumas (poucas) novas publicações desportivas do Algarve que não constavam em nenhuma catalogação.

4 Foram encontradas outras listagens, de menor dimensão e interesse, mas em termos gerais não acrescentaram novidade às listagens de publicações incluídas nas obras que aqui destaco.

4. Suplemento do 40.º aniversário do jornal *Record* (edição de 26 de Novembro de 1989), com 155 publicações anteriores a 1949;
5. *Os Anos de Diamante, 1914-1989* (Parreirão, 1989a), com 80 publicações.

Estas listagens foram cruzadas entre si e permitiram-nos criar uma listagem inicial com mais de 600 publicações desportivas, distribuídas entre meados do século XIX e 2000, ano do fim da nossa pesquisa. Mas como ter a certeza da veracidade e credibilidade dos dados apresentados? Apesar do cruzamento de dados nos dar alguma segurança, para reduzir os riscos inerentes a uma pesquisa desta magnitude, decidimos mergulhar nos catálogos da Biblioteca Nacional, Hemeroteca Municipal de Lisboa, Biblioteca Nacional do Desporto (Lisboa), Biblioteca Pública Municipal do Porto e Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. As fichas de catalogação⁵ das publicações periódicas de cada uma destas bibliotecas foram minuciosamente analisadas e elaborámos uma listagem das publicações desportivas existentes em cada uma delas, com as respectivas indicações para cada publicação (cotas e outros dados relevantes). Acabado esse trabalho, cruzámos os dados obtidos com a listagem criada a partir da bibliografia consultada. Esse cruzamento de dados permitiu-nos reforçar a credibilidade da listagem existente e acrescentar novos títulos a essa mesma lista.

No entanto, estamos cientes que alguns títulos poderão ter ficado ausentes desta pesquisa⁶, devido a deficientes catalogações ou ausência das mesmas, extravio de fichas de catalogação, incumprimento de depósito legal por parte das publicações, má conservação das obras (motivando a sua retirada definitiva e impossibilitando a consulta), entre outras dificuldades com que nos debatemos ao longo da pesquisa.

Criada a listagem geral, que ultrapassava os 900 títulos, decidimos avançar para o estudo de cada uma das publicações, uma vez que só assim

⁵ Os sistemas de catalogação de cada uma destas bibliotecas são diferentes, o que não facilita este género de pesquisas gerais e massificadas. Em geral, a conservação dos periódicos é deficitária e vários encontram-se em mau estado, impossibilitando a consulta.

⁶ A criação de uma página na Internet (em construção) relacionada com esta pesquisa permitirá futuramente a outros investigadores contribuírem com informações sobre publicações desportivas que não tenham sido alvo de análise nesta dissertação.

seria possível traçar uma história que reduzisse as probabilidades de análises erradas, redundantes ou sem sustentabilidade histórica⁷.

2. Análise histórica e discursiva

Para obtermos uma visão histórica de conjunto, decidimos analisar cada uma das partes, ou seja, cada uma das publicações desportivas referenciadas na nossa listagem, criando uma ficha biográfica para cada periódico. Em linhas gerais, interessava-nos saber a longevidade da publicação (identificar o primeiro e último número), linha editorial, identidade (d direcção, propriedade, impressão, redacção), tendências noticiosas, publicidade, entre outros.

A Censura à imprensa durante o período ditatorial (1926-1974) foi outro facto que nos preocupou nesta pesquisa, tendo por isso realizado incursões ao Arquivo Nacional Torre do Tombo, fiel depositário dos arquivos da Censura (pelo menos de uma parte) para comprovar a existência ou não de Censura sobre os jornais desportivos. Outro aspecto a ter em conta é o estatístico. Ao longo desta história da imprensa desportiva vamos apresentar algumas análises estatísticas, que pretendemos sejam simples e claras. Alguns dos dados serão cruzados com resultados que obtivemos junto do Instituto Nacional de Estatística (INE), Associação Portuguesa para o Controle de Tiragem (APCT) e Instituto de Comunicação Social.

Além da análise a cada publicação desportiva, iremos apresentar também reflexões e dados históricos sobre o papel desempenhado pela imprensa generalista, principalmente das suas secções desportivas. A chegada de novos meios de comunicação à área do jornalismo desportivo, como sucedeu com a rádio nos anos 1930 e com a televisão nos anos 1950, terá também o seu espaço de análise, sempre numa perspectiva histórica e explicativa.

Toda esta construção narrativa à volta da história do jornalismo desportivo será sempre complementada com informações relativas à vida política, social, económica e cultural do País e do Mundo, já que nenhum fenómeno deve ser olhado individualmente, mas sim enquadrado num contexto global.

⁷ Habitualmente as fichas de catalogação originais não são muito explícitas quanto a uma série de factores, nem totalmente fiáveis.

Os discursos produzidos nos periódicos desportivos serão também parte da narrativa, principalmente em momentos determinantes da vida nacional e internacional. Obviamente, iremos centrar as atenções nos discursos que foram produzidos à volta da ideia de Nação e identidade nacional. Porém, as ideias à volta da Europa e do Mundo serão também alvos de análise, principalmente nos períodos mais conturbados da história mundial e nacional.

Finalmente, convém esclarecer que ao longo da narrativa serão incluídas, quando necessário, as explicações metodológicas que se considerem oportunas para o mais fácil entendimento das escolhas feitas ao longo desta investigação.

II PARTE

IMPrensa PERIÓDICA DESPORTIVA EM PORTUGAL

«Em toda a luta de desporto, mesmo quando o não parece, há sempre uma alma.

O jornalista desportivo é aquele que a sabe descobrir e descrever».

Os Sports, 25 Fev. 1942¹

As reflexões da I Parte deixaram-nos um vasto conjunto de dúvidas sobre a história da imprensa periódica desportiva em Portugal. Esta II Parte será dedicada a responder-lhes. Nos próximos 18 capítulos vamos entrar numa espécie de viagem pelo tempo, que começa na segunda metade do século XIX e termina no ano 2000. Uma vez que se trata de uma viagem com mais de 100 anos, iremos tentar não maçar o leitor com análises exaustivas e demasiado profundas, nem com erudições pretensiosas, mas também tentaremos não cair em superficialidades, tentando sim criar uma narrativa equilibrada que consiga explicar, de forma simples (evitando o excesso de referências) e exacta, uma história construída ao longo de quase século e meio, e com cerca de um milhar de intervenientes directos (os periódicos desportivos).

Cada um desses intervenientes vai ser mencionado nesta obra, quer seja em tabelas explicativas, quer ao longo da própria narrativa. Cada uma dessas publicações desportivas desempenhou um papel – principal, secundário ou até mesmo de figurante – nesta grande e extensa representação histórica, merecendo por isso figurar nela. Outros intervenientes, como a imprensa generalista, com as suas secções desportivas, a rádio e a televisão, com os seus programas desportivos e de informação desportiva, vão também ter o seu espaço, já que foram muitas vezes factores de mudança e actores incontornáveis na história do jornalismo desportivo português.

A história da imprensa desportiva estrangeira, principalmente aquela com quem mantivemos maiores afinidades (Espanha e França), será também visitada ao longo desta viagem, de forma a podermos contextualizar o fenómeno da imprensa desportiva portuguesa no âmbito internacional.

¹ A Redacção (1942, 25 de Fevereiro). O jornalismo desportivo. *Os Sports*, p. 1.

CAPÍTULO 1

1875-1893: Primórdios da imprensa periódica desportiva

1. Títulos aparentemente desportivos de índole política

Em meados do século XIX¹ começaram a aparecer vários periódicos a adotar títulos aparentemente² ligados ao desporto. Entre 1836 e 1840 publicam-se várias publicações periódicas com terminologia no título que poderia indiciar ser um jornal desportivo: *Recreio* (Lisboa, 1835-1842), *O Toureiro* (Lisboa, 1836-1837), *O Piloto* (Coimbra, 1836), *O Ramalhete* (Lisboa, 1837-1844), *O Atleta* (Porto, 1838-1841), *O Atleta* (Lisboa, 1838), *O Recreativo* (Lisboa, 1838) e *A Lança* (Lisboa, 1840), mas quase todos estes jornais eram políticos. O semanário *O Ramalhete*, com o subtítulo *Jornal de Instrução e Recreio*, era um dos poucos que fugia a essa orientação, chegando a publicar alguns artigos sobre caça ao longo dos seus quase sete anos de existência (terminou no número 327, em 6 de Junho de 1844). *O Toureiro*, publicado a 3 de Maio de 1836, em Lisboa, aparecia no cabeçalho com o desenho de um toureiro a estoquear um touro na arena e a linguagem jornalística utilizada era a do mundo dos touros, mas o conteúdo dos artigos era puramente político, centrado em ataques à Casa Real.

Entre as décadas de 1840 e 1860, a política manteve-se como o tema dominante e principal motivação para o surgimento de periódicos, continuando a aparecer títulos com terminologia que poderia sugerir a publicação de noticiário desportivo, como *O Recreativo* (Lisboa, 1861), cujo subtítulo *Jornal Literário* revelava a sua índole, ou o *Recreio* (Lisboa, 1866-1867), mas mantinha-se a ausência de um jornal desportivo.

1 O contexto histórico à volta do lazer, nos séculos anteriores, pode ser desenvolvido nas seguintes obras: Sérgio & Feio, 1979; Almeida, 1980; Marques, 1980; e Serra & Alvarez del Palácio, 2007.

2 A primeira publicação periódica a aparecer com um título que poderia sugerir alguma ligação ao desporto foi o *Efemérides Náuticas ou Diário Astronómico* para o ano de 1789, publicada por ordem da Academia Real das Ciências «para utilidade da navegação portuguesa e aumento da astronomia», como referia na capa. Porém, as *Efemérides* (Lisboa, 1789-1860) continham apenas dados astronómicos e outras informações úteis para os navegadores portugueses, sendo por isso considerada publicação periódica de especialidade, mas científica e não desportiva. Este periódico surgiu precisamente durante uma fase marcada pelo desenvolvimento da imprensa especializada. Tengarrinha (1989: 52) refere que desde inícios de 1749 até finais de 1807 apareceram em Portugal 11 jornais literários e musicais, 7 científicos (onde se incluíam as *Efemérides*), 6 históricos, 3 comerciais, 2 de agricultura e 1 feminino. Desportivo, por enquanto, nenhum surgira.

Foi a partir de 1865 que se consolidou definitivamente em Portugal a imprensa de informação, graças ao aparecimento a 1 de Janeiro do *Diário de Notícias*, fundado em Lisboa por Eduardo Coelho. Este diário foi revolucionário³ em vários aspectos: saiu com um preço de venda reduzido (10 réis) graças à publicidade; não tinha aparentemente qualquer inclinação política; e foi o primeiro jornal a apostar na venda ambulante nas ruas. O efeito *Diário de Notícias* repercutiu-se quase imediatamente em todos os sectores da imprensa, com vários jornais a tentarem imitá-lo, mas sem grande sucesso. Nesta primeira fase do jornal, o desporto esteve ausente das suas páginas, tendo que se aguardar mais alguns anos para o seu aparecimento.

2. O surgimento da imprensa desportiva estrangeira

Na Europa, as primeiras publicações periódicas desportivas começaram a publicar-se precisamente durante este período. Em Londres surgiu, em 1852, o primeiro diário desportivo de que se tem notícia (Alcoba, 1999: 60), o *Sportman*, que mais tarde (1859) seria absorvido pelo periódico *Sporting Life*.

Em França, o primeiro periódico a aproximar-se da possibilidade de ser catalogado como jornal desportivo foi a revista parisiense *Journal des Haras*, dedicada à coudelaria e publicada pela primeira vez em 1828. E o primeiro periódico desportivo francês generalista seria o parisiense *Le Sport*, publicado entre 17 de Setembro de 1854 e Junho de 1887, altura em que se fundiu com o *Sportsman* (1875-1887), dando origem ao *Sport et Sportman*. Durante a década de 1860 surgiram mais três publicações desportivas em França: *Le Moniteur de la Gymnastique* (Paris, 1868-1873), *Le Vélocipède* (Grenoble, 1869) e *Le Vélocipède Illustré* (Paris, 1869-1870). Quanto ao primeiro diário desportivo francês, só apareceu na década de 1890, com a publicação do *Le Vélo* (1892-1904). E em termos de imprensa generalista, a primeira secção desportiva em França publicou-se no jornal *La Liberté*, com o título *Le Monde Sportique*, ficando a cargo de Émile de Girardin, que se estreou com uma crónica sobre uns concursos hípicas em Liverpool. Boxe e aviação (na época considerada um desporto) foram dois dos temas predilectos dessa coluna.

3 Cf. Miranda, P. (2002). *As origens da imprensa de massa em Portugal: o Diário de Notícias (1864-1889)*. Tese de mestrado não publicada, Universidade de Évora, Évora.

Em Espanha, uma das primeiras publicações desportivas foi a revista catalã *El Cazador* (Barcelona, 1856-1857), consagrada a temas de caça. Em Madrid editou-se, em 1865, *La Caza*, considerado por Altabella (citado por Alcoba, 1999: 60) o primeiro periódico desportivo em Espanha. No ano seguinte, em Valência, começou a publicar-se *El Colombaire*, semanário dedicado à caça e pesca. Em 1869, foi a vez de surgir, em Huesca, o *El Pedal*.

Esta breve incursão aos primórdios da imprensa periódica desportiva europeia permite observar uma tendência inicial para a especialização, em campos como a caça, a velocipedia e a ginástica, surgindo naturalmente, e em consequência do aumento da actividade desportiva e do interesse pelo desporto, as publicações de teor generalista.

O caso português seria relativamente semelhante, embora mais tardio, aparecendo as primeiras publicações periódicas desportivas a partir de meados da década de 1870. Nessa altura, a imprensa periódica desportiva começou a dar os primeiros passos numa sociedade ainda pouco familiarizada com a ideia de desporto e educação física, cujas primeiras actividades não passavam, muitas vezes, de uma importação elitista do modelo parisiense – a elite lisboeta, nas ocasionais deslocações a Paris, observava as formas de lazer da elite local, imitando-as no seu regresso a Lisboa, embora de forma episódica e passageira.

A ausência de uma prática desportiva regular e diversificada fez com que as primeiras publicações dedicadas a temáticas desportivas se tenham centrado nas tradicionais actividades da caça e tauromaquia. Em Janeiro de 1875, publicou-se o primeiro número do *Jornal dos Caçadores*, com sede em Lisboa e dirigido por Zacharias d’Aça. Com um vasto leque de colaboradores, que englobava nomes de prestígio das letras portuguesas, como Pinheiro Chagas e Bulhão Pato, este periódico tinha como redactores principais Emílio Monteverde Júnior e Neves de Castro. O seu primeiro número, de oito páginas, sem publicidade, impressas em papel de qualidade, na Tipografia Lallemand Frères, deixava claro que era um jornal escrito por nobres e burgueses dirigido à elite portuguesa, já que neste período histórico só ela tinha tempo e dinheiro para se dedicar à caça. Duas crónicas entusiásticas da Casa Real, uma sobre o gosto do rei D. Luís pela caça e outra sobre uma caçada real em Vila Viçosa,

punham em evidência a orientação editorial do periódico, que duraria seis números, até Junho de 1875.

No ano seguinte, em 1876, foi a vez da tauromaquia ter o seu primeiro representante na imprensa periódica em Portugal, com a saída em Lisboa de *O Toureiro*. O subtítulo no cabeçalho clarificava qualquer dúvida sobre a linha editorial: «Folha destinada a assuntos tauromáquicos». Sem publicidade e com o custo de 950 réis por dez números, *O Toureiro* apresentava só dois nomes no cabeçalho: o do director Salvador Marques e o do fotógrafo José Loureiro. A importância do fotógrafo devia-se ao facto da imagem de marca do periódico serem os retratos de toureiros (portugueses e espanhóis) em pose, publicados na primeira página – o primeiro retrato foi do toureiro José Joaquim Peixinho, conhecido simplesmente por Peixinho. Durante os 88 números desta publicação (até Julho de 1892) manteve-se a tradição do retrato na capa, assim como a linha editorial, não abrindo as páginas do periódico a outras actividades desportivas. No seu último número, de Julho de 1892, Cipriano Batalha publicou o artigo «A decadência das touradas», no qual alertava para a «fase decadente» em que vivia a tauromaquia em Portugal, criticando o encerramento, por motivos de segurança, da popular praça de touros do Campo de Sant'Anna. Cipriano Batalha incitou também a imprensa, na qual começavam a aparecer alguns «críticos competentíssimos», a auxiliar *O Toureiro* na cruzada de regeneração da tauromaquia portuguesa.

3. A cruzada da ginástica

Na década de 1870, com o ensino primário a cair sobre a alçada das autarquias, a Câmara Municipal de Lisboa encarregou o vereador da instrução, Elias Garcia, de regulamentar o ensino primário em 1875. Entre as medidas tomadas avultaram os esforços em prol da instrução da ginástica «como forma de revigoramento rácico e de formação dum ideal patriótico que, na opinião de Elias Garcia, competia à escola promover através de processos desta natureza» (Estrela, 1980: 73). Nesta fase de promoção da educação física, a Escola Moderna, em Lisboa, nomeou Paulo Lauret professor de ginástica em 1876, cargo que ocupou durante quatro anos, leccionando também noutros colégios e sociedades recreativas lisboetas. Neste espaço de tempo, Lauret

lançou-se na aventura de criar o primeiro periódico dedicado à ginástica e à educação física em Portugal⁴. Assim, em 15 de Novembro de 1878 saiu o primeiro número de *O Gymnasta*, com o subtítulo de «órgão bi-mensal de educação física». Sem ilustrações e ao preço de 20 réis, Lauret, director e proprietário, contava com mais quatro colaboradores. Um deles, Carlos Pereira, assinou o editorial «O Gymnasta», na capa do primeiro número, esclarecendo que o periódico «vem preencher uma lacuna sensível» e «pretende ser o órgão dum partido honroso: a educação física no nosso país.» Pereira afirmava também que o jornal «é um brado contra a incúria dos governos que têm deixado definharem e morrerem, à míngua de uma sã educação moral e física, milhares e milhares de cidadãos.»

Carlos Pereira assumiu-se mesmo como o articulista mais crítico da acção governamental. No segundo número de *O Gymnasta*, em 1 de Dezembro de 1878, atacou a inépcia dos governos monárquicos, por terem definido a ginástica como disciplina obrigatória no ensino primário, sem que para isso tivessem criado as condições necessárias à sua execução. Lembrou ainda que «contavam-se às dezenas lá fora os ginásios: na França, na Alemanha, na Suécia, na Dinamarca, onde se cura de criar cidadãos fortes para o trabalho e onde o eco da palavra ginástica não é acolhido com o desfavor com que entre nós fere o ouvido de muito boa gente.»⁵ Estas lamentações enquadravam-se no espírito dominante da época, marcado pelas Conferências do Casino, realizadas em 1871, no âmbito das quais Antero de Quental lembrou que «do espírito guerreiro da nação conquistadora», os portugueses haviam herdado unicamente «um invencível horror ao trabalho e um íntimo desprezo pela indústria»⁶.

Com o objectivo de dar a conhecer o que se fazia a nível desportivo no resto da Europa, era comum aparecer na primeira página a secção «Notícias do Estrangeiro», como sucedeu no número 5, de 15 de Janeiro de 1879, com toda a capa a ser preenchida com uma notícia sobre a ginástica na Alemanha, retirada do jornal alemão *Deutsche-Turn-Zeitung*. Nessa edição, o periódico de

4 Nesta mesma altura, na Europa, alguns periódicos dedicavam-se à promoção da ginástica nos seus países, destacando-se a Bélgica, que contou com dois importantes divulgadores: *Volkshel* (1873-1887) e *Belgica* (1895-1914).

5 Pereira, C. (1878, 1 de Dezembro). Pela última reforma... *O Gymnasta*, p. 1.

6 Antero de Quental proferiu estas palavras na conferência «Causas da Decadência dos Povos Peninsulares», proferida em 27 de Maio de 1871, nas Conferências Democráticas do Casino Lisbonense.

Paulo Lauret contava com correspondentes no Porto, Tomar, Évora e Alenquer, mas nenhum no estrangeiro.

Além da ginástica e da educação física, *O Gymnasta* publicou regularmente notícias sobre outros desportos, como por exemplo a esgrima e o tiro com arco. Seria o primeiro periódico a alargar o seu conteúdo noticioso, embora centrando os seus artigos numa perspectiva histórica e educacional dos desportos, e não propriamente noticiosa. A história da ginástica e do tiro com arco fizeram a capa do seu último número (6), publicado em 8 de Fevereiro de 1879. Uma nota na primeira página pode de certa forma esclarecer o que esteve na origem do fim da publicação: o jornal pedia aos assinantes para regularizarem os pagamentos em atraso das assinaturas, principal fonte de rendimento do periódico.

Em Fevereiro de 1882, Paulo Lauret alargou a sua acção educativa ao Porto, onde fundou o Ginásio Lauret, numa casa da Rua da Picaria. E, em 1884, devido ao elevado número de alunos, passou para um edifício maior na Rua do Laranjal. Com o objectivo de promover a ginástica e o seu ginásio, Lauret decidiu publicar nesta cidade um novo *O Gymnasta*, em 26 de Março de 1882, com sede na Rua da Alegria. Era o primeiro jornal do género que surgia na Cidade Invicta e apresentava a mesma imagem gráfica do antecessor lisboeta, republicando também vários artigos. Voltaria a repetir-se o desfecho, terminando no número 6, em 15 de Junho de 1882, com problemas derivados da cobrança de assinaturas.

Na década de 1880, Paulo Lauret faria mais uma incursão ao mundo dos periódicos desportivos, com outro *O Gymnasta*, novamente no Porto, em finais de 1888. Com uma capa muito bem ilustrada e centrado num noticiário mais pedagógico que noticioso, este periódico voltou a ter vida curta, desaparecendo em Abril de 1889.

Quatro anos antes, em Maio de 1885⁷, o primeiro concurso de ginástica, organizado pelo Real Ginásio Club Português, no Hipódromo de Belém, motivou o aparecimento de *A Gymnastica*, que serviu ao mesmo tempo de número programa do evento e de folha divulgativa da ginástica e do trabalho do Real Ginásio Club Português, podendo ser considerada uma das primeiras

⁷ Em 1885 lançaram-se em Lisboa dois periódicos com o título *Recreio* (1885-93 e 1885-96), cuja linha editorial apostou também em notícias sobre desporto.

tentativas de criação de um órgão informativo de clube em Portugal, a par com o *Boletim de Notícias do Club Velocipedista Portuense*, criado no seio desta agremiação portuense em 1880, com uma efémera existência.

4. Caça e touros

A cidade do Porto assistiu, em Junho de 1883, ao surgimento de uma nova publicação de especialidade desportiva, o quinzenário *A Caça*. A intenção deste periódico era «preencher uma lacuna»⁸, uma vez que «não temos entre nós uma publicação regular que se ocupe de venatória, como o *Sport* em Inglaterra e a *Chasse Illustrée* em França»⁹. Ao contrário do *Jornal dos Caçadores* (1875), conservador e ligado à elite lisboeta governamentalizada, *A Caça* tinha um cariz intervencionista. No seu primeiro número, o colaborador Emílio Fluvio afirmou que «Portugal apresenta o carácter de uma sociedade raquítica, insalubre até»¹⁰ e «é ao povo português, agora anémico e sem o mínimo vislumbre de salubridade, que compete não esquecer os tempos heróicos»¹¹. Na opinião de Fluvio era na prática da caça que «se preparam os germens de sociedades futuras, educadas debaixo dum sistema regenerador e higiénico, robustas e vigorosas como os povos antigos.»¹²

No número dois, publicado na segunda quinzena de Junho de 1883, *A Caça* publicou uma espécie de dicionário venatório, da responsabilidade de João Nemrod, com termos e expressões destinadas a auxiliar «caçadores novatos e leitores profanos»¹³. Esta necessidade de explicar uma determinada terminologia (neste caso de caça) passaria a ser comum em quase todas as publicações periódicas desportivas, já que foi a partir do final do século XIX que a maioria dos desportos se implementaram gradualmente em Portugal.

A ginástica e a pesca foram modalidades que tiveram também espaço noticioso nas páginas de *A Caça*, periódico que teria o seu fim em Maio de 1884, após ter publicado na primeira página um cerrado ataque ao rei D.

8 A Redacção (1883, Junho). Duas palavras. *A Caça*, p. 1.

9 Idem, ibidem.

10 Fluvio, E. (1883, Junho). *A Caça*. *A Caça*, p. 2.

11 Idem, ibidem.

12 Idem, ibidem.

13 Nemrod, J. (1883, Junho). Termos de Caça. *A Caça* (2), p. 4.

Carlos, no artigo «O Rei diverte-se», assinado por Artur de Azevedo. As duras críticas ao monarca deveram-se a este ter ido caçar durante o período de defeso¹⁴: «Sua Majestade, caçando no mês de Junho, se não postergou a Lei, deu, sem dúvida, um péssimo exemplo, merecedor da mais desapiedada censura pela sua desumanidade.»¹⁵ O cronista afirmou mesmo que «tais desacatos são prerrogativas que não podemos reconhecer num monarca. Não o entendem assim, talvez, os seus conselheiros. Que lhes importa que a Lei seja desatendida, se se diverte o seu Rei?...»¹⁶ Estas críticas deixavam em evidência as tendências políticas de *A Caça*, que até então tinha publicado 23 números sem interrupções.

Além da ginástica e da caça, a tauromaquia era também muito apreciada no Porto, o que motivou o aparecimento de *O Toureiro*, revista semanal que se estreou no domingo 25 de Maio de 1890. Com o custo de 20 réis, era propriedade de António da Rocha e apresentava como redactores J. Villar e E. Neves. Apostou num noticiário simples, com artigos sobre a história da tauromaquia e nas habituais biografias de toureiros. A principal novidade foi a publicação de artigos sobre Espanha, traduzidos a partir da revista madrilenha *La Lidia*. *O Toureiro* só teve mais um número, em 1 de Junho de 1890, no qual dedicou espaço a notícias tauromáquicas de vários locais do País (Sintra e Setúbal) e internacionais (Paris, Madrid e Galícia). A má organização administrativa terá estado na origem do fim do periódico.

No final do mês de Junho de 1890, os principais redactores de *O Toureiro*, liderados por João Villar, tentaram relançar a revista, publicando um novo número em 29 de Junho. Prometiam uma publicação «magnificamente redigida»¹⁷, «cuidadosamente revista»¹⁸ e só com «notícias selectas dos acontecimentos tauromáquicos»¹⁹, mas o novo *O Toureiro* não passou desse número inaugural.

A tauromaquia motivou também o aparecimento em Lisboa de duas novas publicações, as revistas *A Bandarilha* (1888) e *O Toureiro Portuguez* (1890).

14 Fase de procriação dos animais, em que a caça era ilegal.

15 Azevedo, A. (1884, Maio). O Rei diverte-se. *A Caça*, p. 1.

16 Idem, ibidem.

17 A Redacção (1890, 29 de Junho). Expediente. *O Toureiro*, p. 1.

18 Idem, ibidem.

19 Idem, ibidem.

Vendidas ao preço de 20 réis, ambas centraram o seu conteúdo noticioso na tauromaquia, com noticiário nacional e internacional (retirado de periódicos do género em Espanha, França e México²⁰, entre outros). O editorial de apresentação de *A Bandariilha*, publicado no primeiro número de 22 de Abril de 1888, revelava alguma precaução: «Nada de promessas impossíveis nem de projectos fantasmagóricos: é essa a causa primordial da decadência e da queda desastrosa das publicações»²¹, contribuindo para o «descrédito»²² e «definhamento»²³ da imprensa periódica. Apesar das cautelas, *A Bandariilha* teve uma vida atribulada, saindo três séries diferentes, até que terminou em 1 de Setembro de 1889, na edição 36. Vida mais curta teve *O Toureiro Portuguez*, apenas seis números, terminando a 20 de Julho de 1890, tendo durado somente mês e meio (estreara-se a 8 de Junho).

O problema da exígua duração das publicações era um dos que mais afectava a imprensa periódica desportiva. Diferendos administrativos e editoriais, falta de pagamento das assinaturas (principal forma de venda de exemplares), pouca publicidade, um público muito restrito e ausência de sólidas estruturas financeiras foram alguns dos factores alegados na hora de encerrar os periódicos, isto apesar de algumas publicações tauromáquicas terem alcançado enorme popularidade, como sucedeu com *A Trincheira* (Lisboa, 1892), dirigida por Roque Gameiro. Só *O Toureiro* (1876) aguentou mais de dois anos em actividade, publicando-se em duas fases distintas (1876-1880 e 1888-1892).

Além da pouca duração das publicações desportivas, estas centravam-se exclusivamente em três temáticas: caça, tauromaquia e ginástica. O ponto de viragem dar-se-ia em 1893, com o surgimento da primeira publicação a conseguir aliar a estabilidade editorial a um conteúdo noticioso alargado.

20 Desde 1830 que o México contava com um periódico tauromáquico de referência, *La Aficion*, que viria a publicar-se durante todo o século XX, transformando-se mais tarde num jornal desportivo generalista. A sua longevidade levou a que na década de 1980 apresentasse o subtítulo: «O Primeiro Jornal Desportivo do Mundo».

21 A Redacção (1888, 22 de Abril). *A Bandariilha*. *A Bandariilha*, p. 3.

22 Idem, ibidem.

23 Idem, ibidem.

5. Do ciclismo surge o primeiro jornal desportivo generalista

Ao longo da segunda metade do século XIX, o ciclismo foi ganhando cada vez mais adeptos um pouco por toda a Europa, em especial na França, onde surgiram mais de uma dezena de periódicos dedicados a esta modalidade durante o último quarto de século. O primeiro passo foi dado pelo *Velocipède Illustré* (1861), primeiro jornal que se dedicou à temática da velocipedia em França. Mas seria nas décadas de 1880 e 1890 que a imprensa especializada em ciclismo iria crescer e consolidar-se.

O primeiro periódico a ganhar prestígio neste período foi *Le Sport Velocipédique* (1880), órgão bimestral dos clubes velocipédicos de França, Suíça e Bélgica. A popularidade do ciclismo foi crescendo um pouco por todas as regiões gaulesas, motivando o surgimento de jornais especializados um pouco por todo o país: *La Revue Vélocipédique* (Toyes, 1882), *Le Véloce-Sport* (Bordéus, 1885), *Le Véloceman* (Montpellier, 1885), *La Revue du Sport Vélocipédique* (1886), *Le Cycliste* (Saint-Étienne, 1887), *Le Monde Cycliste* (Lyon, 1889). Em Paris, além do *Le Sport Velocipédique* (1880), publicaram-se também *La Bicyclette* (1892), *Le Vélo* (1892), *Paris-Vélo* (1893), *Le vélodrome* (1894) e *L'Auto-Vélo* (1900).

Este fenómeno de popularidade alastrou-se a Espanha, onde se publicaram *La Velocipedia* (Barcelona, 1891), *La Bicycleta* (Pamplona, 1891), *El Veloz Sport* (Madrid, 1893) e *El Deporte Velocipédico* (Madrid, 1895) – este último periódico é considerado por Alcoba (1999: 62) a publicação «pioneira nas revistas especializadas num só desporto» em Espanha.

Em Portugal, a popularidade do ciclismo motivou também o surgimento de diversas publicações especializadas sobre este tema, concentradas na última década do século XIX: *O Velocipedista* (Porto, 1893), *Bicycleta* (Lisboa, 1895), *O Velo-Sport* (Lisboa, 1896), *O Sport «Velo»* (Lisboa, 1897), *Boletim do Photo-Velo-Club* (Porto, 1899) e *O Cyclista* (Lisboa, 1900).

A publicação pioneira em temas velocipédicos foi *O Velocipedista*, com sede no Porto. O seu primeiro número saiu para as bancas em 1 de Março de 1893, apresentando-se como uma revista quinzenal de oito páginas e um subtítulo esclarecedor: «Dedicada ao Club Velocipedista do Porto». Propriedade de F. Lopes e Alvarim Pimenta, a revista custava 60 réis e tinha

como redactor principal Vidal Oudinot. A sua linha editorial ficou bem patente no «Editorial» do primeiro número: «Avante, sim! O nosso espírito é morto, morto para as lutas e para a vida. É urgentíssimo, é necessário que ele se avigore, que se revolte.»²⁴ Um dos artigos em destaque neste primeiro número era assinado por Veturia, com o título «Educação Física da Mulher», em que promovia a educação física feminina, seguindo o exemplo do resto da Europa, tópico até então ausente na imprensa periódica desportiva portuguesa, dominada por homens, tal como o próprio mundo do desporto.

Com um noticiário centrado no ciclismo portuense, *O Velocipedista* começou gradualmente a abrir as suas páginas a notícias de outras regiões do País e do estrangeiro. Em Maio, passou a contar com dois correspondentes: um em Lisboa (Mário Costa) e outro em Londres (A. Willcox). O paulatino aumento de correspondentes noutras regiões e de noticiário internacional, assim como a publicação de notícias sobre outros desportos, levou a que a linha editorial se fosse modificando gradualmente. Mas a revista continuou sempre numa linha mordaz em termos de crítica política. Em Julho de 1894, Renato Franco investiu de forma contundente contra o estado da Nação, afirmando que em Portugal «não se vive, vegeta-se numa cobardia pulha, que envenena as intenções mais nobres»²⁵, afirmando que «enoja, perverte, corrompe, avilta todo esse acervo de infâmias em que chafurda uma sociedade»²⁶.

A cisão definitiva com a ideia de uma revista só dedicada ao ciclismo sucedeu em Outubro de 1894, quando Alberto Bessa sucedeu a Oudinot na direcção do periódico. Na edição 40, de 15 de Outubro de 1894, o cabeçalho de *O Velocipedista* passa de «Órgão dos Velocipedistas em Portugal» para «Revista Internacional de Sport, Literatura e Noticiosa». O alargamento do campo noticioso desportivo transformou esta publicação de especialidade (inicialmente dedicada apenas ao ciclismo) numa publicação desportiva generalista, o que constituía novidade em Portugal.

Em Março de 1895, *O Velocipedista* chegou ao seu terceiro ano de publicação, mas a situação financeira não era a melhor, com a direcção a

24 A Redacção (1893, 1 de Março). Editorial. *O Velocipedista*, p. 2.

25 Franco, R. (1894, 1 de Julho). A velocipedia e a rotina. *O Velocipedista*, p. 1.

26 Idem, *ibidem*.

queixar-se da falta de apoios oficiais e de estar «com o próprio auxílio oficioso bastante restrito»²⁷. Nessa altura, dispunha de correspondentes em Paris, Réus, Madrid, Pará (Brasil) e Lisboa, apresentando um conteúdo noticioso interessante para a época. No entanto, além da quase inexistência de apoios, o jornal debatia-se com a falta de publicidade e atrasos nos pagamentos das assinaturas. Na sequência destas dificuldades, em 15 de Dezembro de 1895, *O Velocipedista* publicou o último número (68), alegando incontornáveis problemas financeiros. Apesar do desaparecimento, esta revista contribuiu decisivamente para a consolidação de uma imprensa periódica desportiva fora dos eixos desportivos tradicionais (caça e tauromaquia), criando também a primeira linha editorial generalista sobre desporto em Portugal.

6. Contributos dos periódicos generalistas

A imprensa generalista não ficou imune ao gradual aumento de actividade desportiva que se verificou na sociedade portuguesa durante a segunda metade do século XIX. Um dos primeiros periódicos generalistas a publicar notícias sobre actividades consideradas desportivas foi o *Diário Ilustrado* (Lisboa, 1872) que, em 2 de Setembro de 1877, publicou na sua capa uma das primeiras imagens sobre desporto em Portugal: uma gravura (assinada por Alberto) do Hipódromo de Belém, durante uma corrida de cavalos.

Outro periódico pioneiro na publicação de gravuras, que podemos considerar desportivas, foi a revista *Ocidente* (Lisboa, 1878) que na sua edição de 15 de Setembro de 1878 incluiu um desenho de J. Pedrozo sobre o iate «O Aquila», do Barão de Fonte Bella, acompanhando um artigo de vela. Na edição seguinte, de 1 de Outubro de 1878, a revista publicou um desenho de J. Dantas sobre o «Sirius», iate de recreio do rei D. Luís, vencedor da regata da Real Associação Naval.

Na década seguinte, assistiu-se a um dos fenómenos mais importantes para a consolidação da notícia desportiva na imprensa generalista portuguesa. Em Outubro de 1888, em Cascais, jogou-se pela primeira vez entre portugueses uma nova modalidade desportiva, muito popular em Inglaterra: o futebol. Nos meses seguintes, começaram-se a organizar jogos entre ingleses

²⁷ A Redacção (1895, 1 de Março). Editorial. *O Velocipedista*, p. 1.

e portugueses, no Campo Pequeno, em Lisboa, com a imprensa a fazer eco desses encontros. A primeira gravura a representar um jogo de futebol foi publicada na revista *A Comédia Portuguesa* (Lisboa, 1888), em 26 de Janeiro de 1889, da autoria de Julião Machado²⁸. O jogo do Campo Pequeno que deu azo a essa gravura teve relato detalhado no *Jornal do Comércio* (Lisboa, 1853), na edição de 23 de Janeiro de 1889, com o título «O Match do Campo Pequeno – A Mulher Peluda no Jardim Zoológico».

O futebol passou a ser um dos temas em destaque nas várias secções desportivas dos jornais generalistas, as quais começaram a surgir durante a década de 1890. Um dos primeiros jornais a criar uma secção desportiva permanente foi o *Diário Illustrado* (Lisboa, 1872), em Outubro de 1893, o que aconteceu de forma natural, já que desde Dezembro de 1892 vinha publicando regularmente notícias sobre desporto, em especial de futebol, visto que contava com a colaboração de António Bandeira²⁹, um dos primeiros jornalistas desportivos portugueses. A importância da secção «Sport»³⁰ foi crescendo na linha editorial do jornal, a tal ponto que passou a ser presença habitual na primeira página a partir de Janeiro de 1894.

Em inícios de 1894, foi a vez de um dos mais influentes jornais lisboetas, *O Diário Popular* (Lisboa, 1866), anunciar a criação da sua secção desportiva. Na edição de 5 de Janeiro publicou o artigo «Sport», que se iniciou com as seguintes palavras: «De hoje em diante, começaremos a informar os nossos leitores, em locais de pura especialidade, de todos os factos, sucessos e assuntos que digam respeito a todos os géneros desportivos. A ideia tem actualidade. Não é demasia a imprensa a ocupar-se dela.»³¹

Os passos do *Diário Illustrado* e de *O Diário Popular* foram seguidos pela generalidade da imprensa de referência, como foi o caso de *O Século* (Lisboa, 1881), que a partir de 1893 passou a publicar regularmente notícias

28 Cf. *A Comédia Portuguesa* de 26 de Janeiro de 1889, 17, p. 1.

29 Foi um dos primeiros jornalistas a dedicar-se ao futebol. Extremamente versátil, António Bandeira dividiu a sua vida entre o jornalismo desportivo e a diplomacia. Grande entusiasta do futebol (deixou-o de praticar devido a um acidente de viação, virando-se então para o jornalismo desportivo), foi jogador e dirigente do Clube Lisbonense, em Lisboa, sendo também um dos primeiros jornalistas a publicar crónicas de futebol, no *Diário Illustrado*. Célebres foram ainda as suas crónicas desportivas nos jornais *Repórter* e *Semana de Lisboa*.

30 A terminologia dominante no desporto nesta época era de origem inglesa, berço do futebol e de outras modalidades. Essa terminologia foi gradualmente adaptada para o português ao longo das primeiras décadas do século XX.

31 A Redacção (1894, 5 de Janeiro). Sport. *O Diário Popular*, p. 3.

desportivas, principalmente sobre futebol, ciclismo e vela. Em finais da década de 1890, apresentava já a secção específica de «Sport».

Um periódico que também contribuiu para a consolidação do jornalismo desportivo entre a imprensa generalista foi *A Tarde* (Lisboa, 1888) que, em 17 de Janeiro de 1894, apresentava já a secção «Sport», para a qual aceitava toda a colaboração, sem ataques pessoais e que contribuísse para «o desenvolvimento dos diferentes ramos do Sport.»³² Durante os meses seguintes, passou a publicar regularmente artigos desportivos, assinados por pseudónimos (Line-Man, Simplicio, Etraud, Marius e Fox) de alguns dos mais conhecidos jornalistas desportivos da época. Apesar da gradual importância que as notícias desportivas iam assumindo na linha editorial de *A Tarde*, por vezes os editores eram forçados a deixar de fora a secção de «Sport» devido à falta de espaço no jornal, como sucedeu na edição de 4 de Abril de 1894 – na página dois, o jornal escreveu a seguinte nota: «SPORT: Ainda hoje, por falta absoluta de espaço, somos obrigados a retirar esta secção. Tenham paciência, mas quem espera sempre alcança.»

7. Desporto e literatura: o início de uma longa relação

Um dos primeiros periódicos a juntar nas suas páginas o binómio desporto-literatura foi a *Revista Fayalense*, publicação quinzenal lançada em 1 de Fevereiro de 1893, na Ilha do Fayal, nos Açores. Sob direcção do Gymnasio Club Fayalense, esta revista apostou numa forte secção de desporto, responsabilidade de um colaborador que assinava os artigos apenas com as siglas J.M. No artigo de abertura da secção, J.M. começou por lembrar que «pela palavra *sport*, de que não existe equivalente na nossa língua, e cuja significação em inglês é muito vasta, designa-se uma numerosa série de divertimentos e exercícios, que ocupa hoje em dia um grande número de indivíduos de ambos os sexos.»³³ No mesmo artigo, o colaborador da *Revista Fayalense* destacava que era «tal o desenvolvimento do gosto pelo *sport*, que em toda a parte se publicam jornais onde se lêem as descrições das regatas, das corridas, dos assaltos, das marchas de resistência, a pé ou em velocípede,

³² A Redacção (1894, 17 de Janeiro). Sport. *A Tarde*, p. 2.

³³ J.M. (1893, 1 de Fevereiro). Sport. *Revista Fayalense*, p. 7.

etc., e em muitos que não pertencem ao *sport*, em especial nos periódicos ingleses, não deixa de se ver em secção especial a *sporting intelligence*.»³⁴ No campo da literatura, a revista publicou no seu primeiro número excertos de uma obra de Edgar Poë, além de poesia de Osório Goulart e Roberto Mesquita, e uma crítica literária à obra *Murmúrios* de Osório Goulart, escritor e poeta local. Publicou também um excerto com o título de «A Fraqueza Feminil», do livro inédito *A Educação Physica*, de Marcelino Lima, onde promovia o desporto feminino.

Apesar da sua atribulada existência, sofrendo mesmo uma longa paragem, vindo a extinguir-se definitivamente em 2 de Março de 1895, a *Revista Fayalense* assumiu-se como uma publicação pioneira em dois sectores: foi um dos primeiros órgãos de clube em Portugal e foi a primeira publicação a centrar o seu conteúdo noticioso nas áreas do desporto e literatura. Nas décadas seguintes, dezenas de outras publicações seguiram esta linha editorial, que só desapareceria do espectro da imprensa periódica portuguesa nos anos 1940.

Após este período marcado pelo pioneirismo de periódicos como a *Revista Fayalense* (primeira publicação a associar desporto e literatura), *O Velocipedista* (primeiro periódico a assumir um cariz generalista nas notícias desportivas) ou o *Diário Ilustrado* (um dos primeiros jornais generalistas a criar uma secção de desporto), entre outros, seguiu-se a fase de consolidação do jornalismo desportivos português, que se estendeu entre meados da década de 1890 e o final da década de 1910.

Esta nova fase, que começaria em 1894, seria marcada pela chegada de um novo género de periódico: o jornal generalista desportivo. Recordemos que o período entre 1875 e 1893 foi totalmente dominado por periódicos dedicados a quatro especialidades: tauromaquia, ginástica, caça e ciclismo. E apenas um desses periódicos (*O Velocipedista*) transitou de publicação de especialidade para jornal desportivo generalista. Importante ainda lembrar que todas as publicações tiveram origem no eixo Lisboa-Porto.

³⁴ Idem, ibidem.

CAPÍTULO 2

1894-1900: Início da consolidação

1. O panorama internacional

Um pouco por toda a Europa começaram a aparecer, a partir de meados do século XIX, jornais desportivos dedicados a várias modalidades e não apenas centrados num único desporto. Uma das primeiras publicações periódicas europeias de cariz generalista foi *Le Sport*, lançado em Paris, em 17 de Setembro de 1854. Nas décadas seguintes, este género de jornais com conteúdos desportivos generalistas¹, tentando encontrar leitores entre os praticantes e adeptos de várias modalidades e entre uma opinião pública cada vez mais interessada na dinâmica retórica desportiva, seria uma estratégia seguida por diversas publicações francesas, como foram os casos de *Le Sportsman* (Paris, 1875), *La Revue des Sports* (Paris, 1876), *La Vie Sportive* (Paris, 1882), *La Gazette des Sports* (Saint-Étienne, 1888), *Le Sport Universel Illustré* (Paris, 1895), *La Vie au Grand Air* (Paris, 1898) e *Les Sports Modernes* (Paris, 1898).

Em Espanha, o aparecimento de jornais desportivos generalistas foi mais tardio que em França. Só nas duas últimas décadas do século XIX é que começaram a aparecer este género de periódicos, como por exemplo o *El Sport Español* (Cádiz, 1886), *Crónica del Sport* (Madrid, 1893), *El Sport Español* (Barcelona, 1895), *El Sport* (Madrid, 1897), *Los Deportes*² (Barcelona, 1899), *El Campeón* (Madrid, 1899) e *Deportes* (Madrid, 1900). Foi centrado no eixo Madrid-Barcelona que surgiram neste período a maioria dos periódicos desportivos espanhóis, a exemplo do que sucedeu com Paris, no caso francês, e um pouco pelo resto da Europa³, o que se deveu em grande medida ao facto da prática desportiva estar ligada umbilicalmente ao meio urbano, assim como o próprio fenómeno da imprensa.

1 Cf. Marchand, J. (1989). *La Presse Sportive*. Paris: Centre Formation et Perfectionnement Journalistes, pp. 16-17.

2 No número 24, de 22 de Outubro de 1899, o suíço Hans Gamper, que trabalhava em Barcelona, publicou um pequeno anúncio em que procurava outros jovens que gostassem de jogar futebol, incentivando-os a contactarem-no para organizar uns jogos entre eles. Desse grupo nasceria o FC Barcelona.

3 Esta tendência verificou-se nas principais cidades europeias. E.g. em Milão, *La Gazzetta dello Sport* (1896-2000); em Helsínquia, o jornal desportivo *Suomen Urheilulehti* (1898-2000).

2. Os primeiros periódicos desportivos generalistas

Em Portugal, depois do primeiro passo dado pela revista portuense *O Velocipedista* que em 1894 decidiu alargar o seu conteúdo noticioso a outras modalidades desportivas além do ciclismo, o primeiro periódico a surgir com um título genérico (sem conotações com uma modalidade) e conteúdos desportivos diversificados foi *O Sport*, publicado em Lisboa, em 22 de Janeiro de 1894. O cabeçalho era preenchido por um desenho com momentos e objectos alusivos a diferentes modalidades: um jogo de futebol, um cavaleiro a saltar uma cerca, dois sabres, raquetes de ténis em madeira, um alvo para o tiro, duas rodas de bicicleta, um remo, entre outros. Destaque também para uma bandeira em que se liam as siglas R.G.C.P., ou seja, Real Ginásio Clube Português, instituição que esteve na origem da publicação.

Publicado em papel branco normal, num formato médio (36x25), a capa do primeiro número de *O Sport* apresentava a fotografia de um jogo de futebol, realizado em Carcavelos, em 25 de Março de 1893. Nos números seguintes, a parte central da capa seria sempre reservada a uma fotografia desportiva, começando assim o fotojornalismo desportivo português a dar os primeiros passos. Com a edição entregue a Henrique Pinto do Amaral, o primeiro número de *O Sport* deixou em evidência a sua índole noticiosa multifacetada, publicando sete secções diferentes ao longo das suas quatro páginas: equitação, caça, esgrima, ginástica, velocipedia, náutica e exercícios ao ar livre (rubrica dominada pelo futebol). A terminologia desportiva utilizada era essencialmente portuguesa, embora nos textos dedicados às modalidades mais recentes, como era o caso do futebol (introduzido em Portugal em 1888), continuassem a prevalecer os termos ingleses. A palavra desporto ainda não aparecia, utilizando-se o termo inglês *sport*.

O jornal *O Sport* teve curta duração, desaparecendo após a publicação do número 4, em 23 de Março de 1894. A capa da última edição foi totalmente dedicada ao desporto em voga⁴, o futebol, surgindo uma fotografia em pose da

4 Apesar dos efeitos negativos do Ultimato inglês na popularidade do futebol em Portugal (como se tratava de um desporto de origem inglesa, foi afectado pela onda de rejeição a tudo o que fosse inglês), esta modalidade recuperou rapidamente e em 1894 já retomara a áurea de popularidade na sociedade portuguesa (cf. Coelho e Pinheiro, 2002, pp. 54-63). O Ultimato inglês a Portugal em 1890 culminou todo um vasto conjunto de disputas e conflitos diplomáticos à volta das possessões africanas. Os ingleses venceram o braço de ferro com o governo português, que demonstrou uma total incapacidade política de resistir às pretensões da Inglaterra.

equipa de Lisboa que venceu a equipa do Porto, na disputa da taça instituída pelo rei D. Carlos, por ocasião das festas henriquinas de 1894.

Apesar do importante passo dado pelo *O Sport* para a implantação de uma imprensa periódica desportiva generalista em Portugal, teve-se de esperar três anos para o surgimento de outro periódico com essas características. Em 12 de Fevereiro de 1897, publicou-se em Lisboa o semanário *O Sport*, dirigido por Vieira D'Almeida e com o jornalista Artur dos Santos a redactor-principal.

Além de apostar numa linha editorial alargada, a direcção de *O Sport* tentou também, pela primeira vez, ao nível da imprensa desportiva, cativar o maior número de leitores através de um preço de capa acessível. Embora não tivesse conseguido seguir a estratégia do «jornal dos 10 réis» (Tengarrinha, 1989: 222) com que o *Diário de Notícias* revolucionou o mercado da imprensa portuguesa em meados da década de 1860, *O Sport* apresentou um preço de capa de 20 réis, num tempo em que o custo médio dos jornais de especialidade desportiva era de 40 réis por exemplar avulso.

A direcção de *O Sport*, composta por Vieira de Almeida e Artur dos Santos⁵, explicou no editorial «O nosso jornal», publicado na capa do número um, que o «preço elevadíssimo (dos jornais desportivos) não permite que os seus leitores sejam em grande número». Por isso, a implantação de *O Sport* a um preço «diminuto» daria um forte contributo para que «a leitura de jornais de *sport* se entranhe em Portugal». Assim, os textos publicados em *O Sport* tinham um cariz mais doutrinário que noticioso, tentando acima de tudo criar uma cultura desportiva entre o público leitor, mais até do que informá-lo sobre a ainda pouca actividade desportiva do País. Nesta altura, a prática desportiva estava praticamente confinada a Lisboa e ao Porto, principais centros urbanos onde a comunidade inglesa (impulsionadora de várias modalidades), os clubes e as elites desempenhavam o papel de pioneiros do desporto em Portugal, a que se juntava agora um novo aliado: a imprensa e os jornalistas-desportistas.

Na primeira página do número inaugural de *O Sport* de 12 de Fevereiro de 1897, o director Vieira D'Almeida assinava o texto «Sport», no qual reflectia sobre a importância do desporto no desenvolvimento da sociedade portuguesa, defendendo que era «necessário que todos se convençam da grande utilidade

5 Ambos assinavam sob pseudónimo: Carlos Vieira D'Almeida assinava Solrac-Cavitos; e Artur dos Santos, Fre-Fly.

do *sport* e que trabalhemos para o seu engrandecimento. Avante *sportmen!*»⁶. No artigo dedicado ao «Football», modalidade que perdera algum fulgor, Artur dos Santos lamentava que «o português ainda não está afeiçoado ao *sport*, considerando-o como inútil.» Essa ideia de inutilidade à volta do desporto era ainda dominante na sociedade portuguesa, daí a necessidade da imprensa desportiva publicar textos doutrinários que contrariassem esse preconceito.

A aposta editorial de *O Sport* centrou-se nas modalidades da vela, ciclismo, ténis, atletismo e futebol, paixão do seu redactor-principal Artur dos Santos. O primeiro número foi bem recebido no meio jornalístico lisboeta, merecendo palavras de elogio na imprensa desportiva (*Velo Sport*) e na generalista (*Diário de Notícias*, *Tempo* e *Paiz*). O número dois, publicado a 19 de Fevereiro de 1897, recebeu a colaboração de vários nomes importantes do jornalismo lisboeta, como António Bandeira (assinava como *Chantilly*), Alberto Carlos Calleya (*Paulo Zitte*), Júlio Correia de Sá (*Clips*) e Chico Lisboa (*Semfim*), entre outros.

Mas, mais uma vez, esta publicação desportiva teria vida curta. Em 12 de Março de 1897 saiu o quarto e último número de *O Sport*, com uma capa dedicada ao mais famoso ciclista português da época, José Bento Pessoa. Nas oito páginas do jornal, a publicidade ocupava apenas meia página, com três anúncios de casas comerciais de Lisboa onde se podiam comprar artigos de ciclismo. A pouca publicidade e a falta de assinaturas estiveram na origem do fim da publicação. Um outro factor a ditar o desaparecimento de *O Sport* foi a falta de entendimento com o periódico *Velo Sport* (Lisboa, 1896), para uma fusão que permitisse reforçar os alicerces financeiros e editoriais do jornal. Segundo a direcção de *O Sport*⁷, a fusão só não foi possível devido aos proprietários do *Velo Sport* se terem recusado a assumir os compromissos inicialmente acordados, facto que levou a uma cisão entre as publicações. Este episódio foi um dos primeiros desentendimentos envolvendo periódicos desportivos, embora tenha constituído uma das primeiras tentativas de fusão de dois jornais desportivos, algo que passaria a suceder ocasionalmente ao longo das décadas seguintes.

A terceira investida na criação de um jornal generalista desportivo em Portugal aconteceu no ano seguinte, novamente em Lisboa, com a publicação

6 Solrac-Calvitos (1897, 12 de Fevereiro). *Sport*. *O Sport*, p. 1.

7 A Direcção (1897, 12 de Março). Declaração. *O Sport*, p. 2.

do número-programa da *Revista de Sport*, em 7 de Agosto de 1898. Dirigida por António Bandeira, com Garcia de Lima a editor, esta revista semanal apostava num noticiário desportivo variado (ciclismo, tiro, atletismo, futebol) e descentralizado (notícias de Braga, Porto e Abrantes), mas sem noticiário do estrangeiro. Contudo, a publicidade resumia-se a meia página, das quatro publicadas, com três pequenos anúncios dedicados às bicicletas «Peugeot», «Raleigh» e ao Casino de Cascais. Apesar da excelente direcção e do prestigiado grupo de colaboradores, só saiu este número-programa, o que ilustra a instabilidade em que vivia a imprensa desportiva portuguesa.

Durante este período, a longevidade das publicações desportivas generalistas era curta, ditada principalmente pela falta de leitores e pouca publicidade. O jornalismo desportivo, enquanto profissão⁸, era ainda inexistente, e grande parte dos jornalistas pertencia à elite portuguesa, podendo assim ter tempo para o desporto e para o jornalismo desportivo. Na sua maioria, os jornalistas eram desportistas e enveredavam pela criação de jornais como forma de promoverem as modalidades desportivas em que estavam envolvidos, contribuindo para a consolidação de uma ideia de desporto na sociedade portuguesa.

No final do século XIX, a actividade destes desportistas-jornalistas⁹ estava quase exclusivamente confinada aos centros urbanos de Lisboa e do Porto, isto apesar de existir prática desportiva noutras regiões. Entre 1894 e 1900 surgiram em Portugal 23 publicações desportivas, distribuídas entre jornais generalistas desportivos (6) e jornais desportivos de especialidade: tauromaquia (9), ciclismo (5), tiro (1), pedestrianismo (1) e caça (1). Destes 23 periódicos desportivos, 19 tiveram origem em Lisboa e, somente, 3 no Porto. A excepção a este centralismo dos dois principais centros urbanos foi *O Toureiro*, lançado na Ilha Terceira, nos Açores, no domingo, 8 de Abril de 1894. Com o preço de 50 réis e quatro páginas dedicadas à tauromaquia, a justificação para o seu surgimento prendia-se com o facto da Ilha Terceira ser «a única dos Açores cujos filhos são *aficionados* apaixonadíssimos das lutas tauromáquicas

8 Sobre a evolução profissional do jornalista, cf. Miranda, P. (2005). *O jornalismo em Portugal: elementos para a arqueologia de uma profissão (1865-1925)*. Tese de doutoramento não publicada, Universidade de Évora, Évora.

9 O conceito e o papel do desportista-jornalista, durante os primórdios do desenvolvimento do desporto na era contemporânea, tem gerado alguns estudos, sobretudo nos EUA. E.g. os trabalhos de Zachary Jack, do North Central College, sobre o conceito de «participatory sportswriting», segundo o qual o jornalista/escritor desportivo não se limitava a relatar, participando/organizando também as actividades desportivas.

e é isso devido a ser ela também a única que apresenta grandes criações de gado bravo»¹⁰. As notícias publicadas variavam entre acontecimentos locais (dos Açores) e nacionais, com alguns artigos doutrinários sobre a história da tauromaquia. Apesar do conteúdo noticioso cuidado, que incluía referências a Espanha, *O Toureiro* não foi além do primeiro número.

3. Tauromaquia, a principal especialidade

Apesar da curta duração do periódico açoriano *O Toureiro*, com apenas um número publicado, o panorama geral dos nove jornais de tauromaquia que surgiram em Portugal entre 1894 e 1900 (ver Tabela 1) demonstrou que esta era uma área jornalística com sustentabilidade noticiosa e económica. Tal como sucedera nos primórdios do jornalismo desportivo, entre 1875 e 1893¹¹, a tauromaquia manteve-se como a principal actividade geradora de publicações desportivas até ao final do século XIX.

Tabela 1

Periódicos Tauromáquicos Criados entre 1894 e 1900

Titulos	Número de edições
<i>A Arena</i> (Lisboa, 1900-1904), periódico semanal noticioso e de crítica tauromáquica	103
<i>Sol e Sombra</i> (Lisboa, 1894-1895), semanário sem «predilecções nem facciosismos» ¹²	60
<i>A Tourada</i> (Lisboa, 1894), revista semanal noticiosa e imparcial	31
<i>O Echo</i> (Lisboa, 1894-1895), revista quinzenal «sem política» ¹³	25
<i>O Campo Pequeno</i> (Lisboa, 1895-1896), semanário tauromáquico e teatral	23
<i>A Lide</i> (Lisboa, 1897), semanário da «máxima imparcialidade e liberdade de acção» ¹⁴	13
<i>Toureiro Clássico</i> (Lisboa, 1895), revista semanal tauromáquica peninsular	8
<i>Revista Taurina</i> (Lisboa, 1897), semanário ilustrado	1
<i>O Toureiro</i> (Ilha Terceira, 1894), primeira folha noticiosa tauromáquica nos Açores	1

Na base desta preponderância de títulos tauromáquicos esteve a ideia de mudança e renovação à volta de uma actividade que atravessava uma fase decadente. Em geral, os editoriais do primeiro número dos jornais tauromáquicos reflectiam esse mesmo objectivo e estado de espírito.

10 A Empresa (1894, 8 de Abril). O nosso programa. *O Toureiro*, p. 1.

11 Neste intervalo de tempo surgiram 12 jornais: tauromaquia (5), ginástica (4), caça (2) e ciclismo (1).

12 Costa, F. (1894, 2 de Abril). Sol e sombra. *Sol e Sombra*, p. 1.

13 A Redacção (1895, 24 de Março). Passaportes. *O Echo*, p. 1.

14 A Redacção (1897, 27 de Maio). A Redacção. *A Lide*, p. 1.

O nosso fim é, único e exclusivamente, vir trabalhar com ardor em prol da nobre arte de montes. Engrandecê-la, tirá-la do pesado letargo em que tem jazido, devido à pouca vontade e insensatez de quem facilmente a podia fazer erguer. (A Redacção (1894, 1 de Abril). Duas palavras. *A Tourada*, p. 1.)

Bem necessário é, neste momento, que quantos por dever profissional, por interesse ou afeição prezam esta arte, reúnam os seus esforços para levantar as nossas touradas da decadência a que desceram.

(A Redacção (1894, 2 de Abril). Sol e sombra. *Sol e Sombra*, p. 1)

Empreendemos esta empresa como bons *aficionados*, queremos o engrandecimento da tauromaquia, desejamos despertar do letargo em que jazem os poucos artistas que possuímos.

(A Redacção (1895, 14 de Abril). Por bom caminho. *Toureiro Clássico*, p. 2.)

Os jornais tauromáquicos pretendiam engrandecer a tauromaquia a dois níveis: promover a modalidade de forma a potenciar o surgimento de mais toureiros em Portugal e melhorar a qualidade crítica do público através de artigos de fundo sobre o tema. Periódicos como *A Tourada*, *Sol e Sombra* e *A Arena* publicaram análises profundas sobre o estado da tauromaquia. No entanto, as visões apresentadas geralmente por um periódico eram severamente criticadas pelos outros jornais tauromáquicos ou pelos jornalistas que colaboravam nas secções desportivas dos jornais generalistas, gerando mesmo disputas acesas durante várias edições. Em Maio de 1894, *A Tourada* atacou o jornal generalista *Folha do Povo* (Lisboa, 1881) por um dos seus proprietários ter sugerido a transformação da Praça de Touros do Campo Pequeno, em Lisboa, numa escola de toureio. Em Abril e Junho de 1895, foi a vez da revista semanal *Toureiro Clássico* se insurgir contra as secções de tauromaquia de *O Século* e da *Folha do Povo* pela sua manifesta falta de qualidade crítica.

Nos anos seguintes, este clima de guerrilha editorial entre jornalistas tauromáquicos manteve-se, com realce para as contendas entre *A Lide* e *Toureiro Clássico* em Junho de 1897¹⁵ e entre *A Arena* e a secção

15 O *Toureiro Clássico* acusou *A Lide* de não defender os toureiros portugueses, preferindo enaltecer a arte espanhola de toureio. *A Lide* ripostou, lançando suspeições sobre a credibilidade e isenção do jornal.

tauromáquica de *O Século* em Agosto de 1900¹⁶. A generalidade dos periódicos tauromáquicos era propriedade de particulares¹⁷ que muitas vezes tinham interesses económicos no sector. Esta condicionante retirava isenção e objectividade aos jornais, frequentemente utilizados para promover determinados toureiros, ganadarias e praças de touros.

Este clima de animosidade contribuiu várias vezes para a supressão dos próprios periódicos. Um dos casos mais badalados foi *A Tourada*, jornal que cessou actividade em Outubro de 1894. Após a extinção, e saldadas as dívidas, um dos proprietários, Romão Gomes, enviou uma carta aos vários jornais tauromáquicos onde explicava que «o motivo que o levou a acabar com o jornal foi o ter recebido grande número de cartas anónimas e injuriosas para a sua honra e a da sua família»¹⁸. A revista taurina *O Echo* fez menção da carta na edição de 7 de Julho de 1895, aproveitando para dar um conselho exemplificativo da sensibilidade da época: «Sentimos que o nosso amigo não quebrassemos antes os dentes aos caluniadores.»¹⁹

A imprensa tauromáquica portuguesa entre 1894 e 1900, apesar desta vertente problemática e quezilenta, apresentou também facetas inovadoras no domínio do próprio jornalismo. Entre os nove periódicos tauromáquicos publicados neste período, três deles sobressaíram por diferentes motivos:

1. A revista taurina *O Echo* (Lisboa, 1894-1895) obteve grande sucesso, aliando um preço baixo (10 réis) a uma linha editorial de qualidade. A capa surgia sempre com uma fotografura de um toureiro ou de um cavaleiro em pose. A publicação de uma imagem, ao centro, na primeira página, era comum nos periódicos da época, mas *O Echo* foi inovador pela qualidade das imagens, graças à colaboração mantida com um atelier de Sevilha, onde mandava fazer os trabalhos em foto-zinco gravura²⁰, técnica de ponta no campo da impressão.

16 Em Agosto de 1900, as habituais crónicas tauromáquicas das segundas-feiras publicadas em *O Século* passam a ser assinadas por um novo colaborador, sob o pseudónimo de Zé Calvo. *A Arena* foi visada várias vezes por este crítico tauromáquico, obrigando mesmo o jornal a responder duramente às críticas, como sucedeu em 19 de Agosto de 1900, pelo director João Barata, no artigo «Substituto-imbecil».

17 Entre o leque de proprietários de jornais tauromáquicos destacaram-se Augusto Rato (*A Tourada*), Florindo d'Almeida (*O Echo*), Silva Rollo (*Toureio Clássico*) e Henrique Pinto de Amaral (*A Arena*).

18 A Redacção (1895, 7 de Julho). Recebemos uma carta. *O Echo*, p. 4.

19 Idem, ibidem.

20 Uma das capas que melhor ilustra esta técnica é a da edição n.º 20, de 7 de Abril de 1895, com a fotografura do toureiro espanhol Sebastian Silvan (conhecido como Chispa).

2. O jornal *A Lide* (Lisboa, 1897), dirigido por três críticos tauromáquicos que assinavam sob o pseudónimo de «Eu, Elle & Outro», publicou artigos de opinião de excelente qualidade, não se coibindo em apontar os aspectos negativos à volta da tauromaquia e do próprio País. Um dos melhores exemplos foi o artigo «Decadência», publicado na primeira página do número 13, de 25 de Julho de 1897, em que o redactor «Elle» investiu contra o estado da nação: «Desgraçada pátria! Pobre Portugal!... Onde estão os teus filhos, que sacrificavam tudo, com tanto que a sua terra, o seu berço, fosse conservado como uma relíquia santa?» A desilusão do cronista levou-o a definir Portugal como «a casa de um fidalgo arruinado, onde cada qual faz o que entende e tudo vai bem.» Esta acutilância motivou o fim prematuro de *A Lide*, que não publicaria mais números.

3. O semanário *A Arena* (Lisboa, 1900-1904) contribuiu decisivamente para a consolidação de uma imprensa tauromáquica isenta, objectiva e doutrinal. Lançado em 18 de Março de 1900, reuniu à sua volta sete dos mais importantes críticos tauromáquicos portugueses²¹, sobressaindo o nome de Santos Júnior²² (conhecido como Santonillo). Entre Março de 1900 e Abril de 1904, *A Arena* alargou o leque de colaboradores a mais de duas dezenas, com um correspondente em Madrid, e diversificou os enfoques jornalísticos, chegando mesmo a dedicar a primeira página à tauromaquia feminina, por ocasião da actuação na Praça de Touros do Campo Pequeno, em Lisboa, de várias toureiras catalãs, em 14 de Setembro de 1902.

O noticiário internacional publicado nos periódicos tauromáquicos portugueses era habitualmente dominado por notícias de Espanha, com vários jornais a contarem com correspondentes em Madrid, Barcelona, Saragoça, Valência e Sevilha. Os jornais portugueses e espanhóis de tauromaquia faziam também permuta das edições, republicando artigos e mencionando notícias uns dos outros, citando geralmente a fonte original.

21 Começou com sete críticos tauromáquicos de prestígio, cujos nomes apareciam no cabeçalho: Santos Júnior (Santonillo), Egdio d'Almeida, António Barros (Zé Pampilho), José Pinto de Campos (Vara-Larga), João Monteiro, Ricardo de Sousa (Ariel) e Eduardo de Faria. Em Setembro de 1902, o número de colaboradores citados no cabeçalho aumentara para 21.

22 José Maria dos Santos Júnior foi um dos mais reputados jornalistas tauromáquicos portugueses, colaborando na *Vanguarda*, *A Tarde*, *Dia* e *Correio da Noite*. Director de *A Arena* em 1902, Santos Júnior publicou os livros tauromáquicos *Guerrita*, *o Maestro* e *Passes de Castigo*. Foi com ele que *A Arena* abriu a rubrica de biografias ligadas ao mundo da tauromaquia portuguesa, iniciada no n.º 3 de 8 de Abril de 1900.

El Arte Taurino (Sevilha), *Toreo Zaragozano* (Saragoça), *El Toreo* (Valência), *La Lidia*, *La Divisa*, *El Látigo*, *El Toreo* (Madrid), *Pan y Toros*, *El Arte de Los Toros*, *Bilbao Taurino* (Bilbau), *El Tío Jindama*, *El Chiquero* e *Lide* foram alguns dos periódicos espanhóis que serviram de fonte de informação aos jornais tauromáquicos portugueses entre 1894 e 1900. As notícias sobre Espanha apresentavam usualmente um atraso de duas semanas em relação ao acontecimento, demora essa que aumentava para três semanas quando a notícia se referia à tauromaquia no México (país onde a tauromaquia tinha um considerável peso social), servindo de principal fonte de informação os jornais mexicanos *La Aficion* (criado em 1830), *El Arte de La Lidia* e *El Universal*.

Além de Espanha e México, as notícias sobre França eram igualmente comuns nas secções²³ internacionais dos jornais tauromáquicos portugueses, sendo geralmente retiradas dos jornais *Le Toro*, *Le Toreo Franco-Español*, *El Picador*, *La Corrida* e *Journal du Midi*, editados nas regiões francesas onde a tauromaquia se popularizara.

4. Imprensa velocipédica no final do século XIX

Além da tauromaquia, desde finais da década de 1870 que a velocipedia vinha também granjeando popularidade. Os impulsionadores das primeiras competições²⁴ velocipédicas eram filhos de estrangeiros nascidos em Portugal, entusiasmados pelos progressos da modalidade em França, Alemanha e Inglaterra (Moreira, 1980: 17). A elite lisboeta, portuense e conimbricense envolveu-se activamente na difusão da velocipedia, permitindo o desenvolvimento da modalidade «em todas suas facetas: recreio, turismo, transporte e competição» (Moreira, 1980: 17).

Na primeira metade da década de 1890, a velocipedia começou gradualmente a penetrar nos poucos clubes desportivos já existentes, como sucedeu em 1891 no Real Ginásio Clube²⁵. Precisamente nesta altura, a velocipedia portuguesa entrou na sua fase associativa, surgindo o Real Clube

23 E.g. o jornal *A Tourada*, publicado entre Abril e Outubro de 1894, apresentava regularmente as secções «Touradas no Estrangeiro» e «Pelo Estrangeiro», dedicadas exclusivamente ao noticiário internacional. Este tipo de secções era apanágio de todas as publicações do género.

24 A modalidade progrediu rapidamente e foi com toda a naturalidade que em 7 de Maio de 1885 se realizaram as primeiras provas oficiais em Portugal, no Hipódromo de Belém, em Lisboa.

25 Após a Implantação da República, em 1910, adoptou a designação Ginásio Clube Português.

Velocipédico de Portugal, o Real Velo Clube do Porto, o Real Velo Clube de Lisboa, o Ciclo Clube de Coimbra e o Clube Velocipedista do Porto. Foi ligada a esta última agremiação que surgiu, em 1893, a já citada revista quinzenal *O Velocipedista*, primeiro periódico sobre ciclismo publicado em Portugal. Em 15 de Fevereiro de 1894, ao comemorar o primeiro aniversário, esta revista portuense sumariou os obstáculos com que se debatiam os periódicos, num «meio literário acanhadíssimo e pouco ávido de leituras»²⁶ como era o português.

Às dificuldades de expansão junta-se a carência de pessoal colaborador; ao natural retraimento do público, fatigado de leituras muitas vezes inúteis, junta-se a falta, cada vez mais sensível, dos elementos de atracção que lá fora sobram e em Portugal tanto escasseiam, como sejam, entre outros, os que provêm dum grande progresso nas artes do desenho, gravura, fotografia, estereotipia, etc.

(A Redacção (1894, 15 de Fevereiro). Primeiro aniversário. *O Velocipedista*, p. 1)

A 1 de Maio de 1895, no editorial de apresentação de *A Bicycleta*²⁷ (Lisboa, 1895), segundo periódico sobre ciclismo publicado em Portugal, o director Bettencourt Raposo acrescentava dois outros «empecilhos»²⁸ à criação de jornais desportivos: «Sendo mais que certo que o papel se arrisca a não dar senão excelentes prejuízos pecuniários, a direcção literária tem de ser gratuita»²⁹. A condição de trabalhar de forma gratuita colidia com a necessidade de publicar regularmente um periódico, causando por isso intermitências na sua saída. Além disso, o cargo de director, normalmente, era assumido por alguém que desempenhava outra profissão mais rentável que o jornalismo, que no caso de Bettencourt Raposo era a medicina.

A este rol de inconvenientes à volta da criação e manutenção dos jornais de ciclismo, tem que se acrescentar o ambiente quezilento entre os próprios jornalistas, a exemplo do que sucedera na tauromaquia. O primeiro duelo entre periódicos envolveu desde logo os dois precursores do jornalismo velocipédico português, *O Velocipedista* e *A Bicycleta*, que em Agosto de 1895 se

26 A Redacção (1894, 15 de Fevereiro). Primeiro aniversário. *O Velocipedista*, p. 1.

27 O proprietário era José Beirão, ligado à empresa Santos Beirão & C.ª, representante em Lisboa de várias marcas de bicicletas (que custavam em média entre 85\$000 e 100\$000 réis).

28 Raposo, B. (1895, 1 de Maio). Fugitiva apresentação. *A Bicycleta*, p. 1.

29 Idem, *ibidem*.

enredaram numa troca azeda de palavras por causa do recorde de tempo entre Paris e Lisboa estabelecido pelo jovem ciclista francês Maurice Damour. Insultos e injúrias pessoais, acusações de chantagem e favorecimentos editoriais foram algumas das questões esgrimidas nas páginas das duas revistas de velocipedia. Ambas publicações cessaram actividade em 1895, apresentando dificuldades económicas intransponíveis, causadas principalmente pelo reduzido número de assinaturas e pela pouca publicidade³⁰.

As dificuldades financeiras com que se debatiam as publicações desportivas em Portugal ditavam quase sempre uma efémera existência³¹, como sucedeu com as revistas velocipédicas *O Velo-Sport*³² (Lisboa, 1896) e *O Sport «Velo»*³³ (Lisboa, 1897), ambas envolvidas também em troca de acusações e conflitos editoriais.

No entanto, este espectro de dificuldades à volta dos periódicos velocipédicos não impediu que algumas publicações conseguissem permanecer mais tempo em actividade, casos do *Boletim do Photo-Velo-Club*³⁴ (Porto, 1899-1900) e *O Cyclista* (Lisboa, 1900-1902). Este último título retomou o legado deixado pelo *O Velocipedista*, quer em termos de qualidade editorial quer no campo da propaganda do fenómeno desportivo.

Dirigido por Augusto Rato, com Décio Carneiro a redactor-editor, *O Cyclista – Revista Ilustrada de Sport* saiu pela primeira vez em 9 de Dezembro de 1900, ao preço de 20 réis. No editorial «Primeira pedalada», publicado na capa, o director Augusto Rato explicou que o periódico vinha preencher «uma lacuna», mas para ter êxito necessitava em primeiro lugar do «apoio e auxílio de todos os ciclistas e demais pessoas que se interessem por todo o género de

30 Os primeiros números costumavam apresentar vários anúncios publicitários, diminuindo a sua frequência ao longo do tempo. E.g. *A Bicycleta* publicou três páginas completas de publicidade no número um (de 16 páginas), em 1 de Maio de 1895, variando esses anúncios entre meia página (da Casa Memória – Velocipedes, em Lisboa) e pequenos anúncios de duas a três linhas (o custo de cada linha era de 60 réis). O custo da assinatura anual desta revista quinzenal era de 1\$200 réis (50 réis cada número).

31 Em geral, os periódicos não passavam dos seis números, durando entre um e três meses.

32 Estreou-se a 22 de Novembro de 1896, encontrando-se à venda em várias tabacarias e quiosques lisboetas ao preço de 25 réis. Revista de formato pequeno (22x15), *O Velo-Sport* era propriedade de Ignacio Lima e Carlos Portela, sendo impressa da Tipografia de J. da Costa Braga (também colaborador).

33 Um diferendo com a direcção de *O Velo-Sport* levou o tipógrafo e jornalista J. da Costa Braga a afastar-se do periódico e a lançar a 14 de Janeiro de 1897 a revista *O Sport «Velo»*, copiando o mesmo aspecto gráfico e estrutura de *O Velo-Sport*. Um dos principais colaboradores da nova revista foi Félix Bermudes, reputado jornalista desportivo.

34 Tratou-se de uma revista mensal ilustrada, dedicada à bicicleta, fotografia e pintura. Propriedade do Photo-Velo-Club, do Porto, publicou-se entre Agosto de 1899 e Dezembro de 1900.

sport», alertando para o facto de só «unidos e pondo de parte divergências entre a família sportiva, se pode conseguir muito a favor de todos.» Além da velocipedia, a linha editorial alargava-se também a notícias nacionais³⁵ e internacionais de «todos os géneros de *sport*»³⁶, procurando tornar a revista «o mais completa possível».

O conteúdo noticioso publicado no primeiro número de *O Cyclista* centrou-se em acontecimentos velocipédicos ocorridos em Lisboa e no Porto, nos meses que precederam a estreia do periódico, chegando mesmo a publicar notícias com três meses de atraso. Quanto ao noticiário internacional, a revista publicou um artigo do correspondente em Barcelona, que assinava com o pseudónimo de Pedal, e diversas notícias breves³⁷ de ciclismo em Espanha e França, extraídas de publicações internacionais (*Los Deportes*, de Barcelona; *Le Journal* e *L'Auto-Vélo*, de Paris). Com edições nos dias 10, 20 e 30 de cada mês, as assinaturas de *O Cyclista* tinham preços diferentes em função do assinante residir em Lisboa (200 réis por 10 números) ou nas «Províncias»³⁸ (300 réis por 10 números) – a diferença devia-se aos custos do correio.

A promoção do desporto foi uma das principais facetas de *O Cyclista*, que além de dedicar espaço noticioso a outras modalidades, publicava na capa fotografias de ciclistas e de outros intervenientes no desenvolvimento do desporto. O primeiro jornalista a merecer essa honra foi Anselmo de Sousa³⁹, na edição de 6 de Janeiro de 1901, seguindo-se um vasto leque de prestigiados jornalistas e colaboradores: Carlos Callixto⁴⁰, Silva Pinto Júnior⁴¹,

35 Embora no primeiro número só tivesse publicado notícias de Lisboa e Porto, na edição seguinte, de 20 de Dezembro de 1900, apresentava notícias de outros locais (Figueira da Foz, Vila Franca de Xira).

36 No número 2, de 20 de Dezembro de 1900, *O Cyclista* publicou notícias de futebol, tiro, caça e patinagem, confirmando assim uma tendência noticiosa que se manteria ao longo das edições seguintes.

37 Na página dois ressaltavam duas notícias breves sem autor: «Reportagem em automóveis», sobre o facto do diário parisiense *Le Journal* ter estreado um serviço especial de automóveis para os repórteres encarregados das notícias de última hora; e «Carlos Callixto», para assinalar o facto deste jornalista ter sido nomeado correspondente em Portugal do importante diário desportivo parisiense *L'Auto-Vélo*.

38 Termo utilizado no cabeçalho do periódico. Cf. Edição n.º 1, 9 de Dezembro de 1900, p. 1.

39 Fundador do jornal *O Tiro Civil*, em 1895, colaborou em várias publicações e ajudou a criar diversas estruturas desportivas (a carreira de tiro de Lisboa) e associativas (Associação dos Atiradores Civis Portugueses e UVP).

40 Foi um dos principais jornalistas desportivos da sua geração. Nascido em Serpa, em 3 de Março de 1863, iniciou a carreira jornalística em 1885, colaborando com *O Século*, *A Vanguarda*, *Debate* e *Pátria*, entre outros. Callixto destacou-se nas páginas de *O Tiro Civil* e *Tiro e Sport*, ajudando a fundar a UVP. Em 15 de Junho de 1913, por ocasião do seu falecimento, Raul Nunes escreveu no *Tiro e Sport*: «Com a sua morte perdeu o jornalismo sportivo uma das suas mais eminentes figuras».

41 Joaquim Ventura da Silva Pinto Júnior fundou os jornais desportivos *A Mariposa*, *O Campeão* e o *Sportivo*. Teve um papel activo no Real Velo Club do Porto e na organização de diversas provas ciclistas.

Costa Campos⁴², Olyntho Muaze⁴³, Alberto Calleya⁴⁴ e Eugénio d'Aguiar⁴⁵.

Este espírito propagandístico à volta do fenómeno desportivo manteve-se nas páginas de *O Cyclista* ao longo dos seus quase dois anos de existência⁴⁶, desferindo muitas vezes acutilantes ataques ao estado decadente em que o País se encontrava. Uma dessas investidas foi feita por Anselmo de Sousa na edição de 11 de Abril de 1901, onde lamentava profundamente que a educação física e intelectual fossem consideradas «filhas bastardas num país onde floresce o obscurantismo como em estufa mimosa»⁴⁷. A desilusão do jornalista prendia-se também com o facto do desporto continuar ausente do ensino: «Se é lastimável que num país de 5 milhões de habitantes haja 4 milhões de analfabetos, profundamente desolador é que os exercícios que preparam a educação física não figurem nos programas das nossas escolas.»⁴⁸

A imprensa desportiva sofria colateralmente com esta ausência de cultura desportiva do povo português, faltando-lhe público leitor e assinantes suficientes para assegurar estabilidade económica. Em 20 de Fevereiro de 1902, Henrique Loureiro afirmou na capa de *O Cyclista* que a imprensa desportiva em Portugal se encontrava «num grau de infância manifesta»⁴⁹. Mas num futuro próximo este género de imprensa poderia atingir «um brilho de prosperidade como ainda não teve»⁵⁰, se conseguisse conquistar «novos adeptos a essa indiferença tão malevolamente contagiosa»⁵¹ que assolava a sociedade portuguesa.

O ciclismo não conseguiu contrariar essa «indiferença» da sociedade portuguesa perante o fenómeno desportivo, embora tenha conquistado novos

42 Na edição de 14 de Abril de 1900 assumiu o cargo de redactor-principal de *O Cyclista*. Arquitecto de profissão, Costa Campos colaborou com vários jornais na área do ciclismo e integrou a direcção da UVP.

43 Director e administrador do jornal *O Campeão*, Olyntho Muaze foi uma das poucas figuras do jornalismo desportivo que reuniu consenso. Director do Real Velo Club do Porto, foi um dos nomes que mais promoveu o ciclismo.

44 Alberto Carlos Calleya ficou conhecido pelo pseudónimo de Paulo Zitte, começando por se destacar na coluna desportiva do jornal generalista *Tempo*. Durante a década de 1890, Calleya foi correspondente do periódico madrileno *El Veloz Sport* e teve a seu cargo várias secções de desporto de jornais generalistas. Foi um dos fundadores da UVP e o principal mentor das famosas provas ciclistas de 100 quilómetros.

45 Foi um dos pioneiros do ciclismo em Castelo Branco, contribuindo para a promoção da modalidade na Beira Interior. Foi um exímio ciclista, sendo escolhido para delegado da UVP e para colaborador de vários jornais, como *O Cyclista*.

46 Publicou-se entre 9 de Dezembro de 1900 (n.º 1) e 30 de Agosto de 1902 (n.º 78).

47 Sousa, A. (1901, 11 de Abril). Educação physica. *O Cyclista*, p. 2.

48 Idem, ibidem.

49 Loureiro, H. (1902, 20 de Fevereiro). A imprensa e o sport. *O Cyclista*, p. 1.

50 Idem, ibidem.

51 Idem, ibidem.

adeptos, mas não suficientes para consolidar e estabilizar financeiramente os periódicos velocipédicos. Uma das grandes diferenças em relação ao que sucedia no estrangeiro prendia-se com o facto dos ciclistas europeus estarem, habitualmente, ligados a um clube e subscreverem um jornal de especialidade, enquanto que em Portugal «apenas os carolas pelo ciclismo observam à risca esta regra»⁵², o que limitava as tiragens e consequentemente a expansão e sobrevivência dos periódicos desportivos no final do século XIX.

5. Longevidade chega com o tiro e a caça

Durante a década de 1890, a duração temporal das publicações foi quase sempre curta, não indo, algumas vezes, além do primeiro número, sendo raros os periódicos que conseguiram manter-se em actividade vários anos. Mesmo as publicações que nasciam no seio de clubes e associações tinham dificuldades em fidelizar assinantes, principal forma de venda de um jornal nesta altura. Em 1898, em Lisboa, o Club Sports Atlético lançou *O Pedestrianismo*, uma revista mensal, dirigida por Carlos Vieira d'Almeida, dedicada ao desporto pedestre e ao atletismo. Apesar do seu pioneirismo, não passou do número inaugural de 8 de Maio, sucumbindo às dificuldades económicas inerentes ao elevado preço do papel e ao custo da impressão.

Apesar dos insucessos, o nascimento de um periódico desportivo no seio de uma associação ou clube garantia à partida um grupo de assinantes que, embora fosse habitualmente pequeno, constituía o primeiro pilar de sustentação económica do jornal, assim como uma fonte profícua de divulgação e colaboração jornalística. Um dos primeiros periódicos desportivos a conjugar estes factores com sucesso foi *O Tiro Civil*, órgão semanal da Associação dos Atiradores Cívicos Portugueses, lançado em Lisboa a 7 de Março de 1895, ao preço de 50 réis. O grupo inicial de colaboradores, mais de 20, era formado essencialmente por altas patentes militares, como Luís Augusto Pimentel Pinto (coronel de Cavalaria, ministro e secretário de Estado dos Negócios da Guerra), Almeida Botelho (major do Estado Maior), António Sousa Machado e Nicolau Raposo Botelho (majores de Infantaria), Piedade Rollo e Pinto de Magalhães (tenentes de Infantaria), entre outros. Com experiência

⁵² Idem, *ibidem*.

jornalística destacavam-se Fraga Pery (jornalista), Francisco Guilherme de Sousa (agrónomo e jornalista) e Palermo da Fonseca Faria (funcionário público e jornalista). Entre os colaboradores iniciais sobressaíam dois outros nomes, o Visconde de Ouguella (sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa) e Luís Feliciano Marrecas Ferreira (major de Engenharia e lente da Escola do Exército), ambos excelentes cronistas político-desportivos⁵³.

A linha editorial de *O Tiro Civil* foi claramente definida no artigo «A nossa intenção», publicado na capa do número inaugural de 7 de Março de 1895, em que os directores afirmavam ser «absoluta e completamente dedicados ao fim especial de dar notícias e informações que digam respeito ao tiro, à esgrima, à ginástica, à caça, conservando-nos estranhos a toda e qualquer política».

Apesar desta tomada de posição, durante a sua publicação, entre 1895 e 1903, *O Tiro Civil* foi o jornal desportivo português com a mais incisiva linha editorialista sobre a política nacional e internacional. Logo no primeiro número, ao lado do editorial em que vincava a sua isenção política, *O Tiro Civil* publicou o artigo «A Guerra», em que o cronista Visconde de Ouguella discorreu sobre o conceito político de «paz armada»⁵⁴ que dominava as relações internacionais.

Além desta temática internacional, diversas vezes abordada⁵⁵ neste período, as páginas de *O Tiro Civil* espelhavam também a militarização⁵⁶ das sociedades e os recorrentes conflitos armados, em especial a contenda anglo-boer⁵⁷, na África do Sul. Entre Outubro de 1899 e Agosto de 1900, o cronista Fernandes Costa publicou na capa de *O Tiro Civil* uma série de artigos de opinião, sob o título «O Transvaal», em que atacava a política externa inglesa,

53 A partir do fenómeno desportivo, os cronistas faziam considerações sobre a política nacional e internacional. Estes dois nomes destacaram-se neste género de crónica político-desportiva durante a segunda metade da década de 1890 nas páginas de *O Tiro Civil*. E.g. Ferreira, L.F.M. (1899, 15 de Julho). A guerra. *O Tiro Civil*, p. 1; Ouguella, V. (1895, 7 de Março). A guerra. *O Tiro Civil*, p. 1.

54 Ouguella, V. (1895, 7 de Março). A guerra. *O Tiro Civil*, p. 1. Este conceito assentava no princípio da militarização da sociedade europeia de forma a assegurar a paz.

55 E.g. Faria, P. (1896, 17 de Dezembro). O tiro nacional. *O Tiro Civil*, p. 1.

56 E.g. Faria, P. (1896, 29 de Outubro). Os batalhões escolares e o tiro civil. *O Tiro Civil*, p. 1; Faria, P. (1896, 12 de Novembro). O tiro nacional. *O Tiro Civil*, p. 1.

57 A Grã-Bretanha, potência colonizadora da África do Sul, tentou legalmente submeter os Bóer (de origem holandesa, habitavam a região do Transvaal), exigindo a sua naturalização e reduzindo-lhes os direitos. Os ingleses reforçaram o contingente militar na região do Cabo, de forma a pressionar os Bóers, que não se intimidaram, enviando em Outubro de 1899 um ultimato aos britânicos exigindo-lhes a retirada militar, o que não sucedeu. Entre 1899 e 1902, os Bóers enveredaram por uma estratégia de guerrilha, cujo sucesso colocou em dificuldades o Império Britânico.

apelidando-a de «brutal»⁵⁸, reflexo ainda da antipatia inglesa gerada em Portugal em consequência do Ultimato inglês de 1890.

Perante este cenário internacional, os cronistas de *O Tiro Civil*, em especial Palermo de Faria, apelavam constantemente a uma militarização⁵⁹ da sociedade portuguesa, em que os desportos de índole militar (em especial, o tiro e a esgrima) deviam entrar definitivamente no dia-a-dia dos portugueses, a exemplo do que sucedia no resto da Europa, com realce para França.

Outra temática política recorrente era a da decadência nacional, reflexo do período de crise económica, política e moral que o País atravessava na segunda metade da década de 1890. Geralmente, os artigos de opinião sobre a ideia de Portugal assentavam em duas ideias-chave⁶⁰: à glória do passado (Descobrimentos) contrapunha-se a decadência do presente; e à ideia do fim da história portuguesa opunha-se a da esperança num futuro melhor.

Em termos de noticiário desportivo, o alargamento a notícias sobre outras modalidades desportivas, além das de cariz belicista, aconteceu de forma gradual, acentuando-se essa tendência após os jornalistas Anselmo de Sousa e Palermo de Faria assumirem a propriedade e direcção de *O Tiro Civil* em Fevereiro de 1896. Nos anos seguintes, vários colaboradores de prestígio passaram a assegurar as secções de ciclismo (Magalhães Fonseca e Carlos Callixto), tauromaquia (E. d'A.), futebol (W.), caça (Olavrac e Zacharias d'Aça) e poesia desportiva (Bulhão Pato), entre outros. Boxe, cricket, pedestrianismo e náutica passaram também a contar com notícias regulares nas suas páginas. No Porto, o correspondente, que assinava com o pseudónimo de Pedal Chico, assegurava a cobertura da actividade desportiva do Norte do País. O noticiário desportivo internacional era habitualmente extraído de periódicos desportivos franceses, nomeadamente *L'Aviron* e *L'Auto-Vélo*.

Em Maio de 1899, o periódico efectuou alterações de fundo relacionadas com a nova estratégia editorial de alargamento definitivo dos conteúdos noticiosos, tentando assim aumentar as vendas e consolidar o projecto. No cabeçalho, *O Tiro Civil* deixou de se apresentar como «Órgão dos Atiradores Civis e Caçadores Portugueses» e passou a «Órgão do Sport Nacional»,

58 Costa, F. (1899, 1 de Novembro). *O Transvali*. *O Tiro Civil*, p. 1.

59 E.g. Faria, P. (1896, 20 de Fevereiro). *O Tiro Nacional*. *O Tiro Civil*, p. 1.

60 Estas ideias encontram-se em vários artigos do Visconde de Ouguella (e.g. Ouguella, V. (1895, 18 de Abril). *As colectividades*. *O Tiro Civil*, p. 1) e de Palermo de Faria (e.g. Faria, P. (1897, 18 de Março). *Sejamos portugueses*. *O Tiro Civil*, p. 1), entre outros.

aumentando o preço de capa para 60 réis e mudando a periodicidade de semanal a quinzenal. O jornalista José dos Santos Pedrozo Júnior assumiu o cargo de editor, sendo a impressão feita na oficina tipográfica A Liberal, na Rua de S. Paulo, n.º 216, em Lisboa. As mudanças tiveram eco no resto da imprensa, com a coluna desportiva de *O Século*, responsabilidade de Nicolau Florentino⁶¹ e uma das mais activas na promoção do desporto, a congratular-se⁶² com as transformações editoriais.

Na viragem do século, em Fevereiro de 1900, o periódico introduziu novas mudanças no cabeçalho, passando a designar-se «Revista de Educação Physica e Sport Nacional», destacando-se também os subtítulos: «Premiado com o Grande Diploma de Honra, na Exposição da Imprensa, Lisboa 1898» e «Órgão Oficial da União dos Atiradores Civis Portuguezes e Associação dos Caçadores Portuguezes». A direcção e propriedade mantinham-se nas mãos de Anselmo de Sousa que no final desse ano conseguiu assegurar o prestigiado jornalista Carlos Callixto para o cargo de secretário de Redacção.

Nos primeiros anos do século XX, *O Tiro Civil* passou a ser o órgão oficial de outras associações de classe – União Velocipédica Portuguesa⁶³ (UVP), Escola Nacional de Natação e Associação Protectora da Caça em Tempo de Defeso –, garantindo assim mais assinantes, divulgação e colaboradores. Essa ligação reforçou também a multidisciplinaridade dos conteúdos noticiosos, com *O Tiro Civil* a não se coibir em dar cobertura noticiosa a actividades desportivas menos populares, como sucedeu com o pedestrianismo, em Fevereiro de 1901, por ocasião da chegada a Lisboa do jornalista sérvio Michael Milovanovitch, redactor do jornal *Naht Novosti*, que partira de Belgrado em 5 de Abril de 1900, com apenas uma moeda de 20 réis no bolso, para percorrer a Europa a pé. A aventura do jornalista sérvio despertou a curiosidade e simpatia de *O Tiro Civil* que o acompanhou entusiasticamente durante a sua estadia em Portugal.

Apesar de ter sido fundado para «fazer a propaganda e defender a implantação do tiro nacional no nosso país»⁶⁴, *O Tiro Civil* caracterizou-se por

61 Assinava sob esse pseudónimo, mas o nome real era António Maria de Freitas.

62 A secção desportiva de *O Século* publicou várias referências elogiosas a *O Tiro Civil* em Maio de 1899, o que se devia em grande medida à amizade entre os redactores desportivos de ambas publicações.

63 Esta associação foi criada em Dezembro de 1899 por proposta de Anselmo de Sousa (director e proprietário de *O Tiro Civil*) e Magalhães Fonseca (colaborador de *O Tiro Civil*), ambos entusiastas da velocipedia. A propaganda que fizeram à modalidade, nas páginas de *O Tiro Civil* e nos diários, criou o ambiente necessário para a criação da UVP.

64 Sousa, A. (1903, 15 de Dezembro). Aos nossos leitores. *O Tiro Civil*, p. 2.

ser uma publicação desportiva multidisciplinar, promotora do desporto e da educação física⁶⁵. Em Dezembro de 1903, esta revista era «a mais antiga, a mais barata e de maior circulação»⁶⁶ que se publicava em Portugal. Essa estabilidade editorial permitiu-lhe abraçar definitivamente a sua tradicional ambição generalista, fundindo-se para isso com a *Revista de Sport*⁶⁷ (Lisboa, 1903), dando origem ao *Tiro e Sport* (Lisboa, 1904-1913). A aproximação de princípios e as semelhanças dos programas das duas publicações quinzenais, assim como a ambição (comum às duas direcções) de produzir um periódico desportivo que se equiparasse ao melhor que se fazia na Europa, permitiram uma das primeiras fusões de sucesso entre jornais desportivos.

Para além de *O Tiro Civil*, claramente o periódico desportivo mais importante na viragem de século, publicando 273 números entre Março de 1895 e Dezembro de 1903, só uma outra publicação conseguiu conciliar estabilidade editorial e longevidade no final do século XIX: o mensário *A Caça* (Lisboa, 1899-1914). Dirigida pelos médicos lisboetas José Paulo Cancellia e Henrique Anachoreta, esta revista saiu pela primeira vez em 15 de Agosto de 1899, com uma fotografia do rei D. Carlos na capa, empunhando uma caçadeira de dois canos. No editorial «O nosso programa», a direcção esclareceu que *A Caça* seria «ilustrada como as mais luxuosas publicações estrangeiras deste género e sairá ornada com os retratos dos mais distintos caçadores – sem excepção de classe.»⁶⁸

Ao preço de 200 réis cada número, *A Caça* contava inicialmente com um leque de 31 colaboradores (nenhum do sexo feminino), espalhados por todo o País (continente e colónias). Alguns deles possuíam já experiência no jornalismo venatório, como eram os casos de Zacharias d’Aça (Lisboa), Bulhão Pato (Costa da Caparica) e Alberto Pimentel (Lisboa). A revista apresentava também correspondentes em Espanha, França e Grã-Bretanha, destacando-se entre o leque de colaboradores estrangeiros os nomes dos espanhóis Eduardo de Lete (Saragoça), que no primeiro número de 15 de Agosto de 1899 assinou

65 Uma das capas que melhor ilustra a campanha em prol da educação física foi a de 1 de Fevereiro de 1903, com o artigo «Educação Physica», em que Palermo de Faria falou dos dilemas do desporto, e a fotografia de Anna Randolph Merritt, primeira mulher a conduzir automóveis em Portugal.

66 Sousa, A. (1903, 15 de Dezembro). Aos nossos leitores. *O Tiro Civil*, p. 2.

67 Nascida a 5 de Julho de 1903, esta revista quinzenal (publicava-se nos dias 5 e 20 de cada mês) tentou apresentar padrões editoriais e qualitativos próximos das melhores revistas europeias do género. Editaram-se 12 números e a 30 de Dezembro de 1903 anunciava a fusão com a outra publicação desportiva quinzenal existente, *O Tiro Civil*.

68 A Direcção (1899, 15 de Agosto). O nosso programa. *A Caça*, p. 2.

o artigo «Una sociedad modelo», e José Gutiérrez de la Vega (Madrid), ambos consagrados redactores da arte venatória.

Com os subtítulos de «Revista ilustrada do sport peninsular e da vida dos campos» e «Revista mensal ilustrada», *A Caça* centrou inicialmente o seu conteúdo noticioso na temática venatória, abrindo também as suas páginas à pesca e à tauromaquia. À medida que o leque de colaboradores foi aumentando (na edição mensal de Julho de 1901 contava com 62), a revista passou a dedicar maior atenção a outras modalidades, chegando a consagrar primeiras páginas à hípica (edição de Julho de 1900), ao rugby (Setembro de 1900) e ao ciclismo (Janeiro de 1901). Uma das inovações introduzidas por esta revista foi a publicação, no final de cada ano, de um volume (habitualmente com 200 páginas) que reunia todos os números publicados durante o ano. Cada um desses anuários era rubricado pela direcção e numerado, sendo vendidos nos primeiros anos (1899 e 1900) ao preço de cinco mil réis, uma soma elevada para a época.

Na viragem de século, *A Caça*, a par com *O Tiro Civil*, era o periódico desportivo português de melhor qualidade a nível gráfico (em 1900, era impresso na Typographia A. E. Barata, em Lisboa), aliando um excelente papel couché e uma boa impressão. Na sua maioria, as imagens publicadas eram enviadas pelos colaboradores ou provinham de periódicos estrangeiros⁶⁹ que autorizavam a sua reprodução. Estes atributos gráficos, juntamente com a qualidade dos textos, valeram-lhe um prémio na Exposição Universal de 1900, organizada em Paris, passando a apresentar no cabeçalho o subtítulo: «Premiada na Exposição Universal de Paris de 1900».

Manteve o seu elevado padrão de qualidade durante a primeira década do século XX, conseguindo sobreviver ao período revolucionário de 1910, apesar de ser uma revista nitidamente conservadora e conotada com as actividades das elites monárquicas. Durante os seus 15 anos de publicação, entre Agosto de 1899 e Junho de 1914, *A Caça* passou de 31 colaboradores para 145⁷⁰, assumindo-se como a publicação de referência sobre a actividade

69 Uma das áreas em que *A Caça* recorria a imagens de publicações estrangeiras era para ilustrar as várias espécies caninas, publicando frequentemente, nas edições de 1899 e 1900, fotografias cedidas pela *Kennel Gazette*, órgão informativo do clube inglês Kennel Club.

70 No seu último número, de Junho de 1914, apresentou na página dois uma lista com os 145 colaboradores, todos do sexo masculino, espalhados por todo o País (Abrantes, Águeda, Alcaíns, Alfândega da Fé, Alpiarça, Amarante, Angra do Heroísmo, Aveiro, Barcelos, Beja, Belmonte, Benavente, Braga, Campo Maior, Caparica, Castelo Branco,

venatória em Portugal, deixando pouco espaço para o surgimento de novos periódicos sobre caça.

6. Desporto, literatura, teatro e o caso Dreyfus

Em finais do século XIX, o conceito de «sport»⁷¹ estava em construção na sociedade portuguesa, sendo encarado como «um novo elemento de cultura» (Hasse, 1999: 308), dotado de uma estrutura que permitia aos jornalistas desportivos enquadrá-lo no âmbito da própria arte. Alguns periódicos de cariz literário-teatral passaram a incluir o desporto na sua linha editorial, como sucedeu com *A Estreia* (Lisboa, 1896)⁷² e o *Campeão Popular* (Lisboa, 1898)⁷³.

Entre 1894 e 1900 surgiram mesmo jornais que exploraram claramente esta nova linha editorialista, centrando-se exclusivamente numa arte (habitualmente literatura e/ou teatro) e no desporto. No domingo, 4 de Abril de 1897, publicou-se em Lisboa o primeiro número de *O Campeão*, que tinha como subtítulo «Revista Theatral e de Sport». A redacção era formada por quatro jornalistas (Jayme M. Coelho, Ricardo da Silva, Carlos de Sousa e Thomaz Bastos) e no editorial de apresentação deixavam claro ser um jornal «cujo fim único e exclusivo é tratar dos assuntos referentes à arte dramática e ao *sport*. Desapaixonadamente, livre de quaisquer compromissos, outra mira não tem que não seja a apreciação destas duas artes, tão diversas na sua origem, meios e fins.»⁷⁴

O número inaugural de *O Campeão*, que viria a ser também o único, apresentava quatro páginas, repartidas entre a «Secção de Sport» e a «Secção Theatral», sendo a capa dedicada ao mais importante ciclista português da

Chamusca, Coimbra, Condeixa, Coruche, Covilhã, Elvas, Escalos, Estarreja, Évora, Faro, Faial, Funchal, Fundão, Golegã, Idanha-a-Nova, Ladoeiro, Leça da Palmeira, Lisboa, Malpica, Marco de Canaveses, Moura, Niza, Penamacor, Ponte de Lima, Portalegre, Portel, Porto, Porto Santo, Santarém, Serpa, Sesimbra, Setúbal, Sintra, Torres Vedras, Vila do Conde, Vila Nova de Famalicão e Vila Verde), colónias (Lourenço Marques, Luanda, Macau e Quelimane) e estrangeiro (Genève, Londres, Madrid, Paris, Placência, Porto Alegre, Roma e Saragoça).

71 Sobre este conceito, no final do século XIX, cf. Hasse, 1999: 305-314.

72 Com o subtítulo de «semanário independente, litterário, theatral, tauromachico, etc.», publicou o primeiro número a 6 de Janeiro de 1896, sob a direcção de Júlio Afonso. As notícias de desporto eram da responsabilidade de Augusto Baptista e Carlos Cruz.

73 Dirigido por Augusto Bastos, saiu a 5 de Junho de 1898, com o subtítulo de «revista litteraria, theatral, tauromachica e sportiva».

74 A Redacção (1897, 4 de Abril). *O Campeão*. *O Campeão*, p. 2.

época, José Bento Pessoa, e a última página destinada a nove anúncios de publicidade. A secção desportiva foi preenchida pelo ciclismo e por notícias das actividades do Racing Club de Portugal e do Sport Club de Lisboa.

Esta fórmula editorial, de agregar desporto e arte na mesma publicação, seria também adoptada no Porto pelo periódico *A Mariposa*, lançado no domingo, 6 de Agosto de 1899, com o subtítulo «Semanário Litterario e de Sport». No editorial, publicado na capa, a redacção esclarecia que o seu objectivo era «tomar este jornal um órgão de *sport*, ao mesmo tempo que também possa ser lido por uma família na sua secção literária»⁷⁵. A velocipedia mereceu desde logo maior atenção, passando os números seguintes a incluir notícias de caça, tauromaquia, atletismo e ténis.

Uma das secções que granjearia bastante prestígio ao longo dos 13 números publicados de *A Mariposa*, cuja última edição saiu a 29 de Outubro de 1899, foi a «Chronica», coluna semanal assinada por Bento Izidro. Era uma espécie de editorial, em que o cronista portuense discorria essencialmente sobre assuntos desportivos, mas também de interesse geral. Na edição de 17 de Setembro de 1899, *A Mariposa* mostrou a sua repulsa perante as injustiças cometidas sobre o militar francês Dreyfus, caracterizando o capitão gaulês como «um inocente, mártir e vítima do jesuitismo de sotaina e farda»⁷⁶ e frisando que todo o caso «desperta em nós um brado de indignação contra esses juízes ferros, indignos, que nos transportam no fim do século dezanove aos tempos inquisitoriais e fazem a vergonha dum país com o maior ultraje dos tempos modernos à civilização humana.»⁷⁷

O caso Dreyfus ganhara dimensão internacional em 14 de Janeiro de 1898, quando Émile Zola publicou o artigo «J'accuse» no jornal *L'Aurore*, denunciando os oficiais do Estado-maior francês e os juízes que haviam incriminado injustamente o capitão Dreyfus. A descoberta da falsificação de um documento levou mesmo à abertura de um novo processo judicial, que terminaria com uma nova condenação – só em 1906 a sentença do Conselho de Guerra foi anulada e Dreyfus reabilitado⁷⁸. A luta contra as injustiças,

75 A Redacção (1899, 6 de Agosto). Aos nossos leitores. *A Mariposa*, p. 1.

76 Izidro, B. (1899, 17 de Setembro). Chronica. *A Mariposa*, p. 1.

77 Idem, ibidem.

78 O caso Dreyfus – erro judiciário e grave manipulação da justiça, com o objectivo de acusar o único oficial francês judeu de espionagem a favor da Alemanha – foi um dos primeiros exemplos da eclosão de manifestações de

independentemente da sua índole, foi um dos princípios fundadores da imprensa periódica desportiva portuguesa, sendo por isso natural a tomada de posição de *A Mariposa* relativamente ao caso Dreyfus. A mesma postura foi partilhada por *O Tiro Civil* que, em 15 de Julho de 1899, sublinhou que todo este processo «deve levar-nos a pensar, profundamente, nos vexames, nas torturas sem conta que habitualmente se praticavam sem uma imprensa que levantasse o grito de revolta, sem uma opinião pública que por todos os modos e formas deixasse assinalado o seu protesto.»⁷⁹

Este cariz doutrinário e intervencionista da imprensa periódica desportiva seria também apanágio da linha editorial de *O Campeão* (Porto, 1899), «semanário de litteratura, critica e de sport»⁸⁰ que sucedeu à *A Mariposa*. Na capa do número inaugural de 5 de Novembro de 1899, o novo periódico publicou a fotografia da portuense Hercilia Múaze a andar de bicicleta, acompanhada de um artigo em que um dos directores (Mário Rey) promovia a prática desportiva. A direcção de *O Campeão* integrava também Bento Izidro, que mantinha a popular secção «Chronica», e J. Costa Bastos, cabendo a edição a Alberto Gomes Monteiro.

As mudanças de *O Campeão* em relação à *A Mariposa*, além de abrangerem o título e a direcção, foram também gráficas, com o novo periódico a ter uma apresentação mais cuidada, passando a publicar regularmente, na primeira página, uma fotografia de uma personalidade importante do mundo do desporto ou da literatura, acompanhada da sua biografia. A secção «Notas de Sport» concentrava o noticiário desportivo e tinha por objectivo a publicação de «artigos doutrinários a par doutras notícias sobre *sport* em que se realçarão as suas vantagens para o levantamento da educação física entre nós.»⁸¹

A velocipedia foi a modalidade com mais cobertura noticiosa, o que se deveu em grande medida ao facto de *O Campeão* ser o órgão do Real Velo Club do Porto⁸² (RVCP) e, pouco depois, da União Velocipédica Portuguesa

irracionalismos até então desconhecidos. O problema do anti-semitismo crescia na sociedade francesa e europeia, articulando-se, na perfeição, com o nacionalismo exacerbado que se vivia na Europa.

79 Ferreira, M. (1899, 15 de Julho). A guerra. *O Tiro Civil*, p. 1.

80 Este era o subtítulo que *O Campeão* apresentava no número inaugural de 5 de Novembro de 1899.

81 A Redacção (1899, 5 de Novembro). Notas de Sport. *O Campeão*, p. 1.

82 Esta ligação causou alguns conflitos entre *O Campeão* e o jornal *O Cyclista* (Lisboa, 1900-1902), como sucedeu nos primeiros meses de 1901 por causa das notícias publicadas pelo correspondente portuense de *O Cyclista* sobre o RVCP, as quais *O Campeão* considerava de «falsas informações com as quais não vemos que ninguém lucre» (A.R. (1901, 8 de Janeiro). Resposta ao Cyclista. *O Campeão*, p. 2).

(UVP). Mas gradualmente o periódico portuense soube alargar a sua linha editorial a mais modalidades, como tiro, futebol e ténis, abrindo definitivamente as suas páginas, a partir de Novembro de 1900, a modalidades de menor expressão popular, como a patinagem, o cricket, o atletismo e os desportos náuticos.

Em finais de 1900, as notícias de desporto dominavam claramente sobre as de literatura, o que aliado ao facto de não existir no Porto nenhum jornal totalmente desportivo levou a que os proprietários Joaquim Ventura Júnior e Olyntho Múaze⁸³, com o apoio do prestigiado jornalista Pedro Bandeira⁸⁴, decidissem mudar a linha editorial de *O Campeão*, transformando-o num «jornal que se dedicasse, única e exclusivamente ao desenvolvimento e cultura de todos os géneros de *sport*.»⁸⁵ A alteração consumou-se a partir do número 40, de 9 de Dezembro de 1900, com o subtítulo a passar para «Revista quinzenal de sport». Nos números seguintes, as opiniões favoráveis e de oposição à mudança editorial sucederam-se. O correspondente em Lisboa, que assinava com o pseudónimo T. M., foi um dos que se congratulou, afirmando na sua coluna habitual, com o título «Lisboa de relance», que «muito bem andou a redacção do *Campeão*, terminando com a literatura»⁸⁶, uma vez que competia à imprensa «fazer a propaganda em relação às inúmeras vantagens que o *sport* em geral nos apresenta»⁸⁷, conseguindo dessa forma «desenvolver o *sport* em toda a sua magnitude»⁸⁸.

No entanto, alguns assinantes não partilhavam dessa opinião, chegando mesmo a devolver o jornal como represália pela mudança editorial, o que obrigou a direcção de *O Campeão* a repensar a estratégia. Com o objectivo de apaziguar os ânimos dos assinantes e leitores descontentes, o periódico

83 Director e proprietário de *O Campeão*. Olyntho Múaze foi um exímio desportista, vencendo 12 medalhas em provas ciclistas, sendo também, com seus irmãos, um dos principais promotores da patinagem no Porto. Nasceu no Porto a 21 de Junho de 1877, Múaze trabalhou toda a sua vida na empresa Ferreira Múaze & C.ª. Ocupou a direcção do RVCP durante vários anos, sendo cônsul do Turing Club Cyclista Italiano e delegado do Sport Club do Pará (Brasil). Foi ainda agraciado com o título de Cavalleiro Hospitalario de S. João Baptista de Hespanha. *O Campeão* prestou-lhe uma homenagem na edição de 25 de Junho de 1901, publicando uma extensa biografia.

84 Era o principal redactor desportivo de *O Campeão*, tendo integrado o jornal a pedido de Olyntho Múaze.

85 A Redacção (1900, 9 de Dezembro). Duas palavras aos nossos leitores. *O Campeão*, p. 2.

86 T.M. (1901, 8 de Janeiro). Lisboa de relance. *O Campeão*, p. 4.

87 Idem, ibidem.

88 Idem, ibidem.

decidiu lançar, a partir de Março de 1901, uma edição mensal⁸⁹ totalmente dedicada à literatura, que passou a sair no dia 15 de cada mês, mantendo-se as duas edições desportivas nos dias 5 e 25.

A mudança editorial de *O Campeão* fez com que certas secções ganhassem nova projecção e mais espaço noticioso, como sucedeu com a «Carta de Lisboa» (assinada pelo prestigiado jornalista lisboeta Carlos Callixto) e «*O Campeão nas Províncias*» (coluna com breves notícias desportivas, extraídas de jornais regionais). Passaram a ser regulares os artigos de apologia ao desporto, de forma a «introduzir o gosto e o desenvolvimento sportivo no seio das famílias, onde o degeneramento da raça caminha a passos agigantados»⁹⁰. A promoção do desporto feminino manteve-se como uma das facetas editoriais de *O Campeão*, como demonstrou a edição de 23 de Janeiro de 1901, com o artigo «A bicyclete nas senhoras», em que se defendiam os benefícios da velocipedia feminina como forma de «prevenir a obesidade»⁹¹.

Numa época em que o desporto ainda não era um fenómeno popular, encontrando-se ainda numa fase introdutória na sociedade portuguesa, as vendas e as assinaturas dos jornais desportivos escasseavam, o que gradualmente debilitava as suas finanças. Neste panorama, as dívidas de *O Campeão* foram-se acumulando e em finais de 1901 estariam na origem de desentendimentos entre o então proprietário e único administrador Joaquim Ventura da Silva Pinto Júnior, e o director Olyntho Múaze, levando à saída deste último. Com Múaze saiu também o principal responsável pela redacção, o redactor Pedro Bandeira, que ingressara em *O Campeão* a pedido de Múaze. As saídas consumaram-se na edição de 25 de Setembro de 1901, com Pinto Júnior a assumir a responsabilidade de dar continuidade ao periódico. No entanto, as saídas de Múaze e Bandeira ditariam o fim da publicação, que ressurgiria em Abril de 1901, com o título de *Sportivo*, mas sem conseguir consolidar-se no mercado jornalístico portuense.

89 Esta edição teve o título de «Supplemento Litterario do Campeão», sendo a ideia apresentada em *O Campeão* de 5 de Março de 1901.

90 A Redacção (1901, 8 de Janeiro). *Chronica. O Campeão*, p. 1.

91 A Redacção (1901, 23 de Janeiro). *A bicyclete nas senhoras. O Campeão*, p. 6.

CAPÍTULO 3

1901-1904: Primeiros passos no novo século

1. O panorama internacional

Na viragem de século, a imprensa desportiva consolidava-se paulatinamente no espectro noticioso português, ainda que de uma forma instável, sucedendo-se o aparecimento e o desaparecimento de periódicos desportivos, numa tendência que se iria manter durante as primeiras décadas do século XX. No entanto, a efemeridade deste género de imprensa não era um fenómeno exclusivamente português. Em Espanha surgiram várias publicações, no final do século XIX, que teriam uma passagem, mais ou menos fugaz, pelo mercado jornalístico, casos do *El Sport* (Madrid, 1897), *El Campeón* (Madrid, 1899), *Deportes* (Madrid, 1900) e *Revista Ilustrada de Sports* (Madrid, 1900). Um dos poucos periódicos a conseguir estabilidade foi *Los Deportes*, quinzenário desportivo lançado em Barcelona, em 1 de Novembro de 1897.

Em França, o mercado dos jornais desportivos não sofreu tanta instabilidade, com os periódicos a manterem-se, normalmente, alguns anos em actividade – uma das poucas excepções foi o *Le Monde Sportif* que não chegou a comemorar o primeiro aniversário (publicou-se entre 18 de Maio de 1903 e 24 de Fevereiro de 1904). Entre os jornais desportivos generalistas franceses, vários conseguiram fazer a transição entre os séculos XIX e XX com sucesso. A revista ilustrada *La Vie Au Grand Air* (1898) e o periódico *Le Sport Universel Illustré* (1895) deram um importante contributo para o jornalismo desportivo gaulês durante a primeira década do novo século, terminando apenas devido ao eclodir da Primeira Guerra Mundial, em Agosto de 1914 (o *L'Echo des Sports*, criado em 1905, foi outra das vítimas da crise gerada pelo conflito bélico). Dois outros periódicos, *Tous Les Sports* (1897-1939) e *Les Sports Modernes* (1898-1920), conseguiram sobreviver ao período da guerra e manter-se em actividade várias décadas.

Na viragem de século, o mercado francês de venda de jornais desportivos era claramente dominado pelo diário *Le Vélo*, criado em 1 de Dezembro de 1892, por Pierre Giffard, antigo cronista do *Figaro* e editor do *Petit Journal*. Em meados da década de 1890, *Le Vélo* atingiu tiragens de 300 mil exemplares,

conquistando o monopólio de mercado. A sua notoriedade atingiu tal ponto que lhe permitiu ser uma das vozes activas na defesa do capitão Dreyfus, servindo também os interesses pessoais do director, que o utilizou para promover a sua campanha política para deputado na Normandia. Estas opções controversas, principalmente o apoio a Dreyfus, incomodaram vários anunciantes e leitores, levando certos construtores automóveis a romperem os acordos publicitários que mantinham com o periódico.

Alguns construtores automóveis insatisfeitos, liderados pelo Barão de Dion (influyente industrial do ramo automóvel), decidiram unir-se e financiar um novo jornal desportivo, cuja administração seria confiada a Henri Desgrange, afamado especialista em imprensa desportiva e na organização de espectáculos desportivos. A direcção seria entregue a Victor Goddet, conhecido pelo seu espírito metódico e rigoroso, que se encarregou de formar a redacção da qual viria a nascer, a 16 de Outubro de 1900, o *L'Auto-Vélo*. Quase de imediato tornou-se um forte concorrente do *Le Vélo*, passando ambos a «afrontar-se em todos os domínios, não apenas na organização de provas ciclistas e automobilísticas em estrada, mas também na gestão e programação dos principais velódromos» (Marchand, 1989: 14). O combate chegou inclusive à barra dos tribunais, com o *Le Vélo* a acusar o *L'Auto-Vélo* de usurpação de título – uma sentença de 2 de Janeiro de 1903 condenaria o novo periódico a amputar o título, passando apenas para *L'Auto*. Mas passado pouco tempo, graças à popular ideia de criar uma prova ciclista nacional, com o nome de Tour de France, o *L'Auto* eliminaria por completo a influência monopolista exercida pelo *Le Vélo*, que viria a encerrar em Novembro de 1904.

2. Automobilismo: uma nova especialização

As publicações dedicadas ao mundo automóvel e aos desportos motorizados começaram a ter uma forte implantação durante este período. *La Locomotion Automobile* (1894-1909), *La Locomotion* (1901-1903) e *La Vie Automobile* (1903-1914) foram as vozes mais activas na promoção dos desportos com motor em França, juntamente com o próprio *L'Auto*. Seguindo essa tendência, foi com naturalidade que surgiu em Portugal o primeiro periódico deste género, o *Portugal Chauffeur*, lançado em Coimbra, em 1 de

Julho de 1903. Dirigida pelo académico Amílcar de Sousa, esta revista mensal dedicou-se à organização de provas automobilísticas (seguindo o exemplo das congéneres francesas), como foi o Circuito das Beiras¹, mantendo essa tendência até ao seu desaparecimento, em inícios de 1905.

A necessidade de dar mais ênfase ao automobilismo (actividade cada vez com mais adeptos entre a elite portuguesa) motivou a revista lisboeta *O Cyclista*, criada em 1900 e dedicada em exclusivo ao ciclismo, a alterar a sua linha editorial, em finais de 1902. O alargamento noticioso ao desporto automóvel originou inclusivamente a mudança de título, passando de *O Cyclista* para *O Sport*, com o primeiro número a ver a luz do dia a 15 de Novembro de 1902. O novo subtítulo – «Revista Ilustrada de Velocipedia e Automobilismo» – ilustrava bem o rumo tomado, com o director Augusto Rato a salientar, no editorial «O nosso lema», que *O Sport* pretendia acima de tudo que «a velocipedia e o automobilismo se desenvolvam na nossa querida pátria, alcançando um lugar proeminente ao lado da França, Inglaterra, Itália, Alemanha e América do Norte.»²

Com uma periodicidade quinzenal (nos dias 15 e 30), *O Sport* deu bastante importância ao noticiário internacional, publicando regularmente crónicas dos correspondentes³ internacionais (em especial de Paris, Madrid e África) e transcrevendo na íntegra textos de jornais estrangeiros, traduzidos para português. Contava também com um bom leque de colaboradores portugueses, espalhados por todo o País. Em 13 de Agosto de 1903, naquele que era o número 15, *O Sport* mudou de formato, adoptando um mais pequeno, e passou a semanal, o que lhe permitia maior actualidade noticiosa e alargar os conteúdos noticiosos a outras modalidades, assumindo-se claramente como um periódico desportivo generalista.

1 Apresentada como a segunda prova automobilística organizada em Portugal, a primeira edição do Circuito das Beiras realizou-se entre os dias 3 e 5 de Novembro de 1903, num total de 440 quilómetros, divididos em três etapas: Coimbra-Castelo Branco, Castelo Branco-Guarda e Guarda-Coimbra. Contou com a participação de oito carros e três motocicletas, com o júri a ser formado por Eduardo Tavares (decano dos automobilistas portugueses), Egas Moniz (professor na Universidade de Coimbra) e Amílcar de Sousa (director do *Portugal Chauffeur*), tendo o Rei D. Carlos oferecido uma das taças.

2 Rato, A. (1902, 15 de Novembro). O nosso lema. *O Sport*, p. 1.

3 O conceito de «correspondente internacional» esteve em mutação ao longo da história do jornalismo português. Nesta altura, correspondia essencialmente a colaboradores, normalmente portugueses a residir no estrangeiro, que enviavam as suas crónicas por correio. A técnica mais habitual, para publicar notícias internacionais, era a de traduzir informações dos periódicos estrangeiros que as redacções recebiam regularmente graças ao sistema de permuta.

No entanto, tal como a maioria dos jornais desta época, *O Sport* estava quase totalmente dependente da acção de um único homem, que no seu caso era o director Augusto Rato. Por isso, sempre que este adoecia, o jornal deixava de se publicar, como sucedeu entre 1 de Novembro e 20 de Dezembro de 1903. A paragem mais prolongada deu-se entre 31 de Março e 11 de Setembro de 1904, período em que *O Sport* mudou de propriedade, com J. Nobre Martins a assumir a nova direcção. Mas tratava-se de uma mudança na continuidade, uma vez que o novo director já integrava o núcleo duro do jornal, sendo conhecido pela contundência das suas críticas, principalmente em relação à situação social em que o País se encontrava. Na edição de 30 de Janeiro de 1904, Nobre Martins afirmou que «Portugal dá ao mundo civilizado uma lista de analfabetos e de tuberculosos, quase tão grande como a nossa População»⁴, em oposição à Europa mais evoluída (Suíça, França, Inglaterra e Alemanha) que formava os seus jovens «de forma a serem de futuro heróicos soldados, trabalhadores audazes e factores fecundos das ciências, das artes e das letras.»⁵

Apesar das mudanças, a instabilidade editorial manteve-se. *O Sport* interrompeu novamente a publicação em 18 de Dezembro de 1904, reaparecendo em 30 de Abril de 1905 num formato reduzido e mais atractivo. Mas tanta inconstância redundaria na perda gradual de assinantes e publicidade, o que contribuiu para o seu desaparecimento definitivo em 9 de Julho de 1905, após a publicação do número 57.

3. Fusão gera mais qualidade, organização e longevidade

No início do século XX, além de *O Sport*, também a *Revista de Sport* conseguiu alcançar alguma notoriedade no mercado jornalístico português. Aparecendo pela primeira vez em 5 de Julho de 1903, com sede na Rua de Santa Justa (n.º 60, 2.º direito), em Lisboa, este novo quinzenário desportivo generalista contava com Senna Cardoso e Pinto da Cunha na direcção, vendendo-se a um preço elevado para a época (240 réis), o que se devia à

4 Martins, J. N. (1904, 28 de Janeiro). O ressurgimento das raças. *O Sport*, p. 1.

5 Idem, *ibidem*.

qualidade do papel (couché) em que eram impressas as suas habituais 16 páginas ilustradas, em formato revista (31x23).

Na capa do número inaugural de 5 de Julho de 1903 sobressaíam o subtítulo de «Revista Quinzenal Ilustrada» e a fotografia do automóvel Peugeot do Rei D. Carlos, numa nítida indicação de que o automobilismo ia ser uma das modalidades em destaque, assim como as actividades desportivas da Casa Real. No editorial «O nosso programa», os directores esclareceram os objectivos que se propunham com a nova publicação: «A REVISTA DE SPORT ocupar-se-á em registar quinzenalmente todo o movimento Sportivo Nacional e Estrangeiro, passará em revista todos os Clubes da Capital e províncias, e cultivará as especialidades de educação physica, do automobilismo, da equitação, da esgrima, da velocipedia, da tauromachia, do Law-Tennis, do Foot-Ball, do Criquet, do Bilhar, do Xadrez, etc., etc., promovendo periodicamente campeonatos, desafios e torneios entre os *sportmen*, em cada uma das especialidades de que vos vamos ocupar.»⁶ Deste modo, a intenção era claramente criar uma publicação «em tudo semelhante ao que no estrangeiro se publica, em que a par do bom material, haja escrupulosa escolha do assunto e beleza artística, dedicando-se exclusivamente ao movimento Sportivo, o que não só é difícil como chega a ser temeridade»⁷.

Neste período, o jornalismo desportivo era encarado com um certo espírito de missão, visando um bem maior (o da propaganda do desporto), em que o lucro⁸ dos periódicos e da actividade jornalística era quase sempre inexistente: «Não temos a veleidade de nos querer impor seja a quem for e muito menos o de tirar desta publicação o menor lucro; queremos sim prestar um serviço ao Sport nos seus diferentes ramos, que felizmente vai ganhando adeptos, levando-nos assim à regeneração physica, e enfileirando-nos ao lado das nações mais cultas da Europa. Se isto conseguirmos dar-nos-emos por

6 A Redacção (1903, 5 de Julho). O nosso programa. *Revista de Sport*, p. 1.

7 Idem, *ibidem*.

8 A falta de lucro estava relacionada com vários factores: poucos leitores (logo, poucas assinaturas, principal fonte de receitas); pouca publicidade, já que os periódicos desportivos eram lidos por um público restrito; custos elevados do papel e da impressão, que absorviam as poucas receitas obtidas. O preço avulso de cada número da *Revista de Sport* era de \$240 réis, custando a assinatura anual 4\$800 (para Portugal, Ilhas adjacentes e África Portuguesa). O custo dos anúncios variava: uma página externa (capa) custava 20\$000; uma página interna, 16\$000.

bem pagos do nosso trabalho.»⁹ Este espírito de missão doutrinal ficaria bem patente nos textos publicados na secção «Educação Physica»¹⁰, da responsabilidade do director Pinto da Cunha, onde se reflectia sobre os diferentes motivos para a necessidade de popularização do desporto e da educação física na sociedade portuguesa.

Em finais de 1903, uma outra publicação a comungar do espírito de missão da *Revista de Sport* era *O Tiro Civil*, que conseguira o feito de se manter em actividade desde 7 de Março de 1895. A afinidade de princípios e de programas editoriais de ambas publicações permitiu-lhes o entendimento necessário para a primeira fusão de sucesso entre jornais desportivos generalistas em Portugal. No editorial de despedida de *O Tiro Civil*, publicado no número 273, de 15 de Dezembro de 1903, o director Anselmo de Sousa esclarecia que «as tradições de *O Tiro Civil*, a sua orientação, a seriedade na forma por que aqui se tem tratado todos os assuntos, quer de redacção ou administração, e o seu nunca desmentido amor por tudo que é português, seguem inalteráveis como sempre.»¹¹

Por seu lado, no editorial em que se anunciava o fim da *Revista de Sport*, publicado no número 12, de 30 de Dezembro de 1903, o director Pinto da Cunha explicou que a fusão era «a consequência lógica da aproximação de princípios e semelhança de programa. Ora havendo duas publicações quinzenais que lutam pelo mesmo ideal, a Educação Physica e a difusão das vantagens que resultam da frequência das carreiras de tiro, antecipadamente se adivinhava que as duas revistas haviam de aproximar-se e darem as mãos»¹², dando origem a «uma outra mais complexa, mais vasta, com novas secções, de forma a poder equiparar-se, sem o menor receio, às publicações que neste género se publicam no estrangeiro»¹³. A junção permitia também atenuar as dificuldades com que se debatiam os jornais desportivos ao «viver num meio Sportivo tão reduzido como o nosso, que para o assunto não faltar

9 Idem, ibidem.

10 E.g. nos números 9 e 10, de 15 e 30 de Novembro de 1903, o tema foi a prática desportiva entre as crianças.

11 Sousa, A. (1903, 15 de Dezembro). Aos nossos leitores. *O Tiro Civil*, p. 2.

12 Cunha, P. (1903, 30 de Dezembro). *Finis. Revista de Sport*, p. 2.

13 Idem, ibidem.

tem que recalcar sempre os mesmos nomes, os mesmos feitos, as mesmas individualidades.»¹⁴

Desta união de interesses e vontades, entre *O Tiro Civil* e a *Revista de Sport*, surgiu o *Tiro e Sport*, lançado em 15 de Janeiro de 1904, apresentando os subtítulos de «Revista de Educação Physica e Actualidades» e «Publicação Quinzenal Ilustrada». Com sede no número 6 da Calçada de S. Francisco, em Lisboa, o novo periódico apresentou-se aos leitores com 16 páginas ilustradas, destacando-se a reportagem fotográfica de Joshua Benoliel¹⁵ sobre uma caçada real em Vila Viçosa, tema que ocupou a capa do periódico. Além deste famoso fotógrafo amador, também se destacariam, nos anos seguintes, os trabalhos fotográficos de Júlio Worm¹⁶ e Arnaldo Rodrigues¹⁷.

O *Tiro e Sport* apostou, desde o início, numa estratégia de vendas alargada, tentando consolidar-se entre a elite e o operariado, saindo cada número com dois géneros de edições: uma em papel normal, conhecida como a «edição popular», a um preço reduzido; e outra, uma «edição luxuosa»¹⁸, em papel couché, a um preço mais elevado. A direcção foi entregue a Anselmo de Sousa (antigo director de *O Tiro Civil*), enquanto Senna Cardoso e Pinto da Cunha (directores da *Revista de Sport*) assumiram os cargos de redactores, tendo Eduardo de Noronha ocupado a secretaria de Redacção. Seria sob a égide destes prestigiados nomes do jornalismo desportivo português, aos quais se juntou, mais tarde, Duarte Rodrigues, que o *Tiro e Sport* se alçou ao patamar de melhor publicação desportiva portuguesa durante a primeira década do século XX.

A linha editorial manteve o rumo das antecessoras, caracterizando-se pela promoção do desporto e da educação física na sociedade portuguesa, assim como pela diversidade das temáticas desportivas abordadas (com destaque para o tiro, caça, esgrima, automobilismo, vela, futebol, ténis e

14 Idem, *ibidem*.

15 Desde Junho de 1898 que J. Benoliel colaborava, como fotógrafo amador, com a revista *O Tiro Civil*, mantendo esta ligação com o seu sucessor, o *Tiro e Sport*. Benoliel destacou-se ao serviço de *O Século* e da *Ilustração Portuguesa*, onde publicou diversos trabalhos fotográficos dedicados ao desporto. Sobre a vida e obra deste fotógrafo, cf. Tavares, E. (Ed.) (2005). *Joshua Benoliel (1873-1932), repórter fotográfico*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

16 Ganhou prestígio no mundo da fotografia graças à publicação do *Boletim Fotografico*, que lançou juntamente com Arnaldo Fonseca, em 1900.

17 As suas reportagens fotográficas de futebol e ciclismo tiveram impacto no *Tiro e Sport*, em especial em 1911.

18 Idem, *ibidem*.

velocipedia). Entre 1904 e 1906, o *Tiro e Sport* realizou uma forte campanha a favor do futebol, modalidade que estava na sua fase de arranque em Portugal, promovendo em Lisboa o primeiro torneio interclubes (Bronze Viúva Senna), em Março de 1906. Dois anos depois, em finais de 1908, o jornal estaria também na origem do campeonato escolar de futebol (Taça Senna Cardoso), disputado entre oito liceus lisboetas.

Além da capacidade organizativa evidenciada, o *Tiro e Sport* sobressaiu também pelas suas reflexões sobre a vida nacional e internacional, partindo muitas vezes de questões desportivas para efectuar análises generalistas, graças, principalmente, à sagacidade dos seus redactores (principalmente Duarte Rodrigues) e de cronistas como A. Monteiro, F. Mendes, Valentina de S. P. e Pedro Normal. A secção «Crónica Internacional» foi a mais utilizada para a reflexão sobre questões gerais que afectavam Portugal, a Europa e o Mundo¹⁹, debatendo-se temas como a propaganda do desporto²⁰, a decadência nacional²¹, o patriotismo²², o militarismo²³, a industrialização²⁴, o iberismo²⁵, o feminismo²⁶ ou o progresso²⁷, entre outros.

A publicação, na íntegra, de artigos traduzidos de jornais estrangeiros foi outra prática habitual nas páginas do *Tiro e Sport* durante a segunda metade da década de 1900, sendo a imprensa francesa a principal fonte de notícias (os periódicos *Le Journal* e *L'Auto* foram dos mais citados).

Mas um dos principais problemas com que se debatiam os jornais desportivos portugueses era a pouca actualidade das notícias publicadas,

19 As viagens ao estrangeiro, por parte dos colaboradores do jornal, mereciam grande destaque no *Tiro e Sport*, como sucedeu com Wenceslau de Moraes durante a sua estadia no Japão, recordada na edição de 15 de Maio de 1905.

20 Cf. A Redacção (1904, 15 de Janeiro). A educação física nas universidades. *Tiro e Sport*, p. 2; A Redacção (1906, 31 de Maio). Crónica internacional. *Tiro e Sport*, p. 2; Costa, J. (1908, 20 de Março). Os jogos e os desportos nas classes populares. *Tiro e Sport*, p. 2; Salles, J. M. (1910, 30 de Setembro). O ressurgimento da raça. *Tiro e Sport*, p. 12.

21 Cf. A Redacção (1905, 31 de Outubro). A educação física. *Tiro e Sport*, p. 3.

22 Cf. A Redacção (1905, 31 de Março). Tiro nacional. *Tiro e Sport*, p. 2; A Redacção (1907, 15 de Dezembro). A expedição aos cuamatás. *Tiro e Sport*, p. 2; A Redacção (1908, 20 de Novembro). O fado e a canção nacional. *Tiro e Sport*, p. 3.

23 Cf. Marguerite, V. (1908, 10 de Novembro). A primeira das culturas. *Tiro e Sport*, p. 2; Zampa (1910, 15 de Fevereiro). Pelo estrangeiro. *Tiro e Sport*, p. 3.

24 Cf. A Redacção (1905, 15 de Janeiro). Automobilismo. *Tiro e Sport*, p. 11.

25 Cf. A Redacção (1906, 30 de Novembro). Iberismo. *Tiro e Sport*, p. 4.

26 Cf. Valentina de S. P. (1907, 15 de Abril). Feminismo e automobilismo. *Tiro e Sport*, p. 3.

27 Cf. A Redacção (1906, 15 de Setembro). Crónica internacional. *Tiro e Sport*, p. 2; Mendes, F. (1907, 31 de Janeiro). O sport da civilização. *Tiro e Sport*, p. 2.

principalmente do noticiário regional e internacional. No caso do *Tiro e Sport*, essas dificuldades relacionavam-se com a sua periodicidade (só saía duas vezes por mês, nos dias 15 e 30) e com os obstáculos existentes (fundamentalmente a morosidade do correio) na chegada das notícias à redacção. Em Janeiro de 1908, com o objectivo de atenuar esse problema, a direcção decidiu mudar a periodicidade, passando a sair três vezes por mês (dias 10, 20 e 30), o que permitia apresentar com maior actualidade «as notícias de todo o movimento desportivo no estrangeiro, bem como o relato de tudo quanto de inerente sobre este assunto se passar em todo o País e colónias»²⁸, colocando assim o *Tiro e Sport* «à altura das mais notáveis revistas estrangeiras.»²⁹ O noticiário internacional era essencialmente veiculado através das secções «Crónica Internacional» e «Pelo Estrangeiro», destacando-se também «O *Tiro e Sport* no Brasil», secção dirigida por Villar do Paço e, mais tarde, por Ulysses Reymar (correspondente no Pará).

Apesar da preocupação com a actualidade noticiosa, o *Tiro e Sport* caracterizou-se pela linha editorial doutrinária em relação ao papel que o desporto devia desempenhar na sociedade portuguesa. A sua qualidade editorial permitiu-lhe ir agregando colaboradores de vários quadrantes do pensamento e da cultura portuguesa, casos de Bernardino Machado e Ramalho Ortigão³⁰. Tradicionalmente conservador, o *Tiro e Sport* conseguiu sobreviver às convulsões da revolução republicana de 1910, adaptando-se à nova realidade política do País. No entanto, o agravamento das dificuldades económicas, aliado ao insípido crescimento do número de desportistas em Portugal, e por inerência a falta de leitores, acentuou os problemas de sobrevivência do periódico. Entre 30 de Setembro de 1912 e 15 de Janeiro de 1913, viu-se mesmo forçado à primeira interrupção, devido a uma greve dos tipógrafos e à ausência, por doença, do director técnico Duarte Rodrigues. Tanta instabilidade redundaria no fim do *Tiro e Sport*, em 30 de Junho de 1913, extinguindo-se deste modo o mais importante periódico desportivo publicado desde 1904.

28 A Redacção (1907, 31 de Dezembro). *Tiro e Sport*. *Tiro e Sport*, p. 5.

29 Idem, *ibidem*.

30 A preocupação do escritor Ramalho Ortigão com o desporto e a educação física ficou patente na sua obra *As Farpas VIII – os nossos filhos; instrução pública*, em que publicou os textos «O estado da educação física – sua importância na evolução nacional» (Maio, 1877) e «A educação física – os ginastas» (Abril, 1881).

4. Tauromaquia continua a dominar

O início do século XX continuou a ser marcado pelo surgimento de periódicos desportivos especializados em tauromaquia, embora sem a predominância da última década do século XIX. Entre 1902 e 1904, a par dos três jornais desportivos generalistas (*O Sport*, *Revista de Sport* e *Tiro e Sport*), surgiram também cinco novos periódicos desportivos especializados: o *Portugal Chauffeur* (Coimbra, 1903-1905), dedicado ao automobilismo; o *Velo-Portugal* (Lisboa, 1904), especializado em velocipedia; e a *Revista Taurina* (Lisboa, 1902), *Da Barreira* (Lisboa, 1903) e *Palco e Arenas* (Porto, 1904), centrados na arte do toureio.

Habitualmente, as publicações tauromáquicas apareciam entre Março e Abril de cada ano, no arranque da época taurina, não durando mais que a própria duração da temporada, optando normalmente por se publicar em séries, como sucedeu com a *Revista Taurina*, que saiu em Lisboa em 30 de Março de 1902, ao preço de 20 réis, apresentando-se como uma «publicação semanal»³¹ que podia «encontrar-se em todos os quiosques e tabacarias que vendem jornais, assim como em todas as praças onde haja corrida»³². Totalmente dedicada à tauromaquia, esta revista terminou a primeira série a 13 de Julho de 1902, mudando então de proprietário³³ e de localização³⁴, embora sem grande sucesso, já que a segunda série terminaria prematuramente em 14 de Setembro de 1902, com a publicação do número 19.

A ausência de uma estrutura empresarial, que mais facilmente sustentasse os custos de edição durante os primeiros meses, era um dos principais motivos para a efemeridade deste género de periódicos, os quais estavam frequentemente nas mãos de empresários tauromáquicos ou de simples aficionados. Apesar da boa vontade, patente nos editoriais de apresentação dos jornais, os custos do papel e de impressão eram normalmente elevados, com as receitas das assinaturas a serem reduzidas (muitos assinantes atrasavam-se nos pagamentos), o mesmo sucedendo com as vendas avulso e as receitas de publicidade.

31 Este era o subtítulo publicado no cabeçalho.

32 Esta indicação constava de um anúncio publicado na página três do número um de 30 de Março de 1902.

33 José Moreira do Amaral deixou de ser o proprietário, sendo criada uma empresa para assumir esse papel.

34 Mudou-se da Calçada de Sacramento, n.º 14, 2.º, em Lisboa, para a Travessa do Forno, n.º 35, 1.º.

Em 15 de Março de 1903, J. R. Rosado e H. C. Ramos lançaram em Lisboa o semanário tauromáquico *Da Barreira*, apostando num preço reduzido (10 réis) para tentar chegar ao maior número de adeptos e um noticiário alargado, com uma boa cobertura internacional (especialmente de Espanha e México), recorrendo a notícias publicadas em periódicos estrangeiros, caso da revista espanhola *El Taurino*. No entanto, esta tentativa de manter em actividade um jornal tauromáquico fracassaria mais uma vez, com o periódico a não passar da edição de 5 de Abril de 1903.

Em 1904 seria a vez da revista *Palcos e Arenas* tentar assumir-se como a publicação de referência no campo da tauromaquia em Portugal, conciliando nas suas páginas a arte do toureio e a arte teatral. Lançada no domingo 24 de Abril, no Porto, esta publicação tinha como directores Ângelo de Lemos e Jorge Cruz e apresentava mais de 15 colaboradores, que iam desde a craveira literária de Júlio Dantas e Eduardo Schwalbach até aos conhecimentos tauromáquicos especializados de Pedro Bandeira e Zé Jaleco. A tauromaquia era claramente o tema dominante da *Palcos e Arenas*, que tinha correspondentes amadores em todas as vilas e cidades portuguesas com praça de touros, assim como em Madrid e Paris, publicando também notícias da revista *El Arte del Toureo*, de Barcelona. A falta de pagamento das assinaturas motivaria o seu fim prematuro, saindo apenas quatro vezes, a última das quais em 12 de Junho de 1904.

5. A fórmula desporto-literatura-teatro e a imprensa generalista

No final do mês seguinte, em 31 de Julho de 1904, apareceu nas bancas o semanário lisboeta *O Aventureiro*, dirigido por Joaquim de Landerset, e cujo programa agregava desporto e teatro, assim como a literatura, perpetuando-se deste modo uma linha temática que vinha já desde finais da década anterior. No número inaugural, na secção «Sport»³⁵, aparecia uma crítica contundente à forma como se encarava a actividade desportiva em Portugal, afirmando que se tinha «medo do *sport*»³⁶, por isso «não se pega num florete porque pode desembolar-se, não se atira porque nos podemos ferir, não se monta uma

35 A Redacção (1904, 31 de Julho). Sport. *O Aventureiro*, p. 3.

36 Idem, ibidem.



motocycletta porque pode explodir, etc., etc.»³⁷ E fazia-se um apelo: «Deixem-se de criancices, meus senhores. Cultivem com ardor o *sport*, porque ele é bom para tudo, para a saúde, para o desenvolvimento e para o ânimo.»³⁸

Além de *O Aventureiro*, de existência efémera, apareceram outras publicações, durante a primeira década do século XX, a conjugar na linha editorial a fórmula desporto-literatura-teatro. A actividade desportiva era assim encarada ao nível das artes e da cultura, sendo uma área jornalística importante para qualquer novo periódico que fosse lançado por um corpo redactorial jovem e ávido de uma transformação social. Foi precisamente nesta linha de pensamento que os periódicos literário-desportivos *O Aristocrata* (Porto, 1902), *A Madrugada* (Lisboa, 1906) e *Azul e Branco* (Lisboa, 1907) enquadraram o desporto no seu programa editorial.

Entre a imprensa generalista portuguesa, o desporto era um tema habitual nas suas colunas, principalmente nas edições de domingo e segunda-feira (a pouca actividade desportiva estava confinada ao fim-de-semana) dos principais diários de Lisboa (*Jornal do Comércio*, *Diário de Notícias*, *O Século*) e do Porto (*O Comércio do Porto*, *Jornal de Notícias* e *O Primeiro de Janeiro*). Nos primeiros anos do novo século, os diários *O Mundo* (Lisboa, 1900) e *Jornal da Manhã* (Lisboa, 1903) abriram também as suas páginas ao noticiário desportivo, contando com especialistas nos respectivos corpos redactoriais.

Entre os periódicos generalistas portugueses, do início do século XX, aquele que mais apostou no noticiário desportivo foi o *Jornal da Noite*, diário do Partido Regenerador-Liberal, lançado em Lisboa, na segunda-feira, 27 de Abril de 1903. O director Álvaro Pinheiro Chagas, na hora de constituir a equipa redactorial, procurou no meio desportivo e jornalístico lisboeta um redactor que conseguisse alimentar diariamente uma secção desportiva, objectivo que praticamente nenhum diário havia tentado, uma vez que a actividade desportiva era escassa, concentrada apenas nos fins-de-semana, limitada a poucas modalidades e a alguns clubes, e praticamente restrita à elite lisboeta e portuense. Num meio desportivo tão pequeno, apresentava-se como tarefa extremamente complicada manter diariamente uma secção desportiva. Dois

37 *idem*, *ibidem*.

38 *idem*, *ibidem*.

vultos do jornalismo desportivo português, Carlos Xafredo³⁹ e Álvaro de Lacerda, recusariam mesmo a proposta de Álvaro Chagas, que decidiu apostar num jovem estudante de medicina chamado José Pontes⁴⁰, colaborador assíduo em várias publicações desportivas e que viria a transformar-se num dos principais jornalistas desportivos portugueses da primeira metade do século XX. Como contrapartida financeira, o *Jornal da Noite* ofereceu ao jovem redactor desportivo uma remuneração mensal de 30 mil réis⁴¹, considerada «uma fortuna» (Pontes, 1928: 116) para a época e que surpreendeu o próprio José Pontes. Neste período, havia claramente um fosso remuneratório e de estatuto laboral entre os jornalistas desportivos que trabalhavam nos jornais generalistas e os dos periódicos desportivos, o que se devia em grande medida às diferenças organizativas e empresariais.

Nos anos seguintes, a secção «Sports» do *Jornal da Noite* assumiu-se como a coluna desportiva mais importante dos jornais diários portugueses, mercê da diversidade⁴² das modalidades abordadas (atletismo, automobilismo, bilhar, esgrima, futebol, halterofilia, hipismo, luta, tiro, water-polo, entre outras) e da sua profícua capacidade organizativa de provas desportivas⁴³. Este diário contribuiu também para a criação e promoção social de um dos primeiros heróis do desporto nacional, o halterofilista Manuel da Silveira, vencedor dos primeiros Campeonatos de Força de Portugal, sendo considerado, na primeira década do século XX, o «maior atleta português de todos os tempos» (Pontes,

39 Foi um dos primeiros praticantes de futebol em Portugal, integrando a equipa do Real Ginásio Clube Português. Em 1891, Carlos Xafredo publicou a primeira obra, escrita em português, sobre as regras do futebol. Três anos depois, esteve na origem do jornal *O Sport*, passando a colaborar regularmente nas secções desportivas de vários jornais generalistas e com alguns periódicos desportivos.

40 Fundador, proprietário e director de diversos jornais desportivos, com destaque para *Os Sports* (Lisboa, 1905) e *Os Sports Ilustrados* (Lisboa, 1910), e redactor em vários diários (*O Século*; *Jornal da Noite*; *A Capital*), o médico José Pontes foi uma das referências do jornalismo desportivo e do próprio desporto em Portugal, durante a primeira metade do século XX. Do seu vasto currículo desportivo, destacam-se a passagem pela presidência do Comité Olímpico Português e as dezenas de iniciativas desenvolvidas em prol do desporto nacional. Cf. Pontes, 1944.

41 Trinta mil réis (30 escudos) era considerada uma pequena fortuna para a época (em média, um exemplar dum jornal desportivo custava entre 20 e 40 réis).

42 Primou pela diversidade temática da sua secção desportiva, sendo um dos primeiros periódicos a analisar a relação entre o desporto e os políticos portugueses, na edição de 29 de Fevereiro de 1904.

43 Foi responsável pela organização do Campeonato Pedestre dos Vendedores de Jornais; pelos Campeonatos de Força de Portugal (pesos e aliteres), que foi uma adaptação de uma prova organizada em França pelo periódico *L'Auto*; várias provas de automobilismo e water-polo; e diversos encontros de futebol.

1944: 42), chegando a merecer uma reportagem na revista francesa *L'Education Physique*.

O sucesso da secção desportiva do *Jornal da Noite* não deixou indiferente os restantes diários portugueses, que passaram a dar mais espaço noticioso ao desporto durante a segunda metade dos anos 1900. *O Século*⁴⁴ passou a publicar regularmente notícias desportivas, num formato mais noticioso que doutrinário, ganhando bastante popularidade as «Quintas-feiras Desportivas», secção publicada no seu «Suplemento Ilustrado», assim como as magníficas capas, com fotografias desportivas da autoria de Joshua Benoliel, publicadas na revista *Ilustração Portuguesa*⁴⁵, editada por *O Século*.

Nesta fase, os jornalistas que se dedicavam ao desporto eram também, geralmente, dirigentes e praticantes de alguma modalidade desportiva, publicando muitas das vezes notícias sobre eventos desportivos organizados por eles próprios ou em que tinham participado. O crescente interesse público pelo desporto deveu-se, em grande medida, à popularidade que algumas modalidades detinham (como era o caso do ciclismo e da tauromaquia) ou começavam a ter (caso do automobilismo e, fundamentalmente, do futebol⁴⁶).

As estruturas federativas desportivas começaram a organizar-se e com elas as primeiras provas oficiais, nascendo também os primeiros clubes com dimensão popular, como foram os casos, por exemplo, do Sport Lisboa e Benfica (1904), Clube Internacional de Futebol (1905) e Sporting Clube de Portugal (1906), em Lisboa; e do Boavista Futebol Clube (1903), Futebol Clube do Porto (1906) e Leixões Sport Clube (1907), na região do Porto. Mas este fenómeno não se restringiu apenas aos dois principais centros urbanos, estendendo-se paulatinamente a todo o País e ilhas, beneficiando para isso da popularidade do futebol (modalidade acessível economicamente e com regras simples para todas as classes sociais).

44 Tornaram-se populares, na sua secção desportiva, as crónicas assinadas por Má Língua, pseudónimo que agregava quatro prestigiados nomes do jornalismo desportivo português: Armando Machado, Daniel Augusto Queiroz dos Santos, Joaquim Vital e Plácido Duro.

45 A *Ilustração Portuguesa* dedicou, entre 1903 e 1918, diversas primeiras páginas ao desporto (atletismo, caça, hipismo, tauromaquia, ténis, vela), publicando imagens de grande qualidade do fotógrafo Joshua Benoliel.

46 Entre 1907 e 1910, o número de jogadores de futebol amadores, inscritos nos clubes lisboetas, cresceu de 96 para 507 (Coelho & Pinheiro, 2002, p. 74), o que mostra o crescendo de popularidade da modalidade.

Deste modo, o desporto transformou-se num dos principais fenómenos sociais da década de 1900, com a imprensa a contribuir decisivamente para esse processo de difusão⁴⁷. No entanto, parte da imprensa generalista portuguesa continuava alheada deste movimento, o que gerou alguma revolta entre os colegas da imprensa desportiva. Em 1910, numa reflexão sobre o fenómeno desportivo em Portugal, nas páginas da revista *Tiro e Sport* de 30 de Abril, o prestigiado jornalista desportivo Duarte Rodrigues acusava a «Grande Imprensa»⁴⁸ de ainda não ter compreendido que «o desporto deve concretizar-se num agente civilizador e que a sua missão não deve limitar-se somente ao noticiário mas, também, à emissão da doutrina muitas vezes necessária em circunstâncias oportunas.»⁴⁹

47 E.g. na Finlândia, os dois principais jornais generalistas (*Hufvudstadsbladet*, 1902; e *Helsingin Sanomat*, 1905) foram dos primeiros a contar com jornalistas desportivos, contribuindo para a difusão do desporto entre os finlandeses.

48 Rodrigues, D. (1910, 30 de Abril). Dissecando. *Tiro e Sport*, p. 2.

49 Idem, *ibidem*.

CAPÍTULO 4

1905-1910: Consolidação

1. A doutrina desportiva continua

Durante a segunda metade da década de 1900, a imprensa desportiva generalista acentuou, ainda mais, o discurso doutrinário sobre o papel que o desporto devia desempenhar na sociedade portuguesa. Além da revista *Tiro e Sport*, também o periódico lisboeta *Os Sports*, criado em 22 de Outubro de 1905, assumiu editorialmente uma retórica de propaganda do desporto, tentando contrariar aquele que era considerado «o sport mais cultivado em Portugal»¹, ou seja, «o sport da barriga e culinário»².

A estrutura redactorial de *Os Sports* assentou na dupla formada por José Pontes³ (no cargo de director) e Jorge de Abreu⁴ (redactor principal), que pouco tempo antes haviam abandonado o *Jornal do Sport*⁵ (Lisboa, 1905) por conflitos com a administração. O prestígio destes dois jornalistas, a que se juntou César de Melo na secretaria de Redacção, facilitou o processo de formação da equipa de colaboradores, que contaria com alguns dos nomes mais sonantes do jornalismo desportivo português, como Bento Mantua, Anacleto de Oliveira, Carlos Xafredo e Álvaro de Lacerda.

A qualidade deste grupo redactorial permitiu avançar com a ideia de publicar *Os Sports* duas vezes por semana (quinta-feira e domingo), periodicidade até então desconhecida deste género de imprensa, dada a pouca actividade desportiva do País. Esta aposta num bissemanário, de preço reduzido (10 réis), levou o jornal a organizar diversas provas desportivas, de forma a gerar mais conteúdos noticiosos, e a realizar plebiscitos (sondagens feitas aos leitores nas páginas do periódico, que respondiam através de carta, sendo uma novidade para a época) – o primeiro dos quais, em Dezembro de

1 A Redacção (1907, 26 de Maio). O sport e os sportmen. *Os Sports*, p. 2.

2 Idem, *ibidem*.

3 Acumulava com a função de responsável pela secção desportiva do *Jornal da Noite*, cargo que manteve até Fevereiro de 1908.

4 A sua carreira jornalística passou depois por cargos de chefia nos diários *O Século* e *O Primeiro de Janeiro*.

5 Semanário desportivo lançado em 28 de Setembro de 1905, durou nove números, até 3 de Novembro de 1905.

1905, para escolher o *sportman*⁶ (ainda não se utilizava o termo desportista, dominando a terminologia desportiva inglesa) mais completo de Portugal, tendo recebido cerca de mil votos que elegeram o desportista aveirense Mário Duarte⁷.

Em Agosto de 1906, ao ultrapassar a centena de edições, *Os Sports* fez a primeira remodelação gráfica⁸, de forma a apresentar uma «feição mais agradável, outro aspecto mais cuidado e, porventura, mais interessante»⁹, passando a ser impresso no Centro Typographico Colonial, na Rua Conceição da Glória, n.º 76, em Lisboa. Passou também a publicar uma fotografia (habitualmente pequena) na primeira página e reforçou o noticiário internacional, não só através dos correspondentes em Paris e no Brasil (Pará), como através dos conteúdos extraídos de periódicos estrangeiros, destacando-se os franceses *Les Sports* e *L'Auto*, e os ingleses *Sporting Life* e *Standard*.

Entre 1907 e 1908, o cariz doutrinário de *Os Sports* foi-se acentuando, o que se deveu ao período conturbado que se vivia na sociedade portuguesa, agravado com o regicídio do rei D. Carlos e do príncipe herdeiro D. Luís, em 1 de Fevereiro de 1908. Face a este panorama, a decadência nacional passou a ser um dos temas recorrentes nas páginas do periódico dirigido por José Pontes, com Portugal a ser definido como um «país mal orientado, país de analfabetos, de homens falhos de educação e pobremente ilustrados»¹⁰, no qual «os rapazes atrofiam-se pelas esquinas, adquirindo vícios e hábitos que os tornam frouxos, míopes, raquíticos e uns neuróticos impulsivos, cheios de egoísmo e de pequeninos sentimentos, que pouco úteis podem ser a si e muito

6 Nesta época, o termo definia essencialmente «alguém que cultivava orgulhosamente um corpo que fora sempre poupado ao trabalho manual, membro de certa classe ociosa (...), cujos tempos livres eram ocupados com actividades mundanas e sociais.» (Domingos & Kumar, 2006, p. 583)

7 Percursor do desporto em Aveiro, Mário Duarte formou e capitaneou a equipa de futebol do Clube de Aveiro (mais tarde, Ginásio Aveirense) no final do século XIX, sendo um dos principais dinamizadores do futebol em Portugal. Ocupou cargos oficiais, ligados ao desporto, durante o governo republicano de Afonso Costa, tendo estado na origem da Associação de Futebol de Aveiro, em 1924. O seu filho, com o mesmo nome, seria outro grande apologista do desporto durante a primeira metade do século XX.

8 A remodelação implicou a mudança do tipo de letra do título e a redução do número de colunas por página, passando das habituais seis para cinco colunas, o que facilitava a leitura. O preço de venda, por número avulso, manteve-se (10 réis), assim como o valor dos anúncios de publicidade (20 réis na 4.ª página; 40 réis na 3.ª página; nas outras páginas (habitualmente sala com quatro páginas), só por contrato especial).

9 A Redacção (1906, 12 de Agosto). *Os Sports*. *Os Sports*, p. 1.

10 J. (1907, 19 de Setembro). Causas de insucesso. *Os Sports*, p. 1.

prejudiciais se podem tornar à colectividade a que pertencem.»¹¹ Em contrapartida, os países do Norte e Centro da Europa eram apresentados como «dominadores do Mundo»¹², preparando, sob o signo desportivo, «homens fortes e vigorosos, aptos para reagir contra a fadiga e contra as múltiplas contingências da vida»¹³.

A sistemática ausência¹⁴ de atletas portugueses nas grandes provas internacionais e a pouca actividade desportiva do País levou *Os Sports* a encetar uma forte campanha a favor da democratização do desporto em Portugal, uma vez que se mantinha ainda como uma actividade quase exclusiva da elite (eram os únicos que reuniam condições financeiras, tempo e conhecimentos técnicos adequados para a prática da maioria das modalidades desportivas). Na capa da edição de 17 de Janeiro de 1907, *Os Sports* lançou um apelo simbólico: «tomemos o sport democrático»¹⁵, defendendo que «o sport não deve ser apanágio das classes favorecidas; ricos e pobres, todos nos podemos entregar à prática dos exercícios físicos, sem que isso seja um título desfavorável para o sport, visto que nas sociedades modernas, mormente as germânicas, ninguém se importa já com os preconceitos e todos trabalham para um mesmo fim, tornar 'forte a fraca gente'»¹⁶.

O futebol, dada a simplicidade das regras e do equipamento necessário (bastava um terreno baldio, uma bola e duas balizas improvisadas), foi apontado como a modalidade desportiva adequada para essa democratização, motivando uma forte campanha a seu favor nas páginas de *Os Sports*. Como se vivia numa época em que a polémica jornalística catalizava atenções e promovia debates, o director José Pontes (sob o pseudónimo de José Salema) e o redactor Álvaro de Lacerda (com o pseudónimo de João Ninguém)

11 Salles, T. (1907, 21 de Fevereiro). Pela vida. *Os Sports*, p. 2.

12 Pontes, J. (1908, 17 de Setembro). O «sport» pode ser grande em Portugal. *Os Sports*, p. 2.

13 Idem, ibidem.

14 Na sua edição de 10 de Janeiro de 1907, no artigo «A primeira surpresa», *Os Sports* ironizaram com esse facto, afirmando que «Portugal, sempre esquecido nos meetings sportivos, é considerado o país recordman da ausência...»

15 A Redacção (1907, 17 de Janeiro). Reflexões sportivas. *Os Sports*, p. 1. Este apelo à democratização do desporto teria eco noutros periódicos desportivos, destacando-se o artigo publicado na capa de *O Athleta*, de 8 de Agosto de 1909, com o título «O que é o SPORT em Portugal».

16 Idem, ibidem.

decidiram utilizar as páginas de *Os Sports* para fazer um duelo de opiniões¹⁷, esgrimindo argumentos sobre as vantagens e desvantagens do futebol para a sociedade portuguesa, tentando estimular a popularidade da modalidade.

Apesar da qualidade de *Os Sports*, com paralelo apenas na revista *Tiro e Sport*, o jornal não conseguiu escapar à habitual instabilidade deste género de imprensa, interrompendo a publicação entre 20 de Dezembro de 1908 e 4 de Março de 1909, chegando ao fim em 15 de Abril de 1909, legando para a história 363 números que fizeram desta publicação aquela que maior número de edições publicou durante a primeira década do século XX.

2. Da decadência à esperança

Entre 1905 e 1910, Lisboa foi a única cidade do País onde surgiram novos periódicos desportivos generalistas, num total de nove publicações. Para além do *Jornal do Sport* e *Os Sports*, lançados em 1905, apareceram também o *Eco Sportivo* (1906), *A Vida Sportiva* (1908), *Gazeta de Sport* (1909), *Athleta*¹⁸ (1909), *Sport Nacional* (1910), *Vida Sportiva*¹⁹ (1910) e *Os Sports Illustrados* (1910-1913). A maioria destes títulos (sete semanários e dois quinzenários) limitou-se a publicar alguns números, caracterizando-se, em geral, por uma linha editorial doutrinária em relação à promoção do desporto e da educação física, variando a análise jornalística «entre a observação gulosa das actividades da “classe ociosa”, o olhar curioso sobre alguns acontecimentos que tinham mais de circense do que desportivo, e a enfatização de uma visão eugenista e utilitária do desporto no processo de “domesticação” das “classes perigosas”» (Domingos & Kumar, 2006: 583).

O cariz doutrinário destes periódicos deveu-se, fundamentalmente, à mentalidade intervencionista dos directores e redactores, figuras normalmente

17 O mesmo género de disputa, mas em tons mais azedos, envolveu o *Tiro e Sport* e o *Diário de Notícias*, sendo despoletada por um artigo publicado por este último, em 8 de Setembro de 1909, onde apresentava várias razões para se proibir o futebol no Verão.

18 Foi um dos primeiros jornais a publicar um cabeçalho ilustrado, conjugando o título com diversos desenhos alusivos a vários desportos. Em 1910 surgiu um outro jornal com o mesmo título, em Angra do Heroísmo, mas era de cariz político, ligado ao Partido Liberal.

19 Propriedade da Empresa de Propaganda Sportiva (pertença da família Counhago), que em 1909 lançara *O Athleta*, o número de apresentação (que seria o único) de *Vida Sportiva* saiu para as bancas em 22 de Maio de 1910, copiando o subtítulo do *Athleta*: «Semanaário sportivo, tauromachico, theatral, humoristico, etc.». A direcção pertencia a Manoel Benito Counhago, com Arnaldo Moreno como redactor principal.

ligadas a uma restrita elite portuguesa que estudara ou frequentava as liberais sociedades europeias (em especial, França e Inglaterra) e cujo tempo livre era ocupado com actividades mundanas e sociais. A gradual integração do desporto, no universo português dos lazeres e dos tempos livres, garantiu-lhe «um significado social particular» (Domingos & Kumar, 2006: 583), atraindo figuras destacadas do meio social português. A cada uma dessas figuras caberia a função de representar um papel para a imprensa desportiva, quer fosse como figurante, actor ou produtor. E cada um dos periódicos desportivos era o somatório das ambições, doutrinas e retóricas que dominavam o desporto e a sociedade portuguesa.

Tabela 2

Caracterização dos Principais Periódicos Desportivos Generalistas Criados entre 1905 e 1910

Títulos	Edições	Director e redactores	Modalidades em destaque	Temáticas editoriais
<i>Os Sports</i> (1905-1909)	363	José Pontes Jorge de Abreu	Automobilismo, ciclismo, futebol, hipismo, natação	Decadência nacional, democratização desportiva, desporto feminino, ciência
<i>A Vida Sportiva</i> (1908)	2	Duarte Rodrigues Mário Sant'Anna ²⁰	Ciclismo, esgrima, futebol, tiro	Decadência e rejuvenescimento nacional
<i>Gazeta de Sport</i> (1909)	5	E. Sousa Prego ²¹ Armando Machado	Ciclismo, esgrima, futebol, ténis, vela	Propaganda desportiva, desporto internacional
<i>Athleta</i> (1909)	5	Amadeu Counhago António Neves	Aeronáutica, automobilismo, ciclismo, futebol, pedestrianismo, tauromaquia	Decadência nacional, propaganda e democratização desportiva
<i>Sport Nacional</i> (1910)	39	J. da Costa Braga ²²	Aeronáutica, ciclismo, futebol, luta, natação, tiro	Decadência nacional, regeneração social, educação física, associativismo, desporto feminino
<i>Os Sports Ilustrados</i> (1910-1913)	153	José Pontes Carlos Villar Mário Sant'Anna	Aeronáutica, atletismo, automobilismo, ciclismo, futebol	Propaganda desportiva, educação física, movimento olímpico, desporto feminino, decadência e regeneração

Alguns destes periódicos desportivos (ver Tabela 2) introduziram novidades a vários níveis, como foi o caso da *Gazeta de Sport*, lançada em 5

20 Destacou-se como cronista desportivo do *Diário de Notícias*, onde a imparcialidade das suas análises lhe granjearam muita popularidade.

21 Após ser acusado de favorecer editorialmente a Real Associação Naval, Ezequiel de Sousa Prego anunciou, na edição de 23 de Junho de 1909, a demissão de sócio dessa associação, condenando as insinuações que vieram a público, sublinhando mais uma vez que «a *Gazeta de Sport* não tem partido – fique entendido de uma vez para sempre!» (Prego, E. S. (1909, 23 de Junho). O nosso director. *Gazeta de Sport*, p. 1.)

22 Director e proprietário do *Sport Nacional*, J. da Costa Braga foi um tenaz promotor do desporto em Portugal, tendo estado na origem de outros periódicos desportivos (*Velo-Sport*, 1896; *Sport-Velo*, 1897; *O Cyclista*, 1900; *Velo-Portugal*, 1904). A sua ligação à imprensa devia-se ao facto de ser proprietário de uma importante tipografia: Typographia J. da Costa Braga, na Rua Maria, n.º 23 (Bairro Andrade), em Lisboa.

de Junho de 1909, ao preço de 20 réis, que apostou num noticiário internacional «minucioso»²³, conseguindo para esse fim «o que ninguém até hoje em Portugal tinha obtido ainda, arranjando correspondentes oficiais em todas as capitais estrangeiras, assim como um bem montado serviço telegráfico especial, do País e do estrangeiro.»²⁴ Além da rede de correspondentes²⁵ e de telégrafo, o periódico apostou também na publicação de informações desportivas extraídas de periódicos estrangeiros, casos de *La Gazzetta dello Sport* (Itália), *Dernière Heure* (Bélgica), *L'Auto* (França). Na edição de 30 de Junho de 1909, lançou ainda a ideia²⁶ de criação, em Lisboa, de um animatógrafo dedicado «à exibição de fitas tratando assuntos sportivos»²⁷, a exemplo do que ocorria, com sucesso, em Paris.

A *Gazeta de Sport*, apesar das novidades introduzidas, não durou mais de mês e meio²⁸, o mesmo sucedendo com o *Athleta* (1909) e os dois periódicos com o título *Vida Sportiva* (1908 e 1910). A instabilidade dos jornais desportivos motivou o *Sport Nacional*, no seu editorial de apresentação de 19 de Fevereiro de 1910, a levantar uma questão pertinente: «Se em Portugal se faz *sport*, porque não vingam os periódicos que em sua defesa e propaganda têm visto a luz?»²⁹ A explicação apresentada para o insucesso prendia-se com o facto de, em geral, os portugueses preferirem e aplaudirem «a adulação e a hipocrisia»³⁰, detestando «a verdade e o conselho são»³¹. A insistência em linhas editoriais que visassem a «verdade sem embustes»³² contribuía para que os periódicos encontrassem no seu caminho «mais inimigos, mais desgostos, mais desilusões»³³, ditando um fim prematuro.

23 A Redacção (1909, 5 de Junho). A nossa orientação. *Gazeta de Sport*, p. 1.

24 Idem, ibidem.

25 Destacaram-se os trabalhos publicados pelos correspondentes de Paris e Roma (na capital italiana encontrava-se o fotógrafo e jornalista Paulo Mendes, colaborador de *La Gazzetta dello Sport*).

26 A ideia surgiu devido ao sucesso da exibição, num animatógrafo da capital, do combate de boxe entre Tommy Burns e Jack Johnson, realizado na Austrália.

27 A Redacção (1909, 30 de Junho). O Sport e o Animatographo. *Gazeta de Sport*, p. 2.

28 Publicou-se entre 5 de Junho e 21 de Julho de 1909, num total de cinco números.

29 A Redacção (1910, 19 de Fevereiro). Ainda outra vez. *Sport Nacional*, p. 1.

30 Idem, ibidem.

31 Idem, ibidem.

32 Idem, ibidem.

33 Idem, ibidem.

Durante os meses seguintes, às quartas-feiras, o *Sport Nacional* manteve essa linha editorial incisiva e extremamente crítica para com a falta de organização do desporto português e de cultura desportiva dos portugueses, sobressaindo as crónicas de Pedal Júnior e José Moreira Salles. Um dos melhores exemplos foi o editorial «Vícios», publicado na capa de 13 de Abril de 1910, no qual Pedal Júnior acusou os portugueses de «pedantes», ao estarem a desprezar o uso da bicicleta por «preconceitos balofos e toleimas charras», justificando a acusação por «determinados indivíduos abandonarem o uso da bicicleta pelo facto de outros de classe mais modesta terem o grande arrojo de amar também esse *sport*, e de adquirirem uma máquina, em que o possam praticar». Além dos «pedantes», o cronista atacou também aqueles que considerava serem os «empatas», que definia como «umas entidades que nada fazem, mas de tudo falam, nada produzem, mas tudo criticam. Dão-se ares de conhecedores de todos os sports, sem contudo praticarem nenhum». O «empata» tinha por hábito aparecer «em toda a parte, deturpando todas as boas intenções, maculando todas as boas vontades e lançando a baba da sua maledicência sobre todas as tentativas sinceras que se façam.» E nem a imprensa desportiva fugia à acção do «empata»: «Se pega num jornal sportivo e vê nele apontados os vícios de que sofre um determinado sport e aconselhada a maneira de os corrigir, logo o *empata* – mercê da sua baça inteligência, da sua extraordinária estupidez ou da sua extrema maledicência – exclama, dando-se ares de importância:

– É isto um jornal que se diz defensor do sport, quando afinal é só para *dar castanha*. Puf!... Que porcaria!

E aqui tens, leitor amigo, o meio raquítico e mesquinho onde em Portugal vegeta o sport.»

Apesar da dificuldade de um jornal sportivo sobreviver neste ambiente, o *Sport Nacional* conseguiu ultrapassar a barreira temporal, intransponível para a maioria dos periódicos, que representava, nesta altura, os primeiros três meses de publicação. No número 14, de 18 de Maio de 1910, no editorial «Cruz ao calvário», a direcção do jornal congratulava-se com o fim daquela que considerava a sua «primeira etapa» (os primeiros três meses de edição), encetando a partir daí «a sua segunda série», defendendo a ideia de continuar a existir «ao menos uma folha sportiva popular» no pequeno mercado

jornalístico português. Ao preço de 10 réis, que fazia deste jornal um dos mais baratos entre a imprensa desportiva, o *Sport Nacional* tinha a sua sustentação (leitores e assinantes) entre os empregados do comércio de Lisboa, que representavam também uma parte substancial da base social em que assentava o próprio desporto lisboeta.

Ao longo de 1910, o clima de desânimo à volta do desporto foi-se mantendo entre a imprensa, que muitas vezes se perguntava mesmo se «há sport em Portugal?»³⁴, como fez o *Sport Nacional* no seu editorial de 7 de Setembro de 1910. E a resposta foi simples: «Não! Em Portugal não se faz sport.»³⁵ O «ambiente de vaidades e intrigas»³⁶ no desporto português reforçava os argumentos daqueles que defendiam uma mudança de mentalidades e o surgimento de um «novo Portugal»³⁷. A Instauração da República, em 5 de Outubro de 1910, foi vista como a chegada de uma «nova era»³⁸, substituindo «um governo inepto e cheio de medos»³⁹.

Os três periódicos desportivos generalistas em actividade (*Sport Nacional*, *Os Sports Illustrados* e *Tiro e Sport*) congratularam-se com a mudança de regime político, mas de maneiras distintas. A conservadora revista *Tiro e Sport* – que considerara uma «enorme perda»⁴⁰ a morte do rei D. Carlos e do príncipe herdeiro D. Luís, assassinados em 1 de Fevereiro de 1908 – só com a estabilização da vida política portuguesa, nos meses seguintes à instauração da República, é que passou a valorizar a mudança de regime e os seus novos representantes políticos, chegando mesmo a dedicar a capa da edição de 31 de Agosto de 1911 ao primeiro presidente da República Portuguesa, Manuel de Arriaga.

Mais liberal e progressista, o periódico *Sport Nacional* aderiu desde logo à causa republicana, isto apesar de ter sido episodicamente prejudicado pelos tumultos (obrigaram à suspensão da edição de 4 de Outubro) que antecederam a revolução do 5 de Outubro de 1910. No editorial «Nova Era», publicado na

34 Júnior, P. (1910, 7 de Setembro). Há sport em Portugal?. *Sport Nacional*, p. 1.

35 Idem, ibidem.

36 Idem, ibidem.

37 T. O. (1910, 12 de Outubro). Nova era. *Sport Nacional*, p. 1.

38 Idem, ibidem.

39 Idem, ibidem.

40 A Redacção (1908, 10 de Fevereiro). Sua Majestade El-Rei D. Carlos. *Tiro e Sport*, p. 2.

primeira página de 12 de Outubro, a redacção regozijava-se com aquilo que definia como «uma nova era» para Portugal, apresentando os republicanos como «valentes» e «verdadeiros descendentes duma raça de heróis que em todas as épocas, em todas as partes do mundo, em todas as conjecturas, têm sabido elevar o nome de Portugal!» E encerrou o editorial com dois vivas simbólicos: «Viva o novo Portugal! Viva a República Portuguesa!». Mas este apoio à República, por parte do *Sport Nacional*, não se prolongaria muito mais, uma vez que o jornal terminou poucos dias depois, a 26 de Outubro.

Igualmente progressista e crítico do regime monárquico foi *Os Sports Illustrados*, lançado a 11 de Junho de 1910, sob a direcção de José Pontes, com o apoio financeiro do jornal *O Século*. Logo no segundo número, de 18 de Junho, Portugal era definido como um «país pequeno»⁴¹, onde «a rotina e o preconceito só a custo deixam penetrar uma ideia nova»⁴². E muita da culpa pela ausência de novas ideias devia-se ao estado de «escavidão»⁴³ dos intelectuais portugueses: «O pensador, o jornalista, são, geralmente, no nosso país, uns escravos. Subordinam-se à opinião e temem a bota dos que lhes pagam. Não têm espontaneidade. Querem inventar, querem progredir, mas o espírito não lhes alimenta os braços, que não trabalham. Há países onde este mal desapareceu e já o intelectual orienta, e o jornalista pode impor e manter as suas opiniões.»⁴⁴ Face a este panorama, foi com natural satisfação que a direcção de *Os Sports Illustrados* encarou a Implantação da República.

Um regime velho, retrógrado, ingrato e refractário à causa da Pátria e àquela que *Os Sports Illustrados* defendem e propagam, acaba de cair. E um outro, novo, resplandecente, cheio de luz, brilhante de entusiasmo, apto para o trabalho e para a regeneração do nosso País, acaba de erguer-se e de proclamar-se por entre as salvas de artilharia e o delírio louco do povo.

(A Redacção (1910, 15 de Outubro). Um futuro novo. *Os Sports Illustrados*, p. 1)

41 A Redacção (1910, 18 de Junho). A evolução do sport em Portugal. *Os Sports Illustrados*, p. 1.

42 Idem, ibidem.

43 A Redacção (1910, 25 de Junho). Cérebros grandes mas corpos fracos. *Os Sports Illustrados*, p. 1.

44 Idem, ibidem.

Após a revolução republicana, Portugal passou a ser apresentado nas suas páginas como um país «grande em nobreza de alma e em patriotismo»⁴⁵, centrando-se o «problema nacional»⁴⁶ no «tríplice aspecto da instrução, do regime económico e da expansão colonial»⁴⁷. E os portugueses «que sinceramente pretendem colaborar na obra do levantamento do país têm de volver a sua actividade para um dos ramos do problema, segundo as suas aptidões.»⁴⁸ No caso de *Os Sports Illustrados*, os seus contributos centraram-se no «aspecto da instrução» e redimensionaram-se em duas vertentes: discursiva e organizacional. No primeiro nível, o discursivo, o periódico apresentou uma linha editorial promotora do desporto, do conceito higienista e da retórica eugenista⁴⁹, fomentando «o desenvolvimento físico e a conservação da saúde do indivíduo»⁵⁰, assim como a ideia de que «são os homens fortes que formam as nacionalidades guerreiras e poderosas, onde a educação do corpo corre paralelamente com a educação intelectual, havendo um equilíbrio perfeito.»⁵¹ A nível editorial foi também muito importante a criação, em Setembro de 1911, da secção «Chronica», assinada por Fernão Lopes, com a finalidade de comentar os assuntos marcantes da actualidade portuguesa e internacional. Foi iniciada em 16 de Setembro com a análise às implicações do «reconhecimento da República Portuguesa pelas potências europeias»⁵², o qual revestia de «uma alta significação moral»⁵³. Em Maio do ano seguinte, passou também a apresentar a secção «Tribuna da Mulher», assinada habitualmente por uma colaboradora, sob o pseudónimo de Rude, em que se defendia um papel mais activo para a mulher portuguesa no âmbito desportivo⁵⁴, político e social.

Além do importante papel na difusão de ideias, *Os Sports Illustrados* destacou-se também na organização de eventos desportivos, estratégia que o

45 Idem, ibidem.

46 Lopes, F. (1912, 6 de Janeiro). Crónica. *Os Sports Illustrados*, p. 1.

47 Idem, ibidem.

48 Idem, ibidem.

49 Cf. Domingos & Kumar, 2006: 575-638.

50 A Redacção (1910, 18 de Junho). A evolução do sport em Portugal. *Os Sports Illustrados*, p. 2.

51 A Redacção (1910, 16 de Julho). Prevenir para não remediar... *Os Sports Illustrados*, p. 1.

52 Lopes, F. (1911, 16 de Setembro). Chronica. *Os Sports Illustrados*, p. 2.

53 Idem, ibidem.

54 Cf. Rude (1912, 25 de Maio). Feminismo. *Os Sports Illustrados*, p. 1.

director, José Pontes, havia implementado anteriormente na sua passagem pela secção desportiva do *Jornal da Noite*. Em 1910, aliado com *O Século*, *Os Sports Illustrados* fez uma forte campanha de apoio à realização dos primeiros Jogos Olímpicos Nacionais, propostos pela Sociedade Promotora da Educação Física Nacional. Organizou ainda o primeiro convívio entre clubes desportivos de Lisboa e a Académica de Coimbra, assim como a primeira Grande Parada Ciclista, em honra do governo provisório da República, reunindo em Lisboa mais de 1.200 ciclistas.

A boa receptividade popular aos espectáculos desportivos de *Os Sports Illustrados* motivou ainda mais o periódico para a organização deste género de eventos, sendo pioneiro numa série de iniciativas: organizou a primeira Corrida de Automóveis em Rampa; o primeiro Combate de Boxe entre Profissionais de Peso Médio; o primeiro Porto-Lisboa em Bicicleta; a primeira Corrida Cross-Country Nacional; e a primeira visita a Lisboa de um clube estrangeiro, os franceses do Stade Bordelais Université Club, em Maio de 1911. As receitas destes espectáculos desportivos revertiam para obras de beneficência, enquadrando-se naquilo que o jornal designou de «Cruzada de Bem-Fazer», que englobava também iniciativas do diário *O Século*.

Entre 1910 e 1911, o papel activo de *Os Sports Illustrados*, quer do ponto de vista editorial, quer organizacional, fizeram dele a referência do jornalismo desportivo português, apenas acompanhado pela qualidade da revista *Tiro e Sport*. A saída do director José Pontes⁵⁵, em Agosto de 1912, que na generalidade dos casos ditaria o fim da publicação, foi compensada com a chegada de outro vulto do jornalismo desportivo português, Armando Machado⁵⁶, mantendo-se assim a qualidade do jornal até ao seu desaparecimento⁵⁷, em Maio de 1913.

55 Retirou-se da vida desportiva (do jornalismo e do dirigismo) para se dedicar exclusivamente à medicina.

56 Nascido em Outubro de 1883, Armando Machado foi educado em Zurique, na Suíça, tendo jogado futebol, em criança, no Grasshoppers FC. Num jogo, sofreu uma fractura grave num pé, sendo operado várias vezes, resultando na amputação da perna esquerda pelo terço superior. Em inícios de 1900, regressou a Lisboa, dedicando-se à propaganda do desporto, em especial o futebol, nas páginas de *Os Sports Illustrados* (Lisboa, 1910), *Jornal de Sport* (Lisboa, 1914) e *O Sport de Lisboa* (Lisboa, 1915).

57 Em 1914, tentou-se reactivar o jornal, com uma segunda série, mas sem sucesso.

3. Tauromaquia domina e automobilismo arranca

Durante a segunda metade da década de 1900, o mercado de jornais desportivos especializados manteve a tendência das décadas anteriores, com o meio tauromáquico a ser o principal centro gerador de publicações. Num espaço temporal de apenas cinco anos, entre 1906 e 1910, apareceram oito novos periódicos taurinos, todos em Lisboa: *A Verdade Taurina* (1906), *Campo Pequeno* (1906-1908), *Revista Taurina* (1909), *Ferros Curtos* (1909-1910), *Toureiio Portuguez* (1910), *A Trincheira* (1910), *O Escândalo Taurino* (1910) e *Bandarilhas de Fogo* (1910).

O primeiro destes títulos, o dominical *A Verdade Taurina*, foi um dos que conseguiu conjugar alguma longevidade com inovação e qualidade. Lançado em Abril de 1906, por Eduardo Astolfi⁵⁸, apresentava os subtítulos de «Revista Semanal Independente» e «Críticas, Artigos, Notícias do Reino, do Brazil, Américas e Estrangeiro», dedicando as suas habituais quatro páginas⁵⁹ (no formato 44x30), em exclusivo, à tauromaquia, sendo a capa ilustrada com retratos em pose de famosos toureiros portugueses e, por vezes, estrangeiros (especialmente espanhóis). A secção internacional passou a apresentar regularmente notícias de Espanha e México, recorrendo a correspondentes (contava com um em Sevilha) e à imprensa internacional, com destaque para o jornal *Heraldo*, de Madrid. Em Portugal, contava com correspondentes em Aveiro, Coimbra, Évora e Porto, permitindo-lhe uma boa cobertura noticiosa de algumas das principais praças de touros portuguesas.

Em termos de linha editorial, *A Verdade Taurina* manteve uma certa continuidade em relação às folhas periódicas tauromáquicas do século XIX, caracterizando-se como uma publicação que «remava contra a maré»⁶⁰, definindo, no entanto, como «trabalho inútil»⁶¹ o «combate pela elevação e regeneração do divertimento tauromáquico, tão arrastado, tão falseado, tão vilipendiado nestas latitudes.»⁶² Algumas das formas adoptadas para essa

58 Conhecido no meio tauromáquico simplesmente por Fiastol.

59 Era o número médio de páginas nos periódicos desportivos. Na primeira página publicava-se habitualmente o editorial e uma ou várias fotografias, sendo a contracapa reservada aos anúncios de publicidade.

60 A Redacção (1907, 9 de Junho) Tempo perdido. *A Verdade Taurina*, p. 1.

61 Idem, ibidem.

62 Idem, ibidem.

«elevação» passaram pela cooperação institucional com outros periódicos – como sucedeu na boa relação mantida com o jornal generalista *Correio da Noite* – e na aposta em temáticas inovadoras, como demonstrou a edição de 6 de Outubro de 1907, dedicada à tauromaquia feminina (publicou na capa três fotografias de mulheres toureiras, destacando-se Maria Salomé, conhecida como La Reverte), tema pouco explorado neste género de imprensa e meio desportivo, dominado quase exclusivamente por homens.

A tendência editorialista de *A Verdade Taurina* viria a ser seguida, de uma forma geral, pelas restantes publicações tauromáquicas portuguesas. No número inaugural da revista *Ferros Curtos*, de 30 de Outubro de 1909, o director Leandro Navarro clarificava os leitores que a nova publicação iria fazer tudo para ser «verdadeira, imparcial e severa»⁶³, animando-a «as melhores intenções, porque não condenaremos sem motivo, nem absolveremos sem razão. Não somos órgão de ninguém, somo-lo de todos.»⁶⁴

Esta ideia de um periódico se assumir como uma entidade reguladora e/ou fiscalizadora da actividade tauromáquica estaria também patente nas páginas do *Toureio Portuguez*, lançado em 27 de Março de 1910. No editorial de apresentação, o director Eduardo de Aguiar defendeu que «uma das grandes causas da decadência do toureiro nacional é, sem dúvida, a falta de jornais de especialidade, nos quais os críticos tratassem de incutir no espírito do público a sua afeição à nobre arte dos touros e, ao mesmo tempo, firmes no seu propósito, sem dependerem de ninguém, apontassem aos artistas todos os erros e às empresas as suas obrigações»⁶⁵. Nos meses seguintes, o *Toureio Portuguez* foi um dos mais isentos e incisivos periódicos tauromáquicos portugueses, publicando regularmente artigos sobre a decadência da tauromaquia e da vida nacional. Em 19 de Junho de 1910, decidiu mudar de título e introduzir algumas novidades, alegando estar desactualizado⁶⁶, dando origem à revista *A Trincheira*, em 26 de Junho de 1910.

63 Navarro, L. (1909, 30 de Outubro). Em poucas palavras. *Ferros Curtos*, p. 1.

64 Idem, ibidem.

65 Aguiar, E. (1910, 27 de Março). *Toureio Portuguez*. *Toureio Portuguez*, p. 1.

66 Na edição de 19 de Junho de 1910, a redacção explicou, no editorial «A Trincheira», que não fazia sentido nenhum manter o mesmo título, uma vez que o toureiro português estava em desuso, estando na moda o toureiro com espada. Além disso, o título podia levar a falsas interpretações, dando ideia que o jornal defendia o toureiro português contra o toureiro espanhol, o que não era verdade. O título *A Trincheira* foi adoptado em homenagem ao jornal de 1892.

Publicada entre Junho e Novembro de 1910, *A Trincheira* manteve um forte cariz editorialista, que lhe valeu algumas desavenças com outros periódicos, em especial com o *Bandarilhas de Fogo*⁶⁷. Tradicionalmente defensor das classes mais desfavorecidas, *A Trincheira*, que se comprava apenas por 10 réis, rejubilou com a proclamação da República, apelando, na edição de 6 de Novembro de 1910, à «união de todos»⁶⁸ à volta da causa republicana. A mesma reacção foi partilhada pela revista *Ferros Curtos*, que no número 54, de 13 de Outubro de 1910, no editorial «Viva Portugal», afirmou que «já era hora de passarmos de súbditos a cidadãos»⁶⁹, exultando com o facto da «República Portuguesa, firmada na ordem, na paz e no progresso»⁷⁰ ter substituído «a velha Monarquia que procurava impor-se pela desordem, pelo ferro e pelo retrocesso»⁷¹. O entusiasmo com a revolução republicana levou mesmo os tipógrafos a abandonarem os seus postos de trabalho, para «pegar em armas em favor da justa causa da República Portuguesa»⁷², atrasando alguns dias a saída da revista.

Para além da tauromaquia, apenas o automobilismo conseguiu fazer emergir novos periódicos desportivos especializados durante a segunda metade da década de 1900, publicando-se a revista quinzenal *Auto*⁷³ (Porto, 1908) e o semanário *O Automobilista* (Lisboa, 1910).

O único destes dois periódicos a atravessar o conturbado período revolucionário foi *O Automobilista*, lançado em 18 de Setembro de 1910 para «pugnar pelo desenvolvimento do automobilismo em Portugal»⁷⁴. No editorial «Agora nós», de 16 de Outubro de 1910, defendia que, com a chegada do novo regime, devia «entrar a moralidade na administração»⁷⁵, podendo-se

67 Na origem da primeira desavença, em Junho de 1910, esteve a discordância em relação a alguns termos técnicos tauromáquicos utilizados na imprensa.

68 Bellem, C. C. (1910, 6 de Novembro). Os inválidos. *A Trincheira*, p. 1.

69 A Redacção (1910, 13 de Outubro). Viva Portugal! *Ferros Curtos*, p. 1.

70 Idem, ibidem.

71 Idem, ibidem.

72 A Redacção (1910, 13 de Outubro). Uma explicação. *Ferros Curtos*, p. 3.

73 Apenas saiu um número, em 1 de Setembro de 1908, com o subtítulo de «revista quinzenal de automobilismo e sport», sob a direcção de Augusto Gama e propriedade da Empresa Albino Moura & C.ª.

74 No cabeçalho do número um, de 18 de Setembro de 1910, apresentava como subtítulo: «Semanário destinado a pugnar pelo desenvolvimento do automobilismo em Portugal».

75 Lima, A. (1910, 16 de Outubro). Agora nós. *O Automobilista*, p. 1.

«esperar que a viação do País melhorará»⁷⁶, caminhando assim o automobilismo português para uma «bela fase»⁷⁷. Com sede na Rua das Pretas, n.º 17, em Lisboa, *O Automobilista* pertencia a José Ducrós, que acumulava as funções de director, contando com as colaborações regulares de Eduardo Miranda Baptista (que a partir de Fevereiro de 1911 passou a director), José D'Arruella⁷⁸, A. Caldas, A. Lima e F. A. Cruz. Apesar do reduzido número de automóveis em Portugal, o periódico era vendido⁷⁹ em quase todo o País (ao preço de 20 réis), beneficiando da crescente popularidade dos veículos motorizados entre as classes abastadas.

Durante os sete meses de actividade de *O Automobilista*, até Abril de 1911, a secção «Echos do Automobilismo no Estrangeiro» foi uma das que maior prestígio granjeou, sendo uma montra do que sucedia a nível internacional, promovendo a modalidade e incentivando a organização «de provas de resistência e velocidade»⁸⁰. A principal fonte de informações, sobre o automobilismo internacional, provinha das revistas francesas especializadas, casos de *La Vie Automobile* (1903-1914) e *Omnia* (1906-1914), assim como do periódico desportivo generalista *L'Auto* (1903-1944), que dedicava muito espaço noticioso aos desportos motorizados.

Mas, ao contrário do caso francês, onde surgiram publicações especializadas em outras modalidades desportivas – desde a náutica (*Le Yachtsman*, 1908-1914), os desportos de Inverno (*Les Sports D'Hiver*, 1908-1914), ao boxe (*La Boxe et Les Boxeurs*, 1909-1914; *Sporting*, 1910-1914) –, em Portugal surgiram apenas, entre 1905 e 1910, publicações desportivas especializadas em tauromaquia e automobilismo. O caso português foi muito semelhante ao espanhol, onde os periódicos desportivos generalistas ganharam maior projecção que os especializados. No entanto, o mercado jornalístico e desportivo espanhol era mais estável, permitindo por isso o

76 Idem, ibidem.

77 Idem, ibidem.

78 Advogado e orador fluente, José D'Arruella contribuiu para o desenvolvimento da Associação de Classe dos Chauffeurs em Portugal, isto apesar de não ser automobilista, sendo considerado em 1910 um dos maiores especialistas portugueses em legislação rodoviária.

79 Na edição de 18 de Setembro de 1910 vinha a indicação que se encontrava à venda em Lisboa, Porto, Santarém, Covilhã, Braga, Coimbra, Figueira da Foz, Gouveia, Guimarães, Lamego, Castelo Branco, Viana do Castelo, Aveiro, Leiria, Funchal e Ponta Delgada.

80 Este foi um dos objectivos a que se propôs o jornal, no seu editorial de apresentação de 18 de Setembro de 1910.

surgimento, em Fevereiro de 1906, do semanário catalão *El Mundo Deportivo*, que se manteria em actividade durante todo o século XX, sofrendo uma única interrupção, durante a Guerra Civil Espanhola, nos anos 1930. Na segunda metade dos anos 1900, evidenciaram-se também as revistas desportivas generalistas *Sports*, a primeira lançada em Barcelona, em 15 de Fevereiro de 1908, e a segunda em Madrid, em 4 de Maio de 1910.

4. O aparecimento dos boletins desportivos institucionais

Uma outra novidade no mercado jornalístico desportivo português, para além dos periódicos especializados em automobilismo, foi o aparecimento dos primeiros boletins de associações desportivas, cuja principal função era informar os sócios das actividades e do desenvolvimento de uma determinada modalidade em Portugal e no estrangeiro.

Durante a década de 1900, a primeira publicação deste género foi o *Boletim Oficial da União Velocipédica Portuguesa*, lançado em Abril de 1905, num formato pequeno (29x20), com distribuição gratuita aos sócios. Desde a sua fundação, em 14 de Dezembro de 1899, que a União Velocipédica Portuguesa (UVP) ambicionava a criação de um periódico desta índole, uma vez que «de todas as Uniões filiadas na União Ciclista Internacional, só a U.V.P. não tinha boletim»⁸¹. No editorial do primeiro número, com o título «O nosso "Boletim"», a direcção da UVP apresentou o novo periódico como «uma vitória»⁸², uma vez que não era fácil concretizar «no nosso meio, pequeno, egoísta e indisciplinado, ideias representativas de progresso, de disciplina e de ordem.»⁸³ E para triunfar era «necessário remover a indiferença de uns, a má vontade de outros, os despeitos destes e as ruins intenções daqueles.»⁸⁴ O lançamento do boletim era também «uma prova da vitalidade»⁸⁵ da UVP, contribuindo para «estreitar mais e mais os laços que unem, ou devem unir, todos os membros da grande família ciclista.»⁸⁶

81 A Redacção (1905, Abril). O nosso "Boletim". *Boletim Oficial da União Velocipédica Portuguesa*, p. 3.

82 Idem, ibidem.

83 Idem, ibidem.

84 Idem, ibidem.

85 Idem, ibidem.

86 Idem, ibidem.

A família da UVP contava com alguns nomes de prestígio do jornalismo desportivo português, como Arbués Moreira, Anselmo de Sousa, Carlos Callixto, Eugénio de Aguiar, Tenório Oliveira (presidente da Comissão de Propaganda e Boletim da UVP) ou Augusto Rosado (presidente da Comissão de Publicações Oficiais da UVP), entre outros, todos pertencentes aos seus corpos gerentes. Estas personalidades, juntamente com um vasto leque de colaboradores espalhados por todo o País (normalmente ciclistas amadores, com dotes para a escrita), formaram a base jornalística em que assentou o *Boletim Oficial da União Velocipédica Portuguesa* durante a sua primeira fase, que durou até Dezembro de 1908, altura em que sofreu a primeira de várias interrupções⁸⁷, as quais marcariam a sua longa existência, desaparecendo em Julho de 1930. Mais restringido em termos temporais, mas igualmente importante, foi o trajecto do *Boletim da União dos Atiradores Civis*, lançado em Julho de 1905, três meses depois da UVP ter apresentado o seu *Boletim*. Desde finais do século XIX que a União dos Atiradores Civis (UAC), com sede em Lisboa, ambicionava por um boletim destinado a promover o tiro e informar os sócios das actividades da associação. O pequeno boletim da UAC (formato 21x15) saiu mensalmente até Fevereiro de 1907, vendendo-se em conjunto com o periódico desportivo generalista *Tiro e Sport*, tradicionalmente ligado à UAC e à difusão do tiro em Portugal.

Após as associações de classe ligadas ao ciclismo e ao tiro terem avançado, em 1905, com os seus respectivos boletins, foi a vez do hipismo passar a contar, a partir de 20 de Abril de 1910, com o seu próprio órgão informativo, através da *Revista Ilustrada da Sociedade Hípica Portuguesa*. Ao preço de 200 réis, esta publicação mensal contava com F. Sá Chaves na direcção e Costa Oliveira na secretaria de Redacção, sendo propriedade da Sociedade Hípica Portuguesa (SHP), com sede na Rua Ivens, n.º 56, em Lisboa (no n.º 31 ficava a sede da UVP). Nas duas décadas seguintes,

87 A primeira interrupção sucedeu entre Dezembro de 1908 e Julho de 1914, voltando a deixar de sair entre Dezembro de 1914 e Janeiro de 1920. A estabilidade dos anos 1920 permitiu ao *Boletim* patrocinar diversas campanhas (em Janeiro de 1926, encetou uma forte luta em prol da melhoria das estradas portuguesas), apoiar iniciativas (em Janeiro de 1927, apoiou o *Diário de Notícias* e *Os Sports* na organização da I Volta a Portugal em Bicicleta) e organizar eventos (em Junho de 1930, levou a cabo a primeira edição dos 100 Quilómetros da UVP, prova ganha por José Maria Rodrigues, ciclista do Club Atlético de Campo D'Ourique). Suspendeu a publicação no número 196, em Julho de 1930. Voltaria a aparecer, em Fevereiro de 1940, mas como Relatório e Contas da UVP.

assumiu-se como a voz do desporto equestre português, contribuindo para o desenvolvimento da modalidade e para a sua estruturação organizativa, saindo inclusivamente das suas páginas a ideia⁸⁸, lançada em 1927 por Manuel Latino⁸⁹, de criar a Federação Equestre Portuguesa.

Durante os primeiros anos do século XX, o gradual contágio social do desporto, cada vez mais integrado no mundo do lazer e dos tempos livres dos portugueses, fez também com que certos boletins, pertencentes a associações culturais, o integrassem como um elemento informativo, como sucedeu com o boletim da Associação Coimbra-Club, lançado em 16 de Abril de 1907, em Coimbra. Com o subtítulo de «Revista quinzenal ilustrada», o periódico *Coimbra-Club* assumia-se como uma publicação «Scientifica, Litteraria, Sportiva e Charadística», contando na sua secção desportiva com a colaboração do prestigiado ginasta Paulo Lauret.

Mas, no final dos anos 1900, a publicação que melhor conjugou o mundo artístico com o desporto, foi o periódico *Lettras e Sport*, que se definia, em subtítulo, como uma «Revista Litteraria, Sportiva e Theatral». Lançada no Porto, em 1 de Março de 1910, sob a direcção e gerência de Aureliano Carneiro Martins, a *Lettras e Sport* publicou no número inaugural diversos artigos desportivos, dedicados ao futebol, ténis, ginástica, hóquei e patinagem, assim como notícias sobre as actividades do Futebol Clube Porto. Literatura, teatro e poesia formavam o trio cultural desta revista, que não passou do número quatro, publicado em 1 de Maio de 1910. Em finais desse mesmo ano saiu, em Lisboa, o periódico *A Ribalta*, com o subtítulo de «Revista Quinzenal, Sportiva, Theatral e Litteraria», sendo dirigido por Artur dos Santos (assinava com o pseudónimo de D. Chicote). Vendido por 10 réis, nas suas habituais quatro páginas (formato 45x30) predominou a literatura e o desporto, em especial o ciclismo e as actividades da UVP, como sucedeu na capa da quinta (e última) edição, de 8 de Janeiro de 1911.

88 Cf. Latino, M. (1927). Federação Equestre Portuguesa. *Revista Ilustrada da Sociedade Hípica Portuguesa*, ano XVIII, n.º 102, p. 8.

89 Foi praticante de hipismo, fundador e presidente da Sociedade Hípica Portuguesa, tendo sido um dos impulsionadores da Federação Equestre Portuguesa, que presidiu entre 1938 e 1956. Manuel Latino foi ainda chefe da equipa nacional de hípica e um dos iniciadores do Concurso da Figueira da Foz, incentivando também a participação internacional de cavaleiros portugueses.

CAPÍTULO 5

1911-1913: Esperança e diversificação

1. O desporto e as artes fortalecem relações

Nos primeiros anos da década de 1910, os periódicos assentes na fórmula editorial desporto-literatura-teatro, que podemos designar como uma espécie de imprensa artístico-desportiva, ganharam um novo fôlego (que se manteria ao longo desta década e da seguinte), surgindo cinco novos títulos num intervalo de dois anos. Em 7 de Abril de 1912, em Lisboa, saiu para as bancas o quinzenário *O Caraça*, com o subtítulo de «Revista Ilustrada, Tauromáquica, Teatral, Cinema, Sportiva e Humorística», cabendo a direcção a Augusto Graça e a secretaria de Redacção a Alfredo Pinto. Ao custo de 10 réis, a primeira página do número inaugural foi dedicada à arte do toureio, publicando um retrato, em pose, do famoso cavaleiro José Casimiro d'Almeida. Entre os colaboradores contava com Zé Jaleco, um dos mais incisivos críticos tauromáquicos portugueses, sendo predominante a tauromaquia no seu noticiário, assim como na capa (no que viria a ser o seu último número, de 18 de Agosto de 1902, a primeira página foi dedicada ao 20.º aniversário da Praça de Touros do Campo Pequeno).

A arte do toureio integrou também a linha editorial do periódico *Alma Nova*, lançado em Lisboa durante a primeira quinzena de Abril de 1913, com o subtítulo de «Revista Illustrada Litteraria, Sportiva, Taurina, Theatral e Anunciadora». A «Secção Sportiva» era assinada sob o pseudónimo de Raquette, que logo no primeiro número fez questão de lembrar que «uma das coisas que mais tem progredido em Portugal é o Sport»¹, existindo cada vez «mais *sportmens*»². No entanto, esta publicação não daria grande relevo ao desporto, prevalecendo nas suas páginas o mundo artístico e político.

O noticiário desportivo teria sim grande projecção no periódico *Actualidades*, cujo primeiro número saiu em 5 de Outubro de 1913, em Lisboa, sob a direcção de Campos Dumas. Apresentada em subtítulo como uma «Revista Litteraria, Artística, de Modas e Sport», demonstraria ao longo da sua

1 Raquette (1913, Abril). Secção Sportiva. *Alma Nova*, p. 8.

2 Idem, *ibidem*.

existência (durou até 1 de Maio de 1915) uma forte propensão para a promoção do desporto, em especial de uma modalidade que começava a granjear cada vez mais popularidade em Portugal: o futebol. No terceiro número, de 19 de Outubro de 1913, a capa do *Actualidades* foi inteiramente dedicada à abertura da nova temporada do Campeonato de Lisboa de Futebol, recordando que «ainda há bem poucos anos o início de uma época desportiva pouco ou nenhum interesse despertava no nosso público. Hoje, porém, as coisas mudaram muito de figura e a inauguração da presente temporada de foot-ball constituiu um acontecimento sensacional»³. Face a este fenómeno de crescente popularidade, passaram a ser habituais, no *Actualidades*, as primeiras páginas dedicadas ao futebol lisboeta, publicando regularmente fotografias desportivas de António M. de Moura e Arnaldo Garcez⁴.

Também muito activo na divulgação do desporto, mas em Évora, foi o periódico *O Académico – Semanário litterario, científico, humorístico e sportivo*, apresentado em 6 de Dezembro de 1913, sob a direcção de Joaquim Velez Carço. Nos 14 números publicados, o último deles em 25 de Junho de 1914, a sua secção «O Sport Nacional» caracterizou-se pela publicação regular de artigos a favor da prática desportiva, principalmente na região alentejana.

Igualmente com o objectivo de «servir de meio ao desenvolvimento do sport»⁵, procurando «incutir no espírito de todos a necessidade de cultivar o sport»⁶, apareceu nas bancas de Coimbra, em 27 de Abril de 1912, o pequeno periódico *O Recreativo – Quinzenário noticioso literário e desportivo*, criado por um grupo⁷ de sócios do Clube Recreativo Conimbricense. Apesar de ser um mero órgão informativo de um clube local, apresentava regularmente, nas suas habituais quatro páginas, uma alargada cobertura noticiosa da actividade desportiva de outros clubes conimbricenses, promovendo também desportos

3 A Redacção (1913, 19 de Outubro). A inauguração da temporada de 'foot-ball'. *Actualidades*, p. 1.

4 A partir de 1914, o seu nome passou a figurar no cabeçalho do jornal como «colaborador photographico». Arnaldo Garcez Rodrigues tomou-se num dos mais reputados fotógrafos portugueses durante a década de 1910, sendo o único repórter fotográfico que acompanhou o Corpo Expedicionário Português na Primeira Guerra Mundial. No início dos anos 1920 destacou-se ao serviço de *O Século e Diário de Lisboa*. Cf. António Pedro Vicente (2000). *Arnaldo Garcez, um repórter fotográfico na Primeira Grande Guerra*. Porto: Centro Português de Fotografia.

5 A Redacção (1912, 27 de Abril). O nosso jornal. *O Recreativo*, p. 1.

6 Idem, ibidem.

7 O restrito grupo era formado por Porfírio Ipolito Azevedo da Fonseca (assumiu o cargo de director), António das Neves Rodrigues (redactor) e Frutuoso Veiga da Silva Símões (administrador).

pouco conhecidos do público português, como sucedeu na capa do número 2, de 14 de Maio de 1912, com a arte marcial japonesa do Jiu-Jitsu.

Este desporto nipónico ganhara alguma popularidade graças, em parte, ao *Diário de Notícias* que, em Janeiro de 1908, deu destaque à visita a Lisboa do lutador de jiu-jitsu japonês Raku. No entanto, apesar dos súbitos interesses informativos pelo fenómeno desportivo, este continuaria a ocupar «um espaço residual na imprensa generalista» (Domingos & Kumar, 2006: 583) durante a década de 1900 e na seguinte.

Durante os primeiros anos da década de 1910, as edições de domingo, de segunda-feira e terça-feira dos jornais diários generalistas eram as que apresentavam maior noticiário desportivo, o que se devia à concentração da prática desportiva durante o fim-de-semana, única altura em que existia tempo para o lazer. As colunas desportivas do *Diário de Notícias* (com o cabeçalho de «Vida Sportiva») e de *O Século* («Sport») publicavam-se regularmente nesses dias – num tom claramente informativo –, desaparecendo ao longo da semana.

Normalmente, as colunas desportivas dos jornais generalistas eram remetidas aleatoriamente para as páginas interiores, merecendo honras de capa apenas quando o acontecimento desportivo assumia uma outra dimensão, além da meramente desportiva. Em Maio de 1911, por ocasião da visita a Lisboa do primeiro clube estrangeiro de futebol, os franceses do *Stade Bordelais Université Club*, o diário *O Século*⁸ chamou o tema à primeira página nas edições de 22 (segunda-feira) e 23 de Maio de 1911, realizando uma excelente cobertura informativa e fotográfica da visita, que fora organizada pelo periódico desportivo *Os Sports Illustrados*. Um mês antes, a visita ao Porto da equipa do *Vie au Grand Air du Medoc*, campeões de futebol do sudeste da França, mereceu também relevo na imprensa diária portuense, em especial no *O Primeiro de Janeiro* e *O Comércio do Porto*.

O desporto assumiu também uma importante expressão noticiosa e organizativa nos diários lisboetas *A Capital* (1910-1938) e *O Mundo* (1900-1927), o que se deveu, em grande medida, à qualidade dos seus cronistas desportivos. Durante a década de 1910, a coluna desportiva de *A Capital*

⁸ No início de 1911, tornou-se popular em Lisboa o *placard* desportivo do jornal *O Século*, colocado no exterior da sua sucursal no Rocio, onde eram afixados os resultados dos jogos de futebol e de outros eventos desportivos, assim que se recebia essa informação (através do telégrafo) na Redacção.

contou com a colaboração de dois vultos do jornalismo desportivo: José Pontes (redactor efectivo entre 1910 e 1919) e Armando Machado (dirigiu a secção desportiva entre 1912 e 1913). Em relação ao diário republicano *O Mundo*, foi da responsabilidade do seu cronista desportivo Rui Cunha (em jovem fora atleta e professor de ginástica) a organização de uma das mais importantes provas desportivas dos anos 1910: a Semana Desportiva de *O Mundo*, que começou no domingo, 9 de Março de 1913, e terminou no domingo seguinte, dia 16, englobando competições de motociclismo, ciclismo, futebol, atletismo, hipismo, halterofilismo e boxe. O desfile⁹ de abertura, realizado no campo do Lumiar, propriedade do Sporting Clube de Portugal, contou com a presença do presidente da República, Manuel de Arriaga, no que foi visto como uma clara demonstração da crescente importância do desporto na sociedade lusa. A iniciativa de *O Mundo* mereceu rasgados elogios por parte da restante imprensa generalista, assim como da imprensa desportiva, com o melhor exemplo a ser o *Tiro e Sport*, que na sua edição de 31 de Março de 1913 lhe dedicou cinco páginas e catorze fotografias, caracterizando a Semana Desportiva como um «trunfo memorável»¹⁰.

Na década de 1910, o noticiário desportivo não só se consolidou no espectro informativo da imprensa generalista de referência, como também o fez entre os jornais de menor dimensão, um pouco por todo o País. Os periódicos *A Praia da Figueira* (Figueira da Foz, 1908-1911), *Fragmentos* (Beja, 1911), *Tic-Tac* (Tomar, 1915), *A Rabeca* (Portalegre, 1916) e *Gazeta de Ovar* (Ovar, 1919) foram alguns dos títulos que adoptaram naturalmente o desporto como matéria noticiosa, conciliando o discurso informativo com o doutrinário.

2. O panorama inglês e francês

Ao contrário do caso português, em que o fenómeno desportivo estava ainda numa fase embrionária, em Inglaterra o desporto era já um facto social

9 O relato do desfile, publicado no *Tiro e Sport* de 31 de Março de 1913, apresenta quase as mesmas características dos desfiles desportivos que duas décadas depois passariam a realizar-se durante o Estado Novo: um desfile de atletas, ao som de duas bandas de música, criando um «espectáculo tão grandioso que o mais indiferente à prática ou à propaganda dos desportos não resistiria sem elevar os seus braços para saudar» (A Redacção (1913, 31 de Março). A semana desportiva do jornal "O Mundo". *Tiro e Sport*, p. 3).

10 A Redacção (1913, 31 de Março). A semana desportiva do jornal "O Mundo". *Tiro e Sport*, p. 3.

dominante, para o que muito contribuiu a longa tradição desportiva da sociedade britânica, berço de várias modalidades, como o rãguebi ou o futebol. O sucesso organizativo e desportivo dos Jogos Olímpicos de Londres, em 1908, também ajudou a reforçar o papel do desporto entre os ingleses.

O peso social do «sport» assumiu tal proporção que quatro anos depois, após a fraca prestação dos «sportsmen» britânicos nas Olimpíadas de Estocolmo-1912, a opinião pública inglesa não poupou críticas ao Comité Olímpico Inglês, numa onda de contestação que envolveu toda a imprensa. Os periódicos ingleses atacaram duramente os responsáveis políticos do desporto inglês, apelando à reforma de todo o sistema desportivo, numa luta que agregou um vasto conjunto de jornais, dos mais diversos quadrantes: desde os conservadores *The Times*, *Blackwood's* e *Daily Express*; aos liberais e populistas *Manchester Guardian*, *Daily Telegraph*, *Observer*, *Daily Mail* e *Liverpool Daily Post*; os desportivos *Baily's Magazine of Sport and Pastimes* e o *The Field*; e o satírico *Punch* ou o universitário *Granta* (jornal da Universidade de Cambridge). O debate reformista¹¹, na opinião pública e na imprensa, à volta do futuro do movimento olímpico inglês, prolongou-se desde o Verão de 1912 até meados de 1913, numa clara demonstração da importância do desporto na sociedade inglesa.

No início da década de 1910, o movimento desportivo, enquanto fenómeno social, encontrava-se igualmente consolidado na França, com a imprensa a ser um reflexo dessa mesma preponderância do desporto como elemento essencial da sociedade gaulesa. Vários jornais generalistas tinham no desporto um dos temas predilectos da primeira página, casos do *L'Illustration*, *Excelsior* e, especialmente, *Le Petit Journal*. Entre a imprensa desportiva generalista dominavam claramente o diário *L'Auto* (1903-1944) e a revista ilustrada *La Vie Au Grand Air* (1898-1914), surgindo regulamente novos periódicos desportivos especializados, como a revista mensal *Moto-Revue* (1913-1914), dedicada ao motociclismo.

11 Cf. Llewellyn, M. P. (2008). A Nation Divided: Great Britain and the Pursuit of Olympic Excellence, 1912-1914. In Wray Vamplew (Ed.), *Journal of Sport History*, Vol. 35 (pp. 73-98). EUA: The North American Society of Sports History.

3. Quatro modalidades com voz

Em Portugal, o mundo dos desportos com motor estava igualmente a cativar cada vez mais seguidores, principalmente nos campos do automobilismo (já não era nenhuma originalidade) e da aeronáutica (esta sim uma inovação), com efeitos obviamente ao nível da imprensa desportiva especializada. Na esfera do desporto automóvel, depois de uma viragem de década dominada pelo semanário lisboeta *O Automobilista* (1910-1911), passou-se a publicar, no Porto, em finais de 1913, a *Revista Automobilista Portuguesa*, dirigida por António A. Santos, também seu proprietário.

Mas a grande novidade, no ramo dos desportos com motor, foi o surgimento das primeiras publicações dedicadas à aviação, cuja história estaria, ao longo de todo o século XX, intimamente ligada com a história da aeronáutica desportiva (Liponski, 2005: 18). A primeira publicação deste género foi o *Boletim do Aero-Club de Portugal*, lançado em Lisboa, em Março de 1911, pela Comissão Técnica do Aero-Club de Portugal, organização fundada dois anos antes e que contava com 30 sócios (na sua maioria, oficiais de engenharia). No editorial de apresentação do novo boletim, António Augusto de Aguiar afirmou que a «grande missão»¹² do periódico seria a de «despertar, dentro do nosso meio, tão avesso a causas novas, um interesse verdadeiro por estas questões, fazendo assim com que o Aero-Club de Portugal aumente os seus rendimentos de modo a habilitá-lo a entrar no campo da prática.»¹³

Saindo trimestralmente, ao preço de 200 réis (para os sócios era grátis), o *Boletim do Aero-Club de Portugal* durou apenas quatro números, mudando de título a partir de Janeiro de 1912, passando a publicar-se bimestralmente como *Revista Aeronáutica*, com o subtítulo de «Órgão do Aero-Club de Portugal». Nas edições de 1913, o periódico deu grande destaque ao aviador Luiz Maria de Noronha¹⁴, considerado o primeiro aviador português. O seu pioneirismo, a que se aliou, infelizmente, a forma trágica como faleceu (devido a um acidente

12 Figueiredo, A. A. (1911, Março). O Aero-Club de Portugal. *Aero-Club de Portugal*, p. 3.

13 Idem, ibidem.

14 Nascido em Lisboa a 17 de Março de 1888, Luiz de Noronha frequentou em França as escolas de aviação de Argouet, Farman e Voisin, entre Fevereiro de 1912 e Janeiro de 1913. Em Dezembro de 1912, recebeu o brevet de piloto (n.º 1.187, atribuído pela Federação Aeronáutica Internacional), o primeiro concedido a um português. Faleceu em 24 de Junho de 1913, devido aos ferimentos provocados por uma queda de 50 metros do seu biplano Voisin, durante um voo no improvisado campo de aviação do Seixal.

de avião em Junho de 1913), contribuíram para que a *Revista Aeronáutica* lhe dedicasse várias capas, elevando-o ao estatuto de primeiro herói da aviação portuguesa. Outra temática em destaque foi a aeronáutica militar, principalmente entre 1913 e 1914, sendo o reflexo evidente do contexto militarista que se vivia a nível internacional. Na edição de Maio-Junho de 1913, a *Revista Aeronáutica* afirmava que «aos primeiros sintomas de rompimento de hostilidades»¹⁵, seria algo «natural»¹⁶ que a mobilização aérea precedesse e se antecipasse¹⁷ à naval e à terrestre, passando os países a ver «as fronteiras atmosféricas atravessadas, os territórios aéreos invadidos e os trabalhos militares de toda a espécie devassados»¹⁸.

Desde a sua criação, em Março de 1911, que o órgão informativo do Aero-Club de Portugal apostou na permuta de edições (a troca de jornais era a principal forma de acesso às notícias internacionais) com outros periódicos. Na sua última edição, de Julho-Dezembro de 1914, a *Revista Aeronáutica* permutava-se com um total de 47 publicações, 17 delas portuguesas e 30 estrangeiras, na sua maioria ligadas à aeronáutica (ver Tabela 3), o que lhe permitia apresentar regularmente um completo noticiário internacional.

Tabela 3

*Panorama Internacional das Principais Revistas de Aeronáutica em 1914*¹⁹

Título	País
<i>Aer</i> (órgão do Aero-Club de Itália)	Torino, Itália
<i>Az Aero</i> (órgão da Associação Aeronáutica da Hungria)	Hungria
<i>Aero-Club da Rússia</i>	S. Petersburgo, Rússia
<i>Aeronautical Journal</i> (órgão da Aeronautical Society of Great Britain)	Londres, Inglaterra
<i>Aérophile</i> (órgão do Aero-Club de França)	Paris, França
<i>Auto</i> (órgão do Aero-Club da Dinamarca)	Copenhaga, Dinamarca
<i>Avia</i>	Roterdão, Holanda
<i>Boletim</i> (órgão do Aero-Club Suíço)	Suíça
<i>Boletin del Aero-Club Argentino</i>	Buenos-Aires, Argentina
<i>Conquête de l'air</i> (órgão do Aero-Club da Bélgica)	Bruxelas, Bélgica
<i>Deutsche Luftfahrer Zeitschrift</i>	Berlim, Alemanha

15 A Redacção (1913, Maio-Junho). A hegemonia dos ares. *Revista Aeronáutica*, p. 3.

16 Idem, ibidem.

17 Neste período, a aviação era ainda encarada como um meio de obtenção de informações, através da observação aérea, uma vez que a incorporação de armas nos aviões só sucederia nos anos seguintes devido ao deflagrar da Primeira Guerra Mundial.

18 Idem, ibidem.

19 Fonte: *Revista Aeronáutica*, Julho-Dezembro de 1914, p. 2.

<i>España Automovil y Aeronáutica</i> (órgão do Real Aero-Club de Espanha)	Madrid, Espanha
<i>Bulletin Fédération Aéronautique Internationale</i>	Paris, França
<i>Flight</i> (órgão do Royal Aero Club)	Londres, Inglaterra
<i>Flying</i> (boletim do Aero-Club dos Estados Unidos da América)	Nova Iorque, EUA
<i>L'Aérostation</i> (revista da Académie Aeronautique de France)	Paris, França
<i>Les Echos</i> (boletim da Nord Aviation)	Lille, França
<i>Bulletin Ligue Aéronautique de France</i>	Paris, França
<i>Mitteilungen des Osterreichischen Aero Clubs</i>	Viena, Áustria
<i>Navigazione Aérea</i>	Itália
<i>Osterreichischen Flug-Zeitschrift</i>	Viena, Áustria
<i>Revue Aéronautique et Automobile</i>	Paris, França
<i>Revue du Cerf-volant</i>	Paris, França
<i>Svensk Motortidning</i> (órgão do Aero-Club da Suécia)	Estocolmo, Suécia

No início dos anos 1910, apareceu outro jornal dedicado ao mundo da aeronáutica portuguesa, conciliando esta actividade com mais desportos. Em 1 de Setembro de 1912, pela mão de Fernando Valle, saiu em Lisboa o periódico *A Aviação*, apresentando o subtítulo de «Quinzenário Ilustrado de Aeronáutica e Sports». Ao preço de apenas 12 réis, num formato pequeno (39x26), apresentou-se com seis páginas quase inteiramente dedicadas à aeronáutica, sobressaindo as secções «Machinas de Voar» (destinada a dissecar os diferentes tipos de aviões) e «As Viagens» (relatos sobre viagens de avião). Igualmente importante era a secção «Sport», criada para analisar a restante actividade desportiva do País.

Apontada a um público jovem, a linha editorial de *A Aviação* caracterizou-se por um forte pendor doutrinário, através da pena de Mayer Garção, César Casqueiro e Argus que defendiam a necessidade de uma «poderosa reacção»²⁰ da sociedade portuguesa, de forma a «reconquistar a robustez perfeita, a sanidade corporal e intelectual»²¹, perdidas durante «o servilismo em que viveu durante séculos»²². E para que surgisse essa reacção era imperativo «radicar no espírito da mocidade, o amor pelo Sport, o supremo motor da renascença da geração»²³, permitindo assim «fundar a religião do

20 Casqueiro, C. (1912, 16 de Setembro). Crónica. *A Aviação*, p. 1.

21 Idem, *ibidem*.

22 Argus (1912, 16 de Setembro). Iniciativas patrióticas. *A Aviação*, p. 4.

23 Casqueiro, C. (1912, 16 de Setembro). Crónica. *A Aviação*, p. 1.

Belo e o culto da Força consciente e libertadora, símbolo da vida intensa de luz e de harmonia.»²⁴

Esta mesma tendência editorialista, de apelo à mudança na sociedade portuguesa, estaria igualmente patente na revista *O Cyclista*, único periódico publicado sobre ciclismo durante toda a década de 1910. Com os subtítulos de «Revista Quinzenal de Velocipedia» e «Órgão Oficial da União Velocipédica Portuguesa», *O Cyclista* saiu pela primeira vez a 14 de Maio de 1911, ao preço de 10 réis, com Vítor Alves a director e Telles de Sousa na administração, sendo propriedade da Empresa Editora *O Cyclista*, com sede em Lisboa. No editorial de apresentação «Ao que vimos», a direcção do novo periódico deixava bem claro que pretendia «juntar os seus esforços aos daqueles que por meio da Educação Physica trabalham pelo rejuvenescimento desta depauperada raça de heróis e consequentemente deste nosso querido e lindo Portugal»²⁵. Foi precisamente seguindo esta linha editorial que *O Cyclista* viria a dar enorme destaque noticioso à volta à Europa, em bicicleta, sem dinheiro, realizada por três jovens portugueses (Jacinto Ribeiro, João Lacerda e Reint Rosenstock), entre Maio de 1911 e inícios de 1912. Todas as incidências desta «bela iniciativa»²⁶, que pretendia acima de tudo «demonstrar ao estrangeiro o vigor da nossa raça»²⁷, teriam relato nas páginas de *O Cyclista*, destacando-se as edições de 14 e 30 de Maio de 1911 (dedicadas ao início da viagem, em Lisboa), 15 de Setembro de 1911 (publicou uma carta dos ciclistas, enviada de Bordéus) e 15 de Janeiro de 1912 (com um relato exaustivo da viagem, escrito por Reint Rosenstock, desde a Holanda, onde se encontrava sozinho, já que os seus dois colegas haviam desistido devido a desavenças pessoais).

As duas edições de Julho de 1911 de *O Cyclista* apresentaram também duas linhas de preocupação importantes (militarismo e desporto feminino) no espectro da imprensa periódica desportiva portuguesa desta época. A capa do número 5, de 15 de Julho de 1911, foi dedicada a promover a união entre o tiro e a velocipedia²⁸, aliança a partir da qual podiam «resultar grandes vantagens,

24 Idem, *ibidem*.

25 A Direcção (1911, 14 de Maio). Ao que vimos. *O Cyclista*, p. 1.

26 A Redacção (1911, 14 de Maio). À volta da Europa. *O Cyclista*, p. 1.

27 Idem, *ibidem*.

28 Na origem deste artigo esteve a realização do primeiro Campeonato de Tiro, em Lisboa, disputado na carreira de tiro de Pedrouços, organizado pela União dos Atiradores Civis Portugueses.

não só para o nosso desenvolvimento físico, mas ainda e muito principalmente para a prestação dos mais altos serviços em defesa da Pátria, no dia em que cada qual – militar ou simples cidadão – tenha de pegar numa arma para defender a integridade da República e a honra do nome de Portugal»²⁹. Na primeira página do número seguinte, de 30 de Julho de 1911, foi a vez de Pedal Júnior assinar o artigo «A mulher e a bicycleta», no qual lamentava o facto da educação física da mulher portuguesa se encontrar «num completo e criminoso abandono», defendendo ainda que o desporto devia ser «um dos pontos essenciais da educação da mulher».

Em inícios de 1912, a revista *O Cyclista* passou a contar com o talento do caricaturista António Soler, criando uma nova secção para apresentar os seus trabalhos sobre ciclismo e desporto. Passou também a publicar artigos de dois correspondentes estrangeiros (Alberto Carvalho, em Londres, e António Pereira das Neves, no Rio de Janeiro), reforçando assim o valioso noticiário internacional. No entanto, pouco depois, no final de Abril de 1912, problemas com a União Velocipédica Portuguesa levariam à suspensão da revista, acabando ao fim de 24 números.

Além da velocipedia, automobilismo e aeronáutica, apenas uma outra actividade desportiva contou com vozes entre a imprensa periódica desportiva especializada. Foi a tradicional tauromaquia, que no início da década de 1910 viu nascer *A Tourada* (Lisboa, 1912) e *Sol e Moscas* (Lisboa, 1913), ambas publicações com séries anteriores e novamente de vida curta devido ao clima hostil que se vivia no meio tauromáquico luso.

4. O papel doutrinal da imprensa desportiva generalista

A falta de união no meio desportivo português era, provavelmente, o principal problema com que se debatia a imprensa desportiva portuguesa, com vários periódicos a lançarem, regularmente, apelos à coesão no desporto nacional. Na sexta-feira, 9 de Agosto de 1912, saiu em Lisboa o primeiro número do semanário *Vida Sportiva*, encetando desde logo uma incisiva campanha em prol da regeneração da sociedade e do desporto português que,

29 Ignotus (1911, 15 de Julho). Tiro e velocipedia. *O Cyclista*, p. 1.

na sua opinião, se encontravam a «definhar a olhos vistos»³⁰. E a principal causa desta situação era a falta de «espírito de unidade das grandes massas, onde as mesquinhas rivalidades pessoais se diluem, perante o esforço geral, perante um fim mais alevantado.»³¹ Dirigido por A. Kurt Silva Pinto, este semanário ilustrado manteve, ao longo da sua curta história (durou oito números, até 11 de Outubro de 1912), uma firme tendência doutrinária, promovendo também uma estética do desporto, graças à qualidade das fotografias³² e caricaturas publicadas na primeira página.

Este género de linha editorial, embora de cariz mais conservador, caracterizou igualmente a vida do *Jornal de Sports*, lançado em Lisboa, em 10 de Fevereiro de 1911. Bissemanário de 20 réis (saía às terças-feiras e sextas-feiras), o *Jornal de Sports* encontrava-se à venda nas principais tabacarias de Lisboa e nos campos de futebol, apresentando um rumo editorial assente na «boa e enérgica propaganda do sport»³³, de forma a ajudar a «causa desportiva»³⁴ e promover a «regeneração e robustecimento da nossa raça»³⁵.

O principal jornal desportivo generalista deste período, *Os Sports Ilustrados*, congratulou-se com a chegada do *Jornal de Sports*, principalmente porque apresentava Daniel Queiroz dos Santos³⁶ na chefia de redacção, «nome sobejamente conhecido e respeitado entre os nossos *sportsmen* e, só por si, garantia segura de êxito do novo e interessante jornal»³⁷. Mas Queiroz dos Santos só se manteve no cargo até Maio, altura em que Eleutherio Gomes d'Abreu (presidente do Ginásio Clube Português) o substituiu, encetando algumas mudanças gráficas, com destaque para a publicação na capa de caricaturas e cartoons dos principais desportistas portugueses. Apesar da boa receptividade no campo publicitário (normalmente a última página, das quatro que publicava, era preenchida com anúncios provenientes do comércio ligado

30 A Redacção (1912, 9 de Agosto). Unir fileiras. *Vida Sportiva*, p. 1.

31 A Redacção (1912, 16 de Agosto). Considerações. *Vida Sportiva*, p. 1.

32 Destacaram-se os trabalhos fotográficos de Rebocho Costa e António M. Moura.

33 A Redacção (1911, 10 de Fevereiro). O programa que tencionamos seguir. *Jornal de Sports*, p. 1.

34 Idem, ibidem.

35 Idem, ibidem.

36 Casapiano, Daniel Queiroz dos Santos integrou a equipa de portugueses que em 1898 venceu, pela primeira vez, os ingleses do Carcavellos Club num jogo de futebol. Em 1907, trocou a equipa de futebol do Sport Lisboa e Benfica pelo Sporting Clube de Portugal, onde chegaria a presidente.

37 A Redacção (1911, 18 de Fevereiro). *Jornal de Sports*. *Os Sports Ilustrados*, p. 2.

ao desporto). O *Jornal dos Sports* terminaria a 30 de Junho de 1911, deixando 31 números que alternaram entre a liberal luta pela promoção do desporto na sociedade portuguesa e o conservadorismo relativamente a temas como o desporto feminino³⁸ e a educação sexual³⁹.

Mas nem todos os jornais desportivos generalistas nascidos neste período tiveram a mesma linha doutrinal, mantendo-se alguns num registo puramente informativo, como foram os casos de *A Crítica Desportiva* (Lisboa, 1913) e *A Vida Sportiva* (Lisboa, 1913), ambas publicações dirigidas por Álvaro Ataíde Costa. No número inaugural de *A Vida Sportiva*, publicado na primeira quinzena de Agosto de 1913, a Redacção explicava que os artigos de crítica e doutrina representavam um «trabalho difícil»⁴⁰, só ao alcance de jornalistas desportivos mais experientes, além de que se vivia numa fase em que a notícia desportiva dominava sobre as análises críticas, defendendo por isso o lema: «notícias no maior número possível, crítica nenhuma.»⁴¹

5. Heroísmo patriótico em tempos de união jornalística

Apesar das permanentes quezílias entre periódicos desportivos, com uma série de episódios ao longo do século XX, a generalidade da imprensa desportiva portuguesa vivia num ambiente tranquilo e consensual no início dos anos 1910, trabalhando em prol da «causa desportiva». Este objectivo comum fez com que a ambicionada ideia de criar uma associação, para os jornalistas desportivos portugueses, ganhasse forma entre o final de 1910 e o início de 1911, seguindo assim o exemplo dos jornalistas desportivos franceses que desde 1905 contavam com a *Association des Journalistes Sportifs*.

38 Na edição de 2 de Junho de 1911, a Redacção publicou o artigo «A esgrima e a Mulher», em que considerava «desagradável» o facto da mulher portuguesa aprender esgrima, defendendo mesmo que «seria prejudicial, tanto para o nobre jogo da espada, como para as mulheres, a sua assiduidade nas salas de armas.»

39 Na edição de 21 de Fevereiro de 1911, na capa, a direcção do jornal atacou ferozmente a Assembleia do III Congresso Internacional de Higiene Escolar, realizado em Paris, por causa da decisão de tomar a educação sexual num tema escolar, no que foi visto como algo que «ultrapassa os limites da nossa compreensão». O *Jornal de Sports* avaliou com gravidade o facto do congresso ter considerado «necessário ensinar às crianças o ABC do deboche», defendendo que «não há, nem haverá jamais outro remédio, além do da ignorância, que proteja a juventude dos perigos que lhe podem acarretar os abusos das prematuras relações sexuais.»

40 A Redacção (1913, 1.ª Quinzena de Agosto). *Vida Sportiva*. *A Vida Sportiva*, p. 1.

41 Idem, ibidem.

Em 31 de Janeiro de 1911, nas páginas da revista *Tiro e Sport*, o director técnico Duarte Rodrigues afirmava que a fundação de uma «organização da classe dos jornalistas desportivos»⁴² representava a «natural sequência dos efeitos de todo o labor principiado há anos»⁴³, merecendo por isso «todo o entusiasmo»⁴⁴. Mas nem todas as opiniões eram favoráveis, já que alguns temiam que a associação viesse «cercear a liberdade de acção individual no campo da crítica.»⁴⁵

Apesar dos receios, a Associação dos Jornalistas Sportivos começou a dar os primeiros passos em meados de 1911, agregando uma série de nomes de prestígio do jornalismo desportivo português, quer do campo da imprensa de especialidade, quer da generalista: Fernando Machado (da secção desportiva do diário *O Mundo*), Duarte Rodrigues (*Tiro e Sport*), Soares Júnior (*Boletim da União Velocipédica Portuguesa*), Armando Machado (*O Século*), Mário Sant'Anna (*Diário de Notícias e Lucta*), José Pontes (*Os Sports Illustrados*) e Neves Vital (*O Dia*), entre outros.

A Associação consubstanciou-se graças ao facto dos jornalistas desportivos estarem «plenamente de acordo»⁴⁶ em ficar «a coberto por uma disciplina conveniente e necessária para o seu bem material, contra os ataques estranhos e até prejudiciais à causa»⁴⁷, isto desde que essa «disciplina» não interferisse com a sua independência jornalística. Era também matéria consensual que a nova agremiação não devia limitar o seu papel apenas «à defesa de uma classe laboriosa»⁴⁸ (a dos jornalistas desportivos), devendo estender a acção ao «campo da propaganda doutrinária, tomando a Associação como que numa academia de onde se faça irradiar toda a luz que a causa desportiva carece para destruir todos os vícios que a estão arruinando»⁴⁹. E, na opinião de alguns jornalistas, a Associação dos Jornalistas

42 Rodrigues, D. (1911, 31 de Janeiro). Nada de sustos. *Tiro e Sport*, p. 3.

43 Idem, ibidem.

44 Idem, ibidem.

45 Rodrigues, D. (1911, 15 de Junho). A Associação dos Jornalistas Sportivos. *Tiro e Sport*, p. 3.

46 Idem, ibidem.

47 Idem, ibidem.

48 Idem, ibidem.

49 Idem, ibidem.

Sportivos era a única colectividade com «a força moral e material»⁵⁰ necessária para «limpar o meio desportivo dos males que o enfezam»⁵¹.

Um dos mal-estares crónicos do meio desportivo português relacionava-se com a constante ausência de Portugal das Olimpíadas, isto numa altura em que as vitórias desportivas eram tidas como exemplos de superioridade dum povo. Assim, a ausência de um determinado país, num evento com a dimensão dos Jogos Olímpicos, era vista como um sinal de decadência, denotando um afastamento em relação à civilização europeia e ao que de mais importante sucedia no seu seio. Em inícios de 1912, a impossibilidade do jovem Governo republicano português financiar uma equipa nacional, para participar nos Jogos desse ano, em Estocolmo, foi uma notícia que abalou negativamente a imprensa periódica desportiva portuguesa. Apesar da falta de apoio governamental, o meio desportivo nacional fez um enorme esforço, a vários níveis, para poder mandar finalmente a primeira representação lusa a uma Olimpíada. O Comité Olímpico Português (criado em Abril de 1912) e a Associação de Jornalistas Sportivos uniram esforços na organização de várias iniciativas para angariar fundos, com destaque para um sarau no Coliseu dos Recreios. Embora reduzida, a verba obtida permitiu enviar a Estocolmo seis atletas (Fernando Correia, António Stromp, Armando Cortesão⁵², Francisco Lázaro, Armando Pereira e Joaquim Vital) para participarem nas modalidades de atletismo, esgrima e luta greco-romana.

As esperanças lusas estavam depositadas no maratonista Francisco Lázaro (porta-bandeira na cerimónia inaugural), que acabara a maratona de Lisboa com um tempo promissor (2 horas, 52 minutos e 8 segundos), sendo esta prova olímpica a mais cobiçada, já que estava associada directamente ao princípio militarista que dominava a Europa, uma vez que a distância percorrida correspondia à «marcha regular, diária, dum bom soldado»⁵³. Em Portugal, o jornal *Os Sports Illustrados* foi o que deu maior destaque noticioso a este momento histórico do desporto português, que pela primeira vez tinha representantes na mais importante prova desportiva mundial.

50 Idem, *ibidem*.

51 Idem, *ibidem*.

52 Viria a ser um dos mais ilustres historiadores portugueses do século XX.

53 A Redacção. (1912, 20 de Novembro). Vão os atletas portugueses a Estocolmo?. *Os Sports Illustrados*, p. 3.

Apesar de ser um dos favoritos, Francisco Lázaro não chegou a terminar a maratona de Estocolmo, realizada a 15 de Julho, desfalecendo à passagem do quilómetro 30, vítima de uma forte insolação, acabando mesmo por falecer no dia seguinte, naquele que foi «o episódio mais dramático da nossa participação nos Jogos Olímpicos» (Maia, 2000: 216). A imprensa desportiva não tardou em elevar o nome de Lázaro ao patamar de herói nacional, numa época em que o nacionalismo se afirmava a nível europeu, apresentando o «culto do heroísmo»⁵⁴ como uma das suas principais características. A jovem e periclitante República Portuguesa, que em inícios de Julho sofrera a segunda incursão monárquica liderada por Paiva Couceiro, não desaproveitou o fatídico episódio olímpico, apresentando o maratonista luso, na imprensa periódica desportiva e generalista, como um verdadeiro exemplo de abnegação. O periódico *Os Sports Illustrados* dedicou a capa de 20 de Julho ao trágico acontecimento, publicando uma fotografia de Lázaro, em grande plano, tirada pelo fotógrafo Arnaldo Garcez⁵⁵, durante a maratona de Lisboa, acompanhada do título, às quatro colunas: «O Campeão Portuguez das Maratonas». O sentimento de heroísmo dominou as linhas escritas sobre o fatídico episódio.

Francisco Lázaro morreu como só podem fazê-lo os grandes homens da terra. Morreu com o nome do seu Portugal a extinguir-se-lhe nos lábios. No momento de abandonar a terra que não mais tornaria a ver, disse a um dos seus dilectos amigos, com a mesma simplicidade que foi sempre apanágio da sua vida, estas palavras: ou venço ou morro!...

Lázaro tinha, na hora suprema em que foi fulminado, de mostrar aos representantes de todo o mundo, diante das bandeiras de quase todas as nações do universo, que aquele Portugal era um país de heróis e de valentes, porque soubera vencer sempre. Ia para vencer e foi vencido. Ia para lutar e caiu. Contudo ele venceu porque deu à pátria todo o seu esforço, a sua vida.

(A Redacção (1912, 20 de Julho). O Campeão Portuguez das Maratonas. *Os Sports Illustrados*, p. 1)

O atleta interpretou o papel de herói trágico não só entre a imprensa periódica desportiva, mas também nas secções desportivas dos jornais

54 Sternhell, Z., Sznajder, M. & Ashéri, M. (1995). *Nascimento da Ideologia Fascista*. Venda Nova: Bertrand Editora.

55 Cobrava por fotografia (cliché era o termo usado), tendo acordado com Ruy Cunha e Alberto Totta o preço de 300 réis (30 centavos) por fotografia publicada em *Os Sports Illustrados*, que se vendia ao preço de 20 réis (2 centavos).

generalistas, com destaque para *O Mundo* (18 de Julho) e *A Luta* (16 de Julho). A edição de 10 de Agosto de *Os Sports Illustrados* iria trazer, na capa, a única fotografia tirada a Francisco Lázaro durante a maratona de Estocolmo, numa altura em que ia no grupo da frente da prova. A própria imprensa sueca não ficou imune ao funesto acontecimento, com os jornais *Aya Dagligt Allehanda* e *Aftonbladet* a darem grande cobertura noticiosa à morte do português.

Durante os meses e anos seguintes, a imprensa desportiva portuguesa passou a utilizar o nome de Francisco Lázaro como o exemplo perfeito do desportista português. Foi precisamente isso que sucedeu em 19 de Julho de 1913, um ano depois dos trágicos acontecimentos de Estocolmo, com o boletim *A Evolução Sportiva*⁵⁶, lançado pelo Club Sport dos Empregados do Comércio Eborense, de Évora, a lembrar na primeira página que «a morte do destemido campeão»⁵⁷ não devia atemorizar os desportistas portugueses, mas sim «incitá-los a que continuem desenvolvendo a matéria sportiva»⁵⁸.

Mas, em Julho de 1913, a actualidade desportiva portuguesa era dominada por outro acontecimento histórico: a digressão ao Brasil da primeira equipa de futebol portuguesa, formada pelos melhores jogadores da Associação de Futebol de Lisboa⁵⁹ (AFL). A ideia fora lançada, dois anos antes, pelo director da revista *Tiro e Sport*, Duarte Rodrigues, que pouco tempo depois passou a ser o representante, em Lisboa, do Botafogo Football Club, uma das mais importantes agremiações desportivas no Rio de Janeiro. Esse facto permitiu a Duarte Rodrigues fazer a ponte entre o Botafogo FC e a AFL, surgindo assim o convite do clube brasileiro, prontamente aceite pela associação lisboeta.

A imprensa desportiva portuguesa rejubilou, sendo considerado, pela Associação dos Jornalistas Sportivos Portugueses, o «maior e mais grandioso

56 Foi um número especial, dedicado a promover o festival desportivo que ia decorrer em Évora no domingo, 27 de Julho de 1913, bastando apresentar uma edição do jornal para se entrar gratuitamente no festival. Voltaria a sair no ano seguinte, a 18 de Outubro de 1914, novamente por ocasião do festival desportivo, organizado na Praça de Touros de Évora, no domingo, 25 de Outubro de 1914.

57 Carujo, G. D. (1913, 19 de Julho). Um estímulo. *A Evolução Sportiva*, p. 1.

58 Idem, *ibidem*.

59 A Associação de Futebol de Lisboa avançara, em 6 de Novembro de 1912, com o primeiro número do seu *Boletim*, uma pequena publicação (formato 20x14) para os associados, tendo durado apenas três números, até Janeiro de 1913. Foi o primeiro órgão informativo de uma associação de futebol em Portugal.

acontecimento da longa carreira do sport português»⁶⁰. No Brasil, as reacções foram idênticas, já que se tratava da primeira visita de uma equipa de futebol portuguesa, ganhando «foros de acontecimento oficial»⁶¹. O Centro de Cronistas Sportivos (associação que agregava os principais jornalistas desportivos brasileiros), no Rio de Janeiro, deu todo o apoio à iniciativa, com o seu presidente, o jornalista desportivo Raul de Carvalho, a ser uma das vozes mais activas, através da secção desportiva do jornal carioca *Jornal do Comércio*. Outro jornal brasileiro a associar-se ao evento foi a *Gazeta de Notícias*, mercê da paixão pelo desporto do director Paulo Barreto (conhecido por João do Rio) e da qualidade jornalística e propagandística, em prol do desporto, do editor desportivo Romeu Mania.

Mas a figura de maior relevo seria Ulisses Reymar, um dos mais reputados jornalistas desportivos brasileiros, correspondente de vários periódicos portugueses. Nas páginas do *Tiro e Sport*, em representação da Associação dos Jornalistas Sportivos Portugueses, Mário Sant'Anna lembraria, em 30 de Junho de 1913, que «sem Ulisses Reymar, sem os seus companheiros de jornalismo sportivo e sem a imprensa do Brazil, teriam sido infrutíferos ou teriam dado num resultado banal os gigantescos esforços do nosso querido camarada Duarte Rodrigues.»⁶² Ironicamente, uma iniciativa com tanto simbolismo histórico, para o jornalismo desportivo português, teria um efeito negativo: a ausência de Duarte Rodrigues, que viajou ao Brasil com a comitiva portuguesa, ditaria o fim da revista *Tiro e Sport*, um dos mais importantes títulos do jornalismo desportivo generalista português desde 1904.

A digressão⁶³ ao Brasil teria relato detalhado nos primeiros números do jornal *O Sport Lisboa*, cujo aparecimento, em 24 de Agosto de 1913, veio colmatar a ausência de periódicos desportivos generalistas de referência em Portugal, uma vez que a revista *Tiro e Sport* havia desaparecido em Junho e *Os Sports Illustrados* em Maio. Embora fosse propriedade do Sport Lisboa e Benfica, tendo o presidente do clube, Alberto Lima, a director, o semanário O

60 Sant'Anna, M. (1913, 30 de Junho). Portugueses no Brasil. *Tiro e Sport*, p. 5.

61 Idem, *ibidem*.

62 Idem, *ibidem*.

63 Para mais informações sobre a digressão, cf. Coelho & Pinheiro, 2002: 146-147.

Sport Lisboa tentou, desde logo, distanciar-se da conotação de mero órgão⁶⁴ informativo de um clube, assumindo-se, não como «o boletim privativo duma agremiação sportiva, mas sim um baluarte para a defesa dos interesses comuns do sport.»⁶⁵ E o seu objectivo passava por «educar e não perverter»⁶⁶, arrogando-se, para isso, como «o Paladino dos interesses do 'sport nacional'»⁶⁷, buscando «consolidar a união e harmonia interclubes»⁶⁸, publicando «gostosamente todos os artigos de autorizados sportsmen portugueses e estrangeiros que queiram doutrinar e trazer ensinamento aos seus leitores»⁶⁹.

De forma a ir ao encontro desta linha editorial, o número inaugural de 24 de Agosto de 1913, de oito páginas (formato 44x30), apresentava um alargado espectro noticioso, imperando as notícias sobre futebol e ciclismo, destacando-se a secção «O 'Sport' no estrangeiro» que apresentava um completo noticiário sobre actividades desportivas na França, Bélgica, Alemanha (citou o jornal desportivo berlinense *Die Allgemeine Forstfundlagdzeitung*) e China. Ao preço de dois centavos (os sócios do clube tinham dez por cento de desconto), *O Sport Lisboa* encontrava-se à venda «em todas as boas tabacarias»⁷⁰ de Lisboa (colaborando directamente com a Tabacaria Lusa, na Rua Augusta, n.º 90, onde aceitavam assinaturas e anúncios publicitários), alargando, pouco a pouco, a rede de agentes⁷¹ ao resto do País.

Nos meses seguintes, *O Sport Lisboa* foi criando gradualmente novas secções, com realce para «Crónicas do Porto», «Crónica de Coimbra», «O 'Sport' na Província» e «Sport nas Colónias», beneficiando para isso do aumento de correspondentes e da permuta com um vasto número de jornais

64 Os clubes lançavam, por vezes, periódicos comemorativos em datas históricas da sua vida. Esses números serviam também para auscultar os sócios sobre a possibilidade de publicar em permanência um órgão informativo interno. Foi o que fez o Fayal Sport Club, dos Açores, em 8 de Outubro de 1911, com o boletim *O Sport*, cuja receptividade seria pequena, não passando dessa edição.

65 A Redacção (1913, 24 de Agosto). A que vimos. *O Sport*, Lisboa, p. 1.

66 *Idem*, *ibidem*.

67 *Idem*, *ibidem*.

68 *Idem*, *ibidem*.

69 *Idem*, *ibidem*.

70 Anúncio publicitário de *O Sport Lisboa*, 24 de Agosto de 1913, p. 5.

71 E.g.: no Porto: Agência Havas, na Rua Formosa, n.º 35-37; e A. Dias Pereira & C.ª, na Praça da Liberdade, 129; no Funchal: Bureau de La Presse, na Praça da Constituição; na Figueira da Foz: Casa Havaneza; em Braga: o Minho Sport Club, na Praça Municipal, n.º 83.

locais⁷², de onde extraía informações sobre a actividade desportiva regional. O periódico passou também a contar com a colaboração do fotógrafo Arnaldo Garcez que, em Outubro de 1913, viu os seus melhores trabalhos fotográficos, no âmbito desportivo, serem exibidos na Exposição Nacional de Artes Gráficas, organizada na sede da Imprensa Nacional, em Lisboa. As fotografias desportivas de Garcez dominariam as capas do jornal durante 1913 e 1914, sendo um dos seus maiores atractivos visuais.

6. A definição do papel do jornalista desportivo

Além do pendor meramente informativo, *O Sport Lisboa* apresentava um forte cariz doutrinário, graças à pena do pseudónimo Z.Z., que assinava a secção «Crónica», publicada regularmente na primeira página. Entre Outubro de 1913 e Fevereiro de 1914, um dos temas recorrentes dessa secção foi o jornalismo desportivo português, em especial o papel do jornalista desportivo no contexto desportivo e noticioso nacional. Uma das primeiras incursões a este tema foi na edição de 26 de Outubro de 1913, com o jornal a criticar a «uniformidade de vistas do jornalismo diário sobre matéria de *sport*»⁷³, a qual parecia dever-se ao facto dos «senhores Cronistas se terem constituído em Associação de Classe, para defesa de interesses comuns»⁷⁴. E «como a união faz a força»⁷⁵, os jornalistas desportivos da imprensa generalista, «sentindo-se fortes»⁷⁶, assumiram «um ar de mentores das Corporações dirigentes do *sport*»⁷⁷, gerando a «irritação»⁷⁸ das associações e clubes portugueses. Para *O Sport Lisboa*, esta «espécie de tutela»⁷⁹ do desporto nacional, por parte dos

72 Lista dos principais jornais regionais que recebia em Setembro de 1913: *Alma Algarvia* (Portimão), *Bairrada Livre* (Anadia), *Notícias da Beira* (Oliveira do Hospital), *Jornal de Estremoz*, *O Herald* (Faro), *O Abrante* (Abrantes), *O Correio de Melgaço*, *Beira Alta* (Santa Comba Dão), *Ecos de Sinfães*, *Intransigente* (Póvoa do Varzim), *Folha de Oliveira* (Oliveira do Hospital), *Jornal de Albergaria*, *Leiria Ilustrada*, *Gazeta de Espinho*, *Cinco de Outubro* (Régua), *O Partidário* (Vila do Conde), *A Discussão* (Ovar), *A Voz de Águeda*, *A Voz de Coura*, *Notícias de Alcobaça*, *O Provir* (Beja), *O Provinciano* (Olhão). (Fonte: A Redacção (1913, 14 de Setembro). *Jornais recebidos*. *O Sport Lisboa*, p. 3).

73 A Redacção (1913, 26 de Outubro). *Questão de princípios*. *O Sport Lisboa*, p. 1.

74 Idem, *ibidem*.

75 Idem, *ibidem*.

76 Idem, *ibidem*.

77 Idem, *ibidem*.

78 Idem, *ibidem*.

79 Idem, *ibidem*.

jornalistas desportivos, devia ser repelida pelas principais organizações desportivas.

Na edição seguinte, de 2 de Novembro de 1913, o cronista Z.Z. defendia que os jornalistas desportivos deviam ser, acima de tudo, «simpáticas figuras que animam o desenvolvimento do *sport*»⁸⁰ e «desinteressados cooperadores»⁸¹, devendo levar aos leitores «a senha de que é preciso robustecer os corpos para se poder elevar a raça»⁸². E para isso suceder, os jornalistas desportivos deviam «alhear-se de influências nefastas e escuras»⁸³, mantendo-se «estranhos a comités»⁸⁴, para assim continuarem a ter uma profissão «grande»⁸⁵, assente num trabalho jornalístico «puro»⁸⁶ e com uma «função espiritual digna»⁸⁷ na sociedade portuguesa.

Relativamente à definição de jornalista desportivo, Z.Z. afirmou na capa de *O Sport Lisboa*, de 4 de Janeiro de 1914, que «o verdadeiro jornalista sportivo é um indivíduo que, tendo um pleno e absoluto conhecimento de *sports* – embora não o pratique –, mantém conjuntamente uma forma clara e precisa de expor e propagar a prática dos mesmos.»⁸⁸ Deste modo, jornalista desportivo é «todo aquele que, de espírito culto, educado e civilizado pode colocar a sua pena em favor de uma causa elevada, sem descer aos baixos refúgios da insidia e da ofensa pessoal e miserável.»⁸⁹ Segundo Z.Z., eram «raríssimos»⁹⁰ os jornalistas desportivos portugueses que correspondiam a estes «designios»⁹¹, sendo a maioria deles «uns belíssimos rapazes, afabilíssimos amigos que dispõem de uma educação intelectual própria de marçano de kiosque e de uma pretensão pessoal digna de um 'panteon'»⁹².

80 Z.Z. (1913, 2 de Novembro). Crónica. *O Sport Lisboa*, p. 1.

81 Idem, *ibidem*.

82 Idem, *ibidem*.

83 Idem, *ibidem*.

84 Idem, *ibidem*.

85 Idem, *ibidem*.

86 Idem, *ibidem*.

87 Idem, *ibidem*.

88 Z.Z. (1914, 4 de Janeiro). Crónica. *O Sport Lisboa*, p. 1.

89 Idem, *ibidem*.

90 Idem, *ibidem*.

91 Idem, *ibidem*.

92 Idem, *ibidem*.

A utilização dos pseudónimos era uma das formas mais comuns para combater a «vaidade»⁹³ que alegadamente grassava entre a classe dos jornalistas desportivos. Nas páginas de *O Sport Lisboa*, tal como era hábito nos jornais desportivos, abundavam os pseudónimos (Z.Z. e A.R. (cronistas), V.P. e Backs (secção de futebol), Mik Silv. (boxe), Ignotus (ciclismo), Krup. (poesia desportiva), entre outros), que na maioria dos casos correspondiam a nomes conhecidos do meio desportivo. Na edição de 7 de Fevereiro de 1914, o periódico dirigido por Alberto Lima explicava que o pseudónimo não era «nem nunca foi uma fórmula aviltante e baixa de um indivíduo se esquivar às responsabilidades de um escrito»⁹⁴, nem «nunca significou anonimato, nem nunca se pôde traduzir por covardia.»⁹⁵ Era, acima de tudo, «uma maneira hábil e muito antiga de quem escreve se esquivar às cores berrantes e espalhafatosas do reclame e à vaidade estulta e insignificante da vulgaridade»⁹⁶, adoptando assim uma fórmula (o pseudónimo) também muito usada «nas artes, nas letras, na política e no teatro»⁹⁷. Mas a informação sobre quem estava por detrás de um determinado pseudónimo não era nenhum segredo, com *O Sport Lisboa* a revelá-lo sempre que necessário, escondendo-o apenas quando o «perguntador»⁹⁸ trazia consigo «a dignidade de rogo e a calúnia erguida»⁹⁹.

Apesar da visão negativa à volta dos jornalistas desportivos portugueses, em especial daqueles que estavam ligados à imprensa diária generalista, *O Sport Lisboa* apoiou, em Fevereiro de 1914, uma campanha de promoção do boxe¹⁰⁰ em Portugal, levada a cabo pelo jornalista da «bela secção sportiva»¹⁰¹ do *Diário de Notícias*, secundado pelo seu colega de *A Capital*. O crítico Z.Z. afirmaria mesmo que «a iniciativa, se não ganhar carreira, ficará como um símbolo honesto de trabalho, a atestar publicamente

93 A Redacção (1914, 7 de Fevereiro). Notas & Notícias. *O Sport Lisboa*, p. 5.

94 Idem, ibidem.

95 Idem, ibidem.

96 Idem, ibidem.

97 Idem, ibidem.

98 Idem, ibidem.

99 Idem, ibidem.

100 A secção «boxing» de *O Sport Lisboa* era assinada pelo pseudónimo Mik Silv., sendo uma das mais regulares e com mais noticiário internacional.

101 Z.Z. (1914, 21 de Fevereiro). Crónica. *O Sport Lisboa*, p. 3.

um grande esforço de boa vontade.»¹⁰² Isto numa altura em que o futebol começava a dominar os discursos sobre desporto em Portugal, com a capa de *O Sport Lisboa* de 21 de Fevereiro de 1914 a apresentar, em grande destaque (às quatro colunas), o título «O 'foot-ball' triunfa», acompanhado de uma magnífica fotografia panorâmica, tirada por Arnaldo Garcez, ao campo de futebol das Laranjeiras, em Lisboa.

O cariz doutrinário e noticioso de *O Sport Lisboa*, aliado à sua estabilidade editorial e qualidade gráfica, permitiram-lhe dominar o panorama do jornalismo desportivo português entre 1913 e 1915, sendo o periódico desportivo que mais espaço noticioso dedicou à Primeira Guerra Mundial, iniciada em Agosto de 1914.

102 Idem, *ibidem*.

CAPÍTULO 6

1914-1918: Instabilidade em tempos de guerra

1. O panorama antes da guerra

Entre o final de 1913 e o início de 1914, a ideia de desporto estava ainda numa fase embrionária em Portugal, com uma parte da imprensa (mais conservadora) a persistir na publicação de «palavras amargas contra o *sport* e contra a prática de exercícios físicos ao ar livre»¹, acusando o desporto de «imoral e obsceno»², defendendo mesmo que não devia ser praticado «porque ofende a pudícia e altera a linha regular de uma conduta colegial»³. A imprensa desportiva, por seu lado, continuava a «cruzada»⁴ em prol do «desenvolvimento do *sport*»⁵, considerando-o uma actividade «indispensável à regeneração física e ao revigoramento corporal do homem»⁶. Quem parecia continuar ausente destas polémicas era o jovem Governo Republicano, envolto em grande instabilidade. Em 7 de Fevereiro de 1914, numa pequena nota intitulada «O Estado e o *sport*», o jornal *O Sport de Lisboa* lembrava que o Governo, mais preocupado com questões de «ordem interna e política»⁷, ainda não tinha tido «ocasião de encarar o *sport* e compreender a base grande fomentadora de turismo e internacionalismo que o mesmo representa.»⁸

Nos primeiros meses de 1914, o meio jornalístico desportivo português era dominado pelo periódico desportivo generalista *O Sport Lisboa*, surgindo nesse período dois jornais desportivos de especialidade: *O Chocalho*⁹ (Lisboa, 1914), dedicado à tauromaquia, e *O Voo Mecânico*¹⁰ (Lisboa, 1914), que tinha a aviação como tema exclusivo de análise. Só no final de Junho apareceu um periódico capaz de rivalizar com *O Sport Lisboa*, quer em termos de qualidade

1 Z.Z. (1913, 14 de Dezembro). Crónica. *O Sport Lisboa*, p. 1.

2 Idem, *ibidem*.

3 Idem, *ibidem*.

4 Z.Z. (1913, 2 de Novembro). Crónica. *O Sport Lisboa*, p. 1.

5 Idem, *ibidem*.

6 Idem, *ibidem*.

7 A Redacção (1914, 7 de Fevereiro). Notas & Notícias. *O Sport Lisboa*, p. 5.

8 Idem, *ibidem*.

9 Semanário dedicado à tauromaquia, *O Chocalho* saiu a 19 de Março de 1914, sob a direcção de João dos Santos e propriedade de Manoel Costa, tendo uma vida editorial curta.

10 Órgão do Centro Nacional de Aviação, criado em Fevereiro de 1914, saiu em Abril de 1914, dedicando-se em exclusivo à aviação, quer como temática ligada à defesa, quer como tema desportivo. Publicou-se até Janeiro de 1915.

jornalística¹¹, quer a nível doutrinal. No dia 27 começou a publicar-se o *Jornal de Sport*, com o subtítulo de «Semanário Independente», dirigido pelo prestigiado jornalista desportivo Álvaro de Lacerda e propriedade da Empresa Jornal de Sport, com sede na Calçada do Sacramento, n.º 14, em Lisboa.

Impresso em papel cor-de-rosa (formato 57x40), o primeiro número do *Jornal de Sport* apresentou-se com quatro páginas, a última delas destinada à publicidade (com um total de 20 pequenos anúncios), destacando-se nas outras três páginas as secções¹² «Ecos» (notícias breves do desporto nacional e internacional), «O Mundo do Foot-ball» (noticiário sobre o futebol português), «Crónicas a Esmo» (do escritor Alfredo Pinto), «Aviação», «Boxe», «Esgrima», «Sports Atlético» e «Touros e Touradas». O editorial «Ao que vimos», publicado na primeira página, lembrava os leitores que o País atravessava uma «era de renascimento»¹³, que se fazia sentir com mais intensidade «na educação, quer oficial, quer particular, que se ministra às gerações do futuro.»¹⁴ E face à «abundante matéria que enunciar, que cronicar e que criticar»¹⁵ existente no desporto português, era «natural»¹⁶ o aparecimento de «uma folha volante e impressa onde se arquivem as variadíssimas manifestações desse ramo de actividade, quer sob a forma de simples enunciado, quer sob a forma de crónica, quer sob a forma de crítica.»¹⁷

O número inaugural do *Jornal de Sport*, de 27 de Junho de 1914, ficaria também marcado por duras críticas à Federação Portuguesa de Sports, por esta ter passado «a considerar como profissional, desportivamente falando, todos os jornalistas desportivos»¹⁸, o que foi encarado como um dos piores episódios da chamada «jornalistofobia»¹⁹. A Federação pretendia «considerar, como profissional do sport, o jornalista desportivo»²⁰ porque ele ganhava ou poderia vir a ganhar dinheiro com as notícias ou com as crónicas publicadas

11 Uma das novidades do *Jornal de Sport* foi a publicação de caricaturas, da autoria de Hugo Sarmento.

12 No número dois, de 4 de Julho de 1914, surgiria uma nova e importante secção, «Notícias do Estrangeiro», destinada a abordar o desporto internacional, em especial o francês (recorrendo ao periódico *Le Journal*) e o inglês.

13 A Redacção (1914, 27 de Junho). Ao que vimos. *Jornal de Sport*, p. 1.

14 Idem, ibidem.

15 Idem, ibidem.

16 Idem, ibidem.

17 Idem, ibidem.

18 A Redacção (1914, 27 de Junho). Ecos. *Jornal de Sport*, p. 1.

19 Idem, ibidem.

20 A Redacção (1914, 27 de Junho). A imprensa e o sport. *Jornal de Sport*, p. 2.

sobre desporto. Esse estatuto de «profissional» iria acabar com os privilégios dos jornalistas desportivos junto dos clubes amadores e das organizações (passando a pagar as entradas nos eventos desportivos ou chegando mesmo a ser impedidos de entrar nos torneios amadores), e junto do Estado (acabaria a isenção de impostos de que beneficiavam como amadores do desporto).

O *Jornal de Sport* e várias secções desportivas dos jornais diários generalistas, em especial *O Século*, atacaram duramente a Federação Portuguesa de Sports por esta continuar a considerar os jornalistas desportivos como uma «nefasta espécie de indivíduos»²¹, lembrando que se a sua intenção era «pugnar pelo desenvolvimento do sport nacional, o seu dever é chamar a si os jornalistas desportivos e não excluí-los»²². Estes eram «o seu natural auxiliar, o maior que podem ter»²³, por isso a Federação deveria «atraí-los ao seu grémio»²⁴ e não «escorraçá-los»²⁵.

A Federação foi ainda acusada de nem sequer ter definido o que entendia por jornalista desportivo, uma vez que parte dos jornalistas desportivos eram totalmente amadores. Na edição de 27 de Junho de 1914, a Redacção do *Jornal de Sport* deixava bem claro que nenhum dos seus jornalistas ganhava «um centavo que seja pelo seu trabalho»²⁶, sendo as suas profissões bem diversas e fora do meio jornalístico. Face a este cenário, as resoluções do organismo desportivo eram no mínimo questionáveis: «Estamos impedidos de tomar parte nos torneios promovidos pela Federação Portuguesa de Sports, que nos considera profissionais num mister que nós exercemos e que não é remunerado nem directa nem indirectamente. Querem absurdo maior?!»²⁷

Este clima hostil, entre uma parte da imprensa desportiva e o principal organismo desportivo português, manteve-se nos meses seguintes, com alguns jornais (quer desportivos, quer generalistas) a boicotarem, do ponto de vista noticioso, os Jogos Sportivos Nacionais, organizados pela Federação Portuguesa de Sports, em Julho de 1914. O único periódico desportivo a relatar exaustivamente estas provas atléticas foi *O Sport Lisboa*, que mantinha uma

21 A Redacção (1914, 27 de Junho). Ecos. *Jornal de Sport*, p. 1.

22 A Redacção (1914, 27 de Junho). A imprensa e o sport. *Jornal de Sport*, p. 2.

23 Idem, ibidem.

24 Idem, ibidem.

25 Idem, ibidem.

26 Idem, ibidem.

27 Idem, ibidem.

boa relação com a Federação, chegando mesmo a defender a instituição dos ataques do *Jornal de Sport*²⁸.

Apesar da troca inicial de elogios durante os primeiros números do *Jornal de Sport* – chegou a considerar *O Sport Lisboa* como «um irmão de armas, na dura batalha contra a indiferença do nosso povo para com o desporto»²⁹ –, a relação entre ambas publicações começaria a degradar-se após a publicação no *O Sport de Lisboa*, de 4 de Julho de 1914, de uma entrevista ao jornalista desportivo Armando Machado, que conjuntamente com Álvaro de Lacerda era um dos principais responsáveis pela feitura do *Jornal de Sport*. Machado viria a desmentir parte da entrevista, acusando o entrevistador, Norberto de Araújo³⁰, de ter escrito algumas falsidades, o que redundou na publicação de réplicas e contra-réplicas nas edições seguintes dos dois periódicos.

A 18 de Julho de 1914, a Redacção³¹ de *O Sport Lisboa* (formada por Alberto Lima, Alfredo da Silveira Ávila de Melo, Cosme Damião³², Jorge Eduardo de Assis Paixão, Luiz Carlos de Faria Leal, Norberto de Araújo e Roque Pina) assinou, na primeira página, o artigo «O Sport Lisboa ante o conflito jornalístico», em que lamentava o facto da generalidade dos cronistas desportivos olhar de «soslaio» para o seu jornal, acusando-o de «má fé» e de ser «um órgão faccioso de clubismo lisboeta». A Redacção de *O Sport Lisboa* lembrou aos críticos que o jornal tinha aparecido «num momento difícil, em que o sport parecia morto, ou pelo menos adormecido», sendo por isso imperioso «evitar que ele decaísse de todo à falta de fé». Nesse cenário era preciso «agitar» e «provocar» o meio desportivo português, atitude que *O Sport Lisboa* tomou, mas sem nunca ter recorrido ao «insulto», nem à «propaganda de um falso princípio», nem defendendo «os interesses de colectividade alguma, nem mesmo daquela³³ que lançou ousadamente o jornal». Assim sendo, desde o

28 O *Jornal de Sport* era acusado de estar a apoiar outra instituição: o Comité Olímpico Português.

29 A Redacção (1914, 4 de Julho). *O Sport Lisboa*. *Jornal de Sport*, p. 2.

30 Eram comuns as polémicas entre jornalistas desportivos, com Norberto de Araújo a ser um dos protagonistas mais activos, estando de relações cortadas com os jornalistas desportivos Mário Sant'Anna, Alberto Tota e Rui da Cunha.

31 Só faltou assinar o Tenente José Moreira Salles, redactor habitual do jornal, que se encontrava fora de Lisboa.

32 Aluno da Casa Pia de Lisboa, onde concluiu o curso comercial, Cosme Damião trabalharia nos escritórios da Casa dos Duques de Palmela. Esteve na fundação do SL Benfica, sendo capitão da equipa de futebol durante várias temporadas na década de 1910. Desempenhou diversos cargos dirigentes no futebol português e no jornalismo desportivo, sobressaindo na direcção de *O Sport de Lisboa*, assinando sob o pseudónimo de Veteranos.

33 Referia-se ao SL Benfica, proprietário. Mas nem sempre esta isenção foi assim tão linear. Em inícios de Janeiro de 1915, o *Diário de Notícias* criticou a equipa de futebol do SL Benfica e as cenas de violência que tinham ocorrido num

primeiro dia que o papel de *O Sport Lisboa*, na vida do desporto nacional, tinha sido o de «servir com imparcialidade, com justeza e com abnegação a causa do *sport* português». Apesar destas tentativas de apaziguamento do clima hostil que se vivia no jornalismo desportivo português, o inevitável viria a suceder no final do mês seguinte, em Agosto de 1914: a ruptura total, com corte de relações, entre os dois principais jornais desportivos, *O Sport Lisboa* e o *Jornal de Sport*.

2. As incertezas e as dificuldades geradas pela guerra

É neste contexto de hostilidade entre jornalistas e jornais desportivos em Portugal que rebenta o barril de pólvora em que se havia convertido a Europa, iniciando-se a Primeira Guerra Mundial, em Agosto de 1914. O deflagrar da guerra provou o funcionamento pleno das alianças militares, sucedendo-se as declarações de guerra que desembocaram na formação de dois blocos: um constituído pela Sérvia, Rússia, França, Bélgica e Grã-Bretanha e outro pela Áustria, Alemanha e Turquia. Portugal, ainda a dar os primeiros passos sob a bandeira do republicanismo, reúne o Congresso da República, em 7 de Agosto de 1914, a título extraordinário, onde se aprova um conjunto de princípios que deviam passar a reger a política externa portuguesa. Embora de uma forma ténue, afirmava-se que Portugal não fugiria às suas responsabilidades e compromissos internacionais, em especial à histórica aliança com Inglaterra.

Com o deflagrar do conflito, os discursos desportivos dominantes na imprensa desportiva portuguesa passaram a ser, inevitavelmente, determinados por este novo elemento bélico (a guerra), que acabou também por condicionar a própria forma como se olhava para o desporto. Os dois principais jornais desportivos portugueses, *O Sport Lisboa* e o *Jornal de Sport*, não ficaram alheios ao início do conflito, chamando o tema à sua primeira página e dedicando-lhe extensos editoriais, denotando diversas preocupações.

jogo em Bilbao. *O Sport Lisboa* veio em defesa do SL Benfica, acusando a secção desportiva do *Diário de Notícias* de «facciosismo» e de abusar na «insidia e calúnia» (A.R. (1915, 9 de Janeiro). Crónica. *O Sport Lisboa*, p. 1).

Não lamurio a guerra. Pior que o ruído brutal das batalhas épicas, brunidas de luz como as espadas, é o silêncio monstruoso que se faz então no mundo do pensamento. Tudo pára de quanto é grande, e é majestoso e é justo e é sublimemente necessário. Apenas se agitam numa loucura, para além da embriaguez do sangue, as ambições desmedidas dos homens, os ódios embaciados das raças...

Afinal, eu sou muito inferior, para que neste momento mesmo, possa deixar de me preocupar com esta alegria funérea ou este prazer amarelo de devorar as notícias dos reveses da guerra e os entusiasmos daquele país latino (França), adorável como o nosso, que se estorce como uma mulher linda nos braços brutais e odientos de um merceeiro alemão.

(Z.Z. (1914, 8 de Agosto). Crónica. *O Sport Lisboa*, p. 1)

A Europa está toda em fogo! Em breve não será mais que um colossal braseiro! Ou nós nos enganamos muito, ou estamos metidos na contenda. Amanhã – quem sabe? – seremos beligerantes e cada um de nós terá que empunhar uma arma para defender o solo que pisa que é aquele onde vive e onde nasceram seus maiores; cada um de nós terá que prover a defesa do seu lar, da sua mulher, dos seus filhos. A tarefa sacrosanta!

Estaremos bem apetrechados para essa defesa que é o primeiro dever do homem? É um ponto a que não vale a pena responder agora e os motivos são óbvios. Se sairmos da contenda com vida, a nossa primeira tarefa, logo que depusermos as armas, deve ser cuidar da nossa defesa. E essa defesa inicia-se na escola. É a nós que propagamos desportos, atletismo, educação física que ela está confiada.

O nosso sistema de educação deve formar o animal antes de formar o bacharel, para empregarmos a frase consagrada desse grande português que é Ramalho Ortigão. Confiemos e lutemos! Ressurjamos!

O primeiro cuidado da defesa nacional deve ser dar à Pátria bons filhos! Bons de alma e bons de corpo.

(A Redacção (1914, 15 de Agosto). A nossa defesa. *Jornal de Sport*, p. 1)

O começo da guerra na Europa e o conseqüente avolumar das incertezas em Portugal sobre o futuro teriam efeitos directos no dia-a-dia dos dois principais jornais desportivos portugueses. Na edição de 8 de Agosto de 1914, *O Sport Lisboa* garantia a continuidade da publicação e assegurava que iria

superar «as mais difíceis crises materiais»³⁴ que pudessem acontecer. O periódico era consciente que a guerra teria o efeito de diminuir «o interesse no assunto desportivo»³⁵, mas a Redacção de *O Sport Lisboa* defendia que era sua obrigação tentar «diminuir o terrorismo bélico e desviar para o *sport* um pouco da atenção dos novos.»³⁶

A falta de papel seria um dos piores obstáculos para a continuidade dos periódicos, com *O Sport Lisboa* a fazer eco disso na edição de 15 de Agosto de 1914 (dedicada ao futebol português), em que lamentava o facto da guerra «tomar tudo: homens, dinheiro, energia, atenção e tempo.»³⁷ A «calamidade»³⁸ da falta de papel estava a levar os «grandes jornais»³⁹ a diminuírem «a sua propaganda, a sua extensão e as suas secções»⁴⁰, problemas que *O Sport Lisboa* pretendia evitar. Quem não conseguiu contornar este problema foi o *Jornal de Sport*⁴¹, forçado a 22 de Agosto de 1914 a diminuir o formato (passou de 57x40 para 42x27), contando com um stock de papel muito limitado. E em Janeiro de 1915 seria mesmo obrigado a alterar a periodicidade, passando de semanal a quinzenário.

A imprensa desportiva portuguesa sofreu também com a partida, rumo a França e aos seus respectivos contingentes militares, de vários ingleses e franceses residentes em Portugal, cuja cultura desportiva os tornava fundamentais para a prática de alguns desportos e para colaborar na imprensa. Alguns deles, como foi o caso de Krupp, continuou a enviar, desde terras francesas, os seus artigos para *O Sport Lisboa*, afirmando num deles («Fogo!», publicado a 15 de Agosto de 1914) que um dos métodos utilizados para distrair os soldados dos horrores da guerra era a prática de alguns desportos nas horas livres, em especial o futebol, assim como a leitura dos jornais desportivos ingleses e franceses, distribuídos gratuitamente entre os soldados.

34 A Redacção (1914, 8 de Agosto). Notas e notícias. *O Sport Lisboa*, p. 4.

35 Idem, ibidem.

36 Idem, ibidem.

37 A Redacção (1914, 15 de Agosto). Notas e notícias. *O Sport Lisboa*, p. 1.

38 Idem, ibidem.

39 Idem, ibidem.

40 Idem, ibidem.

41 Uma das formas para aumentar as vendas foi o estabelecimento de protocolos com várias entidades, como sucedeu em Dezembro de 1914, para a inauguração do Velódromo do Lumiar (em Lisboa), em que o portador da edição de 5 de Dezembro do *Jornal de Sport* (custava 2 centavos) tinha um desconto de 5 centavos (50 réis) no preço do bilhete.

Dado que o «homem de sport»⁴² europeu estava concentrado «no campo de operações»⁴³, os jornais desportivos lusos passaram igualmente a acompanhar, com especial atenção, a participação bélica daqueles que tinham sido os desportistas europeus de maior renome nos anos anteriores. A morte, em combate, de um desses desportistas, era muitas vezes tema de capa e motivo para análises sobre o heroísmo dos desportistas, como sucedeu na edição de 10 de Outubro de 1914 de *O Sport Lisboa*, dedicada à morte de Jean Bouin, um dos mais populares⁴⁴ atletas gauleses durante a *Bélie Époque*.

Apesar da falta de papel e dos constantes aumentos dos custos de produção e impressão dos jornais, o movimento desportivo português continuaria a gerar novos periódicos durante todo o período da Primeira Guerra Mundial, entre 1914 e 1918. No mês seguinte ao início do conflito, em 12 de Setembro de 1914, apareceu no Porto o periódico *Folha de Sport*, dirigido por Manuel Gamanho Mata Júnior. Impresso em papel cor-de-rosa (mais barato que o tradicional branco), este semanário desportivo generalista conseguiria manter-se em actividade durante seis meses, dando um forte contributo à promoção do desporto no Norte de Portugal.

Mas, se no caso da imprensa desportiva portuguesa, a guerra não foi um factor totalmente impeditivo do surgimento de novos periódicos, embora tenha dificultado a sua vida e encurtado a longevidade das publicações, o mesmo não sucedeu em França, interveniente directo no conflito. Entre Julho e Agosto de 1914, a maioria dos periódicos desportivos gauleses foi forçada a interromper a publicação (*Le Cycliste*, *Le Sport Universel Illustré*, *La Vie au Grand Air*, *Les Sports Modernes*, *La Locomotion*, *L'Écho des Sports*, *Omnia*, *Le Yachtsman*, *Les Sports D'Hiver*, *La Boxe et Les Boxeurs*, *Moto-Revue*, *Tennis et Golf*), regressando somente no final do conflito. Unicamente dois periódicos (*Le Tir Illustré* e *Le Plein Air*) desapareceriam definitivamente em meados de 1914, não conseguindo regressar na pós-guerra.

42 A Redacção (1914, 5 de Setembro). O sport na guerra. *O Sport Lisboa*, p. 5.

43 Idem, *ibidem*.

44 O atleta Jean Bouin tornou-se popular em França depois de bater o recorde da meia-hora (correu 9,721 quilómetros) e da hora (19,021 quilómetros), em 1911 e 1913, respectivamente. O jornal francês *La Vie au Grand Air* dedicou-lhe várias capas, sendo figura constante entre a imprensa desportiva francesa, a par do ciclista Petit-Breton.

Durante o período de conflito, entre Agosto de 1914 e Novembro de 1918, somente o *L'Auto* e *Sporting*⁴⁵ conseguiram manter-se em actividade em França, surgindo unicamente um novo periódico desportivo de relevo, *Les Sports Féminins*, dedicado ao desporto feminino, tendo-se publicado entre Dezembro de 1915 e Junho de 1918. Com a ausência do Homem francês, destacado para a frente de batalha, a actividade desportiva feminina aumentou na retaguarda, acompanhando o próprio reforço e presença da Mulher francesa no mundo laboral e na vida social.

Em Espanha, a evolução da imprensa desportiva assemelhou-se mais ao caso português que ao francês. Após um activo início de década de 1910, com o surgimento dos jornais *Norte Sportivo* (San Sebastian, 1911), *España Sportiva* (Madrid, 1912) e *Sport Sevillano* (Sevilha, 1913), iriam surgir mais uma série de periódicos desportivos durante os anos marcados pela guerra, realçando-se o *Sport Ciclista* (Barcelona, 1914), *Heraldo Deportivo* (Madrid, 1915) e *Sports y Turismo* (Madrid, 1916).

3. Apelos à união

Além da imprensa francesa e espanhola, também os jornais ingleses eram uma fonte privilegiada de informações para os periódicos desportivos portugueses, quer no tocante aos assuntos desportivos (ao contrário da França, em Inglaterra continuou-se a disputar o campeonato inglês de futebol até Maio de 1915), quer sobre a guerra e a vida social. Uma das histórias mais comovedoras, envolvendo a frente de batalha e o desporto, teria relato em *O Sport Lisboa* de 30 de Janeiro de 1915, que reproduziu uma carta, publicada dias antes nos jornais ingleses *The Times*, *Daily Sketch*, *Daily Mirror* e *The Illustrated London News*, de um médico inglês destacado na frente de combate. O clínico relatou um episódio⁴⁶ passado no dia de Natal de 1914, data para a qual o Papa tinha proposto um armistício geral, recusado pelos Aliados. Apesar disso, em certos pontos da linha da frente convencionou-se officiosamente

45 Interrompeu a publicação em Julho de 1914, mas regressaria em Outubro, mantendo-se em actividade até Junho de 1917. Voltaria em Abril de 1919, publicando-se até Dezembro de 1937, altura em que se fundiu com o *Coup Franc*, dando origem ao *Coup Franc-Sporting*. Em Maio de 1946 retomaria o título *Sporting*, encerrando em Maio de 1947.

46 Este episódio teria relato também no livro francês *Batailles de Flandres et D'Artois, 1914-1918*, escrito pelo historiador Yves Buffetaut (Ed. Guides Historia). Daria depois origem ao filme francês *Joyeux Noel* (Feliz Natal), dirigido por Christian Carion, em 2004.

algumas horas de tréguas, as quais foram aproveitadas para confraternizações entre ambos os lados.

Cenas extraordinárias se passaram entre as trincheiras. Sobre parte da nossa frente, os nossos soldados e os alemães saíram das respectivas trincheiras e misturaram-se, conversando ou diligenciando fazerem-se compreender, trocando cigarros, etc. Alguns dos nossos foram mesmo às trincheiras alemãs, sendo cordialmente recebidos pelo inimigo! Organizaram juntos um concerto de canto que terminou pelo 'God save the king', cantado a plenos pulmões pelos saxões. Isto é absolutamente autêntico. O regimento jogou mesmo um desafio de futebol com os saxões, os quais venceram por três bolas a duas. Os saxões e os nossos soldados combinaram um concerto de canto para esta noite, prestando juramento de não abrir as hostilidades antes da meia-noite.

(A Redacção (1915, 30 de Janeiro). Sport no Estrangeiro – Um desafio franco-alemão, disputado na frente da batalha. *O Sport Lisboa*, p. 2)

Este género de notícias dava uma faceta humanista a uma guerra cada vez mais sangrenta e de difícil previsão. Tumultuosa e incerta era também a situação que se vivia no meio desportivo português, levando alguns periódicos a apelarem recorrentemente à calma e à conciliação. A secção «Sport» do diário *A Capital*, assinada por Shamrock (pseudónimo usado por José Pontes), apelou, na edição de 18 de Janeiro de 1915, para o cessar das rivalidades entre os clubes e para o fim dos conflitos entre as federações e os dirigentes desportivos. Neste ambiente, em que «deixou de haver ideias para haver ódios», a imprensa e os jornalistas desportivos viram-se «na penosa contingência de se inclinarem para uns, abandonando outros.» Mesmo aqueles que «desejavam manter uma linha correcta e de máxima imparcialidade sofreram também os efeitos da corrente», de que resultou «a falta de unidade na propaganda sportiva e a ausência de valiosos elementos de trabalho.» Para o prestigiado redactor de *A Capital* era fundamental que os jornalistas desportivos portugueses trabalhassem «única e exclusivamente pela causa do sport, convencidos, mais do que antigamente, de que a sua difusão é útil ao País e ao robustecimento da raça portuguesa.»

Este apelo teria os seus efeitos⁴⁷ nos dois principais jornais desportivos generalistas portugueses. Na edição de 23 de Janeiro de 1915, *O Sport Lisboa* chamou o tema à primeira página, no artigo «O jornalismo sportivo», elogiando o redactor desportivo de *A Capital* pela sua «orientação correcta», «seriedade» e «vontade de propagar o sport», republicando inclusivamente, na íntegra, o texto de Shamrock. Também nesse dia, na capa do *Jornal do Sport*, o director Álvaro de Lacerda publicava o editorial «Unamo-nos», em que lamentava o facto dos portugueses estarem «todos divididos», sem nenhum saber «o que quer, nem o que lhe convém», destruindo «uns o trabalho que outros fazem». Portugal era assim «uma sociedade mentalmente anarquizada», sendo preciso que «todos cedessem um bocadinho», colocando os «interesses da comunidade» acima dos interesses individuais, como «se fôssemos um só».

O facto do *Jornal de Sport* e *O Sport Lisboa* estarem em sintonia quanto à necessidade de «unificar o sport nacional»⁴⁸, defendendo «a necessidade de se acabar com desuniões e com partidos»⁴⁹, contribuiu decisivamente para uma aproximação entre os dois periódicos. Em meados de Fevereiro de 1915, representantes dos dois jornais reuniram-se em diversas ocasiões, chegando à conclusão que uma fusão era o melhor caminho para as duas publicações, constituindo «um único jornal que fosse o digno representante do sport português»⁵⁰. Na edição de 27 de Fevereiro de 1915, *O Sport Lisboa* explicava aos seus leitores que os dois periódicos, na tentativa de «unificar o sport nacional, começaram por se unificar a si mesmo»⁵¹, exemplo que deviam seguir «todos aqueles que na sua terra se classificam de educadores»⁵², contribuindo assim para a «pacificação do meio sportivo»⁵³ português.

A notícia da fusão dos dois periódicos gerou alguma surpresa, uma vez que chegaram a estar de relações cortadas durante vários meses, alimentando diversas polémicas e ressentimentos pessoais em ambas redacções. Na edição de 6 de Março de 1915, no editorial «O nosso jornal», a direcção de *O*

47 Em Fevereiro e Março de 1914, a secção desportiva do *Diário de Notícias* passou também a apresentar um tom moderado e conciliador, mercê das crónicas de um novo colaborador, que assinava com o pseudónimo de Má-Língua. A secção desportiva do diário *O Século* seguiria a mesma linha pacificadora, incentivando o fim das dissidências.

48 A Redacção (1915, 27 de Fevereiro). Crónica. *O Sport Lisboa*, p. 1.

49 A Redacção (1915, 6 de Março). O nosso jornal. *O Sport Lisboa*, p. 1.

50 A Redacção (1915, 27 de Fevereiro). Crónica. *O Sport Lisboa*, p. 1.

51 Idem, ibidem.

52 Idem, ibidem.

53 Idem, ibidem.

Sport Lisboa explicou que ambas publicações «estavam de acordo na generalidade» das questões que afectavam o desporto português e «unindo-se» davam o «melhor exemplo que se poderia oferecer» para «servir a causa da educação física» em Portugal. Além disso, a fusão permitiria juntar na mesma Redacção «elementos de valor que andavam separados», formando «uma grande força» com o objectivo de «dar ao *sport* nacional um grande impulso.»

A fusão entre *O Sport Lisboa* e o *Jornal de Sport* daria origem, em 13 de Março de 1915, ao primeiro número⁵⁴ de *O Sport de Lisboa*, com Álvaro de Lacerda (anterior director do *Jornal de Sport*) na direcção, Domingos de Carvalho a administrador e Alfredo Ávila de Melo a editor (ambos ocupavam esses cargos em *O Sport Lisboa*). A redacção e a administração continuaram no primeiro andar do n.º 20 do Largo do Carmo (sede de *O Sport Lisboa*), mantendo-se a periodicidade (semanal), o preço (dois centavos) e o formato (42x27) das antecessoras. O grafismo adoptado seguiu a linha de *O Sport Lisboa*, conservando a valiosa colaboração fotográfica de Arnaldo Garcez. O novo *O Sport de Lisboa* apresentava também um vasto leque de secções, com destaque para «Consultório Sportivo» (fizera sucesso no *Jornal de Sport*), «Automobilismo» (assinada pelo pseudónimo Cilindro, que transitava do *Jornal de Sport*), «Esgrima» (da responsabilidade de Rapiere), «Ecos» (breves do desporto nacional, integrante de *O Sport Lisboa*), «Football Association» (entregue ao prestigiado jornalista Armando Machado, do *Jornal de Sport*), «O 'Sport' nas Escolas» (nova secção, dedicada ao desporto escolar), «Boxe» (assinada por Marcelo), «Crónica» (coluna de opinião, assinada por A.R., que transitava de *O Sport Lisboa*), «Notícias do Estrangeiro» (rubricada por Mocho) e «O Sport nas Províncias» (contava com vários colaboradores espalhados pelo País).

Na capa do novo *O Sport de Lisboa*, de 13 de Março de 1915, o director Álvaro de Lacerda explicou aos leitores que a fusão se devia ao facto do meio desportivo português ser «pequeno»⁵⁵ e «difícilmente comporta dois

54 O novo jornal seguiu a numeração do mais antigo dos seus antecessores, ou seja, de *O Sport Lisboa*, que terminou no n.º 81, em 6 de Março de 1915. O primeiro número de *O Sport de Lisboa* apresentou-se no cabeçalho com o n.º 82, ano II (segunda série). O *Jornal de Sport* publicou a sua última edição (n.º 30) a 6 de Fevereiro de 1915.

55 Lacerda, A. (1915, 13 de Março). "O Sport de Lisboa". *O Sport de Lisboa*, p. 1.

semanários de especialidade»⁵⁶, sendo mais fácil assim (unidos) superar as dificuldades económicas. A junção dos dois principais semanários desportivos lisboetas era também a demonstração que existiam portugueses «em cuja alma o interesse comum sobreleva o interesse individual»⁵⁷ e para os quais «os interesses superiores dum causa estão acima de quaisquer vaidades pessoais.»⁵⁸ Ambas publicações deram «as mãos»⁵⁹ para marcharem unidas «à conquista do nosso ideal que é a regeneração da nossa raça pela educação física»⁶⁰. Fundindo-se, deram igualmente «uma prova de bom senso – coisa de que o português anda sempre arredio – e um bom exemplo.»⁶¹ Em relação ao programa editorial, Álvaro de Lacerda esclareceu que *O Sport de Lisboa* visava «cronocar semanalmente o que de mais interessante se for dando no mundo desportivo nacional e internacional, apreciaremos este ou aquele acto num uso livre de crítica de que não abdicamos, procuraremos divulgar ideias, estabelecer princípios, quiçá combater uns e outros, consoante as circunstâncias e o tempo; cuidaremos, enfim, em fazer uma obra séria e honesta, só defendendo ou atacando aquilo que honestamente nos parecer digno de defesa ou de ataque, alheios, por completo, a pessoas e a colectividades, tão independentes hoje como éramos ontem.»⁶²

Um dos primeiros temas visados nas páginas de *O Sport de Lisboa* foi a terminologia desportiva, ainda dominada pela língua inglesa. No meio desportivo português continuavam a imperar os termos desportivos ingleses, principalmente no futebol (mantinham-se o *foot-ball*, *goal*, *forward*, *back*, entre outros), o que não reunia consenso entre os redactores desportivos. Uma das vozes contestatárias foi a do jornalista Armando Machado⁶³ que, em 20 de Março de 1915, lembrou em *O Sport Lisboa* que a adaptação para o português da terminologia inglesa usada em vários desportos era um dos assuntos que

56 Idem, ibidem.

57 Idem, ibidem.

58 Idem, ibidem.

59 Idem, ibidem.

60 Idem, ibidem.

61 Idem, ibidem.

62 Idem, ibidem.

63 Numa época em que a feitura dos jornais era centralizada num pequeno núcleo de pessoas, por vezes apenas uma, Armando Machado era o principal redactor de *O Sport de Lisboa*, sendo especialista em futebol, boxe e remo. A fortuna do pai (Mariano J. Machado, director dos Caminhos de Ferro de Benguela, em África) permitiu-lhe dedicar-se, de forma totalmente amadora (sem receber qualquer compensação financeira), ao jornalismo desportivo (a amputação da perna esquerda impediu-o, desde cedo, de praticar desporto). Viria a falecer a 28 de Junho de 1915, aos 31 anos.

esperava «resolução»⁶⁴ por parte das principais entidades desportivas portuguesas, as quais teimosamente continuavam a utilizar os termos ingleses, como era o caso da Associação de Futebol de Lisboa. Machado recordou que «os franceses, os alemães e os espanhóis⁶⁵ já há muito que adoptaram nomenclaturas suas»⁶⁶, exemplo que *O Sport de Lisboa* estava a seguir no caso da terminologia futebolística.

4. Entrada na guerra e o advento da imprensa na «provincia»

Nos primeiros meses de 1915 chegou-se a publicar, em Lisboa, um periódico desportivo generalista que utilizava um termo puramente inglês no título: *O Sportsman*. Lançado em 15 de Janeiro de 1915, sob a direcção de Carlos Nunes e com Eduardo Faria a redactor principal, este quinzenário desportivo generalista tinha como objectivo «contribuir para a propagação da grande causa sportiva»⁶⁷ em Portugal. No entanto, o contributo de *O Sportsman* seria reduzido, uma vez que não passou do número inaugural. Igualmente limitada seria a história da revista desportiva generalista *Ilustração Sportiva*⁶⁸, publicada em Lisboa, entre 9 de Maio e 13 de Junho de 1915.

Entre 1915 e o final da Primeira Guerra Mundial, em finais de 1918, a informação desportiva portuguesa esteve praticamente concentrada no periódico *O Sport de Lisboa* e nas secções desportivas dos jornais diários, com destaque para *O Século*, *Diário de Notícias* e *A Capital*. Porém, a relação entre estes periódicos nem sempre foi pacífica, apesar dos constantes apelos à união em prol da causa desportiva. No início de Julho de 1915, *O Sport de Lisboa* criticou duramente as secções desportivas dos jornais diários por estas terem «boicotado»⁶⁹, a nível noticioso, os jogos de futebol realizados no final de Junho entre o SL Benfica e o Deportivo Español, de Barcelona, optando por

64 Machado, A. (1915, 20 de Março). A terminologia portuguesa. *O Sport de Lisboa*, p. 4.

65 Em Espanha, ao contrário do que afirmou Armando Machado, a terminologia futebolística inglesa manteve-se na imprensa desportiva até à década de 1950. Cf. Vivas Holgado, 1999: 207-209.

66 Machado, A. (1915, 20 de Março). A terminologia portuguesa. *O Sport de Lisboa*, p. 4.

67 Faria, E. (1915, 15 de Janeiro). A que vimos. *O Sportsman*, p. 1.

68 Esta revista quinzenal foi dirigida por Armando Álvaro Martins, destacando-se a qualidade do papel (couché, formato 29x19) e as fotografias sobre futebol, esgrima, automobilismo e aviação. Com sede em Lisboa, na Avenida da República, n.º 58, 3.º D.to, a *Ilustração Sportiva* era impressa na Typographia do Annuario Commercial, na Praça dos Restauradores, n.º 24, em Lisboa.

69 A Redacção (1915, 10 de Julho). Uma 'boycottage' jornalística?. *O Sport de Lisboa*, p. 2.

dar maior destaque aos jogos do Sporting CP frente ao Vigo FC e à Selecção da Galiza. Segundo *O Sport de Lisboa*, existiu um «acordo prévio»⁷⁰ entre os redactores desportivos⁷¹ dos jornais diários de forma a prejudicar intencionalmente o SL Benfica (a ausência de notícias sobre os jogos dos benfiquistas fizeram com que as assistências no campo de Sete Rios fossem reduzidas), favorecendo a «propaganda dos amigos»⁷² sportinguistas.

A hegemonia informativa de *O Sport de Lisboa* no jornalismo desportivo português, aliada às dificuldades económicas derivadas da guerra (agravadas a partir de 9 de Março de 1916, com a declaração de guerra da Alemanha a Portugal), dificultou o aparecimento de novos periódicos desportivos generalistas, em especial na Capital, principal foco jornalístico e desportivo do País. Após as tentativas falhadas, em 1915, de *O Sportsman* e *Ilustração Sportiva*, surgiria unicamente um outro periódico lisboeta deste género entre 1916 e 1918. Foi o semanário *O Desporto*, lançado a 11 de Junho de 1917, sob a égide de J. C. Pinto D'Almeida (director), A. de Campos Júnior (administrador) e Bernardino Teixeira (editor). Num formato revista (34x32), ao preço de dois centavos, as quatro páginas do número inaugural apresentavam um noticiário desportivo variado (futebol, desportos náuticos, boxe) e secções inovadoras, como as «Cartas da Guerra» (publicação de cartas enviadas por soldados portugueses desde França) e «Pelos Escolas» (dedicada ao desporto escolar). A actividade desportiva, noutras regiões do País, tinha espaço reservado nas secções «De Fora de Lisboa» e «Crónica de Coimbra», contando com correspondentes em Aveiro, Coimbra, Figueira da Foz e Porto. Embora *O Desporto* tivesse publicado somente 16 números⁷³, até 24 de Janeiro de 1918⁷⁴, mostrou-se extremamente activo na «propaganda e desenvolvimento do desporto em Portugal»⁷⁵, organizando diversas provas

70 A.R. (1915, 10 de Julho). Crónica. *O Sport Lisboa*, p. 1.

71 Na edição de 10 de Julho de 1915 de *O Sport de Lisboa*, um dos principais visados foi o redactor Shamrock, de *A Capital*, por ter meses antes apelado à pacificação do desporto português e estar agora a contribuir para o contrário.

72 A.R. (1915, 10 de Julho). Crónica. *O Sport Lisboa*, p. 1.

73 Interrompeu a publicação entre 13 de Setembro de 1917 (n.º 12) e 3 de Janeiro de 1918 (n.º 13), verificando-se a mudança de director (A. de Campos Júnior substituiu Pinto D'Almeida) e o reforço da Redacção, que passou a integrar o médico José M. de Queiroz, Rui da Cunha, Armando Duarte e João de Brito (novo editor), contando também com a colaboração de uma mulher, Laura de Matos.

74 Nesta altura, o jornal encontrava-se à venda em nove tabacarias lisboetas, assim como no Porto e em Coimbra (Tabacaria Crespo), podendo também ser adquirido em Madrid, no número 15 da Puerta del Sol.

75 Almeida, P. (1917, 11 de Junho). Pela Pátria. *O Desporto*, p. 1.

desportivas, nas áreas da natação (Agosto de 1917), esgrima e corta-mato (Janeiro de 1918).

O discurso jornalístico à volta do «robustecimento físico do indivíduo»⁷⁶, muito presente nas páginas de *O Desporto*, tinha-se vindo gradualmente a reforçar a partir da declaração de guerra da Alemanha a Portugal, em Março de 1916. O principal jornal desportivo português, *O Sport de Lisboa*, desde 1915 que vinha publicando artigos favoráveis⁷⁷ à entrada portuguesa no conflito ao lado dos Aliados. Deste modo, a declaração de guerra acabou por ser vista, entre o jornalismo desportivo, como uma forma de Portugal entrar numa «época de renascença»⁷⁸.

A Alemanha acaba de declarar a guerra a Portugal. Não nos cabe a nós analisar, ou sequer historiar, as causas do conflito. Cumpre-nos, apenas, constatar o facto. E o facto é que nós, hoje, pequeno povo de 6 milhões de habitantes, estamos em guerra com um povo de 60 milhões de almas! Estes números não devem esquecer-se, para que nós, sempre superficiais nos nossos juízos, não percamos de vista a enormidade da situação em que nos encontramos e lhe meçamos bem o alcance. Que este facto seja o nosso acordar do fundo do letargo em que temos jazido, para as grandes lutas da vida moderna. A hora não é de palavriado – é de acção. Para esta contenda, nós não estamos preparados. Pois bem, preparemo-nos, já, imediatamente.

(Lacerda, A. (1916, 18 de Março). Estado de guerra. *O Sport de Lisboa*, p. 1)

Neste momento conturbado da vida portuguesa, além de *O Sport de Lisboa*, só existia mais um jornal desportivo generalista em actividade em Portugal: o *Norte Desportivo*, com sede em Braga. Publicado semanalmente entre 27 de Janeiro e 6 de Julho de 1916, o *Norte Desportivo* apresentou uma linha editorial idêntica ao *O Sport de Lisboa* quanto à questão da guerra, defendendo que todos os portugueses tinham «o dever sagrado de sacrificar-se em holocausto à Pátria»⁷⁹. E a educação física era «tão necessária como a

76 Idem, *Ibidem*.

77 Cf. A Redacção (1915, 5 de Junho). A Itália e a França na guerra. *O Sport de Lisboa*, p. 3; Pinto, A. (1915, 26 de Junho). Pela vida... Pobre humanidade! *O Sport de Lisboa*, p. 5.

78 Lacerda, A. (1917, 17 de Fevereiro). A jornada do Algarve. *O Sport de Lisboa*, p. 1.

79 Rodrigues, J. J. (1916, 14 de Maio). Acção e Patriotismo. *Norte Desportivo*, p. 1.

própria alimentação»⁸⁰, uma vez que só através dela se podia salvar «uma raça anémica, enfezada e raquítica»⁸¹ como era a portuguesa em 1916.

Dirigido por Abílio Brandão e administrado por Manuel Luiz Ferreira (propriedade da Empresa Norte Desportivo, com sede nas instalações do Minho Sport Club), o *Norte Desportivo* apresentou-se a si mesmo, no número inaugural de 27 de Janeiro de 1916, como «um sinal evidente da pujante vitalidade do desporto, não só em Braga mas ainda em todo o Norte do País.»⁸² A Redacção pretendia, acima de tudo, «ser útil à causa desportiva»⁸³, contribuindo para que o desporto passasse a ser «uma escola de bons costumes, de boa educação física e de bom carácter»⁸⁴.

Inicialmente, o *Norte Desportivo* centrou o noticiário no movimento desportivo emanado de Braga, alargando-o gradualmente ao Porto e a todo o Norte de Portugal (conforme ia arranjando correspondentes), e só mais tarde a Lisboa e ao Sul. O futebol foi sempre a modalidade em destaque nas suas páginas, isto apesar de existir ainda uma parte da população bracarense que continuava a alimentar «o preconceito de censurar o desporto, a ponto de se dizer que jogar futebol é possuir o maior defeito»⁸⁵.

O progressivo interesse pelo desporto, noutras regiões do País, teve como efeito o surgimento de novos periódicos desportivos generalistas, os quais tradicionalmente se concentravam em Lisboa. Além de Braga, entre 1916 e 1918 apareceram também jornais deste género no Porto (segundo centro desportivo do País), na Póvoa do Varzim, em Angra do Heroísmo e no Funchal. Os periódicos desportivos lisboetas (*O Sport de Lisboa* e *O Desporto*) viram, nesse aumento e proliferação de jornais e jornalistas desportivos, a prova de que a propaganda ao desporto, feita na capital, tinha sido «útil e proveitosa à causa desportiva, alargando o gosto e criando novos adeptos para o meio desportivo.»⁸⁶ Mas o desporto regional também podia servir os interesses do desporto lisboeta e da sua imprensa desportiva. Em 18 de Maio de 1918, *O Sport de Lisboa*, pela pena do director Álvaro de Lacerda, deixou de lado o

80 Dantas, J. B. (1916, 14 de Maio). Utilidade da ginástica. *Norte Desportivo*, p. 1.

81 Idem, ibidem.

82 Pela Redacção (1916, 27 de Janeiro). A que vimos? *Norte Desportivo*, p. 1.

83 Idem, ibidem.

84 Idem, ibidem.

85 Pela Redacção (1916, 27 de Janeiro). Duas palavras. *Norte Desportivo*, p. 1.

86 P. A. (1917, 5 de Julho). Jornalismo desportivo. *O Desporto*, p. 1.

discurso paternalista com que inicialmente encarou o movimento desportivo regional, apelando à «Província»⁸⁷ para esta «reagir»⁸⁸ face à estagnação desportiva que se vivia em Lisboa (em virtude da extinção de vários clubes e do afastamento de uma parte da juventude), «dando assim um quinau na capital, se esta persistir em nada fazer»⁸⁹. Lacerda lembrou que as principais cidades portuguesas (com excepção de Lisboa) quase não tinham associações desportivas, sendo por isso imperioso saírem da «apatia em que vivem»⁹⁰, passando a fazer mais «alguma coisa do que aquilo que a capital lhes dita, directa ou indirectamente»⁹¹.

No Porto, segundo meio desportivo e jornalístico⁹² do País, apesar das dificuldades económicas que se viviam em 1917 e 1918, que tornavam «a publicação de uma revista de sport»⁹³ numa autêntica «temeridade»⁹⁴, foi possível assistir ao surgimento, em 27 de Maio de 1917, da revista quinzenal ilustrada *Sport*, dirigida por Carlos Lello e propriedade da Empresa do Sport. Com sede no número 200 da Rua de Santo Ildefonso, esta revista desportiva portuense apresentou dez páginas (três delas ocupadas com 14 anúncios de publicidade) que conciliavam o noticiário desportivo (futebol, boxe, ciclismo) com secções opinativas e doutrinárias, casos de «O Sport e a Mulher», «Página Literária» e «Galeria de Honra» (espaço destinado a homenagear jovens soldados portugueses mortos na guerra, os quais se tinham destacado no desporto antes do conflito). Embora estivesse especialmente centrado na informação desportiva portuense, o *Sport* contava com correspondentes em Coimbra, Lisboa, Funchal e S. Tomé e Príncipe (Luís Guimarães), recorrendo à imprensa francesa (*Le Journal* e *L'Auto*) para elaborar o noticiário internacional.

Abalançada na defesa da «causa desportiva»⁹⁵, a revista de Carlos Lello e Custódio Gandarela (redactor principal) encontrou no conservadorismo da sociedade portuense (extensivo ao resto da sociedade portuguesa) o seu pior

87 Lacerda, A. (1918, 18 de Maio). Apatias. *O Sport de Lisboa*, p. 1.

88 Idem, *ibidem*.

89 Idem, *ibidem*.

90 Idem, *ibidem*.

91 Idem, *ibidem*.

92 Em 1917, o Porto foi a segunda cidade onde mais periódicos surgiram (52), logo depois de Lisboa (141), dum total de 414 periódicos registados em Portugal (Continente e Ilhas) nesse ano (Fonte: INE).

93 Gandarela, C. (1917, 27 de Maio). Duas palavras. *Sport*, p. 1.

94 Idem, *ibidem*.

95 Idem, *ibidem*.

entreve, levando mesmo o periódico a desabafar, na edição de 23 de Setembro de 1917, que os portugueses ainda não estavam preparados para entender o «alto benefício»⁹⁶ do desporto, nem o papel da imprensa desportiva. Dois meses depois, em 24 de Novembro de 1917, o *Sport* sairia pela última vez, vítima da conjuntura económica negativa e da falta de apoios no meio desportivo portuense.

No entanto, Carlos Lello não desistiria da ideia de um jornal desportivo na Cidade Invicta e, em Abril de 1918, fez a segunda tentativa com o *Porto Sportivo*, que tinha os subtítulos de «Semanário de Sports, Propaganda e Crítica» e «Órgão do Football Club do Porto». Mais centrado no noticiário desportivo local e nas actividades daquele que começava a ser o clube mais popular da cidade (FC Porto), o *Porto Sportivo* conseguiu manter-se em actividade até 22 de Junho de 1918, terminando após 11 números que deixaram em evidência que em Portugal se estava a fazer «um trabalho quase inútil em matéria de sport e de educação física»⁹⁷. E a culpa devia-se ao facto dos portugueses «não estarem educados»⁹⁸ (cerca de três em cada quatro eram analfabetos), mantendo-se «um povo agarrado a velhos princípios»⁹⁹.

As dificuldades impostas por uma sociedade conservadora e pouco receptiva à «causa desportiva» eram habitualmente contrariadas pela vontade dos desportistas, que tinham na juventude a sua base de apoio, quer ao nível da prática desportiva, quer também no campo do jornalismo. Foi isso precisamente o que sucedeu na Póvoa do Varzim, com um grupo de «rapazes poveiros»¹⁰⁰ a estar na origem do mensário desportivo *A Póvoa Sportiva*, em 15 de Setembro de 1917, isto apesar da «completa falta de sentimento sportivo na Póvoa»¹⁰¹. Para o director Armindo Graça, o periódico pretendia, acima de tudo, colaborar na «evolução do sport»¹⁰², dando assim o seu pequeno contributo «para o desenvolvimento físico da raça portuguesa.»¹⁰³ *A Póvoa Sportiva* daria essa contribuição ao longo dos oito números que publicou, até

96 Gandarela, C. (1917, 23 de Setembro). Quem sabe!.... *Sport*, p. 1.

97 Lello, C. (1918, 20 de Abril). A educação do povo perante o sport. *Porto Sportivo*, p. 1.

98 *Idem*, *ibidem*.

99 *Idem*, *ibidem*.

100 Graça, A. (1917, 15 de Setembro). O nosso programa. *A Póvoa Sportiva*, p. 1.

101 *Idem*, *ibidem*.

102 *Idem*, *ibidem*.

103 *Idem*, *ibidem*.

12 de Dezembro de 1918, aliando um noticiário desportivo local – muito centrado no Varzim Sport Club (de que seria órgão oficial) – a artigos de fundo sobre os benefícios do desporto e da educação física.

«Fazer a propaganda pelo sport» seria também o principal objectivo do jornal *O Sport*, lançado em 1 de Dezembro de 1917, em Angra do Heroísmo, nos Açores. Sob a direcção e propriedade de João Bettencourt, este quinzenário desportivo generalista pretendia contrariar a «enorme decadência»¹⁰⁴ em que se encontrava o desporto na ilha, assim como ajudar a mudar a mentalidade daqueles (e eram muitos) que consideravam o desporto «um entretenimento brusco, prejudicial e indesejável à saúde»¹⁰⁵. Contudo não teria grande sucesso nos seus intentos, visto que publicou somente seis números, até 28 de Fevereiro de 1918.

Cerca de mês e meio depois, em 17 de Abril de 1918, apareceria um novo periódico desportivo insular, *O Desporto*, lançado no Funchal (Ilha da Madeira) por seis centavos. Na base deste «quinzenário de propaganda desportiva» (este era o seu único subtítulo) estavam quatro jovens redactores madeirenses (Aquino Baptista (director), Álvaro Reis Gomes, Gonçalo d'Ornelas e Henrique Pereira), que desde o início apostaram num periódico desportivo dirigido «unicamente à propaganda da educação física na Madeira»¹⁰⁶, nutrindo a «esperança»¹⁰⁷ de que «alguma coisa de útil e de bom»¹⁰⁸ haveria de resultar para a «causa desportiva»¹⁰⁹ na Madeira. O periódico contou com o apoio do Club Sport Marítimo, que lhe cedeu uma sala na sua sede, no número 25 do Campo do Almirante Reis, mas *O Desporto* nunca viria a assumir-se como órgão desse clube, nem de qualquer outro. Assim, «sem fazer a política de nenhum grupo nem de qualquer clube de desporto»¹¹⁰, *O Desporto* foi ganhando reconhecimento entre o escasso público desportivo da Madeira, beneficiando das actividades desportivas (principalmente, futebol) organizadas pela Associação de Futebol do Funchal e

104 A Redacção (1917, 1 de Dezembro). Um ralo de luz. *O Sport*, p. 1.

105 Idem, ibidem.

106 A Redacção (1918, 17 de Abril). O nosso fim. *O Desporto*, p. 1.

107 Idem, ibidem.

108 Idem, ibidem.

109 Idem, ibidem.

110 A Redacção (1918, 30 de Abril). *O Desporto*. *O Desporto*, p. 1.

pelos clubes locais, assim como pela activa comunidade de estrangeiros¹¹¹ aí radicados.

Apesar de apresentar, nas suas habituais quatro páginas, um noticiário desportivo quase exclusivamente dedicado à actividade desportiva madeirense, *O Desporto* demonstrou uma forte tendência editorialista, abrangendo temas como a guerra, o desporto feminino, a política e a educação nacional. Manteve essa linha editorial ao longo de toda a primeira série, até 4 de Fevereiro de 1921, altura em que sofreu uma interrupção, regressando a 1 de Dezembro de 1922, sob a direcção de Fernando Câmara, ao preço de 60 centavos. Menos regionalista, uma vez que contava com correspondentes em Lisboa, Porto, Coimbra e no estrangeiro, a segunda série de *O Desporto* prolongou-se pouco mais de um ano, desaparecendo em 31 de Dezembro de 1923.

5. Tauromaquia, aeronáutica, caça e o binómio artístico-desportivo

Entre 1914 e 1918, o advento da imprensa desportiva generalista, fora da centralidade lisboeta, contribuiu para que o número de novos periódicos generalistas (doze) fosse superior aos especializados (nove). Mas, no caso da imprensa desportiva especializada, ao invés do que sucedeu com a imprensa desportiva generalista, Lisboa foi totalmente dominadora, sendo a única cidade onde surgiram novos jornais desportivos de especialidade, num total de nove periódicos, divididos entre tauromaquia (sete), aeronáutica e caça.

A maioria dos jornais tauromáquicos tiveram uma efémera existência, como foram os casos de *O Chocalho* (Lisboa, 1914), *O Campo Pequeno*¹¹² (Lisboa, 1915), *Sombra-Sol*¹¹³ (Lisboa, 1916), *Os Touros*¹¹⁴ (Lisboa, 1916), *O*

111 Na edição de 17 de Abril de 1918, o jornal deu grande destaque à Taça Suíça, um torneio de futebol de sete (uma novidade para a época), organizado pelo suíço Óscar Elsener, que se encontrava destacado na Madeira. Elsener cooperou também com vários clubes madeirenses e integrou a Associação de Futebol do Funchal. Igualmente activa foi a colónia inglesa, com destaque para a organização das suas festas desportivas no 1.º de Maio.

112 *O Campo Pequeno – Revista Tauromáquica Semanal* saiu a 11 de Abril de 1915, por ocasião duma corrida de touros na Praça do Campo Pequeno, em Lisboa. Propriedade de Augusto Marques, com Zé Jaleco a director, o primeiro número teve 12 páginas, ao preço de dois centavos, num formato pequeno (21x16). Seria número único.

113 Dedicado exclusivamente à tauromaquia espanhola, o *Sombra-Sol* saiu a 1 de Outubro de 1916, tendo Garcia Perez na direcção. O jornal, em papel couché, organizou um serviço de telegramas com Espanha para acompanhar as touradas, recebendo também as revistas de especialidade espanholas e a colaboração do fotógrafo madrileno Baldomero. A ideia era promover a tourada à espanhola, relegando a portuguesa para um segundo plano, mas não teria sucesso, não saindo mais edições.

*Toureiro Nacional*¹¹⁵ (Lisboa, 1918) e *O Echo Taurino*¹¹⁶ (Lisboa, 1918). O único periódico tauromáquico a conseguir manter-se em actividade durante algum tempo foi o *Álbum Taurino*, lançado em 19 de Novembro de 1916, por Luís de Freitas (proprietário e director). Inicialmente, este quinzenário ilustrado especializou-se em biografias de toureiros (o primeiro número foi dedicado a Manoel dos Santos), alargando gradualmente o noticiário taurino, contando com José Pedro do Carmo (conhecido por Zé Pedro), crítico tauromáquico do jornal *República*, no cargo de director literário. Distribuído gratuitamente nas praças de touros, teatros e cinemas da Capital, o *Álbum Taurino* mudaria de mãos em Junho de 1917, passado para a propriedade de Artur Esteves Loureiro, mantendo-se em actividade mais um ano, até ao número 36, de 16 de Julho de 1918.

Para além da arte do toureio, o período entre 1914 e 1918 contou unicamente com periódicos desportivos especializados em duas outras modalidades: a aeronáutica, através do jornal *O Voo Mecânico* (Lisboa, 1914), e a caça, com *O Caçador Portuguez*¹¹⁷ (Lisboa, 1915). Quem esteve muito activa nesta fase foi a imprensa artístico-desportiva, assente fundamentalmente no binómio desporto-teatro. Os dois principais periódicos a integrarem editorialmente este binómio foram o quinzenário *Recreio e Sport*, lançado em 26 de Julho de 1914, em Lisboa, pela Academia Recreativa 'A Caridade', e o semanário *Teatro e Sport*, criado em 17 de Novembro de 1917, no Porto, pelo Grupo Teatro e Sport. Ambas publicações tinham a intenção de «contribuir para o engrandecimento»¹¹⁸ do teatro e do desporto em Portugal, ajudando-os

114 Órgão da empresa gestora das praças de touros do Campo Pequeno e Algés, *Os Touros* foi criado com o objectivo de promover as corridas de touros e defender as duas praças de críticas. Distribuído gratuitamente entre os aficionados, foi lançado no domingo 21 de Maio de 1916, tendo saído mais seis domingos, até 6 de Agosto de 1916.

115 *O Toureiro Nacional – Ilustração Quinzenal* foi lançado no final de Maio de 1918, tendo Ruy Pinto a director e Mário Pires a secretário de Redacção. Apresentando um bom noticiário nacional (das praças de touros de Algés, Moita e do Campo Pequeno), cessaria a publicação em 21 de Julho de 1918, sofrendo com a má distribuição (atrasos sistemáticos e muitas falhas) do jornal pelo serviço postal.

116 Seria o principal (e único) concorrente de *O Toureiro Nacional*, tendo vida curta em 1918.

117 O primeiro número de *O Caçador Portuguez* saiu em 1 de Junho de 1915, com o proprietário Manoel de Almeida Castello Branco a ocupar os cargos de director e editor. Vendido nas espingardarias lisboetas, ao preço de dois centavos, o jornal não voltaria a sair, apesar de enorme vontade em criar um jornal dedicado à caça, como ficou patente no editorial «Duas palavras para abrir».

118 A Redacção (1914, 26 de Julho). O nosso jornal. *Recreio e Sport*, p. 1.

a ultrapassar a fase «decadente»¹¹⁹ que atravessavam. No entanto, o seu contributo seria reduzido, uma vez que tiveram um fim prematuro.

Mas a actividade da imprensa artístico-desportiva não se restringiu a estes dois periódicos, surgindo uma série de outros títulos (ver Tabela 4), um pouco por todo o País, a conjugar literatura, teatro e desporto.

Tabela 4

Periódicos Artístico-desportivos entre 1914 e 1918

Títulos	Número de edições
<i>O Cipó – Semanário literário, crítico, teatral e sportivo</i> (Tomar, 1914)	11
<i>O Anunciador Ilustrado – Revista literária, teatral, sportiva, tauromáquica e anunciadora</i> (Lisboa, 1914)	12
<i>Vida Teatral – Quinzenário literário e desportivo</i> (Lisboa, 1914)	3
<i>Glycinias – Revista de letras, artes e sports</i> (Porto, 1915)	1
<i>Tesouradas – Quinzenário de teatro e sport</i> (Porto, 1916)	5
<i>O Badalo – Bi-mensário de literatura, crítica, sport e educação</i> (Vila Nova de Gaia, 1916)	12
<i>A Labareda – Quinzenário bairrista de literatura, crítica e sport</i> (Porto, 1917)	22
<i>O Lusíada – Publicação quinzenal de literatura, sport e humorismo</i> (Porto, 1917)	10
<i>O Alcôa – Semanário noticioso, desportivo, crítico e literário</i> (Nazaré, 1917)	12
<i>O Ideal – Quinzenário de crítica social, arte, literatura, desportos e teatro</i> (Porto, 1918)	5

Este género de jornais continuariam a sair nos últimos anos da década de 1910 e no decorrer das décadas seguintes, em especial nos anos 1920, período durante o qual o jornalismo desportivo português conheceria um dos seus momentos de maior esplendor.

119 Lys, A. (1917, 17 de Novembro). Razão de ser. *Teatro e Sport*, p. 1.

CAPÍTULO 7

1919-1920: Reajustamentos e mudanças

1. O curto reinado de *O Sport de Lisboa*

Entre 1917 e 1918, o jornalismo desportivo português sofreu algumas mudanças. A entrada em cena de alguns jovens jornalistas desportivos fez com que, na opinião de alguns periódicos (*O Sport de Lisboa*, *O Desporto* e *Porto Sportivo*), tivesse diminuído a qualidade da «crítica desportiva»¹, passando os cronistas desportivos a parecerem «mais repórteres do que doutrinários»². Além disso, a « vaidade »³ de ser jornalista começou a abundar, tornando as opiniões demasiado «moralistas»⁴ e levando o público leitor a «enojar-se e enfasiar-se»⁵ com a ideia de desporto preconizada por esses jovens «doutores do sport por escrito»⁶. O director do jornal *O Desporto*, Pinto D'Almeida, numa análise ao jornalismo desportivo português, afirmaria, em Julho de 1917, que existiam duas classes de jornalistas desportivos: «os sinceros e os interesseiros»⁷. E só uma cisão entre ambas as classes permitiria afastar os «intrusos com fins reservados»⁸ que abundavam nas páginas dos jornais desportivos e nas colunas desportivas dos periódicos generalistas.

O aparecimento de publicações desportivas generalistas, em várias regiões do País, foi um dos factores que mais contribuiu para o crescimento do número de jornalistas desportivos, constituindo-se pequenos núcleos importantes, em especial no Porto e na Madeira. Este incremento do jornalismo desportivo sofreria mais com os efeitos da carestia provocada pela Guerra do que com a Censura Prévia (sem eco na imprensa desportiva), em vigor desde Março de 1916. No último ano de conflito, em 1918, as dificuldades económicas motivaram o encerramento, em Janeiro, do segundo mais importante periódico desportivo lisboeta, *O Desporto*, enquanto que o seu

1 Alfredo (1917, 14 de Abril). Remexendo. *O Sport de Lisboa*, p. 2.

2 Tem Razão (1918, 20 de Abril). Crónica – Jornalistas sportivos. *Porto Sportivo*, p. 3.

3 Alfredo (1917, 14 de Abril). Remexendo. *O Sport de Lisboa*, p. 2.

4 Idem, ibidem.

5 Idem, ibidem.

6 Idem, ibidem.

7 P. A. (1917, 5 de Julho). Jornalismo desportivo. *O Desporto*, p.1.

8 Idem, ibidem.

principal concorrente, *O Sport de Lisboa*, viu-se forçado, no mês seguinte, a aumentar o preço de capa de dois para três centavos (20 para 30 réis), solidarizando-se assim com a restante imprensa não diária portuguesa, que se reunira no Porto, no dia 11 de Fevereiro de 1918, para decidir as acções a tomar face ao elevados custos do papel e de impressão.

A extinção de *O Desporto*, de Pinto D'Almeida e A. de Campos Júnior⁹, abriu espaço a uma hegemonia de *O Sport de Lisboa*, durante todo o ano de 1918, que se assumiu como a grande referência do jornalismo desportivo português. Os periódicos desportivos criados fora do círculo lisboeta, casos de *O Desporto* (Funchal, 1918) e *Porto Sportivo* (Porto, 1918), não igualaram *O Sport de Lisboa* em termos de qualidade gráfica e editorial, nem em número de assinantes espalhados por todo o País. A sua influência no mundo desportivo português ficaria patente na forma como conseguiu mobilizar milhares de pessoas, em Junho e Julho de 1918, para assistirem aos jogos de futebol da Taça Mutilados da Guerra¹⁰, organizada em Lisboa pelo diário *A Capital*, com o objectivo de angariar fundos a favor dos soldados portugueses mutilados durante a Primeira Guerra Mundial.

Uma das principais campanhas levadas a cabo nas páginas de *O Sport de Lisboa* seria a «Subscrição para Enviar Artigos de Desporto aos Prisioneiros Portugueses na Alemanha», iniciada em 14 de Setembro de 1918, após a publicação, na primeira página, de uma carta do sargento António Perfeito Guerra, prisioneiro de guerra no campo alemão de Friedrichsfeld (onde estavam cerca de 1.650 prisioneiros). Nessa carta, enviada a 17 de Junho, o sargento português pedia ao jornal o envio de material desportivo para os prisioneiros portugueses poderem «manter de pé as qualidades físicas»¹¹ e se distraírem depois das horas de trabalho. A subscrição, considerada pelo jornal como «uma demonstração do nosso patriotismo, do nosso amor pela causa desportiva e da grande solidariedade que une todos aqueles que se batem nas

9 Desde finais de 1917 que colaborava com a coluna desportiva do jornal *A Capital*, ao serviço do qual deu a ideia para a Taça Mutilados da Guerra, disputada entre os principais clubes de futebol de Lisboa, em Junho e Julho de 1918, para angariar fundos a favor dos soldados portugueses gravemente feridos e mutilados na guerra.

10 Alguns jogos da taça contaram com a presença do presidente da República, Sidónio Pais, que apoiou a iniciativa do jornal *A Capital* e da comissão executiva, formada por Bento Mantua, Magos Leme, Francisco Calejo, Francisco França e o 2.º sargento Alegria, mutilado na guerra. Os jogos de 7 de Julho de 1918, a que assistiu Sidónio Pais, foram gravados, em película cinematográfica, pelo Ministério da Guerra, para fins propagandísticos.

11 Guerra, A. P. (1918, 14 de Setembro). Longe da Pátria. *O Sport de Lisboa*, p. 1.

pugnas de desporto»¹², permitiu angariar, logo nos primeiros dias, mais de 86 escudos (entre dádivas de particulares, clubes e empresas) para a compra de artigos desportivos. *O Sport de Lisboa* mobilizou também os correspondentes e assinantes por todo o País, publicando regularmente a lista de novos doadores, numa campanha que ficaria marcada pela enorme solidariedade dos leitores.

Nos meses seguintes, a guerra continuaria a ser um dos temas dominantes em *O Sport de Lisboa*, publicando diversas análises pela pena do director Álvaro de Lacerda e dos cronistas Y. e Miroma. Coube, precisamente, a Miroma o artigo em que se anunciava, nas páginas do principal jornal desportivo português, o fim da Primeira Guerra Mundial.

Terminou a guerra!

Dentro de algum tempo ensarilhar-se-ão as armas e as nações, que durante mais de 4 anos sustentaram a mais gigantesca luta de que há memória, entregar-se-ão ao não menos árduo trabalho de reconstrução e reconstituição, aproveitando, para que esse trabalho seja o mais perfeito possível, todos os ensinamentos que estes 4 anos de guerra lhe forneceram.

Nada será desperdiçado, tudo terá um valor.

E nós, arautos e propagandistas da Educação Física e da prática dos desportos, e da sua influência no rejuvenescimento das raças e da vida das nacionalidades, podemos por ventura ir buscar a esse manancial inesgotável argumentos e factos para a defesa da nossa causa?

Sem dúvida.

(Miroma (1918, 30 de Novembro). Ainda e sempre... *O Sport de Lisboa*, p. 1)

Nos meses que se seguiram ao final da guerra assistiu-se, nas páginas dos jornais desportivos, em especial em *O Sport de Lisboa*, a um reforço do discurso do «apuramento e regeneração das raças»¹³ e da ideia de que só a Educação Física e a prática desportiva podiam «combater eficazmente o alcoolismo, o vício da taberna, o vício do jogo, a tuberculose e quantos outros males que são a causa do enfraquecimento das raças»¹⁴.

12 A Redacção (1918, 14 de Setembro). Subscrição. *O Sport de Lisboa*, p. 1.

13 Miroma (1919, 15 de Março). Consagração da Educação Física. *O Sport de Lisboa*, p. 1.

14 Idem, *Ibidem*.

2. Domínio a dois, com interferências

Em 1919, a hegemonia informativa detida pelo *O Sport de Lisboa*, que tinha nas Tabacarias Mónaco¹⁵ os seus principais pontos de venda e recolha de publicidade em Lisboa, não impediu o surgimento na Capital de mais dois periódicos desportivos generalistas. O primeiro deles, *O Vermelho*¹⁶, apareceu em 5 de Janeiro de 1919, por altura do início do Campeonato Regional da Associação de Futebol de Lisboa. Dirigido por Rogério Futscher, com José Amaral a editor, este pequeno semanário desportivo (formato 22x15) dedicaria particular atenção ao futebol lisboeta, em especial ao SL Benfica, mas também promoveria modalidades menos populares, como o hóquei, o basebol e a patinagem. Impresso na Tipografia de O Sport de Lisboa (no Palácio Palmela, na Rua da Rosa, em Lisboa), *O Vermelho* publicou 21 números, até 27 de Abril de 1919.

Na altura em que *O Vermelho* desapareceu, em finais de Abril, já se encontrava em publicação o poderoso bissemanário *Os Sports*, propriedade do jornal *A Capital*. A ideia de criar este novo periódico desportivo em Lisboa partiu do director e proprietário de *A Capital*, Manuel Guimarães¹⁷, que era um dos poucos directores de jornais diários a apostar numa boa e completa secção desportiva. Em 1917 e 1918, Guimarães escolhera A. de Campos Júnior para redactor desportivo do seu jornal, e as iniciativas que este promoveu (em especial a Taça Mutilados da Guerra), juntamente com a qualidade da sua escrita, fizeram com que a secção desportiva ficasse demasiado pequena para a quantidade de informações desportivas que chegavam à redacção de *A Capital*. Face a isto, Manuel Guimarães decidiu apostar na criação de um periódico desportivo generalista, entregando a Campos Júnior o cargo de redactor principal.

O primeiro número de *Os Sports* saiu para as bancas em 6 de Abril de 1919, com o subtítulo de «Bi-semanário de Propaganda de Educação Física».

15 As Tabacarias Mónaco existiam no Rocio, no Largo do Calhariz, n.º 4 e na Rua do Loreto, n.º 52, em Lisboa.

16 Tinha tido uma primeira série em finais de 1918, mas sem sucesso, nem regularidade.

17 No final de Julho de 1919, *Os Sports* organizaram um jantar de homenagem a Manuel Guimarães como forma de agradecimento pelo seu apoio à causa desportiva, no qual estiveram presentes alguns dos principais vultos do desporto e do jornalismo desportivo português, casos de José Pontes, Francisco Vieira, Tovar de Lemos, Pinto de Almeida, Armando Ferreira e Mário Sant'Anna, entre outros.

Ao preço de quatro centavos, *Os Sports* tinha como principal concorrente *O Sport de Lisboa*, que desde 1915 dominava o panorama do jornalismo desportivo português. Mas, com menos meios disponíveis, uma vez que *Os Sports* contava com o apoio da estrutura (redactorial, gráfica e de distribuição) que estava por detrás do diário *A Capital*, *O Sport de Lisboa*, dirigido por Álvaro de Lacerda, embora fosse mais barato (custava três centavos), não foi capaz de impedir a imediata ascensão de *Os Sports*, que beneficiava sobretudo de uma maior actualidade noticiosa, graças à periodicidade bissemanal, ao contrário do seu adversário, que só saía uma vez por semana.

Além de um noticiário actual e completo, em que se destacava o popular «Foot-Ball», *Os Sports* apresentou secções que lhe viriam a granjear bastante prestígio, como «Notas a Lápiz» (breves do desporto nacional), «Crónica» (crónicas de opinião), «Os Sports no Estrangeiro»¹⁸, «O Folhetim d'Os Sports» (um romance ligado ao desporto), «Crónica Escolar» e «Os Sports na Província». O novo periódico contava com um leque diversificado de cronistas, que lhe permitiu assumir, nos primeiros anos da pós-guerra, um cariz doutrinário na defesa da causa desportiva e do discurso de regeneração e revigoração nacional (destacando-se os nomes de António Vilas, Tovar de Lemos, José Martins Vieira, José Pontes, Belo, B.R. e Lobão de Carvalho).

Em finais de Dezembro de 1919, a popularidade de *Os Sports* crescera de tal ordem que este decidiu criar o seu próprio *placard* informativo, numa das montras do estabelecimento comercial de J. Loureiro, na Rua do Ouro, n.º 194, em Lisboa. Nesse *placard* eram actualizadas diariamente as principais notícias desportivas, quer do País, quer do desporto internacional (contava com correspondentes em Manchester, Vigo e Toulouse). Neste período, o jornal estava também empenhado numa campanha a favor da realização de um Campeonato Peninsular de Foot-ball, contando com o apoio da revista espanhola *Huelva Sport*. Porém, a ideia não recebeu unanimidade entre a imprensa desportiva portuguesa, com *O Sport de Lisboa* a lançar vários alertas sobre uma organização desse género, os quais viriam a redundar numa troca

18 A principal fonte de informações do estrangeiro provinha da imprensa desportiva internacional, em especial os franceses *L'Auto* e *Sporting*. Mas podiam-se encontrar referências a outros periódicos, como sucedeu na edição de 24 de Julho de 1919 com o semanário *La Domenica del Corriere*, de Milão.

acesa de acusações, chegando *Os Sports* e o *Huelva Sport* a acusarem *O Sport de Lisboa* de «obstinação»¹⁹ e «cretinismo»²⁰.

A relação azeda entre *Os Sports* e *O Sport de Lisboa* iria continuar em 1920, com vários episódios negativos, principalmente envolvendo a questão do profissionalismo no jornalismo desportivo. Foram constantes os ataques de *O Sport de Lisboa* por causa da maioria dos jornalistas de *Os Sports* ganhar dinheiro com o jornalismo desportivo, ao invés dos redactores de *O Sport de Lisboa*, que se assumiam totalmente amadores e não remunerados, estando no desporto em defesa de uma causa e não pelo dinheiro. Mas a Redacção de *Os Sports* defendia-se com a ideia de que era «muito honrosa a profissão de jornalista»²¹ e não era vergonha nenhuma ser remunerado com o trabalho de jornalista desportivo, acusando o director de *O Sport de Lisboa*, Álvaro de Lacerda, e o redactor Mário de Oliveira, de também receberem dinheiro pelo seu trabalho como jornalistas desportivos.

Em meados de 1920, os dois periódicos iriam sofrer os efeitos do aumento do preço da composição gráfica, do papel e da impressão, obrigando à subida do preço de capa (*Os Sports* passou de quatro para dez centavos e *O Sport de Lisboa* aumentou de três para cinco centavos) e à redução do número de páginas (em Dezembro, *Os Sports* passou das habituais quatro para somente duas páginas). Apesar da hegemonia destes dois periódicos e da crise que afectava a imprensa – o número total de publicações periódicas portuguesas²² baixou de 498 em 1919 para 422 em 1920, aproximando-se dos valores de 1917 (414) –, o desporto português, em especial o lisboeta, continuaria a produzir novos periódicos desportivos generalistas.

Em 24 de Janeiro de 1920 saiu a revista semanal *Football*²³, propriedade de cinco antigos alunos da Casa Pia de Lisboa (Augusto Faria, Ricardo Ornelas, Manoel Cruz, Cândido de Oliveira e Álvaro da Fonseca), que formaram a Empresa 'Football'. Publicada ao sábado, esta revista apareceu

19 Beford (1919, 28 de Dezembro). Pondo os pontos nos ii... *Os Sports*, p. 1.

20 Idem, *ibidem*.

21 A Redacção (1920, 20 de Maio). O nosso profissionalismo... *Os Sports*, p. 1.

22 Estes valores referem-se ao Continente e Ilhas. Fonte: INE.

23 Nesta altura continuava-se a debater a questão da utilização da palavra inglesa *football* ou da portuguesa futebol. A direcção da revista era partidária da nacionalização dos termos desportivos, mas entendia que a palavra *football* devia ser mantida, uma vez que era uma «palavra universal» e o «uso consagrou-a». (A Redacção, (1920, 7 de Fevereiro). *Football* ou Futebol?. *Football*, p. 5).

com 16 páginas (formato 31x20), apresentando um extenso noticiário desportivo nacional (centralizado na actividade desportiva lisboeta) e internacional²⁴, abordando cerca de 14 modalidades diferentes. E a sua linha editorial definia-se na frase publicada no cabeçalho: «Serão ditos o bem e o mal: o bem sem adulação; o mal sem azedume; e tudo sem parcialidade.» A direcção foi assumida por um conhecido dirigente desportivo, Raul Vieira²⁵, ficando Álvaro da Fonseca a editor.

Impresso na Tipografia de O Sport de Lisboa, a *Football* tinha a sede numa pequena sala de *O Sport de Lisboa*, na Rua da Rosa, em Lisboa, onde se manteria até final de 1920, altura em que passou a ser impresso na Tipografia Liberty (com custos mais baixos), pertença de um casapiano, mudando também de sede, para a casa de outro casapiano, na Rua Alves Correia, n.º 37, 2.º, em Lisboa. Embora a revista apresentasse «um cunho acentuado de obra de casapianos»²⁶, tentou sempre manter uma «feição de independência»²⁷, mesmo depois da fundação (por vários elementos da revista) do Casa Pia Atlético Clube, em 3 de Julho de 1920, e da temporária saída de alguns dos seus fundadores, substituídos por Henrique Catarino (na direcção) e Vítor Santos (editor e secretario da redacção). Os custos do papel e de impressão fariam também com que a revista se visse obrigada a mudar várias vezes de preço, entre 1920 e 1922, subindo de 15 para 20 e depois para 30 centavos.

A *Football* manteria uma actividade regular até ao número 115, de 15 de Julho de 1922, mas os seus custos tornaram-se insustentáveis face às poucas receitas com a venda do jornal (a publicidade era escassa), fazendo com que interrompesse a publicação durante longos meses, regressando com uma segunda série em 9 de Dezembro de 1922. Cândido de Oliveira (que um ano

24 Recorria com frequência à imprensa francesa, em especial ao *L'Auto*, *Sporting*, *L'Echo des Sports*, *Le Football Association* e *L'Excelsior*. Quanto ao noticiário desportivo espanhol, recorria à coluna desportiva do *El Sol*, responsabilidade do conceituado jornalista desportivo Ricardo Ruiz Ferry (antigo director e proprietário do magazine madrileno *Heraldo Deportivo*, e fundador das secções desportivas do *Heraldo* e *Imparcial*).

25 Aluno da Casa Pia de Lisboa, Raul Vieira foi funcionário de telégrafo-postal dos CTT. Sempre ligado ao desporto, seria director das revistas *Football* e *Stadium*, ocupando vários cargos na Federação Portuguesa de Futebol, na Confederação Portuguesa dos Desportos e na Federação Portuguesa de Atletismo. Entre 1920 e 1951 (faleceu em Dezembro), Raul Vieira foi uma das figuras de maior relevo no desporto português.

26 Oliveira, C. (1922, 21 de Janeiro). Recordando. *Football*, p. 2.

27 Idem, ibidem.

antes tinha sido o primeiro capitão da Selecção Nacional de Futebol, na estreia em Madrid), Reis Gonçalves e Ricardo Ornelas eram os redactores principais da nova *Football*, que tinha Vítor Santos a editor e A. de Sena Azevedo a director. Mas o seu elevado preço (1\$00) era exemplificativo das dificuldades com que se debatia a imprensa portuguesa, com a revista a não aguentar mais do que quatro edições, até 30 de Dezembro de 1922. Deste modo, extinguia-se o sonho de um grupo de jovens casapianos, cujo trabalho jornalístico foi fundamental para dar uma nova dignidade ao jornalismo desportivo português nos primeiros anos da década de 1920. Desde os primeiros números, em Janeiro e Fevereiro de 1920, que ficara claro que a *Football* tentaria inverter a tendência que a imprensa desportiva estava a ter ao apostar no «escandalozinho»²⁸ e no «comentário mordaz e corrosivo»²⁹ como forma de vender mais jornais e que tanto sucesso estava a ter entre o público.

A Redacção da *Football*, formada por alguns jovens (Cândido de Oliveira e Ricardo Ornelas) que se tornariam numa referência do jornalismo desportivo português nas décadas seguintes, defendia a necessidade dos jornais desportivos retomarem a sua «acção educadora»³⁰ junto do público, evitando «fomentar-lhe os baixos sentimentos que o aviltam»³¹ e impedir que as suas colunas servissem «de pasto indigesto às criaturas inferiores que só buscam arruinar a obra de muitos anos, de muitas gerações»³². No final de 1920, o jornal *Os Sports* iria queixar-se também da falta que estava a fazer, ao desporto português, um jornalismo doutrinário e educativo, como o que se fazia em França³³ e Espanha³⁴. Na edição de 12 de Dezembro, o cronista Mário Roberto lamentava-se dos cronistas desportivos portugueses, principalmente dos jornais diários, por estes se limitarem «quase exclusivamente à publicação de noticiário que lhes é enviado por clubes, federações ou organizadores de

28 A Redacção (1920, 7 de Fevereiro). Jornalismo desportivo. *Football*, p. 1.

29 Idem, ibidem.

30 Idem, ibidem.

31 Idem, ibidem.

32 Idem, ibidem.

33 Em 1920, o desporto francês passou a contar com outro periódico doutrinário de grande qualidade, o *Le Miroir des Sports*, que marcaria o jornalismo desportivo gaulês até 1944.

34 Em 1920, um dos jornais que mais se destacou na promoção do desporto em Espanha foi o *Eco de los Sports*, o qual daria um enorme apoio à realização do primeiro jogo de futebol entre as selecções de Espanha e Portugal, consumado em Dezembro de 1921.

provas»³⁵ e «quando se abalançam a qualquer crítica, apreciação ou artigo doutrinário é quase sempre para expandir... veneno.»³⁶

Extremamente doutrinal, principalmente do ponto de vista do discurso do «renascimento do povo português»³⁷ e da introdução da educação física nas escolas portuguesas, seria a acção da *Revista de Educação Física*, lançada em Março de 1920, em Lisboa, por José Luís Ribeiro. «O Professor de Educação Física», a «Ginástica Nacional» e «A Educação Física» foram as principais secções com que se apresentou esta revista mensal, a qual contava com a colaboração de diversos médicos interessados por desporto, como Tovar de Lemos, Lendolphe Bravo e Pinto de Miranda, recorrendo à publicação de artigos de periódicos estrangeiros, como o francês *Temps*. Embora fosse uma revista inovadora, a primeira dedicada à educação física e ao seu ensino, aguentou somente três números, o último publicado em Maio de 1921.

Igualmente muito dependente do noticiário estrangeiro estaria a revista *O Automóvel*, recorrendo de forma regular à imprensa estrangeira para o noticiário internacional, com realce para os jornais franceses *L'Auto*, *Automobilia*, *La Vie Automobile* e *Motocyclisme*. Quinzenário dedicado ao «Automobilismo, Aviação, Turismo e Moto-Cultura» (era o seu subtítulo), *O Automóvel* apareceu em 15 de Janeiro de 1920 com o objectivo de preencher «uma lacuna»³⁸ do jornalismo desportivo português, uma vez que se estava a assistir a um «desenvolvimento verdadeiramente extraordinário»³⁹ do automobilismo português. Com sede no número 61 da Avenida da Liberdade, em Lisboa, a revista era dirigida por Jorge de Castilho e tinha Fernando da Silva na secretaria de redacção, sendo propriedade da Vaquinhas & C.^a Limitada, que detinha uma das maiores garagens de venda de automóveis em Lisboa (a Garage Parisiense, na Rua Andrade Corvo). Contava também com um bom leque de colaboradores, como Armando Cortesão, Fernando da Silva, Manoel Pinto e o especialista mecânico Targa Florio. Embora não fosse uma publicação cara (custava 45 centavos) e apresentasse sempre publicidade (outra fonte de receitas importante) ligada ao mundo do motor, *O Automóvel*

35 Roberto, M. (1920, 12 de Dezembro). O assunto do dia. *Os Sports*, p. 2.

36 Idem, *ibidem*.

37 A Redacção (1920, Março). A nossa tentativa. *Revista de Educação Física*, p. 1.

38 Os Editores (1920, 15 de Janeiro). O nosso plano. *O Automóvel*, p. 1.

39 Idem, *ibidem*.

teria unicamente 17 edições, terminando em 15 de Fevereiro de 1921, num número dedicado à primeira tentativa aérea de ligar Lisboa à Madeira, realizada pelo capitão Brito Paes e o Tenente Beires.

3. Pequena expansão regionalista

Entre 1919 e 1920, além de Lisboa, também Évora e Viseu viram surgir novas publicações desportivas generalistas, as primeiras da sua história. Depois dos anuários *A Evolução Sportiva*, lançados em 1913 e 1914, saíria em Évora, em 2 de Novembro de 1919, o semanário *Sul Desportivo*, primeiro periódico desportivo generalista alentejano. Com sede no número 11 da Travessa da Bola, o núcleo redactorial do jornal era formado por Joaquim S. Reis (director), Augusto Ivo Correia (editor) e Américo Gramacho (redactor), apresentando-se o primeiro número com quatro páginas de boa qualidade gráfica, ao preço de quatro centavos, sendo impresso na tipografia Minerva Comercial. No editorial de apresentação «Ao que vimos», publicado na capa do número inaugural, a direcção do jornal afirmava que o *Sul Desportivo* iria ser «um baluarte defensor da causa justa e bela que é a Educação Física», servindo para «difundir, propagar e incitar à prática da Educação Física, mas com regularidade, método e ordem.» Com correspondentes em Estremoz, Faro, Lisboa e Setúbal, o *Sul Desportivo* soube conciliar o noticiário local com o nacional, dando destaque ao futebol, modalidade popular em Évora, graças à acção de diversos clubes locais, em especial o Lusitano Futebol Clube e o Juventude Futebol Clube. Apesar de estar empenhado no «papel importantíssimo de preparar a regeneração da raça portuguesa»⁴⁰, o *Sul Desportivo* duraria somente nove números, cessando actividade em 18 de Janeiro de 1920, vítima das dificuldades económicas que varriam toda a imprensa portuguesa.

Comprometido na luta pelo «aperfeiçoamento físico»⁴¹ dos portugueses e no «combate à degenerescência e à taberna»⁴², considerada «o maior

40 A. Q. (1919, 14 de Dezembro). A ressurreição. *Sul Desportivo*, p. 1.

41 A Redacção (1919, 2 de Novembro). Viseu-Sport. *Viseu-Sport*, p. 1.

42 Idem, *ibidem*.

passatempo da mocidade»⁴³, apareceu também, em 2 de Novembro de 1919, o semanário *Viseu-Sport*, com sede na Cava de Viriato, em Viseu. Acumulando as funções de proprietário e director, Abel Leonídio⁴⁴ concebeu um semanário desportivo com um noticiário diversificado, em que se destacava o futebol (modalidade cada vez mais popular em Viseu), contando com correspondentes em Coimbra, Figueira da Foz, Lisboa e em Espanha.

Ao preço inicial de dois centavos, o *Viseu-Sport* seria obrigado, em Fevereiro de 1920, por causa da crise económica, a aumentar o preço de capa para três centavos e a reduzir a periodicidade de semanal para quinzenal, passando também, em Abril, a ser impresso em papel de menor qualidade. Aquele que era o primeiro jornal desportivo generalista publicado em Viseu, resistiria às dificuldades económicas durante 20 números, publicando a última edição em 16 de Junho de 1920.

Nos anos seguintes ao pós-guerra, a imprensa artístico-desportiva desempenharia igualmente um papel importante na divulgação do desporto a nível regional⁴⁵, sobressaindo nesse aspecto o periódico *Alma Nova – Jornal dos Novos, Literatura, Charadismo e Desporto*, lançado em Espinho, em 18 de Maio de 1919. Dirigido por Manuel Pinto, o jornal contava com a colaboração de dois jovens redactores desportivos, Mário Vítor (chegaria a director) e Sousa Dias, que deram um forte impulso à secção desportiva do *Alma Nova* ao longo dos seus mais de três anos de publicação (até 20 de Agosto de 1922), centrando a cobertura noticiosa no desporto de Espinho e do Porto.

O desporto portuense seria igualmente um dos temas em destaque na secção desportiva do *Alma Livre – Bi-mensário de Literatura, Desportos e Humorismo*, criado em 17 de Maio de 1919, no Porto. A secção «Desportos» era da responsabilidade de Xisto Lima, que logo no primeiro número deixou em evidência a dificuldade de se ser jornalista desportivo «numa terra que nada, ou quase nada, de sport trata»⁴⁶, faltando ao Porto «a base duma educação alheia a preconceitos»⁴⁷, que permitisse difundir a prática desportiva. O futebol,

43 Idem, ibidem.

44 Estaria também ligado ao periódico *A Mocidade*, que teria uma forte componente desportiva.

45 E na Capital também, destacando-se o periódico *Alma da Mocidade – Quinzenário Humorístico, Literário, Teatral e Sportivo*, lançado em Lisboa, em Fevereiro de 1919, mantendo-se um ano em actividade.

46 Lima, X. (1919, 17 de Maio). Desportos – Abertura. *Alma Livre*, p. 3.

47 Idem, ibidem.

o water-polo e a natação teriam espaço de relevo no *Alma Livre*, que terminaria em 15 de Setembro de 1921, numa edição dedicada à travessia do Porto a nado, organizada pelo Clube Fluvial Portuense.

Nesse mesmo mês, em inícios de Setembro de 1921, assistiu-se no Porto à primeira transformação de um jornal artístico-desportivo num periódico totalmente desportivo. *A Mocidade – Quinzenário Literário*, lançado em 1 de Agosto de 1920, foi-se transformando gradualmente num periódico cada vez mais desportivo, a tal ponto que em 24 de Outubro de 1920, após uma remodelação, passou a apresentar, em subtítulo, a frase: «Os Sportmen do Norte de Portugal vêem hoje realizada uma das suas maiores aspirações: ter um órgão na imprensa». A secção desportiva contava com três jovens entusiastas do jornalismo desportivo portuense (Joaquim Araújo Xavier, José Bento Ferreira Guimarães e Carlos Pilrão), o que contribuiu fortemente para que o desporto passasse a ser o tema principal nas páginas de *A Mocidade*, chegando a ocupar cerca de 90 por cento do jornal.

Durante os primeiros meses de 1921, os diários portuenses *O Primeiro de Janeiro* e *O Comércio do Porto* passaram também a dedicar mais espaço noticioso ao desporto, chegando a promover alguns eventos desportivos, em especial *O Primeiro de Janeiro* que organizou diversas provas de atletismo, por intermédio do seu redactor desportivo Manuel Camacho. Face ao aumento da actividade desportiva na cidade do Porto, o periódico *A Mocidade* decidiu interromper a publicação a 3 de Setembro de 1921 e mudar o título para *Invicta Sport*, assumindo-se como um periódico totalmente desportivo a partir de 10 de Setembro de 1921.

CAPÍTULO 8

1921-1923: Início da popularização

1. Progressiva regionalização

Após terem surgido, no final da década de 1910, os primeiros jornais desportivos generalistas em Évora e Viseu, o mesmo viria a suceder noutras partes do País ao longo de 1921, uma vez que este ano seria, claramente, de mudança em relação ao caminho trilhado pela imprensa periódica desportiva portuguesa durante os anos anteriores. Entre 1911 e 1920 tinham-se publicado 43 periódicos desportivos (mais três artístico-desportivos), dos quais 23 generalistas, concentrados principalmente em Lisboa (13). Em 1921, a tendência de aparecimento de quatro a cinco novas publicações desportivas ao ano, que caracterizara a década de 1910 (ver Anexo 1), alterou-se radicalmente, surgindo só nesse ano 11 novos periódicos desportivos, todos com uma linha editorial generalista e disseminados por sete cidades diferentes (Angra do Heroísmo, Faro, Figueira da Foz, Lisboa, Porto, Setúbal e Sintra).

Este súbito advento de jornais desportivos generalistas em 1921, que se prolongaria nos anos seguintes, ficou a dever-se, em grande medida, à gradual popularização do fenómeno desportivo, em especial o futebol, que viu no ano seguinte organizar-se a primeira prova de cariz nacional: o Campeonato de Portugal. Esta competição acarretou um natural aumento das rivalidades futebolísticas, quer entre clubes, quer entre regiões, contribuindo para a criação de periódicos que defendessem cada uma das facções. Aliada a estes factores desportivos e regionalistas esteve também a ligeira melhoria das condições económicas que rodeavam a própria imprensa, fruto do fim da guerra, com o conseqüente aumento do número¹ de publicações periódicas existentes anualmente em Portugal (Continente e Ilhas): das 422 publicações em 1920 passou-se para 480 em 1921, 503 em 1922 e 532 em 1923. A imprensa periódica desportiva aumentou também o número de novas publicações neste período: em 1921, como já referimos, surgiram 11 novos periódicos, aumentando para 15 em 1922 e para 17 em 1923. Estes valores indicam uma cisão total em relação aos anos anteriores (1918, 1919 e 1920), nos quais

¹ Dados extraídos do Anuário Estatístico de Portugal, publicado pelo INE.

surgiram somente quatro novos jornais desportivos por ano (12 no total: 9 generalistas e 3 de especialidade) e a sua maioria concentrados em Lisboa (7).

Em 1921 assistiu-se, finalmente, a uma proliferação de jornais desportivos generalistas em várias regiões do País, fora da tradicional centralidade urbana e desportiva de Lisboa e, num segundo patamar, do Porto. O primeiro desses periódicos foi o quinzenário *O Desporto*², lançado a 8 de Maio, em Angra do Heroísmo (Açores), sob a direcção de Ornelas Bruges. Na capa do primeiro número, o jornalista e escritor local, Braga Paixão, destacava o facto da sociedade portuguesa estar a assistir a uma renovação social, graças à chegada de uma nova geração – a «Geração do Pontapé na Bola»³ –, que se apresentava «com sangue novo, vida nova, ânimo novo, hábitos novos, qualidades novas, sentimentos nobres»⁴, características que podiam «fazer um Portugal maior»⁵ no futuro.

Nove dias depois do lançamento de *O Desporto*, em 17 de Maio de 1921, seria a vez de sair, na Figueira da Foz, o semanário *Figueira Sport*, dirigido por António Correia Pinto de Almeida (conhecido por António Amargo). O seu programa era simples: «fazer a propaganda do sport e tornar a nossa terra mais conhecida ainda no meio sportivo nacional»⁶, apresentando a Figueira da Foz como o «terceiro centro desportivo do País, depois de Lisboa e Porto»⁷. Com um noticiário⁸ quase exclusivamente local, o *Figueira Sport* contava com 32 colaboradores e três fotógrafos amadores, que se encarregavam das 21 secções⁹ especializadas, destacando-se o futebol, com cinco colaboradores. Desde o início ficou claro que não se tratava de «um órgão sportivo puramente

2 Foi um jornal que soube conciliar o noticiário desportivo local com o nacional e internacional, publicando um total de 11 números (habitualmente de quatro páginas, no formato 34x23), até 15 de Novembro de 1921. Os contributos para o desenvolvimento do desporto em Angra do Heroísmo não se limitaram a textos doutrinários sobre a prática desportiva, organizando também várias provas desportivas, realçando-se a Grande Festa Desportiva, em Agosto de 1921.

3 Paixão, B. (1921, 8 de Maio). *Geração do Pontapé na Bola*. *O Desporto*, p. 1.

4 Idem, *ibidem*.

5 Idem, *ibidem*.

6 A Redacção (1921, 17 de Maio). *A nossa apresentação*. *Figueira Sport*, p. 3.

7 Idem, *ibidem*.

8 A chegada de Ernesto Tomé à direcção, a 4 de Julho de 1921, motivaria um alargamento noticioso, passando a dar maior cobertura internacional, publicando artigos de jornais estrangeiros, como o francês *La Petite Gironde*. Essa linha noticiosa alargada pautaria o jornal até ao seu fim, em 14 de Janeiro de 1922 (número 24).

9 A listagem das secções foi publicada no primeiro número de 17 de Maio de 1921 (página seis) e eram as seguintes: «Educação Física, Higiene, Ginástica, Remo, Natação, Vela, Foot-ball, Luta, Caça e Tiro, Patinagem, Automobilismo, Esgrima, Hipismo, Lawn-Ténis, Sports Atléticos, Sports nas Escolas, Sports Femininos, Sports no Exército, Tauromaquia, Teatro, Crítica e Literatura».

noticioso, mas sim, e principalmente, doutrinário»¹⁰, visando «essencialmente orientar, educar e ensinar»¹¹.

Seguindo a mesma linha editorial surgiria, em 30 de Outubro de 1921, o semanário *Sport Setúbal*, dirigido por João Maria da Silva e propriedade de «Um Grupo de Sportmen» de Setúbal. Aquele que era o primeiro jornal desportivo setubalense, apresentava-se com a convicção que teria «uma vida longa e profícua»¹² se conseguisse entrar na «casa dos que se interessam pelo engrandecimento de Setúbal, seu desenvolvimento físico e mesmo moral»¹³. E, tal como sucedera com o *Figueira Sport*, um dos principais objectivos do *Sport Setúbal* era tornar a sua cidade no terceiro centro desportivo do País. A adopção de um preço de venda reduzido (dez centavos) e a aposta num bom papel¹⁴ de impressão foram algumas das medidas adoptadas inicialmente para cativar leitores. No entanto, em 18 de Março de 1922, a direcção seria forçada a aumentar o preço de capa para 20 centavos, uma vez que o custo total¹⁵ da tiragem era de 85 escudos, recolhendo unicamente 32 escudos com a venda do jornal (equivalia a 320 exemplares vendidos por semana), aliando-se a este défice financeiro as dificuldades na cobrança das assinaturas, com vários ardinas a serem inclusivamente mal tratados por assinantes que consideravam o jornal caro.

As dificuldades económicas do *Sport Setúbal* ditariam a sua interrupção entre 18 de Novembro de 1922 e 24 de Abril de 1924, reaparecendo graças à excelente participação do Vitória Futebol Clube, de Setúbal, no Campeonato Regional de Futebol de Lisboa de 1924, o qual acabaria por vencer, pela primeira vez. A euforia popular à volta do futebol criou o interesse desportivo necessário para o regresso do *Sport Setúbal*, que se manteria em actividade

10 A Redacção (1921, 31 de Maio). Definindo a nossa orientação. *Figueira Sport*, p. 3.

11 Idem, ibidem.

12 A Redacção (1921, 30 de Outubro). A nossa apresentação. *Sport Setúbal*, p. 1.

13 Idem, ibidem.

14 Era comum a impressão em diferentes cores: inicialmente era impresso em papel branco, passando depois a apresentar edições em papel rosa, verde e cinzento, de boa qualidade.

15 Os redactores do jornal eram amadores, não recebendo qualquer remuneração pelo trabalho jornalístico, exercendo por isso outras profissões remuneradas. Deste modo, o elevado custo de produção do *Sport Setúbal* relacionava-se com o preço do papel, da composição e impressão gráfica, que era feita nas Oficinas do Diário «O Setubalense».

até 27 de Setembro de 1924¹⁶, publicando um total de 73 números entre as duas séries.

As dificuldades económicas vividas pela generalidade das publicações desportivas portuguesas eram normalmente superadas pelo sentimento jornalístico de que se estava a «cumprir um dever»¹⁷, em prol da causa desportiva. Esse espírito de missão seria amplamente demonstrado pelo semanário *O Sul Desportivo*, lançado em 8 de Dezembro de 1921, em Faro, ao preço de 15 centavos. Fundado por uma das mais importantes figuras do desporto algarvio, Miguel Cruz¹⁸, este primeiro periódico desportivo do Algarve apresentava uma linha editorial que conciliava, nas suas habituais quatro páginas (formato 32x22), o noticiário desportivo local, com o nacional e internacional, dando especial atenção ao futebol e ao boxe. O crescente interesse pelo jornal, que saía às quintas-feiras, levou a direcção a apostar, em Abril de 1922, na criação de um *placard* informativo na Rua D. Francisco Gomes, uma das mais concorridas de Faro, permitindo assim aos leitores um acompanhamento diário da informação desportiva recebida na Redacção.

Apesar do notório aumento da popularidade do desporto no Algarve, visível na restante imprensa desportiva generalista¹⁹, *O Sul Desportivo* suspendeu a publicação a 7 de Julho de 1923, após 60 edições, regressando somente em 5 de Março de 1925, sob a orientação de António Leitão²⁰. Inicialmente seria um sucesso de vendas (da tiragem inaugural de 1.200 exemplares só foram devolvidos 85), a que se aliou o êxito da criação de um *placard* informativo luminoso, na Rua Ivens, em Faro, em Abril de 1925, o qual permitia afixar regularmente notícias desportivas nacionais (contava com uma rede de 17 correspondentes) e internacionais. A partir de Julho de 1925, *O Sul*

16 Esta última edição foi dedicada à digressão por Espanha do Vitória FC, de Setúbal, recorrendo a vários jornais espanhóis (*La Jornada Deportiva*, *El Mundo Deportivo*, *La Vanguardia*, *El Dia Grafico* e *Heraldo de Aragon*) para acompanhar os resultados e as incidências da visita.

17 A Redacção (1922, 16 de Fevereiro). Editorial. *O Sul Desportivo*, p. 1.

18 Nascido em 1901, em Faro, Miguel Cruz foi um dos principais impulsionadores do desporto no Algarve, tendo praticado ginástica e boxe. Depois fundou *O Sul Desportivo*, primeiro jornal desportivo algarvio, relançando também as actividades do Sport Ginasta Club e do Sporting Club Farense. Ao serviço destes clubes organizaria várias provas, tais como o primeiro combate de boxe profissional disputado em Faro (ganho por Carlos Passarinho), um campeonato de bilhar e a Taça Sagres de Futebol. Faleceu em 11 de Agosto de 1923, sendo homenageado em Abril de 1925 com a realização da Taça Miguel Cruz, disputada entre equipas de futebol algarvias.

19 Em Setembro de 1922, o jornal lisboeta *Os Sports* passa a dedicar regularmente uma página ao desporto algarvio.

20 Natural de Faro, António Leitão tornou-se popular no mundo desportivo como guarda-redes do SC Farense. Em termos profissionais, era tesoureiro da Caixa Geral de Depósitos de Faro.

Desportivo passaria a apresentar um novo antetítulo no cabeçalho: «A maior circulação dos periódicos algarvios». Mas o jornal não aguentou muito tempo, extinguindo-se no mês seguinte, após a edição 84, de 18 de Agosto de 1925.

Mais reduzido, quer em termos de formato (11x8) e preço (5 centavos), quer de longevidade (duraria 15 números²¹) e impacto jornalístico, seria o modesto semanário *O Sport de Sintra*, fundado por Ricardo Roberto Rosado, em 25 de Dezembro de 1921. «Pequeno no tamanho mas grande no seu Ideal»²², este jornal sintrense encarnaria, mais uma vez, o espírito de defesa da «causa desportiva»²³, conciliando nas suas habituais quatro páginas o noticiário desportivo local e o nacional, dando realce ao futebol e ao boxe, modalidades em voga nos anos 1920.

2. Lisboa hegemónica

Ao invés do resto do País, em que começavam, só neste período, a surgir regularmente periódicos desportivos, Lisboa fora sempre o centro desportivo português por excelência, centralizando a maioria das publicações desportivas ao longo das décadas anteriores. Somente o Porto conseguiu, embora de forma ténue, contrabalançar a hegemonia jornalística lisboeta no campo desportivo. Entre 1911 e 1920, das 43 publicações periódicas desportivas que surgiram, 30 concentraram-se em Lisboa, quatro no Porto e nove no resto do País, o que deixa em evidência a clara primazia da Capital²⁴ nesta área jornalística, tal como sucedia nos restantes campos do jornalismo português.

O panorama do jornalismo desportivo lisboeta, em 1921, era claramente dominado pelos periódicos *Os Sports* (1919-1945) e *O Sport de Lisboa* (1915-1934), e pela revista *Football* (1920-1922), deixando pouco espaço informativo para o despontar de novas publicações desportivas generalistas. E não

21 A sua última edição seria publicada a 11 de Junho de 1922, apresentando um formato maior (22x16), mantendo a sede na Avenida Miguel Bombarda, n.º 5, em Sintra.

22 A Redacção (1921, 25 de Dezembro). O nosso jornal. *O Sport de Sintra*, p. 1.

23 Idem, *ibidem*.

24 E.g. numa breve análise aos dados publicados no Anuário Estatístico de Portugal, publicado pelo INE, podemos observar facilmente a hegemonia lisboeta na área da imprensa: em 1910, das 543 publicações periódicas existentes em Portugal (Continente e Ilhas), 159 eram de Lisboa, 67 do Porto, 49 de Braga, 42 de Aveiro, 30 de Coimbra, 14 de Évora, etc.; em 1917, do total de 414 publicações existentes, 141 eram de Lisboa, 52 do Porto, etc.; e em 1930, das 662 publicações existentes, 230 eram de Lisboa, 75 do Porto, 46 de Aveiro, 36 de Braga; 36 de Coimbra, 13 de Évora, etc. (Bragança era o concelho com menos, unicamente três publicações).

podemos esquecer a crescente importância e qualidade das secções desportivas dos jornais diários generalistas, em especial *A Capital*, *Diário de Notícias*²⁵, *O Século*²⁶, *A Pátria* e *Diário de Lisboa*²⁷, assim como das publicações não diárias, casos da *ABC – Revista Portuguesa* e, pouco tempo depois, *A Novela*²⁸ e o *The Times of Portugal*²⁹, entre outros.

Mas este fecundo cenário à volta do jornalismo desportivo lisboeta não impediria o surgimento de novas publicações desportivas na *Capital*, durante os primeiros anos da década de 1920. Em 1921 apareceram as revistas *Recreio e Penalty Kick*³⁰, e o semanário *Sports de Portugal*, contribuindo cada uma destas publicações para a defesa da «causa sportiva»³¹, do «bom sport»³² e da «imparcialidade»³³ do jornalismo desportivo. Destes três títulos, aquele que mais prestígio granjeou foi o *Sports de Portugal*, lançado em 27 de Fevereiro de 1921, sob a direcção de Armando Rato. Ao longo dos seus 14 números, até 13 de Janeiro de 1923 (interrompeu a publicação entre 14 de Maio de 1921 e 11 de Novembro de 1922), soube conjugar uma impressão de qualidade, com boas fotografias, e um jornalismo doutrinário, principalmente em relação ao papel da imprensa, que devia ser o de «orientar e conduzir»³⁴ o

25 Durante os dias de semana, a cobertura noticiosa do desporto fazia-se através da coluna «Vida Desportiva», dedicando mais espaço informativo (normalmente uma página completa) à segunda-feira, em que se publicava a secção «Notícias Desportivo». O *Diário de Notícias* daria especial atenção à promoção da educação física, do ponto de vista pedagógico (cf. edição de 30 de Novembro de 1925).

26 A sua coluna desportiva apoiou várias iniciativas desportivas nos anos 1920, como sucedeu em Julho de 1927 em que, juntamente com o Automóvel Clube de Portugal, organizou os Prémios de Turismo e da Cúria, primeiras provas de automobilismo de estrada, em circuito fechado, disputadas em Portugal.

27 Criado em Abril de 1921, apresentaria na década de 1920, e nas seguintes, uma boa secção desportiva (em especial quando Tavares da Silva a dirigiu), contando com a colaboração de grandes vultos da cultura, com destaque para Almada Negreiros, que em Setembro e Outubro de 1923 publicaria algumas páginas dedicadas ao desporto. O *Diário de Lisboa* organizaria também provas desportivas, com realce para a Taça Pátria, em Abril e Maio de 1923.

28 Dirigida por Jorge Santos, esta pequena revista semanal dedicaria extensa cobertura noticiosa aos jogos da Selecção Nacional de Futebol, destacando-se a edição de 27 de Dezembro de 1923 sobre o III Portugal-Espanha.

29 Lançado em 23 de Agosto de 1924, em formato bilingue (inglês e português), o *The Times of Portugal* tinha como objectivo estreitar a amizade entre os portugueses e os ingleses residentes em Portugal, dedicando especial atenção ao desporto. O proprietário, Óscar Tromberg, colaborara com a imprensa desportiva russa (*Moscow Golos* e *Konsky Sport*), estando o director, Alfred Arnold, ligado ao *Daily Express* e *Daily Telegraph*.

30 Esta revista quinzenal saiu a 2 de Julho de 1921, ao preço de 30 centavos, sendo dirigida por Armando Moreira. Apresentou-se com uma linha editorial liberal e multifacetada, promovendo o desporto feminino (na secção «Sports Femininos», assinada por Maria Henriqueta) e várias modalidades («Sports Mecânicos», remo, luta, patinagem, atletismo, tiro e «Foot-ball» (nas páginas centrais)). Apesar da qualidade, não passaria do número inaugural.

31 A Redacção (1921, 2 de Julho). Apresentação. *Penalty Kick*, p. 1.

32 Idem, ibidem.

33 A Redacção (1921, 27 de Fevereiro). A que vimos. *Sports de Portugal*, p. 1.

34 Idem, ibidem.

desporto português, bem como sobre a necessidade de «lutar contra o abastardamento da raça»³⁵, sendo «tempo de ressurgir»³⁶ e sair do «sono letárgico»³⁷ em que a sociedade portuguesa caíra.

3. Porto: a definitiva consolidação

No final da década de 1910 tinha-se tentado, por duas ocasiões, criar um jornal desportivo de referência na cidade do Porto, contudo o *Sport* (1917) e o *Porto Sportivo* (1918) só aguentaram alguns meses em actividade. A ausência de periódicos desportivos fez com que as colunas desportivas dos diários portuenses tivessem ganho, entre 1918 e 1921, um crescente protagonismo, em especial as secções desportivas do *Jornal de Notícias*³⁸ e, principalmente, de *O Primeiro de Janeiro*, responsabilidade de Manuel Camanho e Silva Gay. Estes dois nomes, juntamente com os de Armando Gonçalves, Ferreira de Almeida, Marques da Fonseca, Carlos Pirão e Armando de Lys³⁹, marcariam o jornalismo desportivo portuense durante a década de 1920, criando a base necessária para o surgimento de novos periódicos desportivos. Entre 1921 e 1923, apesar de surgirem unicamente quatro publicações desportivas no Porto, conseguiu-se finalmente a ansiada consolidação do jornalismo desportivo portuense, graças principalmente à qualidade desses periódicos e à sua longevidade.

O panorama instável que tinha afectado a imprensa desportiva portuense começou a dissipar-se a partir da sexta-feira, 25 de Março de 1921, quando saiu para as bancas o primeiro número da revista *Sporting*, ao preço de 30 centavos e com 16 páginas em papel cor-de-rosa, que lhe valeria passar a ser conhecida como o «Rosa»⁴⁰. O título da publicação foi importado da revista francesa *Sporting*, referência do jornalismo desportivo francês entre 1919 e

35 Mary, S. (1921, 9 de Março). A os novos da minha terra. *Sports de Portugal*, p. 1.

36 Idem, ibidem.

37 Idem, ibidem.

38 A secção desportiva deste diário esteve especialmente activa em 1920 e 1921, organizando diversas provas de atletismo, como o Campeonato da Légua e o Campeonato da Milha.

39 Foi uma das primeiras grandes figuras do jornalismo desportivo portuense, tendo iniciado a carreira no vespertino *Lanterna*. Dotado de um forte sentido crítico, que lhe valeu vários duelos jornalísticos (o mais famoso foi o que o opôs ao Marques da Fonseca, por causa de um combate de boxe), Armando Mendes Duarte (seu nome verdadeiro) viria a falecer em Novembro de 1924.

40 Em França, ocorrera o mesmo com o *L'Echo des Sports* (1918-1938), também impresso em papel cor-de-rosa.

1937. Tal como a congénere gaulesa, a *Sporting* portuguesa seria igualmente uma referência do jornalismo desportivo, mantendo-se em actividade regular, quase sem interrupções, até Setembro de 1951, o que se deveu, essencialmente, à ideia da «grande família 'Sporting'»⁴¹, criada desde o início e que cresceria ao longo dos anos. Sob a direcção de Lobão de Carvalho⁴² e com Ferreira de Almeida a secretário de Redacção, essa grande família⁴³ era formada, em Março de 1921, por 27 redactores e 11 colaboradores (quatro na área artística⁴⁴ e cinco na fotográfica⁴⁵), sobressaindo os nomes de Cândido de Almeida⁴⁶ (secção de automobilismo), Nobre Guedes⁴⁷ (boxe), António Melo (ténis e futebol), Alexandre Cal e Carlos Lello (futebol), D. Maria Faria Moura («Sports Femininos») e Almeida Coquet («Sports Atlético»).

Na génese da formação da revista *Sporting* estiveram também os dois principais clubes da cidade (Futebol Clube do Porto e Boavista Futebol Clube), que uniram esforços para resolver a grave «lacuna»⁴⁸ que representava a ausência de «um jornal hebdomadário desportivo na segunda cidade do país»⁴⁹. Apresentando a divisa «Pela Raça», a nova publicação tinha uma forte vertente doutrinária, defendendo a regeneração da raça lusitana, de forma a «melhorá-la e engrandecê-la»⁵⁰. Além disso, assumia não ter o «fim de atingir a unidade do desporto nacional»⁵¹, trabalhando sim «incessantemente pelo engrandecimento do desporto no Norte e pelo Norte»⁵². No entanto, apresentaria, logo no número inaugural, a secção «De Lisboa», onde passaria a publicar regularmente notícias sobre o que de mais importante acontecia na Capital. O semanário *Sporting* dedicaria igualmente especial atenção ao

41 A Redacção (1921, 25 de Março). A grande família 'Sporting'. *Sporting*, p. 8-9.

42 Era médico e professor de Educação Física no Liceu Rodrigues de Freitas, sendo um apaixonado por futebol.

43 A "família" de fundadores era formada por Ferreira d'Almeida, Fernando Barbedo, Alexandre Cal, Félix Jorge, Oliveira Valença, Augusto José Alves, Teodoro Skse, Lobão de Carvalho e Joaquim da Conceição.

44 Estavam a cargo dos desenhos e caricaturas: Augusto Ferreira, Carlos Cameiro, João Peralta e Ventura Júnior.

45 Os fotógrafos eram António Seixas, Hugo Paz dos Reis, Juca Leão, João Carreira e Maurício Costa.

46 Era o organizador do Circuito do Minho e de outras provas automobilísticas.

47 Foi um dos fundadores da Federação Portuguesa de Boxe e membro do Comité Olímpico Português.

48 Oliveira, J. G. (1921, 25 de Março). 'Sporting'. *Sporting*, p. 3.

49 Idem, ibidem.

50 Carvalho, L. (1921, 25 de Março). A nossa tentativa. *Sporting*, p. 3.

51 Idem, ibidem.

52 Idem, ibidem.

noticiário internacional, contando com correspondentes em Vigo⁵³ (P.P. de Vincios) e em Paris, e recorrendo às notícias publicadas na imprensa estrangeira (*Madrid Sport*, *L'Auto*, entre outros), mas sem cair naquilo que vulgarmente se chamava «jornalismo de tesoura»⁵⁴, em desuso⁵⁵ no início dos anos 1920 devido ao aumento da qualidade da análise jornalística desportiva.

Os outros dois jornais desportivos generalistas criados no Porto, em 1921, patenteariam também essa melhoria jornalística. Após o lançamento, em Março, da revista *Sporting*, seria a vez de sair, a 10 de Setembro, o semanário *Invicta Sport*, que era a continuação do periódico artístico-desportivo *A Mocidade*, agora convertido numa publicação totalmente desportiva. Três meses depois, em Dezembro, apareceria a revista mensal *Caça & Sports*, lançada pela Casa Moura Bastos e Pina⁵⁶, sob a direcção de Pinto da Silva. Esta revista conjugaria um excelente grafismo a um conceituado leque de redactores (Ferreira de Almeida⁵⁷, na secção «Remo & Natação»; Almeida Coquet, na «Sports-Atléticos» e «Lawn-Ténis»; Olympico, no «Foot-Ball»⁵⁸; I. de P., no «Golf»; Baptista de Sá, na «Caça»; e Silva Gay, na «Cultura Física», entre outros), a que se aliou um talentoso grupo de colaboradores fotográficos (J. Oliveira, A. Garcez, M. Martins e Ricardo Cardoso). Mas, apesar da qualidade, a *Caça & Sports* só publicaria 14 números, saindo irregularmente até Julho de 1923.

Também irregular⁵⁹, embora mais activa do ponto de vista editorial e organizativo⁶⁰, seria a vida do *Invicta Sport*, claramente a segunda voz do desporto portuense entre 1921 e 1925, logo depois da revista *Sporting*. Dirigido

53 O jornal *Os Sports*, principal referência do jornalismo desportivo português em 1921, contava também com um correspondente muito activo em Vigo, conseguindo mesmo, através dele, antecipar-se à restante imprensa portuguesa na publicação da constituição da equipa de futebol de Espanha que se ia enfrentar a Portugal, na sua estreia, a 18 de Dezembro de 1921, em Madrid. A restante imprensa portuguesa seria informada dias depois através de um telegrama da Agência de Notícias Latino-Americana, de Madrid.

54 Pírrão, C. (1925, 29 de Janeiro). Jornalismo. *Invicta Sport*, p. 3.

55 Este género de prática consistia na tradução de textos desportivos dos jornais estrangeiros, publicando-os depois, na íntegra, nos periódicos portugueses. Em meados da década de 1920 já poucos jornais mantinham essa prática, muito comum nas décadas anteriores. O «jornalismo de tesoura» acarretava agora conotações negativas, estando associado a uma incapacidade redactorial em gerar doutrina desportiva e boas análises.

56 Casa comercial especializada em artigos de caça e pesca, localizada na Rua do Almada, n.º 166, no Porto.

57 Colaborou também com a revista *Sporting*, tendo ocupado a presidência da Liga Portuguesa dos Clubes de Natação. Enquanto praticante, venceu a Travessia do Douro e foi vice-campeão na Travessia do Porto a Nado.

58 Era um dos temas principais da revista, sobressaindo a cobertura aos jogos da Selecção Nacional de Futebol.

59 Publicou-se entre 10 de Setembro de 1921 (continuou a numeração da antecessora *A Mocidade*, começando pelo n.º 46) e 23 de Junho de 1923, retomando a publicação em 27 de Setembro de 1924 até 2 de Maio de 1925 (n.º 171).

60 Organizaria, em finais de 1921, o Torneio de Futebol 'Invicta Sport', envolvendo as principais equipas do Porto.

por M. Sampaio e Castro, o *Invicta Sport* defendia, em Dezembro de 1921, que a principal missão da imprensa desportiva portuguesa deveria ser a de «organizar, ensinar e criar proveitos»⁶¹, sendo clara a existência de «jornais em excesso e propaganda a menos»⁶², obrigando os periódicos desportivos a viverem «dum número de leitores muito limitado»⁶³. Deste modo, o desporto e o jornalismo desportivo só teriam «a beneficiar»⁶⁴ com a redução do número de jornais, bastando dois, um em Lisboa e outro no Porto.

4. Profissão: jornalista desportivo

A defesa da missão educadora da imprensa desportiva levaria mesmo o *Invicta Sport* a arremeter contra o resto dos jornais portuenses em 20 de Novembro de 1924, numa altura em que Carlos Pilrão assumira a direcção do periódico. Na rubrica editorialista «Ao de leve», publicada na primeira página, o redactor Silva Gay acusaria o meio jornalístico desportivo do Porto de «cobardia», uma vez que os jornalistas se limitavam a discutir, pelos «cantos», todo o género de «escândalos monstruosos, intrigas imorais e politiquices reles», mas poucos tinham «o desassombro de as tratar na sua tribuna, de as conduzir ao tablado da opinião pública imparcial». Segundo Silva Gay, essa «cobardia» dos jornalistas tinha uma explicação simples: «Ou não possuem a inteireza de carácter própria do seu mister, ou respeitam interesses clubísticos, servindo os seus ao mesmo tempo». E tudo isto contribuíra para o facto do jornalismo desportivo portuense «nunca ter sabido desempenhar com brio e dignidade a sua missão educadora, não servindo os fins orientadores que o dever lhe impunha», nem ter sabido «prestigiar-se moralizando o desporto».

A cruzada do *Invicta Sport*, e do seu redactor Silva Gay, contra o «jornalismo submisso, dependente e parcial»⁶⁵ que se fazia no Porto, atingiu o auge no início de Dezembro de 1924. Na capa do dia 4, a rubrica «Ao de leve» denunciava um episódio passado em Agosto de 1921, quando o jornalista Manuel Camanho, responsável pela secção desportiva do diário *O Primeiro de Janeiro*, foi aliciado com 50 escudos pelo presidente de um clube importante do

61 Baptista, R.F. (1921, 3 de Dezembro). Pró Sport – A imprensa desportiva. *Invicta Sport*, p. 1.

62 Idem, *ibidem*.

63 Idem, *ibidem*.

64 Idem, *ibidem*.

65 Gay, S. (1924, 11 de Dezembro). Ao de leve. *Invicta Sport*, p. 1.

Porto. Camanho devolveria o dinheiro, fazendo-o acompanhar por uma carta de indignação, publicada agora por Silva Gay, que na altura colaborava também no diário portuense. No número seguinte, de 11 de Dezembro de 1924, Silva Gay lembraria que a tentativa de aliciamento era a prova de que «alguns dos redactores desportivos coevos recebiam dinheiro ou a sua equivalência em materiais fertilizantes»⁶⁶, sendo este um exemplo da «política dos clubes e do caciquismo jornalístico»⁶⁷, uma vez que a carta que acompanhara os 50 escudos estava «em harmonia com as que esse presidente costumava dirigir periodicamente a outros jornalistas desportivos»⁶⁸. Para Silva Gay, a aceitação dos aliciamentos constituía «uma implícita hipoteca de opinião à entidade dadora»⁶⁹, sendo também censurável o facto de alguns jornalistas se deixarem «subornar sob a capa do amadorismo»⁷⁰.

Nesta altura, no jornalismo desportivo português conviviam jornalistas profissionais, ou seja, remunerados pelo seu trabalho, e os amadores, que não recebiam qualquer compensação económica, exercendo a actividade jornalística, na maioria das vezes, por paixão pela causa desportiva e/ou na procura de reconhecimento social. Estava-se, assim, numa fase de transição, uma vez que nas décadas anteriores tinha predominado o sistema de total amadorismo entre os jornalistas desportivos. Em 20 de Novembro de 1924, numa reflexão sobre a profissão de jornalista desportivo, Silva Gay defendia, na capa do *Invicta Sport*, que se deveria chamar «jornalistas profissionais àqueles que na imprensa desportiva exercem as suas atribuições com zelo e fervor próprios de um mister de uma profissão», não o preocupando, por isso, o facto «de uns serem remunerados e outros não». Lembrou ainda que havia «jornalistas não remunerados monetariamente que exercem os seus ofícios com mais afeição e pontualidade do que os assalariados».

Além do *Invicta Sport*, também os periódicos *Sporting*, *Os Sports*, *O Sport de Lisboa* e *Football* se envolveram em reflexões sobre o papel e o rumo que devia tomar o jornalismo desportivo português, sobretudo em Abril e Maio de 1922, após o ressurgimento da «velha ideia»⁷¹ da criação da Associação dos

66 Gay, S. (1924, 11 de Dezembro). Ao de leve. *Invicta Sport*, p. 1.

67 Idem, ibidem.

68 Idem, ibidem.

69 Idem, ibidem.

70 Idem, ibidem.

71 Oliveira, C.; Oliveira, M. (1922, 29 de Abril). Jornalismo desportivo – Em defesa. *Football*, p. 1.

Jornalistas Desportivos (AJD). O primeiro periódico a ventilar novamente essa ideia foi o semanário portuense *Sporting*, no início de 1922, por influência do redactor, e mais tarde director, Oliveira Valença⁷². O facto de ter passado vários anos em França, onde os jornalistas desportivos contavam, desde 1905, com a Association des Journalistes Sportifs, levou Oliveira Valença a ambicionar a criação de uma agremiação do género em Portugal. Mas a ideia só ganharia forma quando o bissemanário lisboeta *Os Sports* a decidiu adoptar e apoiar entusiasticamente, em Abril e Maio de 1922. Durante várias edições, *Os Sports* traçou as linhas gerais da futura AJD, defendendo que só deviam ser considerados jornalistas desportivos «os que recebem remuneração pelo seu trabalho»⁷³ (a sua Redacção era formada essencialmente por jornalistas remunerados), embora reconhecesse que eram em maior número os amadores, ou seja, os não remunerados.

As publicações, cujos corpos redactoriais eram quase totalmente amadores, como sucedia com a revista *Football* e o semanário *O Sport de Lisboa*, criticaram a proposta de *Os Sports* por esta excluir os jornalistas não remunerados. Os dois periódicos chegaram mesmo a eleger representantes (Cândido de Oliveira⁷⁴, pela *Football*, e Mário de Oliveira, por *O Sport de Lisboa*) para analisar a questão, tendo ambos assinado artigos em conjunto nos quais apelavam à criação de uma «frente unida»⁷⁵ que reunisse «todos os jornalistas da especialidade, sejam ou não remunerados pelo trabalho que produzem»⁷⁶, pois só assim seria possível «tentar organizar o profissionalismo do jornalismo desportivo, de maneira a impor-se aos clubes e ao meio»⁷⁷.

Para além da questão da definição profissional, *Os Sports* pretendia também, com a criação da AJD, «acabar com determinados abusos de certas ovelhas ranhosas no jornalismo profissional»⁷⁸, definindo uma regulação para

72 Jornalista desportivo desde muito novo, mas também industrial, comerciante, presidente do Boavista FC e dirigente desportivo, relançou o *Sporting* a partir de 1924, altura em que assumiu a direcção. Em jovem, estudara em Paris, tendo participado na Primeira Guerra Mundial ao lado dos franceses, regressando ao Porto após ter visto morrerem em combate os outros jovens portugueses que com ele se alistaram. Foi director do *Sporting* até aos anos 1950.

73 Oliveira, C. & Oliveira, M. (1922, 29 de Abril). Jornalismo desportivo – Em defesa. *Football*, p. 1.

74 Casapiano, empregado dos CTT, futebolista, treinador, dirigente (fundou o Casa Pia Atlético Clube), seleccionador nacional de futebol, jornalista, director de jornais (*Football*, *Os Sports*, *Stadium*) e fundador/director de *A Bola*. Publicou também uma vasta literatura desportiva (Cf. Coelho & Pinheiro, 2002: 198).

75 Oliveira, C. & Oliveira, M. (1922, 29 de Abril). Jornalismo desportivo – Em defesa. *Football*, p. 1.

76 Idem, ibidem.

77 Idem, ibidem.

78 Oliveira, C. & Oliveira, M. (1922, 20 de Maio). Jornalismo desportivo – Em defesa. *Football*, p. 1.

terminar de vez com «as exigências feitas por alguns jornalistas desportivos para a publicação das notícias nas secções do seus jornais»⁷⁹, imposições essas que passavam, na maioria das vezes, por «receberem vergonhosamente dinheiro para publicar notícias»⁸⁰.

O semanário portuense *Sporting*, atento ao que a imprensa desportiva lisboeta ia dizendo sobre o tema, esclareceu a sua posição na capa da edição de sábado, 13 de Maio de 1922. Para a Redacção da mais importante publicação desportiva do Porto, a criação da AJD devia, acima de tudo, visar «a defesa integral dos profissionais e a salvaguarda da imprensa da especialidade». Sem redactores nem colaboradores remunerados, o *Sporting* defendia, no entanto, o caminho da profissionalização para os jornalistas desportivos, mas para isso era necessário acabar com a «concorrência desleal» feita pela imprensa diária generalista, que se aproveitava do «serviço gratuito» de alguns jornalistas para preencher diariamente as suas secções desportivas. O *Sporting* lembrou que em Portugal existiam apenas algumas dezenas de jornalistas desportivos, na sua maioria não remunerados. Mas se essa situação de amadorismo era compreensível no caso da imprensa especializada, dado que a maioria dos jornais desportivos vivia com «grandes dificuldades» e só não morriam «porque os seus redactores e colaboradores os sustentavam moral e materialmente», o mesmo já não se compreendia relativamente às secções desportivas dos jornais diários, propriedade de empresas «fundamentalmente lucrativas». Por isso mesmo, colaborar gratuitamente na imprensa diária deveria ser visto como «uma situação servil e imprópria de quem tem responsabilidade na vida.»

Evidentemente, quem não se importava com as colaborações gratuitas⁸¹ eram os directores da imprensa diária, chegando alguns deles a afirmar que só mantinham a secção desportiva «porque era gratuita»⁸². Esta situação ambígua, em que não se conseguiam «distinguir os jornalistas dos amadores

79 Idem, *ibidem*.

80 Idem, *ibidem*.

81 E.g. em 1925, o director do *Sporting*, Oliveira Valença, alertava a 11 de Novembro que a maioria dos redactores desportivos dos diários do Porto trabalhava gratuitamente, enquanto que a imprensa desportiva especializada pagava já alguns trabalhos. Além disso, os jornais desportivos tinham também fortes encargos por mandar redactores ao estrangeiro (o *Sporting* enviara jornalistas ao jogo de futebol Espanha-Portugal, em Sevilha; aos Campeonatos da Europa de Remo, em Itália; e ao Salão Automóvel de Paris), enquanto que nenhum diário portuense fazia isso.

82 Valença, O. (1925, 11 de Novembro). O Sindicato. *Sporting*, p. 1.

do jornalismo»⁸³, iria manter-se durante a década de 1920, devido principalmente aos sucessivos fracassos na criação de associações de classe, como sucedeu em 1922, com a efémera ideia da Associação de Jornalistas Desportivos, repetindo-se em 1925 com o Sindicato dos Jornalistas Desportivos⁸⁴ e em 1928 com o Grémio dos Jornalistas Desportivos⁸⁵. Esta ausência de um órgão que representasse os jornalistas desportivos lusos fez com que Portugal não tivesse participado na fundação da Association Internationale de la Press Sportive⁸⁶ (AIPS), criada em Julho de 1924, em Paris, por ocasião dos Jogos Olímpicos, sendo architectada por representantes das associações nacionais de jornalistas desportivos de oito países: França, Bélgica, Suécia, Itália, Polónia, Hungria, Alemanha e Áustria.

5. Quezílias, pactos e questões éticas

A desunião reinante no meio jornalístico desportivo português, característica identitária da imprensa desportiva portuguesa e que, em grande parte, justificava a incapacidade de criar uma agremiação nacional de jornalistas desportivos, agravou-se a partir de 1921. Na origem desse agravamento esteve a agudização das rivalidades desportivas regionais, principalmente por causa do futebol, com repercussão directa na generalidade da imprensa desportiva. O arranque da primeira grande prova futebolística de dimensão nacional (o Campeonato de Portugal, iniciado em 1922) e os jogos da Selecção Nacional de Futebol (estreu-se em Dezembro de 1921) acarretariam um vasto conjunto de polémicas, no primeiro caso envolvendo, sobretudo, as equipas de futebol do Norte (Porto) e do Sul (Lisboa) e, no

83 Idem, *ibidem*.

84 Foi criado tendo como base a imprensa desportiva especializada de Lisboa, em finais de 1925, mas teve vida curta.

85 A ideia foi lançada por um dos decanos do jornalismo desportivo, Belo Redondo, em *Os Sports* de 22 de Outubro de 1928. No cargo de secretário-geral do Sindicato dos Profissionais da Imprensa de Lisboa, Belo Redondo (iniciara-se na secção desportiva do diário *O Povo*, em 1916) pretendia que o Grémio dos Jornalistas Desportivos nascesse amparado no seu Sindicato e na Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto (contava com o apoio dos portuenses Emílio Viterbo e Oliveira Valença), o que facilitaria a vida da agremiação em termos organizacionais. Redondo era da opinião que o novo Grémio devia ser só para os profissionais do jornalismo desportivo, deixando de fora os amadores.

86 A AIPS foi criada na sede do Sporting-Club de France, em Paris, pelo francês Frantz Reichel (chefe de imprensa dos Jogos Olímpico de Paris e primeiro presidente da AIPS) e pelo belga Victor Boin, com o apoio dos colegas Tegner (Suécia), Sekora (Checoslováquia) e Pozzi (França), que ajudaram na realização do primeiro congresso da AIPS, em 1-3 de Julho de 1924, que contou com a presença de jornalistas desportivos de 29 países. Em memória à data de fundação da AIPS, seria decidido, mais tarde, que o 2 de Julho fosse o Dia Internacional dos Jornalistas Desportivos.

segundo, as problemáticas à volta da escolha dos jogadores para representar a Selecção e os maus resultados nos primeiros encontros.

Em 1921, uma das primeiras controvérsias jornalísticas ocorreu em Maio, envolvendo as secções desportivas dos periódicos *O Jornal*, de Coimbra, e a *Gazeta da Figueira*, da Figueira da Foz, que entraram em rota de colisão por causa de um diferendo relativo ao Bronze Humberto Mendes, torneio de futebol organizado pelo Ginásio Clube Figueirense. Caberia ao jornal desportivo *Figueira Sport*, criado nesse mesmo mês, apaziguar os ânimos, lembrando que a função do jornalismo desportivo não era «acirrar clubes contra clubes ou terras contra terras»⁸⁷, mas sim «preconizar a união, sem a qual o 'sport' não poderá desenvolver-se, nem produzir obra fecunda»⁸⁸.

Para a existência de um clima de união era essencial o estabelecimento de boas relações entre a imprensa desportiva de referência, principalmente entre os periódicos de Lisboa e do Porto. Mas nem sempre esse estreitamento de relações merecia consenso e apoios. Em meados de Agosto de 1921, devido a problemas durante uma prova de remo realizada em Lisboa, em que participaram vários remadores do Porto, o jornal portuense *Sporting* acusou os desportistas lisboetas de apenas mostrarem «cortesia desportiva»⁸⁹ quando venciam, não sucedendo o mesmo nas derrotas. O periódico chegou mesmo a levantar a dúvida se não seria preferível ao Norte «alhear-se completamente do Sul, em matéria de associação desportiva»⁹⁰. O principal jornal desportivo de Lisboa, *Os Sports*, saiu em defesa da Capital, afirmando na primeira página de 14 de Agosto de 1921 que não existia «em Lisboa nenhuma má vontade contra os Sportsmen do Porto»⁹¹ e lembrou o *Sporting* que não tinha o «direito de propor semelhante separação porque não tem para isso razão e mesmo que as tivesse deveria tratar de as destruir.»⁹² Para *Os Sports* era «absolutamente preciso estreitar as relações sportivas do Norte e Sul, não neste e naquele sport, mas sim em todos»⁹³, tendo a imprensa a missão de se esforçar «para

87 A Redacção (1921, 24 de Maio). Um campeonato... gorado. *Figueira Sport*, p. 5.

88 Idem, ibidem.

89 A Redacção (1921, 14 de Agosto). Relações sportivas Porto-Lisboa. *Os Sports*, p. 1.

90 Idem, ibidem.

91 Idem, ibidem.

92 Idem, ibidem.

93 Idem, ibidem.

que as relações entre Lisboa e Porto sejam sempre boas»⁹⁴, evitando «viver isolados porque isso seria uma tolice anti-patriótica e anti-sportiva.»⁹⁵

Apesar deste apelo conciliatório, *Os Sports* estaria envolvido, nos meses e anos seguintes, em várias disputas jornalísticas, não só com outros jornais desportivos (seriam constantes as quezílias com o *Sporting*), mas também com as colunas desportivas dos principais diários, em especial do Norte do País, realçando-se os duelos jornalísticos com *O Primeiro de Janeiro*⁹⁶, em Dezembro de 1921, e com o *Jornal de Notícias*⁹⁷, em Julho de 1922. Esta incisiva linha editorialista de *Os Sports* explicava-se, segundo a sua Redacção, pelo princípio de «imparcialidade»⁹⁸ que regia o seu programa editorial, fazendo com que, «pelo bem da causa sportiva»⁹⁹, o jornal «não conhecesse amigos nem inimigos»¹⁰⁰.

Mas a «livre crítica»¹⁰¹ da imprensa nem sempre era vista com agrado por clubes, desportistas e adeptos, em especial ligados ao futebol, onde o fanatismo começava paulatinamente a aumentar. Como reflexo dessa conflitualidade, em inícios de Maio de 1923, deu-se um dos primeiros episódios de agressões a jornalistas desportivos em Portugal. O alvo foi o redactor Ribeiro da Silva, agredido por adeptos do clube de futebol CF Belenenses, enquanto se dirigia para o camarote de imprensa do campo do Sporting CP. Os adeptos de Belém confundiram-no com um outro jornalista, Rebelo da Silva¹⁰², que na coluna desportiva do jornal *Os Ridículos* havia criticado uma má exibição do CF Belenenses frente ao Vitória FC, de Setúbal. A agressão gerou a indignação da generalidade da imprensa desportiva portuguesa, com *Os Sports* a publicar, na capa de 10 de Maio de 1923, o editorial «A liberdade

94 Idem, ibidem.

95 Idem, ibidem.

96 *Os Sports* atacou o redactor V. J., de *O Primeiro de Janeiro*, devido a visões diferentes sobre a estrutura do dirigismo desportivo (cf. A Redacção (1921, 11 de Dezembro). O Sr. V. J. do 'Primeiro de Janeiro'. *Os Sports*, p. 1.)

97 Na origem do desentendimento esteve a final do Campeonato de Portugal, em futebol, disputada em 18 de Junho de 1922 pelo FC Porto e Sporting CP. *Os Sports* acusou, em 2 de Julho de 1922, a imprensa portuense de estar a orquestrar uma campanha contra Lisboa, sendo M. da Fonseca, do *Jornal de Notícias*, um dos principais responsáveis.

98 A Redacção (1921, 11 de Dezembro). Ginásio Club Portuguez. *Os Sports*, p. 1.

99 Idem, ibidem.

100 Idem, ibidem.

101 A Redacção (1923, 10 de Maio). A liberdade crítica ameaçada? *Os Sports*, p. 1.

102 Foi uma das figuras do jornalismo desportivo nos anos 1920, destacando-se no *Diário de Notícias*, *Os Ridículos* e *O Sport de Lisboa*. Em finais de 1925, ao serviço do *Diário de Notícias*, Rebelo da Silva voltaria a ser alvo da fúria de adeptos do CF Belenenses, levando mesmo ao corte de relações entre o diário e o clube de Belém.

crítica ameaçada?», em que levantaria uma série de questões sobre o desporto português e o papel do jornalismo desportivo.

Em que país vivemos nós? Pelo facto duma crítica ser desagradável a determinada entidade, essa entidade julga-se no direito de resolver questões de imprensa a soco e a pontapé? Não, não pode ser assim, nem há-de ser assim, afirmamo-lo ousada e desassombradamente. Há alguém que se sente alvejado injustamente? Tem as colunas do jornal que o alvejou à disposição para se defender. É assim que se procede briosamente, e não com a agressão torpe e reles de míseros desordeiros de rua. A arma do jornalista é a sua pena. Só com ela é que pode e deve esgrimir. O jornalista atacou? Responde-se mas com a mesma arma e não com outra, porque a nossa função é qualquer coisa de mais nobre, de mais alevantado, de mais digno do que a de rufiões de viela que atacam pelo prazer doentio de fazer mal.

(A Redacção (1923, 10 de Maio). A liberdade crítica ameaçada? *Os Sports*, p. 1)

Este género de ameaças aos jornalistas desportivos vinha dificultar, ainda mais, a de já por si difícil vida das publicações desportivas. No início da década de 1920, os jornais desportivos viram avolumarem-se as despesas de produção e impressão, o que se reflectiu em sucessivos aumentos do preço de capa. Um dos casos mais representativos foi *Os Sports*, que começou a vender-se, em 1919, por quatro centavos, custando seis anos depois, em 1925, 50 centavos. Na edição de 13 de Agosto de 1922, este periódico explicava que «a imprensa desportiva do País só por muito amor à causa que defende e propaga se pode manter»¹⁰³, uma vez que os periódicos viviam «única e exclusivamente da sua tiragem e de uma publicidade pequena, limitada, encerrada num âmbito restrito»¹⁰⁴. A todas estas dificuldades havia ainda que acrescentar o facto dos organismos¹⁰⁵ desportivos votarem ao «abandono»¹⁰⁶ os jornais, não lhes facilitando elementos de informação, nem indo de encontro às suas aspirações, nem à sua missão doutrinal e informativa. Na opinião de *Os Sports*, os periódicos desportivos sentiam-se constantemente

103 A Redacção (1922, 13 de Agosto). A imprensa sportiva, o comité e os jogos do Rio de Janeiro. *Os Sports*, p. 1.

104 Idem, ibidem.

105 A generalidade dos organismos desportivos portugueses não contava com um gabinete de imprensa, nem com ninguém responsável por dar informações sobre as suas actividades à imprensa. A figura do assessor de imprensa, nos clubes e instituições desportivas, só seria introduzida décadas mais tarde.

106 A Redacção (1922, 13 de Agosto). A imprensa sportiva, o comité e os jogos do Rio de Janeiro. *Os Sports*, p. 1.

«desajudados»¹⁰⁷, quer no seu trabalho informativo em Portugal, quer, sobretudo, na cobertura aos eventos internacionais em que participavam portugueses. Eram «raríssimas»¹⁰⁸ as vezes em que os periódicos desportivos dispunham de recursos para enviar um jornalista aos certames desportivos internacionais, sendo por isso obrigados, na maioria dos casos, a publicarem reportagens a partir dos relatos dos jornais estrangeiros «e, portanto, evadas de erros e de erradas interpretações acerca dos homens e seu valor que representam Portugal nesses certames.»¹⁰⁹

Além de pouco apoiados e da falta de recursos, os periódicos desportivos debatiam-se ainda com a forte concorrência das secções desportivas dos jornais diários, dotados de melhores recursos, de uma vasta rede de correspondentes e com a capacidade de acompanhar diariamente, nas suas colunas, os acontecimentos desportivos. Por seu lado, a maioria dos jornais desportivos publicava-se unicamente uma vez por semana (em 1921, dos onze periódicos desportivos generalistas que surgiram, sete eram semanários), o que acarretava um natural atraso das notícias publicadas. Para contrariar essa mora noticiosa, alguns jornais criaram os famosos *placards* informativos, em ruas conhecidas das suas cidades, e aumentaram a periodicidade do jornal, como sucedeu com *Os Sports* (começou em 1919 como bissemanal, passando em 1921 para trissemanal) e a revista *Sporting* (de semanal em 1921 passou a bissemanal em 1926 e a trissemanal em 1932). Algumas publicações passaram também a publicar números especiais sempre que o evento assim o exigia, como fez o semanário *O Sport Lisboa*¹¹⁰, em 19 de Dezembro de 1921, por ocasião da estreia da Selecção Nacional de Futebol frente à Espanha.

Nos anos seguintes, os jogos da equipa nacional seriam alvo de grande cobertura noticiosa por parte da imprensa, fruto do enorme interesse popular que despertavam. Esse interesse levaria mesmo os jornalistas desportivos a estabelecerem regras de conduta na abordagem à Selecção Nacional, algumas delas sacrificando princípios éticos, em prol dos «interesses nacionais»¹¹¹. Em

107 Idem, *ibidem*.

108 Idem, *ibidem*.

109 Idem, *ibidem*.

110 Este suplemento especial (ao n.º 432) dedicado ao primeiro Espanha-Portugal, em futebol, foi posto em circulação às 23 horas do dia 18 de Dezembro de 1921, tentando assim antecipar-se a toda a concorrência. Este suplemento foi uma ideia inovadora da nova Direcção, assumida por Mário de Oliveira, que substituiu Álvaro de Lacerda.

111 A Redacção (1922, 10 de Dezembro). O 'onze' nacional deve jogar com a maior confiança. *Os Sports*, p. 1.

10 de Dezembro de 1922, nas vésperas do segundo jogo internacional de Portugal (o primeiro que se realizava em território português), a primeira página de *Os Sports* avisava os leitores que iria abdicar, momentaneamente, do seu «direito de livre crítica»¹¹² para que assim os jogadores seleccionados pudessem «preparar-se convenientemente e para que tenham a incitá-los uma opinião pública unânime e entusiasta»¹¹³. O principal jornal desportivo português defendia que o papel da imprensa desportiva, naquele momento, devia «limitar-se a encorajar os seleccionados, estabelecendo, em volta deles, um ambiente de solidariedade moral que eles muito precisam para desempenhar com brilho o honroso cargo que lhes foi confiado.»¹¹⁴

Esta auto-censura jornalística, aplicada habitualmente antes dos jogos de futebol da equipa nacional, costumava redundar, em caso de derrota, num caudal de duras críticas e introspecções¹¹⁵ negativas sobre a identidade nacional. Este modelo de tratamento noticioso à volta da Selecção Nacional de Futebol, que marcaria todo o século XX, ficou desde logo bem patente no encontro de estreia, em 18 de Dezembro de 1921, em que a derrota de Portugal, em Madrid, por 1-3, levaria a imprensa desportiva, em especial *Os Sports*, a publicar diversas análises sobre «as causas da decadência nacional»¹¹⁶, abrindo assim um caminho que se iria agravar nos anos seguintes¹¹⁷. As vitórias desportivas, por seu turno, davam azo a momentos jornalísticos de euforia nacional e exaltação do heroísmo dos portugueses, como sucedeu após a primeira vitória da Selecção Nacional, em 18 de Junho de 1925, em Lisboa, frente à Itália.

Mas nem só as vitórias futebolísticas da Selecção Nacional geravam esse sintoma de euforia na imprensa desportiva. Os feitos dos aviadores portugueses, no início da década de 1920, tiveram esse mesmo efeito no

112 *Idem*, *ibidem*.

113 *Idem*, *ibidem*.

114 *Idem*, *ibidem*.

115 Habitualmente, os principais visados nessas introspecções eram os políticos portugueses, sendo o futebol, neste caso a Selecção Nacional, visto como um simples reflexo do resto da sociedade. A imagem dos políticos, junto da imprensa desportiva, melhoraria um pouco, em meados de 1922, quando se formou Grupo Parlamentar Republicano de Educação Física, constituído por 27 deputados (incluía o jornalista desportivo e médico José Pontes) que tinham como objectivo promover o desporto (cf. edição de *Os Sports* de 16 de Julho de 1922, p. 1).

116 Silva, F. P. (1922, 15 de Janeiro). Crónica. *Os Sports*, p. 1.

117 Um dos piores momentos foi o que se seguiu à derrota por 3-0 contra a Espanha, a 16 de Dezembro de 1923. *Os Sports* seria extremamente contundente nas críticas nas edições de 18 e 29 de Dezembro de 1923 e 24 de Janeiro de 1924, assim como a revista *Sporting* de 26 de Dezembro de 1923.

discurso jornalístico desportivo português, principalmente nas páginas dos dois principais periódicos desportivos, *Os Sports*¹¹⁸ e *Sporting*¹¹⁹, que exultaram, tal como a restante imprensa desportiva e generalista, com as proezas aéreas de Gago Coutinho e Sacadura Cabral¹²⁰ (em 22 de Março de 1922 partiram de Lisboa para a primeira travessia aérea do Atlântico, em direcção ao Rio de Janeiro), e de Sarmento Beires, Brito Pais e Manuel Gouveia (em Abril de 1924 abraçaram o «sonho»¹²¹ da primeira viagem aérea entre Lisboa e Macau).

Estas façanhas aéreas, em especial a travessia aérea do Atlântico feita por Gago Coutinho e Sacadura Cabral, tiveram repercussões em toda a imprensa periódica desportiva portuguesa, mesmo naquela que tinha uma orientação regionalista, como eram os casos do *Minho Desportivo*¹²² (Braga, 1922), *Vida e Sport*¹²³ (Vila Nova de Famalicão, 1922), *Almada Sport*¹²⁴ (Almada, 1922-1923) e *Os Sports de Sintra*¹²⁵ (Sintra, 1922).

6. Consolidação regional

Seguindo a tendência iniciada em 1921, a imprensa desportiva regional continuaria a crescer nos anos seguintes, fruto da iniciativa dos clubes locais e de pequenos grupos de jovens ou homens de letras que pretendiam trabalhar pelo «revigoramento»¹²⁶ e «fortalecimento da raça»¹²⁷ portuguesa, sendo o

118 Sobre Gago Coutinho e Sacadura Cabral destacaram-se as edições de 2 de Julho e 26 de Outubro de 1922 e 3 de Junho de 1923.

119 Publicaria capas magníficas sobre o feito de Sacadura Cabral e Gago Coutinho, destacando-se as edições de 13 de Maio e 24 de Junho de 1922. Sobre o raid Lisboa-Macau sobressairia a edição de 9 de Abril de 1924.

120 *Os Sports* dedicou a edição de 24 de Novembro de 1924 ao seu trágico desaparecimento no Mar do Norte, consagrando-lhe o editorial «A morte da Águia».

121 A Redacção (1924, 3 de Abril). Asas de sonho e de glória. *Os Sports*, p. 1.

122 Com a divisa de «Pelo Minho e Pelo Sport», este semanário bracarense publicou-se entre Março e Agosto de 1922, sob a direcção de Joaquim Oliveira Costa. As fracas vendas (vendia-se mais fora que dentro do concelho de Braga) e o amadorismo da Redacção (assente em trabalho voluntário e gratuito dos colaboradores) ditaram o fim prematuro da publicação, numa altura em que estava a fazer os preparativos para os Sports Atlético do Minho.

123 Lançado no sábado, 15 de Abril de 1922, por Urias Dias Marques, este quinzenário centraria o seu noticiário desportivo em Vila Nova de Famalicão e nos clubes locais, destacando-se o Grupo Desportivo Famalicense. Publicaria apenas cinco números, até 15 de Julho de 1922.

124 Lançado por António Serra, com o subtítulo de «Quinzenário Desportivo da Região do Sul do Tejo», publicou-se entre 30 de Abril de 1922 e 10 de Junho de 1923. Centrou o noticiário no desporto local, assente numa vasta rede de correspondentes (Sesimbra, Seixal, Amora, Porto Brandão, Torres Vedras, Vila Viçosa, Moita e Samora Correia).

125 Com o subtítulo «Por Sintra e Pelo Sport», este quinzenário publicou-se de forma ocasional entre 6 de Agosto de 1922 e 22 de Outubro de 1922, sendo dirigido por Ricardo R. Rosado, que dois anos antes lançara *O Sport de Sintra*.

126 A Redacção (1922, 15 de Abril). Leitores. *Vida e Sport*, p. 1.

127 Idem, ibidem.

desporto (ainda se utilizava, embora estivesse em desuso, o termo inglês «sport») visto como uma «cruzada sacrosanta»¹²⁸ a que todos se deviam dedicar para «fazer desta Pátria, uma nova Pátria»¹²⁹.

Entre 1922 e 1923, catorze novos jornais desportivos generalistas, de cariz regional, juntaram-se a essa cruzada, que assim assumia, definitivamente, uma dimensão nacional. A maioria desses periódicos teria uma vida muito curta, sendo vítimas dos elevados custos de produção, fracas vendas, pouca publicidade e da instabilidade e amadorismo redactorial, como sucedeu com os jornais *Caça e Sports*¹³⁰ (Alcobaça, 1922), *Póvoa Sportiva* (Póvoa do Varzim, 1922), *Raquete*¹³¹ (Barcelos, 1922), *Sports de Sintra* (Sintra, 1922), *Vida e Sport* (Vila Nova de Famalicão, 1922), *Coimbra Desportiva* (Coimbra, 1923), *O Desportivo*¹³² (Elvas, 1923) e *O Sportivo*¹³³ (Aveiro).

Estes oito periódicos desportivos, apesar da sua passagem fugaz pelo jornalismo desportivo português, partilhavam da mesma «nobre causa do Sport»¹³⁴. E um dos que melhor encarnou o espírito dessa causa, definindo-a mesmo como «uma causa verdadeiramente nacional»¹³⁵, foi o quinzenário *Coimbra Desportiva*, criado por um grupo de jovens conimbricenses, em 15 de Julho de 1923. A ideia partiu de Augusto Matos e Francisco Alves, empregados comerciais da Sapataria A Vigorosa, em Coimbra, que conseguiram convencer o jovem jornalista Gil Roque Martins a assumir a direcção do novo periódico, tão ambicionado no meio desportivo da cidade. Apresentando seis correspondentes (Santos Lima, em Lisboa; H. Bochenero, no Porto; Fernando de Almeida, em Viseu; Pessoa dos Santos, em Cantanhede; David Costa, em

128 A Redacção (1922, 25 de Março). O nosso fim. *Minho Desportivo*, p. 1.

129 Idem, ibidem.

130 Com a divisa «Por Alcobaça!», este periódico saiu a 21 de Junho de 1922, sob a direcção de Alberto dos Santos Carvalho, tendo como objectivo «pugnar pelo desenvolvimento físico e moral da mocidade alcobacense», como explicou no editorial «Por Alcobaça!», publicado na capa do número inaugural. Não voltariam a sair mais números.

131 «Por Barcelos e pela mocidade sportiva, é o nosso lema», explicou a Redacção no editorial do número um de Fevereiro de 1922 (2.ª quinzena). Dirigido por Alberto Faria Viseu, *Raquete* tinha quatro redactores e dois correspondentes (Lisboa e Porto), publicando apenas três números, o último na segunda quinzena de Março de 1922.

132 Criado por dois jovens, Santana Crato (director) e Tomaz Véga (redactor e administrador), este quinzenário publicou-se duas vezes (20 de Maio e 6 de Junho de 1923), fazendo uma forte campanha em prol do desporto.

133 Publicou seis números, de 18 de Setembro a 30 de Novembro de 1923, período no qual o seu antecessor, o *Aveiro Sportivo*, esteve em remodelação. «Único jornal sportivo no distrito de Aveiro» (destaque da página dois do número um), foi dirigido por José Caracol Meireles, terminando logo que se resolveram os problemas do *Aveiro Sportivo*.

134 A Redacção (1923, 15 de Julho). 'Coimbra Desportiva'. *Coimbra Desportiva*, p. 1.

135 Idem, ibidem.



Santa Comba Dão; Pereira Simões, na Figueira da Foz) e um noticiário diversificado e liberal¹³⁶, assumindo a divisa «nem só o foot-ball é sport»¹³⁷, o *Coimbra Desportiva* teria uma estreia desastrosa, por causa dos muitos erros tipográficos do número inaugural, inclusivamente envolvendo o preço (apareceu com 52 centavos, em vez de 25), o que o descredibilizou perante os leitores e restante imprensa. As poucas possibilidades económicas dos proprietários tinha-os levado a optar por uma tipografia mais barata (Tipografia Carregal, em Carregal do Sal) e por um papel branco de fraca qualidade (formato 34x25), o que viria a ditar alguma desilusão à volta do jornal, acarretando o seu fim prematuro (saiu mais duas vezes, em 30 de Julho e 15 de Outubro de 1923). Embora unicamente com três edições, o *Coimbra Desportiva* deu o seu contributo para a «congregação de esforços»¹³⁸ à volta do desporto em Coimbra, a exemplo do que fizeram os restantes periódicos desportivos nas suas regiões. E essa união de «energias»¹³⁹ era apresentada como algo fundamental para a prosperidade do desporto junto da juventude portuguesa, contribuindo para que surgisse «uma Pátria nova e feliz»¹⁴⁰ e «um Portugal grande, como outrora ele foi, nos tempos das caravelas e das conquistas, forte, enérgico, inteligente e audaz»¹⁴¹.

Este discurso de regeneração e esperança, face ao momento de «desalento e pessimismo»¹⁴² que se fazia sentir na sociedade lusa, estaria igualmente patente nas linhas editoriais dos periódicos desportivos regionais que conseguiram uma maior longevidade neste período, como foram o *Almada Sport* (Almada, 1922-1923), *O Desporto*¹⁴³ (Funchal, 1922-1923), *Minho*

136 Logo no número inaugural, de 15 de Julho de 1923, publicou na capa o artigo «O Sport e a Mulher», assinado por Verde-Sêco, em que defendia o desporto feminino, criticando as vozes conservadoras que afirmavam que «a mulher não nasceu para cultivar o sport mas sim o fox-trots!»

137 Frase em destaque na página três, junto à secção «Boxe Internacional».

138 A Redacção (1923, 15 de Julho). 'Coimbra Desportiva'. *Coimbra Desportiva*, p. 1.

139 Idem, ibidem.

140 Rêgo, C. (1923, 30 de Julho). A mocidade desportiva de Coimbra. *Coimbra Desportiva*, p. 1.

141 Idem, ibidem.

142 A Redacção (1923, 15 de Setembro). Imprensa desportiva. *O Desporto*, p. 1.

143 Em 1 de Dezembro de 1922, sob a direcção de Fernando Camara, iniciou-se a 2.ª série de *O Desporto*, que se publicara no Funchal entre Abril de 1918 e Fevereiro de 1921. Continuou a numeração da 1.ª série, que terminara no número 65, mantendo a divisa «Pelo Desporto, pela Madeira», como anunciou a capa do número um. Este quinzenário, muito ligado ao futebol madeirense e aos clubes locais, duraria até ao número 91, de 31 de Dezembro de 1923.

Desportivo (Braga, 1922), *A Causa*¹⁴⁴ (Mirandela, 1922-1924), *Aveiro Sportivo*¹⁴⁵ (Aveiro, 1923-1925) e *Sport do Funchal*¹⁴⁶ (Funchal, 1923-1932).

Para subsistir, os periódicos desportivos regionais tinham que superar, além dos crónicos problemas económicos, as perigosas «redes de intrigas»¹⁴⁷ em que vivia submergido o desporto regional, gerador de uma vida desportiva «acidentada e conflituosa»¹⁴⁸, difícil de contornar pelos jornalistas. O *Aveiro Sportivo* e o *Sport do Funchal* fariam eco constante desse género de ambiente nas suas cidades. O jornal aveirense, criado por um grupo de jovens encabeçado por Luís Rocha Leonardo (também director do SC Beira-Mar), queixou-se, logo no número dois, de 15 de Março de 1923, da existência em Aveiro de pessoas que procuravam «sempre amesquinhar quem quer fazer alguma coisa de útil e de bom»¹⁴⁹, devendo-se lutar contra isso com «uma vontade férrea»¹⁵⁰, assente num jornalismo em que imperasse a «justiça»¹⁵¹ e uma «imparcialidade recta»¹⁵².

Mas, apesar destas demonstrações de vontades, a verdade é que o clima desportivo e social na região aveirense, e um pouco por todo o País, agravou-se nos anos seguintes, levando o *Aveiro Sportivo* a lançar vários alertas sobre o estado da nação¹⁵³ e do jornalismo português. Na primeira página de 1 de

144 Propriedade do Mirandela Foot-ball Club, o periódico *A Causa – Folhinha Desportiva e Recreativa* apresentou, ao longo dos seus 29 números, entre 20 de Julho de 1922 e 30 de Julho de 1924, uma linha editorial generalista, dando especial realce ao desporto regional, mas sem esquecer o noticiário desportivo nacional e internacional.

145 Lançado em 28 de Fevereiro de 1923, o *Aveiro Sportivo*, primeiro jornal desportivo aveirense, centrou o noticiário desportivo na cidade e no distrito de Aveiro, sofrendo várias interrupções (dando origem a cinco séries diferentes), cessando actividade no número 69, de 20 de Dezembro de 1925.

146 Saiu em 14 de Dezembro de 1923, com um noticiário desportivo alargado, dando muita atenção ao desporto internacional (publicaria artigos de revistas estrangeiras: *L'Auto* e *Miroir des Sports*, de França; *Aire Libre*, de Espanha), contando em 1927 com um correspondente, Freitas Júnior, nos Estados Unidos da América. Sofreria uma interrupção entre 1 de Abril de 1925 (n.º 69) e 4 de Fevereiro de 1926 (n.º 70), publicando-se depois, regularmente, até ao número 334, de 31 de Março de 1931 (saiu mais um número, o 335, em 31 de Março de 1932, mas apenas como forma de manter o título, extinguindo-se definitivamente depois disso).

147 Varela (1923, 15 de Março). Mais uma vez. *Aveiro Sportivo*, p. 1.

148 A Redacção (1923, 14 de Dezembro). 'Sport do Funchal'. *Sport do Funchal*, p. 1.

149 Varela (1923, 15 de Março). Mais uma vez. *Aveiro Sportivo*, p. 1.

150 Idem, ibidem.

151 A Direcção (1923, 28 de Fevereiro). De entrada. *Aveiro Sportivo*, p. 1.

152 Idem, ibidem.

153 «O povo está descontente e desiludido» e «o mar político anda muito revoltado», foram algumas das frases que se liam na capa do *Aveiro Sportivo* de 27 de Setembro de 1925. E na edição seguinte, de 4 de Outubro de 1925, cerca de um mês antes da data marcada para as eleições legislativas, o director Rocha Leonardo assinou na capa o artigo «Basta», em que afirmou categoricamente que não tinha sido «para isto que se fez a República» e que «tudo tem os seus limites e a paciência do povo português está prestes a esgotar-se», encontrando-se «as aldeias e as vilas em efervescência, e aí de nós, aí dos homens que nos governam, e talvez da nossa Pátria, se o rastilho se incendia!»

Novembro de 1925, no editorial com o título «Imprensa», assinado por «J.», o semanário aveirense defendia que o jornalismo português estava a precisar de uma «grande reforma», a começar pelos «grandes diários», dedicados cada vez mais ao «ataque verrinoso ou à defesa de partidos», não existindo «critério nas ideias, verdade nos factos, imparcialidade nas opiniões, justeza nos comentários, alcances dignos e vigorosos nos artigos, nada disso, só ataques a particulares, defesa de interesses pessoais, burlas tecidas sob a capa da moralidade.» Deste modo, os jornais estavam a fazer aquilo que o *Aveiro Sportivo* definia como «Campanha do Camartelo», ou seja, «dizer mal de tudo por tudo». Face a este panorama, o jornal aveirense deixaria o desabafo: «a velha imprensa caducou». E nem a imprensa regional escapava a esta campanha, sendo «raras as gazetas que mantinham ainda um forte cunho de justiça e imparcialidade, de defesa boa dos interesses colectivos.»

Este ambiente quezilento no jornalismo e na sociedade portuguesa, extensivo a todo o desporto, contribuiria decisivamente para o fim do *Aveiro Sportivo*. Na sua última edição, de 20 de Dezembro de 1925, o director Luís Rocha Leonardo lamentou profundamente a falta de união dos clubes e desportistas aveirenses, assim como o clima de intrigas contra o jornal, o que, aliado ao seu desânimo e estado adoentado, ditariam a suspensão definitiva daquele que foi o primeiro periódico desportivo generalista de Aveiro.

Na Madeira, o clima desportivo que o *Sport do Funchal* encontrou, em 14 de Dezembro de 1923, quando saiu pela primeira vez, foi muito semelhante ao de Aveiro. No editorial de apresentação, publicado na capa do número inaugural, a Redacção do novo jornal desportivo madeirense tinha plena consciência que ia encontrar um ambiente desportivo «acidentado e conflituoso», surgindo «diária e inesperadamente, incidentes de ordem vária, nos quais os interesses mais contraditórios brigam». Um jornal desportivo, mesmo que se quisesse manter «dentro das normas da mais absoluta equidade, para tratar desses desagradáveis assuntos, necessariamente terá que desagradar a uma ou mais partes, ou ainda a todas, porque não são raras as vezes em que da razão se afastam todos aqueles que em nome dela pretendem reivindicar direitos que não existem.» Com o objectivo de apaziguar os ânimos, o *Sport do Funchal* mostrou-se também decidido a levar a cabo

«uma campanha em prol da aproximação entre os clubes»¹⁵⁴, tendo como objectivos amenizar «ódios e malquerenças»¹⁵⁵ e promover «a prosperidade sportiva da Madeira»¹⁵⁶.

Apesar desta declaração de intenções, o *Sport do Funchal* estaria envolvido, nos anos seguintes, em várias polémicas, principalmente com a restante imprensa desportiva madeirense. Em Março de 1924, o redactor desportivo, com o pseudónimo «Canhão», do jornal funchalense *Trabalho e União* acusaria o *Sport do Funchal* de silenciar polémicas sobre a Associação de Futebol do Funchal, ao que o semanário desportivo respondeu com um contundente ataque à integridade jornalística do redactor. Em Fevereiro do ano seguinte, seria a vez do redactor desportivo do *Diário de Notícias*¹⁵⁷, na Madeira, acusar o *Sport do Funchal* de favorecer um clube (CS Marítimo), de ser brando nas críticas e apresentar uma «má gramática»¹⁵⁸, gerando uma troca de acusações que se iria arrastar durante algumas semanas. A secção desportiva do *Diário de Notícias* tinha estado anteriormente envolvida noutra contenda jornalística com um jornal desportivo local, *O Desporto* (Funchal, 1922-23), a quem lançou várias críticas, em Outubro de 1923, por não fazer entrevistas aos desportistas locais, o que este justificou com a pequenez do meio desportivo madeirense, onde tudo se sabia sem necessidade de realizar entrevistas. Em resposta, *O Desporto*, na sua edição de 30 de Outubro, acusaria o *Diário de Notícias* de fazer mau jornalismo e gostar de alimentar controvérsias, como era o caso da sua insistência na ideia de fusão entre os clubes madeirenses, questão muito polémica no meio desportivo da Madeira.

7. Os órgãos informativos dos clubes e de especialidade

Entre 1921 e 1923, além dos 19 jornais desportivos generalistas que surgiram em 16 cidades diferentes do País (Alcobaça, Almada, Angra do Heroísmo, Aveiro (2), Barcelos, Braga, Coimbra, Elvas, Faro, Figueira da Foz, Funchal (2), Mirandela, Póvoa do Varzim, Setúbal, Sintra (2) e Vila Nova de

154 A Redacção (1923, 14 de Dezembro). Vida nova. *Sport do Funchal*, p. 2.

155 Idem, ibidem.

156 Idem, ibidem.

157 O diário lisboeta apresentava uma boa secção desportiva, com o cabeçalho «A Semana de Sport», que seria imitada, a partir de Março de 1924, pelo *Jornal da Madeira*, até então sem uma secção do género.

158 A Redacção (1925, 25 de Fevereiro). Nós e o redactor sportivo do *Diário de Notícias*. *Sport do Funchal*, p. 2.

Famalicão), foram também publicados quatro órgãos informativos ligados a clubes regionais: *O Tejo*¹⁵⁹ (Ribeira de Santarém, 1922), propriedade do Tejo Foot-ball Club; *Sporting de Tomar* (Tomar, 1923-1924), do Sporting Club de Tomar; *O Sporting de Gouveia*¹⁶⁰ (Gouveia, 1923), do Sporting Club de Gouveia; e o *Boletim do Académico Foot-ball Club*¹⁶¹ (Vila Real, 1923).

Destes quatro boletins informativos de clubes, aquele que conseguiu maior notoriedade e longevidade foi o *Sporting de Tomar*, apresentado em 1 de Fevereiro de 1923 com o subtítulo de «Quinzenário oficial do Sporting Club de Tomar», sendo a direcção repartida por Alfredo Pereira, Amorim Rosa e Júlio Bento. Como era o primeiro periódico desportivo criado em Tomar, foi com naturalidade que nos meses seguintes alargou os seus conteúdos noticiosos a toda a região, reforçando a periodicidade e a linha editorial¹⁶², passando a exhibir, em Abril de 1923, o subtítulo de «Semanário Sportivo e Noticioso – Defensor dos Interesses do Concelho». Conseguiu sair regularmente durante 68 semanas, até 8 de Junho de 1924, mas a falta de pagamento por parte de 75 por cento dos seus assinantes e anunciantes fez com que o *Sporting de Tomar* se visse forçado a suspender a publicação. Reapareceu em 17 de Agosto de 1924, com o título de *Boletim do Sporting Club de Tomar*¹⁶³, assumindo-se claramente como órgão oficial do clube, lançando forte críticas ao meio desportivo e político de Tomar, pejado de «homens públicos que são como as mulheres – não se lhes pode tocar nem com uma flor»¹⁶⁴.

O órgão informativo clubístico que marcaria os anos 1920 e as restantes décadas, conseguindo manter-se em publicação ao longo do século XX¹⁶⁵,

159 O primeiro número saiu a 15 de Setembro de 1922, sob a direcção de A. Aguiar e V. Arruda, custando 20 centavos. Publicou-se quinzenalmente até 15 de Dezembro de 1922, saindo depois esporadicamente, sempre que existia algum problema desportivo, como sucedeu com o número de 17 de Abril de 1923, em que *O Tejo* se insurgiu contra o boletim *Sporting de Tomar* devido a acusações feitas neste jornal contra os clubes de Santarém.

160 «Defensor da Causa Desportiva e Interesses da Região», era o subtítulo deste quinzenário, que saiu apenas duas vezes, a 1 e 26 de Agosto de 1923, sob a direcção de Luciano Machado.

161 Na capa do número um, de 18 de Novembro de 1923, o director Salomão Barros explicou no editorial «Consócios» que o boletim pretendia, acima de tudo, «contribuir para o desenvolvimento do nosso querido club». Daria quase total enfoque ao desporto em Vila Real, saindo apenas mais uma vez, a 30 de Novembro de 1923.

162 Durante 1923, dedicaria várias primeiras páginas ao heroísmo nacional (edição de 8 de Abril, 10 e 17 de Junho) e ao militarismo (22 de Julho), recorrendo muitas vezes à participação portuguesa na Primeira Guerra Mundial e à batalha histórica das tropas lusas contra os alemães, a 9 de Abril de 1918, em La Lys, na França.

163 Sairia apenas esse número, falhando também o apoio dos sócios para a sua continuação.

164 A Redacção (1924, 17 de Agosto). Palavras precisas... *Boletim do Sporting Club de Tomar*, p. 1.

165 Na edição de 13 de Dezembro de 2005 (número 3.028, ano 84) lia-se na página cinco: «Publicação desportiva mais antiga de Portugal e o jornal de clube com mais tempo de vida na Europa».

seria o *Boletim do Sporting Clube de Portugal*, um dos dois boletins de clubes lançados em Lisboa durante 1922, a par com o efémero *O Desporto Operário*¹⁶⁶, propriedade do Grupo de Foot-ball 31 de Janeiro.

O primeiro número do boletim sportinguista foi posto à venda a 31 de Março de 1922, sob a direcção de José Serrano e com o apoio do presidente do clube, Júlio de Araújo, sendo o novo periódico «exclusivamente destinado à propaganda entre os sócios», como esclareceu a Direcção, no editorial «Razão de ser», publicado na capa. Nesse editorial, os responsáveis do *Boletim do Sporting Clube de Portugal* afirmavam ainda que o clube era, «sem dúvida», a colectividade desportiva portuguesa que maior número de sócios possuía (mais de mil) e a maioria desses sócios permanecia «desconhecedora de tudo que ao S.C.P. interessa e do que no S.C.P. acontece». Deste modo, «vencer a indiferença da maioria» era o objectivo do boletim, que centrou o noticiário exclusivamente no clube, com o futebol em destaque. Com uma tiragem de cerca de mil exemplares, correspondente ao número de sócios, o boletim publicava-se quinzenalmente, apresentando duas edições distintas: uma em papel normal, ao preço de dois escudos por semestre; e outra em papel couché, a que chamavam «edição de luxo», que custava oito escudos por semestre. Impresso na Tipografia Henrique Torres, na Rua de S. Bento, n.º 279, em Lisboa, o boletim melhorou graficamente a partir de Março de 1923, publicando excelentes fotografias na capa, graças às colaborações fotográficas de Arnaldo Garcez, Salazar Dinis e Salazar Carreira¹⁶⁷, nome histórico ligado ao Sporting CP e ao boletim. Apesar das várias paragens¹⁶⁸ na década de 1920, e nas seguintes, o *Boletim do Sporting Clube de Portugal* iria assumir-se

166 Salram apenas dois números, entre Outubro e Novembro de 1922, com direcção de Júlio dos Santos.

167 Nos primeiros cinco anos do boletim, Salazar Carreira dirigiu-o durante três anos e quatro meses, de forma gratuita, publicando-se 40 boletins sobre a sua alçada, num total de 640 páginas. O cansaço levou-o a sair do cargo, ditando a primeira longa suspensão do boletim, entre 31 de Março de 1927 e 1 de Julho de 1929, altura em que Salazar Carreira regressou. Formado em medicina, praticou desporto ao mais alto nível durante 25 anos consecutivos, entre 1912 e 1937, tendo assumido a presidência do Sporting CP e vários cargos dirigentes nas associações de Lisboa de atletismo, rãguebi e futebol. Possuidor de uma vasta obra bibliográfica sobre desporto, colaboraria nos jornais *Eco dos Sports*, *O Az*, *Sports Ilustrados*, *Foto-Sport*, *Record*, *Diário de Sports*, *Os Sports* e *Mundo Desportivo*.

168 Sofreria várias interrupções, de curta duração, nos primeiros anos, ficando-se a dever à falta de colaboradores regulares e ao desânimo acumulado por parte dos responsáveis do jornal, como sucedeu a Maia Loureiro em Março de 1924 e a Salazar Carreira entre 31 de Março de 1927 e 1 de Julho de 1929. Em 1 de Julho de 1931, voltaria a ficar suspenso, retomando a sua habitual publicação em Julho de 1944, sob a direcção de Alberto Figueiredo. Ao longo da sua história contaria com a colaboração de ilustres jornalistas e sportinguistas, como Pitta Castelejo, Carlos Corrêa, João Xara Brasil, Lopes Marques, Fernando Correia, José Goulão ou Artur Agostinho, entre outros.

como uma referência na área dos órgãos informativos institucionais ao longo do século XX.

O futebol, tema em destaque nas páginas do boletim sportinguista, teria mesmo, a partir de Outubro de 1923, um órgão especializado nos seus heróis, com a saída da publicação mensal *Os Nossos 'Azes' do Foot-ball* (Lisboa, 1923-1924), dirigida por José Cunha e Artur Inês¹⁶⁹, também seus proprietários. Ao preço de um escudo, o primeiro número seria dedicado ao médio-centro do SL Benfica e capitão da Selecção Nacional de Futebol de 1922, Vítor Gonçalves, publicando uma extensa biografia de 34 páginas, em formato pequeno (15x11). Nos meses seguintes publicaram-se mais números desta publicação desportiva, de índole biográfica, dedicados aos principais vultos do futebol nacional (Jorge Vieira, do Sporting CP; Alberto Rio, do SL Benfica; Cândido de Oliveira e António Pinho, ambos do Casa Pia AC).

Além do futebol, somente o automobilismo e a tauromaquia veriam surgir novas publicações desportivas especializadas em 1923. Nos dois anos anteriores, 1921 e 1922, embora tivessem sido anos de intenso e regular surgimento de periódicos desportivos generalistas em Portugal, o mesmo não sucedera no campo do jornalismo desportivo especializado, no qual não aparecera qualquer título. Em 1923, apareceram *O Auto*¹⁷⁰, cujo subtítulo «Automobilismo, Aeronáutica, Motociclismo, Ciclismo» deixava em evidência a sua linha editorial, e o tauromáquico *Sol e Sombra*¹⁷¹, ambos lançados em Lisboa, tendo um trajecto temporal reduzido.

A pouca duração das publicações seria uma característica que afectaria igualmente a escassa imprensa desportiva generalista que surgiu em Lisboa neste período. A preponderância noticiosa de *O Sport de Lisboa* e, sobretudo, de *Os Sports*, a que se juntavam as prolíferas secções desportivas da imprensa diária lisboeta, dificultavam enormemente a consolidação de qualquer projecto jornalístico na área do jornalismo desportivo generalista. Em 1922,

169 Artur Lopes Inês nasceu em Lisboa, em 5 de Dezembro de 1898, estreando-se no jornalismo em 1921 no jornal *A Pátria*. Foi redactor em *O Século*, *A Capital*, *Rebate*, *Diário da Tarde*, *República Portuguesa* e integrou as chefias de redacção do *Diário Popular* e do diário *República*. No jornalismo desportivo, destacou-se como chefe de redacção de *Os Sports* e esteve na fundação do *Eco dos Sports* e *O Ás*.

170 Dirigido por João d'Avilez, este quinzenário de oito páginas, ao preço de 50 centavos, foi lançado em 1 de Abril de 1923, apresentando uma boa cobertura do estrangeiro, recorrendo a várias publicações internacionais, com realce para a revista espanhola *Alas*. Saiu apenas mais uma vez, em 15 de Abril de 1923.

171 Criado por R. Igreja, esta publicação tauromáquica sairia uma vez, em 14 de Abril de 1923.

surgiu unicamente uma tentativa, a revista semanal *O Eco Sportivo*¹⁷², dirigida por Abel Moreau, que não passaria dos dez números, publicados entre 19 de Janeiro e 31 de Março de 1922. No ano seguinte, seriam lançados na Capital mais quatro novos jornais desportivos generalistas – *Gazeta Desportiva*¹⁷³, *Ilustração Sportiva*¹⁷⁴, *O Sport Nacional*¹⁷⁵ e *Portugal Sportivo*¹⁷⁶ –, mas novamente sem sucesso.

No Porto, o panorama de novos jornais desportivos generalistas foi igualmente muito reduzido em 1922 e 1923, o que se deveu, tal como no caso lisboeta, à hegemonia noticiosa exercida por dois periódicos desportivos, que no caso portuense eram a revista *Sporting* e o semanário *Invicta Sport*, ambos criados em 1921. Por seu lado, as secções desportivas dos diários generalistas portuenses sofreram um forte impulso, o que veio dificultar, ainda mais, o aparecimento de novos projectos jornalísticos neste ramo da imprensa. O crescimento de uma dessas secções desportivas, a do diário *O Primeiro de Janeiro*, levaria ao aparecimento do único título desportivo generalista, no Porto, entre 1922 e 1923: o *Janeiro Desportivo*.

A administração de *O Primeiro de Janeiro*, face ao crescente volume de informação desportiva e ao escasso espaço da sua secção desportiva, decidiu transformar a sua coluna desportiva diária num jornal semanal, saindo aos sábados, entregando a direcção a Manuel Camanho e a secretaria de Redacção a Silva Gay, até então redactores desportivos do diário portuense.

172 Com o subtítulo de «Revista Semanal, Ilustrada, Desportiva, Teatral e Literária», *O Eco Sportivo* dedicou especial atenção ao futebol, principalmente ao Campeonato de Lisboa, e ao boxe. Destacavam-se também as secções «Álbum Sportivo» (página biográfica sobre os principais futebolistas portugueses) e «Mundo em Fora» (dedicada ao desporto internacional, principalmente futebol, atletismo (usava-se ainda o termo pedestrianismo), ciclismo, boxe e aviação).

173 Com Sena Azevedo na direcção e Cândido de Oliveira a editor, a *Gazeta Desportiva* foi a sucessora da revista *Football*, extinta em 30 de Dezembro de 1922. O futebol era a modalidade em destaque, realçando-se também a secção «Terras de Portugal D'Aquém e D'Alem Mar», com notícias de todo o País e das colónias ultramarinas. Quanto ao noticiário internacional, tinha origem principalmente nas publicações estrangeiras: *Futbol*, *La Jornada Deportiva*, *Aire Libre*, de Espanha; *L'Auto* e *Le Football et Sports*, de França; *Die Stunde*, da Áustria; e *Der Kicker*, da Alemanha. Apesar da qualidade, duraria apenas 16 números, até 6 de Junho de 1923.

174 Lançado em 14 de Julho de 1923, este quinzenário apresentou-se com 16 páginas de boa qualidade gráfica e papel (formato 31x22), ao preço de 50 centavos, encontrando-se à venda em dez locais diferentes de Lisboa, contando também com postos de venda no Porto, Coimbra, Figueira da Foz, Setúbal e Funchal. Dirigido pelo proprietário, Ascensão Araújo, saiu apenas mais um número, a 18 de Agosto de 1923.

175 No número de lançamento, em 14 de Outubro de 1923, o semanário *O Sport Nacional* afirmava na capa, no editorial «Em Defeza», que era «indispensável a criação de um jornal desportivo que arcaisse com a grande responsabilidade de tomar a defesa dos pequenos clubes.» Saiu três vezes, a última das quais em 25 de Outubro de 1923, contando com Silva Ramos a redactor principal e Artur Nunes a editor.

176 Criado por Eduardo Silva (editor e proprietário), Carlos Barata (director) e Eduardo Gomes (secretário de redacção), o *Portugal Sportivo* saiu só uma vez, em 11 de Dezembro de 1923, dando ênfase ao futebol lisboeta.

Com sede nas instalações de *O Primeiro de Janeiro*, na Rua de Santa Catarina, n.º 326, no Porto, o *Janeiro Desportivo* seria lançado em 1 de Dezembro de 1923, custando 30 centavos as suas quatro páginas¹⁷⁷ (formato 43x30), sem publicidade¹⁷⁸. Destacavam-se as modalidades «Foot-ball», «Box» e «Natação», assim como as secções «Casos e Coisas» (breves sobre o desporto português), «De Além Douro» (crónica semanal de Gaia), «Beliscos» (poesia satírica) e «A Semana Desportiva de Lisboa».

Ao invés de outras publicações desportivas portuenses, avessas a aproximações ao meio desportivo lisboeta, o *Janeiro Desportivo* assumiria uma postura conciliatória¹⁷⁹, chegando a promover, em Fevereiro de 1923, uma campanha de reconciliação entre a imprensa e os clubes das duas cidades, de costas viradas devido às rivalidades futebolísticas (Coelho & Pinheiro, 2002: 200-211) criadas na disputa do Campeonato de Portugal. O eco da campanha na Capital seria positivo, com *Os Sports* e *O Sport de Lisboa* a elogiarem a iniciativa, mas a restante imprensa desportiva portuense remeteu-se ao silêncio, elucidativo do clima¹⁸⁰ que se vivia. Embora fosse propriedade de uma empresa jornalística sólida, a de *O Primeiro de Janeiro*, a exemplo do que sucedia em Lisboa com *Os Sports*, que tinha por detrás a máquina do diário *A Capital*, o *Janeiro Desportivo* não aguentaria mais do que 23 edições, terminando em 3 de Maio de 1924.

8. O auge e o declínio da imprensa artístico-desportiva

Uma das secções que ganhou alguma projecção no *Janeiro Desportivo* foi a «Beliscos», habitualmente preenchida com poesia satírica dedicada ao desporto e à vida nacional. A inclusão deste género de secções, ligadas à

177 Sairia regularmente com quatro páginas, evidenciando-se os trabalhos fotográficos de Cândido Mota Júnior.

178 Era habitual, nesta época, os jornais desportivos dedicarem a última página a anúncios de publicidade, normalmente pequenos anúncios. O *Janeiro Desportivo* só teria alguma publicidade a partir de Janeiro de 1924, com a inclusão de pequenos anúncios de lojas comerciais portuenses.

179 Teria também uma posição moderada quando se discutiu, em meados de Fevereiro de 1924, a questão do envio de correspondentes aos Jogos Olímpicos de Paris, a disputar nesse ano. Os encargos de enviar um correspondente eram tão elevados que nenhum jornal desportivo os podia assumir, dadas as poucas receitas com que contavam. O *Janeiro Desportivo* defendia a ideia de que o Comité Olímpico Português deveria apoiar a imprensa desportiva, sendo essa a única forma de mandar jornalistas desportivos portugueses a Paris.

180 O ambiente à volta do *Janeiro Desportivo* não era pacífico e iria degradar-se em Fevereiro de 1924 quando o FC Porto entrou em rota de colisão com o jornal, retirando-lhe duas credenciais (disponibilizadas para os redactores entrarem gratuitamente no campo nos dias de jogos), disponibilizando apenas uma, ao fotógrafo.

literatura, teatro e poesia, alargando-se neste período ao cinema, seria uma prática comum nas páginas dos novos jornais desportivos generalistas, a exemplo do que sucedera nas décadas anteriores. Deste modo, a manutenção desta proximidade entre o mundo artístico e o desportivo teria como efeito o surgimento de um vasto leque de novas publicações periódicas de cariz artístico-desportivo, principalmente na primeira metade da década de 1920.

Entre 1921 e 1922, apareceram no mercado jornalístico português um vasto número de publicações que conjugavam editorialmente o binómio artes-desporto, tendo a maior parte delas uma duração breve, como foram os casos de *A Blague*¹⁸¹ (Coimbra, 1921), *Comédia*¹⁸² (Lisboa, 1921), *A Brisa*¹⁸³ (Porto, 1922), *O Borgista*¹⁸⁴ (Viana do Castelo, 1922), *Gente Moça*¹⁸⁵ (Lisboa, 1922), *O Ferrão*¹⁸⁶ (Braga, 1922) e *A Luz da Ribalta*¹⁸⁷ (Lisboa, 1922).

No entanto, alguns periódicos artístico-desportivos conseguiram contrariar esta tendência e manter-se em actividade durante mais tempo, apresentando, na sua generalidade, uma secção desportiva de qualidade. Um desses casos seria o *Alma Lusa – Órgão Quinzenal Literário-Sportivo e Informador*, editado no Porto, sob a direcção de Roberto de Magalhães Lino, entre 1 de Dezembro de 1920 e 1 de Dezembro de 1921. Ao longo de 25 números, a «Secção de Sport» foi uma presença habitual, reforçada a partir de 12 de Novembro de 1921 com a inclusão, na capa, da secção «Galeria Sportiva», dedicada a homenagear desportistas portugueses e estrangeiros.

Outro periódico editado durante um período razoável (mais de dois anos, entre 8 de Maio de 1921 e 10 de Junho de 1923) foi *O Crítico – Semanário*

181 *A Blague – Quinzenário Humorístico, Literário, Artístico, Desportivo, Teatral* saíria duas vezes, a 20 de Novembro e 15 de Dezembro de 1921, sob a direcção de J. de Matos Braz, apresentando uma boa secção de «Desportos».

182 Apesar de dedicado ao teatro, este semanário, lançado a 9 de Novembro de 1921, teria uma excelente secção «Desportos», assinada por José Serrano. Saiu em quatro ocasiões, a última em 30 de Novembro de 1921.

183 *A Brisa – Quinzenário Sportivo, Literário e Humorístico*, sob a direcção de Eugénio Soeiro, foi lançado a 1 de Novembro de 1922, tendo durado cinco números, até 1 de Janeiro de 1923.

184 *O Borgista – Semanário literário, humorístico, noticioso e sportivo* saiu a 12 de Março de 1922, sob a direcção de José Campos, apresentando o noticiário desportivo na secção «Crónica Sportiva». Publicou-se até 9 de Abril de 1922.

185 «Quinzenário de Artes, Letras e Desporto», o *Gente Moça* foi lançado a 15 de Abril de 1922, exibindo uma «Secção Desportiva» eclética e doutrinal, promovendo o desporto como forma de revigoramento da raça. Saíram mais cinco números, extinguindo-se a 15 de Julho de 1922.

186 *O Ferrão – Semanário crítico, humorístico, literário e sportivo* saiu a 26 de Novembro de 1922, sob a direcção de Celestino Lobo, apresentando uma boa secção «Sports», assinada pelo pseudónimo «Penalty». O desporto seria tema regular da primeira página, como sucedeu na última edição de 20 de Maio de 1923.

187 «Quinzenário Ilustrado, Literário, Teatral, Desportivo e Anunciador», apresentava no número um, de 17 de Dezembro de 1922, a coluna «Desportos», onde fazia votos para que os clubes continuassem a «pugnar pelo revigoramento da raça pela prática dos exercicios físicos.» Saíram mais dois números, até 16 de Janeiro de 1923.

Teatral, Sportivo, Humorístico, Noticioso e Artístico, cuja «Secção Desportiva» foi ganhando gradualmente protagonismo, chegando o jornal a mudar o subtítulo para «Semanário Teatral e Sportivo», em Janeiro de 1922, sob a direcção de Abel Jorge Rodrigues (proprietário e editor). Editado em Lisboa, *O Crítico* publicaria 99 números, tendo a linha editorial assente na conjugação noticiosa do trio formado pelo teatro, cinema e desporto.

Com uma boa secção «Sport» apareceria também, em 15 de Janeiro de 1922, o jornal *Á Sombra da Capa – Semanário literário, sportivo, humorístico e noticioso*, ligado à Academia de Viana do Castelo, mais propriamente ao Liceu Central de Gonçalo Velho. A sua coluna desportiva ficou a cargo do redactor Alfredo Oliveira, que ao longo de 24 números, até 21 de Setembro de 1922, daria bastante cobertura ao desporto regional, em especial ao futebol.

Entre 1923 e 1924, o surgimento de novos periódicos no campo artístico-desportivo iria manter-se, embora sem o fulgor dos anos anteriores, sublinhando-se a publicação de *O Mocho*¹⁸⁸ (Beja, 1923), *Alma Nova*¹⁸⁹ (Viana do Castelo, 1923), *Alba*¹⁹⁰ (Lisboa, 1924), *Vida Académica*¹⁹¹ (Lisboa, 1924) e *Lux*¹⁹² (Porto, 1924). O jornal de maior projecção seria o *Correio Teatral – Semanário de Teatro, Cinema, Música, Sport, Literatura, Crítico e Noticioso*, publicado entre 1 de Março de 1923 e 19 de Junho de 1924 (n.º 51), em Faro. A sua secção «Sport» foi crescendo de importância em termos editoriais, conseguindo ser assunto de primeira página¹⁹³ em muitas ocasiões, quase sempre com o futebol como tema de fundo.

A partir de 1925, o volume de novos periódicos artístico-desportivos iria diminuir, embora tivessem continuado a surgir até meados da década de 1940, altura em que se assistiu à definitiva ruptura da fórmula jornalística formada

188 Lançado em 25 de Outubro de 1923, *O Mocho* passou a dar grande destaque ao desporto a partir da remodelação operada no número 13, adoptando o subtítulo de «Revista Académica e Desportiva». A secção «Página Desportiva» estaria em destaque até ao fim da publicação, em 10 de Junho de 1925.

189 O *Alma Nova – Semanário literário, noticioso, desportivo, regionalista* saiu a 1 de Dezembro de 1923, com uma boa secção de «Desportos», responsabilidade de Oliveira Aguiar. Publicou dez números, até 3 de Fevereiro de 1924.

190 O quinzenário *Alba – Arte, Literatura, Teatros, Desportos e Cinema* foi lançado a 15 de Junho de 1924, apresentando duas secções ligadas ao desporto: «Cultura Física» e «Tauromaquia».

191 A *Vida Académica* foi lançada em Janeiro de 1924, destacando na secção «'O Sport' na Academia» o papel doutrinário do jornalismo desportivo. Saiu de forma irregular, até Maio de 1926.

192 A revista mensal *Lux – Literatura, Desportos, Cinema, Palcos* saiu pela primeira vez em 15 de Fevereiro de 1924, dedicando aos «Desportos» três das suas doze páginas. Publicou-se mais duas vezes, a última em 1 de Abril de 1924.

193 Cf. edições de 21 de Junho, 19 de Julho, 2, 9 e 30 de Agosto e 20 de Dezembro de 1923; e 27 de Março e 12 de Junho de 1924.

pelo mundo artístico e o desportivo. No entanto, até essa cisão se consumir, o jornalismo artístico-desportivo continuaria a produzir novas publicações de qualidade, principalmente durante a segunda metade dos anos 1920, algumas delas com boas secções desportivas, como sucedeu com *O Avenidas*¹⁹⁴ (Lisboa, 1925), *A Nova Aurora*¹⁹⁵ (Armamar, 1925), *A Mocidade*¹⁹⁶ (Angra do Heroísmo, 1926), *A Ribalta*¹⁹⁷ (Lisboa, 1928), *Lisboa Galante*¹⁹⁸ (Lisboa, 1929), *Alma Nova*¹⁹⁹ (Redondo, 1929), *Espectáculos*²⁰⁰ (Coimbra, 1929) e *O Domingo*²⁰¹ (Figueira da Foz, 1930).

Ao longo das duas décadas seguintes, a linha editorial artístico-desportiva foi lentamente perdendo interesse no meio jornalístico português, levando a uma redução do número de novas publicações. Nos anos 1930 e 1940, os únicos periódicos com algum interesse nesta área jornalística seriam o *Alma Lusitana*²⁰² (Covilhã, 1932), *Alma Nova*²⁰³ (Braga, 1935), *Fogo!*²⁰⁴ (Lisboa, 1936) e *Mosaico*²⁰⁵ (Lisboa, 1946), mas todos eles de vida efémera e pouca dimensão popular. O ocaso desta linha editorial esteve intimamente ligado à

194 O número inaugural, de 17 de Maio de 1925, foi dedicado ao jogo de futebol entre Portugal e Espanha, que se realizava em Lisboa. Com o subtítulo de «Periódico desportivo, literário e noticioso», *O Avenidas* era propriedade do Sport Club Avenidas, sendo o director Neves de Carvalho.

195 Órgão do Sporting Club S. Cosmado, sediado em S. Cosmado (freguesia de Armamar, distrito de Viseu), esta publicação quinzenal publicou-se entre meados de 1925 e 1 de Fevereiro de 1928 (n.º 31), sob a direcção de António Cardoso Possidónio. O desporto local e regional estaria em destaque.

196 Assinada por «Penalty e Off-Side», a coluna «Educação Física e Desportos» apareceria logo no número 1, de 1 de Outubro de 1926. Propriedade de G. Amaral, publicou-se até ao número 14, de 26 de Fevereiro de 1927.

197 Dirigido por Jayme Nunes, com o subtítulo de «Publicação Literária de Teatro, Cinema, Sport e Tauromaquia», apresentaria uma importante secção «Desportos» no primeiro número, de 8 de Abril de 1928. Futebol e boxe seriam as modalidades em destaque nesta revista quinzenal, que duraria até 6 de Maio de 1928.

198 Com o subtítulo de «Revista Magazine Mensal de Arte, Literatura, Desporto, Elegâncias», saiu em Maio de 1929, dedicando duas páginas à secção «Desporto», assinada por «Imperator» e dedicada ao futebol e automobilismo.

199 Este quinzenário alentejano, dirigido por Fernando Batalha, foi lançado a 1 de Agosto de 1929, dedicando a secção «O Sport em Redondo» ao desporto regional, sendo assinada por Gama.

200 O periódico *Espectáculos – Jornal de teatro e cine com reportagem de todos os sports do domingo* saiu a 16 de Dezembro de 1929, ao preço de 50 centavos, dando a indicação que iria sair todas as segundas-feiras à tarde, com relatos dos principais jogos de futebol de Coimbra.

201 *O Domingo – Semanário Literário, Desportivo e Cinematográfico* foi lançado, na Figueira da Foz, a 5 de Janeiro de 1930, publicando-se regularmente durante 24 números, até 20 de Julho de 1930.

202 Com o subtítulo de «Semanário de Literatura, Notícias, Sports e Cinema», saiu a 2 de Junho de 1932, sob a direcção de B. Sotto-Mayor, com a secção «Desportos» (centrada no desporto local) entregue ao pseudónimo «X».

203 Dirigido por Armando Bacelar e V. Pires, este «Quinzenário Académico, Literário e Desportivo» foi lançado a 26 de Outubro de 1935, tendo-se publicado até 26 de Janeiro de 1936.

204 O seu número espécime saiu a 17 de Janeiro de 1936, com o subtítulo de «Grande semanário da vida contemporânea – Cinema, Literatura, Desporto». Dedicaria regularmente a contra-capa ao desporto, promovendo campanhas a favor do desporto feminino ou da aproximação entre o Estado e o desporto.

205 Saíram apenas três números, em Dezembro de 1946, apresentando o subtítulo «Documentário Semanal das Artes, Letras e Desportos».

cisão que gradualmente foi sendo criada entre o mundo artístico e intelectual e o mundo desportivo, principalmente o do futebol, intimamente ligado ao povo e ao campo dos sentimentos e emoções galvanizadas à volta dos clubes de futebol, universo de difícil compreensão para uma parte da intelectualidade portuguesa.

9. Os primeiros passos da imprensa desportiva do Ultramar

Durante a década de 1920, apesar de terem começado lentamente a desaparecer, as secções de literatura, teatro e cinema eram presença habitual nas páginas dos periódicos desportivos portugueses do Continente e Ilhas, e o mesmo sucederia com as primeiras publicações desportivas que apareceram nos territórios ultramarinos portugueses. As publicações pioneiras do jornalismo desportivo, na África portuguesa, despontaram em 1922 nos principais centros urbanos das «grandes e potencialmente ricas possessões africanas de Angola e Moçambique» (Rosas, 1998: 109).

O primeiro periódico desportivo, criado no espaço colonial português, foi o semanário *O Sporting*, lançado em Luanda (Angola), no domingo 25 de Junho de 1922, apresentando-se, em subtítulo, como um «Órgão Desportivo – O Único no Género na Província de Angola». No editorial «A nossa apresentação», publicado na capa, a Redacção, dirigida por Fernando de Lemos, com Paulo Sousa Borges como redactor e editor, explicou aos leitores que se tratava de um jornal criado para a «defesa do desporto e de tudo o que com ele se relacione.» Lembrou também que na sua fundação estiveram «meia dúzia de rapazes, que à causa do desporto têm dado o melhor dos seus esforços». Para os seus fundadores, *O Sporting* devia assumir-se como «um bordão norteador, a que se encostarão todos aqueles que conosco o desejarem levantar nesta província, onde ainda infelizmente se encontra em tão decadente estado.» E esse «decadente estado» devia-se ao facto do desporto em Luanda «não contar mais de meia dúzia de adeptos», sendo por isso fulcral a criação de um jornal desportivo «para reunir as poucas energias que de há muito andam dispersas» e «para criar outras novas, capazes de alguma coisa fazerem pelo Ideal sportivo.»

Apostado na «propaganda e difusão» do futebol, natação e remo, *O Sporting* dedicaria as suas habituais quatro páginas ao desporto local, em

especial às actividades do Club Naval de Luanda, Sporting Club de Luanda e Sport Progresso, agremiações que estiveram na base do arranque do «Campeonato de Foot-ball» de Luanda, em 1922. Estes três clubes eram formados maioritariamente por «elementos comerciais e pequenos funcionários»²⁰⁶, encontrando-se a elite local mais próxima do Club de Tennis, colectividade criticada em *O Sporting*, de 2 de Julho de 1922, por ter recebido indevidamente dez contos do Conselho Legislativo para a Propaganda e Desenvolvimento do Desporto em Luanda. Apesar do preço baixo (50 centavos) e da função pioneira no desporto angolano, *O Sporting* suspendeu a publicação na edição seguinte, em 9 de Julho, durando somente três números.

Mais longa, e igualmente pioneira, seria a carreira jornalística da *Semana Desportiva*, semanário lançado em 7 de Outubro de 1922, em Lourenço Marques (Moçambique), sob a direcção de Amadeu L. Neves. Apresentando-se com oito páginas, em papel verde (formato 33x24) e ao preço de dois escudos e cinquenta centavos, este periódico propunha-se ser o «paladino da cultura física»²⁰⁷, preenchendo uma «lacuna»²⁰⁸ que a «progressiva actividade desportiva de Lourenço Marques vinha tornando cada vez mais visível»²⁰⁹.

Ao contrário de *O Sporting*, pouco apoiado em termos publicitários pelo meio empresarial de Luanda, a *Semana Desportiva* mereceu um forte apoio por parte do pequeno comércio de Lourenço Marques, dedicando, logo no número inaugural, quatro páginas à publicidade, num total de 49 pequenos anúncios. Nos meses seguintes, esse apoio manteve-se e reforçou-se, permitindo ao periódico moçambicano, em Janeiro de 1923, melhorar a qualidade do papel e da impressão, aumentando o número de páginas para 18. O seu noticiário foi quase sempre variado (realce para o futebol, boxe, remo, hípica e desportos motorizados) e alargado, conciliando as notícias locais com as de Portugal continental (na secção «Notícias de Portugal») e do estrangeiro (recorrendo habitualmente à imprensa internacional: o britânico *The Guardian*; o francês *Le Journal*, entre outros).

A *Semana Desportiva*, seguindo o exemplo e a linha doutrinal da imprensa desportiva da Metrópole (Portugal continental), definiu também como

206 A Redacção (1922, 2 de Julho). Propaganda e Desenvolvimento do Desporto. *O Sporting*, p. 1.

207 Neves, A.L. (1922, 7 de Outubro). Início. *Semana Desportiva*, p. 3.

208 Idem, ibidem.

209 Idem, ibidem.

prioridade «trabalhar pela Causa Desportiva»²¹⁰, já que isso significava «trabalhar pelo ressurgimento moral e físico da Pátria»²¹¹. No editorial de 9 de Fevereiro de 1924, o periódico moçambicano mostrou-se extremamente agradado com o panorama do jornalismo desportivo português, no qual «os jornais da especialidade se multiplicavam»²¹² e «os grandes órgãos da imprensa portuguesa vão alargando as suas secções desportivas»²¹³, criando uma «corrente forte»²¹⁴ que dava o impulso necessário à «propaganda dos desportos»²¹⁵ em Portugal, crescendo o «entusiasmo pela prática desportiva»²¹⁶ em todo o País.

No entanto, este cenário estimulante, ao contrário do que se poderia pensar, não cativava os leitores a colaborar com a Redacção da *Semana Desportiva*, formada por oito redactores totalmente amadores (exerciam a actividade jornalística de forma gratuita). A ausência de colaborações regulares e o desânimo de alguns jornalistas, principalmente do redactor principal, o Capitão Ismael Mário Jorge, que em Abril e Maio de 1924 escrevia o jornal quase todo, levariam ao fim do periódico em 17 de Maio de 1924, depois de 79 números de grande qualidade redactorial e gráfica.

O pioneirismo jornalístico do moçambicano a *Semana Desportiva* e do angolano *O Sporting* daria os seus frutos, abrindo as portas ao surgimento de novos periódicos desportivos em Angola e Moçambique, reflexo da popularidade que o desporto estava a adquirir nas colónias portuguesas em África. No ano seguinte ao surgimento de *O Sporting*, apareceu em Luanda (Angola) a revista mensal *Desportos*, lançada em Junho de 1923, ao preço de cinco escudos e com 36 páginas (12 preenchidas com publicidade), dedicadas ao desporto angolano (futebol, boxe, atletismo, remo, ginástica, hípica e ténis). Composta e impressa na Tipografia Minerva, em Luanda, a revista *Desportos* seria muito bem acolhida no meio desportivo da capital angolana, o que se ficou a dever, em grande parte, a ter-se mantido à parte do «clubismo e da

210 Castro, J. (1923, 4 de Agosto). Jornalismo e sport. *Semana Desportiva*, p. 3.

211 Idem, *ibidem*.

212 R.M. (1924, 9 de Fevereiro). Para ponderar. *Semana Desportiva*, p. 3.

213 Idem, *ibidem*.

214 Idem, *ibidem*.

215 Idem, *ibidem*.

216 Idem, *ibidem*.

chicana»²¹⁷, assumindo uma postura de «revista desportiva imparcial e amiga de todos»²¹⁸. O *Jornal de Benguela* e *A Província de Angola*, nas suas secções desportivas, faziam apreciações positivas à revista, solidarizando-se quanto à necessidade de promover a causa desportiva em Angola e combater «o perigoso micróbio do desporto: o clubismo»²¹⁹. Dirigida por José Maria de Carvalho, a *Desportos* suspendeu-se em Janeiro de 1924, continuando a sair como suplemento até 17 de Abril de 1924 (número dedicado à presença em Luanda do pugilista Rosa Brito, campeão de Portugal de pesos médios).

217 A Redacção (1923, Outubro). A nossa transformação. *Desportos*, p. 3.

218 Idem, ibidem.

219 A Redacção (1923, Outubro). Opinião da Imprensa – *Jornal de Benguela*. *Desportos*, p. 3

CAPÍTULO 9

1924-1926: Anos dourados

1. Contexto europeu

A popularidade e o crescimento da imprensa periódica desportiva, ao longo da década de 1920, não foram fenómenos estritamente portugueses. Um pouco por toda a Europa assistiu-se ao aparecimento de novos jornais desportivos, alguns deles umbilicalmente ligados às modalidades mais populares, como o futebol, automobilismo, boxe e ténis, entre outras. Na Alemanha, por exemplo, as revistas *Der Kicker*¹ (Karlsruhe, 1920) e *FuBball und Leichtathletik* (Duisburg, 1920) marcariam o noticiário futebolístico alemão nos anos 1920. E ao longo da década iriam destacar-se também os periódicos *Das Weib in Sport*, lançado em Setembro de 1924, e *Das Illustrierte Blatt*, criado em 1930, em Frankfurt, tendo o desporto feminino como tema de fundo.

O desporto automóvel foi outra área com bastante produção jornalística durante a década de 1920, num fenómeno que não foi exclusivo da Europa, como demonstrou o caso brasileiro, com o surgimento de três revistas importantes: *Revista Automobilismo* (S. Paulo, 1925), *A Voz do Chauffeur* (Rio de Janeiro, 1929) e *Automóvel Club*² (Rio de Janeiro, 1930). Na Europa, o mundo do automobilismo levaria ao aparecimento na Bélgica³ do *Le Commerce Automobile Belge* (1928), na Itália do *L'Auto Italiana* (1927) e em França do *Auto et Sports* (1922-1931).

Para além do automobilismo, na sua generalidade o jornalismo desportivo especializado estaria muito activo em França, onde surgiram publicações em vários campos desportivos, casos da náutica (*Le Yachtsman*, 1922), pugilismo (*Le Boxe et Les Boxeurs*, 1921-1925), movimento olímpico (*La France Olympique*, 1921-1939), esgrima e tiro (*L'Escrime et Le Tir*, 1921-1939), aeronáutica (*L'Aéro-Sport*, 1922-1930) e futebol (*Football*, 1929-1944, e *Football et Sports*, 1922). E os franceses continuaram igualmente dinâmicos no

1 O primeiro número desta revista ilustrada saiu a 14 de Julho de 1920, apresentando na capa duas das equipas que estiveram na base do futebol na região de Karlsruhe: Die Kickers (1894) e K.F.V. (1899). Conseguiria manter-se em actividade até à actualidade (2009), sendo uma das grandes referências do jornalismo futebolístico europeu.

2 Órgão oficial do Automóvel Clube do Brasil.

3 A referência no jornalismo desportivo belga era o jornal *Geïllustreerde Sportwereld*, publicado entre 1921 e 1935.

sector do jornalismo desportivo generalista, apesar do domínio do diário *L'Auto*, nascendo uma série de novos periódicos de qualidade, como a revista ilustrada *Le Sport Universel Illustré* (1922-1935), *Trés-Sport* (1925) e *Match – Le plus grand hebdomadaire sportif* (1926-1938). Este dinamismo do jornalismo desportivo francês estaria na génese da fundação da Association Internationale de la Press Sportive (AIPS), em Julho de 1924, por ocasião dos Jogos Olímpicos de Paris, tendo o jornalista francês Frantz Reichel, chefe de imprensa dos Jogos Olímpicos (e que viria a ser o primeiro presidente da AIPS), desempenhado um papel relevante na criação daquele que era o primeiro organismo internacional de jornalistas desportivos.

Na vizinha Espanha, o jornalismo desportivo especializado contaria com algumas publicações novas durante os anos 1920, como as revistas *Tennis* (1921) e *El Sport de Caza y Pesca* (Madrid, 1929). Mas seria no âmbito generalista que o mercado jornalístico desportivo espanhol sofreria maiores mudanças. É que para além do surgimento de novos periódicos generalistas, como *Sporting* (Madrid, 1922), *Sports* (Barcelona, 1923) e *Aire Libre* (Madrid, 1923), passaram a circular um vasto leque de revistas humorísticas especializadas em desporto, casos de *El Guirigay* (Oviedo), *La Barrila Deportiva*, *Xut!* e *Sidral Sportiv* (Barcelona). A este cenário juntou-se o aparecimento dos primeiros diários desportivos, sinal da consolidação deste ramo jornalístico entre o público espanhol. O primeiro diário desportivo espanhol seria o *Excelsior* (Alcoba, 1999: 67), lançado em Bilbau, em 31 de Março de 1924, publicando-se regularmente até 1931. Dois anos depois do aparecimento do *Excelsior*, em 1926, seria a vez do *El Mundo Deportivo*, criado em Barcelona, em 1906, passar de trissemanal (saía às segundas, quartas e sextas-feiras) a diário. Em Madrid, a primeira tentativa de criar um diário desportivo seria em 1930, através do *Gran Sport*, que duraria dois meses.

O surgimento dos primeiros diários desportivos em Espanha foi muito tardio quando comparado com o caso inglês, francês ou belga. Convém recordar que a criação de diários desportivos na Europa remontava ao século anterior, iniciada em 1852 com o lançamento do *Sportman*, em Londres. Quatro décadas depois, em 1892, seria a vez da França se estrear no campo do jornalismo desportivo diário com o *Le Vélo*. E a vizinha Bélgica avançaria com o seu primeiro diário desportivo, *Les Sports*, em 1907.

2. O primeiro diário desportivo português

Em Portugal, o meio jornalístico desportivo só começou a ter alguma dimensão editorial e sustentabilidade noticiosa no início da década de 1920, o que justificava, em grande parte, a ausência até então de tentativas de criação de jornais desportivos diários. Recordemos que na década anterior, a média de novas publicações desportivas, lançadas anualmente, tinha rondado somente quatro a cinco periódicos. Esta média só começou a aumentar a partir de 1921, com o surgimento de 11 novos jornais desportivos (todos de cariz generalista), seguido em 1922 por mais 15 novas publicações (12 generalistas e 3 órgãos de clubes) e em 1923 por mais 17 (11 generalistas, 3 especializadas e 3 órgãos de clubes). Deste modo, no espaço de apenas três anos, surgiram 43 novas publicações desportivas em Portugal (34 generalistas, 6 órgãos de clubes e 3 especializadas), dando finalmente uma dimensão nacional e popular ao fenómeno do desporto e ao próprio jornalismo desportivo. A este cenário de crescimento havia que acrescentar o facto de se ter conseguido, principalmente através de três periódicos (*O Sport de Lisboa*, *Os Sports* e *Sporting*), a consolidação editorial deste género de jornalismo nos dois principais centros urbanos do País (Lisboa e Porto).

Este panorama de certa euforia à volta do desporto e do jornalismo desportivo em Portugal levaria diversas personalidades, ligadas ao meio jornalístico e desportivo, a ambicionar a criação do primeiro diário desportivo português, a exemplo do que sucedera noutros países europeus. Contudo, para a consecução dessa ideia era preciso que se reunissem vários factores. Em primeiro, para o diário ser bem sucedido era fundamental que os principais periódicos desportivos de Lisboa (*Os Sports*⁴) e Porto (*Sporting*) não estivessem em actividade, abrindo assim o espaço jornalístico necessário ao seu surgimento. Em segundo, o diário desportivo tinha que ter como base um corpo redactorial capaz de produzir diariamente um noticiário eclético e de qualidade, tarefa extremamente complicada num meio onde ainda imperava o

⁴ Em Março de 1924, *Os Sports* tinham um corpo redactorial muito consolidado, com cerca de 18 nomes importantes, entre redactores principais e colaboradores: Alexandre Correia Leal, Dr. César de Melo, Tenente Henrique Galvão, João Pinto d'Almeida, Augusto Farinha Beirão, Ruy Alves da Cunha, Artur Inês, Artur Santos, Carlos Augusto Farinha, Aragão d'Andrade, Pedro Peters, Eliseu de Carvalho, Severino Freire, F. Pinto Viegas, Moniz Pereira, António Veloso, Francisco Santos e Armando Ávila.

amadorismo. Além disso, tinha que constituir um corpo redactorial em Lisboa e no Porto, principais centros desportivos e de leitura jornalística do País, criando depois, gradualmente, uma rede de correspondentes nacionais e internacionais. Em terceiro, o diário teria que ser lançado numa altura em que o movimento desportivo português⁵ e internacional estivesse em grande frenesi, gerando por si mesmo um vasto noticiário, facilitando a tarefa de produção jornalística e aumentando o interesse do público. A tudo isto tinha que se aliar uma boa empresa tipográfica, que conseguisse imprimir diariamente o jornal (sem falhas, nem erros ortográficos, que descredibilizavam as publicações) e um alargado leque de postos de venda, assim como a adesão do público ao sistema de assinaturas (principal forma de venda de jornais desportivos na época) e do meio publicitário (embora reduzidas, as receitas de publicidade eram um complemento importante para os jornais desportivos).

Todo este leque de condicionantes iria reunir-se em Maio de 1924, levando uma das figuras que mais ambicionava criar um diário desportivo em Portugal, o portuense Oliveira Valença, fundador e chefe de Redacção do jornal *Sporting*, a avançar finalmente com a ideia, aliando-se para isso a outra figura do desporto nacional, o lisboeta Salazar Carreira. Um dos principais motivos para o arranque do diário foi a paragem temporária do popular trissemanário lisboeta *Os Sports*, em 5 de Abril de 1924 (com vista a uma remodelação gráfica e tipográfica) e do semanário portuense *Janeiro Desportivo*, em 3 de Maio de 1924 (suspensão definitivamente).

Com a saída de cena destes dois rivais, a direcção do outro periódico importante da época, o portuense *Sporting*, encabeçada por Oliveira Valença, decidiu suspender a publicação, em 14 de Maio de 1924, e avançar definitivamente com um diário desportivo. A este cenário juntava-se o facto de estarem a decorrer, desde o dia 4 de Maio, algumas provas com vista aos Jogos Olímpicos de Paris, cuja abertura oficial seria a 5 de Julho (disputando-se até 27 de Julho), aguardando-se com muito entusiasmo a participação da

⁵ O noticiário desportivo português estava muito dependente do futebol. Era normal, durante o período de Verão, com a paragem do futebol, os jornais reduzirem as tiragens e os dias de edição. E.g. *Os Sports*, no Verão de 1926, passou de trissemanal (segundas-feiras, quartas-feiras e sábados) para bissemanal (segundas-feiras e sextas-feiras), retomando a edição trissemanal a partir de Setembro, com o regresso do futebol.

maior representação⁶ portuguesa numas Olimpíadas, com 25 atletas em oito modalidades. Deste modo, os Jogos Olímpicos de Paris-1924 asseguravam o volume noticioso e o interesse público necessários para o arranque de uma publicação diária. Encontravam-se também em disputa, na sua fase decisiva, as principais provas futebolísticas portuguesas, acompanhadas sempre com enorme expectativa por milhares de adeptos, gerando assim mais uma área informativa de interesse para o público leitor de jornais desportivos.

Assente na ideia de se publicar diariamente, incluindo ao fim-de-semana, e com duas edições (uma destinada aos leitores de Lisboa e outra aos do Porto), a direcção do diário seria partilhada por Salazar Carreira, responsável pela Redacção lisboeta (na Rua do Mundo, n.º 125, 1.º) e Oliveira Valença, que ficaria encarregue da Redacção portuense (na Rua S. Bento da Vitória, n.º 10). Alicerçado na estrutura redactorial e tipográfica que até então tinha publicado consecutivamente 165 números do semanário *Sporting*, entre Março de 1921 e Maio de 1924, surgia na quinta-feira, 22 de Maio de 1924, o *Diário de Sport*, propriedade da Sociedade Portuguesa de Obras e Reclamos Tipográficos, Lda. (S.P.O.R.T., Lda.), sediada na Rua de Santa Catarina, n.º 103, 3.º, no Porto. No dia seguinte, na capa da «edição-sul» do *Diário de Sport*, o director Salazar Carreira explicaria no editorial «Apresentação» que o novo jornal tinha como missão lembrar constantemente as vantagens e as necessidades do desporto em Portugal, para que assim «o sport viva e prolifere». E as páginas do diário iriam servir apenas para dar a conhecer «as exigências da causa (desportiva), a indispensabilidade da propaganda da cultura física e a apologia do sport como meio de fortificação da raça.»

Apesar da «incredulidade do meio»⁷ e das vozes negativas que vaticinavam uma extinção quase imediata, o *Diário de Sport* conseguiria publicar 63 números. Futebol, remo, ciclismo, vela e boxe, assim como o acompanhamento diário dos Jogos Olímpicos de Paris, foram os temas em destaque nas suas edições, habitualmente de apenas quatro páginas (a sete colunas, com fotografias na capa), em formato grande (como a restante imprensa diária generalista de referência) e ao preço de 30 centavos.

6 As representações anteriores foram escassas: em Paris-1900 estiveram dois atletas, numa modalidade; em Estocolmo-1912, seis participantes em três modalidades; em Antuérpia-1920, dez atletas em duas modalidades.

7 A Redacção (1924, 23 de Maio). O dever dos leitores do Diário de Sport. *Diário de Sport*, p. 1.

Problemas de ordem financeira e de fornecimento de papel para impressão, aliados a alguma indefinição na empresa proprietária, fizeram com que o *Diário de Sport* anunciasse, no domingo, 3 de Agosto de 1924, a suspensão temporária, esperando regressar brevemente, após as devidas remodelações empresariais e gráficas. Mas esse regresso nunca se verificou, voltando sim o seu antecessor, o semanário *Sporting*, que a 14 de Novembro de 1924 retomou a publicação (e a numeração, n.º 166), novamente de cariz semanal, em papel cor-de-rosa e com o mesmo grafismo e lema «Pela Raça», cabendo agora a propriedade, edição e direcção a Oliveira Valença, que formou a empresa *Sporting, Lda.*, nova detentora dos direitos de publicação do *Sporting*.

A outra referência do jornalismo desportivo português, *Os Sports*, também mudaria de mãos durante a suspensão, que se verificou entre 5 de Abril e 25 de Setembro de 1924, passando da Empresa A Capital para a Empresa Desportiva Gráfica, Lda. O até então redactor principal, A. de Campos Júnior, assumiu a direcção, ficando Artur Santos a editor. Nesta nova etapa, *Os Sports* continuou a sair três vezes por semana (terças, quintas-feiras e sábados), lançando em 9 de Novembro de 1924 um suplemento ilustrado ao domingo de manhã, que tinha como objectivo fazer uma antevisão dos jogos de futebol que se realizavam à tarde (publicou-se até 27 de Março de 1927).

3. Jornais de referência: pontos de vista comuns

Entre 1924 e 1926, período no qual a imprensa periódica desportiva conheceria um enorme crescimento, o lisboeta *Os Sports* e o portuense *Sporting* mantiveram-se como os grandes pilares da imprensa desportiva portuguesa, isto apesar das suspensões e mudanças de proprietários e directivas que sofreram. A estabilidade editorial de ambas publicações deveu-se, em grande medida, à qualidade dos seus corpos redactoriais. Em Novembro de 1925, a saída de Campos Júnior da direcção de *Os Sports*, situação que normalmente causaria instabilidade, foi rapidamente ultrapassada com a chegada à chefia de Redacção do jovem jornalista Cândido de Oliveira, antiga estrela do futebol português que começara a carreira jornalística em 1920, na revista lisboeta *Football*. Em Maio de 1926, o nome de Cândido de Oliveira passaria a figurar como director, apresentando um novo subtítulo no

cabeçalho: «O Jornal Sportivo de Maior Tiragem e de Maior Expansão em Portugal», frase representativa do papel que *Os Sports* assumia no panorama do jornalismo desportivo português.

Quanto ao «Rosa», designação popular do jornal *Sporting* por ser impresso em papel cor-de-rosa, manteria uma linha editorial estável, assente na figura do director, Oliveira Valença, e na ideia da «Família 'Sporting'», bem patente na primeira página do número 181, de 26 de Março de 1925, dedicado ao quarto aniversário. Num balanço dos quatro anos de edição, a Redacção lembrou que o primeiro ano tinha sido de «trabalho e grandes prejuízos»⁸, o segundo ano «mais equilibrado»⁹, o terceiro de «ascensão»¹⁰ e o quarto «teria conquistado o limite»¹¹, se não tivesse sido pela tentativa, frustrada ao fim de 63 números, de criar o *Diário de Sport*. Mas o corpo redactorial não mostrou qualquer arrependimento por essa iniciativa, salientando que «o que fica e ficará eternamente, na história do sport português, é que o primeiro diário desportivo, da nossa língua, foi lançado pelo 'Sporting'»¹²

Em Março de 1925, o trabalho semanal de preparação do *Sporting* assentava em 11 figuras do jornalismo desportivo português (Dr. Urzel Horta¹³, Américo Tavares, Luís Martins, Eugénio Fiúza, Oliveira Valença, Carlos Vareta, Félix Jorge, Maria Teresa Santos Silva, Alberto Leite, Joaquim da Conceição e Manuel Santos) e em 32 correspondentes¹⁴ espalhados por Portugal continental, numa clara demonstração de que «o entusiasmo pelo desporto enraizou-se e hoje temos o prazer de verificar que no mais recôndito canto do País os usos desportivos são moda corrente.»¹⁵ Foi baseado nesta estrutura redactorial que, em Janeiro de 1926, o jornal decidiu passar de semanal a bissetimanal, o que lhe permitia manter uma maior actualidade noticiosa e abranger mais temáticas desportivas e de ordem política e social.

8 A Redacção (1925, 26 de Março). A família 'Sporting'. *Sporting*, p. 3.

9 Idem, *ibidem*.

10 Idem, *ibidem*.

11 Idem, *ibidem*.

12 A Redacção (1925, 26 de Março). 'Diário de Sport'. *Sporting*, p. 3.

13 Médico oftalmologista, exerceu em hospitais de Paris e Bordéus, tendo, no seu regresso a Portugal, montado um consultório no Porto. O contacto regular com o desporto em França levou-o a colaborar na imprensa portuguesa.

14 A lista de correspondentes foi publicada na edição de 26 de Março de 1925, pp. 8-9.

15 A Redacção (1925, 26 de Março). A Província afirma-se. *Sporting*, p. 8.

Além das tradicionais temáticas doutrinárias sobre a importância do desporto e da educação física¹⁶ na sociedade portuguesa, a linha editorial do *Sporting* foi igualmente incisiva na defesa do desporto feminino e de um novo papel social para a mulher portuguesa¹⁷. Outro tema recorrente nos editoriais e crónicas¹⁸ do «Rosa», em meados da década de 1920, foi a decadência e o desânimo nacional, chegando a descrever Portugal como um país que «vegeta»¹⁹, que «não pensa, não sonha, nem realiza nada»²⁰ e o português como uma «besta de carga»²¹, falta de «concepções grandes derivadas do trabalho mental»²². Neste contexto de desilusão, restava aos portugueses olharem para a França, que servia de «mestra, conselheira e exemplificadora a todos os outros povos»²³, nos mais variados campos: «nas artes, na literatura, nas ciências, na indústria e também nos desportos.»²⁴

Este género de afinidade com a França estaria igualmente patente nas páginas de *Os Sports* ao longo dos anos 1920. Habitualmente, os eventos desportivos davam azo a reflexões sobre o desporto e a identidade nacional de cada um dos países envolvidos. Foi precisamente isso que sucedeu em 17 de Abril de 1926, em que *Os Sports* aproveitou o primeiro encontro de futebol entre as selecções portuguesa e francesa, que se realizava no dia seguinte em Toulouse (França), para fazer algumas reflexões sobre as relações luso-francesas, definindo, na capa, a nação gaulesa como «o farol ou berço da civilização moderna», reconhecendo que era um país com quem Portugal tinha «notáveis afinidades», ao contrário do que sucedia com a Espanha, que nos despertava «a recordação de prélios antigos» e «o sentimento nacionalista».

Entre 1925 e 1926, os sentimentos de desilusão nacional foram-se acumulando nos editoriais de *Os Sports*, que passou a criticar regularmente «o espírito nacional do 'deixa andar'»²⁵ e «os vícios que infestam os nossos

16 Cf. Dr. Oliva (1925, 4 de Setembro). Educação Física. *Sporting*, p. 3.

17 Cf. A Redacção (1925, 15 de Outubro). A mulher e o desporto. *Sporting*, p. 3.

18 Um dos mais incisivos cronistas seria Sousa Martins, colunista habitual na secção «Modos de ver».

19 James (1925, 5 de Novembro). A escola desportiva. *Sporting*, p. 3.

20 Idem, ibidem.

21 Idem, ibidem.

22 Idem, ibidem.

23 Martins, S. (1924, 20 de Fevereiro). Modos de ver – A França e a raça latina. *Sporting*, p. 1.

24 Idem, ibidem.

25 Vieira, H. (1925, 25 de Abril). Foot-ball – Portugal-Espanha. *Os Sports*, p. 3.

hábitos de portuguezinhos descuidados»²⁶. O principal jornal desportivo do País chegaria mesmo a afirmar que «Portugal está desportugalizado»²⁷, numa alusão à falta de novos feitos históricos, literários e científicos. O desapontamento para com o País, cada vez mais latente entre os jornalistas desportivos, redundava, muitas das vezes, em ataques ferozes à sociedade portuguesa. Um dos artigos mais acutilantes que se pode encontrar na imprensa desportiva dos anos 1920 foi publicado na primeira página de *Os Sports*, em 6 de Dezembro de 1926, com o título «Salvemos os rapazes», assinado pelo director do jornal, Cândido de Oliveira. Nessa reflexão sobre Portugal, o autor afirmava que os portugueses tinham de «marroquino» aquilo que lhes faltava de europeus e dava um exemplo: «Abandonemos em Paris um português – e não há ninguém que o não aponte a dedo... O ar pacóvio com que mira e remira tudo e todos, denuncia-o e provoca o riso... Coloquemo-lo a falar diante de estrangeiros e temos a risota pegada. Somos em tudo e por tudo motivo de risota – de chacota impiedosa. Mas devemos confessar que não merecemos outra coisa. A galhofa é o justo castigo para esta nossa condição de habitantes desta grande aldeia, que é o nosso País, à força de isolar-se do mundo inteiro, para marchar um século atrasado dos outros povos.»

4. Rivalidades: a polémica morte de Kid Augusto

Apesar de partilharem princípios editoriais semelhantes, *Os Sports* e *Sporting* viveriam permanentemente de costas voltadas durante as décadas de 1920 e 1930. Na base dos constantes diferendos entre os dois periódicos, arrastando muitas vezes outros jornais, estiveram quase sempre os regionalismos exacerbados que rodeavam o futebol português. As permanentes disputas pela hegemonia futebolística, entre os clubes de Lisboa e do Porto, e as suas respectivas associações regionais, criariam um clima que ficaria conhecido como a «Guerra Norte-Sul»²⁸, germinada e alimentada, em

26 *Idem*, *ibidem*.

27 A Redacção (1925, 8 de Junho). Para quê tantos estrangeiros? *Os Sports*, p. 1.

28 As origens deste género de terminologia remontam aos primeiros jogos de futebol entre equipas das duas cidades, no início do século XX. Mas foi-se agravando a partir da década de 1910, com o início dos jogos entre as selecções de Lisboa e do Porto, geradores de polémicas e confrontações entre ambos os lados. Nos anos 1920, o jornal *Sporting* foi um dos que mais apelou ao sentimento de «guerra» entre o meio desportivo e jornalístico de Lisboa e do Porto, como demonstra o artigo «Vivamos em guerra!», publicado em 15 de Abril de 1925.

grande medida, pelas páginas dos jornais desportivos das duas cidades, que viram as suas tiragens aumentarem graças a essa conflitualidade.

As contendas jornalísticas revestiram-se de diversas facetas. Em Março e Abril de 1925, a imprensa desportiva lisboeta, com *Os Sports* à cabeça, envolveu-se numa troca de acusações com a imprensa portuense, liderada pelo *Sporting*, por causa da escolha do local (uns queriam Lisboa, outros o Porto) onde se devia realizar o quarto encontro de futebol entre as selecções de Portugal e Espanha, agendado para Maio (realizar-se-ia na Capital). O único jornal a manter uma postura apaziguadora foi *O Sport de Lisboa*, que pelo prestigiado jornalista Belo Redondo fez vários apelos à paz, em Abril de 1925. Um desses pedidos, com o título «Façamos a paz», teria como resposta um contundente ataque no *Sporting* de 15 de Abril de 1925, através do artigo «Vivamos em guerra!», assinado por Calheiros Lobo, que defendia uma «guerra franca, guerra aberta»²⁹ entre os desportistas e jornalistas desportivos do Norte e do Sul, questionando inclusivamente a necessidade de pacificação: «Para quê a paz, se ela não tem sido mais que uma guerra de sapa, falsa, em que o brio deste bom povo do Norte, do Norte que vai desde o Minho até umas léguas aquém do Mondego, era a todo o momento espezinhado pelos ‘amigos’ do Sul? Antes a guerra, mil vezes!»³⁰ Mas, entre os redactores desportivos portuenses, esta posição não era consensual. A secção desportiva do diário *O Comércio do Porto*, embora compreensiva com a postura do *Sporting*, veio acalmar os ânimos, insistindo na ideia de que acima dos interesses regionais estavam os do País, por isso deviam-se respeitar as decisões dos órgãos máximos do futebol português.

Decorridos apenas dois meses, em Junho de 1925, rebentou um novo conflito entre os dois jornais, com efeitos na restante imprensa periódica desportiva portuguesa. Na origem deste novo desentendimento esteve a controversa morte do pugilista Kid Augusto³¹, após um combate de boxe no Porto, organizado pelo jornal *Sporting*. A tragédia motivaria o artigo «Os

29 Lobo, C. (1925, 15 de Abril). Vivamos em guerra!. *Sporting*, p. 8.

30 Idem, ibidem.

31 Augusto dos Santos, nascido em África, era empregado do industrial portuense Sebastião Ferreira Mendes. Dotado de uma excelente estampa física, o jovem Kid Augusto (baptizado assim no meio desportivo) tentou carreira no boxe, onde não teria sucesso. Num combate contra Plotin, em Junho de 1925, no Porto, sofreu graves lesões, morrendo pouco depois, no Hospital. *Os Sports* defendeu que foi em consequência dessas lesões que ele morreu, enquanto que o *Sporting* alegou uma queda accidental, fora do ringue, que lhe causou um traumatismo craniano fatal.

Sports' acusa! – A morte do negro Kid Augusto», publicado na primeira página de *Os Sports* de 13 de Junho, em que o articulista Aragão de Andrade acusou a Federação Portuguesa de Boxe e o organizador, Oliveira Valença (director do *Sporting*), de serem os principais responsáveis pela fatalidade que tirou a vida ao jovem pugilista. As mais de uma dezena de acusações graves apresentadas por *Os Sports* teriam réplica no *Sporting* de 17 de Junho, no artigo «Um jornal de Lisboa abusando da impunidade da nossa terra brinca com a morte – Sempre os mesmos pulhas». Nessa análise ao sucedido, a Redacção do «Rosa» classificou as acusações de «infâmias», contrapondo aos «Acusamos» de *Os Sports* uma série de «Mentem». A amplitude do debate alastrou também às secções desportivas do *Diário de Notícias* (assinada pelo veterano Mário Sant'Ana), *O Século* (Cândido de Oliveira), *O Diário da Tarde* (Artur Inês), *A Tarde* (Henrique Vieira), *O Sport de Lisboa*, *O Correio da Manhã*, *O Diário do Povo*, *Domingo Ilustrado* e *Jornal de Notícias*, entre outros.

Em Janeiro e Fevereiro de 1926, novo duelo entre *Os Sports* e *Sporting*, com sucessivas respostas e contra-respostas, desta vez por causa do regulamento do Campeonato de Portugal, principal prova do calendário futebolístico português. E em Junho desse ano, o *Sporting* investiria contra aquilo que designava como «a ditadura tirânica da capital»³² no seio das principais federações desportivas do País, ataque que mereceu refutações duras nos jornais lisboetas, entre eles o crónico adversário *Os Sports*.

Este permanente clima de hostilidade entre os periódicos teria as suas naturais repercussões no meio desportivo português, ainda pouco habituado a lidar com as críticas e polémicas jornalísticas. Em inícios de Julho de 1926, o jornalista de *Os Sports*, Reinaldo Silva Monteiro, especialista em esgrima, foi esbofetado nas ruas de Lisboa pelo esgrimista Mário de Noronha, alvo de algumas críticas na secção de esgrima do jornal lisboeta. Nessa mesma altura, a direcção do *Sporting* CP passou a impedir o livre acesso ao balneário por parte dos jornalistas, sendo o primeiro clube de futebol a fazê-lo, o que gerou uma forte onda de contestação nos jornais, encabeçada pelo correspondente lisboeta (Belo Redondo) do periódico *Sporting*³³. Como represália, alguns periódicos avisaram os leitores que «não poderiam contar com boas

32 A Redacção (1926, 8 de Junho). A política do exclusivismo. *Sporting*, p. 3.

33 Cf. Redondo, B. (1926, 9 de Julho). Os jornalistas e os clubs. *Sporting*, p. 6.

reportagens do que passasse no Campo Grande, visto que um director (Francisco Strop) do Sporting CP se opunha à propaganda das provas desportivas»³⁴ que se realizavam no campo do clube leonino. E lamentavam aquilo que designavam como «horror à letra redonda»³⁵, um «mal tremendo»³⁶ que afectava os dirigentes e desportistas portugueses, nada receptivos às críticas jornalísticas.

Este tipo de restrições à acção dos jornalistas desportivos, que em nome da «causa desportiva»³⁷ se advogavam o direito a poder entrar em todos os locais e espaços ligados ao desporto, tiveram o condão, muitas das vezes, de unir uma classe de por si dividida e permeável a cisões. As poucas manifestações de união entre jornalistas desportivos traduziam-se nos torneios de futebol inter-jornalistas³⁸. A principal prova desse género era a Taça Armando Machado (figura de renome do jornalismo desportivo no início do século XX), instituída pelo jornal *O Século* (ideia do jornalista Alfredo Wunderli, para homenagear o famoso colega), disputada em Lisboa entre as equipas de futebol formadas pelos jornalistas dos periódicos desportivos. *O Sport de Lisboa* e *Os Sports* foram dominadores durante a década de 1920, protagonizando finais em que juntaram alguns milhares de pessoas e dezenas de colegas, como sucedeu em 13 de Janeiro de 1924, no Campo de Palhavã, em Lisboa. Ironicamente, fora de campo, ambas publicações eram rivais constantes, sucedendo-se os pequenos conflitos jornalísticos³⁹.

5. O primeiro Porto-Lisboa inter-jornalistas

A falta de uma associação de classe – não faltaram tentativas, sempre frustradas, de criação de um organismo unificador para os jornalistas

34 Idem, *ibidem*.

35 Idem, *ibidem*.

36 Idem, *ibidem*.

37 Idem, *ibidem*.

38 Em 16 de Março de 1924, no Campo Grande (estádio do Sporting CP), em Lisboa, realizou-se uma das mais emblemáticas festas desportivas dos jornalistas lisboetas, contando inclusivamente com a presença do presidente da República, Manuel Teixeira Gomes. Uma equipa de futebol formada por jornalistas de Lisboa (Artur Inês, H. Vieira, F. Beirão, Adão, Cândido de Oliveira, Belo Redondo, Ribeiro dos Reis, Raul de Oliveira, Matheiro, Aragão d'Andrade e Félix Bermudes) enfrentou o Carcavelos Club, perante milhares de adeptos.

39 A secção «Ecos e factos» de *Os Sports* apresentaria regularmente pequenas notas sobre a relação queziliante com *O Sport de Lisboa*, como sucedeu em 10 de Janeiro de 1924 e 28 de Abril de 1926. A secção «Ecos» de *O Sport de Lisboa* faria o mesmo, ironizando com o rival, como fez em 10 de Maio de 1925.

desportivos –, a forte concorrência entre a imprensa desportiva, a instabilidade do meio desportivo, o escasso mercado de leitores e de notícias, e as regulares quezílias entre jornalistas (desportivos e generalistas⁴⁰) criaram um ambiente extremamente volátil, pouco receptivo a campanhas ou iniciativas unificadoras entre uma classe profissional (a dos jornalistas desportivos) pouco solidária. Somente perante um objectivo maior⁴¹ (caso da popularização da ideia de desporto) ou uma causa nacional, como era, em meados da década de 1920, a Selecção Nacional de Futebol (vista como um símbolo de representação nacional), é que a imprensa desportiva, ou pelo menos uma parte dela, tentava unir esforços. Em finais de Abril de 1925, *Os Sports* e *O Sport de Lisboa* associaram-se e fizeram uma convocatória à restante imprensa desportiva lisboeta «a fim de deliberar sobre a forma de imprimir o máximo de propaganda e de brilhantismo ao próximo Portugal-Espanha em football»⁴², que se disputava a 17 de Maio. Na noite de sábado, 2 de Maio, nas instalações provisórias de *Os Sports*, na Praça Luís de Camões, n.º 22, em Lisboa, reuniu-se um elevado número de jornalistas desportivos da Capital, que decidiram unanimemente tomar três medidas conjuntas:

1.º: Não discutir a constituição da 'equipe', para não produzir a costumada controvérsia desorientadora, deixando ao seleccionador uma perfeita liberdade, isenta de toda a sugestão.

2.º: Esmagar a campanha derrotista de defecção e intriga, que os bons patriotas se preparavam para levar a efeito e estava sendo particularmente alimentada por certos elementos irritados, de tal forma desejosos de uma derrota que recusaram toda a colaboração ao esforço nacional.

3.º: Criar em volta dos nossos jogadores uma atmosfera de confiança, fazendo-o, porém, **discretamente**, para que um possível desaire não pudesse criar-nos uma situação risível.

(A Redacção (1925, 3 de Junho). Dever cumprido. *O Sport de Lisboa*, p. 2)

40 As colunas desportivas dos jornais generalistas não ficaram imunes às polémicas, chegando a protagonizar alguns focos de instabilidade, como sucedeu em finais de 1925, quando os redactores desportivos do *Diário de Notícias* (Rebello da Silva) e de *O Século* (Salvador do Carmo) se envolveram numa troca de insultos pessoais.

41 A imprensa refreava também as críticas quando podia estar em causa o prestígio nacional. Foi o que sucedeu com *Os Sports*, em Abril e Maio de 1926, quando estabeleceu um período de «Tréguas» (cf. edição de 28 de Abril de 1926) nas duras críticas ao presidente do Comité Olímpico Português, José Pontes, que apelidava ironicamente de «Grande Apóstolo», durante a visita a Portugal do Comité Olímpico Internacional.

42 A Redacção (1925, 29 de Abril). Um convite à imprensa desportiva. *Os Sports*, p. 1.

Esta resolução conjunta – na linha do que a imprensa espanhola fizera com a sua selecção durante a eliminatória olímpica com Itália no ano anterior –, foi cumprida na íntegra pela imprensa lisboeta, levando um dos organizadores e subscritores da iniciativa, *O Sport de Lisboa*, a congratular-se «pela maneira brilhante de civismo, de disciplina, de critério e de solidariedade»⁴³ com que «os queridos camaradas da imprensa de Lisboa»⁴⁴ desempenharam «tão nobre compromisso»⁴⁵. E era de esperar que todos aqueles que numa «febre de bairrismo»⁴⁶ não assumiram esse compromisso, deviam no final saber «reconhecer no espírito de classe e no gesto de civismo da imprensa lisboeta, um grande exemplo, muito digno de ser seguido.»⁴⁷ Ausente deste acordo tinha ficado a imprensa portuense, que durante os meses anteriores tinha feito campanha a favor do jogo Portugal-Espanha se realizar no Porto, o que não veio a suceder. As feridas criadas por esse diferendo, aliadas à pouca presença de jogadores das equipas do Porto na Selecção Nacional, fizeram com que os jornalistas portuenses se tivessem mantido à margem da iniciativa conjunta da imprensa da Capital.

Os ânimos exaltados entre a classe jornalística desportiva das duas cidades só acalmaram no início do ano seguinte, quando os órgãos máximos do futebol português decidiram escolher, pela primeira vez, a cidade do Porto para acolher o sexto jogo internacional da Selecção Nacional de Futebol, marcado para 24 de Janeiro de 1926, contra a Checoslováquia. A imprensa desportiva portuense rejubilou, permitindo uma aproximação à lisboeta (os principais jornalistas desportivos de Lisboa iriam deslocar-se ao Porto para fazer a cobertura do encontro). Deste modo, foi com naturalidade que surgiu a ideia de realizar a primeira partida de futebol Porto-Lisboa inter-jornalistas, iniciativa que teve «o melhor acolhimento por parte de todos os interessados»⁴⁸, já que possibilitaria criar esperanças de «um próximo futuro de leal confraternização e estreita camaradagem entre todos os que, em

43 A Redacção (1925, 3 de Junho). Dever cumprido. *O Sport de Lisboa*, p. 2.

44 Idem, *ibidem*.

45 Idem, *ibidem*.

46 Idem, *ibidem*.

47 Idem, *ibidem*.

48 Martins, L. (1926, 20 de Janeiro). O I Porto-Lisboa inter-jornalistas. *Os Sports*, p. 5.

Portugal, se consagram à delicada e fatigante tarefa de propagandear a causa da educação física.»⁴⁹

O jornal *Os Sports*, através do correspondente no Porto, Luís Martins, exultou com a possibilidade da confraternização, afirmando na secção «Página de Football», de 20 de Janeiro de 1926, que o encontro permitiria, finalmente, estabelecer entre os jornalistas desportivos portuenses e lisboetas «o indispensável convívio, espalhando uma atmosfera de confiança e transformando-os de adversários, que até agora têm sido, em amigos dedicados, aos quais não possa malquistar qualquer diversidade de opiniões que um ou outro entenda dever expandir.»⁵⁰ O jogo acabaria por se realizar no Campo do Covelo, no Porto, no sábado 23 de Janeiro de 1926, véspera do Portugal-Checoslováquia, tendo juntado duas selecções que reuniam os nomes mais sonantes do jornalismo desportivo portuense e lisboeta⁵¹. Seria uma «excelente afirmação da amizade existente entre os plumitivos das suas cidades», como afirmaria a revista lisboeta *Eco dos Sports*, na edição inaugural de 7 de Março de 1926, publicando inclusivamente uma fotografia com 21 jornalistas que participaram no evento (tirada no terraço do prestigiado diário portuense *O Primeiro de Janeiro*).

6. Apogeu da informação desportiva generalista

Entre 1924 e 1926 continuou a verificar-se um crescimento da imprensa desportiva generalista portuguesa, dando seguimento aos três anos anteriores (1921 a 1923), durante os quais tinham surgido 34 novos periódicos deste género em Portugal (Continente, Ilhas e Províncias Ultramarinas). A expansão regionalista do desporto, assente na popularidade do futebol, trouxe consigo um crescente interesse do público, o que aliado à ideia de que o «desenvolvimento da raça»⁵² dependia em «larga escala da cultura dos sports atléticos»⁵³, fez com que mais entusiastas do desporto se aventurassem no

49 Idem, *ibidem*.

50 Idem, *ibidem*.

51 E.g. por Lisboa jogaram: Artur Inês (capitão); Malheiro e Vieira; Aragão, Ribeiro dos Reis e Cândido de Oliveira; Belo Redondo, Correia Leal, Borges de Castro, Ricardo Ornelas e H. Costa. Suplentes: Freitas, Barradas, Félix Bermudes, Salazar Carreira, Licínio de Miranda e H. Santos.

52 A Redacção (1924, 13 de Janeiro). O 'Sport' e a necessidade da sua existência. *Sport*, p. 1.

53 Idem, *ibidem*.

jornalismo, de forma a promovê-lo. Além disso, existia a necessidade de combater aqueles para quem o exercício físico continuava a ser «um motivo de instintiva repugnância»⁵⁴, desconhecendo «o alto valor da sua prática racional e inteligente»⁵⁵, situando-se nesta esfera de pensamento uma parte considerável da intelectualidade portuguesa.

Neste contexto, proliferava na imprensa periódica desportiva a ambição de renovar a mentalidade da «mocidade portuguesa», através de uma «educação espartana». Um dos editoriais que melhor sintetizou este conjunto de aspirações ideológicas dos jornais desportivos foi publicado no conimbricense *Sport*, em 13 de Janeiro de 1924:

Queremos uma raça intrépida, uma raça que sinta girar nas veias o sangue puro dos heróis. Queremos uma raça que constitua o alicerce da nossa independência, como já fora outrora a razão máxima da nossa existência no mundo tempestuoso das conquistas. Queremos uma Pátria de verdadeiros homens, cujo valor moral, físico e intelectual nos imponha no conceito das nações europeias e não uma *capoeira* de políticos cuja moralidade roça, por vezes, as fronteiras da depravação e do crime.

O mens sana in corpore sano dos gregos será a nossa divisa eterna. O milagre da nossa ressurreição colectiva reside na sua aplicação racional e culta. A educação espartana, dando ao organismo a necessária preparação para a luta, a audácia, a combatividade, a resistência à fadiga e à dor, o culto pelos fortes, pelos estóicos e pelos heróis, impõe-se à juventude portuguesa, perfeitamente abandonada pela nossa *pseudo-élite* governativa e dirigente. Ai da nossa Pátria se não soubermos orientar a mocidade que descamba no caminho do vício e da desmoralização atterradora. (A Redacção (1924, 13 de Janeiro). O 'Sport' e a necessidade da sua existência. *Sport*, p. 1)

Esta linha editorial seria transversal aos 42 jornais desportivos generalistas que surgiram em Portugal entre 1924 e 1926. Um número impressionante. Principalmente se tivermos em linha de conta as dificuldades com que se debatiam os periódicos: o desporto estava ainda numa fase de consolidação na sociedade portuguesa, ao que se juntava um número reduzido de leitores (a taxa de analfabetismo mantinha-se alta, dos 75,1 por cento em

54 *Idem*, *ibidem*.

55 *Idem*, *ibidem*.

1911 baixaria somente para 67,8 por cento em 1930) e os elevados custos de produção dos jornais. E não podemos esquecer que a tendência evolutiva do número de publicações periódicas em Portugal (Continente e Ilhas), no seu geral, foi decrescendo a partir de 1923. Recordemos que entre 1921 e 1923, o número total de periódicos cresceu anualmente de 480 (em 1921) para 503 (1922) e 532 (1923). Em 1924 e 1925 baixaria para 471, só voltando a subir em 1926, para as 487 publicações periódicas (cuja principal fatia eram políticos: 167). A tendência de criação de novos periódicos desportivos (considerando os generalistas, especializados, órgãos institucionais e de clubes, e artístico-desportivos) foi de constante crescimento entre 1921 e 1926, com excepção de 1925: 11 em 1921, 15 em 1922, 17 em 1923, 25 em 1924, 17 em 1925 e 27 em 1926. Desta forma, em apenas três anos (1924 a 1926) apareceria um total de 69 novos jornais desportivos (42 generalistas, 10 especializados, 14 institucionais e de clubes e três artístico-desportivos⁵⁶), espalhados por todo o País (Continente e Ilhas, nenhum nas Províncias Ultramarinas), com predominância de Lisboa (33 jornais), seguindo-se Porto (5) e Coimbra (3).

O ano de 1924, com as suas 25 novas publicações desportivas, marcaria claramente um dos pontos altos da produção jornalística portuguesa dedicada ao desporto. Pela primeira vez se ultrapassou a vintena de novas publicações desportivas lançados num só ano (o que apenas se voltaria a repetir uma outra vez em todo o século XX, em 1926), o que constituía uma novidade na história da imprensa periódica desportiva portuguesa. Convém também salientar que nesse ano, além dos 25 novos jornais (um deles diário, o primeiro em Portugal), estavam em actividade regular mais 15 periódicos desportivos que tinham surgido em anos anteriores, destacando-se o trio formado pelo trissemanário *Os Sports* (Lisboa, 1919-1945) e pelos semanários *O Sport de Lisboa* (Lisboa, 1915-1934) e *Sporting* (Porto, 1921-1953). Deste modo, em 1924 registou-se a actividade de 40 publicações periódicas desportivas em Portugal, um número impensável no final da década anterior, marcado pelo

56 Em 1924 publicaram-se dois periódicos que juntavam desporto e cinema: em 15 de Março de 1924 saiu o *Cine-Sport – Mensário do Cinema, Circo e Sport*, em Lisboa, dirigido por Jaime de Mira Leal, tendo publicado mais seis números, até Agosto de 1924; em Outubro de 1924, após uma remodelação completa, sai a *Cine-Sport – Revista Quinzenal de Sport*, dirigida por António Lourenço, tendo o desporto como tema principal das suas 22 edições de grande qualidade noticiosa e gráfica, terminando em Fevereiro de 1926 (numa altura em que era semanal). Em Fevereiro de 1925 seria a vez de sair o primeiro (e único) número da *Revista de Arte e Sport – Publicação Mensal de Teatro, Literatura, Coreografia e Sport*, com Gentil dos Santos a redactor desportivo.

parco aparecimento de quatro novos jornais desportivos ao ano, como sucedeu em 1919 e 1920.

Seguindo a tendência dos três anos anteriores, a maior concentração de novos periódicos desportivos em 1924 foi na área da imprensa desportiva generalista, publicando-se 16 novos títulos, espalhados por 12 cidades, claro indicador da popularização do desporto a nível regional. Uma parte destes periódicos teria uma vida efémera, como sucedeu com *O Arauto Desportivo*⁵⁷ (Lisboa, 1924), *Acção Desportiva* (Pombal, 1924), *Acção Desportiva*⁵⁸ (Barreiro, 1924) e *Desportivo*⁵⁹ (Caldas da Rainha, 1924). Outra fatia de periódicos conseguiria manter-se em actividade alguns meses, como foram os casos do *Eco Sportivo*⁶⁰ (Tomar, 1924), *A Gazeta Sportiva*⁶¹ (Sintra, 1924), *Desportiva – Revista de Sport*⁶² (Braga, 1924), *O Desporto*⁶³ (Pombal, 1924), *Porto Sportivo*⁶⁴ (Porto, 1924), *Leiria Desportiva*⁶⁵ (Leiria, 1924) e *Sport*⁶⁶ (Coimbra, 1924).

As principais causas que explicavam o fim prematuro das publicações desportivas não eram muito distintas das que afectavam o resto da imprensa portuguesa: o elevado preço do papel e dos custos de composição e

57 Dirigido por Fernando Vale, *O Arauto* (sucessor de *A Aviação*, lançado em Março de 1924) apareceu em 11 de Maio de 1924, passando no número seguinte, de 1 de Junho, a apresentar-se como *O Arauto Desportivo*, dando especial destaque à travessia aérea Lisboa-Macau. Publicou somente quatro números, até 4 de Julho de 1924.

58 *Acção Desportiva – Jornal defensor do desporto do sul do distrito de Lisboa* saiu apenas duas vezes, a 1 e 25 de Setembro de 1924, sob a alçada dos redactores José d'Oliveira Gendre e José Pereira Herbon.

59 *Desportivo – Publicação quinzenal de Sport e Recreio* apresentou-se em 1 de Dezembro de 1924, com um programa curto: «Propagar e divulgar o sport». Dirigido por João de Campos Marques e Abel Augusto Simões, publicou quatro edições, ao preço de 50 centavos, até 15 de Janeiro de 1925.

60 Dirigido por Luis V. dos Santos, o *Eco Sportivo – Quinzenário Sportivo e Noticioso* saiu a 13 de Julho de 1924, com quatro páginas dedicadas ao desporto de Tomar. Saíram 14 números, até 31 de Dezembro de 1924.

61 *A Gazeta Sportiva – Semanário Sportivo* publicou-se entre 28 de Agosto e 11 de Dezembro de 1924, num total de 16 edições (a 30 centavos), sob a direcção de Emílio Simões Raposo e Manuel Mesquita.

62 O quinzenário *Desportiva – Revista de Sport* estreou-se em 15 de Setembro de 1924, com 18 páginas ao preço de 1\$50 escudos, sob a direcção de Celestino Lobo. Em 15 de Novembro de 1924, entrou numa troca de acusações com a imprensa do Porto, por causa do profissionalismo no futebol. Terminou a publicação em 16 de Maio de 1925 (n.º 17).

63 Ligado ao Grupo Sportivo 1.º de Maio, *O Desporto* apresentava um noticiário regional e nacional alargado, contando com Alfredo David como redactor-principal. Publicou-se, de forma irregular, entre 1 de Maio de 1924 e 15 de Agosto de 1925 (n.º 15). Promoveu diversas provas desportivas, contando com o apoio do jornal *O Imparcial*.

64 Após uma breve existência em 1918, aparecia a 1 de Junho de 1924 a II série do semanário *Porto Sportivo*, dirigido por Emílio Viterbo e A.P. Machado. Teria vida curta, publicando-se até 12 de Outubro de 1924. Reapareceu a 10 de Maio de 1925 (III série), extinguindo-se novamente.

65 Criada por um grupo de jovens entusiastas do desporto, *Leiria Desportiva* saiu a 2 de Outubro de 1924, dirigida por Mário Ribeiro de Oliveira, tendo-se publicado até 21 de Maio de 1925 (n.º 30).

66 Dirigido por David dos Santos, o *Sport* foi lançado a 13 de Janeiro de 1924, dando destaque ao futebol regional. Faria campanha a favor da construção do 'Stadium de Coimbra', terminando a 28 de Dezembro de 1924 (n.º 32).

impressão, a que se aliavam os problemas com a distribuição postal (com queixas regulares dos assinantes pela demora ou falha na entrega dos exemplares) e as dificuldades na cobrança das assinaturas. Havia ainda que acrescentar o facto da maioria dos periódicos desportivos regionais ter um mercado de vendas restrito, o mesmo sucedendo com o meio publicitário. Além disso, a propriedade, a direcção e os corpos redactoriais dos jornais eram, habitualmente, constituídos por grupos de jovens que, apesar da enorme vontade em popularizar o desporto na sua cidade ou região, contavam com pouco poder económico e falta de experiência para enfrentar as dificuldades inerentes a publicar regularmente um periódico. Mas as dificuldades do jornalismo desportivo regional não se ficavam por aqui, tendo também que contornar «a pobreza em acontecimentos noticiáveis»⁶⁷, vendo-se os jornalistas muitas vezes «atrapalhados com a preocupação do assunto a arranjar»⁶⁸. Restava, em certas ocasiões, «inventar o assunto»⁶⁹, recorrendo ao «espírito fantasioso dos jornalistas»⁷⁰, a exemplo do que faziam «os grandes periódicos, os mastodontes da informação»⁷¹ portuguesa.

7. Questões éticas

Em 1924, o avolumar de periódicos desportivos trouxe consigo as naturais reflexões ideológicas e éticas sobre o papel do jornalismo desportivo. Uma das ideias consensuais na imprensa desportiva era a de que esta devia «combater a decadência das raças»⁷², devendo para isso «encetar uma propaganda de regeneração dos costumes, moralizadora do meio e purificadora dos caracteres»⁷³. Era igualmente unânime, entre a classe jornalística desportiva, que se devia acabar com as «avultadas gorjetas»⁷⁴ que alguns jornalistas continuavam a receber para favorecer ou criticar determinada facção ou interesse desportivo, dando azo a sucessivas quezílias e

67 A Redacção (1924, 9 de Outubro). Do assunto... *Leiria Desportiva*, p. 2.

68 Idem, ibidem.

69 Idem, ibidem.

70 Idem, ibidem.

71 Idem, ibidem.

72 A Redacção (1924, 29 de Junho). Taça Educativa. *Porto Sportivo*, p. 1.

73 A Redacção (1924, 31 de Agosto). Insistindo. *Porto Sportivo*, p. 1.

74 A Redacção (1924, 13 de Novembro). Da informação... *Leiria Desportiva*, p. 1.

desmentidos. Começou-se a ter consciência de que, para ganhar a confiança dos leitores, os jornalistas desportivos deviam «informar com a maior independência de vistas, imparcialidade e correcção, qualidades reveladoras de são carácter e consciência limpa.»⁷⁵

Alguns jornais começaram a fazer a defesa de uma «moral desportiva»⁷⁶ aplicada ao jornalismo, incentivando a melhoria das análises jornalísticas desportivas, dominadas pela figura da «crónica-relato»⁷⁷, em que se fazia apenas a mera exposição dos acontecimentos, «sem uma crítica severa contra os que pretendem levantar a confusão no meio, sem uma palavra de queixume para aqueles que querem assassinar a nossa obra verdadeiramente patriótica»⁷⁸. No entanto, «censurar e atacar antes de tempo»⁷⁹ nunca poderia ser «a missão da imprensa desportiva»⁸⁰, já que assim entraria no «campo da difamação»⁸¹, nefasto para a credibilidade jornalística.

Uma das publicações que mais se dedicou à análise do jornalismo desportivo português em 1924 seria o lisboeta *Sport Ilustrado Jornal*, pela pena do «Colaborador Z». No número inaugural, de 17 de Setembro de 1924, no artigo «Verdades», publicado na capa, afirmava-se que para se ser jornalista não bastava «saber escrever», era necessário também «pensar». E no jornalismo desportivo era «obrigatória mais uma qualidade: ser falso, hipócrita.» O «Colaborador Z» explicava: «Para ter cotação no meio dos chamados colegas é indispensável falsear como eles, aprender os sorrisos irónicos deles, saber receber num aperto de mão todo o rancor que lhes vai na alma. Um sorriso de alguns desses jornalistas corresponde a uma demonstração de ódio, um olhar a uma vibração de raiva.» Face a isto, ser jornalista desportivo em Portugal significava «sujeitar-se a situações caricatas, a ataques de toda a espécie, a injúrias sem nome.»

Na edição seguinte, de 27 de Setembro de 1924, continuando a análise ao tema, o «Colaborador Z» defendia novamente na primeira página que existiam duas formas de fazer jornalismo desportivo: «Há o jornalismo torpe, de

75 Idem, ibidem.

76 A Redacção (1924, 17 de Junho). A imprensa desportiva e os desportistas. *O Arauto Desportivo*, p. 1.

77 Vasas (1924, 1 de Junho). O Sport – Coeficiente de correcção das raças. *Porto Sportivo*, p. 1.

78 Idem, ibidem.

79 A Redacção (1924, 17 de Junho). A imprensa desportiva e os desportistas. *O Arauto Desportivo*, p. 1.

80 Idem, ibidem.

81 Idem, ibidem.

vendilhões, de cínicos, de hipócritas e de falsários. Este é o que vamos atacar. Há o outro, o honesto, o sincero, aquele que de todas as formas deve ser apreciado, discutido e admirado por aqueles que vêem no sport uma causa cheia de benefícios e de purezas, o sport tal qual é e deve ser. Os primeiros são uma, felizmente, reduzida alcateia de impostores, de miseráveis, cheios de impurezas na sua vida, corroídos pela podridão do seu pensar, do seu proceder.» E o que movia estes jornalistas não era a «amizade» à causa desportiva, mas sim a «necessidade de poder», vivendo para isso «das campanhas e do escândalo», seguindo uma estratégia muito bem definida: «Escogitam nas profundezas da sua perversidade, os pontos iniciais dum ataque a uma obra, a uma vida, a uma criatura. Tentam depois manejá-la, dar-lhe vida, acalentá-la durante indeterminado tempo – o tempo suficiente para que haja alguém que, cheio de receios, ofereça dinheiro capaz de, por um certo tempo, lhes tolher a língua e paralisar-lhes o braço. Fazem-se, alguns deles, sábios e doutores em matéria desportiva. Outros, vivem dos escudos com que foram pagas notícias publicadas em jornais de que são empregados, mas a quem não são passados recibos delas. Conhecemos de tudo, infelizmente.»

8. Inovações gráficas e editoriais

Além deste cariz reflexivo e doutrinário sobre o jornalismo desportivo português, o *Sport Ilustrado Jornal* foi também inovador a nível editorial, sendo um dos primeiros suplementos informativos criados por uma revista dedicada à fotografia desportiva, a *Sport Ilustrado*, que tinha como subtítulo «Publicação Quinzenal de Fotografia de Sport». Lançada em Lisboa, em 29 de Março de 1924, num papel branco de boa qualidade (formato 30x20), a revista *Sport Ilustrado* contava com dois nomes de vulto do jornalismo desportivo português, um na direcção, João de Barros, e outro na edição, Armando Rato, cabendo a impressão à Tipografia A Rápida, situada na Calçada Marques de Abrantes, n.º 78-80, em Lisboa. As suas oito páginas inaugurais eram integralmente ocupadas por fotografias desportivas, em especial de futebol, em detrimento do texto jornalístico. As excelentes fotografias eram da autoria de Arnaldo

Garcez⁸² e Norberto Diniz, aos que se juntou, pouco depois, Armando Silva, fotógrafo do Porto. E o inovador grafismo da revista coube ao desenhador António d'Almeida.

Apesar do custo elevado (1\$20 escudos por número), a edição inaugural da *Sport Ilustrado* esgotou-se, gerando enorme procura os números seguintes, que passaram a contar com cor na capa, uma novidade para a época. Em Maio de 1924, dada a boa receptividade da publicação, a direcção decidiu avançar com a criação de um *placard* informativo (junto à famosa Tabacaria La Gare, na Praça D. João da Câmara, frente à Estação do Rossio, em Lisboa), onde passou a afixar diariamente as principais notícias e frases do desporto nacional e internacional. A popularidade do periódico aumentou de tal forma que em Julho de 1924 já se definia como «a revista preferida pelo público que ao sport dedica um pouco da sua atenção»⁸³.

Em 17 de Setembro de 1924, de forma a colmatar o pouco espaço dado ao texto noticioso, a direcção da *Sport Ilustrado* decidiu criar o *Sport Ilustrado Jornal*, saindo quinzenalmente (com quatro páginas em papel normal, formato 45x32, ao preço de 50 centavos), nos sábados em que não se publicava a revista. Assim, à *Sport Ilustrado* caberia a publicação de boas fotografias e frases simbólicas do desporto, ficando o *Sport Ilustrado Jornal* com os «artigos técnicos, críticas conscienciosas, comentários e noticiário diverso»⁸⁴, sendo ambas publicações dirigidas por João de Barros até Novembro de 1924, altura em que Armando Rato assumiu a direcção. Precisamente nesse mês, o *Sport Ilustrado Jornal*⁸⁵ deixou de sair, passando a revista a publicar-se três vezes por mês, em vez de duas. Mas a pouca publicidade e a gradual quebra nas vendas fez com que a *Sport Ilustrado* chegasse ao fim⁸⁶ em 15 de Fevereiro de 1925, quando era dirigida por Narciso Simões Alves.

Igualmente inovadora, mas mais consistente, seria a revista quinzenal *Foto-Sport*, que apareceu duas semanas antes da saída da *Sport Ilustrado*, em 15 de Março de 1924. Dirigida por A. de Campos Júnior (que acumulava com a

82 Nesta altura, Arnaldo Garcez abriu no chiado a Casa Garcez, dedicada à fotografia. Em Maio de 1924 foi exibido neste espaço o filme cinematográfico que Arnaldo Garcez realizara sobre o jogo de futebol Sporting CP-Celta de Vigo.

83 A Redacção (1924, 26 de Julho). Os melhoramentos do *Sport Ilustrado*. *Sport Ilustrado*, p.10.

84 A Redacção (1924, 17 de Setembro). *Sport Ilustrado*. *Sport Ilustrado Jornal*, p. 1.

85 Saiu apenas quatro vezes, até 1 de Novembro de 1924, apresentando sempre um noticiário nacional alargado, contando com correspondentes no Porto e Coimbra. Espanha estaria em destaque na secção internacional.

86 Ainda tentaria regressar, com uma segunda série, em 13 de Junho de 1925, mas sem sucesso.

direcção de *Os Sports*) e João Pinto d'Almeida, a *Foto-Sport* centrou-se na publicação de fotografias desportivas, com realce para o futebol, contando com dois fotógrafos: Francisco Santos e A. Salazar Dinis, cujos nomes apareciam no cabeçalho como «redactores fotográficos». Impressa na Tipografia Adolfo Mendonça, em Lisboa, a revista publicava-se em papel branco de boa qualidade (formato 31x22), conciliando nas suas habituais 16 páginas (três dedicadas a anúncios de publicidade⁸⁷) um vasto número de fotografias desportivas, acompanhadas de um breve comentário.

As suas excelentes capas faziam com que a *Foto-Sport* fosse bem acolhida no meio desportivo lisboeta, apesar do preço elevado (3\$00 escudos), abrindo gradualmente as páginas a fotografias desportivas do Porto, Évora, Tomar e Coimbra, entre outras regiões, surgindo em finais de 1924 uma secção fotográfica dedicada ao desporto nas Províncias Ultramarinas, em África. Entre Abril e Maio de 1924, a revista aumentou o seu prestígio graças ao lançamento de um popular «Concurso de Fotografias»⁸⁸ (com um prémio aliciante de cem escudos, que visava a eleição da melhor fotografia de futebol que fosse enviada para a revista) e à publicação de artigos de fundo sobre várias modalidades, assinados por alguns nomes sonantes do jornalismo desportivo: Alexandre Correia Leal, sobre atletismo; Salazar Carreira (que viria mais tarde a ser director), sobre atletismo e rãguebi; Aragão d'Andrade, boxe; António Silva, natação; Ruy Mayer, esgrima; e Plácido Duro, ténis. E nos meses seguintes iria sobressair na cobertura aos Jogos Olímpicos de Paris. Esta consistência editorial e redactorial faria com que a *Foto-Sport* aguentasse em actividade mais dois anos, até 1 de Julho de 1926, superando diversas interrupções e mudanças de propriedade e direcção⁸⁹, tendo-se revelado uma das mais importantes publicações a conciliar a fotografia desportiva com brilhantes artigos de análise ao desporto português.

87 No número um publicou cinco anúncios: um do jornal *Os Sports*; outro de auto-promoção à *Foto-Sport*; outro da Casa Portuguesa, em Lisboa (com actividades em leilões, imobiliário, funerária, entre outros); um à Antiga Correaria Salgado de Vitorino de Souza, em Lisboa (artigos de cavalaria); e uma página de publicidade aos pneus Goodyear.

88 A Redacção (1924, 15 de Abril). Concurso de Fotografias. *Foto-Sport*, p. 3.

89 Pela direcção passaram A. Campos Júnior, Salazar Carreira e Armando de Sá, tendo sido propriedade da Empresa Foto-Sport, depois da Desportiva Gráfica, Ltd., passando a seguir para a posse de A. Campos Júnior, terminando como propriedade da Foto-Sport, Lda.

9. As dificuldades dos primeiros três meses

O uso regular de fotografias no jornalismo desportivo passaria a estar patente não só na imprensa de referência, em Lisboa e no Porto, mas também a nível regional. Em Março de 1924, para além das revistas lisboetas ilustradas *Sport Ilustrado* e *Foto-Sport*, apareceria no dia 18 uma outra publicação desportiva que daria destaque à fotografia desportiva: *O Sport dos Açores*. Propriedade do Grupo de Amadores do Sport, com sede na Rua de Brum, n.º 5, em Ponta Delgada, este periódico açoriano era dirigido por António Kopke de Barbosa Ayala, apresentando, além de boas fotografias na primeira página (destacou-se o fotógrafo José de Melo Araújo), uma alargada rede de correspondentes nacionais (Ilha do Pico, Fayal, Funchal, Lisboa, Porto, entre outros) e uma boa cobertura internacional, publicando regularmente traduções de artigos de jornais desportivos franceses.

Embora Ponta Delgada fosse um meio pequeno, quer em termos desportivos e de leitores, *O Sport dos Açores* conseguiria ultrapassar o «cabo tormentoso»⁹⁰ dos três meses⁹¹ (era comum os jornais desportivos, sobretudo os regionais, não durarem mais de um trimestre), embora tivesse sofrido logo uma interrupção, devido às habituais faltas de pagamento das assinaturas, entre 24 de Maio e 2 de Agosto de 1924. Retomada a publicação, teria como ponto alto a presença, em Ponta Delgada, do tenente e professor de educação física, Henrique Galvão, que em Novembro de 1924 publicaria diversos artigos no jornal, dando três conferências sobre desporto no teatro local. Apesar das dificuldades, *O Sport dos Açores* manteve-se em actividade até 6 de Junho de 1925, terminando após 52 edições, a última delas dedicada ao encontro internacional de futebol entre Portugal e Espanha, disputado em 17 de Maio de 1925, em Lisboa.

Entre a imprensa desportiva regional lançada em 1924 iria realçar-se um outro título: *Figueira Desportiva*. Com um corpo redactorial formado por jovens jornalistas e colaboradores, dirigidos por José Rafael Sampaio, o primeiro

90 Foi assim que o jornal *Sol e Sombra* (Porto, 1925) classificou a passagem dos primeiros três meses de edição (Cf. Cirne, R. (1925, 27 de Setembro). Bom rumo. *Sol e Sombra*, p. 1).

91 Na edição de 21 de Março de 1925, em que comemorava o primeiro aniversário, no editorial «Há um ano», a Redacção de *O Sport dos Açores* afirmaria: «Jornal de pouco público e de terra pequena, verifica-se por durar um ano, o interesse despertado.» E lembrava que «a existência de jornais pequenos é na generalidade de três meses».

número deste semanário da Figueira da Foz saiu em 25 de Dezembro de 1924, publicando-se a partir daí, de forma regular, todas as quintas-feiras, até à edição 141, de 1 de Setembro de 1927. Uma façanha para qualquer jornal desportivo regional, principalmente se tivermos em linha de conta que a Redacção era totalmente amadora, chegando a pagar as despesas do próprio bolso, como José da Silva Lopes lembrou no número de aniversário de 1 de Janeiro de 1927.

Além de promover o desporto e a educação física, a *Figueira Desportiva* encetaria também, em Fevereiro de 1926, uma campanha a favor da criação de pequenas bibliotecas desportivas em todos os clubes, com o objectivo de melhorar os conhecimentos desportivos e culturais dos desportistas. Estaria ainda ligada à organização de diversas provas de atletismo (Taça Figueira Desportiva) e ciclismo (Circuito da Figueira em Bicicleta). E seria precisamente um problema derivado de uma dessas provas que estaria na origem do seu fim: em finais de Agosto de 1927, a Câmara Municipal da Figueira da Foz, incompatibilizada com o jornal, decidiu impor-lhe uma multa de 200 escudos (cada exemplar custava 50 centavos) por causa de uma alegada estaca que a *Figueira Desportiva* havia colocado erradamente durante a organização de uma prova de bicicletas. A Redacção, em peso, liderada por José Rafael Sampaio, decidiu suspender o periódico, em 1 de Setembro de 1927, como forma de protesto contra a edilidade. Infelizmente, seria uma suspensão definitiva.

Ao contrário da *Figueira Desportiva*, que conseguiu publicar-se durante 141 semanas, a maioria dos periódicos desportivos criados em 1924 teve enormes dificuldades em aguentar muitos números em actividade, sobretudo as publicações ligadas aos clubes, sucumbindo durante os primeiros meses de edição. Alguns desses órgãos informativos nem sequer conseguiram passar do primeiro número, como sucedeu com o *Ibérico Atlético Clube*⁹² (Lisboa, 1924), *O Boletim Sportivo*⁹³ (Lisboa, 1924) e o *Clube Sports da Madeira*⁹⁴ (Funchal, 1924). Entre os que conseguiram alguma longevidade encontravam-se o *Águeda Desportiva*⁹⁵ (Águeda, 1924), órgão do Águeda Sporting Clube, O

92 Saiu em 18 de Agosto de 1924, sob a direcção de Fernando Sacadura, sendo órgão do Ibérico Atlético Club.

93 Órgão do Grupo Desportivo da Troupe Familiar Francisco Gomes Lopes, saiu somente em 24 de Agosto de 1924.

94 Saiu a 15 de Janeiro de 1924, no XII aniversário do clube, não recebendo o apoio necessário para continuar.

95 Saíram apenas cinco edições, entre Abril e Maio de 1924, sob a direcção de Colares Pinto.

*Vendedor de Jornaes*⁹⁶ (Lisboa, 1924), ligado ao Vendedor de Jornaes Football Club e *O Atlético*⁹⁷ (Lisboa, 1924-1925), propriedade do Casa Pia Atlético Clube.

Este problema de sustentabilidade editorial, de que enfermaram os órgãos de clubes criados em 1924, arrastou-se ao longo dos anos seguintes, afectando a generalidade deste tipo de publicações. Entre os oito órgãos informativos lançados por clubes e organismos desportivos em 1925 e 1926, apenas dois teriam alguma longevidade: *O Tiro Nacional*⁹⁸ (Lisboa, 1926-1927), boletim oficial da Federação do Tiro Nacional Português, e *O Caçador*⁹⁹ (Penafiel, 1926-1929), quinzenário do Clube de Caçadores de Penafiel. As restantes publicações – *S.T.N.º 35*¹⁰⁰ (Viseu, 1925-1926), *União*¹⁰¹ (Coimbra, 1925), *União*¹⁰² (Viseu, 1926), *Boletim do Sporting Clube da Horta*¹⁰³ (Horta, 1926), *Gymnasion*¹⁰⁴ (Lisboa, 1926) e *O Carcavelinhos*¹⁰⁵ (Alcântara, 1926) – teriam uma efémera passagem pelo meio jornalístico português.

A imprensa desportiva especializada seria igualmente afectada pela instabilidade que rodeava a criação de novas publicações neste período. Em 1924 apareceu somente um periódico desportivo especializado, *Os 'Azes' do Foot-ball Abrantino*, lançado em Abrantes, com o futebol e os seus heróis locais como tema de fundo. Mas resumiu-se a um único número, de Agosto de 1924, dedicado a Apolinário Dias, capitão da equipa de futebol do Sporting Club de Abrantes. Em 1925 e 1926 surgiram mais três periódicos dedicados ao futebol, todos de curta existência: a revista mensal *Azes do Football* (Lisboa), que não passou do número inaugural de Maio de 1925, dedicada ao jogador César, médio do CF Os Belenenses; o periódico *Sports Ilustrados* (Lisboa), com uma única edição, de 3 de Janeiro de 1926, sobre o jogo de futebol entre o Sporting

96 Dirigido por Armando Dias, publicaram-se 14 números, entre 1 de Janeiro e 11 de Maio de 1924.

97 Lançado a 27 de Setembro de 1924, sob a direcção de José da Cruz Filipe, este semanário teria como missão promover o desporto casapiano. Publicaria 28 edições, até 23 de Maio de 1925.

98 Publicou 14 edições, entre Fevereiro de 1926 e Junho de 1927, exclusivamente dedicadas ao tiro.

99 Dedicaria os seus 78 números, publicados entre 15 de Abril de 1926 e 15 de Julho de 1929, à caça.

100 Quinzenário desportivo da Sociedade de Tiro N.º 35 de Viseu, publicou-se oito vezes, entre 17 de Novembro de 1925 e 19 de Março de 1926, dado especial destaque ao desporto viseense.

101 Órgão quinzenal do União Foot-Ball Coimbra Club, saiu duas vezes, em Novembro de 1925.

102 Ligado ao Grupo União Foot-Ball de Viseu, este mensário pretendia promover o desporto na região de Viseu. Saiu unicamente duas vezes, em 15 de Novembro e 15 de Dezembro de 1926.

103 Dirigido por Carlos Silva, este mensário publicou-se quatro vezes, entre 1 de Janeiro e 1 de Abril de 1926.

104 Boletim oficial do Gymnasio Club Português, saiu unicamente em 18 de Março de 1926.

105 Mensário do Carcavelinhos Foot-Ball Club, saiu apenas uma vez, em 1 de Dezembro de 1926.

CP e os checos do Sparta de Praga; e o semanário ilustrado *Futebol 'Associação'* (Lisboa), que saiu duas sextas-feiras à tarde, em 22 e 29 de Outubro de 1926.

Além do futebol, mais três áreas do desporto contariam com periódicos especializados: o automobilismo, a tauromaquia e o campo das biografias desportivas, em voga nesta época, o que se devia, em grande medida, à necessidade de criar heróis, geradores de esperança no seio de uma sociedade cada vez mais desiludida, como era a portuguesa. Mas quer os periódicos tauromáquicos – *Touros e Toureiros*¹⁰⁶ (Lisboa, 1925) e *Sol e Sombra*¹⁰⁷ (Porto, 1925) –, quer os biográfico-desportivos – *Figuras de Sport*¹⁰⁸ (Lisboa, 1925) e *Os Azes do Sport*¹⁰⁹ (Lisboa, 1925) –, teriam uma existência reduzida quando comparados com as duas publicações automobilísticas lançadas em 1926. O *Auto – Jornal Mensal de Automobilismo e Sport* seria apresentado em Lisboa, em Janeiro de 1926, mantendo-se em actividade durante um ano. Propriedade de Sanches de Castro, que acumulava a direcção, o *Auto* daria destaque a uma marca de automóveis, a Fiat (principal apoio publicitário, publicando regularmente uma página sobre o Fiat 509), sobressaindo também a qualidade do papel e as fotografias de Serra Ribeiro.

A outra publicação automobilística lançada em 1926 seria *O Volante*, que se converteria num dos mais importantes títulos do jornalismo automobilístico português no século XX, publicando-se regularmente (a primeira série) até meados de 1971. Na origem de *O Volante* esteve o prestigiado jornalista A. Campos Júnior¹¹⁰, que dirigia *Os Sports*, principal título do jornalismo desportivo português. Em meados de 1926, cansado do mundo quezilento do

106 Semanário lançado por David Lopes, em 3 de Maio de 1925, vinha preencher uma lacuna no meio tauromáquico, sem qualquer publicação. Apesar da excelente qualidade gráfica, terminaria no número cinco, de 7 de Junho de 1925.

107 Começou a publicar-se em 11 de Julho de 1925, dirigido por Arnaldo Viana e com uma Redacção muito jovem, que estabeleceu como objectivo superar os primeiros três meses de publicação. De cariz trimensal, apresentou uma boa qualidade jornalística e gráfica ao longo dos seus 13 números, até 4 de Outubro de 1925.

108 Teve unicamente duas edições, em 25 de Janeiro (oito páginas dedicadas a Francisco Vieira, jogador do SL Benfica) e 8 de Fevereiro de 1925 (sobre Emilio Ramos, do Sporting CP).

109 Publicaram-se cinco números, entre Maio e Outubro de 1925.

110 A condição de director de *Os Sports* dava-lhe o direito de ter um carro, o que lhe permitiu, desde 1920, acarinhar o gosto pela condução. Patrocinaria diversas provas automobilísticas, como o Circuito Lisboa-Cascais-Lisboa, uma Prova de Camiões e a Rampa da Pimenteira. Ao integrar-se gradualmente no mundo automóvel, verificando também o crescente interesse do público, Abílio Campos Júnior começou a formar a ideia para uma revista automobilística. Fundador de *Os Sports* (Lisboa, 1919), *Foto-Sport* (Lisboa, 1924), *Os Sportsinhos* (Lisboa, 1925) e da revista cultural *Átomo* (Lisboa, 1948-1953), A. Campos Júnior dirigiu *O Volante* até à sua morte, em 24 de Agosto de 1956.

futebol, tema dominante no seu jornal, A. Campos Júnior decidiu, durante a realização da 2.ª Rampa da Pimenteira¹¹¹, prova automobilística organizada por *Os Sports*, deixar a direcção do prestigiado jornal e avançar com uma revista dedicada ao automobilismo, modalidade em expansão em Portugal e que tanta paixão lhe despertava. Assim, no Verão de 1926, A. Campos Júnior abandonou a direcção de *Os Sports*, vendeu a quota accionista (fora um dos fundadores) e investiu em *O Volante* que, em 7 de Agosto de 1926, saía para as bancas com uma tiragem inicial de dez mil exemplares, tendo a sede no primeiro piso do número 22 da Praça Luís de Camões, em Lisboa. Impresso na Tipografia Libanio da Silva, em Lisboa, o primeiro número apresentou-se com seis páginas, em papel de jornal normal (formato 48x32), publicando 20 anúncios (que ocupavam duas páginas e meias), com o nome do chefe de publicidade, Max Abranches, a constar no cabeçalho (ao lado de A. Campos Júnior, proprietário e director), o que era uma novidade para a época, revelador da função importante que a publicidade¹¹² começava a desempenhar nos jornais desportivos – em 28 de Novembro de 1926 chegou a publicar-se, em Lisboa, um jornal desportivo gratuito, *O Desporto*, graças às receitas de publicidade (na edição inicial contavam-se 21 anúncios, repartidos por sete das suas doze páginas), mas teria vida curta, aguentando somente até Janeiro de 1927.

Com boas receitas em publicidade e uma excelente cobertura noticiosa (nacional e internacional¹¹³), *O Volante* rapidamente ganharia sustentabilidade financeira e credibilidade junto do público, destacando-se o excelente número especial que dedicou ao XX Salão Automóvel de Paris, em 20 de Novembro de 1926. Porém, a verdadeira consolidação do jornal, junto do público, deu-se a partir de 1927, graças a um vasto conjunto de iniciativas e algumas mudanças, como sucedeu em 8 de Maio de 1927 com o formato (passou a revista, 33x33, ao preço de 2\$50), melhorando a qualidade do papel e o grafismo (com capas

111 De forma a facilitar a comunicação entre a partida e a chegada dos automobilistas que participavam na prova, a Companhia de Telefones prometeu criar uma linha telefónica entre os dois locais. Mas no dia da corrida, a empresa falhou e a organização teve que improvisar uma rede de transmissões arcaica, mas eficaz, através de escuteiros, colocados estrategicamente, que comunicavam por sinalética de bandeiras.

112 A primeira página de *O Volante* seria ocupada totalmente, em diversas ocasiões (cf. edições de Maio de 1927), por anúncios publicitários a automóveis (marca Chevrolet e Morris) e pneus (Firestone).

113 Recorreria aos jornais estrangeiros (principalmente aos franceses *L'Auto* e *L'Echo des Sports*) para acompanhar o automobilismo internacional, alargando gradualmente a rede de correspondentes estrangeiros.

mais atractivas), introduzindo novas secções e reforçando o espaço publicitário (das 26 páginas publicadas, 17 eram com publicidade).

10. O recorde de 1926

Embora tivessem surgido, entre 1924 e 1926, dez novos periódicos desportivos especializados (quatro de futebol, dois automobilísticos, dois tauromáquicos e dois biográfico-desportivos) e 14 boletins de clubes e de instituições desportivas, a área jornalística desportiva dominadora seria a generalista, com o aparecimento de 42 títulos. Após os 16 novos periódicos, espalhados por 12 cidades, que surgiram em 1924, seguiram-se no ano seguinte mais nove jornais, em cinco cidades, e em 1926, mais 17 novos periódicos desportivos generalistas, distribuídos por dez cidades portuguesas. Neste último ano, além desses 17 jornais generalistas, apareceram dez outras publicações desportivas: seis órgãos de clubes e de instituições desportivas, e quatro especializadas. Deste modo, em 1926 surgiram um total de 27 novos jornais desportivos em Portugal (Continente e Ilhas, nenhum nas Províncias Ultramarinas), número que superava o recorde de 1924, com 25 periódicos (1925 ficou-se pelas 17 publicações).

Entre as 13 cidades que albergaram as 26 novas publicações desportivas generalistas criadas em 1925 e 1926, Lisboa seria a que contaria com mais jornais (12), seguindo-se o Porto e a Póvoa do Varzim, com dois títulos cada, restando dez cidades com um periódico: Viana do Castelo, Tondela, Covilhã, Coimbra, Tomar, Torres Vedras, Barreiro, Faro, Funchal (Madeira) e S. Miguel (Açores). O protagonismo de Lisboa, no campo do jornalismo desportivo, torna-se ainda mais claro quando se observa o total de periódicos criados entre 1924 e 1926: das 69 publicações periódicas desportivas lançadas nesses três anos, 33 tiveram origem na Capital.

Os doze periódicos desportivos generalistas que apareceram em Lisboa entre 1925 e 1926 tiveram, em geral, uma vida editorial reduzida. Não podemos esquecer que este era o espaço noticioso ocupado pelos poderosos *Os Sports* e *O Sport Lisboa*, as duas grandes referências do jornalismo desportivo lisboeta. E a esta forte concorrência aliavam-se as dificuldades económicas inerentes a publicar regularmente um jornal desportivo, as quais se faziam

sentir, sobretudo, no primeiro trimestre de actividade, período que seria inultrapassável para quatro títulos em 1925 (*Correio Desportivo*¹¹⁴, *Correio do Sport*¹¹⁵, *Ilustração Sportiva*¹¹⁶ e *Os Sports da Manhã*) e para seis em 1926 (*O Atleta*¹¹⁷, *O Desporto*¹¹⁸, *Portugal Desportivo*¹¹⁹, *A Semana Desportiva*¹²⁰, *Os Sports Ilustrados*¹²¹ e *Stadium*¹²²).

As únicas duas publicações desportivas generalistas lisboetas que conseguiram ultrapassar essa barreira temporal tiveram origens e objectivos editoriais bem distintos, embora tivessem constituído ambas uma novidade. O primeiro desses periódicos foi *Os Sportsinhos*, publicação semanal (à quinta-feira) lançada pela Empresa Desportiva Gráfica (detentora do jornal *Os Sports*), em 20 de Agosto de 1925, tendo como público-alvo as crianças. Apresentado como o suplemento infantil de *Os Sports*, a nova publicação tinha o mesmo director (A. de Campos Júnior), custando 50 centavos, contando as suas oito páginas (formato 33x22) com secções muito específicas, como eram «Sport Infantil», «Os Contos de Acção», «Adivinha, Adivinhão», «Colaboração Infantil» e «Diga, que se responde...». O seu primeiro número, de oito mil exemplares, esgotou, obtendo muito êxito entre os jovens lisboetas. Para o sucesso inicial foi decisiva a forma como os jovens ardinas de Lisboa o promoveram, cativando a atenção do público de todas as idades, curioso para folhear o primeiro jornal desportivo infantil que se lançava em Portugal. Com uma

114 Dirigido por Licínio Miranda, este semanário de 50 centavos aliava um bom grafismo a um jornalismo eclético (a redacção era formada por sete jornalistas e oito colaboradores, entre eles uma mulher, que assinava com o pseudónimo de A Avósinha). Só se publicaria entre 23 de Novembro de 1925 e 24 de Janeiro de 1926.

115 Saiu unicamente uma vez, em 26 de Dezembro de 1925, sob a direcção e propriedade de Silva Santos.

116 Esta revista semanal saiu duas vezes, em 7 de Janeiro e 4 de Julho de 1925, sob a direcção de Estêvão de Carvalho e estava ligada ao *Jornal Evangélico*.

117 Saiu só uma edição deste semanário, em 27 de Março de 1926, sob a direcção de Sacramento Monteiro.

118 Jornal gratuito, graças ao elevado número de pequenos anúncios publicitários (sete das doze páginas inaugurais foram ocupadas com 21 anúncios), publicou quatro números, entre 28 de Novembro de 1926 e Janeiro de 1927.

119 Desta revista ilustrada saiu somente um número, em 23 de Janeiro de 1926, dirigida por Américo Faria e Silva.

120 Com o subtítulo de «Todos os Desportos – Informações, Doutrina e Crítica», este jornal de 50 centavos apresentava o grafismo do jornal *A Informação*. Dirigido por Artur Nunes, publicaria excelentes capas coloridas à mão, ao longo dos dez números publicados, entre 1 de Dezembro de 1926 e 2 de Fevereiro de 1927.

121 Dirigido por Ruy da Cunha, pretendia ser a segunda série de *Os Sports Ilustrados* de 1910, publicando-se a partir de 1 de Outubro de 1926. Apesar do sucesso inicial, terminaria ao fim de 14 números, em 1 de Janeiro de 1927.

122 Esta revista de qualidade publicou-se entre 8 de Novembro e 13 de Dezembro de 1926, sob a direcção de Adolfo Coelho e propriedade das Edições ABC. Na capa da edição inaugural destacou-se o artigo «A cultura física e as nossas universidades», de Raul Viana, que três anos antes havia defendido uma tese de doutoramento, na Faculdade de Medicina de Lisboa, sobre o papel da educação física na sociedade portuguesa e a importância de criar institutos de educação física para formar professores.

abordagem gráfica e linguagem dirigidas às crianças e jovens portugueses, *Os Sportsinhos* faria 19 edições, cessando a publicação no dia de Natal de 1925.

Igualmente inovadora, mas dirigida a um público adulto e apreciador de bom jornalismo desportivo ilustrado, seria a revista *Eco dos Sports*, cujo primeiro número, de 20 páginas (em papel branco de qualidade, formato 33x24, com três páginas de publicidade), saiu no domingo, 7 de Março de 1926, ao preço de 1\$50 escudos. Com a Redacção e a Administração localizadas na Rua do Século, n.º 2, em Lisboa, esta nova publicação, que apresentava o subtítulo de «Grande Revista Sportiva Semanal», era propriedade do Triunvirato Labor, formado por Eduardo Ferreira (director gráfico), Jorge Santos (administrador e editor) e Artur Inês (director). Na capa do número inaugural aparecia a fotografia, retocada a cor, de um sorridente Ribeiro dos Reis, uma das principais figuras do futebol português dos anos 1920. E a capa interior era dedicada ao jogo de futebol entre o Sporting CP e os húngaros do Szombathley, que tinham estado em Lisboa numa digressão. Ambas imagens eram da autoria de F. Santos, que trabalhava para a Foto-Press, empresa fotográfica que contava com outros fotógrafos de prestígio, como S. Dinis, R. Reis e Ferreira da Cunha, todos eles com fotografias no número inaugural da *Eco dos Sports*. No editorial «À maneira de intróito», publicado na página dois, a direcção esclarecia os leitores que não se tratava de uma revista de Lisboa, mas sim «uma revista de Portugal». E não era «uma revista de foot-ball, simplesmente», mas sim «de todos os sports, porque todos necessitam de propaganda e dum órgão gráfico que incite os novos e encoraje os atletas feitos.» A nível editorial, definia-se como «um órgão de crítica serena e desapaixonada» e «um repositório gráfico dos grandes acontecimentos sportivos, para criar estímulo, para criar energias, para numa palavra secundar a propaganda já iniciada, que tem como objectivo sublime, a criação de homens fortes, sadios, vigorosos, de homens que honrem uma raça que já *deu mundos novos ao mundo!*» A sua aparição no meio jornalístico desportivo representava «também uma bela afirmação do progresso das artes gráficas em Portugal», ficando-se a dever a qualidade desse trabalho gráfico às Oficinas da Litografia Mata, na Rua do Barão, à Sé, n.º 2-4, em Lisboa.

Este número inaugural de 7 de Março de 1926, além de publicar excelentes fotografias sobre futebol (em destaque), ténis, vela, atletismo, remo

e boxe, trazia na página três uma homenagem aos principais redactores desportivos da época, publicando uma fotografia de cada um, junto com um cabeçalho (em miniatura) do jornal para o qual trabalhavam: José Sarmiento, *Diário de Notícias*; Norberto de Araújo, *Diário de Lisboa*; Luiz Derouet¹²³, *Diário da Tarde*; Rocha Júnior, *O Século*; Thomaz Gambôa, *Novidades*; Rocha Martins, *ABC*; Correia Leal, *O Sport de Lisboa*; Correia Marques, *A Época*; Moreira d'Almeida, *O Dia*; Alberto Bessa, *O Jornal do Commercio e das Colónias*; Farinha Beirão, *Os Sports*; Mário Martins, *Correio da Manhã*; Rebelo da Silva, *Os Ridículos*; Mário Domingues, *A Batalha*; José do Vale, *O Rebate*; Henrique Roldão, *O Domingo Ilustrado*; Garibaldi Falcão, *A Capital*; Nogueira Júnior, *A Voz Pública*; e Nobre de Carvalho, *A Tarde*.

A *Eco dos Sports* rapidamente conquistou os leitores, devendo-o principalmente às magníficas capas e fotografias desportivas que passou a publicar, principalmente nas páginas centrais. Em Junho de 1926 já ostentava o cabeçalho «A primeira revista sportiva e a de maior tiragem em Portugal», revelador da célere popularização e crescimento nas vendas. O corpo redactorial e de colaboradores reuniria alguns dos melhores redactores desportivos da época, casos de Silva Petiz (futebol), Pepe Luíz (tauromaquia), Luíz Raul (futebol e editoriais), Salazar Carreira (atletismo e rãguebi), Cândido de Oliveira, Alberto Freitas (atletismo), Jorge de Ávila (aviação), Carlos Conde (poesia e humorismo), Ricardo Ornelas (futebol), Carlos Botelho (caricaturista) e Eduardo Faria (desenhador e caricaturista), entre outros.

Apesar da inegável qualidade redactorial e gráfica, a *Eco dos Sports* iria sofrer, em finais de 1927, uma forte instabilidade editorial, a qual não acalmaria com a chegada de José Cândido Godinho à direcção. No entanto, em Janeiro de 1928, a revista faria uma das melhores coberturas fotográficas de sempre em Portugal a um evento desportivo: para o sexto encontro de futebol entre Portugal e Espanha, disputado em Lisboa, em 8 de Janeiro de 1928, o chefe dos serviços fotográficos da *Eco dos Sports*, Ferreira da Cunha, decidiu pedir a colaboração de mais três fotógrafos e realizar uma exaustiva cobertura fotográfica do jogo. A reportagem do VI Portugal-Espanha, repartida por duas edições da revista, totalizaria 44 fotografias (quatro feitas no Estoril na

123 Funcionário público, distinguiu-se no jornalismo ao serviço do *Diário da Tarde*, sendo muito respeitado no meio. Teria uma morte trágica em Outubro de 1927, sendo assassinado a tiro em Lisboa.

antevéspera, uma na bilheteira dos Restauradores na véspera e 39 no dia do encontro), repartidas pelos fotógrafos Arnaldo Silva (7), Cezar Antello (2), João dos Santos (5) e Ferreira da Cunha (30). Mas este episódico sucesso não lhe garantiu estabilidade, já que na edição 85, de 12 de Fevereiro de 1928, anunciava uma interrupção, que se esperava breve, para remodelação, numa altura em que Hermínio de Oliveira era o redactor principal e Miguel do Patrocínio o gerente e editor. A paragem revelou-se, como quase sempre sucedia, praticamente definitiva, uma vez que só voltaria a aparecer em 22 de Abril de 1928 (como mero suplemento) e em 10 de Fevereiro de 1929, para assegurar a manutenção do título (a ausência de publicação durante mais de um ano fazia com que o título caísse em domínio público).

11. Reforço regional

Fora do dinâmico núcleo do jornalismo desportivo de Lisboa apareceram, entre 1925 e 1926, 14 periódicos desportivos generalistas, repartidos por 12 cidades. Uma parte destes jornais, a exemplo do que se passara na Capital, teria uma efémera existência, não ultrapassando, por vezes, a dezena de números, como sucedeu com o *Açores Desportivo*¹²⁴ (S. Miguel, 1925), *Ar Livre*¹²⁵ (Póvoa do Varzim, 1925), *Pela Raça*¹²⁶ (Faro, 1925), *Torres-Sport*¹²⁷ (Torres Vedras, 1925), *O Luso Sport*¹²⁸ (Barreiro, 1926) e *O Pio*¹²⁹ (Porto, 1926). Outra fracção de publicações manteve-se mais tempo em actividade, mas sem conseguir firmar-se a médio e longo prazo, casos do *Sport*¹³⁰ (Póvoa do Varzim, 1926), *A Beira Desportiva*¹³¹ (Tondela, 1926), *De Sports*¹³²

124 Publicou sete números, de 8 de Outubro a 20 Novembro de 1925, com direcção de Manuel Ferreira d'Almeida.

125 Com dez colaboradores, sob a direcção de Manuel C. Marques, saiu três vezes, entre 1 e 21 de Março de 1925.

126 Edição do jornal *Moca*, de Faro, este semanário desportivo saiu apenas uma vez, em 19 de Setembro de 1925.

127 Publicou dez números, entre 15 de Janeiro e 15 de Julho de 1925, sob a direcção de Hélder Torres.

128 Este bimensário, dirigido por Victor Velez Grilo, saiu quatro vezes, entre 9 de Outubro e 31 de Novembro de 1926.

129 Jornal muito polémico (atacaria os jornais *Época*, *Sporting* e *O Primeiro de Janeiro*), aguentou-se nove números, de 13 de Fevereiro a 10 de Abril de 1926, sob a edição de Manuel Coelho da Costa.

130 Com a divisa «Pelo Desporto, Pela Póvoa», ao entusiasmo do primeiro número de 19 de Dezembro de 1926 seguiram-se as habituais dificuldades, terminando ao fim de 18 edições, em 5 de Outubro de 1927.

131 Com o subtítulo de «Quinzenário Regionalista de Propaganda Desportiva», dirigido por Joaquim Tapada Júnior, teria uma linha editorial intervencionista, publicando-se entre 31 de Janeiro de 1926 e 15 de Outubro de 1927 (n.º 41).

132 No editorial «Começando», no número um de 4 de Julho de 1926, a redacção lembrava que só os desportistas não tinham um jornal, já que os católicos tinha o *Notícias da Covilhã*; os regionalistas, o *Raio*; os operários, o *Trabalho*; os socialistas, a *União*; e os nacionalistas, a *Mocidade*. *De Sports* duraria 11 edições, até 9 de Dezembro de 1926.

(Covilhã, 1926), *Tomar Desportivo*¹³³ (Tomar, 1926), *O Desporto*¹³⁴ (Porto, 1926) e *Viana Desportiva*¹³⁵ (Viana do Castelo, 1926). A imprensa periódica regionalista, de cariz desportivo, só em finais de 1926 conseguiu definitivamente consolidar-se, fazendo-o em duas cidades e regiões tradicionalmente ligadas ao desporto e ao jornalismo desportivo: Coimbra e Funchal.

Embora as experiências jornalísticas dos anos anteriores, através do *Coimbra Desportiva* (1923) e *Sport* (1924), tivessem fracassado rapidamente, isso não impediu que em Novembro de 1926 um grupo de jovens desportistas conimbricenses, encabeçados por Amadeu Rodrigues (que viria a ser director) e José Branquinho de Carvalho (administrador e redactor), decidisse avançar com a criação de um novo jornal desportivo em Coimbra, *A Voz Desportiva*, que teria como subtítulo «De Coimbra e sua região». O primeiro número, ao preço de 50 centavos, saiu no sábado, 13 de Novembro, apresentando um noticiário local diversificado, resultado de uma Redacção formada por «elementos provenientes de todos, ou quase todos os grupos desportivos, das mais heterogéneas camadas sociais», como explicou a direcção no editorial «Ao que vimos», publicado na capa. E clarificava os leitores que o novo jornal «não admite clubismos nem preponderâncias».

Localizado no número 32 da Rua da Matemática, em Coimbra, as primeiras edições de *A Voz de Coimbra* eram pouco ilustradas, sendo impresso em papel branco normal, na Tipografia Reis Gomes. O tema dominante seria o futebol local, modalidade a que passaria a aludir o novo cabeçalho do jornal, adoptado em 16 de Abril de 1927, da autoria do colaborador artístico Serafim Silva. Ao longo do primeiro ano de actividade, apesar de ir acumulando prejuízos (sustentados pelos jovens fundadores, que tinham formado a Empresa de *A Voz Desportiva*, proprietária do jornal, com um capital por quotas), o periódico publicou-se regularmente todos os sábados, conquistando

133 Publicou 14 números, entre 22 de Março de 1926 e 26 de Fevereiro de 1927.

134 Dirigido por Vilas-Boas Neto, o seu grupo redactorial era formado por um redactor principal (Américo Marinho), um chefe de redacção (Roberto Machado), sete redactores, um repórter (Mário Dias), um redactor em Lisboa (F. Porto Júnior), três fotógrafos (José Moreira, Alfredo Pinheiro e Duarte Cochofel) e dois caricaturistas (Cruz Caldas e Filipe Ruy). E o número de colaboradores era de 30, um deles, Carlota Múrias, assinaria uma secção feminina a partir de Março. Apesar da qualidade e inovação, só aguentaria 13 números, entre 11 de Janeiro e 5 de Abril de 1926.

135 Ao longo de 36 números, publicados entre 29 de Agosto de 1926 e 9 de Maio de 1927, este semanário desportivo, dirigido por Constantino Encarnação, faria uma campanha muito útil de promoção do desporto no Minho.

a simpatia do público devido à forte campanha que empreendeu a favor da criação de um bom campo de futebol na cidade e à organização de diversas provas desportivas, em especial a II Léguas de Coimbra (atletismo) e o I Torneio de Atletismo, realizadas em Setembro de 1927.

Esta dinâmica editorial e empreendedora estaria presente ao longo das seguintes cinco décadas em que *A Voz Desportiva* esteve em publicação, conseguindo o feito de se publicar mais de 47 anos sem uma única falha, até ao número 2.540, de 10 de Junho de 1975, sempre com o fundador Amadeu Rodrigues na direcção.

Em geral, os jornais desportivos regionais assentavam a sua existência e regular funcionamento, mais ainda que os de cariz nacional, na acção diária de uma ou duas pessoas, que normalmente eram o director e/ou o administrador, ou então o redactor principal ou o editor (no caso de *A Voz Desportiva*, por exemplo, essas personagens foram o director Amadeu Rodrigues e José Branquinho de Carvalho¹³⁶, administrador e redactor principal). Essas figuras representavam, em si mesmas, o próprio jornal e na sua ausência, quer fosse voluntária (por cansaço, falta de tempo ou desmotivação) ou forçada (por doença ou morte), os periódicos habitualmente atravessavam grandes dificuldades, chegando muitas vezes ao fim.

Seria uma dessas figuras, o madeirense Elmano Alves, que estaria na origem do aparecimento do *Correio Desportivo*, semanário lançado em 5 de Dezembro de 1926, no Funchal. A experiência que acumulara ao serviço das secções desportivas do *Correio da Madeira* e *Diário da Madeira*, permitiram-lhe acalentar a ideia de criar o seu próprio jornal desportivo, embora o panorama local não fosse favorável, já que existia na Madeira um periódico desportivo, o *Sport do Funchal* (1923-1932).

Assente num jornalismo imparcial e desportivamente empreendedor, tendo como divisa «Pela Madeira, Pelo Desporto»¹³⁷ e o futebol regional como tema prioritário, o *Correio Desportivo* esgotou a primeira edição de 1.200 exemplares, ao preço de 50 centavos cada. Ao longo dos números seguintes foi conseguindo a colaboração de nomes importantes do jornalismo desportivo

¹³⁶ Nascido em 20 de Novembro de 1899, em Vacariça, na Mealhada (Aveiro), Branquinho de Carvalho foi bibliotecário na Biblioteca Municipal de Coimbra, tendo publicado obras sobre a história de Coimbra. Foi um dos fundadores de *A Voz Desportiva* e redactor desde o primeiro número. Faleceu em Julho de 1965.

¹³⁷ A Redacção (1926, 5 de Dezembro). O nosso propósito. *Correio Desportivo*, p. 1.

local, destacando-se Gonçalo d'Ornelas, antigo director do quinzenário *O Desporto* (Funchal, 1922-1923), Amâncio Olim Marote e Mário Alves (ambos colaboradores desportivos na imprensa local).

Embora fosse pouco ilustrado e com um papel branco de fraca qualidade (cedido inicialmente pelo *Correio da Madeira*, através do administrador, Padre Jorge de Faria e Castro, apoiante da ideia e amigo pessoal de Elmano Alves), o *Correio Desportivo* conseguiu, nos anos seguintes, estabelecer uma boa relação de confiança com os leitores, o que lhe permitiu atravessar várias vicissitudes editoriais, mantendo-se em actividade até ao final do século XX¹³⁸.

12. Os efeitos imediatos da mudança política de 1926

O ano de 1926 seria de mudança política em Portugal, com implicações directas no próprio jornalismo desportivo. Chegou ao fim, de forma inglória, a I República (chamada de «Nova República Velha»), substituída por um golpe militar em 28 de Maio de 1926 que impôs uma indefinida Ditadura Militar, a qual se transformaria numa ditadura civil (baptizada de Estado Novo) com a chegada ao poder de Oliveira Salazar, em 1932. Assim, 1926 e os anos seguintes seriam tempos de instabilidade e indefinição política, em que primou a ausência de uma perspectiva estratégica, com a sociedade portuguesa a afundar-se, uma vez mais, num pântano de incertezas e incógnitas, levando a novas e profundas introspecções, quase sempre negativas, sobre a identidade nacional. Os editoriais dos jornais desportivos passaram a reflectir essa mesma indefinição política. Na semana seguinte ao golpe militar, na edição de 4 de Junho, um dos principais jornais desportivos portugueses, o *Sporting*, publicava o artigo «O momento político e o sport», em que deixava claro essa mesma preocupação: «Mais uma revolução acaba de modificar por completo a direcção política da nossa terra, não se sabendo ainda, o que seguirá.»

O que se seguiu, pouco tempo depois, foi a imposição da censura prévia à Imprensa, «assumida directamente pelos militares que chamaram a si, desde a primeira hora, a responsabilidade da organização e direcção dos Serviços e execução das respectivas tarefas censórias» (Azevedo, 1999: 375), as quais executavam através das comissões instaladas nos Comandos da Guarda

138 Em 2005 mantinha actividade: em 21 de Agosto saiu o n.º 978 (ano 79), dirigido por Elmano Cristo Alves.

Nacional Republicana e nos Governos Civis. Mas o seu funcionamento inicial começou por ser muito deficiente e «os critérios de aplicação da lei sobre o exercício do direito de liberdade de imprensa, entretanto promulgada (Decreto n.º 12.008 de 2 de Agosto de 1926), careciam de uniformidade» (Azevedo, 1999: 375), gerando muita contestação entre a classe jornalística, situação que só começaria a ser resolvida em Setembro de 1926, com uma série de medidas para uniformizar os serviços de censura em todo o País.

A totalidade dos jornais desportivos passou a apresentar, frequentemente na capa, outras vezes em páginas interiores, a nota: «Visado pela Comissão de Censura». Mas era consensual entre os jornalistas desportivos que o dia-a-dia da imprensa periódica desportiva não iria ser muito afectado pela censura, já que o jornalismo desportivo não era considerado prioritário, nem ideologicamente perigoso, para o censor. Em 2 de Julho de 1926, o editorial «Duas figuras», publicado na primeira página do principal jornal desportivo português, *Os Sports*, dirigido por Cândido de Oliveira, afirmava que as resoluções políticas do novo governo nada interessavam ao jornal, sabido como era que «todos os jornais de desporto são neutros em matéria política.» E reforçava a ideia, lembrando que «em desporto não há política» e por isso mesmo «as convulsões políticas da nossa terra não prendem grandemente a atenção da massa desportista. Somos assim, os desportistas, uma força organizada e orientada noutro sentido... E felizmente que assim é. No dia em que os desportistas se agruparem ou se distinguirem uns dos outros pelo credo político que professam, ter-se-á perdido o desporto.»

No entanto, a indefinição e desorganização dos serviços de censura durante os primeiros meses acarretariam alguns problemas aos jornais desportivos. Uma das primeiras publicações a ser vítima dessa desorganização foi o *Sport do Funchal*, em actividade desde 1923. Em Outubro de 1926, a direcção do jornal e os serviços de censura madeirenses entraram em rota de colisão quanto à hora do jornal ir ao censor. Como o *Sport do Funchal* era um semanário que saía às quartas-feiras à tarde, entendia a direcção do periódico que este deveria ir ao censor na manhã, ou ao início da tarde, do dia de publicação, tal como sucedia com os jornais da tarde editados em Lisboa, casos do *Diário da Tarde*, *A Capital* e *Diário de Lisboa*. Mas os serviços de censura do Funchal queriam apenas vê-lo à noite (o que era normal suceder

quando se tratava de um matutino, casos de *O Século* e *Diário de Notícias*), o que determinava mudar o dia de publicação para a quinta-feira, algo inadmissível para a direcção do jornal, que sempre saía à quarta-feira.

Na edição de 13 de Outubro de 1926, no editorial «Um facto lamentável», publicado na capa, a direcção do *Sport do Funchal* queixava-se da atitude incompreensível dos censores e sublinhava o facto do jornal nada ter a censurar, «devido ao seu carácter meramente desportivo». Deste modo, «a sua visagem é simplesmente um pró-forma» e assim «o deviam entender todos os censores». Só que não era dessa maneira que o entendiam os censores e, no número seguinte, de 27 de Outubro, continuaram os lamentos, com o jornal a afirmar, no editorial «Atitudes que não se compreendem», que a censura continuava «disposta a prejudicar-nos, recusando-se a visar o nosso jornal às horas apropriadas.» E fazia o desabafo: «Não sabemos porquê, a nossa humilde e inofensiva gazeta conseguiu concitar contra si a hostilidade dos srs. censores. E o que é mais curioso é que essa hostilidade não se manifesta no corte deste ou daquele artigo, na supressão desta ou daquela local – o *Sport do Funchal*, como órgão desportivo, nada tem que censurar – mas sim na alteração do dia normal da sua publicação.» A este desabafo seguiram-se algumas reflexões afrontosas aos censores: «Publicando-se o nosso jornal à quarta-feira, de tarde, os srs. censores querem – vejam os leitores o despautério – que ele vá à censura às 8 horas da noite desse mesmo dia! É o absurdo a sobrepor-se à razão, o dislate a sufocar o bom senso, a falta de raciocínio a impor leis e a determinar um mau ambiente contra a forma como a censura é exercida entre nós.» O braço-de-ferro acabaria por se resolver nas semanas seguintes, mas começava assim a desenhar-se uma relação difícil entre a imprensa periódica desportiva e a censura prévia.

CAPÍTULO 10

1927-1936: Ciclo de continuidade

1. Centralismo da Capital

Após um período de três anos (1924 a 1926) de clara expansão da imprensa periódica desportiva em Portugal, seguiu-se uma fase de estabilização e continuidade em relação ao ciclo iniciado em 1921, e que se iria estender até 1936, caracterizado pelo surgimento de publicações desportivas generalistas, em detrimento das especializadas e dos órgãos clubísticos e institucionais. Convém recordar que a partir de 1921 o aparecimento de novos periódicos desportivos generalistas passou a ser regular, sendo nesse ano de 11 novas publicações, em 1922 de 12, em 1923 de 11, em 1924 de 16, em 1925 de 9 e em 1926 de 17. Em 1927, dos 17 periódicos desportivos que apareceram, nove eram generalistas, sendo Lisboa o epicentro de cinco dessas publicações. No entanto, esta hegemonia da Capital, no surgimento de títulos generalistas (ver Tabela 5), decaiu nos anos seguintes.

Tabela 5

Imprensa Periódica Desportiva Generalista Criada entre 1927 e 1936

Ano	Número total de novos jornais desportivos ¹	Número de novos jornais desportivos generalistas	Jornais desportivos generalistas criados em Lisboa
1927	17	9	5
1928	14	8	2
1929	11	6	0
1930	12	8	3
1931	18	10	2
1932	15	8	2
1933	18	11	1
1934	12	3	1
1935	14	4	2
1936	14	5	2
Total	145	72	20

¹ Inclui os jornais desportivos generalistas, os especializados, os órgãos de clubes e instituições desportivas e os jornais artístico-desportivos (que seriam apenas três neste período, um em 1928 e dois em 1935).

Esta diminuição das tentativas em criar novos jornais desportivos generalistas na Capital, principalmente a partir de 1928, esteve associada, em grande medida, à liderança assumida pelo *Os Sports*, que desde 1919 vinha sendo a grande referência do jornalismo desportivo lisboeta, a par com *O Sport de Lisboa*. Mas a partir de Janeiro de 1927, com a remodelação gráfica (ampliou o formato e as suas páginas passaram a reflectir os novos progressos gráficos de impressão, feita na Tipografia da Empresa Diário de Notícias), operada pelo novo director, Cândido de Oliveira, *Os Sports* ganhou leitores, sendo o único jornal desportivo a sair quatro vezes por semana (segundas, quartas, sextas-feiras e um suplemento ilustrado aos domingos), não se estranhando o novo subtítulo no cabeçalho: «Os Sports – A Maior Tiragem e Expansão de Todos os Jornais Desportivos Portugueses».

A esta remodelação aliou-se ainda o reforço das iniciativas desportivas por parte do jornal que lançou, em 24 de Janeiro de 1927, a ideia e o regulamento da I Volta a Portugal em Bicicleta, uma das aspirações mais antigas dos ciclistas portugueses. Além da organização dessa prova, que viria a converter-se, nos anos seguintes, na mais popular prova desportiva fora do círculo futebolístico, *Os Sports* levaria a cabo em 1927 uma série de outros eventos desportivos, ligados à esgrima (Campeonato de Espada do Estoril), natação (Festival de Natação do Estoril e Travessia de Lisboa), tiro (Campeonato Nacional de Tiro aos Pratos e Tiro aos Pombos), entre outras.

O panorama de alterações à volta de *Os Sports* ficou completo entre Abril e Maio de 1927, quando mudou de propriedade, passando das mãos da Desportiva Gráfica para a Empresa do Diário de Notícias, regressando assim à posse de um jornal diário de referência (inicialmente estivera ligado *A Capital*), economicamente sólido, como era o *Diário de Notícias*, o que lhe dava uma maior estabilidade financeira e redactorial. Essa mudança acarretou alguns reajustamentos: o director Cândido de Oliveira deixou o cargo (embora tivesse continuado a colaborar), substituído por Gomes Monteiro, um jornalista da casa; e a sede do jornal mudou-se da Praça Luís de Camões para a Rua do Diário de Notícias, n.º 78, em Lisboa.

Nos anos seguintes, *Os Sports* reforçou a posição de liderança no jornalismo desportivo da Capital e do próprio País, embora tivesse que superar

alguns obstáculos, como foi a crise económica que afectou a imprensa no início de 1928, obrigando o jornal a reduzir a periodicidade de trissemanal para bissemanal (segundas e sextas-feiras) – só em Abril de 1938 regressaria a trissemanário. Para fortalecer a hegemonia editorial de *Os Sports* muito contribuiu a chegada à direcção, em Abril de 1929, do prestigiado jornalista desportivo Raul de Oliveira², que se manteria no cargo até à extinção do jornal, em Abril de 1945. Um dos pontos altos da sua direcção seria em finais de 1933, quando *Os Sports* organizou, em Lisboa, o primeiro Congresso dos Clubes Desportivos, do qual sairia a ideia³ de construir o Estádio Nacional, apresentada por Raul de Oliveira durante o discurso de encerramento do congresso, proferido em 3 de Dezembro de 1933, na Praça do Comércio, em Lisboa, perante o chefe de Estado, Oliveira Salazar.

A popularização de *Os Sports*, no final da década de 1920 e no início dos anos 1930, teria efeitos directos no rival *O Sport de Lisboa*, que desde 1925 apresentava no cabeçalho o subtítulo «O Mais Velho Jornal de Desporto»⁴, mudando depois, em 1930, para «Jornal Mais Antigo do País»⁵ (obviamente referindo-se à área do jornalismo desportivo). Embora contasse com a colaboração de alguns nomes importantes da imprensa desportiva portuguesa, como os jornalistas Belo Redondo⁶ e Raul Vieira ou os fotógrafos Horácio Cunha e António Bivar, o semanário *O Sport de Lisboa* foi gradualmente perdendo influência no meio desportivo português no final da década de 1920.

2 Jornalista da casa, foi a natural escolha para a direcção, sendo depois director do *Mundo Desportivo*, sucessor em 1945 de *Os Sports*. Integrante do Corpo Expedicionário Português que participou na Primeira Guerra Mundial, Raul de Oliveira nunca esquecerá essa experiência, nem a influência francesa, retratando-as nas páginas do jornal, como sucedeu em Fevereiro de 1940 por ocasião de uma visita a Paris para acompanhar a Selecção Nacional de Futebol Portuguesa. Seria um dos grandes propagandistas da Volta a Portugal em Bicicleta. Em Março de 1939, durante uma visita a Braga, para a escolha de trajectos para a Volta, foi vítima de um acidente de viação que lhe custou a amputação de um braço – na origem do acidente automóvel esteve uma derrapagem, numa curva, devido à areia colocada pelos responsáveis das estradas portuguesas. *Os Sports* encetaria uma feroz campanha contra eles, acusando-os de negligência por insistirem na colocação de areia nas curvas, prática perigosa e pouco compreensível.

3 A ideia circulava no meio futebolístico lisboeta, sendo diversas vezes defendida, inclusivamente durante o congresso, por Raul Vieira, presidente da FPF. A pretensão foi apoiada por várias federações e incluída nas conclusões do congresso, lidas por Raul de Oliveira na sessão de encerramento de 3 de Dezembro de 1933, que contou com a presença de Salazar, o qual viria, pouco depois, a fazer a promessa de construção do Estádio Nacional (inaugurado em 1944), para gáudio da imprensa desportiva.

4 Cf. edição de 24 de Junho de 1925.

5 Cf. edição de 14 de Novembro de 1930.

6 O seu prestígio fez com que colaborasse com a imprensa estrangeira, como fez em 1927 com o espanhol *El Sol*. Jornalista profissional desde 1918, foi redactor da Associated Press entre 1922 e 1924, colaborando depois nos principais diários portugueses e em várias publicações desportivas.

E nem as mudanças operadas em Novembro de 1930, com a chegada à direcção de Cosme Damião – nome forte do SL Benfica e do futebol português –, conseguiram alterar a tendência negativa do jornal, que viria a suspender definitivamente a publicação em 27 de Maio de 1932, após 1.137 edições⁷.

Além da forte concorrência de *Os Sports*, o fim de *O Sport de Lisboa* esteve também associado à chegada de uma nova e inovadora publicação semanal, a revista *Stadium*, lançada em Lisboa, na quarta-feira, 17 de Fevereiro de 1932. Foi imediato o seu sucesso, graças a um excelente grafismo, papel e qualidade de impressão (era impressa na Bertrand (Irmãos), Lda., em Lisboa), na linha das revistas lisboetas *Sport Ilustrado* (1924), *Foto-Sport* (1924) e *Eco dos Sports* (1926-1928).

Ao preço de um escudo, o primeiro número da *Stadium* apresentava no cabeçalho o subtítulo de «Revista portuguesa de todos os sports», cabendo a direcção a Carlos da Silveira⁸, a edição a José Domingos dos Santos e a propriedade à Sociedade Stadium, Lda. As suas 16 páginas contavam com secções e notícias muito distintas, desde uma reportagem sobre a secção de ténis do Clube Internacional de Futebol (CIF), a uma entrevista ao presidente do Comité Olímpico Português, José Pontes (feita por João Saldanha), passando pelas secções de «Rugby» (assinada por Salazar Carreira), atletismo (Bengala Reis), «Hockey» (António Adão), futebol (Tavares da Silva), tiro (Viriato) ou «Basket-Ball» (José Dias Pereira), entre outras. E todo este volume noticioso era complementado com as magníficas fotografias de Nunes de Almeida e César Antelo.

A *Stadium* mostrou-se, sob todos os aspectos, uma revista inovadora, não só para o jornalismo desportivo, mas para a imprensa em geral e o seu êxito seria tão marcante na década de 1930 que a levaria a adoptar (em 1938) o subtítulo: «O Maior Semanário Desportivo da Península». Este sucesso da revista *Stadium*, a partir de Fevereiro de 1932 e que se prolongaria até Julho de 1942 (fim da primeira série), e a hegemonia de *Os Sports*, acentuada na segunda metade da década de 1920 e nos anos 1930, fariam com que as

⁷ Publicaria mais duas edições, em 26 de Maio de 1933 (n.º 1.138) e 26 de Maio de 1934 (n.º 1.139) apenas para manter a propriedade do título (se estivesse mais de um ano sem se publicar, perdia o direito sobre o título).

⁸ Carlos Gomes da Silveira era estudante na Faculdade de Medicina de Lisboa, onde viria a terminar o curso. Exerceria medicina em Lisboa durante alguns anos, dedicando-se também ao jornalismo desportivo, actividade que abandonaria após regressar ao Brasil, donde era natural.

sucessivas tentativas de criação de novos jornais desportivos generalistas em Lisboa estivessem destinadas, quase sempre, ao fracasso.

2. As dificuldades do meio lisboeta

Entre 1927 e 1931, período dominado por *O Sport de Lisboa* e *Os Sports*, os doze jornais desportivos generalistas criados na Capital teriam uma existência geralmente curta, como sucederia, em 1927, com a *Foto-Sport*⁹, *Match*¹⁰, *Record*¹¹ e o *Suplemento Desportivo*¹², em 1928 com o *Vida Sã*, em 1930 com *O Campeão*¹³, a revista *Tennis*¹⁴ e o jornal *ABC – Auto-Sport* de Joshua Benoliel, e em 1931 com o semanário *O Domingo Desportivo* de José Malheiro. Quase todas estas publicações entregariam os trabalhos fotográficos à empresa Foto-Press, Lda. (sediada na Praça Luís de Camões, n.º 22, 1.º, em Lisboa), dirigida por Salazar Dinis e especializada em fotografia desportiva, fazendo também algumas incursões na criação de publicações desportivas (caso da revista *Record*, em 1927).

Apesar das dificuldades económicas que afectavam o País, com reflexos nos custos de produção e impressão dos jornais, e da hegemonia editorial de algumas publicações, seriam lançadas neste período três publicações desportivas generalistas que teriam bastante sucesso em Lisboa, embora sem atingir grande longevidade. A primeira delas foi o *Jornal de Sports*, apresentado no domingo, 1 de Maio de 1927, pela Empresa Agência Gráfica, cabendo a direcção a José Cândido Godinho. Este semanário de 50 centavos

9 Saiu um único número, em 7 de Outubro de 1927, sob a direcção e propriedade de Jorge Santos.

10 Criada por João de Almeida Júnior, saiu somente uma vez, em 10 de Outubro de 1927.

11 *Record – Todos os Sports* tinha na direcção Salazar Carreira, sendo propriedade da Foto-Press, Lda. Apesar da qualidade gráfica e jornalística (contava com a colaboração de 19 conceituados jornalistas, como Cândido de Oliveira, Ayala Botto, Ruy da Cunha, Ribeiro dos Reis, Carlos Farinha, Mala Loureiro, Tavares da Silva, Carlos Moniz Pereira ou Mário de Noronha), publicaria unicamente três números, entre 19 de Novembro e 3 de Dezembro de 1927.

12 Propriedade de *O Volante*, este jornal ilustrado de 50 centavos saiu no domingo, 16 de Outubro de 1927, com Farinha Beirão como redactor principal. O sucesso inicial não agradou ao *Os Sports*, que se queixou do título ser igual ao seu suplemento dominical. O director de *O Volante* e do *Suplemento Desportivo*, A. Campos Júnior, lembrou que tinha sido ele, na sua passagem pelo *Os Sports*, a lançar a ideia de um suplemento desportivo dominical e por isso podia usar novamente o título. Apesar do sucesso inicial, publicou mais quatro edições, até 13 de Novembro de 1927.

13 Semanário de Mário Sant'Ana, centrado no desporto lisboeta, só sairia uma vez, em 11 de Janeiro de 1930.

14 Lançada pela Casa Sprii (dedicada à venda de artigos desportivos na Rua do Loreto, n.º 34, em Lisboa), esta revista era dedicada ao desporto em geral, embora privilegiasse o ténis, tendo na direcção o tenista Vasco Galvão. Com uma excelente qualidade gráfica e impressa em papel couché, publicaria cinco edições mensais ao preço de 2\$50 escudos, entre Julho e Dezembro de 1930. Reapareceria em Janeiro de 1932, com o título de *Desportos Elegantes*.

apresentava-se com quatro páginas (formato 58x38), uma delas (a contracapa) dedicada por inteiro a fazer publicidade a «O Volante – Jornal Portuguez de Automobilismo». No editorial «Para que conste...», o director afirmava que o *Jornal de Sports* iria «procurar ser um pouco diferente dos outros jornais», uma vez que «a tempos novos têm, fatalmente, de corresponder processos novos.» E explicava que num meio desportivo como o português, enfermo «do mal nacional da indisciplina», era essencial ter uma imprensa desportiva responsável: «A eles (homens da imprensa) se deve, em grande parte, o facto de dentro do desporto nacional não estar cada um no seu lugar. Aos seus elogios, às suas bajulices, aos seus adjectivos pastosos, à sua lisonja a oito – tornando 'às' tanto jogador insignificante e passando carta de bacharel desportivo a tanto cretino – se deve a inversão de valores que hoje se nota. Ora é preciso arrepiar caminho. É preciso não reincidir no erro para este não tomar o aspecto de crime. São estes os processos velhos da velha imprensa que é preciso pôr de banda. São os contrários destes, os processos novos, que queremos para nós.» Cândido Godinho deixaria também em evidência o sentido de independência do jornal, afirmando que o mesmo «não está subsidiado por ninguém», vivendo por isso «dos seus próprios recursos».

No número inaugural de 1 de Maio de 1927 destacava-se também o artigo «Jornaes...», assinado pelo prestigiado jornalista Artur Inês, que traçava o perfil de uma parte dos leitores de jornais desportivos. Começava por afirmar que ainda havia muito para fazer em termos de jornalismo desportivo, defendendo inclusive que Portugal se encontrava na «idade da pedra» quando comparado com o que se fazia no estrangeiro em matéria de informação desportiva. E criticava duramente uma parte dos leitores por esse atraso: «O ambiente português não é propício ao desenvolvimento de qualquer imprensa e muito menos da especialidade sportiva. Geralmente, as pessoas que se interessam pelo sport não compram os jornais de sport. Vão às tabacarias, pedem aos empregados, lêem, agradecem... e vão-se embora. Isto representa um mal, um crime, se quiserem, contra aqueles que, desinteressadamente, se propõem engrandecer pela propaganda o meio sportivo português.»

O *Jornal de Sports*, sob a batuta de Cândido Godinho, passaria a sair todos os domingos, conseguindo mesmo superar as dificuldades impostas pela concorrência (*O Sport de Lisboa* acusá-lo-ia de favorecer certos interesses,

merecendo uma contundente resposta em 7 de Agosto de 1927) e pelo Verão (altura em que o volume e interesse noticioso pelo desporto diminuía devido à paragem do futebol), como a direcção fez questão de salientar no editorial «Vencemos!», publicado em 5 de Setembro de 1927. Mas a acumulação de dívidas (superavam os três mil escudos) fariam com que o jornal cessasse actividade pouco depois, em 26 de Setembro de 1927, após 20 números.

No ano seguinte, um dos colaboradores do *Jornal de Sports*, o afamado jornalista desportivo Artur Inês¹⁵, estaria na origem de uma outra publicação de qualidade, a revista *O Az*, lançada no domingo, 14 de Outubro de 1928, em Lisboa. Propriedade da Imprensa Beleza, que a editava (no formato 33x23), a revista apresentava-se com um grafismo inovador, responsabilidade do técnico gráfico Luís Beleza, que juntamente com Artur Inês eram os dois homens fortes da publicação. O primeiro número, ao preço de 1\$50, teve uma tiragem recorde de 15 mil exemplares, distribuídos por 851 cidades, vilas e aldeias de Portugal, como o jornal referia numa nota na página dois. No editorial «Síntese», a direcção afirmava que já era tempo «de Portugal possuir uma revista *para sempre*, que não envergonhe o nosso sport e as nossas artes gráficas.»

Futebol, boxe, tiro¹⁶, ténis, hipismo, automobilismo e atletismo seriam as modalidades em foco, ilustradas com fotografias de grande qualidade (realce para o fotógrafo Luís Nunes), destacando-se as colaborações jornalísticas de Luís Raul (boxe e editoriais), Ricardo Ornellas (futebol) e Manuel Artur (editoriais). A estes nomes juntaram-se, nos números seguintes, os redactores Alberto Freitas e Carlos Conde; os colaboradores Fernando Baptista (tauromaquia), Salazar Carreira (atletismo e rúgby), Emilio Viterbo (futebol) e José Dias Pereira (basquetebol); os correspondentes José Silva Petiz¹⁷ (Porto), Adriano Peixoto (Coimbra) e Almeida Cassar (Setúbal); os ilustradores Manoel Oliveira, Joaquim Correia (com as suas famosas caricaturas na primeira página) e A. Sousa; e os fotógrafos Serrano, César Antelo, António Bívar, Manuel Nunes d'Almeida e José Gonçalves (Porto). A todas estas figuras ligadas à feitura de *O Az* tinha-se ainda que acrescentar Ferreira da Silva

15 Iniciou-se na secção desportiva do *Diário da Tarde*, dirigindo em 1926 a revista *Eco dos Sports*.

16 Daria destaque à Taça Major Pereira Coelho, prova anual de tiro inter-jornalistas, organizada pelo jornal *O Volante* e pela Federação Nacional do Tiro. A equipa de *O Volante* seria a vencedora, ficando *O Az* em segundo – muito criticada seria a ausência das equipas de *O Século*, *Diário de Notícias* e *Os Sports*.

17 Foi correspondente desportivo no Porto dos jornais lisboetas *A Manhã*, *Diário da Tarde*, *Eco dos Sports* e *O Az*.

(chefe das oficinas de impressão da revista) e António Bernardo (chefe das oficinas tipográficas da Imprensa Beleza, proprietária de *O Az*).

Todos estes nomes ficariam ligados à história desta revista de grande qualidade, que se publicaria regularmente durante 66 edições, até ao domingo, 19 de Janeiro de 1930. Nessa última edição, no editorial de despedida, com o título «Half-time», a direcção lamentava o facto da imprensa portuguesa estar a viver «uma hora aflitiva», vítima dos elevados preços do papel causados pelas «novas pautas alfandegárias da autoria do sr. dr. Oliveira Salazar», as quais eram uma «machadada de morte vibrada na pequena imprensa, precisamente naquela que não recebe subsídios nem cura de política, porque isso não lhe interessa.» Como o papel em que *O Az* era impresso provinha da Alemanha, os novos impostos alfandegários tornavam inviável a importação de mais papel do estrangeiro. E como o papel nacional era «mau» e «ordinaríssimo e caro – escandalosamente caro», só sobrava fazer uma coisa: «Que nos resta, portanto, fazer nesta dura situação que nos é imposta por um Estado completamente divorciado da economia e do fomento geral da Nação? Fechar a porta! É o que fazemos, constrangidos, esperando melhores dias.» Estas acusações ao Estado português, embora contundentes, não foram censuradas, apesar do jornal apresentar a frase «Este número foi visado pela Comissão de Censura», mesmo por debaixo do editorial.

A herança gráfica e editorial de *O Az* seria assumida, em 20 de Agosto de 1931, pela *Sport Ilustrado – Revista portuguesa de todos os sports*, dirigida por Cândido Frazão, com Carlos da Silveira como redactor principal. A nova publicação ilustrada contava com a colaboração de alguns nomes ligados a *O Az*, como Salazar Carreira (atletismo) e os fotógrafos César Antelo e Nunes d'Almeida, mas apresentava novos talentos, como os fotógrafos R. Vaissier e J. Ferreira (no Porto), e os ilustradores Dinis Fragoso, Amorim e Octávio. Habitualmente com 16 páginas (formato 34x21), esta revista era propriedade da Sociedade Geral de Publicações, sendo editada pela Bertrand (Irmãos), Lda., localizada na Travessa da Condessa do Rio, n.º 27, em Lisboa (morada da redacção e administração da revista). Publicada à quarta-feira, por 1\$50, teria no número 11, de 29 de Outubro de 1931, uma das suas edições mais simbólicas, dedicada à morte do popular futebolista do CF Os Belenenses, José Manuel Soares, mais conhecido por «Pepe», falecido devido a uma

intoxicação alimentar. A primeira página desse número, dedicada ao avançado belenense, ilustrava bem a qualidade das capas publicadas pela *Sport Ilustrado*, que viria a terminar pouco depois, em 3 de Dezembro de 1931, durando somente 16 números.

No início do ano seguinte, em Fevereiro de 1932, aquele que fora o redactor principal da *Sport Ilustrado*, Carlos da Silveira, decidiu avançar, agora na condição de director, com uma nova revista ilustrada, a *Stadium*, que copiaria o subtítulo «Revista portuguesa de todos os sports». Mas ao contrário da *Eco dos Sports*, *O Az* e *Sport Ilustrado*, esta nova revista conseguiria finalmente firmar-se no meio desportivo português, mantendo-se em actividade regular até Julho de 1942, publicando 531 números (reapareceria em Dezembro desse ano, com uma segunda série, que duraria até Dezembro de 1951, publicando mais 469 números).

A rápida consolidação e popularização da revista semanal *Stadium* e a hegemonia do bissemanário *Os Sports* tomaram o panorama do jornalismo desportivo generalista ainda mais complicado para o surgimento de novas publicações em Lisboa. Entre 1932 e 1936, além da *Stadium*, apareceriam mais sete periódicos desportivos generalistas na Capital, mas cinco deles de duração reduzida: *Alcântara Desportiva*¹⁸ (1933), *Sprint*¹⁹ (1934), *Punching-Ball*²⁰ (1935), *Futebol*²¹ (1936) e *Az*²² (1936). Os únicos periódicos que conseguiram superar as dificuldades dos primeiros meses de publicação foram os semanários *A Bola* (1932-1934) e *Futebol* (1935). O primeiro a sair foi *A Bola*, que lançou o seu número-programa na segunda-feira, 3 de Outubro de 1932, apresentando o subtítulo de «Todos os Desportos, Cinema, Teatros, Etc». Propriedade da Sociedade Editorial ABC, a direcção era ocupada por Tavares da Silva, um dos mais prestigiados jornalistas portugueses,

18 Com um noticiário local, centrado nas actividades do Carcavelinhos FC, este quinzenário publicou nove números, entre 2 de Setembro de 1933 e 14 de Janeiro de 1934, sob a direcção e propriedade de João Alves de Sousa.

19 *Sprint* – *Semanário de todos os desportos* era a continuação do jornal *A Bola*, entretanto suspenso. Dirigido por Álvaro de Oliveira, saiu somente duas vezes, em 6 e 13 de Outubro de 1934.

20 Este quinzenário de Joaquim Augusto Correia daria destaque ao boxe e futebol. Mas aguentaria apenas dois números, de 3 e 17 de Novembro de 1935. A ambição de passar a semanário, aumentar de 8 para 16 páginas e chegar aos mil assinantes (apresentadas no número dois como única forma do jornal sobreviver) nunca se iria concretizar.

21 Apresentou-se em 23 de Maio de 1936 como um «Semanário de propaganda e crítica desportiva», dirigido pelo proprietário Joaquim Augusto Correia. Publicou-se só mais uma vez, em 20 de Junho de 1936.

22 Com o subtítulo de «Quinzenário Desportivo de Propaganda», o *Az* tinha uma especial ligação ao CF Os Belenenses, publicando três números, entre 4 de Janeiro e 13 de Fevereiro de 1936, sob a direcção de Moreira Rato.

especializado em futebol. No editorial «A Bola», publicado na capa, esclareciam-se os leitores que estava a fazer falta, ao meio desportivo português, «uma publicação com boa doutrina e ideias novas, de crítica imparcial e serena, de espírito novo e de informação completa». No número seguinte, oficialmente o primeiro, publicado na segunda-feira, 31 de Outubro de 1932, o director Tavares da Silva assinava o editorial «Orientação desportiva», o qual iniciou com uma frase simbólica: «Criamo-nos na escola de homens que adoravam o desporto, transformando-o em religião, na religião dos tempos modernos.» E explicou que o novo jornal iria assentar a linha editorial na «lealdade e imparcialidade», uma vez que «a lealdade é a essência do desportistas e apanágio do jornalista que tiver o culto da sua profissão» e «a imparcialidade é a maior qualidade do crítico e a pedra de toque do comentador sério». Deste modo, *A Bola*, que pretendia ter uma «função educativa e doutrinária», não ia ter facções, «nem cor desportiva», proclamando «altivamente a sua independência».

As suas oito páginas iniciais, com um grafismo inovador, recheadas de boas fotografias e ilustrações, apresentavam um vasto conjunto de secções desportivas, dedicadas a várias modalidades, com realce para o futebol (contava com a colaboração do especialista Cândido de Oliveira) e o ciclismo. O noticiário internacional publicava-se na secção «Estrangeiro», apresentando notícias de Itália, Inglaterra e França, recorrendo ao jornal gaulês *Match*. Um dos artigos interessantes do primeiro número de *A Bola* tinha o título «Desporto, força nacional», assinado por Reis Gonçalves, na página dois. Tratava-se de uma reflexão crítica sobre o estado lamentável em que se encontrava o desporto português: «Portugal é ainda hoje o primeiro dos últimos em matéria desportiva e esse posto defende com uma perseverança que seria para louvar se fosse útil.» Essa posição de último devia-se, em grande medida, à falta de apoio governativo: «Tudo quanto hoje existe em desporto em Portugal se deve somente à iniciativa particular, completamente desajustada dos poderes públicos e muitas vezes contrariada por eles. O Estado parece ignorar absolutamente a importância do Desporto e a sua influência na vida de uma nação. Conviria que os homens que dirigem os destinos deste país, tomassem contacto com algumas das nossas manifestações desportivas, para

poderem ajuizar do que o Desporto pode representar como força, como manifestação de vitalidade.»

Inicialmente num formato revista (43x31), *A Bola* adoptaria, em Dezembro de 1932, um formato maior (48x41) e a imagem de uma bola como símbolo no cabeçalho, o qual ganharia cor vermelha – as mudanças deveram-se, em parte, ao facto de passar a ser impresso numa máquina rotativa, o que facilitava a impressão (acabando com as queixas dos atrasos na distribuição) e a introdução de cor no cabeçalho e nos títulos da primeira página.

Entre 1933 e 1934, *A Bola* reforçaria a sua presença no meio desportivo português através da organização de diversas provas desportivas (aliando-se, por vezes, aos clubes, como em Julho de 1933 quando se juntou ao Clube Atlético Campo de Ourique para organizar três provas ciclistas em Lisboa) e devido a um jornalismo desportivo eclético e de qualidade, mudando também de proprietário em Fevereiro de 1933, passando a Renascença Gráfica a assumir o controlo do jornal. Mas as fracas receitas e a acumulação de dívidas fizeram com que, em 13 de Agosto de 1934, na edição 98, a direcção anunciasse a suspensão do periódico, aproveitando a paragem do futebol por causa do Verão (altura em que diminuía o interesse, o volume noticioso e a venda de exemplares), para proceder a uma reorganização dos serviços, prometendo regressar no início da nova época futebolística (normalmente em meados de Setembro) – só voltaria mais uma vez, em 10 de Agosto de 1935, para assegurar o título (ainda existia a vontade de reactivá-lo) e agradecer as cartas de apoio e os pedidos para regressar, o que não viria a suceder.

Nessa altura, no Verão de 1935, quem estava em actividade era o semanário *Futebol*, lançado em Lisboa, no início do ano (9 de Fevereiro), com Moreira Rato²³ como director, ao preço de 50 centavos. Dedicado ao «desporto-rei», como começava a ser conhecido o futebol, teria igualmente um papel relevante na promoção do desporto feminino²⁴, contando com uma

23 Em jovem foi um excelente nadador do Campeonato Nacional de Natação, tornando-se mais tarde jornalista desportivo. Foi vice-presidente do CF Os Belenenses e director do *Boletim do CF Estrela da Amadora*, criado em 1951.

24 No início da década de 1930, alguns jornais desportivos e generalistas passaram a contar, entre os seus colaboradores desportivos, com mulheres, como fez o *Diário de Lisboa*, a partir de Outubro de 1931, publicando regularmente artigos sobre desporto da escritora Maria de Carvalho.

colaboradora permanente, Marta Lina²⁵, que assinava semanalmente uma coluna no jornal. Alicerçado num vasto leque de colaboradores – com o peso de nomes que iam do jornalista Artur Inês ao trio de fotógrafos Antelo, Bívar e Nunes d’Almeida e ao ilustrador Vasco (cujas caricaturas²⁶ faziam enorme sucesso) – e num alargado espectro de correspondentes nacionais, espalhados por 17 cidades, o semanário *Futebol* conseguiu publicar-se 28 vezes, a última delas em 28 de Setembro de 1935, primando sempre por uma excelente linha doutrinal sobre o papel do desporto e do jornalismo desportivo na sociedade portuguesa.

Em Fevereiro de 1935, numa altura em que se vivia um clima tenso no meio desportivo português, assistindo-se mesmo à agressão do director da revista *Stadium*, Carlos da Silveira, no campo do Sporting CP – o que gerou a indignação da imprensa desportiva –, o semanário *Futebol* publicou algumas reflexões sobre o estado do desporto e do jornalismo em Portugal. Um dos artigos que melhor sintetizou a situação que se vivia foi publicado em 16 de Fevereiro de 1935, na página três do *Futebol*, com o título «Directrizes erradas na imprensa desportiva», da autoria de Artur Inês. Nessa reflexão, o autor afirmava que no campo desportivo português estava «tudo ou quase tudo por fazer» e a maior responsabilidade por essa «desorientação» pertencia «à imprensa em geral e sobretudo à imprensa da especialidade». E passou a explicar: «Em Portugal, onde há a “mania” do desporto, não há uma mentalidade desportiva. Os jornalistas da especialidade, salvo raras e honrosas excepções, limitam-se a aprender as regras do futebol e a fazer relatos, poucas vezes crítica, dessa modalidade desportiva. Além disto, que é já muito importante, os relatos ou críticas dos jogos de futebol reflectem de uma maneira geral as predilecções ou simpatias, quando não visível partidarismo desses críticos, pois todos têm o seu clube e alguns deles até ganham dinheiro com a prática do futebol.» A estes problemas havia ainda que acrescentar a falta de preocupação da classe jornalística com os desportistas: «Gastam-se páginas e páginas com o simples relato de um jogo que apaixonou a curiosidade mórbida das massas... Exaltam-se jogadores como heróis de

25 A secção «Temas femininos» apareceu logo no número um, com a autora Marta Lina a explicar a importância da mulher portuguesa colaborar mais na imprensa desportiva, de forma a promover o desporto feminino: «A rapariga portuguesa necessita também de viver para o desporto, de sair do ciclo de preconceitos que a envolvem.»

26 A primeira caricatura saiu na capa de 23 de Fevereiro de 1935, dedicada ao avançado do SL Benfica, Torres.

legenda, mas não se cura de saber se esses jogadores, a quem assopram a vaidade e são quase sempre operários e ignorantes, e por vezes analfabetos, vivem em boas e salutaras condições higiénicas e económicas.» E a culpa deste cenário era dos jornalistas: «A imprensa desportiva portuguesa, salvo raras e honrosas excepções, repito, conduziu criminosamente a opinião pública, desportiva ou não, para o desporto especulativo fazendo, dos campos atléticos, tabuleiros de batota reles, em que a multidão delirante e emocionada não vai ver atletas em atitudes de caprichosa beleza estética, mas sim ver “Quem ganha!” Eis o pensamento, eis a finalidade especulativa da nossa imprensa desportiva...»

3. Porto a duas vozes

Entre 1927 e 1936, período no qual, como já vimos, surgiram 145 novos jornais desportivos em Portugal, 72 dos quais generalistas, o Porto seria o segundo centro desportivo com maior actividade jornalística nesta área, aparecendo 11 novas publicações – cerca de metade das criadas (20) em Lisboa na mesma altura.

Durante a segunda metade dos anos 1920 e, sobretudo, na primeira metade da década de 1930, o jornalismo desportivo portuense foi dominado pela revista *Sporting*, dirigida por Oliveira Valença. A preponderância noticiosa desta publicação, conhecida pelos leitores como o «Rosa» (continuava a publicar-se em papel cor-de-rosa, mudando ocasionalmente para branco quando se acabava o stock de papel), acentuou-se a partir de Janeiro de 1926, quando passou de semanal a bissemanal. Seria com esse fulgor editorial que atingiria a edição 500, em 10 de Agosto de 1928, após oito anos de publicação. E no número seguinte, de 14 de Agosto, no editorial «500», a direcção faria questão de sublinhar que atingir esse número de edições devia «merecer um pouco de atenção», principalmente porque se tratava de um periódico desportivo que vivia «apenas da sua venda e da sua publicidade», sem o apoio de «capitalistas nem capitais» (numa clara alusão crítica a *Os Sports*, nessa altura ligado ao *Diário de Notícias*). Nesse editorial referia-se ainda a necessidade de angariar mais assinantes, de forma a fazer «progredir» o jornal, e a altura era ideal para isso, já que «a imprensa desportiva está em

férias, férias ocasionadas pela falta do football» (durante o Verão, a actividade futebolística parava e os jornais desportivos diminuían o número de páginas e, por inerência, as vendas).

Entre 1930 e 1931, o *Sporting* faria diversas remodelações gráficas, visando principalmente uma melhoria do aspecto da primeira página, com a introdução de cor no título, como fez por ocasião do décimo aniversário, em 3 de Abril de 1931. Nesse mesmo mês, no número do dia 28, o director Oliveira Valença tocava, no editorial «Sinal dos tempos», num assunto com o qual o jornal se via semanalmente obrigado a lidar, a Censura prévia, mostrando-se quase indiferente a ela: «Como partícula da imprensa portuguesa, Sporting é atingido apenas no que se refere à liberdade de escrita, mas isso mesmo pouco nos afecta, porque como jornal da especialidade desportiva a censura raramente mexe nas nossas colunas.»

No final do ano seguinte, em Novembro de 1932, o «Rosa» conciliaria novas modificações gráficas na capa com uma mudança de vulto: a passagem de bissemanal a trissemanal (passava a sair à quarta, sexta-feira e domingo). E em 24 de Abril de 1933 comemoraria a edição 1.000, fazendo pouco depois, em 8 de Maio, uma nova remodelação gráfica. Este constante cuidado com a imagem gráfica do jornal, aliada à qualidade redactorial²⁷, permitiram ao *Sporting* manter-se como uma referência do jornalismo desportivo portuense ao longo da década de 1930, atingindo, em 30 de Março de 1936, os 15 anos de actividade, comemorados com um número especial de 50 páginas.

No entanto, ao contrário do que se poderia pensar, esta sólida trajectória do *Sporting* não impediu o surgimento de novas e interessantes publicações desportivas generalistas na cidade do Porto, embora algumas delas de fugaz

27 Em 24 de Janeiro de 1935, o jornal ficou de luto pela morte de João José de Sousa Martins (morreu no dia 19), jornalista do *Jornal de Notícias* e um dos mais antigos e dedicados colaboradores do *Sporting*. Foi um dos cronistas desportivos mais inovadores dos anos 1920, tendo-se destacado também ao serviço de *O Desporto*, em 1926. O filho, Raul Sousa Martins, viria igualmente a colaborar na imprensa desportiva portuense.

duração, como sucedeu aos semanários *O Sport*²⁸ (1929), *Futebol*²⁹ (1931), *Portuense*³⁰ (1932) e *A Hora de Domingo*³¹ (1933).

Na segunda metade dos anos 1920, o primeiro periódico a ganhar dimensão popular e prestígio no meio desportivo portuense foi o bissemanário *Sport*, lançado³² na segunda-feira, 1 de Janeiro de 1927, contando na direcção com Silva Gay, na chefia de Redacção com Manuel Camanho³³ e na secretaria de Redacção com Roberto Machado³⁴. Composto e impresso na Imprensa Teatral Sportiva, no Largo de Santo André, n.º 112-114, no Porto, local que albergava também a Redacção e administração do jornal, o *Sport* estreou a sua primeira página, de 1 de Janeiro de 1927, com uma caricatura desportiva da autoria do ilustrador e jornalista Almeida Coquet, que assinava também o artigo «Educação», dedicado a promover o desporto.

Este bissemanário de 50 centavos, publicado às segundas e quintas-feiras de manhã, encetaria ao longo dos primeiros meses de actividade algumas campanhas a favor da actividade desportiva. Começou por criticar duramente a Federação Portuguesa de Futebol por não autorizar a empresa Invicta-Film³⁵ a filmar os desafios de futebol da Selecção Nacional, filmes cuja exibição nas salas de cinema portuguesas poderiam ser extremamente úteis para a promoção do desporto. E em inícios de Março de 1927 seria a vez do director Manuel Camanho se solidarizar com o colega Emílio Viterbo, redactor desportivo do *Diário do Porto*, na luta pela criação de uma Casa dos

28 Distribuído gratuitamente, *O Sport* pertencia a José Lopes Gaia, director e editor, que pretendia através da publicidade suportar os custos do jornal (criou o cargo de Director Comercial, ocupado por Óscar Braga). Com sede na Rua da Alegria, n.º 434, no Porto, saiu três vezes, entre 1 de Novembro e 22 de Dezembro de 1929.

29 Saiu somente uma vez, em 18 de Julho de 1931, com um noticiário alargado, dirigido por M.L. Costa Júnior.

30 Este «Semanário de Desporto e Propagandas», dirigido por Domingos Moreira Pato, saiu só uma vez, em Maio de 1932, ao preço de 1\$00, tendo como objectivo «fazer a propaganda de todas as modalidades desportivas».

31 Este «Jornal desportivo» de 50 centavos publicou cinco números, entre 19 de Fevereiro e 19 de Março de 1933.

32 Tinha feito um número «Specimen-Miniatura», em 26 de Dezembro de 1926, para se apresentar ao público.

33 Com 30 anos, Manuel Camanho era uma das figuras incontornáveis do jornalismo portuense, tendo aos 13 anos ingressado na secção desportiva de *O Primeiro de Janeiro*, a qual manteve diariamente durante dez anos. Nesse período dirigiu ainda as secções desportivas dos diários *Norte e Liberdade*, colaborando também na *Revista Popular Ilustrada* e nos lisboetas *O Sport de Lisboa* e *Os Sports*.

34 Redactor desportivo de longa experiência, colaborou na secção desportiva de *O Primeiro de Janeiro* durante cinco anos, demonstrando sempre uma grande imparcialidade jornalística, que lhe custou alguns problemas.

35 Dias antes da realização do Portugal-Checoslováquia, que se realizaria no Porto, em 24 de Janeiro de 1926, a Invicta-Film propôs à Federação Portuguesa de Futebol filmar a partida, tendo esta exigido 500 escudos em contrapartida. Face ao preço elevado, a Invicta-Film recusou, mas enviaria na mesma o operador Laumann, que colocou clandestinamente a sua câmara em cima de um dos muros do Campo do Arrial, gravando algumas passagens do encontro, mais tarde exibidas nos cinemas da cidade.

Jornalistas, pensada para servir de apoio aos jornalistas portuenses reformados, com dificuldades económicas.

Durante o primeiro ano de publicação, o *Sport* sofreria as habituais mudanças gráficas e de direcção (em 4 de Julho de 1927, Silva Gay e Roberto Machado passaram a directores, com Guedes do Amaral como chefe de redacção), assim como as fatídicas faltas de pagamento das assinaturas (os exemplares eram enviados por correio semanalmente e depois seguia o recibo, que em alguns casos era devolvido sem o respectivo pagamento), que levaram o jornal a adoptar uma medida drástica: em 21 de Julho de 1927 anunciava a publicação regular de uma lista de devedores, com os seus nomes e moradas, tentando assim, pela pressão da vergonha social, fazer com que esses assinantes mantivessem actualizados os pagamentos das assinaturas.

Apesar das contrariedades, o *Sport* comemoraria, em 1 de Janeiro de 1928, o primeiro aniversário, publicando uma edição dedicada inteiramente a dissecar um ano de existência. No artigo «O nosso programa», o director Roberto Machado explicou aos leitores que dos 13 redactores iniciais, apenas quatro (ele próprio, Silva Gay, Guedes do Amaral e Augusto Alves) se mantiveram fieis ao jornal, sendo os outros substituídos por novos redactores desportivos: Leopoldo Carmona (especializado em caça), Corregedor da Fonseca, José Miranda Júnior³⁶, Júlio Nogueira, Manuel Graça e Sousa Pinto. E entre os colaboradores permanentes destacavam-se Manuel Birra, Salazar Carreira, Mário Duarte (filho), Francisco Duarte, Carlos Lello e os correspondentes estrangeiros Nilo Borges (Rio de Janeiro) e Portela Paz (Madrid), sem esquecer o ilustrador Almeida Coquet.

Esta estrutura redactorial, embora preconizasse a pacificação do meio desportivo e clubístico portuense, viu-se envolvida em alguns episódios lamentáveis, dois deles com efeitos negativos no jornalismo desportivo. Em Outubro de 1927, o director do *Sport*, Roberto Machado, seria despedido da chefia da secção desportiva de *O Primeiro de Janeiro*, cargo que ocupava temporariamente (por ausência no estrangeiro do habitual redactor, José Miranda Júnior) e de forma totalmente amadora (sem remuneração). Na origem do despedimento estiveram as críticas duras que Roberto Machado fez à

³⁶ Foi chefe da secção desportiva de *O Primeiro de Janeiro* durante alguns anos, tendo ocupado o cargo após a saída, por doença, do então redactor efectivo Alfredo Pinheiro, outro nome grande do jornalismo desportivo portuense.

equipa de futebol do FC Porto, que dias antes jogara com o CF Os Belenenses. Machado relataria a sua demissão no *Sport* de 17 de Outubro de 1927, acusando a direcção de *O Primeiro de Janeiro* de ceder a pressões e colocar em causa a independência da secção desportiva do jornal. Como resposta, o então director do diário portuense, Jorge de Abreu, acusaria Machado de falta de imparcialidade e legitimidade editorial, recusando quaisquer influências ou pressões externas no seu despedimento.

Piores proporções verbais e editoriais assumiu, em Fevereiro de 1928, uma desavença entre Roberto Machado, director do *Sport*, e Oliveira Valença, director do *Sporting*. Na capa do *Sport* de 16 de Fevereiro, Machado definiria o jornal rival como um «amontoado de lama» e Valença como um «campeão de pulhismo», usando assim palavras duras que ilustram bem a forma como os duelos jornalísticos eram esgrimidos nos jornais desportivos. Seria este *Sport*, agressivo e quezilento, longe do jornal pedagógico do início, que viria a sucumbir em 20 de Fevereiro de 1928, após 117 edições.

Entre 1928 e 1930 publicaram-se no Porto mais dois jornais de enorme qualidade, mas com vertentes bem distintas. O primeiro deles, o semanário *Off-Side*, lançado no sábado, 22 de Setembro de 1928, seguia a linha do humorismo desportivo, cabendo a direcção a Mário Ximenes e Oliveira Júnior. A ironia e a zombaria estariam sempre presentes nas suas páginas, a começar pela indicação da tiragem (habitualmente aparecia: «5 milhões de exemplares»), ficando também famosas as caricaturas desportivas publicadas na capa, assinadas por Filipe Rei. Seria bem acolhido pelo público do Porto, conseguindo sobreviver até ao número 84, de 30 de Novembro de 1930.

Mais sério, mas com uma vida editorial mais curta, seria o *Porto-Sport*, semanário apresentado em 29 de Novembro de 1930, sob a direcção de Carlos Pilrão e com uma estrutura redactorial recheada de nomes de prestígio: Oliveira Júnior era o chefe de redacção; Corregedor da Fonseca o editor; entre os seis redactores encontravam-se Ivo Lemos e Emílio Loubet; e dos 21 colaboradores, sobressaíam figuras como Silva Gay, Silva Petiz e o fotógrafo António Martins. Ao preço de 50 centavos e com 16 páginas sem publicidade, em que abundavam as modalidades desportivas e várias secções opinativas («De roda livre», «De bom humor», «Frases... que definem»), o número inaugural do *Porto-Sport* trazia, na página cinco, assinado por Silva Gay, o

artigo «Jornalismo desportivo», em que se afirmava claramente ficar-se a dever «à nefasta influência do mau jornalismo, o calamitoso 'esterquilíbrio' desportivo em que se vegeta». E um dos alvos desse mau jornalismo era o redactor desportivo de *O Primeiro de Janeiro*, Emilio Viterbo, acusado de má conduta jornalística e de favorecer um clube (FC Porto) nas suas análises jornalísticas.

O tema do jornalismo desportivo seria recorrente nas edições seguintes do *Porto-Sport*, destacando-se a análise feita em 29 de Janeiro de 1931 (na página três), pela pena de João Pimenta, com o título «Alguns conceitos sobre jornalismo desportivo». O autor tocava em três ideias importantes: em primeiro, definiu o que considerava como jornalista desportivo, afirmando que «o verdadeiro jornalista desportivo é, sobretudo, aquele que trata as questões com toda a elevação e grandeza, que ataca com desassombro, quando é levado a esse ponto; é o jornalismo de ideia, o jornalismo de doutrinação e apologética, enfim, o jornalismo quase apostolado»; em segundo, explicaria a principal razão da fraca qualidade do jornalismo desportivo português, a qual se devia ao facto da «comunidade dos plumitivos do desporto» ter dado «acolhida fácil a criaturas a quem falta toda a capacidade intelectual, criaturas cuja incultura é manifesta e ignorância bastas vezes provada»; e, por último, trataria da questão do prestígio da profissão, lamentando o facto da falta de qualidade do jornalismo desportivo estar a fazer com que os redactores desportivos começassem a ser «tratados com uma certa sobrançeria pelos seus colegas de redacção», algo lastimável e muito diferente do que se passava no estrangeiro, onde «o jornalista desportivo é considerado um jornalista de elite», uma vez que «os directores dos periódicos não ignoram que muitos dos êxitos jornalísticos lhe são inteiramente devidos.»

Esta linha editorial de reflexão sobre o desporto e o jornalismo desportivo esteve presente ao longo da curta história do *Porto-Sport*, que se resumiu a 12 números, até 14 de Fevereiro de 1931, estando na origem da sua suspensão a habitual falta de pagamento das assinaturas.

No ano seguinte, em 4 de Maio de 1932, seguiu-se uma nova tentativa de criar mais um jornal desportivo na Cidade Invicta, com o aparecimento do semanário dominical *O Porto Desportivo*, fundado e dirigido por Rodrigues Teles, prestigiado jornalista portuense. No número inaugural destacava-se, na página três, o artigo «Aviso», no qual a Redacção pedia aos colaboradores e

anunciantes para «aportuguesarem»³⁷ o mais possível os termos estrangeiros», publicando uma pequena tabela que devia ser seguida: «Club substituir por Clube; Football por Futebol; Footbalista por Futebolista; Sport por Desporte; Etape por Etapa; Yacht por late; Comité por Comissão; Biciclete por Bicicleta».

Graças a um noticiário regionalista (embora contasse com um correspondente em Lisboa) e eclético, *O Porto Desportivo* obteria grande reconhecimento e popularidade ao longo do primeiro ano de publicação, passando a ostentar no cabeçalho, em Maio de 1933, o subtítulo: «A Maior Tiragem dos Jornais Nortenhos da Especialidade». Em Novembro desse ano, passou a bissemanário, o que acarretou a reorganização da administração do jornal, formando-se a «Empresa O Porto Desportivo», continuando António Abel de Azevedo como administrador e editor (cargos que ocupava desde início). Mas, nos meses seguintes, as relações entre o director Rodrigues Teles e António Abel de Azevedo foram-se degradando devido à pouca clareza das contas do periódico, que segundo o administrador dava sempre prejuízo, apesar das boas vendas semanais. A desconfiança que pairava sobre a contabilidade do jornal levou o director e fundador Rodrigues Teles a abandonar *O Porto Desportivo*, sendo substituído por Emílio Viterbo, em 25 de Fevereiro de 1934. Esta mudança seria nefasta para a vida do jornal, uma vez que as ligações do novo director ao FC Porto (era presidente da Assembleia Geral) retiraram credibilidade ao periódico junto dos leitores e anunciantes, que também se deixaram de rever num jornal cada vez menos regionalista e esvaziado de jornalistas desportivos de referência. Embora assente numa boa estrutura³⁸ redactorial, *O Porto Desportivo* sucumbiria em 23 de Setembro de 1934, após 128 edições.

Para a extinção deste periódico também contribuiu a forte concorrência que se vivia no jornalismo desportivo portuense nesta altura. Desde 7 de Maio de 1933³⁹ que o semanário *Jornal de Sports*, alicerçado em Salvador Braga

37 O aportuguesamento da linguagem desportiva estava longe de ser consensual. O *Diário de Sports*, lançado no Porto, em 31 de Janeiro de 1935, afirmaria na capa que não ia alterar «a terminologia desportiva original, enquanto a nomenclatura desportiva não for superior e convenientemente adaptada à língua portuguesa».

38 O quadro redactorial era formado por um director, um editor, um secretário de Redacção, nove redactores (dois em Lisboa), dois fotógrafos e nove colaboradores.

39 Lançado com seis páginas (formato 59x40), tinha a sede na Casa dos Jornalistas, nas Ruas Rodrigues Sampaio e Bonjardim (telefone 5259), cabendo a impressão às Oficinas Gráficas, na Rua da Boavista, n.º 307, no Porto. Na capa do número um destacava-se o rodapé de publicidade: «Desportistas!!! Um Conselho: Vermouth Martini Após o Treino».

(director) e Luís Martins (redactor principal), havia conseguido conquistar o seu espaço entre o público e anunciantes, graças a um interessante e inovador leque de secções, que iam desde a resposta às dúvidas dos leitores («Quer resposta?»), à publicação de opiniões («Jornal do Público»), aos comunicados dos clubes («Agenda dos Clubs»), à recordação do passado («O Desporto Há Dez Anos») e ao noticiário nacional regionalista («Província»). A sua linha editorial conciliadora, ao invés do cariz quezilento adoptado por outros periódicos, permitiu-lhe granjear prestígio entre os leitores e desportistas, mantendo-se em actividade até 1 de Novembro de 1936 (edição 188).

A instabilidade e forte concorrência entre os periódicos desportivos portuenses ditaram igualmente o fim prematuro da segunda tentativa de criar um jornal diário desportivo em Portugal. O *Diário de Sports*, lançado no Porto, por Alexandre Cal, na quinta-feira, 31 de Janeiro de 1935⁴⁰, duraria somente 15 números como diário, até 18 de Fevereiro de 1935, dia em que anunciou a passagem temporária a semanário, de forma a proceder a uma remodelação editorial. Contudo, o *Diário de Sports*, na condição de suplemento semanal, saiu unicamente uma vez, em 4 de Março de 1936, publicando na capa desse último número o editorial «Vincando Atitudes...», em que lamentou a «hostilidade» de uma parte da imprensa desportiva portuense, para quem o diário foi visto como «um pesadelo», deitando mão a «todos os processos» para o «aniquilar». E uma das principais acusações de que foi alvo era o de ser «um órgão destinado a fazer, no meio desportivo, mais ou menos encobertamente, a propaganda do Estado Novo». Ao contrário dos colegas de imprensa, que preferiam ver separados o mundo da política e o do desporto, o director Alexandre Cal mostrou-se um forte apoiante de Oliveira Salazar e da aproximação da política ao desporto, uma vez que, na sua opinião, da «educação física, bem orientada e compreendida, está a garantia da perpetuidade da Raça – fisicamente depauperada e empobrecida». Por isso, «política no desporto, sim», desde que essa política fosse «a política alta de realizações na administração pública – política de factos e de realidades, em oposição à política de ficções e de promessas.»

40 Ao preço de 30 centavos e com sede na Rua do Cativo, n.º 16, no Porto, este diário apareceu com quatro páginas (formato 51x36), dedicando especial atenção ao futebol, atletismo, natação, automobilismo e boxe.

Menos pacífica seria a relação que iria ter, nos anos e décadas seguintes, o bissemanário *O Norte Desportivo* (Porto, 1934-1983) com o mundo da política, em especial com os Serviços de Censura do Porto, que lhe abriram o primeiro processo em Abril de 1935, devido à publicação de «matéria sem enviar à censura»⁴¹, não sofrendo, nessa altura, qualquer sanção – pior sorte teria em Junho de 1936, em que o não envio de alguns artigos à censura foi punido com uma multa pesada de 500 escudos. Criado em 18 de Fevereiro de 1934, a origem de *O Norte Desportivo* assentou num pequeno grupo de dissidentes de *O Porto Desportivo*, formado por Rodrigues Teles (director e proprietário), Sousa Pinto (editor), Joaquim Alves Teixeira⁴² (administrador e subdirector), José Devezas (redactor principal), Costa Júnior e Leite Maia (colaboradores), entre outros. Todos estes nomes haviam abandonado *O Porto Desportivo*, em inícios de Fevereiro, incompatibilizados com o editor e administrador António Abel de Azevedo, que acusavam de má gestão e irregularidades contabilísticas (esse seria o tema do editorial «Será preciso desmascará-lo mais?», publicado na capa do número um de *O Norte Desportivo*). Unidos na ambição de continuar a fazer jornalismo desportivo no Porto, avançaram com o projecto de «*O Norte*», como passou a ser conhecido entre os leitores, tendo a primeira sede na Rua S. Bento da Vitória, n.º 10, no Porto, cabendo a composição e impressão à Tipografia do Diário do Porto, situada no mesmo local.

Bissemanário de qualidade (publicava-se às quintas-feiras e domingos), em formato grande (igual aos melhores diários generalistas da época) e ao preço de 50 centavos, depressa «*O Norte*» obteve notoriedade entre os leitores portuenses, mercê de uma linha editorial regionalista (que lhe custaria vários duelos jornalísticos com os periódicos lisboetas), assente no futebol e na defesa dos clubes da cidade e da região norte, assim como na promoção de várias modalidades (ciclismo, boxe, natação, entre outras) e no noticiário internacional. Entre 1934 e 1936, *O Norte Desportivo* faria um trajecto de

41 O cadastro de *O Norte Desportivo* encontra-se no Processo n.º 241, criado pelos Serviços de Censura, consultável nos arquivos do Serviço Nacional de Informação (SNI), no Arquivo Nacional Torre do Tombo, em Lisboa.

42 Começou a carreira jornalística aos 17 anos na delegação do Porto de *O Século*, sendo depois director de *O Norte Desportivo* entre Setembro de 1938 e 17 de Dezembro de 1981, dia em que faleceu, aos 72 anos. Foi redactor de *O Primeiro de Janeiro* durante 50 anos, colaborando também com outros jornais generalistas (*O Comércio do Porto*, *Diário de Lisboa*, *Diário Popular*, *Novidades*) e desportivos (*Stadium* e *A Bola*). Como dirigente desportivo estaria ligado ao clube portuense SC Vasco da Gama e à fundação da Federação Portuguesa de Andebol.

sucesso (em Outubro de 1936 exibia o subtítulo «O jornal da especialidade com maior tiragem e expansão aquém Mondego»), conseguindo atingir um nível de estabilidade editorial e financeira que só a revista *Sporting* patenteava na cidade do Porto, tornando-se assim «O Norte» e o «Rosa» os dois periódicos de referência no panorama do jornalismo desportivo portuense.

4. O agravamento da guerra Norte-Sul e das rivalidades jornalísticas

A consolidação definitiva de um jornalismo desportivo generalista na cidade do Porto, obtida a partir de 1921 com a revista *Sporting* e reforçada, em 1934, com *O Norte Desportivo*, fez com que os antagonismos com a imprensa desportiva lisboeta se agravassem, fruto do próprio aumento das rivalidades entre os clubes das duas cidades, principalmente no futebol, mas também entre os organismos desportivos. Deste modo, entre 1927 e 1935 continuaram-se a escrever novos e tumultuosos capítulos da guerra Norte-Sul entre a imprensa desportiva das duas principais cidades desportivas do País.

Durante o ano de 1927 assistiu-se a várias batalhas jornalísticas. A primeira delas seria logo em Janeiro, entre a revista portuense *Sporting* e o lisboeta *O Sport de Lisboa*, tendo como tema de discórdia a possibilidade de realização nesse ano, no Porto, de um jogo internacional da Selecção Nacional de Futebol. O jornal lisboeta argumentava que as assistências anteriores aos jogos da Selecção tinham sido reduzidas e as despesas de ir até ao Porto eram elevadas, ao que a revista portuense respondeu com contundência, defendendo que a cidade do Porto tinha «público em número suficiente para garantir o êxito financeiro de qualquer espectáculo desportivo»⁴³. E o *Sporting* aproveitou também para apelidar de «levianos»⁴⁴ todos aqueles que o acusavam de estar a «cavar um abismo entre Lisboa e Porto»⁴⁵, reconhecendo, no entanto, que tinha a «rodeá-lo uma característica de bairrismo, porque desde o seu início vem defendendo, contra tudo e contra todos, os sagrados interesses da região Norte»⁴⁶. O *Sport de Lisboa* respondeu à letra, pedindo à *Sporting* para não andar, «como D. Quixote, a

43 A Redacção (1927, 14 de Janeiro). Palavras oportunas. *Sporting*, p. 1.

44 Idem, ibidem.

45 Idem, ibidem.

46 Idem, ibidem.

descobrir gigantes onde estão moinhos, nem leve o amor pela sua terra ao ponto de imaginar ofensas que não existem»⁴⁷, caracterizando de «infelizes»⁴⁸ e «injuriosas»⁴⁹ as afirmações da publicação portuense.

Em Abril e Maio desse ano, seria a vez da revista *Sporting* e os lisboetas *Eco dos Sports* e *Os Sports* se envolverem numa nova contenda, tendo, mais uma vez, como pano de fundo as rivalidades futebolísticas e os problemas entre os dirigentes desportivos. Na edição de 29 de Abril de 1927, a revista portuense publicaria um incisivo editorial, com o título «A 'escravatura branca'...», em que acusava a Federação Portuguesa de Futebol (FPF) de se reger pela lei do «quero, posso e mando», ao abrigo da qual realizava impunemente uma «série de *tranquibernias*», prejudicando gravemente os clubes portuenses e favorecendo os lisboetas. *Os Sports* reagiu pouco depois, a 2 de Maio de 1927, num tom conciliador, lamentando que nos últimos quatro anos «o Norte e o Sul, como quem diz o Porto e Lisboa»⁵⁰, se tenham «atacado furiosamente»⁵¹ em todas as épocas de futebol, partilhando ambas as partes, «em quotas mais ou menos iguais»⁵², a responsabilidade por esses litígios. Menos conciliatória foi a revista *Eco dos Sports*, que na sua edição dominical de 15 de Maio atacou duramente a imprensa portuense, no artigo «A Guerra Civil inventada pelos jornalistas sportivos do norte», assinado por Luís Raul (página onze). Segundo o jornalista lisboeta, o conflito entre o Norte e o Sul não passava de uma «invenção» de «meia dúzia de jornalistas excessivos (do Porto) que sem noção das proporções inventam mensalmente tempestades num copo de água.» Mas desta vez tinham ido longe de mais, inventando «uma guerra civil», com os jornais desportivos portuenses a declararem «guerra ao sul», alimentando o conflito através de «entrevistas tremendas, patéticas, artigos de escacha com frases batidas de comícios vai-ou-racha», vindo ao de cima «toda a retórica velho-estilo», tentando «fazer passar o Norte por vítima». Só que tudo isso, na opinião de Luís Raul, não passava «duma *blague* pouco inteligente» por parte dos jornalistas do Norte.

47 A Redacção (1927, 14 de Janeiro). Os pesadelos da 'Sporting'. *O Sport de Lisboa*, p. 3.

48 Idem, *ibidem*.

49 Idem, *ibidem*.

50 Martins, L. (1927, 2 de Maio). Culpa... a dois! *Os Sports*, p. 6.

51 Idem, *ibidem*.

52 Idem, *ibidem*.

No entanto, a pior desavença a que se assistiu, em Maio de 1927, teria como pano de fundo, não o futebol, mas sim o ciclismo. A revista portuense *Sporting* acusaria os lisboetas *Os Sports* e o *Diário de Notícias* de serem uns «macaquinhos de imitação»⁵³, por lhe terem copiado a ideia de organizar a Volta a Portugal em Bicicleta, prova que a *Sporting* alegava ter idealizado em Setembro do ano anterior, logo após a conclusão, com sucesso, da Volta ao Porto em Bicicleta. A revista portuense acusou os dois jornais lisboetas (ambos propriedade da Empresa 'Diário de Notícias') de «inveja»⁵⁴ e lamentou a posição da Comissão Desportiva do Automóvel Clube de Portugal (entidade a quem competia a concessão para a realização de provas deste género) ao negar a possibilidade à *Sporting* de organizar a prova, favorecendo claramente *Os Sports* e o *Diário de Notícias*.

Apesar da chuva de protestos do periódico portuense, que levaria mesmo à presença de unicamente um ciclista do Porto entre os 38 participantes, os dois jornais lisboetas organizariam, entre 26 de Abril e 15 de Maio de 1927, a I Volta a Portugal em Bicicleta, a qual seria acompanhada unicamente por dois jornalistas: Oldemiro César (*Diário de Notícias*) e Mário de Oliveira (*Os Sports*). O final da prova ficaria imortalizado na capa de *Os Sports* de 16 de Maio de 1927, donde se caracterizaria o evento como «glorioso» e «uma apoteose esplendorosa, magnífica e eloquente», sobressaindo também as magníficas fotografias tiradas por Anselmo Franco, em especial a imagem do vencedor António Augusto de Carvalho (do Grupo Desportivo de Carcavelos), carregado em ombros pelo público. À revista *Sporting* restou-lhe organizar uma prova que chamaria de I Volta de Portugal Ciclista, em inícios de Junho de 1927, mas sem grande sucesso. Nos anos seguintes, *Os Sports*⁵⁵ e *Diário de Notícias* continuariam a organizar a Volta a Portugal em Bicicleta, prova que se realizaria anualmente até ao final do século XX e sempre com a presença de um jornal no seu comité organizativo, sendo também um dos eventos com maior cobertura noticiosa pela imprensa desportiva portuguesa.

53 A Redacção (1927, 17 de Maio). Houve, de facto, macaquinhos de imitação. *Sporting*, p. 3.

54 Idem, ibidem.

55 As edições seguintes da Volta a Portugal em Bicicleta acarretariam novas desavenças jornalísticas. Em Outubro de 1931, *Os Sports* desentendeu-se com a revista *Sport Ilustrado* devido a uma série de críticas negativas que esta fez à prova, acusando a revista de fazer «Jornalismo de Café», ao que esta respondeu, acusando *Os Sports* de fazer «Jornalismo de Gabinete Reservado» (cf. *Sport Ilustrado*, 7 de Outubro de 1931, p. 3), gerando-se uma troca de insultos e acusações entre Raul de Oliveira, director de *Os Sports*, e Cândido Frazão, director da *Sport Ilustrado*.

A conflitualidade de 1927 entre a imprensa desportiva lisboeta e portuense manteve-se em 1928, escrevendo-se mais um episódio em Abril devido a um diferendo entre a Associação de Futebol de Lisboa e a congénere do Porto, com a revista portuense *Sporting* a envolver-se activamente no conflito, defendendo a associação portuense. O mesmo sucederia, mas com maior magnitude, entre Março e Junho de 1930, com a revista portuense a utilizar titulares como «O corte de relações!...»⁵⁶ ou «A Guerra Santa»⁵⁷ para se referir novamente a um grave conflito entre as duas associações de futebol. Este clima briguento arrastou-se pelos meses seguintes, alastrando-se inclusive até 1931, levando o jornal lisboeta *Os Sports*, na primeira página de 4 de Maio desse ano, a fazer uma profunda reflexão sobre o problema, no editorial «A Província», no qual reconheceu que o movimento desportivo português estava a sofrer com o «ambiente de exagerada supremacia por parte da capital», assim como com o «ambiente de desconfiança criado na província». E fazia a distinção entre «regionalismo» e «bairrismo», apontando o primeiro como algo «nobre e elevado» e o segundo como «impertinente e grosseiro», sendo necessário, para o surgimento de um clima de paz, «pôr de parte bairrismos», uma vez que estes levavam «a ver uma afronta em tudo quanto não sirva determinados interesses». Era, por isso, essencial encontrar-se um «meio termo nas relações entre Lisboa e a província, não consentindo que Lisboa abuse da situação que lhe compete como capital do país, mas não consentindo também que a província reduza Lisboa a uma situação de inferioridade», devendo todos «trabalhar em conjunto» em prol do desporto.

Apologista do «bairrismo» mostrou-se *O Norte Desportivo* na sua edição de 16 de Maio de 1935, cuja capa foi dedicada à vitória do FC Porto na primeira edição do campeonato de futebol da I Liga, superiorizando-se aos principais clubes lisboetas. A redacção do jornal portuense mostrou-se clara defensora dos «sentimentos bairristas»⁵⁸ e aproveitou a vitória da equipa portuense para atacar o meio desportivo lisboeta: «Tudo se amontoou para que a Capital dominasse a província. A coordenação de esforços entre dirigentes e jornalistas foi tão nítida, revestiu-se tantas vezes dum ardor tão persistente,

56 Cf. edição de 7 de Março de 1930, p. 3.

57 Cf. edição de 3 de Junho de 1930, p. 3.

58 A Redacção (1935, 16 de Maio). Bravo! *O Norte Desportivo*, p. 1.

que admirados ficamos como um grupo (FC Porto) pôde rodear-se do poder preciso para combater essa onda que o tentava submergir. Os 'provincianos' demonstraram plenamente que nem só as 'capitais' têm direito a destaques.»⁵⁹ Esta postura de *O Norte Desportivo* a favor do «bairrismo» levaria o lisboeta *Os Sports* a insurgir-se contra o jornal portuense em Novembro de 1935, sucedendo-se, mais uma vez, a habitual troca de insultos, mas desta feita num tom inusitadamente duro⁶⁰, denotando o crescente desgaste que estas quezílias estavam a provocar entre a classe jornalística das duas cidades.

Mas não se pense que esta rivalidade jornalística fez com que a imprensa de cada uma das duas cidades se unisse em prol de um inimigo comum ou que a imprensa desportiva da «província» se aliasse⁶¹ contra a lisboeta. Bem pelo contrário. Foram regulares as desavenças entre jornalistas desportivos, e os seus respectivos periódicos, em Lisboa e no Porto, chegando mesmo a estender-se a outras regiões, como sucedeu em Fevereiro de 1927, na Madeira, com o *Sport do Funchal* a acusar de plágio jornalístico o outro jornal da cidade, o *Correio Desportivo*. E nem a imprensa especializada escapou a este ambiente quezilento, com os periódicos lisboetas, especializados em automobilismo, *O Volante*⁶² e a *Revista A.C.P.* (do Automóvel Clube de Portugal), a envolverem-se também numa acesa discussão jornalística em finais de Setembro de 1930.

Os antagonismos jornalísticos entre a imprensa desportiva da mesma cidade iriam manter-se, com alguma regularidade, em Lisboa e no Porto. Na Capital, uma das piores desavenças jornalísticas envolveria *O Sport de Lisboa*

59 A Redacção (1935, 16 de Maio). A Província domina e convence Lisboa. *O Norte Desportivo*, p. 1.

60 Na capa de 22 de Novembro de 1935, *Os Sports* insultou *O Norte Desportivo* de «jomaleco do Porto», «papelucho» e «caixote do lixo», definindo os seus jornalistas como «escritores de letras gordas e intelecto nuim», com «espírito agressivo, impertinente e chauvinista». O jornal portuense respondeu à letra, na primeira página de 24 de Novembro, chamando *Os Sports* de «insolente e brigão», e o seu director, Raul de Oliveira, de «espírito basofeirão» e «sapo vermelho». Na origem do desentendimento estiveram a Volta a Portugal em Bicicleta e um suposto insulto da actriz lisboeta Maria Ema aos jogadores do FC Porto, durante um jogo em Lisboa.

61 Em Julho de 1932, na sequência do apoio dado pelos adeptos de Coimbra à equipa do Belenenses, durante a realização da final do Campeonato de Portugal que opôs a equipa de Belém ao FC Porto, no Campo do Amado, em Coimbra, a imprensa portuense atacou duramente os adeptos e a imprensa conimbricense por terem preferido apoiar uma equipa de Lisboa em vez de outra (a portuense) da província. Em finais de Julho, a revista portuense *Sporting* e a *Gazeta de Coimbra* trocaram diversas acusações sobre o assunto.

62 Na edição de 28 de Setembro de 1930, na secção «Comentários da Semana», *O Volante* acusou o ACP (Automóvel Clube de Portugal) de estar a levar a cabo uma campanha para o destruir, roubando-lhe os melhores jornalistas (oferecendo o dobro do ordenado) e fazendo uma forte campanha publicitária contra *O Volante*.

e a *Semana Desportiva*, em Janeiro de 1927, da qual resultaria a famosa expressão «jornalismo de W.C.»⁶³ com que o categorizado jornalista Belo Redondo definiu o trabalho redactorial da *Semana Desportiva*, brindando-a também, repetidamente, com o adjectivo de «cloaca»⁶⁴. Entre a imprensa do Porto, um dos piores incidentes sucedeu em 1932 e 1933, devido à chegada à presidência do Boavista FC do então director da revista *Sporting*, Oliveira Valença, o que desgostou a vários elementos da direcção do FC Porto e a alguns jornalistas desportivos, em especial à secção desportiva do diário *O Primeiro de Janeiro*, responsabilidade de Emílio Viterbo e Rodrigues Teles. Na edição de 29 de Março de 1932, no editorial «Boa publicidade», o director da *Sporting*, Oliveira Valença, lamentava que se estivessem a distribuir pelos cafés da cidade uns «papelinhos» com a frase «Se és amigo do Foot-Ball Club do Porto não compres o jornal 'Sporting'». E acusava a direcção dos portistas e de *O Primeiro de Janeiro* de estarem por detrás dessa campanha difamatória, a qual se arrastaria até 1933, atingindo o seu auge em finais de Fevereiro desse ano, altura em que o «Rosa» e o «Janeiro» (diminutivo do diário portuense) se atacaram de forma feroz, acusando-se mutuamente de calúnia, chegando mesmo a envolver outros jornais, como os portuenses *Jornal de Notícias* e *A Hora de Domingo*, e o conimbricense *A Voz Desportiva*. Oliveira Valença chegaria inclusivamente a receber ameaças físicas, em cartas anónimas enviadas para a Redacção da revista, assinadas por um grupo que se auto-intitulava «Benfeitores da Humanidade»⁶⁵.

5. Tréguas e colaborações esporádicas

Obviamente que este clima de conflitualidade, quase permanente, entre a imprensa periódica desportiva portuguesa, tinha efeitos perversos na forma como o público em geral, e os desportistas em particular, olhavam o fenómeno desportivo em Portugal. Foram raros os acontecimentos que conseguiram unir os tradicionalmente desagregados jornalistas desportivos portugueses. Um desses momentos ocorreu durante a realização dos Jogos Olímpicos de Amesterdão em 1928, em que Portugal se fez representar por 29 atletas,

63 Redondo, B. (1927, 11 de Janeiro). Tiro ao Alvo – A Cloaca. *O Sport de Lisboa*, p. 3.

64 Idem, *Ibidem*.

65 A Redacção (1933, 27 de Fevereiro). Ameaças. *Sporting*, p. 5.

distribuídos por oito modalidades. A conquista de uma medalha de bronze na esgrima (a segunda da nossa história, depois do bronze em hípica, nas Olimpíadas de Paris de 1924) teria um impacto bastante positivo. Mas o facto que mais ajudou a unir o jornalismo desportivo português foi a boa participação olímpica da equipa nacional de futebol, que atingiu os quartos-de-final, onde foi afastada pelo Egipto, num jogo em que toda a imprensa desportiva foi unânime em criticar a má arbitragem e em valorizar o esforço colectivo da equipa lusa.

Outro episódio que gerou enorme solidariedade entre a classe jornalística desportiva, em especial a lisboeta, foi a prisão do jornalista Félix Correia, do *Diário de Lisboa*, em inícios de 1929, em consequência de ter desrespeitado as indicações da Censura. No dia em que foi preso, mais de 80 jornalistas, entre eles os directores dos principais periódicos desportivos da Capital, como Cândido de Oliveira (director de *Os Sports*) e Artur Inês (*Eco dos Sports*), marcaram presença à entrada da cadeia, dando o seu apoio a Félix Correia, momento imortalizado numa fotografia publicada na popular revista *Eco dos Sports* de 10 de Fevereiro de 1929 (ocupou a página sete e via-se Félix Correia ladeado por Cândido de Oliveira e Artur Inês).

Durante a primeira metade da década de 1930, mais três acontecimentos iriam unir os jornalistas desportivos, estando todos eles ligados directamente ao desporto mais popular, o futebol. A trágica morte, por envenenamento, de um dos mais famosos jogadores portugueses da época, o avançado belenense José Manuel Soares, mais conhecido por «Pepe», em 24 de Outubro de 1931, lançaria uma enorme onda de consternação entre o jornalismo desportivo português, destacando-se a homenagem que lhe foi prestada pela secção desportiva da revista *O Notícias Ilustrado*⁶⁶, de 1 de Novembro de 1931, em que sobressaíam as fotografias de «Pepe», tiradas pelo fotógrafo Ferreira da Cunha. O funesto desaparecimento do futebolista, em 1931, uniu a imprensa a um nível semelhante ao que se assistira em 1912, aquando da morte de Francisco Lázaro na maratona olímpica de Estocolmo.

Órfã da sua principal estrela, a Selecção Nacional de Futebol sofreria em 11 de Março de 1934, em Madrid, a pior derrota de sempre, uma goleada por

⁶⁶ Lançada em Junho de 1928 pelo *Diário de Notícias*, publicava-se semanalmente, destacando-se na sua secção desportiva as colaborações do jornalista Ribeiro dos Reis e dos fotógrafos A. Bivar, Ferreira da Cunha, Jaime Ferreira, José Mesquita e Nunes d'Almeida. Dedicaria ao desporto, em especial ao futebol, algumas das primeiras páginas mais bonitas da época, várias delas com «Pepe» a protagonista, como as capas de 19 de Janeiro e 2 de Março de 1930.

9-0 frente à Espanha, que acarretou um vasto conjunto de reflexões sobre o estado do futebol nacional e a proliferação de ideias negativas sobre Portugal, nas páginas dos principais periódicos desportivos. A dimensão da derrota foi ainda maior devido a uma iniciativa inédita do *Diário de Notícias*, que decidira colocar em frente a todas as suas delegações um quadro eléctrico em que ia actualizando, quase ao minuto (graças a uma excelente rede de telégrafo), as notícias do jogo. Nos dias seguintes à derrota, o *Diário de Notícias*, juntamente com a restante imprensa noticiosa e política, seria muito crítica em relação à Selecção Nacional e ao futebol português, com alguns jornais a apelarem à intervenção do Estado. Essa atitude indignou alguns jornais desportivos, como o *Jornal de Sports*, que na sua edição de 18 de Março apelou à calma, defendendo que não havia «motivo para culpar os jogadores, nem para atacar os dirigentes»⁶⁷, uma vez que «perder ou ganhar é próprio do desporto»⁶⁸. E as duras críticas dos diários generalistas eram reveladoras da «confrangedora falta de conhecimento da engrenagem desportiva»⁶⁹, apelando por isso aos jornalistas políticos para se remeterem à sua especialidade, poupando assim aos leitores «o desgosto de ler tantas barbaridades»⁷⁰.

O cenário negativo criado por essa derrota faria com que a imprensa desportiva portuguesa tivesse decidido fazer um esforço para o estabelecimento de um ambiente de tranquilidade, fundamental num momento crítico como o que atravessava o futebol luso. Assim, em Novembro de 1935, quando a Associação de Futebol de Lisboa e o Colégio de Árbitros se incompatibilizaram, os principais jornalistas desportivos da Capital decidiram mediar o conflito, criando uma Comissão de Jornalistas, formada por Raul de Oliveira, Rebelo da Silva e Carlos Silveira.

Em meados do ano seguinte, os Jogos Olímpicos de Berlim voltariam a representar mais um momento alto para a imprensa desportiva portuguesa. Mas o alastrar da Guerra Civil de Espanha, que rebentara em Julho de 1936, fez com que a delegação de jornalistas portugueses que pretendiam ir a Berlim, da qual se destacavam Oliveira Valença (director do *Sporting*), Salazar Carreira

67 A Redacção (1934, 18 de Março). A imprensa noticiosa, a imprensa política e a imprensa desportiva. *Jornal de Sports*, p. 1.

68 Idem, ibidem.

69 Idem, ibidem.

70 Idem, ibidem.

e Ribeiro dos Reis (redactores de *Os Sports*), fosse impedida de atravessar Espanha, por questões de segurança e devido ao cancelamento dos transportes ferroviários com França. Assim, impedidos de ir de comboio, os jornalistas portugueses decidiram rumar à Alemanha por via marítima.

As revistas *Sporting* e *Stadium*, e os jornais *Os Sports* e *O Norte Desportivo*, dariam grande cobertura noticiosa às Olimpíadas, coincidindo discursivamente na ideia de «imponência»⁷¹ dos Jogos e de como estes eram «o melhor cartaz do nazismo governamental»⁷². E todos os periódicos comungariam da ideia de que o principal herói desportivo das Olimpíadas foi o norte-americano Jesse Owens, que amealhou quatro medalhas de ouro, sendo descrito como «o mais maravilhoso atleta que pisou a pista do Estádio Olímpico»⁷³. A figura⁷⁴ do Chanceler alemão Adolf Hitler mereceria igualmente destaque na imprensa desportiva portuguesa, sendo olhado com alguma desconfiança, já que tinha sido por sua influência directa que «toda a preparação e organização dos Jogos foram subordinados à lei de enaltecer o prestígio da Alemanha»⁷⁵, tornando o desporto e as Olimpíadas «um elemento aproveitado e não um objectivo servido»⁷⁶. Com o fim dos Jogos Olímpicos de Berlim, o imaginário bélico à volta da Europa regressaria também aos editoriais dos jornais desportivos portugueses, sucedendo assim ao «oásis de Paz»⁷⁷, que foram as Olimpíadas, a ideia do «inferno da Guerra»⁷⁸.

6. Ideias à volta do jornalismo desportivo

Durante a segunda metade da década de 1920, as publicações desportivas, em geral, publicavam regularmente reflexões sobre o estado do jornalismo desportivo em Portugal, apontando defeitos e indicando futuras

71 A Direcção. (1935, 16 de Dezembro). Editorial: Olimpíadas 1936. *Sporting*, p. 1.

72 Idem, *ibidem*.

73 Silva, V. (1936, 2 de Setembro). A superioridade dos Estados Unidos, por intermédio da raça negra. *Stadium*, p. 3.

74 Outra figura em destaque seria a de Mussolini, líder fascista em Itália. A revista *Sporting* (cf. edição de 31 de Outubro de 1923, 14 de Setembro de 1926 ou 13 de Abril de 1931) e o jornal *Os Sports* (cf. edição de 13 de Novembro de 1931 ou 12 de Setembro de 1932) partilharam inicialmente a ideia de que Mussolini era um exemplo, em termos de política desportiva, para os restantes líderes europeus. Só cairia em desgraça, nos jornais desportivos, após a invasão italiana da Etiópia, em 1935, passando a ser olhado com receio (cf. *Sporting*, 7 de Outubro de 1935).

75 Carreira, S. (1936, 31 de Agosto). A lição de Berlim. *Os Sports*, p. 1.

76 Idem, *ibidem*.

77 Teixeira, J.A. (1936, 20 de Agosto). Terminaram as Olimpíadas de Berlim. *O Norte Desportivo*, p. 1.

78 Idem, *ibidem*.

linhas orientadoras. A revista *Eco dos Sports* faria, na secção «A 8 dias de vista», de 20 de Novembro de 1927, uma pequena análise sobre o estado do jornalismo desportivo português, caracterizando-o de «panfletário», com vários jornalistas a atacarem-se «furiosamente, num dizes tu, direi eu, que além de irritar, entristece.» Na sua opinião, os jornais desportivos tinham deixado «de ser uma tribuna, para ser exclusivamente uma barricada», sendo, por isso, necessário que todos os jornalistas desportivos olhassem «bem para a sua responsabilidade de orientadores», deixando de lado as rivalidades individuais, trabalhando de «mãos dadas» de forma a evitar o agravamento da «anémica vida sportiva» portuguesa.

No ano seguinte, a revista *Sporting* apontaria precisamente a fraca consolidação da ideia de desporto em Portugal como um dos principais factores para a instabilidade dos periódicos desportivos. Não era, por isso, de estranhar «os inúmeros naufrágios de que é vítima»⁷⁹ a imprensa desportiva, com o aparecimento e desaparecimento de muitos jornais, em «prazo mais ou menos longo: uns com a rapidez do relâmpago – logo depois do primeiro número –, e outros, com mais vagar, dali a semanas ou meses, após o seu início.»⁸⁰ E o segredo para a longevidade de uma publicação parecia residir «na escolha da directriz a dar ao jornal»⁸¹, a qual tinha de ser «capaz de resistir a todos os ataques»⁸².

A revista *O Az* daria também algumas achegas a esta questão, em finais de 1928, sublinhando que a imprensa desportiva e os jornalistas que se dedicavam ao desporto eram sistematicamente subvalorizados pelos dirigentes desportivos e pelos próprios atletas, que colocavam num «plano superior»⁸³ as secções desportivas dos «grandes colossos da imprensa»⁸⁴, lançando «ao ostracismo a imprensa especializada»⁸⁵. A culpa de tudo isso era da « vaidade incomensurável »⁸⁶ de dirigentes e atletas, que teimavam em «esquecer»⁸⁷ o

79 A Redacção (1928, 30 de Março). Imprensa desportiva. *Sporting*, p. 3.

80 Idem, ibidem.

81 Idem, ibidem.

82 Idem, ibidem.

83 Inês, A. (1928, 2 de Dezembro). Crónica da Semana. *O Az*, p. 3.

84 Idem, ibidem.

85 Idem, ibidem.

86 Idem, ibidem.

87 Idem, ibidem.

papel do jornalismo desportivo. Cabia assim aos jornais e jornalistas desportivos saber fazer a distinção entre os dirigentes «inúteis e balofos»⁸⁸, que só estavam no desporto para alimentar a sua própria vaidade, e os dirigentes que pretendiam realmente valorizar o meio e a causa desportiva.

Estes desentendimentos no meio desportivo português teriam como efeito directo um certo cerceamento da crítica jornalística, como lamentou *O Az* em 7 de Julho de 1929. Segundo esta revista, «a livre crítica»⁸⁹, que em todos os países civilizados era «respeitada e admirada»⁹⁰, era entendida em Portugal como «um vinho azedo e intragável... para aqueles que o têm de tomar.»⁹¹ E explicava ainda que no nosso meio desportivo «ou têm de estar todos de acordo ou então os críticos não passam duns indivíduos de ruins sentimentos e sem conhecimento de coisa alguma. Isto quando os não acusam – de longe, é claro – de bandidos da pior espécie.»⁹²

Um dos episódios que melhor retrataria a má relação entre críticos e criticados sucederia, precisamente, em Lisboa durante 1929. A 10 de Fevereiro, o jornal *O Az* publicou uma entrevista do presidente da Associação de Futebol de Lisboa (AFL), Luís Plácido de Sousa, que acusava os jornalistas de serem «uns verdadeiros pulhas»⁹³, aproveitando todas as oportunidades para «o anavaharem nos jornais»⁹⁴. Estas palavras caíam muito mal no meio desportivo e jornalístico lisboeta, sucedendo-se as críticas a Plácido de Sousa. A situação agudizou-se de tal forma que, após o Verão, a AFL decidiu restringir o número de bilhetes de livre-trânsito concedidos à imprensa para entrar nos jogos de futebol, castigando assim os jornalistas, que ficaram indignados.

Esta tomada de posição da AFL levou os jornalistas desportivos lisboetas a reunirem-se em assembleia magna, em finais de Outubro de 1929, na redacção de *O Az* (na Rua da Rosa, n.º 99, em Lisboa), donde saiu uma comissão de jornalistas desportivos encarregue de negociar uma solução com a direcção da AFL, sendo também aprovada a criação de uma Secção Desportiva no Sindicato dos Profissionais da Imprensa de Lisboa. Formada por

88 Idem, *ibidem*.

89 A Redacção (1929, 7 de Julho). *Maus costumes*. *O Az*, p. 4.

90 Idem, *ibidem*.

91 Idem, *ibidem*.

92 Idem, *ibidem*.

93 A Redacção (1929, 10 de Fevereiro). *Os jornalistas são uns pulhas!* *O Az*, p. 6.

94 Idem, *ibidem*.

Wunderli Lourenço (redactor de *O Século*), José Malheiro (*O Povo*), Henrique Vieira e Artur Inês (*O Az*) e Licínio Miranda, a comissão de jornalistas desportivos avistou-se várias vezes com a AFL, ficando a questão resolvida em meados de Dezembro, quando a nova direcção da AFL tomou posse, tendo decidido que «todos os jornalistas possuidores da carteira de profissional da Imprensa tenham doravante entrada livre em todos os campos que estão sob a jurisdição da AFL.»⁹⁵ Ficou ainda acordado que os jornais que tivessem «ao seu serviço jornalistas sportivos que não possuam a carteira profissional»⁹⁶ teriam de requisitar à AFL «um número de cartões proporcional às suas necessidades de informação.»⁹⁷ Face à boa vontade demonstrada pela nova direcção da AFL, a comissão de jornalistas desportivos pediria ainda «a todos os jornais que facilitem, tanto quanto possível e em todos os sentidos, a missão da AFL»⁹⁸.

Durante os primeiros anos da década de 1930, os jornais desportivos continuaram a fazer reflexões sobre o papel do jornalismo desportivo e as suas questões éticas e deontológicas. Um dos temas que maior preocupação gerou foi o da isenção jornalística face aos clubes. O jornal desportivo *A Hora de Domingo*, na sua primeira página de 19 de Março de 1933, publicou o artigo «O jornalista desportivo não deve ser 'clubista'», em que sublinhava a necessidade dos jornalistas desportivos não poderem ser «clubistas», de forma a não «falsearem a sua missão», nem limitarem «a sua independência». Quem fosse «clubista», deixava assim de ser «jornalista do desporto» para passar a ser «um jornalista de clube». A necessidade de recalcar estas questões éticas prendia-se, essencialmente, com o facto de abundarem no meio jornalístico um vasto conjunto de colaboradores e correspondentes, nas mais variadas modalidades desportivas, resultado da «despótica expansão do desporto» em Portugal. Assim, cabia aos jornalistas profissionais e chefes de Redacção controlar «o clubismo extremo» de alguns desses colaboradores, ensinando a «depurar o clubismo» nas suas análises jornalísticas, isto sem colocar em causa a «emotividade» da escrita, fundamental ao jornalismo desportivo.

95 A Redacção (1929, 15 de Dezembro). Está solucionado o incidente entre os jornalistas e AFL. *O Az*, p. 4.

96 *Idem*, *ibidem*.

97 *Idem*, *ibidem*.

98 *Idem*, *ibidem*.

7. Fase de crescimento regional

Todo este vasto conjunto de preocupações com o jornalismo desportivo estaria também presente na imprensa desportiva regional. Durante o final dos anos 1920 e por toda a década de 1930, o periódico que se tornaria a grande referência do jornalismo desportivo regional seria *A Voz Desportiva*, lançado em Coimbra, em 1926. Apesar da acumulação de «défice»⁹⁹ ao longo dos primeiros anos, este jornal coimbricense foi conquistando cada vez mais leitores, graças a um jornalismo desportivo de qualidade (sabia conciliar o noticiário regional com o nacional, dando grande enfoque à Selecção Nacional de futebol) e a uma excelente capacidade organizativa¹⁰⁰, realizando diversas provas desportivas, ligadas ao atletismo (Légua de Coimbra e Torneio de Atletismo, em Setembro de 1927), ténis de mesa (Campeonato Distrital de Ping-Pong, em Maio de 1928) ou ciclismo (em Novembro de 1928 organizou várias corridas). Com uma redacção totalmente amadora (não remunerada), *A Voz Desportiva* lembraria na capa de 11 de Junho de 1932, no artigo «A imprensa desportiva e a sua acção», que um dos principais papéis dos jornais desportivos era o de promover «iniciativas para a implantação no nosso país dos diferentes ramos do desporto». Mas a falta de «grandes rotativos da especialidade» (que pudessem mais facilmente promover o desporto), aliada a uma população «relativamente limitada» (em número) e a uma «percentagem infelizmente enorme de analfabetos», a que se juntava a «carência de recursos», fazia com que a imprensa desportiva portuguesa não estivesse a ter a expansão que «a Causa» desportiva merecia em Portugal.

Um dos principais factores que estava a coibir uma maior expansão e consolidação da ideia de desporto entre os portugueses era a rapidez com que a maioria das publicações desportivas desapareciam. E se em Lisboa e no Porto essa fugacidade dos periódicos desportivos era colmatada com a consolidação de alguns jornais desportivos e com as secções desportivas dos diários, o mesmo não se verificava no âmbito regional. Entre 1927 e 1933 iria manter-se a tendência a que se assistiu entre 1924 e 1926, ou seja, o

99 A Redacção (1927, 12 de Novembro). Ano que finda, ano que começa. *A Voz Desportiva*, p. 1.

100 Promoveria também o estreitamento entre a classe jornalística, organizando em 17 de Maio de 1931 o I Coimbra-Porto inter-jornalistas desportivos, celebrando-se um banquete no final.

surgimento regular de jornais desportivos generalistas em várias regiões do País, mas quase sempre com uma vida editorial conturbada e reduzida.

Em 1927, Elvas, Angra do Heroísmo e Setúbal veriam surgir um jornal desportivo generalista nos seus respectivos meios jornalísticos e desportivos, mas cada um desses periódicos teria uma história bem distinta. O semanário *O Desportivo*, de Angra do Heroísmo, teve uma existência muito curta, enquanto que o semanário *Setúbal-Sports* conseguiria aguentar 26 números, publicandose à segunda-feira à tarde, entre 3 de Outubro de 1927¹⁰¹ e 16 de Abril de 1928¹⁰², sob a direcção e propriedade de José Severino, Mário Rocha e Augusto Tormenta. O quinzenário *ElvaSportiva*, por seu turno, sofreria de grande instabilidade, publicando quatro séries¹⁰³ diferentes entre 2 de Junho de 1927 e 19 de Junho de 1930 (sob duas direcções: Benício Sobral e José Vitorino Mendes), estando a sua origem ligada ao Sport Lisboa e Elvas, embora isso não o impedisse de apresentar um noticiário desportivo alargado e uma boa cobertura noticiosa das actividades dos outros três clubes locais, assim como do desporto internacional, na secção «Pelo Estrangeiro».

Para o insucesso destas três publicações desportivas conjugaram-se vários factores, alguns deles seriam mesmo problemas crónicos da imprensa desportiva portuguesa ao longo de todo o século XX. Por um lado, a falta de cultura desportiva¹⁰⁴ da população, onde ainda persistia a ideia de «inutilidade»¹⁰⁵ à volta do desporto. Por outro, a pequenez do meio desportivo, que levava a «inimizades»¹⁰⁶ e «más vontades»¹⁰⁷ constantes, prejudiciais num meio publicitário e desportivo muito reduzido. A tudo isto havia que

101 O primeiro número saiu com quatro páginas (formato 46x31), sem fotografias, sendo uma página dedicada a pequenos anúncios (34) de publicidade. Com o futebol em destaque, o editorial «Aparecendo», publicado na capa, esclarecia os leitores que o jornal era uma ideia antiga e pretendia ser «alheio à politiquice baixa e à cor clubista».

102 Publicou na primeira página uma pequena nota esclarecedora: «Setúbal-Sports suspende hoje a sua publicação. É possível que reapareça – quando o 'meio' se achar mais compenetrado dos deveres e das responsabilidades que sobre si impendem como terceiro centro desportivo do País.»

103 A primeira série publicou-se entre 2 de Junho e 28 de Julho de 1927; a segunda série, entre 17 de Novembro de 1927 e 12 de Janeiro de 1928; a terceira série, de 5 de Dezembro de 1929 a 13 de Março de 1930; e a quarta série, de 24 de Abril a 19 de Junho de 1930 (neste último número remetia os leitores para a secção desportiva do jornal *O Leste*, anunciando que só voltaria a sair depois do Verão, o que não sucederia).

104 De forma a contrariar esta falta de cultura desportiva, eram constantes os apelos ao desporto feminino, incentivando a colaboração jornalística de mulheres. O *ElvaSportiva* contaria com a colaboração de Maria Marogui, que se apresentaria na edição de 29 de Dezembro de 1927, com o artigo «Às leitoras elvenses...».

105 J.V. (1929, 5 de Dezembro). Ao que vimos. *ElvaSportiva*, p. 1.

106 Idem, ibidem.

107 Idem, ibidem.

acrescentar as habituais falhas na distribuição do jornal e no pagamento das assinaturas, assim como os elevados custos com a composição e impressão, criando um cenário difícil de superar para um género de imprensa que assentava, na sua generalidade, em termos redactoriais e administrativos, na boa vontade de um pequeno grupo de entusiastas do desporto (formado habitualmente por jovens).

Este conjunto de problemáticas afectaria, de uma maneira directa ou indirecta, a vida das doze publicações periódicas desportivas generalistas que surgiram em dez cidades portuguesas (Continente e Ilhas) entre 1928 e 1930. Um desses periódicos, o *Desportivo*, das Caldas da Rainha, nem sequer passaria do primeiro número¹⁰⁸, de 26 de Novembro de 1928, isto apesar de reconhecer, no editorial «Duas palavras», a necessidade «urgente» do distrito de Leiria ter um jornal desportivo. Igualmente efémeros, embora com mais algumas edições, seriam o *Eco dos Sports*¹⁰⁹ (Funchal, 1928), *Sport de Angra* (Angra do Heroísmo, 1928), *Os Sports*¹¹⁰ (Funchal, 1929), *Sul Desportivo*¹¹¹ (Faro, 1929), *Correio de Sports*¹¹² (Setúbal, 1930) e *O Sport Barreirense*¹¹³ (Barreiro, 1930).

Em 1928, as únicas duas cidades a conseguirem dar alguma sustentabilidade a um novo jornal desportivo regional seriam Viseu e Sesimbra. Na terra de Viriato apareceu, em 26 de Abril de 1928, *O Desporto*, criado por um grupo de «verdadeiros amadores do jornalismo»¹¹⁴, dirigidos por Adolfo de Sá Cardoso. Ao preço de 50 centavos, este semanário das quintas-feiras tinha

108 Saiu por 50 centavos, quinzenal, sob a direcção de António Bezerra e com um noticiário muito regionalista.

109 Publicou três números, entre 18 de Junho e 14 de Julho de 1928, sob a direcção de José S. Capelo, que no editorial «A Caminho», publicado na primeira edição, explicaria que o jornal tinha como propósito «pugnar pela educação física e pela dignidade desportiva», procurando «conseguir a pacificação da família desportiva».

110 Dirigido por Luís C. Quental, este quinzenário generalista de um escudo publicou-se nove vezes, entre 23 de Janeiro e 20 de Junho de 1929 (sairia mais um número, numa nova série, em 12 de Abril de 1930).

111 Saiu com apenas duas páginas, ao preço de 30 centavos, em 25 de Setembro de 1929, sendo dirigido por José Francisco Viegas. Centrado no noticiário desportivo do Alentejo e Algarve, publicou mais duas edições, a última em 15 de Novembro de 1929, donde se salientava uma forte polémica entre o jornal e a Associação de Futebol do Algarve.

112 Este semanário dominical de 30 centavos vinha substituir a página desportiva que o diário *O Setubalense* publicava todas as segundas-feiras, sendo por isso sua propriedade e estando a direcção entregue a Edmundo Motrena, delegado de *O Setubalense*. Feito por dois redactores desportivos (Neto Gomes e António Fráguas) e um caricaturista (Álvaro Gaspar), o *Correio de Sports* saiu por oito vezes, entre 18 de Maio e 6 de Julho de 1930.

113 Quinzenário de 50 centavos, dirigido por A. Ferro Gomes, saiu por dez vezes, entre 12 de Março e 16 de Julho de 1930, apresentando sempre um noticiário desportivo regional e uma linha editorial defensora dos interesses locais.

114 A Redacção (1928, 5 de Julho). A primeira dezena. *O Desporto*, p. 1.

como grande objectivo «desenvolver o desporto no distrito de Viseu»¹¹⁵, apostando para isso na promoção de vários desportos, além do futebol, modalidade dominadora entre os clubes locais. Faria 27 edições, até 1 de Novembro de 1928, sendo vítima da falta de assinantes e de uma polémica com a Associação de Futebol de Viseu, que lhe custou muitos apoios locais. Por seu turno, a revista semanal *Recreio e Sport*, lançada em Sesimbra, em 5 de Julho de 1928, sob a direcção de Abel Ribeiro, teria uma vida editorial um pouco mais longa, publicando 42 números, até 13 de Junho de 1929. Durante esse tempo, encetaria fortes campanhas em prol da melhoria da higiene pública e da educação física na região, promovendo igualmente uma participação social e desportiva mais activa por parte da mulher portuguesa.

Em 1929, seria a vez de Leiria e Setúbal aparecerem com mais dois novos jornais desportivos generalistas. O primeiro deles apareceu, na Cidade Lis, em 10 de Janeiro de 1929, com o título de *A Semana Desportiva* e sob a direcção de Acácio Henriques. Este semanário leiriense de 60 centavos apresentava uma alargada teia de correspondentes por todo o distrito, recorrendo à imprensa lisboeta (*Diário de Notícias* e *O Az*) para publicar notícias do desporto nacional. O formato pequeno (34x22) e o reduzido número de páginas (habitualmente quatro) fariam com que *A Semana Desportiva* se centrasse quase exclusivamente no noticiário local, em especial ligado ao futebol, contribuindo para o surgimento da Associação de Futebol de Leiria. Desenvolveria também diversas campanhas a favor do desporto e da ideia de regeneração do povo português, promovendo «a vida ao ar livre, aberta ao sol e à natureza»¹¹⁶, tentando assim que a educação se fizesse «duma maneira integral: científica, artística, moral e física»¹¹⁷, pois só desse equilíbrio podia «desabrochar o ser perfeito»¹¹⁸. Mas a campanha que mais sensibilizou a população foi realizada em Março de 1929, numa subscrição a favor do futebolista amador Luís de Abreu e Sousa, capitão de um misto da Marinha Grande, que num jogo amigável contra a equipa do Infantaria 7 Foot-Ball Club sofreu uma lesão grave, sendo mesmo hospitalizado. Impossibilitado de trabalhar durante algumas semanas, e uma vez que vivia de um modesto

115 A Redacção (1928, 26 de Abril). *Beirões! O Desporto*, p. 1.

116 L.F. (1929, 26 de Janeiro). *O espírito novo. A Semana Desportiva*, p. 1.

117 Idem, *ibidem*.

118 Idem, *ibidem*.

salário de operário numa empresa vidreira, que era o sustento da mulher e dos dois filhos muito jovens, *A Semana Desportiva* abriu uma subscrição a favor do jogador, a qual rendeu, logo na primeira semana, cerca de 140 escudos, atingindo um total de 210 escudos nas semanas seguintes, os quais foram entregues à família do futebolista, para júbilo da população da Marinha Grande, sensibilizada com a iniciativa.

A Semana Desportiva cessaria actividade em 13 de Julho de 1929, ao fim de 25 números, dando nota de que, com o fim da época oficial de futebol (os regulamentos da Federação Portuguesa de Futebol proibiam a realização de jogos de futebol em Julho e Agosto), era difícil continuar a publicar um jornal desportivo, uma vez que a restante actividade desportiva de Leiria era muito escassa e pouco popular. Normalmente, os jornais desportivos suspendiam a publicação até Setembro, retomando assim que se iniciava a nova temporada de futebol, o que não viria a suceder neste caso.

Em finais de 1929, mais precisamente na segunda-feira, 16 de Dezembro, foi posto à venda, em todas as tabacarias de Setúbal, o primeiro número do *Jornal de Sports*, que tinha como principais mentores o director Mário Rocha e o editor Alfredo Gomes da Silva (investiu alguns milhares de escudos no projecto). Assente num noticiário desportivo local, desde os primeiros números que se mostrou crítico com a imprensa desportiva lisboeta (em especial com *O Sport de Lisboa*), que acusava de omitir¹¹⁹, de forma intencional e sistemática, as notícias desportivas de Setúbal.

Em Março de 1930, graças à mudança de tipografia (passou das Oficinas Gráficas de José Maria da Rosa Albino para a Tipografia A. Cândido Guerreiro), o *Jornal de Sports* melhorou graficamente, passando a ser impresso em papel de melhor qualidade (formato 47x35), conseguindo pouco depois, em 29 de Junho, um dos seus melhores sucessos editoriais com a publicação de um número especial dedicado ao jogo de futebol inter-selecções regionais, de Setúbal e Funchal, ganho pelos setubalenses por 3-2. Em Novembro de 1930, passaria a apresentar no cabeçalho o subtítulo «A maior reportagem do movimento desportivo do distrito», celebrando no mês seguinte, no dia 22, o primeiro aniversário, onde reconhecia que apesar de ter sido

119 Cf. edição de 30 de Dezembro de 1929 e 31 de Março de 1930.

inicialmente «acolhido com desconfiança»¹²⁰, acabou por conquistar os leitores setubalenses. Porém, o ano de 1931 trouxe algumas mudanças (em Março, Guilherme Faria assumiu a direcção, mudando também a propriedade) que ditariam uma certa instabilidade, levando ao fim da publicação em 27 de Julho de 1931, no número 64.

Apesar de Setúbal ser um importante centro desportivo do País, alicerçado sobretudo nos clubes de futebol locais, durante este período não conseguiu que um jornal desportivo se consolidasse. Unicamente Coimbra, com *A Voz Desportiva*, e o Funchal, com o *Correio Desportivo* (ambas publicações criadas em 1926), o conseguiram fazer. Mas a cidade dos estudantes viria a destacar-se, ainda mais, no panorama do jornalismo desportivo luso, a partir de 27 de Janeiro de 1930, com o aparecimento da segunda série da *Gazeta dos Sports*, publicação desportiva editada pela *Gazeta de Coimbra*. Depois de uma primeira tentativa¹²¹, em Junho de 1928, esta nova publicação desportiva surgia agora às segundas-feiras à tarde, com quatro páginas dedicadas à actividade desportiva realizada no fim-de-semana, em especial com reportagens sobre os jogos de futebol. Dirigido por Manuel Ribeiro Arrobas, este jornal de 50 centavos, editado num papel verde-claro de qualidade (formato 49x33), estabeleceria uma excelente relação com o outro periódico desportivo da cidade, *A Voz Desportiva*, assumindo-se como «um jornal do público e de todos os clubes»¹²². Publicaria 20 números, até 16 de Junho de 1930, interrompendo a edição devido à passagem a diário, em 1 de Julho, da *Gazeta de Coimbra* – após os reajustes feitos por essa mudança, a *Gazeta dos Sports* ainda reapareceria, em 24 de Novembro de 1930, para uma terceira série, aguentando mais oito números, até 19 de Janeiro de 1931.

Os primeiros três anos da década de 1930 seriam ilustrativos da expansão regional que o jornalismo desportivo estava a ter em Portugal. Entre 1931 e 1933 apareceram 16 novos periódicos desportivos generalistas, espalhados por 15 cidades (Anadia, Angra do Heroísmo, Beja (2), Cantanhede, Coimbra, Faro, Figueira da Foz, Funchal, Guimarães, Horta, Ponta Delgada,

120 A Direcção (1930, 22 de Dezembro). O primeiro aniversário. *Jornal de Sports*, p. 1.

121 Com o alargamento do número de jogos de futebol ao domingo e o interesse crescente do público, a *Gazeta de Coimbra* decidiu, em 17 de Junho de 1928, transformar a página desportiva num suplemento, com o título de *Gazeta dos Sports*, que sairia esporadicamente à segunda-feira à tarde com as reportagens dos jogos de futebol dominicais.

122 A Redacção (1930, 10 de Fevereiro). Actualidades. *Gazeta dos Sports*, p. 1.

Portalegre, Santarém, Viana do Castelo e Vila Franca de Xira). Mais uma vez, como vinha sendo habitual, vários desses jornais (alguns deles ligados a periódicos regionais de informação generalista) teriam uma vida editorial relativamente curta, como sucedeu ao *Beja Sportiva*¹²³ (Beja, 1931), *O Dardo*¹²⁴ (Coimbra, 1931), *Minho-Sport*¹²⁵ (Viana do Castelo, 1932), *Notícias-Desportivo*¹²⁶ (Guimarães, 1932), *O Anzol*¹²⁷ (Cantanhede, 1933), *A Rabeca Desportiva*¹²⁸ (Portalegre, 1933), *Goal*¹²⁹ (Vila Franca de Xira, 1933), *'O Jornal' Desportivo*¹³⁰ (Funchal, 1933), *'O Provir' Desportivo*¹³¹ (Beja, 1933), *O Desportivo*¹³² (Anadia, 1933) e *A Gazeta da Figueira*¹³³ (Figueira da Foz, 1933).

Em 1931, dos seis novos jornais desportivos generalistas que se publicaram a nível regional, destacaram-se especialmente os três que apareceram nas Ilhas. Aquele que teve a vida editorial mais reduzida foi o *Ala Desportiva*, lançado em 20 de Agosto de 1931, em Angra do Heroísmo, nos Açores, pela mão do director Júlio M. de Freitas e propriedade de João Vieira Gonçalves, que detinha também a Tipografia Insular, onde o periódico era impresso. Publicaram-se 29 números deste semanário insular, que durou até 29 de Agosto de 1932.

123 Com o subtítulo «Semanaário de Propaganda de Educação Física», publicou três números, entre 1 e 25 de Fevereiro de 1931, sob a direcção de Américo Paiva, contando com uma boa rede de correspondentes no Alentejo.

124 Dirigido por Armando Sampaio, este semanário saiu em 2 de Dezembro de 1931, publicando-se até ao número 14, de 3 de Maio de 1932, dando especial relevo ao desporto regional e à promoção da ideia de desporto.

125 Apesar do sucesso do número um, de 21 de Março de 1932, o jornal de Severino Costa, que tinha o subtítulo «Semanaário de Todos os Desportos – De Minhotos para Minhotos», publicaria só oito edições, até 8 de Maio de 1932.

126 Suplemento desportivo do *Notícias de Guimarães*, dirigido por Antonino Dias de Castro, saiu unicamente um número, em 8 de Dezembro de 1932, sendo recebido com indiferença pelo público, embora fosse consensual a ideia de que Guimarães precisava um jornal desportivo.

127 Saiu uma única vez, em 21 de Maio de 1933, sob a direcção de J. Madeira e João Pascoal.

128 Suplemento desportivo semanal de *A Rabeca* (Portalegre, 1916-1954), de 50 centavos, publicaram-se 12 números, entre 31 de Agosto e 7 de Dezembro de 1933, sendo orientado por Florindo Madeira, Emílio Castro, Carlos Bentes e Alfredo Baptista, contando com a colaboração artística de João Tavares e as fotografias de Carlos Curvelo.

129 Com Alves Redol a director, este semanário publicou dez edições, de 11 de Janeiro a 23 de Março de 1933.

130 Suplemento desportivo quinzenal do periódico *O Jornal*, saiu em 30 de Janeiro e 15 de Fevereiro de 1933.

131 Suplemento desportivo do semanário *O Provir* (Beja, 1906-1933), publicou oito números, entre 13 de Abril e 1 de Junho de 1933, sendo feito exclusivamente por dois redactores, Castelão d'Almeida e Henrique Zarco (era jornalista político, mas a saída de um redactor desportivo, após uma cena de pugilato com um árbitro local, levou Zarco a encarregar-se das críticas desportivas, que agradaram muito).

132 Este semanário desportivo faria nove edições, entre 12 de Junho e 21 de Agosto de 1933, sob a direcção de Américo de Matos, apresentando um noticiário regional e uma linha editorial promotora da causa desportiva.

133 Semanário de desporto das terças-feiras, saiu em 21 de Novembro de 1933, sob a direcção de David de Sousa, tendo-se publicado até ao número 10, de 23 de Janeiro de 1934.

Mais longo e editorialmente mais rico seria o periódico semanal *Gazêta – Desportiva, Crítica e Recreativa*, criado em Ponta Delgada, nos Açores, em 21 de Março de 1931, tendo como «grande aspiração a de sanear o meio desportivo local, tão lamentavelmente viciado pela inépcia de alguns, pelo desinteresse de muitos e pela indisciplina de todos.»¹³⁴ Acumulando a propriedade, edição e direcção, Flaminio Augusto Peixoto foi transformando este jornal desportivo num periódico de informação generalista, deixando definitivamente a sua índole desportiva em 22 de Abril de 1939 (número 290).

Das três publicações desportivas insulares que surgiram em 1931, aquela que obteve maior prestígio foi *A Horta Desportiva*, semanário apresentado na Horta, nos Açores, no sábado 16 de Maio. A ideia de criar um jornal desportivo na ilha tinha partido do desportista Ilídio Nogueira e de um grupo de jovens desportistas locais. A eles juntou-se Júlio Andrade, que seria o administrador, cabendo a direcção, inicialmente, a Agostinho da Silva. Impresso na Tipografia Faialense, *A Horta Desportiva* vendia-se por 50 centavos, apresentando um noticiário fundamentalmente local, dedicado à actividade desportiva açoriana. Fruto da boa receptividade que teve nas ilhas, em Janeiro de 1932 passou a bisemanal (quintas-feiras e sábados), continuando a apostar na organização de várias provas desportivas na Horta, com realce para a Festa Desportiva (com provas de corta-mato, luta, futebol, entre outras modalidades), em Novembro de 1931, e o I Torneio de Atletismo, em Outubro de 1932.

Apesar do papel importante que lhe era reconhecido na divulgação do desporto nas ilhas açorianas, sendo em várias ocasiões o único jornal desportivo em actividade nos Açores, *A Horta Desportiva* sofreria constantemente problemas de tesouraria¹³⁵, fruto dos poucos assinantes (em Junho de 1934 eram somente 180) e do fraco meio publicitário. No entanto, conseguiu manter-se em publicação durante 678 números, até 2 de Dezembro de 1944, sucumbindo devido aos graves problemas económicos que a Segunda Guerra Mundial estava a provocar na sociedade portuguesa, encarecendo igualmente o papel e os materiais de impressão.

134 A Redacção (1931, 31 de Março). *Gazeta. Gezeta*, p. 1.

135 Viu-se forçado, algumas vezes, a interromper a publicação, como sucedeu entre 16 de Maio e 13 de Novembro de 1941 e entre 31 de Outubro de 1942 e 8 de Fevereiro de 1943.

Em Portugal continental, o único jornal desportivo regional, criado em 1931, a ter alguma projecção, seria o *Algarve Desportivo*. Com sede na Rua das Alcaçarias, n.º 41, em Faro, o primeiro número deste quinzenário saiu em 20 de Setembro de 1931, ao preço de 50 centavos, tendo como director e editor J. Simões Chumbinho (que fora redactor principal do *Sul Desportivo*, em 1929). Vendido também em Olhão (Casa Brazil), Portimão (Casa Havaneza), Silves (Abelino dos Santos Tomé) e Lisboa (Tabacaria Mónaco, no Rocio), apresentava um noticiário desportivo alargado a todo o Algarve, socorrendo-se para isso de uma vasta rede de correspondentes. Porém, por vezes, o que se escrevia no jornal não era do agrado de alguns clubes, como sucedeu em Janeiro de 1932 quando o *Algarve Desportivo* lançou duras críticas ao clube Lusitano de Vila Real de Santo António, por ter andado a aliciar jogadores de futebol de outras equipas algarvias, sem autorização dos respectivos clubes, para fazer uma digressão a Marrocos. Como represália, um grupo de adeptos e jogadores do clube algarvio, durante um jogo em Vila Real de Santo António, entre o Lusitano e o Olhanense, aproveitaram a presença do director do jornal, J. Simões Chumbinho, para o agredir violentamente, com a conivência dos directores do clube. Dias depois, o jornal lisboeta *O Sport de Lisboa* publicava um artigo do seu correspondente em Vila Real de Santo António, que era sócio do Lusitano, em que se congratulava com as agressões. Toda a história seria contada na capa do *Algarve Desportivo* de 31 de Janeiro de 1932, sob o título «Covardes!», em que toda a redacção se solidarizava com o director. Em consequência desse episódio lamentável, J. Simões Chumbinho afastou-se um pouco da direcção do jornal, explicando as razões para isso na edição de 13 de Março de 1932.

Apesar do clima gerado por esta situação e da acumulação de prejuízos (algumas centenas de escudos), o *Algarve Desportivo* manteve-se em publicação até 14 de Junho de 1932, aproveitando a paragem do futebol durante o Verão para fazer uma interrupção. Regressaria, como mensário, em 30 de Outubro de 1932, com J. Simões Chumbinho ainda como director, mantendo-se no cargo até 22 de Janeiro de 1933, altura em que saiu, saturado com o meio desportivo algarvio. Em Setembro de 1933, um novo grupo de jovens jornalistas, entusiastas do desporto e liderados por Joaquim Ferreira da Silva, reactivariam o *Algarve Desportivo*, que aguentaria em publicação até 25

de Fevereiro de 1934¹³⁶ (edição 32), numa altura em que as polémicas à volta da Associação de Futebol do Algarve tornaram insustentável a continuidade do jornal, já que alguns dos redactores eram dirigentes dessa associação.

Durante o ano de 1933, embora tivessem surgido um total de oito novos periódicos desportivos generalistas regionais, unicamente o quinzenário *O Atleta*, de Santarém, conseguiria ter alguma estabilidade editorial, conferida pelo carisma do seu proprietário, editor e director, Joaquim Augusto Correia. Lançado em 11 de Junho de 1933, apresentaria uma linha editorial dedicada, quase exclusivamente, ao desporto regional, tendo no futebol a modalidade preferida. Conseguiria publicar-se regularmente até 21 de Novembro de 1933, sofrendo nessa altura uma interrupção, forçada por motivos económicos. Regressaria em 3 de Fevereiro de 1934, apelando aos desportistas escalabitanos para assinarem o jornal, mas o apelo não teria efeitos, com *O Atleta* a sair pela última vez em 3 de Março de 1934 (edição 22).

Entre 1934 e 1936, o número de tentativas de criar jornais desportivos generalistas, a nível regional, iria diminuir substancialmente. Em 1934 apenas surgiria um jornal desse género, com o título de *Ar Livre*, sediado em Setúbal. Publicou-se por nove vezes, entre 22 de Outubro e 17 de Dezembro de 1934, tendo como director Heliodoro Silva e contando com 17 colaboradores, que fizeram desta publicação um excelente repositório do que de mais importante acontecia, em termos desportivos, na região de Setúbal.

No ano seguinte, em 1935, apareceu em Faro o semanário *Sports do Algarve*, lançado na segunda-feira, 14 de Outubro, ao preço de 50 centavos. A ideia deste periódico partiu de um grupo de entusiastas do desporto, formado por José do Nascimento (professor liceal, que contribuiu com 500 escudos), Aníbal Caiado (banqueiro, com mais 500 escudos), Aníbal Guerreiro (empregado de escritório, com 200 escudos), José Lopes Macedo (com 150 escudos) e José Faustino Cabeça (funcionário da Inspeção Escolar, com mais 150 escudos). Assim, inicialmente, o jornal contava com 1.500 escudos para a fase inicial de publicação, tendo-se acordado, entre o grupo de fundadores, que Aníbal Guerreiro ia figurar no cabeçalho como proprietário, editor e director, ficando contudo «os vários serviços do jornal distribuídos por todos os fundadores» (Branco, 1938: 63). Mas a «alma do jornal» (Branco, 1938: 63)

¹³⁶ Publicou mais dois números, em 17 de Fevereiro de 1935 e 16 de Fevereiro de 1936, só para assegurar o título.

viria a ser Lopes Macedo, que mais tarde passaria a figurar como director-delegado. «Contribuir para a propaganda do ideal desportivo na nossa província»¹³⁷ era o principal objectivo do *Sports do Algarve*, que teria como ponto alto a organização do Grande Prémio do Sports do Algarve em Bicicleta, em 7 e 8 de Junho de 1936 (constituído por duas etapas, em que se percorriam 300 quilómetros por todo o Algarve). Algumas divergências por causa dessa prova levariam à saída de dois dos fundadores, José do Nascimento e Aníbal Caiado, o que fragilizou a publicação, que apesar disso conseguiria publicar-se até 9 de Maio de 1938 (edição 125).

Após dois anos (1934 e 1935) em que surgiu unicamente um jornal desportivo regional ao ano, em 1936 apareceriam três novas publicações desse género, em três cidades bem diferentes (Coimbra, Covilhã e Vila Real), mas todas elas teriam um fim muito rápido. A primeira dessas publicações foi *A Bola*, lançada na Covilhã, no domingo 5 de Abril de 1936, sob a direcção de J. Oliveira Santos. Tratava-se de um suplemento desportivo do *Notícias de Gouveia*, apresentando como sede a Covilhã (na Rua Direita) por essa cidade ser o principal pólo de desenvolvimento desportivo da região da Serra da Estrela. No entanto, *A Bola* não passaria do número inaugural, situação que se repetiria com o jornal *Desporto Transmontano*, lançado em Vila Real, em 30 de Agosto de 1936. Em Coimbra, o periódico *Ginásio*, dirigido por Cândido Frazão Caetano, não teria melhor sorte, saindo unicamente duas vezes, a primeira em 11 de Maio de 1936, apresentando-se, tal como os outros periódicos, com o fim de «promover uma educação física e uma cultura desportiva»¹³⁸ na sua cidade.

8. Imprensa desportiva generalista do Ultramar

Durante a década de 1920, a ideia de desporto alastrou às Províncias Ultramarinas portuguesas em África, principalmente a Angola e Moçambique. No entanto, a actividade desportiva estava praticamente confinada ao futebol, sendo praticado, na sua maioria, por portugueses que tinham migrado e por alguns jovens locais, descendentes de portugueses da Metrópole – estes eram os únicos a terem tempo para o lazer, dinheiro para as bolas e conhecimento

137 A Redacção (1935, 14 de Outubro). Apresentação. *Sports do Algarve*, p. 1.

138 Frazão, C. (1936, 11 de Maio). O nosso objectivo. *Ginásio*, p. 1.

das regras. Em geral, a população negra estava afastada da prática desta ou qualquer outra modalidade desportiva.

O aumento do interesse pelo desporto, o mesmo é dizer pelo futebol, fez com que aparecessem, no final dos anos 1920, mais alguns jornais desportivos generalistas nas Províncias Ultramarinas portuguesas em África, a exemplo do que sucedera no início da década. Assim, em 15 de Agosto de 1929 iniciou a publicação o quinzenário *Angolana – Turismo e Desporto*, dedicado, como o subtítulo indicava, a promover o turismo e o desporto em Angola, tendo como redactor desportivo Eduardo Gomes de Albuquerque e Castro (cuja profissão era funcionário público). Com sede em Luanda, o primeiro número do *Angolana* deixou em evidência a sua vocação desportiva, colocando o turismo em segundo plano – o tema principal da capa era a III Volta Pedestre, organizada em Luanda pelo Club Sportivo Nun’Alvares, em 21 de Julho. Inicialmente, o jornal só podia ser adquirido nos ardinias ou nos postos de venda em Luanda, uma vez que optou por não aceitar assinaturas, com o receio de vir eventualmente a cessar actividade prematuramente. Só permitiu inscrições para assinaturas a partir do número oito, de 1 de Janeiro de 1930, altura em que aproveitou para fazer uma reflexão sobre os primeiros meses de actividade, clarificando os leitores das dificuldades que envolviam publicar um jornal em Angola, as quais não se remetiam unicamente ao «custo da impressão, papel, etc.»¹³⁹, mas «também muitas vezes à má vontade na execução do jornal»¹⁴⁰, levando «quase à desistência»¹⁴¹. Outra falta detectada era a de ardinias como os que existiam em Portugal continental, capazes de popularizarem um jornal «com a sua vozeria ensurdecadora, levando-o aos confins de todos os bairros, de todas as ruas e de todos os cafés.»¹⁴² Embora afectado por estas dificuldades, o *Angolana* conseguiria manter-se em actividade durante alguns meses, terminando em 5 de Outubro de 1930, após 32 edições.

Precisamente na altura em que o *Angolana* cessou actividade, estava a dar os primeiros passos o semanário *Angola Desportiva*, que saiu para as ruas de Luanda em 8 de Agosto de 1930, alicerçado em quatro figuras: Agostinho

139 A Redacção (1930, 1 de Janeiro). Temos que existir. *Angolana*, p. 1.

140 Idem, ibidem.

141 Idem, ibidem.

142 Idem, ibidem.

Maria de Cardoso Carvalho (director e farmacêutico de profissão), Manuel Trindade Fernandes (redactor principal), Álvaro Carneiro (secretário de Redacção) e Caetano Almeida (administrador e proprietário). No editorial «O nosso jornal», publicado na capa da edição inaugural, a Redacção esclarecia os leitores que já se impunha em Angola «a criação de um periódico desportivo, órgão defensor de todas as *nuances* atléticas, sentinela vigilante e moralizador da cidade de Luanda e de todos os centros da Província, onde em prol do desporto alguma coisa se tem feito.» E, sendo «flagrante essa falta» de um jornal desportivo, «não reagir contra essa inacção era implicitamente condenar o desporto provincial, e particularmente o de Luanda, a uma breve falência, à morte segura.» Ao longo desse número inaugural, de oito páginas, abundava sobretudo o noticiário sobre o Campeonato de Futebol de Luanda de 1931, realçando-se também a «Página do Sul», da responsabilidade do correspondente da província de Benguela. Numa pequena nota na página cinco, com o título «Imprensa», a Redacção do *Angola Desportiva* endereçava igualmente uma saudação especial aos jornais que lhe serviam de inspiração, que eram *A Província de Angola*¹⁴³ («o mais velho dos jornais de Luanda»), o *Jornal de Benguela* («decano da colónia») e o lisboeta *Os Sports* («nosso congénere da Metrópole»). Este último periódico seria inclusivamente destacado, no editorial «Confrontos», de 3 de Outubro de 1931, como o melhor exemplo do que devia ser um jornal desportivo, servindo de modelo editorial para o *Angola Desportiva*, que nesse mesmo editorial lamentava as «calúnias» de que estava a ser alvo e apelava à formação de uma «família» entre os desportistas angolanos, capaz de «ser respeitada e considerada, não como um bando de comadres regateiras como até aqui, mas como um núcleo de elevadas e nobres aspirações que luta pelo ressurgimento da raça».

Porém, o sonho de criar essa grande família desportiva não se iria concretizar, o que não impediu o *Angola Desportiva* de se manter em actividade durante toda a década de 1930, fazendo em cada edição de aniversário, em meados de Agosto de cada ano, uma profunda reflexão sobre o desporto angolano, deixando quase sempre transparecer um enorme sentimento de desilusão («sentimo-nos doentes de desilusões» era uma

143 Em meados dos anos 1930 apresentava uma excelente secção desportiva, da responsabilidade de Alberto Pinto Fernandes, decano dos jornalistas desportivos angolanos.



expressão que se podia ler no editorial comemorativo do segundo aniversário, em 29 de Agosto de 1933), acompanhado, no entanto, por uma enorme determinação em «lutar pelo futuro radioso do desporto angolano» (frase que se podia ler igualmente nesse editorial de 29 de Agosto de 1933).

A tenacidade do *Angola Desportiva* seria recompensada com o gradual apoio que foi obtendo por parte do público e do meio desportivo angolano, cativando para a sua Redacção alguns nomes de referência do jornalismo desportivo angolano, como Eduardo Castelbranco, que viria a ser director executivo e editor do jornal durante largos anos, tornando-se inclusivamente a alma do periódico durante a década de 1960. Nessa fase, ficaram tão umbilicalmente dependentes, o jornal e o director, que a morte de Castelbranco, em meados de Setembro de 1971, ditaria o fim do *Angola Desportiva* em 29 de Setembro de 1971¹⁴⁴ (número dedicado precisamente à morte de Eduardo Castelbranco), deixando para a história 847 números, publicados entre 1930 e 1971.

No início da década de 1930, embora o *Angola Desportiva* tivesse assumido alguma preponderância editorial em Luanda, isso não impediu novas tentativas de implantação de jornais desportivos generalistas em Angola. Uma dessas tentativas sucederia mesmo na capital angolana, pela mão de um grupo de jovens entusiastas do desporto (encabeçado por Armando Ferreira), que lançou, em inícios de Setembro de 1932, o quinzenário *Desportine – Desporto e Cinema*, que aguentaria um ano, até 15 de Setembro de 1933, publicando duas séries, num total de 16 números dedicados sobretudo ao futebol angolano e da Metrópole (em especial de Lisboa).

Aproximadamente um ano foi também a duração do *O Sport de Mossâmedes*, publicado entre 15 de Agosto de 1931 e 26 de Agosto de 1932, tendo como objectivo «bater-se corajosamente pelo desenvolvimento da educação física no sul de Angola»¹⁴⁵. Sediado na cidade angolana de Mossâmedes, este «quinzenário de propaganda de educação física» (era o subtítulo) teria ao longo desse ano de publicação três directores, o primeiro António César Correia Mendes (que tinha a indicação no cabeçalho de ter o

144 O cabeçalho do *Angola Desportiva* contava com três subtítulos bem ilustrativos: «Do desporto para o desporto»; «Fundado em 1930 – O mais antigo da especialidade em todo o território Português e único em todo o Continente Africano»; «Semanário independente ao serviço do Desporto».

145 A Redacção (1931, 15 de Agosto). À guisa de Prodrómo... *O Sport de Mossâmedes*, p. 1.

«Curso Superior de Farmácia pela Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa»¹⁴⁶), ao que se seguiu Pedro Guerreiro Madeira («Doutor em Medicina e Cirurgia pela Universidade de Lisboa»¹⁴⁷) e, finalmente, A. A. Torres Garcia («Bacharel pela Universidade de Coimbra»¹⁴⁸). Habitualmente, as suas quatro páginas eram preenchidas pelo noticiário desportivo local e regional, focando nomeadamente o futebol e o basquetebol, aparecendo também um conjunto de notícias desportivas de Lisboa, recorrendo a artigos dos periódicos *Notícias Ilustrado*, *Diário de Notícias* e *O Volante*.

A relação com o desporto da Metrópole estaria igualmente fincada nas páginas do quinzenário angolano *Eco do Sport*, publicado pela primeira vez em 1 de Janeiro de 1932, em Benguela, sob a direcção de José Coelho de Almeida Cota (bacharel em Direito). No editorial «Ao que vimos», o director deixava claro que o novo jornal tinha como objectivo «contribuir na medida das suas forças para o alevantamento físico e moral da mocidade Portuguesa.» Mas as suas forças não iriam além de quatro números, claudicando em 21 de Fevereiro de 1932, numa edição que apresentava duas reflexões profundas (nos artigos «Idealizando» e «Comentários») sobre o panorama do desporto em Benguela e um pouco por toda a Angola, lamentando os constantes «ódios clubistas»¹⁴⁹ e as «lutas interclubes»¹⁵⁰, assim como o facto do futebol absorver a atenção da juventude de Benguela «numa enlouquecedora cegueira que a traz lamentavelmente alheada das outras modalidades.»¹⁵¹

9. Órgãos de clubes e instituições em mudança

Um dos poucos aspectos positivos que as rivalidades interclubes em Angola tiveram foi o de várias agremiações desportivas terem decidido criar o seu próprio órgão informativo, de forma a poderem divulgar a sua versão dos acontecimentos e digladiar questões com os clubes adversários, criando também um elo de ligação com os associados e público em geral. Em Agosto de 1931, o Atlético Club de Mossâmedes decidiu avançar com *O Atlético*,

146 Cf. edição de 15 de Agosto de 1931, p. 1.

147 Cf. edição de 15 de Fevereiro de 1932, p.1.

148 Cf. edição de 26 de Agosto de 1932, p. 1.

149 Neves, M. (1932, 21 de Fevereiro). Idealizando. *Eco do Sport*, p. 1.

150 Idem, ibidem.

151 A Redacção (1932, 21 de Fevereiro). Comentários. *Eco do Sport*, p. 1.

boletim mensal dirigido por A. A. Torres Garcia (bacharel pela Universidade de Coimbra), com sede na Rua Serpa Pinto, em Mossâmedes, Angola. Também «Visado pela Comissão de Censura» (nota que surgia no cabeçalho), *O Atlético* conciliava as notícias internas do clube com um alargado noticiário desportivo sobre a Metrópole e o estrangeiro, tendo-se publicado por cinco vezes, até 25 de Dezembro de 1931. Nos anos seguintes foram aparecendo, em Angola, outros boletins informativos ligados aos clubes desportivos, alguns de cariz anual e comemorativo, como o *Sport Lubango e Benfica* (Lubango, 1932-1949), e outros que conseguiam conciliar a informação do seu clube, com um noticiário eclético e alargado, como seriam os casos do quinzenário *O Desporto*¹⁵² (Luanda, 1934), propriedade do Sport Lisboa e Luanda, e do mensário *Boletim do Sporting Club de Luanda*¹⁵³ (Luanda, 1936-1957).

Na Metrópole (ou seja, em Portugal continental e ilhas) assistiu-se igualmente ao aparecimento regular de órgãos informativos ligados a clubes ou a organismos desportivos, na sua maioria dedicados ao futebol. Entre 1927 e 1930 seriam lançadas dez novas publicações deste género, subordinados a nove clubes e a uma instituição desportiva. Mais de metade desses boletins de clubes (muitos deles assumiram como título o nome do próprio clube) não passou de efémeros números de aniversário, como sucedeu com *O Barreirense*¹⁵⁴ (Barreiro, 1927), *O Setubalense-Sports*¹⁵⁵ (Setúbal, 1928), *Sport Lisboa e Viseu*¹⁵⁶ (Viseu, 1928), *O Campo d'Ourique*¹⁵⁷ (Lisboa, 1928) e *O União*¹⁵⁸ (Paredes, 1930). Outros boletins tentaram ser mais regulares (publicando-se mensalmente), mas teriam uma existência editorial e temporal

152 Lançado em 1 de Março de 1934, sob a direcção de Armando Ferreira, apresentava quatro páginas com um noticiário local, de Portugal continental e do estrangeiro, muito alargado (a várias modalidades) e de qualidade (bons artigos de fundo e análises ao fenómeno do desporto). No número dois, de 7 de Maio de 1934, mudaria o título para *Os Desportos* (tinha existido um jornal em Benguela com o título *O Desporto*, por isso não podia utilizar a mesma designação), publicando-se até ao número 8/9 de 8 de Setembro de 1934.

153 Propriedade do Sporting Club de Luanda (3.ª filial (1.ª em África) do Sporting Clube de Portugal), este boletim publicou o primeiro número em Agosto de 1936, sob a direcção de Fernando Sá, tendo-se publicado de forma irregular até ao número 31, de Outubro de 1944 (depois disso só saíria nos aniversários do clube e em momentos importantes, como a visita do presidente da República, Craveiro Lopes, a Luanda – publicou uma edição especial da visita em 21 de Junho de 1953). Reapareceu como mensário em Março de 1957, tendo só mais uma edição, em Abril-Maio de 1957.

154 Saiu só uma vez para comemorar o 16.º aniversário do Futebol Clube Barreirense, em 9 de Abril de 1927.

155 Editado pelo diário *O Setubalense*, saiu em 20 de Novembro de 1928 pelo 18.º aniversário do Vitória FC.

156 Saiu uma vez, em 5 de Agosto de 1928, para comemorar o 40.º aniversário do Sport Lisboa e Viseu.

157 Órgão do Club Atlético de Campo de Ourique, saíram dois números anuais, em Dezembro de 1928 e 1929.

158 Saiu em Dezembro de 1930 para comemorar o 6.º aniversário do União Sport Club de Paredes.

curta, casos do *Boletim do Sporting Clube Figueirense*¹⁵⁹ (Figueira da Foz, 1927), *O Leça*¹⁶⁰ (Leça da Palmeira, 1928), *O Gimnasio*¹⁶¹ (Olivais, 1929) e do *Boletim Oficial do Sport Lisboa e Benfica* (Lisboa, 1927-1934) – nem este último periódico, ligado a um dos clubes mais populares de Lisboa, conseguiria manter uma periodicidade e actividade regular, publicando somente onze números, entre Março de 1927 e 18 de Agosto de 1934. Onze edições teria igualmente o órgão oficial da Associação de Futebol de Santarém, lançado gratuitamente em 20 de Novembro de 1927, com o título de *O Sport Scalabitano* – inicialmente dedicado ao desporto local, foi abrindo as suas habituais quatro páginas ao noticiário regional e nacional, centrando-se na temática do futebol e na ideia de ressurgimento nacional. Suspenderia a publicação em 5 de Fevereiro de 1928, alegando dificuldades económicas, derivadas dum meio desportivo e publicitário pequeno, e do elevado índice de analfabetismo em Santarém.

No início da década de 1930 apareceu no Porto mais um órgão informativo dum organismo desportivo, mas ligado a uma modalidade menos popular: o mensário *Basket-Ball*, da Federação Portuguesa de Basquetebol. «Bem servir o basket-ball»¹⁶² era a promessa que o jornal, dirigido por Eduardo Rosas Nobre, fazia na capa do número inaugural de Março de 1934, publicando-se durante mais quatro números, até Março de 1935, altura em que o *Basket-Ball* se viu forçado a suspender devido à polémica mudança, do Porto para Lisboa, da sede da Federação Portuguesa de Basquetebol.

Embora tivessem sido raras as instituições desportivas que criaram os seus próprios boletins informativos entre 1931 e 1936, o mesmo não sucederia ao nível dos clubes, surgindo 28 órgãos informativos de clubes desportivos (6 em 1931, 4 em 1932, 3 em 1933, 8 em 1934, 2 em 1935 e 6 em 1936). Uma grande fatia desses periódicos surgiu na condição de número comemorativo

159 Este boletim mensal publicou quatro números, entre 15 de Janeiro e 15 de Abril de 1927.

160 Órgão do Leça Foot-Ball Club (Leça da Palmeira), fez quatro aparições, entre 6 de Maio e 22 de Julho de 1928.

161 Órgão do Recreativo Gimnasio Club, distribuído gratuitamente entre os sócios, publicou-se mensalmente entre 1 de Junho de 1929 e número 15 de Setembro de 1930.

162 A Redacção (1934, Março). Pela nossa causa. *Basket-Ball*, p. 1.

do aniversário¹⁶³ do clube, partilhando, quase todos, a ambição de publicar-se com maior regularidade. Um desses casos foi *O União*, que apareceu em Março de 1931 para comemorar o 21.º aniversário do União Foot-Ball Lisboa. O sucesso foi tanto, junto dos sócios, que avançou em Abril com a primeira edição mensal, dirigida por Joaquim de Paiva e Silva, tendo publicado duas séries consecutivas até 1 de Dezembro de 1934 (voltaria a ter uma terceira série, entre Outubro de 1939 e Abril de 1940).

Em 1931, além de *O União*, apareceram em Lisboa mais dois órgãos de clubes com uma periodicidade mensal, mas com uma reduzida vida editorial: *O Desportivo*¹⁶⁴, boletim do Grupo Desportivo da Academia Recreativa de Lisboa, e *O Nadador*¹⁶⁵, órgão do Club Nacional de Natação, de Lisboa. No ano seguinte, a 20 de Março, seria a vez do Campolide Atlético Clube lançar *O Campolide*, boletim mensal de 50 centavos que duraria unicamente cinco meses, cessando actividade em Agosto de 1932.

Um dos boletins de clube de melhor qualidade gráfica que apareceu nesta altura foi o *S.C.P em actividade*¹⁶⁶, lançado em meados de 1933 pelo Sport Club do Porto, agremiação portuense dedicada à náutica, mas com um vasto leque de iniciativas noutros campos desportivos. Durante 1933 seria também lançada uma folha informativa que tinha como missão divulgar um único evento desportivo, tendo por isso só uma edição: em 7 de Maio saiu o *Associação*

163 Entre os números de aniversário contaram-se: *O Caldas* (em 30 de Novembro de 1931, no 15.º aniversário do Caldas Sport Club, das Caldas da Rainha); *Hockey Club de Portugal* (em 21 de Junho de 1931, no 10.º aniversário do Hockey Club de Portugal, de Lisboa); *O Campo de Ourique* (em Dezembro de 1932, no 10.º aniversário do Club Atlético de Campo de Ourique); *Carcavelinhos FC* (em Junho de 1932, no 20.º aniversário do Carcavelinhos Foot-Ball Club, em Lisboa); *O Barreirense* (em 11 de Abril de 1933, no 22.º aniversário do Foot-Ball Club Barreirense); *O Águia Desportivo* (em 3 de Maio de 1934, no 10.º aniversário do Águia Sport Club Vilafranquense, em Vila Franca de Xira); *Sport* (em 26 de Agosto de 1934, comemorativo do aniversário do Sport Club de Penafiel); *O Arrentela* (em 4 de Outubro de 1934 e 1935, números de aniversário do Arrentela Foot-Ball Club, em Arrentela, Setúbal); *O Sportinguista* (em 28 de Julho de 1934 e 29 de Setembro de 1935, números de aniversário do Sporting Club de Famalicão, em Vila Nova de Famalicão); *Vilanovense* (quatro números anuais de aniversário, em 1 de Janeiro de 1934 (20.º aniversário), 1 de Junho de 1935, 1 de Junho de 1936 e 1 de Julho de 1937); *Club Sport Funchal* (em 20 de Setembro de 1935, pelo 25.º aniversário do Club Sport Marítimo); *Seixal Foot-Ball Club* (em 16 de Fevereiro de 1936, pelo 11.º aniversário do Seixal Foot-Ball Club); *O Marvilense* (em Setembro de 1936, pelo 18.º aniversário do Marvilense Foot-Ball Club, em Lisboa); *Boletim da Associação de Educação Física e Desportiva de Torres Vedras* (com dois números de aniversário, em Janeiro de 1936 e 15 de Junho de 1941); e *Sport Lisboa-Lapa* (com dois números de aniversário, em 3 de Maio de 1936 e Outubro de 1937).

164 Distribuído gratuitamente, publicou-se entre Maio de 1931 e Novembro-Dezembro de 1931 (número 5).

165 Dirigido por José do Carmo Carrilho, publicou oito números, entre 5 de Julho de 1931 e 3 de Outubro de 1932.

Sairam mais números anuais durante os anos seguintes, o último em Agosto de 1962.

166 Publicou cinco edições, até Fevereiro de 1935.

Académica, boletim da Associação Académica de Coimbra de homenagem pela conquista do campeonato distrital de futebol. Mais duradoura seria a actividade do boletim mensal *Lisboa Gimnásio Club*, criado pela agremiação lisboeta que lhe dava título, em 4 de Novembro de 1934, cabendo a direcção a Domingos Lança Moreira e o cargo de redactor principal a Armando de Freitas, dois jovens que viriam a tornar-se jornalistas desportivos de renome em Portugal. No editorial «Palavras indispensáveis», publicado na capa do número inaugural, o director Lança Moreira deu uma breve explicação sobre o papel que deveria desempenhar um periódico destas características, tocando numa série de pontos comuns a todas as publicações desta índole: «A missão deste jornal-boletim é ampliar, completar e impulsionar a directriz que o Lisboa Gimnásio Club até hoje tem seguido. Dar-lhe o maior ambiente possível, favorecer-lhe a expansão. Porque, como meio de propaganda, são incomensuráveis as vantagens que o jornal nos traz. Ele será como que um porta-voz, activo e potente, da vida do Club, junto dos sócios, que, por motivos de afazeres, ou por morarem longe, só a espaços visitam a Sede. Levar-lhes-á com exactidão todo o movimento da colectividade, reavivando-lhes simultaneamente, o amor, a fé clubista de que o nosso Gimnásio carece para transpor vitorioso os escolhos que a todo o momento se lhe atravessam na trajectória. O Lisboa Gimnásio Club não atacará nem defenderá. Será como assim dizer, o elo de ligação entre os consócios e a Direcção. Não se limitando aos sócios, mas visitando também clubes congéneres, Associações, Federações e jornais desportivos, o Lisboa Gimnásio Club vê assim aumentado o seu raio de expansão.»

A linha editorial deste boletim iria revelar-se, ao contrário de uma parte importante da imprensa desportiva da época, muito conservadora e pró-fascista, sendo notórias as simpatias¹⁶⁷ com a Itália e Alemanha fascistas e as antipatias com as posturas sociais mais liberais, como era a questão do desporto feminino. Na edição de Setembro a Novembro de 1937 do *Lisboa Gimnásio Club*, o redactor Armando de Freitas publicou na primeira página o artigo «A mulher de sempre e o desporto de hoje», em que afirmou categoricamente que «entre a mulher masculinizada e o homem efeminado não existe diferença, ambos são para repudiar, ambos a sociedade condena e

167 Cf. Ramos, A. (1936, Janeiro). A educação física e o Estado. *Lisboa Gimnásio Club*, p. 1.

escarnece.» E alicerçava a opinião em duas posturas tomadas recentemente: «Hitler, o 'Führer' da nova Alemanha, desportiva por excelência, ainda há pouco, num dos seus discursos, aconselhava a mulher alemã a continuar fazendo desporto mas que não olvidasse a sua própria condição de mulher. Também a *Gazeta do Vaticano*, num dos seus últimos números, se insurgia e condenava que a mulher italiana, absorvida pela ideia do desporto, não respeitasse certas conveniências.»

O *Lisboa Gimnásio Club* manteve-se em publicação até à edição bimestral de Junho-Julho de 1943 (edição 42), sendo um dos órgãos informativos dos clubes lisboetas com maior longevidade neste período, a par com o *Boletim do Gimnásio Club Português*, publicado mensalmente entre Fevereiro de 1936 e Abril de 1939¹⁶⁸, dando um enorme contributo para a divulgação da ginástica¹⁶⁹ no meio desportivo e jornalístico português.

Apesar destes impulsos organizativos e informativos dados à ginástica e a outras modalidades, o futebol continuou a ser, na década de 1930, o desporto mais popular entre os portugueses, mas os principais clubes de Lisboa, SL Benfica e Sporting CP, não conseguiram dar regularidade aos seus respectivos órgãos oficiais, com o *Boletim do Sporting Clube de Portugal*, criado em 1922, a sofrer uma prolongada interrupção entre 1931 e 1944, e o *Boletim Oficial do Sport Lisboa e Benfica* a publicar somente onze edições, distribuídas entre 1927 e 1934. Igualmente instável seria a vida do *Boletim do Futebol Clube do Porto*, publicado na Cidade Invicta entre 1 de Outubro de 1935 e Maio de 1946, sofrendo várias interrupções e protagonizando algumas polémicas com a imprensa desportiva generalista portuense, como sucedeu em Março e Abril de 1946 com *O Norte Desportivo*¹⁷⁰.

10. Jornalismo especializado dominado pelo automobilismo

Embora o futebol fosse a modalidade mais popular e com mais espaço noticioso nas páginas dos jornais desportivos generalistas, no final da década

168 Voltaria a sair como número anual de aniversário, em Junho de 1943 e 1944.

169 O clube organizou, na primeira quinzena de Maio de 1936, o I Congresso de Ginástica Educativa, que tinha uma variante educativa (produzir reflexões e obras sobre Educação Física e Ginástica) e uma prática (promover o encontro entre equipas de ginástica). O *Boletim* daria destaque ao evento, sendo um dos seus dinamizadores.

170 O «Norte», dirigido por Alves Teixeira, publicou diversos ataques pessoais ao director do boletim portista, Silveira Assis, que tinha acusado o «Norte» de estar a prejudicar o FC Porto.

de 1920 não apareceu nenhum periódico desportivo especializado nessa área. Automobilismo (com seis novos periódicos), tauromaquia (três), caça (dois) e boxe (um) foram as quatro áreas onde surgiram 12 novos periódicos desportivos especializados entre 1927 e 1930, concentrando-se nove deles em Lisboa e três no Porto. Mas a generalidade destas publicações especializadas teria uma duração reduzida, a exemplo do que sucedia com a imprensa desportiva generalista e com os órgãos de clubes e institucionais.

O automobilismo, enquanto modalidade desportiva, começava gradualmente a conquistar novos praticantes e mais público, fruto da ideia de modernidade¹⁷¹ que envolvia o próprio automóvel. A revista *Volante*, criada em 7 de Agosto de 1926, tornou-se a publicação de referência no mundo do jornalismo especializado em automobilismo durante os últimos anos da década de 1920, estendendo posteriormente esse prestígio pelas décadas seguintes. Em Agosto de 1927, altura em que comemorava o primeiro aniversário, a revista contava com 2.500 assinantes e uma rede de 300 correspondentes, que além de colaborarem a nível noticioso (deram um forte contributo à secção «Estradas e Turismo», fornecendo mais de 200 informações úteis a quem pretendia viajar de automóvel por Portugal), acumulavam a tarefa de angariar novos assinantes (à media de 150 novos assinantes por mês). A nível editorial, *O Volante* decidiu criar novas secções, ilustrativas da evolução do mundo do motor, como foram os casos de «Motociclismo», «Aviação» e «Agrícola-Industrial» – apesar de algumas destas secções não terem qualquer relação com desporto, tratava-se de uma estratégia comercial para angariar novos apoios publicitários (contava com contratos de publicidade com 95 por cento das marcas de automóveis e indústria anexa).

O Volante, como publicação de referência nesta área, entraria em conflitos¹⁷² editoriais com outras publicações, em diversas ocasiões,

171 Cf. Costa, A.F. (1927, 18 de Setembro). As verdadeiras vantagens do transporte automóvel. *O Volante*, p. 3; A Redacção (1927, 8 de Novembro). A importação de automóveis. *O Volante*, p. 3.

172 Em Outubro de 1928, o *Diário de Notícias* incompatibilizou-se com *O Volante*, recusando continuar a publicar os seus anúncios de publicidade. Na edição do dia 28, *O Volante* acusaria o *Diário de Notícias* de estar incomodado com o seu sucesso, fazendo-o pagar mais pelos anúncios (pagava 3\$50 por linha, em vez dos habituais 1\$50), chegando agora a recusar publicá-los. *O Volante* passou a publicar esses anúncios em *O Século*, diário também de grande tiragem. Só em Outubro de 1930, *O Volante* e *Diário de Notícias* se voltariam a reconciliar. Nessa altura, *O Volante* estava em conflito aberto com o Automóvel Clube de Portugal (ACP), por este organismo lhe ter ido buscar alguns redactores, pagando o dobro de ordenado, para o seu boletim, que se converteu em revista em Novembro de 1930.

conseguindo, no entanto, manter sempre uma relação de confiança com os leitores, conseguindo aumentar paulatinamente os assinantes (em Janeiro de 1928 eram 3.000), os correspondentes (400 em Janeiro de 1928) e as tiragens (em Janeiro de 1928 tinha uma tiragem mensal de 25.000 exemplares, no total das três edições – saía dias 8, 18 e 28 de cada mês), fruto de uma boa dinâmica editorial¹⁷³, organizativa¹⁷⁴ e publicitária¹⁷⁵, assim como a nível doutrinal (foi extremamente incisivo na promoção do automobilismo feminino¹⁷⁶ e na melhoria das estradas¹⁷⁷).

Esta preponderância de *O Volante*, no meio automobilístico português, fez com que as várias tentativas de criar periódicos especializados nesta área estivessem quase irremediavelmente condenadas ao fracasso. Em 1927, em Lisboa, quer a folha semanal *Vida Automobilística*¹⁷⁸, quer o jornal *O Motor*¹⁷⁹, não passariam do primeiro número. Esta última publicação reapareceria no ano seguinte, em 26 de Janeiro de 1928, com um cariz quinzenal, assentando o novo projecto nas figuras de João de Almeida Júnior (editor e proprietário), José Cândido Godinho (redactor principal) e Maximino Abranches (chefe de publicidade). Apesar do sucesso inicial, fruto da boa linha editorial (com

173 *O Volante* teria uma acção editorial muito alargada, publicando números especiais por altura do Salão Automóvel de Paris (e.g. edição de 28 de Outubro de 1927) ou guias de viagens (em Abril de 1928 lançou o *Guia Prático do Automobilista*, de 250 páginas, uma espécie de guia de viagem em Portugal, aumentado em Março de 1930 para 450 páginas; e em 24 de Novembro de 1929 lançou um número especial dedicado ao automobilismo na África portuguesa).

174 Apoiaria diversas provas de automobilismo (e.g. em 1931 apoiou o I Circuito de Vila Real, o I Circuito do Campo Grande, o I Circuito da Covilhã, o I Circuito da Boavista, o I Circuito da Póvoa, o I Circuito de Setúbal, o I Circuito Automobilístico do Ave e o Circuito General Carmona em Motos) e organizaria algumas provas (e.g. em 1931 organizou o I Grande Prova de Resistência e Turismo; em Julho de 1934 organizou, juntamente com o ACP e *O Século*, a 3.ª Volta a Portugal em Automóvel; em 26 de Agosto de 1934 organizou o I 'Rallye' Automóvel Radiofónico, juntamente com o *Diário de Lisboa* e a estação de rádio Emissora Nacional).

175 Encetou fortes campanhas publicitárias de auto-promoção na imprensa diária (*Diário de Notícias* e *O Século*), conseguindo também angariar muita publicidade para as suas edições (e.g. em Outubro de 1930, do total de quatro números que publicou nesse mês (era semanal), que perfizeram 180 páginas, 56 foram de publicidade, o que gerava uma boa receita; em 1937, dos 36 números publicados, 280 páginas eram de publicidade).

176 Foi uma constante ao longo da vida da revista, publicando regularmente capas com mulheres ao volante (e.g. em 8 de Maio de 1928, a capa era dedicada a Maria Antonieta de Almeida Beauvalet, considerada a primeira mulher a conduzir automóveis em Portugal; em 5 de Julho de 1932, a Maria Noronha, que entrava em provas; em 5 de Abril de 1935, à actriz teatral Ester Leão, grande entusiasta do automobilismo; em 1935 publicaria uma série de capas dedicadas ao automobilismo feminino: 15 de Maio, 25 de Setembro e 5 de Outubro; e em 5 de Maio de 1937, a capa seria dedicada à aviação feminina).

177 Na edição de 18 de Agosto de 1927, *O Volante* propunha, na página três, uma campanha que visava a reparação e melhoramento das estradas portuguesas, apresentando uma série de iniciativas.

178 Saiu em 3 de Julho de 1927, com quatro páginas, sob a direcção de José Cândido Godinho, estando ligado ao *Jornal de Sports* (publicado em Lisboa entre 1 de Maio e 26 de Setembro de 1927).

179 Saiu em 6 de Agosto de 1927, ao preço de 1\$00, com João de Almeida Júnior como director, editor e proprietário.

colaboradores de qualidade) e da organização de provas de impacto nacional (em especial a I Volta a Portugal em Automóvel, que levou à distribuição gratuita de 20 mil exemplares do número especial de Agosto de 1928), o *Motor* não atingiria dois anos de publicação, sucumbindo em 30 de Outubro de 1929, numa altura em que José Cândido Godinho era director e editor.

Mais curta seria a vida editorial do *Guiauto Ilustrado*, revista automobilística mensal, de boa qualidade, lançada no Porto em 31 de Julho de 1929, sob a direcção e propriedade de Albano Rodrigues Pinheiro. Publicaria unicamente cinco números, desaparecendo em 30 de Novembro de 1929, tendo conciliado um bom noticiário automobilístico nacional e internacional, graças a uma boa rede de correspondentes portugueses e à permuta de exemplares com a imprensa estrangeira¹⁸⁰. Esta revista apresentaria um forte pendor informativo ligado à indústria automóvel, embora na sua essência fosse um periódico desportivo especializado em automobilismo.

Durante este período apareceram duas publicações em Lisboa que contribuíram para a vertente desportiva do mundo automóvel, embora tivessem uma linha editorial virada para a indústria e o dia-a-dia dos condutores¹⁸¹ de automóveis. O primeiro desses títulos seria *O Conductor de Automóveis*, semanário lançado em 23 de Março de 1929, sob a direcção do tenente Manuel Pires Rosendo, apresentando algumas notícias sobre o desporto automóvel. Conseguiria publicar-se até ao número 500, de Agosto de 1945, altura em que anunciou a mudança de título para *Os Transportes*¹⁸², alargando o noticiário ao mundo da aviação e do caminho-de-ferro.

Uma forte secção desportiva seria igualmente apanágio do A.C.P. – *Revista Ilustrada de Automobilismo e Turismo*, órgão oficial do Automóvel Clube de Portugal (ACP), lançado em Novembro de 1930 e dirigido por Oliveira Monteiro (presidente do ACP). Esta revista, que substituiu o antigo *Boletim* deste organismo, iria manter-se em actividade ao longo do século XX,

180 E.g. o noticiário espanhol tinha como origem a revista *La Voz del Chofer de Andaluzia* (Sevilha, 1929).

181 Utilizava-se o termo «chauffeurs» para se referirem os condutores de automóveis. Uma publicação com algum noticiário desportivo seria *O Profissional do Volante*, propriedade da Associação da Classe dos Chauffeurs do Sul.

182 Passou a usar o título do periódico francês *Les Sports*, órgão oficial da Federation Nationale des Moyens de Transports, publicado em Paris desde 1918 (representantes deste jornal estiveram, em Lisboa, em 1 de Dezembro de 1932 para fazer uma visita à redacção de *O Conductor de Automóveis*).

chegando até ao século XXI, sempre como órgão do ACP e com uma boa secção desportiva ligada ao mundo do desporto automóvel.

Depois do automobilismo, a tauromaquia foi a área de informação desportiva onde surgiram mais periódicos especializados entre 1927 e 1930. Mas os três jornais tauromáquicos lançados neste período em Portugal teriam uma vida editorial relativamente curta. O primeiro destes títulos, a revista taurina *Ferros Curtos*, publicaria um único número, em 8 de Agosto de 1927, em Lisboa, cabendo a direcção e propriedade a J. Luiz Ribeiro, conhecido no meio tauromáquico por Pépe Luiz. Em 1929, a 13 de Junho, seria a vez de surgir, no Porto, o semanário *O Tauromachico*, dirigido e editado por A. Viana, tendo-se publicado mais três vezes, a última delas em 4 de Julho de 1929. Visando o «engrandecimento da tauromaquia em Portugal»¹⁸³ apareceria em Lisboa, em 22 de Junho de 1930, o semanário *O Capote*, dirigido por Júlio César dos Santos e Artur José Antunes. Totalmente dedicado à «festa brava», seria vítima das habituais faltas de pagamento das assinaturas, suspendendo-se em 3 de Agosto de 1930, ao fim de seis números.

Ao contrário dos periódicos tauromáquicos, os dois jornais dedicados à caça teriam uma maior longevidade, beneficiando em parte da ideia de «defesa dos interesses da colectividade»¹⁸⁴ que rodeava os caçadores portugueses. Ao preço de um escudo, saiu em 1 de Julho de 1927, em Lisboa, o mensário *O Caçador*, dirigido pelo advogado José Freitas Cruz (também proprietário), contando com o pintor Pedro Guedes como director artístico. O noticiário, embora alargado, era exclusivamente dedicado à caça, esgotando o número um, apesar da «grande tiragem»¹⁸⁵ que realizou. A ideia de defesa do «espírito desportivo»¹⁸⁶ estaria presente na sua linha editorial, assim como a defesa dos interesses dos caçadores, nem sempre consensuais, abundando por isso as trocas de argumentos com algumas secções de caça da imprensa desportiva generalista: em início de Fevereiro de 1928 enfrentou as secções de caça do portuense *Sport* (por causa da questão da restrição do tempo de caça) e do lisboeta *Os Sports* (devido à ideia de organizar o 1.º Congresso de Caçadores Portugueses). *O Caçador* conseguiu publicar-se regularmente durante mais de

183 A Redacção (1930, 22 de Junho). A nossa missão. *O Capote*, p. 1.

184 A Redacção (1927, 1 de Julho). Explicando. *O Caçador*, p. 1.

185 A Redacção (1927, 1 de Setembro). *O Caçador*. *O Caçador*, p. 1.

186 F.C. (1927, 1 de Novembro). Espírito Desportivo. *O Caçador*, p. 1.

seis anos, interrompendo a publicação em meados de 1933, reaparecendo em 1 de Maio de 1935, para uma segunda fase que duraria até ao número 91, de 1 de Agosto de 1936.

Menos duradouro seria *O Caçador do Norte*, publicação mensal dirigida por Leonel de Freitas, lançada em 15 de Maio de 1930 no Porto. Apresentado como «órgão desportivo independente»¹⁸⁷, lembraria na capa do número inaugural, no artigo «Toque de reunir», de Leopoldo Carmona, que a sua vida enquanto «jornal cinegético» estava dependente de «dois factores capitais»: assinantes e colaboradores, os quais «raras vezes» se conjugavam. E caso não o fizessem, o jornal acabaria por «desaparecer», ficando mais uma vez o Norte sem «um único jornal de caçadores». Durante os meses seguintes, *O Caçador do Norte*, assente numa Redacção totalmente amadora (em termos remuneratórios), conquistaria alguns milhares de leitores e vários colaboradores na região Norte, mas os prejuízos foram-se acumulando, suspendendo a publicação no número 17, de 15 de Setembro de 1931

Além da caça, automobilismo e tauromaquia, somente o boxe teria um órgão especializado durante o final da década de 1920. *O Pugilista*, que se assumia no subtítulo como «Jornal Desportivo em Propaganda do Pugilismo em Portugal», saiu para as bancas em Janeiro de 1929¹⁸⁸, sob a direcção do antigo pugilista, agora professor de boxe no Boxing Club Lisbonense, Albano Martins¹⁸⁹. Sediado na Rua da Alegria, n.º 12, em Lisboa, o jornal era composto e impresso na Tipografia Vouga, em Albergaria-a-Velha, apresentando-se ao público com quatro páginas de boa qualidade gráfica e de papel (formato 43x27), dedicando a primeira página ao pugilista Silva Ruivo¹⁹⁰, considerado «o primeiro boxeur português»¹⁹¹. A Redacção era formada quase exclusivamente por pugilistas (no activo ou retirados), casos de Graça Júnior

187 A Redacção (1930, 15 de Maio). Saudando. *O Caçador do Norte*, p. 1.

188 Saiu um número especial em Dezembro de 1928, só com duas páginas, para promover o número um.

189 Iniciou a carreira no Sporting CP no atletismo, sendo várias vezes campeão de Portugal. Como pugilista amador, venceria os campeonatos regionais de Lisboa de 1922, aos 27 anos. Obteria então a licença de profissional do boxe, mas a idade avançada não lhe permitiu obter grandes sucessos, passando depois à condição de professor.

190 Nascido em 1893, era natural do Cadaval e começou a praticar boxe em 1906. Seria amador durante sete anos, estreando-se em 1913 como profissional, na categoria de «meios-leves», contra o americano Jack Hanlou. Até 1929 enfrentaria cerca de cem pugilistas estrangeiros, sagrando-se diversas vezes campeão de Portugal. A Silva Ruivo se deveu grande parte da popularidade do boxe em Portugal nos anos 1910 e 1920, a que se juntariam outros nomes: José Santa, Aníbal Fernandes, Albano Campos Júnior, Velez Carneiro, entre outros.

191 Júnior, G. (1929, Janeiro). Silva Ruivo. *O Pugilista*, p. 1.

(chefe de Redacção), Costa Nunes (redactor) e dos dois correspondentes no Norte: Fausto Oliveira Júnior e Aristides dos Santos. Apesar do entusiasmo do director Albano Martins, apostado em publicar quinzenalmente um jornal de boxe, *O Pugilista* faria somente três edições, a última em Maio de 1929.

A temática do pugilismo só voltaria a ter um jornal desportivo especializado a partir de 15 de Julho de 1935, através da revista quinzenal *Ring*, criada em Lisboa pela Empresa Ring e dirigida por João Madeira Mega. Contribuir para «o fomento do pugilismo nacional»¹⁹² era o objectivo desta publicação, que reconhecia estar o boxe a atravessar uma época «brilhante e agitada»¹⁹³, com a imprensa desportiva e generalista a publicar regularmente artigos sobre pugilismo, «evocando figuras marcantes e fazendo reportagens sobre sessões»¹⁹⁴. O *Ring* aliaria uma boa cobertura noticiosa do boxe nacional (resumido a Lisboa e Porto) e internacional (secção «Ring no estrangeiro»), socorrendo-se da imprensa estrangeira, em especial da revista francesa *Sporting*, do espanhol *El Mundo Deportivo* e do jornal norte-americano *Daily* (da Califórnia) – em voga estariam as vitórias do pugilista americano James Braddock. Embora tivesse feito algumas rectificações (mudaria de formato, passando do inicial 22x15 para 44x32, e de preço, baixando de um escudo para 50 centavos), de forma a cativar mais leitores, o *Ring* não passaria das seis edições, terminando em 3 de Outubro de 1935.

No início do mês seguinte, em Lisboa, Albano Martins, que estivera ligado a *O Pugilista* em 1929, abraçou um novo projecto jornalístico com o mesmo título. A primeira edição do novo *O Pugilista*, de quatro páginas (formato 44x22), apresentaria um noticiário desportivo alargado, quer ao nível do boxe (com secções locais, como «Movimento da Capital», e internacionais, como «O Pugilista no Estrangeiro»¹⁹⁵), quer de outras modalidades (existia uma secção de «Futebol»¹⁹⁶ e de «Espectáculos», sobre teatro e cinema), tendo esgotado a edição inaugural. Em 10 de Novembro saiu o segundo número, mostrando uma forte determinação em continuar, conseguindo-o fazer até ao número 13,

192 A Redacção (1935, 15 de Julho). Caminho a seguir. *Ring*, p. 3.

193 A Redacção (1935, 15 de Setembro). O que nos faz falta. *Ring*, p. 3.

194 Idem, *ibidem*.

195 Faria várias referências a jornais estrangeiros: *Campeón* (Espanha), *Les Sports* e *Sports Illustrés* (Bélgica).

196 A estratégia de vendas passou por se vender nas melhores tabacarias de Lisboa e nos campos de futebol, apresentando por isso uma secção sobre esta modalidade.

de Outubro de 1936. Mais efémero seria o jornal *K.O. <Knock-Out>*¹⁹⁷, semanário lisboeta que teria uma única edição, em 3 de Dezembro de 1935.

O boxe teria unicamente estes três órgãos especializados ao longo de toda a década de 1930, contando, no entanto, com secções em todos os jornais desportivos generalistas de referência em Portugal, fruto da sua popularidade, a qual se iria diluir ao longo das décadas seguintes.

Englobando o boxe, entre 1931 e 1936 apareceram em Portugal 19 novos periódicos desportivos especializados (ver Anexo 1), subordinados a dez áreas desportivas diferentes: automobilismo (4 periódicos), boxe (3), ciclismo (3), caça (3), biografias desportivas (2), hóquei, desportos motorizados, ténis e golfe (juntos no mesmo jornal) e tauromaquia. Lisboa continuou a ser o epicentro do jornalismo desportivo especializado, com onze periódicos, seguindo-se o Porto (3), Braga, Figueira da Foz, Ponta Delgada e Setúbal.

O tipo de periódicos especializados, criados em Lisboa, abrangia oito áreas desportivas diferentes, distribuídas entre o citado boxe (com três jornais), o automobilismo (com mais três: *O Auto*¹⁹⁸, 1931; *O Auto*¹⁹⁹, 1933; *Auto*²⁰⁰, 1934), a tauromaquia (*O Toureiro*²⁰¹, 1931), o ciclismo (*O Corredor*²⁰², 1932), o ténis e golfe (*Tennis & Golf*, 1932), a caça (com dois: *Caça e Tiro*, 1935 e *Portugal Cinegético*, 1935) e as biografias desportivas (*Figuras do Desporto*, 1935). Destes onze títulos, dois deixariam a sua marca no ramo do jornalismo desportivo especializado. Sucessora da revista generalista *Tennis*, criada em 1930, apareceu em Fevereiro²⁰³ de 1932 a revista especializada *Tennis & Golf*, dirigida pelo tenista Vasco Galvão. Ao preço de dois escudos e com uma periodicidade mensal, apresentava uma excelente qualidade gráfica, sendo impressa na Tipografia Silvas, na Rua Pedro V, n.º 120, em Lisboa. A revista,

197 Propriedade, direcção e edição de Alfredo Eugénio dos Santos, apresentou-se com oito páginas, a 50 centavos.

198 Publicou um só número, em 6 de Setembro de 1931, por 80 centavos, sob a direcção de Serra Ribeiro.

199 Inicialmente com pouco noticiário desportivo, mais dedicado ao comércio automóvel (como seria o jornal *Automóvel*, criado em 1935 pelo Grémio dos Industriais de Transportes de Automóveis), alargaria gradualmente o interesse pelas provas desportivas automobilísticas, publicando 15 números, entre 1 de Abril e 1 de Setembro de 1933.

200 Suplemento de *O Conductor de Automóveis*, publicou 16 números, entre Agosto de 1934 e Novembro de 1937.

201 Com o subtítulo de «Jornal Tauromáquico Português», saiu uma única vez, em 14 de Junho de 1931, sob a direcção e propriedade de F. José Barros Athayde (conhecido por Paquito Pepe).

202 Tratou-se de um anuário velocipédico lançado em 7 de Fevereiro de 1932.

203 No mês anterior surgiu a revista *Desportos Elegantes*, que no mês seguinte se transformaria na *Tennis & Golf*, mantendo o mesmo grafismo, estrutura redactorial e propriedade. Assumia claramente a opção por duas modalidades, embora publicasse noticiário referente a outros desportos.

sediada no número 34 da Rua do Loreto, apresentava uma excelente linha editorial (promotora do desporto, em especial entre as mulheres²⁰⁴), publicando artigos de grande interesse sobre ténis e golfe, assumindo-se em Fevereiro de 1933 como «Órgão Oficial da Federação Portuguesa de Lawn-Tennis» (assim passou a figurar no cabeçalho). Cimentada na figura entusiasta do director Vasco Galvão, a revista *Tennis e Golf* publicou-se até Maio de 1937, dedicando a capa da última edição à inauguração oficial do Campo de Golfe do Estoril.

Graficamente interessante, principalmente pelo desenho do cabeçalho (viam-se dois caçadores, numa cena de caça no campo), seria também o semanário *Caça e Tiro*, lançado em 11 de Abril de 1935, sob a responsabilidade de três nomes: Felisberto de Oliveira (director), José Rembado e Manuel Castelo Branco (redactores). A caça era o seu tema principal, sendo esta actividade apresentada como «o mais antigo de todos os desportos»²⁰⁵ e «o desporto completo por excelência»²⁰⁶. No entanto, ao longo da sua publicação, o *Caça e Tiro* dedicou diversas primeiras páginas a outras modalidades (obviamente o tiro era a segunda temática principal), como o ciclismo e o futebol, alterando mesmo o título para *Caça e Sport*, em 16 de Maio de 1935. Viria a terminar em 28 de Março de 1936, ao fim de 35 números.

Fora do círculo jornalístico lisboeta apareceram sete novos periódicos desportivos especializados entre 1931 e 1936, três deles com sede no Porto: um dedicado exclusivamente a biografias desportivas (*Azes*²⁰⁷, 1933), outro ao ciclismo (*Músculos e Rodas*²⁰⁸, 1933) e um dirigido aos desportos motorizados (*O Motor*²⁰⁹, 1936). Na região Norte apareceria unicamente mais um periódico destas características, em Braga, com o título de *Auto-Minho – Jornal de*

204 Publicou diversas capas dedicadas ao ténis (cf. edições de Dezembro de 1932 e Dezembro de 1934) e golfe feminino (cf. edição de Março de 1935).

205 A Redacção (1935, 18 de Abril). A caça. *Caça e Tiro*, p. 1.

206 Idem, ibidem.

207 Publicação quinzenal, propriedade do jornal *Sporting*, do Porto, o primeiro número de *Azes* (sem data) foi dedicado ao ciclista Alfredo Trindade, seguindo-se o ciclista José Maria Nicolau (n.º 2), os futebolistas Valdemar Mota (n.º 3), Carlos Alves (n.º 4), Álvaro Pereira (n.º 5), o pugilista Horácio Velha (n.º 6) e o futebolista Artur de Sousa («Pinga»), a quem seria dedicado o número (7) desta publicação biográfica.

208 Publicação de 50 centavos e oito páginas, dirigida por Gencsi Dezso e Eugénio Pires, foi lançada em 19 de Agosto de 1933 para promover a IV Volta a Portugal em Bicicleta, organizada pelo *Os Sports* e *Diário de Notícias*.

209 Dedicado ao automobilismo, motociclismo e aviação, entre outros desportos motorizados, publicou duas séries (a primeira entre 10 de Maio e 10 de Junho de 1936; e a segunda entre 14 de Fevereiro e 21 de Março de 1937), contando nessas duas fases com dois directores: José Barrote Júnior e Roberto Machado.

*Propaganda Automobilista*²¹⁰, que não passaria do número inaugural de 24 de Junho de 1933. Na região Centro seria publicada, em 13 de Setembro de 1936, a folha informativa *A Volta dos Campeões*, que tinha por único objectivo divulgar a VIII Volta dos Campeões – Grande Prova Internacional da Figueira da Foz, prova ciclista patrocinada pelos jornais desportivos *Os Sports*, *Stadium*, *Sporting* e *A Voz Desportiva*.

Mais a Sul, em Setúbal, seria a vez do hóquei, nas suas diferentes variantes (em campo, em patins e no gelo), passar a contar, a partir de 1 de Maio de 1932, com um órgão desportivo especializado, o periódico *O Stick*, propriedade da Secção de Propaganda da Associação de Hockey e Patinagem de Setúbal. Com uma linha editorial centrada nesta modalidade, mas sem se remeter unicamente a Setúbal, *O Stick* publicaria sete números, o último dos quais em 1 de Agosto de 1932. Menos inovador, e mais numa linha tradicionalista, seria o mensário *Caça*, publicado em 1 de Junho de 1936, em Ponta Delgada (Açores), com distribuição gratuita entre os caçadores açorianos. Responsabilidade de Eduino Botelho, que acumulava a propriedade, redacção e edição, este jornal açoriano, dedicado a «despertar o interesse dos caçadores pela caça»²¹¹, faria onze edições, terminando em 1 de Abril de 1937.

Finalmente, convém salientar que uma parte dos periódicos desportivos especializados apresentava ainda secções ligadas ao mundo artístico, em especial ao teatro e ao popular cinema (a literatura deixou de aparecer). O mesmo sucedia com a maioria dos periódicos desportivos generalistas. Mas, ao contrário do que se passara na primeira metade da década de 1920, foram raros os periódicos artístico-desportivos criados entre 1927 e 1936. As excepções foram os semanários *Arte e Sport Ilustrado*²¹² (Lisboa, 1928), *Cine e Desportos*²¹³ (Lisboa, 1935) e o quinzenário *Sport-Cine*²¹⁴ (Figueira da Foz,

210 Distribuído gratuitamente aos automobilistas minhotos, publicou um único número de seis páginas sob a orientação de João Lopes Bastos, tentando assim abrir a possibilidade de sair regularmente, o que não sucederia.

211 A Redacção (1936, 1 de Junho). O que vai ser este pequeno jornal. *Caça*, p. 1.

212 Criado por Júlio S. Moniz, publicou 13 números, entre 24 de Fevereiro e 17 de Junho de 1928, dando destaque na primeira página tanto ao desporto (especialmente o futebol) como ao mundo artístico (sobretudo ao cinema).

213 Com o subtítulo de «Revista Semanal de Cinema e Sport», dirigida por José Pinto da Costa, publicou nove edições, entre 27 de Outubro e 22 de Dezembro de 1935, dando destaque ao desporto, em especial ao futebol.

214 M. da Costa Luz, director e proprietário, criou-o em 6 de Janeiro de 1935, dedicado ao desporto (sobretudo futebol) e ao cinema. A primeira série terminou no número 96, de 20 de Dezembro de 1938. Regressaria em 5 de Janeiro de

1935-1940). Esta linha editorial artístico-desportiva iria inclusivamente ter o seu epílogo no início da década de 1940, tendo no mensário *Arte e Sport*²¹⁵, publicado em Lisboa, em finais de 1942, o seu último representante.

11. A chegada da rádio desportiva

Em meados da década de 1920 assistiu-se em Portugal ao advento da rádio, que provocaria naturalmente reajustamentos ao nível dos jornais desportivos e da forma como se encarava a informação desportiva. Contudo, o desporto, enquanto género radiofónico, só começaria a dar os primeiros passos, no caso português, em inícios dos anos 1930, registando algum atrasado em relação ao resto da Europa. Não podemos esquecer que em França o jornalismo desportivo teve um papel basilar na «invenção da reportagem em rádio» (Marchand, 1989: 13), graças fundamentalmente ao sucesso popular dos relatos de boxe, em 1923. Nesse ano, em 6 de Maio, os estúdios radiofónicos da Radiola, em Paris, decidiram fazer o relato do combate entre os famosos pugilistas Carpentier e Nils. Como a tecnologia não permitia fazer o relato em directo desde o Estádio Buffalo, que acolhia o evento, decidiu-se que um jornalista faria o relato por telefone para o estúdio e desde aí o prestigiado jornalista Marcel Laporte daria um resumo aos ouvintes ao fim de cada *round*. O sucesso dessa experiência foi tanto que em Outubro apostou-se em fazer o primeiro relato em directo de um combate de boxe, cabendo a honra à celebridade da rádio francesa, Edmond Dehorter, que desde a Sala Wagram, em Paris, relatou o duelo entre o francês Criqui e o belga Hebrans. O êxito obtido faria com que, nos anos seguintes, se alargasse a reportagem radiofónica (em directo) a outros desportos e eventos desportivos, em especial ao futebol, ciclismo e rãguebi.

No entanto, a presença da rádio nem sempre era acolhida com agrado, principalmente pela tradicional imprensa periódica desportiva, receosa de perder leitores. Em 1924, durante a realização dos Jogos Olímpicos de Paris, sucederia um dos episódios mais marcantes da história da rádio desportiva em

1939, com Luís Lopes de Oliveira como proprietário, durando até ao número 17, de 5 de Setembro de 1939 (saiu mais um número, em Setembro de 1940).

215 Dirigido por J. Gonçalves de Lima, daria ao desporto três das oito páginas do número espécimen de 25 de Outubro de 1942, publicando só mais uma edição, em 20 de Dezembro de 1942.

França. Os organizadores da Olimpíada, pressionados pelos jornalistas da imprensa periódica, impediram a entrada, no Estádio Colombes, em Paris, do jornalista radiofónico Edmond Dehorter, que pretendia fazer o relato da final do torneio de futebol, entre o Uruguai e a Suíça. Dehorter, na época uma celebridade radiofónica, convenceu a marca Peugeot a ceder-lhe um balão de ar quente, que o alçou algumas dezenas de metros, junto ao estádio, podendo assim visualizar o jogo e fazer o relato radiofónico, consolidando a reportagem desportiva em rádio entre os ouvintes franceses.

Porém, nem todos os jornais desportivos franceses encararam negativamente a chegada da rádio. Em 1929, os periódicos *L'Intransigeant* e *Match* financiariam a Rádio-Cité para fazer as primeiras reportagens em directo do Tour de France. A dupla de jornalistas Jean Antoine e Alex Viot, encarregue das reportagens, fazia um extraordinário e inovador trabalho jornalístico em rádio, abrindo uma nova página na forma como se acompanhava a mais popular prova ciclista francesa.

No final dos anos 1920, um pouco por toda a Europa, começou a assistir-se às primeiras retransmissões radiofónicas em directo de eventos desportivos, dependendo sempre dos interesses desportivos dos diferentes públicos e países. Enquanto, por exemplo, em Espanha se fizeram, em 1927, as primeiras transmissões em directo de jogos de futebol²¹⁶, mais a Norte, na Finlândia, o primeiro programa desportivo seria dedicado ao encontro anual de atletismo²¹⁷ de 1927 entre os finlandeses e os suecos²¹⁸.

Em Portugal, a imprensa periódica, a partir de 1926 e 1927, começou a estar atenta a este novo meio de comunicação electrónica (Santos, 2005: 94), estabelecendo uma série de parcerias. Uma das primeiras aconteceria em Junho de 1930, com a secção desportiva do *Diário de Notícias* a utilizar a emissora lisboeta CT1DE para a realização de um serviço de reportagem radiofónica, transmitindo um jogo de futebol (Santos, 2005: 255). E no final do

216 Em Maio de 1927, a Rádio Madrid, através de uma equipa móvel em Saragoça, retransmitiu em directo o jogo de futebol entre o Saragoça e o Real Madrid; e em Novembro, a Rádio Barcelona retransmitiu desde Barcelona o seu primeiro jogo de futebol, o derby catalão entre FC Barcelona e o Espanhol.

217 Este encontro anual de atletismo entre finlandeses e suecos seria acompanhado em directo, pela rádio, em 1929, constituindo o primeiro directo radiofónico de um evento desportivo na Finlândia, feito pelo jornalista Sulo Kolkka.

218 A rádio sueca Radiotjänst, de Estocolmo, fazia no final dos anos 1950 emissões em onda curta, em seis idiomas, um deles o português (para Portugal e Brasil), contando com três locutores (dois portugueses e um brasileiro). Era emitido um programa diário de 45 minutos, em que o desporto sueco era um dos temas principais.

ano seguinte, em Dezembro de 1931, seria a vez da emissora CT1BO e o jornal desportivo *O Volante* entrarem em acordo para o periódico passar a fazer, todos os domingos, um programa radiofónico dedicado à actualidade automobilística, o qual despertaria grande interesse entre os ouvintes.

Nos anos seguintes, paulatinamente, o desporto, em especial o futebol, começou a ganhar mais espaço noticioso e atenção por parte das múltiplas estações de rádio amadoras que existiam, principalmente em Lisboa e no Porto. Convém salientar que os aparelhos de rádio, nesta altura, eram volumosos, feitos para se terem em casa, longe ainda da função portátil que viriam a ter décadas depois. Além disso, nos anos 1930, «o ouvinte (ou, pelo menos, o proprietário do receptor) era fundamentalmente do sexo masculino, entre os 30 e 50 anos, residindo em Lisboa e com uma profissão ligada aos serviços» (Santos, 2005: 324), apresentando, por isso, o perfil habitual do leitor de jornais desportivos e do adepto de futebol. Assim, a crescente presença do desporto nas estações de rádio aconteceria, em grande medida, devido ao aumento de ouvintes que nutriam interesse pelo desporto (sobretudo pelo futebol) – o número de receptores em Portugal passou de 16 mil em 1933 para 98 mil em 1940, estimando-se que atingisse um total superior a 400 mil ouvintes em 1940 (Santos, 2005: 13). Face a este cenário, começaram a ser regulares as emissões radiofónicas dedicadas ao desporto, reforçando-se as parcerias entre os jornais desportivos e as rádios. Uma das parcerias de sucesso estabeleceu-se entre o jornal *Os Sports* e a estação de rádio CT1DH, fundada em Lisboa por Raul Sales, sendo considerada «a primeira estação portuguesa a transmitir desafios de futebol» (Santos, 2005: 112). Em 18 de Março de 1934, *Os Sports* e a CT1DH uniram esforços para tornarem possível a retransmissão do jogo de futebol entre Portugal e Espanha, realizado em Lisboa, a contar para o Campeonato do Mundo de Futebol de 1934. Em finais de Setembro de 1934, em Lisboa, foi a vez da Rádio Graça fazer uma alargada cobertura radiofónica, com uma extensa entrevista e reportagem, à festa de despedida do jogador de futebol Augusto Silva, uma das grandes figuras do CF Belenenses e da Selecção Nacional. O jornal *Sprint*, de 6 de Outubro de 1934, fazia eco do trabalho da Rádio Graça, destacando o seu inovador trabalho radiofónico.

O ano seguinte seria de consolidação na relação entre desporto (futebol) e rádio. Em Janeiro de 1935, a estação de rádio CT1HZ de Coimbra faria um dos primeiros relatos de futebol fora do círculo lisboeta, acompanhando em directo o jogo entre a Associação Académica de Coimbra e o União Coimbra, desde o campo de Santa Cruz. Nesse mesmo mês, a popular emissora lisboeta Rádio Luso e a delegação em Lisboa do jornal desportivo português *Sporting* estabeleceriam uma nova parceria, com os jornalistas do periódico a ficarem responsáveis por fazerem, duas vezes por semana, um programa radiofónico²¹⁹ sobre o movimento desportivo do País. Alguns desses programas seriam dedicados a palestras sobre desporto, que mais não eram do que a leitura de um texto, pela rádio, em que o convidado explicava as suas ideias sobre um determinado tema, neste caso desportivo. Em Janeiro e Fevereiro de 1935, o *Sporting* promoveu uma série de palestras desportivas na Rádio Luso, em que participaram figuras como Manuel de Oliveira (presidente da Associação de Futebol de Lisboa), José Pimenta (aviador) ou Cândido de Oliveira (jornalista desportivo e seleccionador nacional de futebol), publicando depois, na edição normal do jornal, essas mesmas palestras. No Porto, a principal parceria estabelecida em 1935 seria entre a delegação do diário *O Século* e a emissora Invicta Rádio, resultando dessa colaboração diversos relatos de futebol dos desafios internacionais da Selecção Nacional.

Em 1936, o cenário manteve-se. Logo em Janeiro, o director do jornal lisboeta *O Az*, Moreira Rato, passaria a colaborar regularmente com a Rádio Sonora, encarregando-se de fazer diversos programas desportivos, principalmente ao domingo, dia de futebol. Mas o grande contributo chegaria pela voz do prestigiado jornalista José de Ayala Botto²²⁰, que iniciou em 23 de Setembro de 1936 as suas famosas palestras²²¹ desportivas, com o título de

219 O convite e aceitação seriam tema da primeira página do *Sporting* de 10 de Janeiro de 1935.

220 Enquanto praticante de futebol e de rãguebi, jogou no Sporting CP e no Clube Internacional de Futebol, onde se destacaria também em atletismo. Seria depois professor de Educação Física no Liceu Pedro Nunes, passando a colaborar com várias publicações desportivas (*Os Sports*, *Record*, *Os Sports Ilustrados*, *Boletim do Sporting CP*, *Stadium*, entre outros), assumindo o cargo de redactor desportivo do *Diário da Manhã* desde a sua fundação em 1930. Em 1943 ingressou na Direcção-Geral dos Desportos, desempenhando as funções de Inspector dos Desportos. Faleceu, em Lisboa, em 15 de Junho de 1964, recebendo postumamente a Medalha de Mérito Desportivo. O jornal *A Bola* fez-lhe uma merecida homenagem na edição de 18 de Junho de 1964.

221 A compilação dessas palestras resultaria na obra *Ecoss Desportivos*, publicada pelo autor em 1955.

«Ecos Desportivos», na Emissora Nacional²²² (estação de rádio criada pelo Estado em Agosto de 1935), as quais se prolongariam até 14 de Março de 1955, fazendo de Ayala Botto uma das principais vozes desportivas da rádio portuguesa (os seus relatos de futebol na Emissora Nacional teriam muito êxito entre 1937 e 1955).

222 A Emissora Nacional de Radiodifusão interessou-se pelo desporto desde a fundação, em Agosto de 1935, criando uma secção desportiva da responsabilidade de Fernando Amado, sucedendo-lhe depois o tenente Rafael Barradas. Mas só em 1936, com a chegada de Ayala Botto à direcção desportiva da Emissora Nacional, é que o desporto granjearia prestígio entre os ouvintes e na própria estação, mantendo-se Botto no cargo até 1955, altura em que saiu para dar lugar a Alfredo Quádrios Raposo.

CAPÍTULO 11

1937-1953: Fase de estabilização e mudança

1. O panorama internacional

Ao longo dos anos 1930, a imprensa desportiva reforçou-se a vários níveis um pouco por toda a Europa e no continente americano, principalmente em determinadas áreas de especialização do jornalismo desportivo. O mundo dos desportos motorizados, sobretudo o automobilismo, cresceu transversalmente a nível jornalístico e em termos de popularidade, surgindo uma série de novos periódicos neste campo de especialização. Por exemplo, logo no início da década, em 1931, apareceram em Espanha os jornais *Sevilla Automobilista* (órgão do Real Automóvel Clube da Andaluzia) e *Auto*, seguindo-se, mais tarde, em 1936, o *Madrid Automovil* e o *Automovil Comercio* (periódico de Barcelona que conjugava o noticiário desportivo e o comércio de automóveis). Em França, seria lançado, em 1931, o semanário automobilista *L'Argus* (publicado até aos anos 1950), e em 1933 o *L'Action Automobile et Touristique*¹ (órgão do Automóvel Clube de França). A Bélgica e a Itália seguiram o exemplo, publicando respectivamente o *Automobile Belge* e o *R.A.C.I.* (órgão do Automóvel Clube de Itália), ambos em Julho de 1936. E nem o continente americano ficou imune a esta vaga de jornais ligados ao automobilismo, aparecendo em 1931, em Nova Iorque, a revista *The American Automobile*, que teria uma versão em espanhol (*El Automovil Americano*) com imenso sucesso na América Latina e em Espanha. Outra publicação de êxito seria a revista mensal *Velocidade*, criada em 1939 em S. Paulo, no Brasil.

No campo da imprensa desportiva generalista, o cenário da vizinha Espanha, e dos países mais próximos da Península Ibérica, seria muito semelhante ao português. Paralelamente ao caminho de sucesso e consolidação de alguns periódicos de referência, não pararam de surgir novos jornais desportivos generalistas, condenados, a sua maioria, ao fracasso. Em Espanha, um dos periódicos que não sucumbiu foi o jornal *Marca*, lançado em San Sebastian, em 21 de Dezembro de 1938, mudando-se pouco depois, em 1940, para Madrid, onde se tornaria um dos periódicos desportivos de

¹ Para que se perceba o alcance desta publicação, em 1953 tinha uma tiragem média de 400 mil exemplares.

referência ao longo do resto do século XX – a influência social e popularidade de *Marca* cresceria de tal forma que em 1942, por ordem directa do ditador espanhol Franco, passou a diário, fazendo assim concorrência a outro diário popular na época, o catalão *El Mundo Deportivo*. Igualmente ligada ao seu líder político estaria a italiana *La Gazzetta dello Sport*, um dos principais jornais desportivos italianos na década de 1930, mas cuja forte ligação ao regime de Mussolini iria custar-lhe, na pós-guerra, alguns problemas graves de impopularidade. Em França, o jornal dominador do panorama desportivo dos anos 1930 continuaria a ser o *L'Auto*, com as tiragens, durante o Tour de France de 1934, a atingirem os 800 mil exemplares, valores nunca alcançados e que não viriam a ser igualados nos anos seguintes, fruto da forte concorrência das secções desportivas dos principais jornais franceses de informação generalista.

A consolidação destes títulos desportivos generalistas, nos seus respectivos países, passou a dificultar o surgimento de novos projectos jornalísticos nesta área, ditando fracassos sucessivos, como aconteceu em Espanha com o *Sport* (Madrid, 1932), *El Campeón* (Madrid, 1932), *Gol* (Madrid, 1940), *As* (Madrid, 1932-1936), *Diário de Madrid* (Madrid, 1935) e em França com o *Sports D'Hiver* (1936-1937) ou *L'Écho des Sports* (1940-1944) – convém sublinhar que em finais de 1939, com o início da Segunda Guerra Mundial, a maioria dos jornais desportivos franceses encerraram (com algumas excepções, como o *L'Auto*, que continuaria a publicar-se). Só nos países onde ainda não existiam jornais desportivos de referência é que se tornou mais simples criar projectos jornalísticos de sucesso, como sucedeu na Finlândia, em que o periódico *Suomen Urheilulehti*, criado em 1931, se tornou a grande referência do jornalismo desportivo finlandês, graças sobretudo ao prestígio do editor Martti Jukola².

Porém, a existência de uma imprensa desportiva generalista de referência, definitivamente consolidada, teria efeitos positivos. Um deles seria a maior preocupação que as agências noticiosas passaram a ter com o desporto, criando e reforçando, algumas delas, as suas secções desportivas, como

² Doutorado em desporto, escreveria ao longo da sua vida (1900-1952) 19 livros nessa área, sendo uma das mais importantes figuras do jornalismo desportivo nórdico nas décadas de 1930 e 1940 (granjearam fama os seus relatos dos Jogos Olímpicos de Berlim-1936).

aconteceu em Espanha, em que a Agência EFE criou em 1938 a Agência ALFIL, dedicada à informação desportiva – nas décadas seguintes, esta prática continuaria, surgindo em 1978 a Agência Mencheta, especializada em desporto, e em 1985 a Agência OTR, com serviços desportivos de qualidade.

2. Reajustes no prólogo da guerra

No caso português, assistiu-se em 1937 a uma ruptura em relação à linha evolutiva que a imprensa desportiva vinha fazendo desde 1921. Recordemos que desde 1920, ano em que surgiram unicamente quatro novos periódicos desportivos, o número anual de novas publicações desportivas não descia das 11 (em 1921 e 1929), tendo mesmo atingido os impressionantes valores de 25 novos jornais em 1924 e 27 em 1926. Em 1937 foram lançados somente seis novos periódicos desportivos, o valor mais baixo de toda a década (ver Anexo 1): publicaram-se 18 em 1931, 15 em 1932, 18 em 1933, 12 em 1934, 14 em 1935 e 14 em 1936. E, para se ficar com uma ideia da mudança operada em 1937, os anos seguintes mantiveram um número baixo de novas publicações, com 10 em 1938, 9 em 1939 e 7 em 1940. Deste modo, convém analisar o que sucedeu à imprensa periódica desportiva em 1937 e 1938, fazendo depois uma análise ao conturbado período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Assim, no biénio 1937-1938 iniciou-se o que podemos considerar uma mudança de paradigma na evolução da imprensa desportiva portuguesa. Como já referimos, além do decréscimo acentuado do número de novas publicações, as que surgiram (16 no total, 6 em 1937 e 10 em 1938) tiveram origem, fundamentalmente, nos clubes e instituições desportivas (doze publicações), seguindo-se os periódicos especializados (três) e, por último, os generalistas (estranhamente só com um periódico). E se tivermos em conta que este único título generalista surgiu em Lourenço Marques (Moçambique), ainda mais surpreendente se torna esta ausência, em Portugal continental e ilhas, de novos periódicos desportivos generalistas – para encontrar dois anos seguidos, sem novos jornais desportivos generalistas, temos que recuar até ao biénio 1895-1896, em que se publicaram unicamente periódicos desportivos especializados (cinco no total).

Esta mudança de paradigma era consequência de um conjunto de circunstâncias, que de certa forma explicariam esta estranha ausência de novos jornais desportivos generalistas em Portugal (Continente e Ilhas) nesses dois anos. O primeiro factor prendeu-se com a consolidação definitiva de alguns periódicos desportivos generalistas nos principais centros urbanos. Os *Sports* (saía à segunda e sexta-feira³) e a revista *Stadium* (quarta-feira) dominavam claramente o espaço noticioso desportivo em Lisboa, enquanto que no Porto essa posição era ocupada pela revista *Sporting* (segunda e sexta-feira) e *O Norte Desportivo* (domingo e quinta-feira). A estes quatro colossos da informação desportiva havia que acrescentar *A Voz Desportiva* (segunda-feira) de Coimbra e o *Correio Desportivo* (domingo) do Funchal. E a este cenário tinha-se ainda que adicionar as poderosas secções desportivas dos diários lisboetas *O Século*, *Diário de Notícias* e *Diário de Lisboa*, e dos portuenses *O Primeiro de Janeiro*, *O Comércio do Porto* e *Jornal de Notícias*, entre outros.

A formação e consolidação deste bloco informativo à volta do desporto durante os anos 1930 acarretou necessariamente reajustes no meio jornalístico. Para começar, os principais jornalistas desportivos passaram a ter uma situação profissional mais estável, assumindo cargos permanentes nos periódicos, muitas das vezes em regime de exclusividade, deixando de flutuar com tanta regularidade de publicação em publicação, reduzindo assim o aparecimento de novos projectos jornalísticos – a estabilidade profissional e editorial das publicações existentes deu pouco espaço à criação de novos projectos jornalísticos desportivos, que estavam sempre muito dependentes da junção de vontades de vários jornalistas de renome no meio desportivo. A consistência editorial e económica, adquirida por esse grupo consolidado de publicações desportivas generalistas de referência, permitiu que estas passassem a pagar melhor aos jornalistas desportivos e colaboradores, o que teve dois efeitos: conferiu credibilidade à profissão de jornalista desportivo (que começava a transitar de uma actividade totalmente amadora (não remunerada) para um semi-profissionalismo) e permitiu consolidar as Redacções, evitando as constantes flutuações e cisões entre jornalistas, muitas das vezes causadas por desconfianças sobre as finanças dos jornais (normalmente de uma cisão

³ Passou a trissemanal em Abril de 1938, saindo às segundas, quartas e sextas-feiras.

surgia um novo jornal desportivo, para concorrer com aquele donde o jornalista saíra incompatibilizado – foi assim que nasceu, por exemplo, *O Norte Desportivo*). Esta reorganização da classe dos jornalistas desportivos fez com que diminuísse a conflitualidade no seu próprio seio, assistindo-se inclusive a um apaziguar da guerra Norte-Sul entre a imprensa lisboeta e portuense, e ao ressurgimento de velhas ambições de criar estruturas sindicais⁴ para os jornalistas desportivos.

Outro reajuste importante relacionou-se com a origem dos jornalistas desportivos, assistindo-se à redução do filão de jornalistas que procedia directamente da actividade desportiva, em especial do futebol, como fora o caso da geração dos anos 1920, que teve em Cândido de Oliveira e Ribeiro dos Reis os principais exemplos, tendo sido ambos futebolistas importantes na década de 1910 e jornalistas desportivos de prestígio nas décadas anteriores – a sua experiência desportiva fazia com que transpusessem para o jornalismo desportivo uma série de mais-valias e conhecimentos profundos do desporto que praticaram. O fim desta linha de recrutamento coincidiu com um período em que não abundavam aspirantes a jornalistas desportivos, núcleo do qual tinham arrancado novos projectos jornalísticos nas décadas anteriores (como fora o caso de Cândido de Oliveira, que iniciou a carreira com o lançamento da revista *Football*, em 1920), o que, de certa forma, contribuiu para que o meio jornalístico desportivo estabilizasse a nível profissional e editorial. A falta de uma nova geração de jornalistas desportivos com capacidade de iniciativa (os aspirantes a jornalistas desportivos preferiam integrar-se em redacções já estruturadas em vez de avançar com novos projectos) teria também efeitos no âmbito doutrinal, perdendo-se nesta altura a ambição de criar novas publicações com o único fim de contribuir para a popularização da ideia de desporto em Portugal, desfazendo-se assim a mais importante linha doutrinal subjacente à criação da maioria dos periódicos desportivos até então.

⁴ Na revista *Stadium* de 2 de Fevereiro de 1938, na secção «Ecos Nortenhos» (p. 2), o jornalista portuense Silva Petiz contou a breve história do Sindicato dos Jornalistas Desportivos do Porto, criado em 1922-1923, o qual contou com 34 associados, entre eles o próprio Silva Petiz (no cargo de director-tesoureiro), Armando Gonçalves, Luis Martins, Alberto Leite, Carlos Pillão, Oliveira Júnior, Décio Nunes, Cruz Caldas, Sousa Martins, entre outros. Extinto em pouco mais de meio ano, a ideia desse sindicato seria recuperada em 1938, não recebendo apoio por parte de Silva Petiz, que preferia ver criada uma secção dos jornalistas desportivos no seio da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, onde estavam representados grande parte dos jornalistas desportivos portuenses.

Obviamente que os elevados custos com o papel, composição e impressão de um jornal tiveram também o seu efeito dissuasor entre quem ambicionava criar um periódico desportivo. Além de que os jornais desportivos de referência, devido aos vários anos de actividade, tinham conseguido reorganizar-se internamente, afinando as estruturas redactoriais, directivas e publicitárias, conseguindo grande prestígio junto dos leitores, anunciantes e arduas (que eram ainda a principal forma de vender jornais nas ruas das maiores cidades portuguesas). Os jornais desportivos de referência contavam igualmente com uma alargada rede de correspondentes e assinantes, difícil de superar por qualquer nova publicação.

A tudo isto havia que acrescentar o novo papel informativo desempenhado pela rádio, com os jornais desportivos de referência a utilizarem este meio para reforçar a sua presença entre os leitores e ouvintes, como fez *O Norte Desportivo*, em Janeiro de 1938, em que passou a emitir na Emissora ORSEC, propriedade dos irmãos Oliveira, o programa «O Norte Desportivo Radiofónico» (mais tarde passaria a designar-se «10 Minutos de Propaganda Radiofónica dos Desportos e Educação Física»). No entanto, a grande mudança operou-se ao nível dos relatos dos jogos de futebol, uma vez que a partir de Janeiro de 1938 a Emissora Nacional passou a relatar, todos os domingos, encontros do Campeonato da I Liga através do locutor desportivo Ayala Botto – alguns clubes, ouvintes e jornais desportivos queixaram-se da fraca qualidade dos relatos, acusando o locutor de «não estar familiarizado com o jogo e com os nomes dos jogadores»⁵. Mas a principal queixa viria dos clubes pequenos, que em Março e Abril de 1938 levaram a cabo um movimento com vista a restringir os relatos, uma vez que as assistências de público nos seus campos estavam a diminuir. Um dos episódios ilustrativos da situação passou-se no Porto, num domingo em que o Académico do Porto recebeu em casa o Carcavelinhos, sofrendo a concorrência feita na Avenida dos Aliados pela transmissão radiofónica (através de grandes colunas) do SL Benfica-FC Porto, que à mesma hora se realizava nas Amoreiras, em Lisboa – muito público preferiu ficar nos Aliados a ouvir o relato (nesta altura os aparelhos de rádio eram ainda caros e pesados) do que ir até ao Campo do

⁵ Reis, R. (1938, 14 de Março). A emissora Nacional e o relato dos jogos da Liga. *Stadium*, p. 3.

Lima ver o jogo do Académico. Em consequência disso, em Abril seria realizada uma reunião dos delegados dos clubes da I Liga com vista a restringir os relatos dos jogos, com alguns clubes a decidirem-se pela proibição da entrada dos locutores da Emissora Nacional, que nesta altura tinham o exclusivo⁶ da transmissão radiofónica dos jogos. Apesar disso, havia também quem entendesse não existirem inconvenientes nas transmissões, considerando-as inclusive «um magnífico instrumento de propaganda»⁷ para o futebol e para os clubes mais populares. Os únicos relatos a merecem consenso geral eram os da Selecção Nacional de Futebol, que conseguiam reunir à volta dos aparelhos de rádio largos milhares de ouvintes por todo o País (com algumas transmissões a serem ouvidas ao ar livre, reunindo muito público), como sucedeu em várias cidades portuguesas em 24 de Abril de 1938, com a transmissão completa do jogo particular entre a Alemanha e Portugal, desde Frankfurt, relatado por Ayala Botto.

Todos estes factores explicariam, em grande parte, o facto de não ter aparecido em Portugal (Continente e Ilhas) nenhum jornal desportivo⁸ generalista entre 1937 e 1938. A única publicação deste género que surgiu foi o *Eco dos Sports*, lançado no Ultramar (em Lourenço Marques, Moçambique) em 10 de Maio de 1938, tendo-se publicado até ao número 218 de 4 de Agosto de 1958. Além deste periódico desportivo generalista, o jornalismo desportivo nas Províncias Ultramarinas portuguesas em África contou ainda com o aparecimento de mais cinco publicações desportivas, quatro delas na condição de órgãos de informação dos clubes e uma de informação especializada (o mensário *Asas*, dedicado à aviação desportiva, publicado em Luanda (Angola) entre Setembro e Dezembro de 1938). A maioria dos órgãos informativos dos clubes não passou de meros números comemorativos, como foram o *Sport Lisboa e Luanda*⁹ (Angola, 1937), o *Boletim do Sporting Club Quelimane*

6 Apesar desta exclusividade, outras estações de rádio teriam uma forte vertente desportiva no final dos anos 1930, com locutores desportivos de grande qualidade, como Mário Matos Cordeiro (das emissoras CS1AA e Rádio Hertz) ou António Guimarães (Rádio Condes), entre outros.

7 Idem, ibidem.

8 Encontrámos a indicação de duas publicações desportivas (*Setas Desportivas* e *Jornada Desportiva*) na obra *Melo Século de Futebol* (Araújo, 1938: 22), mas sem qualquer indicação do ano, não existindo qualquer registo delas nos arquivos consultados, nem em nenhuma outra fonte, tendo ficado excluídas desta análise.

9 Número comemorativo do 25.º aniversário, lançado em Outubro de 1937.

(Moçambique, 1938) e o *Sport Lisboa e Bolama*¹⁰ (Guiné, 1938). O único boletim de clube a ter alguma longevidade foi *O Desportivo*, lançado inicialmente, em 3 de Setembro de 1938, como número comemorativo da inauguração da sede do Grupo Desportivo de Lourenço Marques, em Moçambique, sendo dirigido e editado pelo médico Abel de Carvalho. Voltaria a aparecer noutras datas comemorativas do clube¹¹, ganhando regularidade no final da década de 1950, em que passou a publicar-se mensalmente até Dezembro de 1961 (publicando 36 números).

A necessidade de deixar para a posteridade uma publicação que assinalasse uma determinada data ou evento estaria igualmente na origem dos cinco órgãos de clubes publicados em Portugal continental e ilhas, entre 1937 e 1938: *Belenense*¹² (Lisboa, 1937), *Os Leões*¹³ (Fundão, 1937), *Alleo*¹⁴ (Vila Real, 1937), *Sporting Club Ribeirense*¹⁵ (Santarém, 1938) e *Estrela F.C.*¹⁶ (Ovar, 1938). Menos efémeros seriam os três órgãos informativos institucionais que apareceram entre 1937 e 1938: a *Revista Portuguesa de Xadrez*, lançada pela Federação Portuguesa de Xadrez, conseguiria publicar-se entre Janeiro de 1937 e Julho-Outubro de 1945, num total de 83 edições dedicadas ao mundo do xadrez¹⁷; no final de 1937, em Outubro, aparecia a *Revista do Ar*, lançada pelo Aero Club de Portugal, tendo como objectivo «a propaganda e divulgação da aeronáutica»¹⁸, propósito mantido ao longo das seguintes décadas, publicando-se regularmente até ao fim do século XX¹⁹; menos tempo em actividade, mas dotada de uma grande qualidade gráfica, estaria a revista *Tennis*, órgão mensal da Federação Portuguesa de Lawn-Tennis, publicada entre Fevereiro e Março de 1938, sob a direcção de Joaquim Serra e Moura.

10 Número único, lançado em Novembro de 1938.

11 E.g. em Agosto de 1945, na comemoração do 24.º aniversário.

12 Lançado em 6 de Maio de 1937, este número fazia a história do CF Os Belenenses, sendo dirigido por Joaquim Esteves e contando com a colaboração de vários sócios, como João de Deus Fontes, antigo redactor desportivo de *A Capital* – após a suspensão do jornal, o único clube que lhe continuou a enviar os «cartões de livre trânsito», que permitiam a entrada nos campos de futebol, foi o CF Os Belenenses, daí ter-se feito sócio pouco depois.

13 Órgão do Sporting Club do Fundão, com uma única edição, em 19 de Junho de 1937.

14 Número único de 21 de Março de 1937 sobre o jogo de futebol entre o Sport Club Vila Real e o Boavista FC.

15 Edição comemorativa, de 23 de Maio de 1938, do primeiro aniversário do Sporting Club Ribeirense, de Santarém.

16 Número comemorativo do 11.º aniversário do Estrela Futebol Club, de Ovar.

17 Foi também dedicada ao xadrez a revista *Estratégia*, lançada no Porto por Júlio Vasques (filho).

18 Cunha, F.B. (1937, Outubro). Palavras de abertura. *Revista do Ar*, p. 3.

19 Última edição consultada: ano 68, número 615, Outubro-Novembro-Dezembro de 2004.

Mas se o futebol, xadrez, aeronáutica e ténis estiveram na origem da totalidade dos órgãos informativos de clubes e instituições desportivas, o mundo dos desportos motorizados dominaria a pouca imprensa desportiva especializada que surgiu no biénio 1937-38. Os únicos dois periódicos do género que apareceram em Portugal continental foram as revistas mensais *Auto-Motor* e *HP Agápê*, ambas lançadas em Fevereiro de 1938, a primeira em Lisboa e a segunda no Porto. A revista *Auto-Motor*²⁰ era dirigida por Luís Mendonça, apresentando uma elevada qualidade gráfica e de papel (couché, formato 25x18), e um extenso noticiário, tendo como subtítulo: «Automobilismo, Motociclismo, Aviação». Embora fosse uma revista atraente e de fácil consulta, publicaria somente mais um número, em Março de 1938. Curta seria também a duração da revista *HP Agápê – Automobilismo, Aviação, Turismo*, dirigida por Vasco Rodrigues, que no editorial «HP», do número inaugural de Fevereiro de 1938, explicou aos leitores a finalidade da revista: «Dotar o Norte com uma revista de automobilismo e aviação, cuja falta se faz de há muito sentir». Contudo, apesar da qualidade e entusiasmo directivo, a revista portuense não passaria de três números, o último em Maio de 1938. Recordemos que nesta altura, o campo do jornalismo especializado, em desportos com motor, era dominado pela revista trimensal *O Volante* que em Abril de 1938 se juntou a *Os Sports*²¹ e *Diário de Notícias* para organizar várias provas de automobilismo e motociclismo entre Maio e Setembro de 1938.

Porém, o ano de 1938 ficaria marcado por um outro evento desportivo, cuja organização pertenceu, quase por inteiro, à secção desportiva de um dos principais diários portugueses. Em 5 de Julho de 1938, *O Século*²² anunciou a intenção de comemorar festivamente as Bodas de Ouro do Futebol Português, ideia que partira do redactor desportivo Cândido de Oliveira. Após várias reuniões com a Federação Portuguesa de Futebol e com diversas associações distritais e clubes da modalidade, *O Século* definiu um extenso programa, a realizar entre os dias 23 e 30 de Outubro de 1938, em Lisboa. A primeira iniciativa consistiu na organização do I Congresso Nacional de Futebol,

20 Tinha saído uma primeira série, com apenas três números, também da responsabilidade de Luís Mendonça.

21 Entre 8 de Junho de 1938 e 28 de Junho de 1939, *Os Sports* dedicaria às quartas-feiras uma página ao automobilismo, com o título «Auto-Sports».

22 Este diário lisboeta organizara em Março de 1934 a I Exposição Triunfal dos Desportos.

inaugurado no dia 23 de Outubro, no salão nobre da Associação Comercial de Lisboa, contando com a presença do ministro da Educação, Carneiro Pacheco, e do embaixador de Inglaterra. Seguiu-se a abertura, numa das salas do edifício da Associação Comercial de Lisboa, da I Exposição Histórica do Futebol – o espólio exposto baseou-se num alargado leque de fotografias históricas (de Arnaldo Garcez e Senna Cardoso) e numa caracterização da evolução do jogo e do equipamento dos jogadores e árbitros, não esquecendo a devida homenagem aos introdutores e pioneiros da modalidade em Portugal, bem como à imprensa desportiva. No dia 30 de Outubro, o programa de comemorações²³ seria encerrado com um festival desportivo, no antigo estádio das Salésias (Estádio José Manuel Soares «Pepe»), do CF Belenenses, em Belém, contando com a presença de seis jogadores (Augusto Moller, Manuel Salema, Jorge Figueira e os três irmãos Pinto Basto – Guilherme, Eduardo e Frederico) que participaram na primeira exibição de futebol realizada em Portugal, no campo da Parada, em Cascais, em Outubro de 1888. Os seis antigos jogadores entraram de forma apoteótica (num automóvel descapotável) no estádio, perante o entusiasmo da imensa multidão presente nas Salésias e o olhar atento do chefe de Estado, Óscar Carmona, assistindo-se depois a uma parada desportiva com mais de 400 atletas e a um jogo de futebol entre as selecções da I e II Divisão.

As comemorações das Bodas de Ouro do Futebol Português tiveram relato regular na primeira página e na secção «Desportos e Educação Física» do diário *O Século*, entre os dias 20 e 31 de Outubro de 1938. Precisamente nessa altura, além do futebol, um dos temas dominantes em *O Século*, e na restante imprensa generalista, era a Guerra Civil de Espanha (1936-1939), cujo desenrolar teve também efeitos na imprensa desportiva portuguesa, não só a nível físico (como referimos anteriormente, impediu a passagem dos jornalistas portugueses rumo aos Jogos Olímpicos de Berlim-1936, dificultando igualmente as viagens ao estrangeiro, ou a vinda a Portugal de equipas desportivas por via terrestre) como linguístico (a imprensa desportiva viu-se obrigada a mudar o termo «vermelhos», habitualmente utilizado para referir os jogadores e adeptos do SL Benfica, para «encarnados», termo sem conotações

23 A revista *Stadium* de 2 de Novembro de 1938 dedicaria uma brilhante reportagem a este acontecimento.

políticas, uma vez que «vermelhos» era usado na imprensa política para caracterizar os comunistas espanhóis, facção que não recebia qualquer simpatia do Estado Novo) e ideológico (a «barreira dos Pirinéus»²⁴ tornou-se num obstáculo imaginário ainda mais difícil de transpor, afastando os portugueses da Europa, ao mesmo tempo que os aproximava de Espanha e do melancólico mar – a amizade Salazar-Franco permitiu recuperar a velha ideia de iberismo e consolidar o sentimento anticomunista²⁵).

O desenrolar da Guerra Civil Espanhola, embora tivesse criado dificuldades ao desporto português, não impediu totalmente os contactos desportivos com o estrangeiro. O principal símbolo do desporto luso, a Selecção Nacional de Futebol, realizou em 1938 cinco jogos internacionais (fez somente quatro no conjunto de 1936, 1937 e 1939), um deles de especial relevo para a história do cinema e do desporto em Portugal. No dia 6 de Novembro de 1938, o diário *O Século* contratara o operador cinematográfico Leandri – que acompanhara a selecção brasileira durante o Mundial de França-1938 – para filmar o jogo Suíça-Portugal, realizado nesse dia na cidade suíça de Lausanne. Dessa filmagem saiu um documentário sonoro, com comentários do seleccionador nacional, e redactor desportivo de *O Século*, Cândido de Oliveira, sendo exibido em meados de Novembro de 1938 nos cinemas S. Luís e Central, em Lisboa, e no S. João-Cine, no Porto. E posteriormente estava prevista uma digressão pelas salas de cinema do interior do País e das Províncias Ultramarinas em África. Este género de reportagem desportiva cinematográfica não era novidade em Portugal. Seis anos antes, em 17 de Julho de 1932, a final do Campeonato de Portugal, disputada em Coimbra entre as equipas de futebol do CF Belenenses e FC Porto, foi gravada em película cinematográfica e exibida dois dias depois, com grande êxito de público, no Cinema Águia d'Ouro, no Porto.

24 Reis, R. (1937, 9 de Novembro). Relações internacionais. *Sporting*, p. 3

25 Em inícios de Abril de 1939, a imprensa desportiva portuguesa rejubilou com a vitória dos nacionalistas, liderados pelo General Francisco Franco, sobre os republicanos (maioritariamente comunistas), chegando ao fim a sangrenta Guerra Civil de Espanha. A revista *Sport-Cine* publicaria, em 5 de Abril de 1939, o artigo «Arriba Espanha» (p. 2), em que mostrou o contentamento com a vitória de Franco: «Venceu, finalmente, a ordem e a Civilização». E com esse triunfo «foi-se o perigo da infiltração bolchevista» e «a nossa Pátria pode mais sossegadamente descansar porque a vizinha guerra findou e suceda o que suceder não nos bate ao lado o inimigo n.º 1» (os comunistas).

Em finais de 1938, os principais cinemas portugueses e europeus viram chegar às suas salas aquele que era, até então, o mais importante e simbólico documentário desportivo alguma vez realizado na Europa. Cinema e desporto estavam em total simbiose no filme *Olimpíada*, realizado pela alemã Leni Riefenstahl para imortalizar os Jogos Olímpicos de Berlim de 1936, sendo recebido com agrado e admiração pela imprensa desportiva portuguesa, que chegou a apresentá-lo como uma «lição imorredoura de paz...»²⁶. Os principais jornais desportivos portugueses (*Os Sports* e *Stadium*, em Lisboa; *O Norte Desportivo*²⁷ e *Sporting*, no Porto) foram unânimes em elogiar o documentário nas edições de Dezembro de 1938 e Janeiro de 1939, traçando uma visão positiva sobre a Alemanha hitleriana. Contudo, rapidamente essas imagens positivas passaram a negativas com o início da Segunda Guerra Mundial, em 1 de Setembro de 1939, acontecimento que teria efeitos incontornáveis na sociedade portuguesa e obviamente na imprensa desportiva portuguesa.

3. Linhas editoriais no início da Segunda Guerra Mundial

A imprensa periódica desportiva portuguesa assistiu ao início da Segunda Guerra Mundial com apreensão, colocando-se do lado dos países invadidos, desde logo solidarizando-se com a Polónia, primeira vítima da estratégia de guerra-relâmpago empreendida pelas tropas alemãs, sendo os polacos apresentados, nas páginas de *O Norte Desportivo* de 3 de Setembro de 1939, como «um exemplo de sacrifício nobre»²⁸. E o papel de carrasco cabia aos alemães, com a posição de defesa dos pequenos países, em relação à ameaça das grandes potências militares, a ser uma característica de toda a imprensa desportiva portuguesa neste período conturbado. Foi patente, nos artigos publicados à volta da guerra – caracterizada habitualmente como «a loucura do predomínio»²⁹ –, uma clara desilusão para com determinados países e líderes políticos, em especial com os regimes alemão e italiano, que afinal se tinham servido do desporto para preparar fisicamente os jovens para a guerra. Outra

26 Teixeira, J.A. (1939, 26 de Janeiro). Fonte inesgotável de maravilhas... *O Norte Desportivo*, p. 3.

27 Levou a cabo uma iniciativa de promoção do filme: quem fosse sócio de uma colectividade tinha desconto (25 por cento) no preço do bilhete na sala do S. João-Cine, no Porto. Cf. edição de 22 Dezembro de 1938.

28 Teixeira, J.A. (1939, 3 de Setembro). A Guerra. *O Norte Desportivo*, p. 1.

29 Idem, *ibidem*.

ilação a retirar das páginas dos principais jornais desportivos portugueses foi a de que a guerra não pareceu surpreender ninguém, surgindo como uma inevitabilidade dos acontecimentos que durante as décadas de 1920 e 1930 afectaram a Europa, os quais se tornaram «indícios da impossibilidade de evitar o incêndio do rastilho»³⁰ de um novo conflito bélico à escala mundial.

A imprensa periódica desportiva portuguesa dedicaria igualmente especial atenção à invasão da Finlândia por parte da União Soviética, em inícios de Dezembro de 1939, no âmbito da estratégia de expansionismo defensivo adoptada pelos soviéticos desde meados da década de 1920. O conflito mereceu a atenção dos jornais desportivos lusos, uma vez que exemplificava a eterna luta entre David e Golias, neste caso entre um país pequeno e democrata (Finlândia) e um poderoso e comunista (União Soviética), levando inclusivamente vários periódicos desportivos, em especial a revista *Sporting*, a encetar campanhas³¹ de apoio à Finlândia. Esta posição de solidariedade relacionava-se com o facto dos finlandeses representarem um modelo de sucesso desportivo para todas as nações pequenas da Europa, em que Portugal se incluía – a imprensa desportiva chegou mesmo a referir que «a Finlândia, para nós (portugueses), era a nossa nacionalidade olímpica»³², e por isso mesmo as vitórias desportivas dos finlandeses, em especial nos Jogos Olímpicos, eram também «um pouco nossas, de todos os pequenos países que como Portugal nunca tiveram possibilidades de triunfar.»³³

Porém, se a invasão da Finlândia despertava enorme consternação entre a imprensa desportiva portuguesa, maior preocupação gerava a «nossa segunda pátria»³⁴, como chamou à França, em 29 de Janeiro de 1940, o director da revista *Sporting*, Oliveira Valença, que na Primeira Guerra Mundial lutara ao lado dos franceses: «Um dia alguém escreveu: 'Um homem tem duas pátrias – a sua e a França.' Achamos que ela é justa para os que tiveram um dia a felicidade de lá viver.»³⁵ A França contava com vários factores a seu favor no seio informativo português: existia, entre os jornalistas desportivos,

30 Vasconcelos, J. (1943, 5 de Maio). O sonho e a realidade. *Os Sports*, p. 1.

31 Cf. edições de 4 e 11 de Dezembro de 1939.

32 A Redacção (1939, 11 de Dezembro). Nós, os que veneramos a Finlândia. *Sporting*, p. 3.

33 Idem, *ibidem*.

34 Valença, O. (1940, 29 de Janeiro). A nossa segunda Pátria. *Sporting*, p. 1.

35 Idem, *ibidem*.

uma nítida revolta para com os alemães e italianos, resultante do facto de se sentirem enganados e utilizados pelos dois regimes autoritários (durante os anos 1930, a Itália de Mussolini e a Alemanha de Hitler foram apresentadas, pela generalidade dos redactores desportivos, como exemplos de progresso e símbolos para o mundo ocidental e, devido a isso, o *mea culpa* dos jornalistas em 1939 redundou numa reaproximação à França); e determinadas figuras históricas do jornalismo desportivo português estavam indelevelmente ligadas à França, como sucedia com Oliveira Valença, director do *Sporting* (combateu na Primeira Guerra Mundial integrado nas tropas francesas) e Raul de Oliveira, director de *Os Sports* (em 1917, aos 20 anos, integrou o Corpo Expedicionário Português que combateu os alemães em França, na Primeira Guerra Mundial).

Estas ligações sentimentais a França traduziram-se em artigos regulares de apoio e elogio ao espírito³⁶ dos gauleses, como sucedeu em Janeiro de 1940, durante uma visita da Selecção Nacional de Futebol Portuguesa a Paris, para um jogo particular com a Selecção Francesa. Para essa partida, recheada de simbolismo, já que a França se encontrava em guerra, a imprensa desportiva portuguesa fez-se representar por alguns dos seus mais importantes jornalistas desportivos, como Rebelo da Silva (*Diário de Notícias*), Carlos da Silveira (director da *Stadium*), Raul de Oliveira (director de *Os Sports*), Ayala Botto (redactor do *Diário da Manhã* e locutor da Emissora Nacional), Alves dos Santos³⁷ (*O Comércio do Porto*) ou Ricardo Ornellas³⁸ (*Diário de Lisboa*), entre outros. Todos eles acompanharam a Selecção Nacional durante os três dias que durou a viagem de comboio entre Lisboa e Paris, denotando os seus artigos uma forte preocupação, não só com o jogo em si, mas também na

36 E.g. Freitas, A. (1942, 6 de Novembro). A França. *Os Sports*, p. 1.

37 José Alves dos Santos foi um dos primeiros jornalistas polivalentes, destacando-se na imprensa, rádio e televisão. Funcionário da Companhia dos Tabacos, foi correspondente em Lisboa de *O Comércio do Porto*, tomando-se populares as suas crónicas desportivas de segunda-feira e as análises de quinta-feira. Colaboraria com *A Bola* e *Diário Popular*, onde iniciou a carreira. Sportinguista assumido, Alves dos Santos caracterizou-se sempre pela imparcialidade absoluta, como destacaria o jornalista Aurélio Márcio, no jornal *Record* de 27 de Abril de 1997, no artigo «Um jornalista» (p. 6), dedicado a homenagear Alves dos Santos, falecido alguns meses antes.

38 Aluno da Casa Pia de Lisboa, ficaria conhecido no mundo jornalístico como «Tio Ricardo» ou «Mestre Ricardo», dado o seu prestígio entre a classe dos jornalistas desportivos. Iniciou a carreira na redacção de *A Pátria* em 1920, colaborando também em *A Tarde*. Em 1927 passou para a secção desportiva do *Diário de Notícias*, donde se mudaria em 1941 para o *Diário Popular*, onde chefiou a secção desportiva. Colaborou com *O Sport de Lisboa*, *Mundo Desportivo*, *Os Sports*, *Gazeta Desportiva*, *Football*, *O Áz*, *Eco dos Sports*, *Stadium*, *A Bola* e *Record*. Acompanharia a Selecção Nacional de Futebol em 107 encontros, deixando para a posteridade a famosa expressão «A Equipa de Todos Nós» para designar a Selecção. Faleceu em Lisboa, em 4 de Setembro de 1967.

forma como a guerra estava a afectar a vida francesa. A própria equipa nacional lusa não ficou alheia ao momento que se vivia, fazendo uma visita ao túmulo do Soldado Desconhecido em Paris, onde depositou vários ramos de flores, com a imprensa a fazer grande eco disso. O encontro de futebol em si, realizado em 28 de Janeiro de 1940, reuniu mais de 25 mil pessoas no Parque dos Príncipes, que assistiram a um bom jogo entre França e Portugal, ganho pelos franceses por 3-2. Contudo, mais importante que o resultado foi o simbolismo do encontro, visto unanimemente pela imprensa desportiva portuguesa como um exemplo das boas relações entre os dois países. A imprensa francesa destacou igualmente o jogo e o seu valor simbólico, sobressaindo as reportagens do semanário desportivo parisiense *Football* e das secções desportivas dos jornais *Paris-Soir*, *La Croix* e *Petit-Parisien*.

O periódico francês *Football* (Paris, 1929-1944) estaria também em destaque nesta altura por encabeçar, juntamente com o diário parisiense *L'Auto*, uma iniciativa de recolha de material desportivo (bolas de futebol, de rãguebi, de basquetebol, luvas de boxe, entre outros) para enviar às tropas gaulesas na frente de batalha. Esta campanha seria secundada em Portugal pela revista portuense *Sporting*, que em Dezembro de 1939 lançou a iniciativa «A Bola do Combatente»³⁹, cujo objectivo era recolher artigos desportivos (ou apoio financeiro para a sua compra) para os enviar às tropas francesas. A campanha alastrou-se pelos meses seguintes, resultando na angariação⁴⁰ de 300 escudos que permitiram comprar cinco bolas de futebol, a que se juntaram mais 15 bolas oferecidas, sendo o total das 20 bolas remetido à Embaixada Francesa em Lisboa, que as encaminhou para a sede francesa da Cruz Vermelha, donde seriam enviadas para as tropas na frente de combate, com o intuito de ajudar a distrair os soldados nos poucos tempos livres que tinham.

4. A imprensa desportiva generalista durante a guerra

Entre 1939 e o início de 1945, o jornalismo desportivo generalista português continuou a ser dominado por quatro publicações: duas com sede em Lisboa (*Os Sports* e *Stadium*) e duas no Porto (*Sporting* e *O Norte*

39 Cf. edições de 4 e 11 de Dezembro de 1939.

40 Cf. edição do *Sporting* de 26 de Fevereiro de 1940, p. 4.

Desportivo). E a nível regional destacavam-se três títulos: *A Voz Desportiva* em Coimbra, o *Correio Desportivo* no Funchal e o *Angola Desportiva*, em Luanda. A guerra, naturalmente, afectou todos estes periódicos, quer em termos de linha editorial, como já referimos, como a outros níveis.

Um dos títulos mais afectados pela carestia imposta pela guerra foi a revista *Stadium*, que se viu forçada a alterações gráficas devido a ter de utilizar produtos mais baratos ao nível do papel e da impressão. A falta de papel para imprimir a revista levaria inclusivamente à sua suspensão entre 5 de Março e 28 de Maio de 1941, encontrando-se nessa altura na direcção o jornalista Domingos Lança Moreira, que substituiu no cargo, em Outubro de 1940, o até então director, o médico Carlos da Silveira. Mas a passagem de Lança Moreira pela direcção da *Stadium* foi curta, demitindo-se por alegada falta de tempo e de meios, em finais de Agosto de 1941, substituído por Raul Vieira, que se manteve no cargo até à grave crise de Julho de 1942, a qual determinou o fim da I série da revista (a última edição seria em 1 de Julho, número 531). A *Stadium*, apesar das dificuldades económicas provocadas em parte pela guerra, retomaria a publicação em 9 de Dezembro de 1942, apresentando um novo aspecto gráfico (o tamanho da revista diminuiu) e um novo director, Guilhermino de Matos, mantendo como proprietário a Sociedade Revistas Gráficas, Lda. Nos anos seguintes, encetaria diversos melhoramentos gráficos, numa clara aposta na inovação, continuando a assumir-se como símbolo máximo de um jornalismo em que primava o grafismo e a qualidade das fotografias e da impressão.

Durante a guerra, *O Norte Desportivo* passaria também por momentos de crise, como o que sucedeu entre 3 de Julho de 1941 e 25 de Janeiro de 1942, período em que esteve suspenso devido à falta de condições económicas, vendo-se mesmo forçado, quando retomou a publicação, a deixar de sair às quintas-feiras, fazendo-o unicamente aos domingos. Em Setembro de 1942, o jornal sofreu uma mudança de formato, adoptando temporariamente o modelo de revista (com oito páginas) em vez do seu tradicional formato grande (poupando assim no papel). O aumento do preço de capa foi outra medida inevitável para fazer face ao agravamento do preço do papel, passando dos habituais 50 centavos para 80. No entanto, apesar das dificuldades, o jornal introduziria algumas novidades gráficas de forma a cativar mais leitores,

como sucedeu em Fevereiro de 1943 com a utilização da cor vermelha no cabeçalho e nos títulos. A mudança directiva operada em Setembro de 1938, em que um talentoso jovem jornalista, Joaquim Alves Teixeira, substituiu na direcção do jornal um cansado e doente Rodrigues Teles, também contribuiu decisivamente para a manutenção de *O Norte Desportivo* durante a guerra.

A outra publicação desportiva portuense, a revista *Sporting*, seria igualmente afectada pelo conflito, sofrendo em 1940 com a subida dos custos dos materiais de impressão e do papel, vendo-se forçada a mudar do seu tradicional papel cor-de-rosa para o branco, mais barato. Em termos editoriais beneficiou da colaboração de um dos nomes de maior prestígio do jornalismo desportivo português, Ribeiro dos Reis⁴¹, que passou a assinar a página de opinião «Verdades da Semana». Mas o principal factor de estabilidade do *Sporting* seria o seu histórico director, editor e proprietário, Oliveira Valença, figura magnânime de uma revista que comemoraria em 25 de Março de 1946 (no número 1.778) o seu 25.º aniversário.

O jornal desportivo generalista mais antigo em actividade em Portugal era *Os Sports*, publicado regularmente desde Abril de 1919. No entanto, entre 1939 e 1945 iria assistir-se ao seu declínio, fruto de uma série de fracassos e à forte concorrência. Em Março de 1939, *Os Sports* sofreu um tremendo revés com o acidente grave de automóvel do director Raul de Oliveira, ocorrido na estrada Porto-Braga, durante o reconhecimento de um trajecto para a organização de uma prova automobilística. Na origem do despiste esteve a areia habitualmente colocada nas curvas pelos responsáveis das estradas portuguesas, prática condenada por *Os Sports*, que após o acidente do seu director, que lhe custou a amputação de um braço, encetaria uma forte campanha⁴² contra esse inexplicável costume. A ausência temporária do director, alma do jornal desde 1929, faria com que *Os Sports* tivesse passado por um período difícil. E nem o seu regresso conseguiu inverter a tendência negativa do jornal, cujas iniciativas não tiveram grande impacto nos leitores, como sucedeu com a coluna semanal assinada pelo poeta António Botto, em 1941.

41 Educado na Casa Pia de Lisboa, faria carreira no exército, onde chegou ao posto de tenente-coronel. Foi jogador de futebol do SL Benfica e seleccionador nacional, tendo-se estreado no jornalismo em 10 de Janeiro de 1914 com um artigo sobre a morte na guerra do atleta francês Jean Bouin, nas páginas de *O Sport de Lisboa*. Colaboraria em vários jornais, tendo em 1945 fundado *A Bola*, onde foi director entre 1951 e 1961, ano em que faleceu.

42 Cf. edição de 27 de Março de 1939.

Apesar disso, *Os Sports* encetou um vasto conjunto de mudanças em Abril de 1943, por ocasião do 25.º aniversário. Na edição comemorativa dessa data, no dia 19 de Abril, mudou de formato, passando do habitual tamanho grande para tablóide, e aumentou a periodicidade para mais um dia, o domingo, passando a quadrissemanário (domingo, segunda, quarta e sexta-feira). E efectuou mudanças gráficas interessantes, introduzindo a cor no cabeçalho e nos títulos de primeira página. Este conjunto de mudanças visava claramente consolidar *Os Sports* como o mais importante periódico desportivo generalista publicado em Portugal, posição que conseguiria manter até inícios de 1945, altura em que apareceu o jornal *A Bola*, que obrigaria *Os Sports* à suspensão, dando lugar a um novo projecto jornalístico, o *Mundo Desportivo*.

Estes dois periódicos, *A Bola* (Lisboa, 1945-2009) e o *Mundo Desportivo* (Lisboa, 1945-1980), foram os únicos dos nove jornais desportivos generalistas, criados em Portugal (Continente e Ilhas) entre 1939 e 1945, a conseguirem consolidar-se no meio desportivo português. Os outros sete periódicos tiveram uma existência relativamente efémera: em 1939, os jornais lisboetas *Atleta*⁴³ e *Alcântara*⁴⁴ duraram unicamente alguns meses, o mesmo sucedendo ao conimbricense *Notícias-Sports*⁴⁵; em 1940 não apareceu nenhum jornal desportivo generalista em Portugal (Continente e Ilhas), o mesmo sucedendo em 1944; em 1941 seria lançada, em Sintra, a *Gazeta Desportiva*⁴⁶, durando pouco mais de um ano; em 1942 apareceria *O Peão*⁴⁷, que apesar de se publicar em Lisboa até 1946, não teria muitas edições devido à sua irregularidade; em 1943 foi a vez do cineasta, escritor e jornalista António

43 Publicado às terças-feiras, saiu unicamente por oito vezes, entre 7 de Março e 26 de Abril de 1939, sob a direcção do professor de educação física, José Crisóstomo Teixeira. Destacou-se pelo noticiário eclético, pela excelente qualidade fotográfica (as imagens eram tratadas na empresa Armeis & Moreno, Lda.) e dos colaboradores, entre os quais a nadadora Maria Gourinho. Seria uma das poucas publicações desportivas a dar realce à vitória de Alfredo Ferraz no Campeonato do Mundo de Bilhar, na edição de 18 de Abril de 1939.

44 Este quinzenário desportivo publicou seis números, entre 15 de Abril e 1 de Agosto de 1939, dedicando-se sobretudo à actividade desportiva do bairro de Alcântara, em Lisboa.

45 Sobressaiu unicamente em Maio de 1939, com a organização da Prova Ciclista de Coimbra.

46 Publicação quinzenal dedicada ao desporto sintrense, publicou-se entre 6 de Fevereiro de 1941 e o número 38 de 23 de Setembro de 1942, sob a direcção de Rui Cunha e propriedade de Vitorino Loureiro. Alargou, em Maio de 1941, os conteúdos noticiosos à actividade desportiva da Costa do Sol, tendo também organizado diversas provas desportivas de sucesso, como o Torneio de Atletismo, em 10 de Agosto de 1941.

47 Publicou-se regularmente aos domingos entre 8 de Novembro de 1942 e o número 14 de 7 de Maio de 1943, sofrendo depois várias interrupções, até que se extinguiu em 20 de Setembro de 1946 (n.º 19). Foi dirigido por José Fragoso de Vasconcelos, apresentando artigos pequenos e secções variadas, de fácil leitura e muito ilustradas.

Lopes Ribeiro lançar em Lisboa um jornal desportivo com o título de *A Bola*, organizando uma «gigantesca campanha de publicidade, à americana» (Simões et al., 1994: 4), para o promover, com uma bola gigante, de dois metros de diâmetro, a ser empurrada pela baixa lisboeta por um grupo de rapazes equipados com as camisolas dos melhores clubes portugueses – embora a campanha tivesse sido um êxito, o jornal durou pouco tempo; e em 1945, além de *A Bola* e o *Mundo Desportivo*, apareceu só mais um jornal desportivo generalista, o *Sul Desportivo*⁴⁸, sediado em Beja, que teria 39 edições, entre 14 de Novembro de 1945 e 8 de Agosto de 1946.

5. Tempos dominados pela informação dos clubes

Entre 1939 e 1945 manteve-se a tendência de mudança na imprensa desportiva portuguesa, iniciada em 1937. Como acabámos de ver, o volume de novos jornais desportivos generalistas continuou relativamente baixo, aparecendo nove títulos em Portugal (Continente e Ilhas), aos quais se devem acrescentar mais dois periódicos (ambos suplementos desportivos semanais) nas Províncias Ultramarinas: *O Desporto*⁴⁹, lançado em Macau, pelo jornal *A Voz de Macau*, com 57 edições, entre 13 de Novembro de 1940 e 13 de Dezembro de 1941; e o *Goal*⁵⁰, propriedade do *Notícias de Cabo Verde*, publicado na Ilha de S. Vicente (Cabo Verde) entre 2 de Dezembro de 1944 e 3 de Fevereiro de 1945 (n.º 10).

Deste modo, surgiram em Portugal (Continente, Ilhas e Ultramar) onze novas publicações periódicas desportivas generalistas entre 1939 e 1945, um

48 Com um noticiário regional (dedicado a Beja, Évora, Portalegre, Faro Setúbal e Castelo Branco, com correspondentes nestas regiões), este semanário foi dirigido por Melo Garrido, apresentando um alargado conteúdo noticioso, embora pertencesse ao União SC de Beja. Em Julho de 1946, face à crise que atravessava o desporto em Beja, lançaria a ideia de fusão dos três principais clubes da cidade, a qual seria recusada em Agosto de 1946, altura em que o jornal terminou (a Redacção era formada por um director, um editor e cinco redactores).

49 Ao preço de 0\$15 patacas, este semanário, dirigido por António Maria da Conceição, deu destaque ao futebol e ténis locais, alargando o noticiário ao desporto de Portugal continental. Em 11 de Dezembro de 1940, contava com 160 assinaturas, que equivallam a uma receita de 50 patacas, escassa face às despesas. A falta de assinantes e o «desinteresse da grande maioria da população por tudo quanto diga respeito ao desporto», como afirmou no editorial «Um Ano de existência», no primeiro aniversário de 13 de Novembro de 1941, contribuiriam para o fim de *O Desporto*.

50 Dirigido por Joaquim Ribeiro, tinha sede na Ilha de S. Vicente (no Largo Vasco da Gama, n.º 20), apostando inicialmente num noticiário desportivo local, alargando depois à Metrópole (publica informações de *Os Sports*). Os clubes e associações locais persistiram em não enviar informações para o jornal, enveredando também pelas habituais tentativas de manipulação informativa, o que levou ao desânimo dos responsáveis do jornal.

valor reduzido em relação ao que se tinha passado até 1936 (ver Anexo 1). E pior cenário apresentaria o jornalismo desportivo especializado, com o aparecimento de apenas duas novas publicações, ambas de curta duração: *Automobilismo*⁵¹ (Lisboa, 1940) e *A Piscina*⁵² (Coimbra, 1942). No entanto, seguindo a tendência de 1937 e 1938, o número de novos órgãos informativos de clubes e instituições desportivas manteve-se elevado entre 1939 e 1945, publicando-se 31 periódicos. Este número torna-se realmente elucidativo quando comparado com o total de publicações desportivas criadas ao longo desses seis anos: 45, divididas por 31 órgãos de clubes e instituições, 11 periódicos generalistas, 2 especializados e 1 artístico-desportivo (o mensário *Arte e Sport*, Lisboa, 1942). Os anos de 1941, unicamente com um periódico, e 1943, com dois, foram os piores no surgimento de novos títulos da imprensa desportiva portuguesa, seguindo-se 1942 com seis, 1940 com sete, 1939 com nove, e 1944 e 1945 com dez cada.

Relativamente aos 31 órgãos de clubes e instituições, 24 deles caracterizaram-se pelo seu cariz comemorativo, publicando-se simplesmente para assinalar um aniversário ou uma data importante: *Benfica*⁵³ (Lisboa, 1939), *A Bola*⁵⁴ (Coimbra, 1939), *A Final*⁵⁵ (Coimbra, 1939), *A Vitória*⁵⁶ (Coimbra, 1939), *A Desforra*⁵⁷ (Coimbra, 1939), *O Leão*⁵⁸ (Lisboa, 1940), *Os Águias*⁵⁹ (Lisboa, 1940), *Sporting Clube de Espinho*⁶⁰ (Espinho, 1940), *A Bola*⁶¹ (Coimbra, 1942), *O Caixeiro Desportivo*⁶² (Santarém, 1942), *Gimnásio*

51 Anuário de automobilismo, teve uma única edição, em Outubro de 1940.

52 Saiu uma vez, em 30 de Agosto de 1942, dedicado à natação e ao negócio das piscinas.

53 Armando Castro lançou este número único, em 2 de Abril de 1939, pelo 35.º aniversário do SL Benfica.

54 Número único, lançado em 18 de Junho de 1939 por Manuel Bartolomeu, para apoiar a equipa de futebol da Associação Académica Coimbra, num jogo da Taça de Portugal contra o Sporting CP.

55 Número único de apoio à equipa de futebol da Associação Académica de Coimbra, publicado em 24 de Junho de 1939, um dia antes da disputa da final da Taça de Portugal. Foi dirigido e editado pelo proprietário Manuel Bartolomeu.

56 Número único, de 8 de Julho de 1939, dedicado à vitória futebolística da Associação Académica de Coimbra na final da Taça de Portugal de 1939, sendo dirigido por Cândido Frazão e propriedade de Manuel Bartolomeu.

57 Propriedade, edição e direcção de Joaquim Pais da Silva, este número único de 3 de Dezembro de 1939 foi dedicado ao jogo de futebol entre a Associação Académica de Coimbra e a União de Coimbra.

58 Número único de 2 de Junho de 1940 dedicado ao 34.º aniversário do Sporting CP.

59 Número único de 14 de Abril de 1940 dedicado ao 36.º aniversário do SL Benfica.

60 Número único de 6 de Janeiro de 1940 dedicado ao 25.º aniversário do SC Espinho.

61 Número único de 25 de Outubro de 1942 dedicado ao 20.º aniversário da Associação Académica de Coimbra.

62 Número único de 5 de Junho de 1942 dedicado ao 25.º aniversário do Grupo Futebol Empregados no Comércio.

*Club Português*⁶³ (Lisboa, 1943), *Hockey Club de Sintra*⁶⁴ (Sintra, 1944), *Boletim da Secção de Remo da Associação Naval de Lisboa*⁶⁵ (Lisboa, 1944), *Lusitano Sport Clube*⁶⁶ (Angola, 1944), *Clube de Belém*⁶⁷ (Lisboa, 1944), *Futebol Clube do Porto*⁶⁸ (Porto, 1944), *Vitória FC*⁶⁹ (Setúbal, 1944), *O Desportivo*⁷⁰ (Lourenço Marques, 1944), *Sport Club do Porto*⁷¹ (Porto, 1944), *Boletim da Associação Naval de Lisboa*⁷² (Lisboa, 1945), *Os Fósforos*⁷³ (Lisboa, 1945), *Clube Futebol Santa Cruz*⁷⁴ (Lisboa, 1945), *Boletim do Desportivo*⁷⁵ (Portalegre, 1945) e *Vida Desportiva do Sport Lisboa e Elvas*⁷⁶ (Elvas, 1946).

Unicamente sete órgãos de clubes e instituições teriam uma periodicidade mais regular, conseguindo mesmo, alguns deles, publicar-se durante o resto do século XX. Na origem de quatro desses órgãos estariam quatro dos principais clubes de futebol portugueses, que nesta altura decidiram seguir o exemplo do *Boletim do Sporting Clube de Portugal*, em publicação desde 1922. O primeiro desses órgãos a sair foi *Os Belenenses*, mensário lançado em Janeiro de 1940 pelo clube de Belém que lhe dava título. O boletim inaugural, de 12 páginas, teve uma tiragem de quatro mil exemplares, com distribuição gratuita pelos sócios, ocupando a direcção Francisco Mega. Com um noticiário exclusivamente dedicado ao clube, o boletim publicou-se regularmente nos anos seguintes, tendo o momento de glória no número 39, de Maio de 1946, dedicado à conquista do primeiro Campeonato Nacional da I Divisão pela equipa de futebol do CF Os Belenenses. Apesar de algumas

63 Publicou dois números anuais, em Junho de 1943 e 1944, dedicados ao Sarau do Ginásio Club Português.

64 Publicou dois números de aniversário, em 10 de Setembro de 1944 e 30 de Agosto de 1946.

65 Inicialmente mensário, publicou diversos números entre Agosto de 1944 e Dezembro de 1945, apresentando um noticiário alargado, nacional e internacional, sobre remo.

66 Número único de Outubro de 1944 dedicado ao 21.º aniversário do Lusitano Sport Clube de Lobito.

67 Número único de 1 de Outubro de 1944 dedicado ao 25.º aniversário do CF Os Belenenses.

68 Número único de 10 de Agosto de 1944 dedicado ao aniversário do FC Porto.

69 Dedicado a homenagear o Vitória FC, de Setúbal, campeão distrital de futebol em 1944.

70 Boletim do Grupo Desportivo Lourenço Marques, saiu pela primeira vez em 24 de Junho de 1944, para comemorar o 23.º aniversário do clube, publicando mais dois números em 1945.

71 Publicou oito números anuais entre Março de 1944 e Abril de 1957.

72 Número único de Abril de 1945, do aniversário da associação, apresentando um pendor desportivo.

73 Número único de Setembro de 1945, comemorativo do 25.º aniversário do Grupo Desportivo Os Fósforos.

74 Número único de 27 de Maio de 1945, comemorativo do aniversário do clube.

75 Número único de Julho de 1945, comemorativo do 20.º aniversário do Grupo Desportivo Portalegrense.

76 Saíram dois números anuais sobre a vida do clube em 1945 e 1946.

interrupções⁷⁷, o mensário *Os Belenenses* conseguiria sobreviver ao longo da segunda metade do século XX, contando inclusivamente, no início da década de 1980, com a direcção do professor Manuel Sérgio e a colaboração do consagrado jornalista desportivo Homero Serpa.

O facto do CF Os Belenenses se ter juntado em 1940 ao Sporting CP no grupo de clubes com boletins informativos, isso contribuiu para que «a maior colectividade do País»⁷⁸, o SL Benfica, avançasse em 28 de Novembro de 1942 com o primeiro número⁷⁹ do *Sport Lisboa e Benfica*, dirigido por José de Magalhães Godinho, com sede na Rua Jardim do Regedor, n.º 9, em Lisboa. Velha aspiração do clube, o boletim pretendia ser «o porta-voz da colectividade, o repositório das actividades do clube, o intérprete do seu pensamento»⁸⁰, vendendo-se ao sábado, por 50 centavos. A boa carreira inicial do periódico seria reforçada, a partir de Abril de 1943, com a chegada do jornalista desportivo Rebelo da Silva, redactor do *Diário de Notícias* durante anos, nunca escondendo a sua preferência clubista – nas edições de 19 de Dezembro de 1942 e 10 de Abril de 1943 do *Sport Lisboa e Benfica*, defendeu que não ia «mal nenhum ao jornalista ter afinidades clubistas»⁸¹, desde que as soubesse dominar sempre que escrevesse sobre o seu clube ou sobre os rivais. Com Rebelo da Silva como chefe de redacção, o jornal conheceu dois anos de prosperidade, graças a uma linha editorial mais eclética, chamando à primeira página diversas modalidades, embora dominasse o futebol. Em Abril de 1945, Rebelo da Silva saiu, incompatibilizado⁸² com a direcção do clube, que acusou de interferências no jornal, ainda dirigido por José de Magalhães Godinho. No final da década de 1940, Rebelo da Silva regressaria, ocupando o cargo de director e estando na origem da remodelação encetada no número 372, de 7 Janeiro de 1950, em que mudou de título, passando para *O Benfica*,

77 Publicou-se, com alguma irregularidade, até meados de 1976, altura em que sofreria uma paragem de ano e meio, reaparecendo em Janeiro de 1978, com o n.º 940. Em Abril de 1979 passaria a suplemento mensal do jornal *Ecos de Belém*, mantendo-se assim até Outubro de 1979. Estaria suspenso novamente até Maio de 1982, momento em que surgiu a II Série, sob a direcção de Manuel Sérgio e com colaborações de gabarito, como Homero Serpa, conseguindo, embora com algumas pequenas interrupções, sair até ao fim do século XX (em Maio de 2004 ainda se publicava).

78 A Redacção (1942, 28 de Novembro). A nossa missão. *Sport Lisboa e Benfica*, p. 1.

79 Teve uma edição anterior, em 5 de Outubro de 1941, mas não passou de um número comemorativo.

80 A Redacção (1942, 5 de Dezembro). Uma Aspiração. *Sport Lisboa e Benfica*, p. 1.

81 Silva, R. (1943, 10 de Abril). Breves palavras. *Sport Lisboa e Benfica*, p. 1.

82 Cf. A Redacção (1945, 4 de Abril). Uma crise jornalística. *Stadium*, p. 6.

com o subtítulo de «Semanário do Sport Lisboa e Benfica». Ao longo das décadas seguintes, até ao final do século XX, seria um dos principais boletins de clubes publicados em Portugal.

Mais breves, mas igualmente importantes na década de 1940, seriam os boletins mensais *O Atlético*, do Atlético Clube de Portugal, e o *Boletim do Futebol Clube do Porto*. O primeiro destes títulos saiu em Lisboa, em Setembro de 1945, dedicando-se por inteiro à vida desportiva, em especial futebolística, do Atlético Clube de Portugal, colectividade formada em 1942 pela fusão do Carcavelinhos com o União de Lisboa. Após a saída de mais um número, em 31 de Outubro de 1945, *O Atlético* faria uma longa interrupção, retomando em Dezembro de 1949, agora com o título de *Boletim do Atlético*, publicando-se até ao número 41, de Dezembro de 1953. Quanto ao *Boletim do Futebol Clube do Porto*, teria unicamente nove números, entre Outubro de 1945 e Junho de 1946, publicados sob a direcção de Silveira Assis, que no editorial «Por que aparecemos», publicado na capa do número inaugural de Outubro de 1945, clarificava os leitores sobre o objectivo do boletim: «servir o F. C. do Porto». Essa missão levaria mesmo o boletim a atacar, em Fevereiro de 1946, *O Norte Desportivo* e o seu director, Alves Teixeira (assumido adepto e sócio do FC Porto), por este ter publicado alguns ataques à equipa de futebol portista, o que desagradou ao clube, replicando através do seu órgão informativo.

Fora da esfera do futebol, iniciou a publicação, em Maio de 1939, o *Boletim da Sociedade Hípica Portuguesa*, órgão mensal de uma agremiação lisboeta com tradição neste género de publicações (em 1910 contara com o primeiro boletim informativo). Embora a tiragem fosse reduzida (400 exemplares), o periódico publicou a sua primeira série até 1952, regressando com uma segunda série entre Maio e Agosto de 1978.

A partir de 1940, e até 1960, iria verificar-se em Portugal, por imposição do Estado Novo, uma reorganização da administração pública ao nível da educação física e dos desportos (Feio, 1985: 168), levando à criação e reformulação de diversos organismos públicos: a Direcção-Geral de Educação Física, Desportos e Saúde Escolar; a Fundação Nacional para Alegria no Trabalho; as organizações nacionais da Mocidade Portuguesa e da Mocidade Portuguesa Feminina; os três ramos das Forças Armadas; o Instituto Nacional de Educação Física; e os Conselhos Provinciais de Educação Física e

Desportos nas Províncias Ultramarinas. E naturalmente alguns destes organismos avançariam com órgãos informativos, nalguns casos virados para a vertente académica e de investigação à volta do desporto, como sucederia com o *Boletim do Instituto Nacional de Educação Física*, publicado trimestralmente em Lisboa entre 1940 e 1964, e do *Boletim da Direcção-Geral de Educação Física, Desportos e Saúde Escolar*, publicado bimestralmente em Lisboa entre 1944 e 1964.

6. Ligeiros sinais de mudança

Durante a primeira metade da década de 1940, as reflexões sobre o jornalismo desportivo continuaram a ser recorrentes nas páginas dos jornais desportivos. Entre as várias análises publicadas, a que melhor sintetizou o momento que atravessava o jornalismo desportivo português foi publicada na primeira página de *Os Sports*, em 23 de Fevereiro de 1942, com o título «O Jornalismo Desportivo». Os dois primeiros parágrafos resumiam um conjunto de preocupações desta actividade e a linha editorial exigida pelo público:

O jornalismo é uma profissão cheia de obstáculos e sujeita às mais variadas contingências. O leitor é, no geral, um indivíduo apressado que pretende, nos quinze minutos em que percorre o jornal com a vista, abarcar num rápido olhar o infinito. É volúvel e exigente. As suas predilecções de hoje não são iguais às de ontem. Amanhã manifesta tendências novas. O público, esse monstro de mil cabeças que faz e desfaz reputações, é insaciável. Digere tudo quanto se lhe dá e fica sempre à espera de mais. Reclama variedade. Quer notícias sintéticas que não lhe façam perder tempo. Agrada-lhe a forma literária ligeira. Aborrece-o a prosa farfalhada, pretensiosa e pedante. E não dispensa, no meio de tudo isto, umas lambuzadelas de carácter técnico ou científico que lhe permitam aprender, sem grande esforço, os assuntos que ignora ou de que anda alheado.

Desta forma, o jornalismo tem de ser enciclopédico, profundo com ar de leveza, informativo e filosófico, noticioso e didáctico, literário sem excessos e completo em poucas linhas. Só isto! É uma arte paradoxal, nervosa e impressiva, que vive do momento que passa e que desse momento deve extrair, com a velocidade do meteoro, a essência oculta, o substrato, o miolo.

E quanto à dúvida sobre a principal qualidade que um jornalista desportivo devia ter, a resposta era simples: «Em toda a luta de desporto, mesmo quando o não parece, há sempre uma alma. O jornalista desportivo é aquele que a sabe descobrir e descrever, dando aos leitores nas suas considerações a nota impressionante da beleza da pugna que se travou.»

A questão da definição profissional de jornalista desportivo era um tema em voga na época, em grande parte porque o Regulamento da Carteira Profissional dos Jornalistas, publicado na edição número três do *Boletim do Instituto Nacional do Trabalho*, de 15 de Fevereiro de 1941 (baseado no decreto-lei n.º 31.119, do Diário do Governo n.º 25, de 30 de Janeiro de 1941), deixou de fora os jornais desportivos e quem se dedicava a eles, centrando-se unicamente nos diários generalistas. Esse facto fez com que os redactores desportivos dos diários tivessem direito à carteira profissional dos jornalistas, ao invés dos colegas que trabalhavam nos jornais desportivos – os decretos-lei anteriores⁸³, referentes à carteira profissional dos jornalistas, tinham sempre deixado de fora os jornalistas que trabalhavam nos jornais desportivos.

A principal reflexão feita nesta altura sobre o jornalismo desportivo partiu da pena do redactor Mário Porto, que na revista *Stadium* iniciou em 2 de Junho de 1943 um conjunto de crónicas intituladas «O prestígio de uma profissão», dedicadas a dissecar as várias envolventes da actividade dos jornalistas desportivos. Após abordar as questões do papel da imprensa e do desporto nas edições de 2 e 9 de Junho, Mário Porto lançaria o olhar, na *Stadium* de 16 de Junho, sobre os «requisitos indispensáveis» para se ser «um bom jornalista», como eram o «espírito de observação, compreensão larga e rápida, facilidade de assimilação, inteireza de carácter, honestidade, sinceridade, conhecimentos indispensáveis de ordem geral ou especial, conforme os casos, e personalidade, critério, ponderação e dinamismo.» E caso fosse jornalista desportivo «acrescia ainda a necessidade do conhecimento especial das modalidades sobre as quais escreve, do ambiente em que as mesmas se desenvolvem, dos defeitos e das virtudes que as adornam e, fundamentalmente, de imparcialidade integérrima, absoluta e firme.»

83 Cf. decreto-lei n.º 10.401, no Diário do Governo n.º 284 de 22 de Dezembro de 1924; decreto n.º 19.493, no Diário do Governo n.º 68 de 23 de Março de 1931; decreto-lei n.º 24.006, no Diário do Governo n.º 137 de 13 de Junho de 1934; decreto-lei n.º 26.474, no Diário do Governo n.º 74 de 30 de Março de 1936.

No quarto artigo «O prestígio de uma profissão», publicado em 7 de Julho, o redactor da *Stadium* investiria contra a «paixão clubista» que afectava a maioria dos jornalistas desportivos portugueses, principalmente «o enxame de novos» jornalistas que começavam a fazer carreira e que na sua opinião constituíam «um fracasso». Essa nova geração estava a fazer com que cada vez mais se publicasse «muita prosa balofa, muitos artigos reclamativos a este ou aquele clube, a este ou aquele indivíduo, sem vantagem para os assuntos puramente desportivos, que estavam em primeiro lugar.» Estava-se assim a entrar «na louvaminha, no encómio disfarçado, num caminho por onde nunca se deveria ter enveredado, por ser a negação total dos princípios desportivos, onde a verdade deve ser um lema, qualquer coisa de suprema lei.» E este caminho estava a criar um desnível no jornalismo desportivo, coexistindo uma velha geração de «bons jornalistas», forjada na prática desportiva e no princípio da «propaganda desportiva», e uma nova geração que «envergonhava os verdadeiros jornalistas pela sua incompostura» e a sua «paixão clubista».

Não podemos esquecer que alguns anos antes, principalmente em 1939, as paixões clubistas tinham dominando o discurso jornalístico desportivo português, sobretudo após a dimensão mediática que ganhou a anulação de um golo ao SL Benfica que lhe custou o Campeonato Nacional da I Divisão de 1939, conquistado pelo FC Porto – na última jornada, o FC Porto recebeu o SL Benfica, que precisava de ganhar para conquistar o título, tendo empatado 3-3, com os benfiquistas a queixarem-se de um golo mal anulado quase no fim. A imprensa desportiva lisboeta, encabeçada pela *Stadium*, *Diário de Lisboa* e *Diário de Notícias*, acusou o árbitro de favorecer o FC Porto, saindo *O Norte Desportivo* em defesa dos portistas, acusando em 27 de Abril de 1939 a imprensa lisboeta de «incoerência»⁸⁴, recebendo o apoio do diário *O Primeiro de Janeiro*. E em meados de Junho de 1939, o clima agravou-se com «o corte de relações»⁸⁵ entre o SL Benfica e o FC Porto, com reflexos negativos na própria imprensa desportiva.

Tal como sucedera em períodos anteriores, a conflitualidade na imprensa desportiva manteve-se ao longo dos anos seguintes, não se restringindo

84 Teixeira, J.A. (1939, 27 de Abril). A minha verdade em frente de 'outra'. *O Norte Desportivo*, p. 1.

85 Teixeira, J.A. (1939, 18 de Junho). O corte de relações. *O Norte Desportivo*, p. 1.

unicamente ao conflito Norte-Sul. Entre Agosto e Setembro de 1943, os dois principais títulos da Capital, a revista *Stadium* e o jornal *Os Sports*, encetaram uma dura troca de acusações e insultos⁸⁶, que em nada contribuíram para apaziguar o panorama do jornalismo desportivo português. Este clima instável teria como consequência directa, como sucedera noutras ocasiões, actos de violência sobre os jornalistas desportivos. Um dos principais visados seria o director de *O Norte Desportivo*, Joaquim Alves Teixeira, que encabeçara diversas campanhas na defesa dos interesses dos clubes portuenses. Em meados de Julho de 1945, durante um jogo de basquetebol em Lisboa, Alves Teixeira foi agredido, num acto premeditado, pelo árbitro de futebol Andrade Pinto, que não gostara das suas críticas ao jogo FC Porto-Sporting CP que apitara algum tempo antes. A condenação desse acto foi imediata por *O Norte Desportivo*, recebendo a solidariedade da revista portuense *Sporting*, que lembrou em 16 de Julho de 1945 que só deveria estar no desporto quem estivesse «disposto a deixar-se criticar ou louvar»⁸⁷ nos jornais, apelando à Federação Portuguesa de Futebol para sancionar o árbitro exemplarmente.

Este panorama informativo conflituoso reduziu os momentos de unanimidade no seio da imprensa desportiva portuguesa, confinando-os ao apoio à Selecção Nacional de Futebol, às grandes obras desportivas do Estado Novo (como a inauguração⁸⁸ do Estádio Nacional, em 10 de Junho de 1944) e a visões doutrinárias⁸⁹ sobre o fim da Segunda Guerra Mundial e a figura do chefe de Estado, Oliveira Salazar, cuja estratégia de neutralidade durante a guerra o tornou num «Chefe extraordinário»⁹⁰ e o pleno «interprete do pensamento da Nação»⁹¹. Outro aspecto que gerou consenso foi a necessidade de reformular a terminologia desportiva utilizada no jornalismo desportivo, ainda dominada pelos termos ingleses.

86 E.g. A Redacção (1943, 1 de Setembro). Cantigas de 'Os Sports'. *Stadium*, p. 7.

87 A Redacção (1945, 16 de Julho). Uma agressão. *Sporting*, p. 3.

88 Cf. a magnífica edição da revista *Stadium* de 14 de Junho de 1944.

89 O ponto final da guerra, em solo europeu, deu-se a 8 de Maio de 1945, sendo o momento propício para novamente se apelar à paz, mas a uma paz perpétua, como fez o jornal *Sporting* de 19 Maio 1945. Outra visão unânime foi a da Europa não voltar a conhecer mais líderes como Hitler e Mussolini, merecendo admiração o presidente americano Franklyn Delano Roosevelt (cf. *Sporting*, 16 Abr. 1945). A aproximação com Espanha foi também vista como uma boa opção, uma vez que os dois países apresentavam uma série de vectores que os aproximavam, como eram os casos do passado histórico e da identidade peninsular (cf. *Os Sports*, 22 Setembro de 1939 e 21 Dezembro de 1942).

90 A Redacção (1941, 27 de Abril). Um Homem. *O Norte Desportivo*, p. 1.

91 A Direcção (1941, 22 de Dezembro). Salazar, o interprete do pensamento da nação. *Os Sports*, p. 1.

7. Em defesa de uma terminologia desportiva portuguesa

Durante a segunda metade dos anos 1930, mas sobretudo no início da década de 1940, foram comuns as reflexões, em várias publicações generalistas e desportivas, sobre a necessidade de adaptar para o português a terminologia desportiva estrangeira. Um dos periódicos a dar relevo a esta temática foi o *Diário de Notícias* que em Junho e Julho de 1943 publicou uma série de artigos em defesa da língua portuguesa, assinados pelo escritor e filólogo Agostinho de Campos, tendo alguns desses textos abordado a terminologia desportiva e a necessidade de adaptar os termos estrangeiros para português.

Mas a verdadeira construção de uma terminologia desportiva portuguesa só começou em Junho de 1944, graças às Tertúlias da Recta Pronúncia. A primeira decorreu no Hotel Bragança, em Lisboa, no dia 10 de Junho, juntando um pequeno grupo de nove pessoas com o objectivo de «averiguar a totalidade de termos, empregados nas regras, regulamentos e estatutos desportivos, que não façam parte da língua portuguesa, e indicar simultaneamente qual a tradução correcta ou a adaptação que propõe»⁹². As tertúlias, que se prolongariam durante mais de um ano, contavam com o apoio do principal jornal desportivo português, *Os Sports*, que desde 1936 levava a cabo iniciativas de debate sobre a linguagem desportiva.

O arranque das tertúlias, cujas conclusões de cada sessão eram publicadas em *Os Sports*, levou a que os leitores começassem também a participar, enviando cartas com as suas opiniões. Por exemplo, em 21 de Julho de 1944, uma leitora anónima de Évora levantou a dúvida sobre o termo holandês «yacht», que a imprensa lusa traduziu para «iate» – segundo a leitora, esta adaptação era um erro, já que «iate» significava em português um barco com dois mastros, logo não era um tipo de barco de recreio, como o «yacht» definia na língua original. Como sugestão, a leitora apontou o caminho dos espanhóis quando lhes faltava um termo: iam buscá-lo com a pronúncia que tinha na outra língua e escreviam-no à espanhola. Assim, em português surgiria «iote». Esta questão do «yacht» seria debatida nas Tertúlias da Recta

⁹² Ferreira, M.M. (1944, 1 de Setembro). Terminologia desportiva. *Os Sports*, p. 3.

Pronúncia, com vários organismos a enviarem cartas com as suas posições, publicadas em *Os Sports*, casos das associações de velejadores do Porto e Olhão. Até a própria Federação Portuguesa de Vela emitiu um parecer. Apesar de algumas opiniões discordantes, a Tertúlia acabou por traduzir «yacht» por «barco de regalo», utilizando desta forma uma expressão já usada na linguagem popular para este género de embarcações.

Em 1944, a terminologia desportiva portuguesa estava invadida de estrangeirismos, principalmente de origem inglesa. *Handball*, *basketball*, *hockey* em patins, *volley-ball* e *football* eram os principais exemplos, com a imprensa portuguesa a utilizá-los frequentemente, isto apesar do Vocabulário da Academia, publicado em 1940, apresentar os devidos aportuguesamentos: futebol, basquetebol, andebol, voleibol, entre outros. Porém, quer os aportuguesamentos, quer as grafias estrangeiras, tinham legitimidade oficial para serem usados, sendo as pessoas livres de utilizar qualquer um dos termos. E a classe jornalística dividia-se. As Tertúlias da Recta Pronúncia foram vistas, por alguns jornalistas, como uma afronta, principalmente pela facção que preferia os termos estrangeiros, mais elitistas e cosmopolitas, mas depressa os argumentos nacionalistas se impuseram.

As Tertúlias contavam com o patrocínio de *Os Sports* e nelas participavam alguns dos seus jornalistas desportivos mais conceituados, como Carlos Pinhão, Raul de Oliveira e Manuel Mota, aos quais se juntaram vários dirigentes de renome, como Manuel de Oliveira (presidente da Federação Portuguesa de Basquetebol) e Manuel Morais Ferreira (nome forte do desporto luso e dirigente de prestígio). Até do outro lado do Atlântico as tertúlias mereceram rasgados elogios, como sucedeu em inícios de 1945 com o jornal brasileiro *O Globo* a elogiar a iniciativa, por esta «pugnar pelo idioma comum»⁹³, fazendo inclusivamente propostas, como a definitiva substituição do anglicanismo «football» pelo neologismo português «futebol».

A conjuntura nacionalista que se vivia em Portugal, em 1944, foi outro factor, talvez o principal, que contribuiu para esta espécie de nacionalização da linguagem desportiva. Durante a terceira Tertúlia, realizada a 19 de Agosto de 1944, os participantes foram unânimes em afirmar que «a Tertúlia tem o direito

93 Pereira, H.C. (1945, 9 de Fevereiro). Terminologia desportiva. *Os Sports*, p. 3.

e o dever, que ninguém ousará contestar, de trabalhar para que tal estado de coisas termine»⁹⁴. E duas coisas deviam terminar, uma a nível do Estado e outra na imprensa: «Têm que desaparecer dos textos oficiais os termos como *dribling, goal, cross-country, knock-out*, e tantas dezenas doutros, para evitar que assistamos ao espectáculo pouco decoroso daqueles indivíduos que dizem “há-des” em vez de “hás-de”, mas que ao arremessarem a bola gritam *play!* Têm que desaparecer das crónicas desportivas (e quase o mesmo seria dizer: da linguagem do povo) os *rushs, punches, racers, knock-outs, rings, etc.*»⁹⁵

Para os elementos da Tertúlia era «inadmissível a prostituição da língua portuguesa, praticada por portugueses, e destes usufruindo pleno aplauso»⁹⁶, contribuindo desse modo para algo indesejável: que o desporto conduzisse à desnacionalização. Em 15 de Dezembro de 1944, Neves Reis assinou em *Os Sports* o artigo «Tradução e nacionalização de vocábulos desportivos», em que lembrou aos leitores que «a primeira condição – a essencial – para ser português é falar e pensar em português. Os organismos desportivos, os críticos desportivos, os dirigentes desportivos, alheando-se de um problema fundamental como o da terminologia desportiva, querem fazer portugueses... a falar estrangeiro!». Cumpria-lhes, deste modo, «defender a nossa língua, expurgando-a de todas as mazelas que a afectam»⁹⁷.

Para esta propaganda de expurgação, a Tertúlia da Recta Pronúncia apostou numa campanha intensa de sensibilização da imprensa e das entidades oficiais para os malefícios do uso dos estrangeirismos, devendo apostar definitivamente nos aportuguesamentos. E um dos campos onde se devia actuar prioritariamente era na terminologia futebolística, pejada de termos ingleses, berço da modalidade. O termo futebol tinha substituído quase por completo o *football*, embora alguns jornais ainda insistissem na palavra inglesa, mas os adeptos praticamente só utilizavam a palavra portuguesa. Para a Tertúlia da Recta Pronúncia⁹⁸, este era um termo que tinha sido consagrado pelo povo, que o nacionalizou. Contudo, na sua opinião, teria sido melhor se em Portugal se tivesse generalizado um termo português para traduzir o

94 Ferreira, M.M. (1944, 1 de Setembro). Terminologia desportiva. *Os Sports*, p. 3.

95 Idem, *ibidem*.

96 Idem, *ibidem*.

97 Idem, *ibidem*.

98 Cf. *Os Sports*, 9 de Fevereiro de 1945, p. 3.

anglicanismo *football*, do género: jogo da bola, bola-pé, pédi-bola ou furtabolas. Um dos participantes da Tertúlia, Heitor Correia Pereira, na oitava sessão, em 8 de Fevereiro de 1945, lamentou que «não tenhamos vocábulo nosso para traduzir perfeitamente o foot-ball dos britânicos»⁹⁹. E desabafaria: «Contentemo-nos com futebol... à portuguesa!»¹⁰⁰, o qual «o tempo se encarregará de nos fazer esquecer a sua origem»¹⁰¹.

Durante as mais de dez sessões das Tertúlias da Recta Pronúncia, realizadas entre Junho de 1944 e Abril de 1945, dezenas de termos estrangeiros foram analisados, criando-se soluções consensuais. Do grupo inicial de nove pessoas (oito homens e uma mulher) passou-se para cerca de 40 participantes (uma dezena, mulheres). E da terminologia desportiva alargou-se a outros ramos, como o da gíria desportiva, em especial ligada ao futebol. Um dos trabalhos¹⁰² mais relevantes das Tertúlias foi apresentado na sétima sessão, em 13 de Janeiro de 1945, pelo jornalista desportivo Carlos Pinhão¹⁰³. Tratou-se de um estudo dedicado à defesa da gíria na linguagem do futebol, apresentando uma série de termos que deveriam ser acarinhados e popularizados na linguagem futebolística: «cabazada» (goleada) «a matar» (entrada muito dura sobre um jogador), «sande» (emparedado entre dois adversários), «pinta» (jogador com boa aparência ou boa técnica), «chinha» (bola), «sarrafar» (fazer falta), «vaca» (sorte), «caixinha» (fintar em excesso), entre outros. Durante os anos anteriores, vários jornalistas desportivos haviam contribuído para o avolumar da gíria futebolística¹⁰⁴, como foram os casos de Ribeiro dos Reis com o «passe de bandeja»¹⁰⁵ (passe simples para golo) ou Ricardo Ornellas com a «mó de cima»¹⁰⁶ (uma equipa estar em vantagem). Mereceria também destaque Tavares da Silva¹⁰⁷, que imortalizou o quinteto avançado do Sporting CP, dos anos 1940, com a expressão «cinco violinos»

99 Pereira, H.C. (1945, 9 de Fevereiro). Terminologia desportiva. *Os Sports*, p. 3.

100 Idem, *ibidem*.

101 Idem, *ibidem*.

102 Cf. *Os Sports*, 26 de Janeiro de 1945, p. 3.

103 Entre 1968 e 1969, Carlos Pinhão seria o jornalista responsável da secção «Dicionário Desportivíssimo», criada no jornal *A Bola* e dedicada à terminologia desportiva, contando com a colaboração dos leitores.

104 Para encontrar mais termos, cf. *Sporting*, 17 de Junho de 1940, p. 11.

105 A Redacção (1940, 17 de Junho). As imagens... na literatura desportiva. *Sporting*, p. 11.

106 Idem, *ibidem*.

107 Outra expressão que criou foi «à volta cá te espero» (cf. *O Norte Desportivo*, 25 de Maio de 1939, p. 1), para definir a Taça de Portugal e a violência à volta da prova, com eliminatórias a dois jogos, um no campo de cada equipa.

(referia-se ao entendimento com que jogavam os cinco avançados: Jesus Correia, Travassos, Vasques, Peyroteo e Albano). A terminologia bélica, adaptada ao desporto, começava igualmente a ser comum nas páginas dos jornais desportivos, sendo popular em 1940 a «Linha Maginot»¹⁰⁸, formada pelo trio de futebolistas do meio-campo do FC Porto: Baptista, Carlos Pereira e Manuel Anjos.

8. O fim de um capítulo e o início de outro

Em 1944, outro género de tertúlias, as do Café O Restauração, em Lisboa, dedicadas ao desporto, em especial ao futebol, estariam na origem do aparecimento da grande novidade do meio jornalístico desportivo português: o jornal *A Bola*. Em meados de 1944 começaram a coincidir nessas tertúlias duas das principais figuras do futebol e do jornalismo desportivo português, e amigos de longa data, Cândido de Oliveira e Ribeiro dos Reis. E devido à situação de desemprego¹⁰⁹ de Cândido de Oliveira (libertado em Maio de 1944, após dois anos de prisão no Tarrafal, acusado de espionagem), começaram ambos a trabalhar na ideia de criar um jornal desportivo, precisando para tal de cinco mil escudos e de um administrador. Foi então que surgiram duas outras figuras: a de Vicente de Melo, companheiro de tertúlia que contava com o investimento necessário, e Artur Rebelo, administrador do Casino do Estoril e conhecedor da dinâmica empresarial que envolvia um projecto deste género. Os quatro constituiriam então a empresa proprietária, a Sociedade RIVARCO (mais não era que a junção das primeiras letras dos nomes dos sócios: RI de Ribeiro (dos Reis), VI de Vicente (de Melo), AR de Artur (Rebelo) e CO de Cândido de Oliveira), que inicialmente teria a sede na Rua do Loreto, n.º 13, em Lisboa. Para o cargo de director foi escolhido Álvaro Andrade¹¹⁰, antigo chefe de Redacção do *Diário de Lisboa*, que tinha o perfil indicado para o jornal ser aceite pela Comissão de Censura, uma vez que Cândido de Oliveira tinha

108 A Redacção (1940, 12 de Fevereiro). A Linha Maginot foi atingida. *Sporting*, p. 10.

109 Depois de libertado do Tarrafal, o Regime propôs a Cândido de Oliveira a reintegração nos CTT (onde trabalhou durante anos), em sinal de algum arrependimento pela sua prisão, mas ele recusou, por uma questão de honra.

110 Iniciou a carreira jornalística em 3 de Janeiro de 1919, destacando-se como redactor no *Diário Popular* e *Diário de Lisboa*. Esteve nos primeiros anos de *A Bola*, contribuindo para o seu êxito inicial. Em 4 de Janeiro de 1969, *A Bola* faria uma homenagem aos seus 50 anos como jornalista, considerando-o o protótipo do «homem dos jornais».

estado preso no Tarrafal e Ribeiro dos Reis era oficial do exército, correndo o risco qualquer um deles, caso se apresentassem como directores, do projecto jornalístico ser recusado pelo órgão que superintendia a imprensa portuguesa.

Aprovado o novo jornal desportivo, o primeiro número de *A Bola*, que apresentava o subtítulo «Jornal de Todos os Desportos»¹¹¹, foi lançado em 29 de Janeiro de 1945, com oito páginas (formato 57x40), apresentando uma estrutura redactorial¹¹² de qualidade e secções¹¹³ interessantes, tendo esgotado a edição inaugural, que custava um escudo. Na capa do primeiro número surgia o editorial «Bola de saída», no qual se traçavam as linhas mestras do periódico: «A Bola aparece como jornal livre, sério e honesto: nas intenções e nos processos, a dizer do bem e a dizer do mal, na crítica, na doutrina, na propaganda desportivas.» O editorial reflectia ainda o carácter dos jornalistas que compunham o periódico, defendendo que «no jornalismo, como no desporto: o fair-play como regra permanente.» O jornal deu também a indicação que ia publicar-se duas vezes por semana, consagrando a edição de segunda-feira «à reportagem dos acontecimentos desportivos»¹¹⁴ e a de sexta-feira «à apreciação crítica, à vulgarização, ao exame dos problemas desportivos portugueses»¹¹⁵.

A Bola, ao sair nesses dois dias, apostava forte em roubar leitores ao poderoso trissemanário *Os Sports*, publicado às segundas, quartas e sextas-feiras. E havia ainda que contar com a popular edição semanal, à quarta-feira,

111 O cabeçalho, todo a vermelho, incluía também o desenho de uma bola, sendo o título toda criação do artista suíço Fred Kradolfer, mantendo-se igual ao longo do século XX.

112 Na página dois publicou o artigo «O 'Team' de 'A Bola'», em que apresentava a estrutura redactorial: «Eis a equipa: Principais Redactores: Ribeiro dos Reis e Cândido de Oliveira; Chefe de Redacção: Álvaro de Andrade; Redacção: Dr. Armando Sampaio, Fernando Ávila, Alves dos Santos, Lança Moreira e José André dos Santos; Futebol: Ricardo Omellas, Ribeiro dos Reis, Cândido de Oliveira, Fernando Peyroteo, Carlos Coimbra, Alberto Valente, Gualter de Oliveira, Aurélio da Costa e Joaquim Teixeira; Handball: Acácio Rosa; Pugilismo: Tenente Rafael Barradas e Rufino Sena; Natação: Mário de Oliveira; Tiro: Engenheiro Dionísio Magro; Atletismo: Professor Fernando Ferreira; Basket: Professor Fernando do Amaral; Ténis de Mesa: Ernesto Silva; Hockey: José Prazeres; Volley Ball: Professor Mário Lemos e José Ghira; Rugby: Jacinto Duarte; Aviação: Mário Rosa; Remo: Lança Moreira; Atlética: António Soares; Caça: Manuel Castelo Branco; Ciclismo: Mário de Oliveira; Medicina Desportiva: Dr. Egídio Chaves; Desenhador: José David; 'Reporters' Fotográficos: Manuel Nunes de Almeida, Amadeu Ferrari e Manuel de Seixas; Correspondentes: Em todos os centros desportivos do País.»

113 Destacavam-se as secções: «Pontapé à Baliza», por Sá Rosa; «Tribuna dos Leitores»; «Histórias da Bola», por Cândido de Oliveira; «Notas Várias», por Ribeiro dos Reis; «A Bola nas Províncias»; «A Bola na Capital do Norte», por Joaquim Alves Teixeira; «Ciência e Desporto», por Dr. Sá Rosa; e «Problemas do Futebol», por Cândido de Oliveira.

114 A Redacção (1945, 29 de Janeiro). O 'Team' de 'A Bola'. *A Bola*, p. 2.

115 Idem, ibidem.

da revista *Stadium*, magnificamente ilustrada. Entre Janeiro e Fevereiro de 1945, estas três publicações digladiaram-se pela supremacia do jornalismo desportivo lisboeta e nacional, uma vez que os jornais portuenses *Sporting* e *O Norte Desportivo* não tinham uma dimensão informativa e de vendas nacional.

Mais conservador, *Os Sports* não conseguiu fidelizar os leitores, ávidos de mudança e de um jornalismo mais activo e especialmente centrado no futebol, revendo-se por isso em *A Bola*, que contava com alguns dos mais importantes especialistas nessa área. Foi de tal forma imediato o êxito de *A Bola*, em Janeiro e Fevereiro de 1945, que a 7 de Março o rival *Os Sports* anunciava, nas páginas centrais, a suspensão e a sua transformação numa nova publicação, o *Mundo Desportivo*, propriedade da Empresa Nacional de Publicidade, detentora do *Diário de Notícias* e de *Os Sports* – a estratégia passava por suspender um jornal em declínio (*Os Sports*) e criar um novo título que pudesse cativar novamente os leitores.

Publicado regularmente desde 6 de Abril de 1919, *Os Sports* foi suspenso definitivamente em 4 de Abril de 1945, naquele que era o número 3.101. Em forma de epílogo, o director Raul de Oliveira publicaria o artigo «Fecho de capítulo» (na página oito), em que fez um resumo dos 26 anos de vida do jornal, destacando o papel da imprensa desportiva no desenvolvimento do desporto em Portugal: «Quando um dia, mais tarde, se fizer com a necessária calma a história do desporto em Portugal, ter-se-á de prestar justiça ao contributo da imprensa no desenvolvimento e expansão dos exercícios físicos. Neste sector, talvez mais do que em qualquer outro da vida nacional, os jornais aparecem intimamente ligados a tudo o que se fez para chegarmos às realidades de hoje.» E sublinharia o forte contributo dado pelo seu jornal para o desporto e o jornalismo: «Os Sports tiveram, desde os primeiros passos da sua carreira, o condão de espreitar o público, agitando ideias, lançando iniciativas, movimentando as populações dos clubes desportivos, divulgando a necessidade de despertar energias através da vida ao ar livre e das lutas nobres do desporto.»

Encerrado o capítulo daquele que era, até então, o jornal desportivo generalista mais longo alguma vez publicado em Portugal, apareceria dois dias depois, a 6 de Abril, o sucessor *Mundo Desportivo*, carregado de cor vermelha nos títulos e cabeçalhos (da responsabilidade do desenhador Fernando Bento),

sendo a direcção entregue a Raul de Oliveira, que transitava do antecessor – além da mudança de título e cabeçalho, e da introdução de cor, no essencial mantinha-se a linha gráfica de *Os Sports*. A nível editorial, as 16 páginas inaugurais (formato 44x31, seis delas ocupadas com 64 pequenos anúncios de publicidade) apresentavam um vasto leque de secções¹¹⁶ e um noticiário centrado em Portugal, com pouca informação internacional. Na capa, o director Raul de Oliveira assinou o editorial «Novo capítulo», em que explicou aos leitores o objectivo do novo periódico: «Encontrada a verdade que ensina serem os homens de corpo são e alma forte os mais bem apetrechados para lutar e vencer, importa defender esta ideia, divulgá-la, fazê-la compreender por toda a gente.» Vendido por 50 centavos, o *Mundo Desportivo* manteve a periodicidade de *Os Sports*, saindo às segundas, quartas e sextas-feiras, continuando por isso a lutar com *A Bola* pela supremacia das vendas de jornais desportivos em Portugal. Para enfrentar melhor o rival, reforçou-se em Outubro de 1945 com um colaborador de luxo, o jornalista e treinador de futebol Tavares da Silva¹¹⁷, que passou a assinar no *Mundo Desportivo* a secção «Remates de cabeça».

O oponente *A Bola*, face ao anúncio da saída do novo adversário, decidiu em Março alterar um dos dias de publicação, de forma a antecipar-se à edição de sexta-feira do rival. Assim, manteve a segunda-feira, dia em que fazia a análise desportiva do fim-de-semana, mas antecipou a edição de sexta-feira para quinta-feira, apresentando como motivo da mudança algumas dificuldades técnicas na impressão de dois números de oito páginas às sextas e segundas-feiras – a publicação à quinta-feira apresentava também a

116 Eram sobretudo secções desportivas: «Atletismo», «Pugilismo», «Ténis de Mesa», «Basquetebol», «Andebol», «Hóquei em Patins», «Ciclismo», «Futebol», «Tauromaquia», «Retiro dos Pacatos» (passatempos), «Porto» e «Mundo Português» (notícias regionais e do Ultramar).

117 Nascido em Estarreja em 29 de Novembro de 1903, foi jogador, árbitro, treinador, seleccionador nacional, tomando-se uma das grandes figuras do futebol português entre os anos 1930 e 1950. Advogado, nutria uma forte paixão pelo jornalismo desportivo, colaborando em *O Sport de Lisboa*, *O Mundo*, *Diário de Lisboa*, *O Século*, *Os Sports*, *Mundo Desportivo*, *Baliza*, *Século Ilustrado*, *Record*, *Stadium*, *A Bola*, *Revista do ACP* e *O Norte Desportivo*. Na rádio dirigiu a secção desportiva do Clube Radiofónico de Portugal em 1933, colaborando com a Emissora Nacional (relatou e comentou jogos e teve os programas «Uma página de crítica desportiva» e «Rádio-Desporto») e a Emissora Sonarte (o programa «Onda Desportiva»). Colaboraria também com a RTP. Faleceu em 19 de Outubro de 1958.

«vantagem de nesse dia haver o comboio rápido Porto-Lisboa»¹¹⁸, permitindo uma melhor distribuição do jornal no Centro e Norte do País.

9. Censura no jornalismo desportivo

O hegemónico prestígio jornalístico que até 1945 gozara *Os Sports* transferiu-se, após o seu desaparecimento, para o trio formado por *A Bola*, *Mundo Desportivo* e *Stadium*, sobretudo entre os leitores de Lisboa (onde os três estavam sediados) e do Centro e Sul de Portugal continental. No Porto, embora este trio tivesse o seu nicho de leitores, continuavam a dominar *O Norte Desporto* e a revista *Sporting*, alargando a sua influência a toda a região Norte. E a nível regional, mantinha-se em Coimbra o semanário *A Voz Desportiva* e no Funchal o *Correio Desportivo*. Estes sete títulos formavam o núcleo central da imprensa periódica desportiva generalista portuguesa em meados de 1945, sofrendo, por isso mesmo, um controlo, por vezes apertado, dos serviços da Censura Prévia.

Na segunda metade dos anos 1930, por causa da Guerra Civil de Espanha (1936-1939), a Censura tinha actuado ao nível da linguagem desportiva, dando indicação à imprensa para substituir o tradicional termo «vermelhos» por «encarnados», sempre que se quisessem referir os jogadores e adeptos do SL Benfica (que equipava de vermelho e branco), evitando assim as conotações com o lado comunista («rojos») que combatia em Espanha. A imprensa desportiva seguiu à risca essa indicação e em 1938 a designação «encarnados» substituiu definitivamente o termo «vermelhos», que deixou de aparecer na imprensa desportiva como sinónimo dos benfiquistas.

Mas o principal caso de Censura em 1938 seria protagonizado, em 30 de Janeiro, por três jogadores internacionais (todos do CF Os Belenenses), antes do início do jogo Portugal-Espanha, realizado no Campo das Salésias, em Lisboa. O trio formado por Mariano Amaro, José Simões e Artur Quaresma decidiu romper o protocolo da tradicional saudação fascista (Coelho & Pinheiro, 2002: 285), com dois deles (Amaro e Simões) a estenderem o braço, mas em vez de estenderem a mão, cerram-na em punho, e o outro (Quaresma) nem sequer levantou os braços. O momento foi captado por vários fotógrafos

118 A Redacção (1945, 5 de Março). *A Bola* publica-se às segundas e quintas-feiras. *A Bola*, p. 1.

presentes no campo, sendo os jornais impedidos de publicar a polémica imagem. A revista *Stadium*, incentivada pelos serviços de Censura, fazia uma série de retoques na fotografia, publicando-a em 2 de Fevereiro de 1938, tendo modificado os punhos de Amaro e Simões de forma a parecerem estar de mão estendida, tentando assim ludibriar os leitores, principalmente aqueles que tinham ouvido contar o episódio pelos adeptos presentes no campo. A notícia da prisão dos três jogadores foi igualmente censurada, de forma a evitar mais polémicas à volta do tema, que ficaria encerrado pouco depois com a libertação dos jogadores, alvos de uma severa repreensão pela PVDE (Polícia de Vigilância e Defesa do Estado, criada em 1933).

Geralmente, a imprensa desportiva procurava manter-se afastada da política, não incorrendo em episódios de encobrimento ou apoio claro ao regime, nem em movimentos de contestação ou afronta. Este afastamento da imprensa desportiva das questões políticas levaria inclusivamente a Censura Prévia a divulgar, em 11 de Outubro de 1945, a Circular n.º 238, na qual informava (no ponto 9) os jornais desportivos que estavam «dispensadas de censura prévia as notícias e relatos desportivos», habitualmente sem conotações políticas, reduzindo assim o trabalho aos censores. No entanto, ao contrário do que se possa pensar, a Censura Prévia manteve-se atenta aos jornais desportivos, castigando severamente transgressões às directrizes impostas. Em Janeiro de 1944, o *Correio Desportivo*, do Funchal, seria alvo de um Processo Disciplinar¹¹⁹ (n.º 223) por parte dos Serviços de Censura, que desembocaria numa suspensão temporária. Na origem da sanção esteve o facto da edição 338 do jornal, de 15 de Janeiro de 1944, ter saído sem os devidos cortes feitos pela Delegação do Funchal dos Serviços de Censura, infringido o artigo 30 do Regulamento dos Serviços de Censura. O periódico foi imediatamente suspenso e o caso encaminhado para a Direcção dos Serviços de Censura, em Lisboa, tendo o director do jornal, Elmano Alves, enviado uma carta¹²⁰ aos serviços onde expôs as razões que levaram a que duas páginas tivessem sido publicadas sem os devidos cortes (segundo ele eram duas páginas sem «qualquer matéria contrária às disposições superiores, visto que

119 Cf. Processo n.º 223 (caixa 697), do *Correio Desportivo*, nos arquivos da Censura do Secretariado Nacional da Informação (SNI), em consulta no Arquivo Nacional Torre do Tombo (ANTT), em Lisboa.

120 Idem, ibidem.

eram totalmente constituídas por anúncios e uma crónica musical»¹²¹), pedindo o levantamento da suspensão por este ter sido «um caso inédito»¹²² e por o jornal constituir «o único meio de subsistência do seu director»¹²³. O cadastro do jornal, até então limpo (desde 1926 que se publicava), foi outro forte argumento, sendo levantada a suspensão em 28 de Janeiro de 1944. Nos anos seguintes, o *Correio Desportivo* não teria mais casos como este, apresentando mesmo uma linha editorial¹²⁴ próxima do regime e da figura de Salazar.

Em meados da década de 1940, as duas principais publicações desportivas multadas pelos Serviços de Censura seriam *A Bola* e *O Norte Desportivo*. O primeiro destes títulos viu aberto, em Setembro de 1945, o Processo n.º 417¹²⁵ nos Serviços de Censura, sofrendo nesse mês uma multa de 500 escudos «por não acatar um corte»¹²⁶ feito por esses serviços. Pior sanção teria em Março de 1946, após ser acusado de publicar «matéria não abrangida pela circular 238»¹²⁷, no número 121 de 25 de Março de 1946. Na origem do desentendimento entre *A Bola* e os Serviços de Censura estiveram dois artigos, um de Carlos Correia e o outro de Cândido de Oliveira, sobre um jogo de futebol entre um grupo de marinheiros ingleses e um misto português (formado por vários jogadores da Selecção Nacional de Futebol), realizado no Estádio Nacional, em 24 de Março de 1946. Num tom irónico, os dois textos, publicados na página cinco, acusavam a Federação Portuguesa de Futebol de incompetência, uma vez que a equipa inglesa era muito fraca (perdeu por 11-1), não merecendo a ida ao estádio de milhares de adeptos, nem os elevados preços dos bilhetes, nem a paragem do campeonato para a realização do jogo (o próprio *Diário de Notícias* partilhou dessa opinião nas edições de 18 e 25 de Março). No dia seguinte à saída do jornal, o subdirector dos Serviços da Censura, Mário Baptista Coelho, enviou uma carta à direcção de *A Bola*, na qual pedia com urgência o envio dos originais publicados, lamentando também

121 Idem, ibidem.

122 Idem, ibidem.

123 Idem, ibidem.

124 Cf. A Redacção (1946, 28 de Maio). Glória a Portugal. *Correio Desportivo*, p. 8; A Redacção (1952, 28 de Maio).

Dr. Oliveira Salazar – o maior trabalhador de Portugal. *Correio Desportivo*, p. 1; A Redacção (1954, 8 de Agosto).

Portugal é nosso! *Correio Desportivo*, p. 1.

125 Cf. Processo n.º 417 (caixa 265), de *A Bola*, nos arquivos da Censura do SNI, em consulta no ANTT.

126 Idem, ibidem.

127 Cf. Processo n.º 417 (caixa 689), de *A Bola*, nos arquivos da Censura do SNI, em consulta no ANTT.

o «tom irónico, injustificado e deselegante»¹²⁸ com que haviam sido «tratados estrangeiros que se encontram em Portugal em transcendente missão diplomática»¹²⁹.

Nesse mesmo dia, o director de *A Bola*, Álvaro de Andrade, envia uma carta de resposta, em que lembra aos Serviços de Censura que desde a Circular n.º 238, de 11 de Outubro de 1945, os jornais desportivos estavam dispensados de enviar à Censura Prévia «os relatos, as reportagens e as apreciações críticas dos acontecimentos desportivos e, desde essa data, não mais voltaram a ser enviadas as provas a granel»¹³⁰ a esses serviços, os quais «concordaram sempre com este procedimento»¹³¹. Além disso, afirmava que não tinha havido «o menor propósito de tratar com menos elegância os simpáticos jogadores ingleses»¹³², nem «havia a intenção de ferir de qualquer modo os nossos ilustres visitantes»¹³³, sendo apenas um o visado pelas críticas e a ironia: a Federação Portuguesa de Futebol. Apesar dos argumentos, *A Bola* seria punida com «a pena de suspensão, por 30 dias, por infracção de determinações dos Serviços de Censura»¹³⁴, numa resolução tomada no dia 26 de Março de 1946 e assinada pelo director dos Serviços de Censura, o tenente-coronel Armando Larcher, que justificou a punição pelo facto de *A Bola* não ter tido em consideração que o jogo fazia parte do «programa oficial das homenagens à esquadra britânica, cuja visita tem um indiscutível carácter de prestígio para Portugal»¹³⁵ e por não ter compreendido «o seu claro significado nacional»¹³⁶. Obviamente que a suspensão desagradou à direcção de *A Bola*, que no dia 29 de Março endereçou a Armando Larcher uma nova carta (de três páginas dactilografadas) em que deixava claro não ter havido qualquer «motivo político»¹³⁷ nos dois artigos,

128 Idem, ibidem.

129 Idem, ibidem.

130 Idem, ibidem.

131 Idem, ibidem.

132 Idem, ibidem.

133 Idem, ibidem.

134 Idem, ibidem.

135 Idem, ibidem.

136 Idem, ibidem.

137 Idem, ibidem.

tentando dessa forma atenuar aquilo que considerava um «severo castigo»¹³⁸ de 30 dias suspensão. Larcher, embora receptivo e compreensivo com os argumentos de *A Bola*, manteve a suspensão, o que causou bastante perturbação na Redacção, que apesar dos ordenados em atraso, manteve-se unida, voltando a publicar-se assim que a suspensão terminou, em finais de Abril de 1946. Após este controverso episódio, *A Bola* estaria até Maio de 1950 sem incidentes com os Serviços de Censura, sofrendo nesse mês uma multa de mil escudos (cada exemplar custava um escudo) por não ter respeitado um corte na edição de 11 de Maio de 1950.

Como já referimos, a outra publicação a ter problemas recorrentes com a Censura foi *O Norte Desportivo*, sediado no Porto. O seu processo nos Serviços de Censura tinha o número 241¹³⁹ e entre Março de 1946 e Novembro de 1947 o cadastro teve quatro entradas devido à recorrente publicação de «matéria sem enviar à censura»¹⁴⁰, sendo unicamente sancionado por uma vez, com uma multa de 300 escudos. Mas a tolerância dos Serviços de Censura terminaria em 1952, ano em que puniu o jornal de Alves Teixeira com duas multas duras, a primeira de dois mil escudos (em Fevereiro) e a segunda de três mil escudos (em Novembro), ambas por publicar artigos sem os submeter à Censura Prévia – o jornal alegaria impossibilidade de enviar esses artigos à Censura devido ao adiantado da hora em que eram concluídos. As duas multas pesadas, no total de 5 mil escudos (cada exemplar custava 1\$50, com uma tiragem média (por número) de sete mil exemplares), fariam com que *O Norte Desportivo* se visse forçado a recorrer da punição, vindo em Dezembro de 1952 a multa de três mil escudos reduzida para metade, por ordem directa do director dos Serviços de Censura, Armando Larcher, compreensivo aos argumentos apresentados pelo periódico. No entanto, em Dezembro de 1953, o jornal voltaria a ser punido, por publicar «matéria à margem da Censura, falta em que é reincidente»¹⁴¹, desta feita com uma multa de 500 escudos.

138 Idem, *ibidem*.

139 Cf. Processo n.º 241 (caixa 510), de *O Norte Desportivo*, nos arquivos da Censura do SNI, em consulta no ANTT.

140 Idem, *ibidem*.

141 Idem, *ibidem*.

10. Forte concorrência na imprensa desportiva generalista

O cenário de consolidação, à volta dos principais jornais desportivos generalistas de Lisboa e Porto, fez com que a tendência de surgimento de novos periódicos deste género se mantivesse reduzida no período da pós-guerra, mantendo-se assim ao longo da década seguinte. Entre 1946 e 1953 apareceram em Portugal (Continente, Ilhas e Ultramar) 58 novas publicações periódicas desportivas (ver Anexo 1), centradas em órgãos de clubes e instituições (26) e nos periódicos especializados (20), surgindo em terceiro plano as publicações generalistas (12). Obviamente que este menor número de novos jornais desportivos generalistas esteve directamente relacionado com o panorama concorrencial existente neste campo do jornalismo desportivo, deixando pouco espaço ao surgimento de novos projectos editoriais de sucesso.

Durante a segunda metade da década de 1940, o meio jornalístico desportivo português era dominado em Lisboa por *A Bola* (1945), *Mundo Desportivo* (1945) e *Stadium* (1932) e no Porto por *O Norte Desportivo* (1934) e *Sporting* (1921), aos quais se tinha que acrescentar os periódicos regionalistas *A Voz Desportiva* (Coimbra, 1926), *Correio Desportivo* (Funchal, 1926) e *Angola Desportiva* (Luanda, 1930). Estes oito títulos formavam o núcleo central do jornalismo desportivo generalista português, tornando extremamente difícil o aparecimento de novos títulos. E os que foram aparecendo partilharam, em geral, dos mesmos princípios editoriais: os que tinham origem em cidades (Lisboa e Porto) onde existia uma forte concorrência, tiveram que adoptar um grafismo inovador, conciliando um papel e uma impressão de qualidade, com um fotojornalismo esteticamente apelativo e artigos de fácil leitura e compreensão, assentando numa Redacção e direcção coesas e numa tipografia que desse garantias de regularidade e qualidade; fora dos meios concorrenciais, os novos projectos tornavam-se mais simples e localizados, embora com menores possibilidades de êxito e longevidade editorial, devido ao reduzido número, a nível regional, de leitores desportivos, que preferiam cada vez mais ler um jornal desportivo de cariz nacional do que um regionalista (entrou-se na fase dos adeptos de futebol, principais compradores de jornais desportivos, passaram a rever-se em clubes de dimensão nacional, como o SL

Benfica e Sporting CP, mais até do que nos clubes locais), alterando-se gradualmente o perfil do leitor desportivo, com reflexos na própria estruturação editorial dos periódicos.

Entre 1946 e 1953, os 12 novos jornais desportivos generalistas que surgiram em Portugal (ver Tabela 6) repartiram-se territorialmente, embora Lisboa se destacasse com três publicações, dividindo-se os restantes títulos por Benguela (Angola), Braga, Castelo Branco, Coimbra, Évora, Lourenço Marques (Moçambique), Luanda (Angola), Viseu e Porto. Observando esta distribuição por oito cidades concluímos, em primeiro, que era notória a dificuldade em lançar novos projectos jornalísticos nos dois principais meios urbanos e desportivos (em Lisboa e Porto apareceram somente quatro novos jornais em oito anos), onde a concorrência se fazia sentir, com os leitores a ficarem cada vez mais fidelizados a certos periódicos. Em segundo, metade destas novas publicações apareceu em cidades onde não existia um jornal desportivo de referência, ocupando deste modo um espaço noticioso geralmente entregue às colunas desportivas dos jornais regionais ou aos órgãos informativos dos clubes locais.

Tabela 6

Periódicos Desportivos Generalistas Criados entre 1946 e 1953

Título	Edições	Sede	Periodicidade inicial	Director	Propriedade
<i>Baliza</i>	11 Maio 1946 ao n.º 162, 14 Set. 1947	Lisboa	Diário	Eurico Serra	Empresa Gráfica Desportiva
<i>Seleção</i>	21 Set. 1948 ao n.º 58, 25 Out. 1949	Lisboa	Semanal	Mário Rocha	Seleção Editora
<i>Beira Desportiva</i>	30 Dez. 1948 ao n.º 26, 16 Jun. 1950	Castelo Branco	Quinzenal	Armindo Ramos	Associação Desportiva de Castelo Branco
<i>Viseu Desportivo</i>	20 Abr. 1949 ao n.º 44, 8 Abr. 1950	Viseu	Semanal	António Correia	Victor Manuel dos Santos
<i>Goal</i>	13 Set. 1949 ao n.º 99, 7 Nov. 1955	Luanda (Angola)	Semanal	Dr. Jaime da Costa Novais	José de Freitas
<i>O Minho Desportivo</i>	4 Out. 1949 ao n.º 66, 8 Jan. 1951	Braga	Semanal	Araújo Pereira	Araújo Pereira
<i>Record</i>	26 Nov. 1949 ao Século XXI	Lisboa	Semanal	Fernando Ferreira	J. Monteiro Poças

<i>Futebol</i>	29 Maio 1950 ao n.º 41, 5 Mar. 1951	Porto	Semanal	A. Ferraz de Menezes	A. Ferraz de Menezes
<i>Sul Desportivo</i>	10 Nov. 1950 ao n.º 70, 2 Jun. 1952	Évora	Semanal	Evaristo Marcos Pereira	Evaristo Marcos Pereira
<i>Guardian Desportivo</i>	19 Jun. 1951 ao n.º 134, 29 Dez. 1954	Lourenço Marques (Moçambique)	Semanal	Dr. J. F. Santos	Jornal Lourenço Marques Guardian
<i>Seleções Desportivas</i>	Set. 1951 ao n.º 9-10, Maio-Junho 1952	Coimbra	Mensal	Adriano Peixoto	Atlântida – Livraria Editora
<i>O Intransigente Desportivo</i>	9 Fev. 1953 ao n.º 40, 22 Nov. 1953	Benguela (Angola)	Semanal	Gastão Vinagre	Jornal O Intransigente

Apesar das dificuldades impostas pela concorrência, os três jornais desportivos que apareceram em Lisboa apresentaram elevados padrões de qualidade, mas cada um deles em vertentes diferentes. Em termos de projecto audaz e ambicioso, sem dúvida que a novidade foi a *Baliza*, uma vez que se tratou de mais uma tentativa de criar um diário desportivo em Portugal. Com o subtítulo de «Diário Gráfico de Todos os Desportos», conseguiu o feito de se publicar diariamente entre o sábado, 11 de Maio de 1946, e o domingo, 8 de Setembro de 1946, num total de 121 números. O futebol e o ciclismo foram as modalidades principais nas suas páginas, caracterizando-se por um noticiário eclético (vela, andebol, xadrez, hípica, remo, atletismo, hóquei em campo, ténis, desporto feminino), conciliando as notícias nacionais e internacionais, permitindo-lhe um êxito inicial à escala nacional, com realce para Lisboa, Porto, Coimbra e Castelo Branco, onde as edições esgotaram. A sua fase como diário terminou em 8 de Setembro de 1946, edição na qual anunciava uma remodelação e reconhecia o «êxito»¹⁴² que tinha sido publicar, durante vários meses, um diário desportivo em Portugal, demonstrando que a imprensa periódica desportiva portuguesa contava «com um público, numeroso, interessado e exigente.»¹⁴³ A *Baliza* tinha também provado que existiam no País actividades desportivas «em quantidade e qualidade suficiente para fornecer assunto de interesse diário»¹⁴⁴. Reapareceria em Maio de 1947, como

142 A Redacção (1946, 8 de Setembro). O nosso jornal – A sua remodelação. *Baliza*, p. 1.

143 Idem, ibidem.

144 Idem, ibidem.

trissemanário (terças, quintas e sábados), mantendo a mesma linha editorial¹⁴⁵ e gráfica, publicando-se até ao número 162, de 14 de Setembro de 1947.

Cerca de um ano depois, em 21 de Setembro de 1948, foi a vez de sair a *Seleção – Semanário Gráfico de Todos os Desportos*, apostando num grafismo ligeiramente diferente das publicações desportivas da época, assente num bom papel (formato 41x32) e numa capa apelativa, utilizando o inovador processo de heliogravura, feito nos Estúdios Serra Ribeiro, em Lisboa, cabendo a impressão à tipografia lisboeta Gráfica Santelmo. O futebol e o boxe seriam dois dos temas dominantes nas suas capas, de elevada qualidade gráfica, merecendo os primeiros números rasgados elogios na restante imprensa (em *O Século*, *A Bola*, *O Século Ilustrado*¹⁴⁶ (também de excelente qualidade), *Diário de Notícias*, *Diário Popular*, *Diário de Lisboa* e *Novidades*). Ao preço de 2\$50, a *Seleção* saía todas as terças-feiras, sofrendo a primeira remodelação gráfica no número 10, de 23 de Novembro de 1948, dia em que publicou 16 páginas impressas no inovador processo de rotogravura, tornando-se a primeira publicação desportiva a fazê-lo, beneficiando com isso a sua qualidade gráfica (a paginação e montagem era responsabilidade de Borges Correia, conhecido por Zeco) e as imagens da capa. Além do excelente grafismo, a revista contava com prestigiados redactores desportivos, como Domingos Lança Moreira, e um chefe de Redacção, Fernando Castro, respeitado no meio jornalístico. O director Mário Rocha, chefe de Redacção de *O Século Ilustrado*, deixaria a *Seleção* em Fevereiro de 1949, substituído no cargo pelo Engenheiro Travassos Valdez, sob cuja direcção a *Seleção* se tornaria no «Semanário Desportivo de Maior Circulação»¹⁴⁷ em Portugal, contando em meados de 1949 com uma Redacção formada por cinco jornalistas (Lança Moreira, Manuel Martinho, Sérgio Machado, Joaquim Correia e Eduardo Soares, correspondente no Porto) e cinco colaboradores (Dr. Armando Sampaio, Mário Santos, José Malheiro, Edmundo Motreva e José de

145 Um dos temas a que daria grande destaque seria a derrota de Portugal por 10-0 frente à Inglaterra, num encontro amigável de futebol realizado em 25 de Maio de 1947, no Estádio Nacional, em Lisboa. Entre a edição de 24 de Maio e 3 de Junho de 1947, *Baliza* dedicou extensa análise à derrota, a qual serviu de mote para uma série de reflexões.

146 A edição de 14 de Maio de 1949 ficaria na história do desporto português pela forma como cobriu o trágico acidente aéreo que vitimou a equipa de futebol do Torino, quando regressava de Lisboa após jogar com o SL Benfica.

147 Subtítulo utilizado no cabeçalho da primeira página em 31 de Maio de 1949.

Nascimento). Apesar da sua inegável qualidade e contributo¹⁴⁸ para um jornalismo desportivo mais gráfico e visualmente apelativo, a *Seleção* terminaria em 25 de Outubro de 1949.

Precisamente um mês depois da sua extinção, em 26 de Novembro de 1949, passava a publicar-se em Lisboa o semanário *Record*, que nasceu do esforço de três homens: Fernando Ferreira, Monteiro Poças e Manuel Dias. A ideia do jornal cresceu à mesa do Café O Restauração, em pleno Rossio, em Lisboa, onde quatro anos antes ganhara forma *A Bola*. O principal impulsionador foi Manuel Dias, vendedor de jornais e antigo atleta olímpico (participara na Maratona dos Jogos Olímpicos de 1936, em Berlim). Decidido a criar um periódico desportivo, Manuel Dias persuadiu os redactores Monteiro Poças e Afonso Lacerda, de *A Bola*, a juntarem-se à sua causa, tendo posteriormente, os três, convencido Fernando Ferreira, professor de educação física muito conceituado no meio desportivo lisboeta, a unir-se ao grupo. Só que as dificuldades económicas, inerentes ao início de um projecto desta natureza, impediram a sua imediata execução. Um golpe de sorte faria com que Manuel Dias ganhasse 200 contos na lotaria, mais do que suficiente para cobrir a garantia bancária de 40 contos exigida, na altura, pela Direcção-Geral da Censura para se avançar com uma publicação nova – esta espécie de caução era outro dos impedimentos difíceis de contornar por quem ambicionava lançar um periódico em Portugal.

Resolvido o problema económico, faltava escolher o nome do jornal, recebendo dois títulos algum consenso: *Record* e *Meta*. Mas nenhum dos fundadores ousava avançar com um dos títulos, receando o fracasso, tendo Manuel Dias decidido ir até ao Rossio e começar a apregoar os dois nomes, simulando uma venda de jornais. *Record* foi o mais procurado. O seguinte passo era conceber a linha gráfica para a capa e para os cabeçalhos das diversas secções, sendo encarregue da tarefa o caricaturista de *O Século*, conhecido por Meco.

148 Outro contributo dado pela *Seleção* foi a nível doutrinário, na defesa de uma educação e ética desportiva em Portugal. Um dos artigos que melhor ilustrou esta preocupação foi o «Doutrina e Crítica», publicado por Mário Rocha na edição de 5 de Outubro de 1948 (p. 2). Nessa reflexão, o director da *Seleção* defendeu que «um jornal desportivo não deve limitar a sua função à simples informação e crítica dos acontecimentos da semana», tendo o dever de chamar a atenção do meio desportivo para «a 'educação desportiva' das massas, entre as quais as regras e as leis assumem, de modo geral, aspectos secundários...»

Os primeiros 15 mil exemplares do *Record* saíram no sábado, 26 de Novembro de 1949, ao preço de um escudo, com oito páginas (formato 42x29) em que o futebol era o tema central, dedicando a esta modalidade várias entrevistas a futebolistas (um dos temas da capa era uma entrevista ao avançado Espírito Santo) e as páginas centrais (em que o jornalista Alves dos Santos fazia uma antevisão dos jogos de domingo). Teriam igualmente destaque especial modalidades menos populares, como o basquetebol, rãguebi, voleibol, hóquei em campo, automobilismo e atletismo, apresentando também secções inovadoras, casos de «A Figura da Semana», «Ares de Espanha...»¹⁴⁹, «do Porto» (assinada pelo correspondente Armelino Bentes), «Lembra-se disto?» (secção histórica), «Do estrangeiro...», entre outras. No editorial de lançamento do jornal, publicado na primeira página, sob o título «Tentativa de 'Record'», definiam-se as linhas condutoras a seguir: «O aparecimento de um novo jornal desportivo, num meio considerado tão acanhado como o nosso, constitui, pelo menos, um golpe de audácia, de que raros conseguem sair-se com êxito. O nosso jornal manterá, no entanto, uma posição de completa independência, pois não está ligado – a não ser por laços de estima – a outras empresas similares.»

Dirigido por Fernando Ferreira, com Monteiro Poças como editor e Afonso Lacerda a chefe de Redacção (cargo que abandonaria pouco depois), o *Record* depressa mereceu a simpatia do público e dos colegas da imprensa¹⁵⁰, duplicando, ao fim de seis meses, o número de páginas da edição de sábado.

Em Junho de 1950, o *Record* sofreria o embate directo de um dos principais rivais, o bissemanário *A Bola*, que até então saía às segundas e quintas-feiras, avançando nessa altura com uma terceira edição, ao sábado, precisamente no dia em que se publicava o *Record*, e tudo a pretexto de dedicar mais espaço às modalidades menos populares. O objectivo, no entanto, parecia claramente tentar retirar leitores ao *Record*, azedando a relação entre os dois jornais, principalmente depois de começar a circular o

149 Esta secção era assinada por Enrique Gil de La Vega, subdirector do jornal desportivo madrilenho *Marca*, e colaborador do *Ruedo*. O *Record* esperava poder continuar a contar com a sua colaboração nos números seguintes.

150 E.g. *A Bola* referiu-se ao *Record*, na edição de 28 de Novembro de 1946 (p. 4), com as seguintes palavras: «Salu, no sábado, o primeiro número do excelente semanário desportivo 'Record'. Com óptimo aspecto gráfico, impresso a cores, apresenta uma expressão moderna e dinâmica. Ao novo jornal, cuja realização representa apreciável esforço e do desejo de contribuir para o prestígio e expansão do desporto, desejamos vida longa e próspera.»

boato de que Cândido de Oliveira, fundador de *A Bola*, havia afirmado que «em três semanas acabava com o Record»¹⁵¹ – esse rumor contribuiu para o corte de relações entre os dois jornais, apenas reatadas em 1958 após a morte de Cândido de Oliveira, momento que gerou uma onda de consternação e solidariedade no jornalismo desportivo. Na hora de comemorar o primeiro aniversário, em 25 de Novembro de 1950, a direcção do *Record* mostrou-se confiante: «O nosso jornal veio a lume num período ‘aziago’ do jornalismo desportivo e no meio da incredulidade do público e da descrença dos entendidos no assunto. O ambiente não nos amedrontou. Foi ousada a tentativa de ‘Record’? Sem dúvida. Mas, que havia possibilidades de êxito, provou-o a evidência.»¹⁵²

O *Record* resistiu ao impacto de *A Bola*, embora tivesse atravessado um período difícil em 1952, ano em que o *Diário Popular*, que tinha como administrador Brás Medeiros (antigo presidente do Sporting CP), decidiu comprar a quota (51 por cento) do *Record* a Fernando Ferreira, resolvendo-se, assim, a situação difícil que atravessava o jornal. Essa mudança de propriedade permitiu ao semanário ganhar um novo fôlego e passar a bissemanário (ao sábado acrescentava agora a terça-feira) em 3 de Fevereiro de 1953, optando por edições de 16 páginas.

Pouco depois, em 25 de Abril de 1953, o principal rival do *Record*, o trissemanário *A Bola*, atingia a edição 1.000, enaltecendo o espírito criado no jornal desde 1945: «Em 1.000 ‘partidas’ jogadas, o TEAM de ‘A BOLA’ ganhou experiência, apurou o espírito de equipa, fortaleceu a sua coesão, afinou as qualidades dos mais novos, ganhou, enfim, condições para a renovação incessante».¹⁵³ *A Bola* custava então 1\$50, publicando-se três vezes por semana (segundas, quintas-feiras e sábados), sendo os cargos directivos ocupados por dois fundadores: Ribeiro dos Reis como director e Cândido de Oliveira como director-adjunto.

No início da década de 1950, a principal vítima da forte concorrência que se estabeleceu em Lisboa entre *A Bola*, *Record* e *Mundo Desportivo* viria a ser

151 A Redacção (1989, 26 de Novembro). O melhor jornal desportivo português. *Record* (Suplemento 40.º Aniversário), p. 19.

152 A Direcção (1950, 25 de Novembro). Primeiro ano. *Record*, p. 1.

153 *A Bola* (1953, 25 de Abril). 1000. *A Bola*, p. 1.

a revista ilustrada *Stadium*, publicada pela última vez em 26 de Dezembro de 1951 (número 469), contando na direcção com Guilhermino de Matos e na chefia de Redacção com Tavares da Silva. Meses antes, no Porto, tinha também sucumbido outra publicação desportiva de referência, a revista *Sporting*, publicada desde 25 de Março de 1921. O «Rosa» saiu pela última vez¹⁵⁴ em 24 de Setembro de 1951, apresentando ainda Oliveira Valença como director, editor e proprietário, nome que estivera ligado ao jornal desde a fundação. Era o fim de um periódico que se publicara 2.059 vezes, durante mais de 30 anos (comemorara esse aniversário em 2 de Abril de 1951).

11. Ressurgimento da imprensa desportiva especializada

Ao contrário do que sucedeu com a imprensa desportiva generalista, que entrou numa fase de estabilização, o jornalismo desportivo especializado começou gradualmente a crescer a partir de 1946, surgindo 20 novas publicações até 1953 – recordemos que entre 1937 e 1945 tinham-se publicado unicamente cinco novos jornais deste género. O meio desportivo lisboeta foi o grande impulsionador do crescimento da imprensa desportiva especializada, estando na origem de 14 dos 20 novos periódicos, espalhando-se os restantes pelo Porto (2), Barreiro, Coimbra, Tomar e Lourenço Marques (Moçambique).

A área informativa dos desportos motorizados, em especial o automobilismo, que tinha dominado a criação de publicações especializadas na década de 1930, viu surgir somente dois novos periódicos entre 1946 e 1953: o primeiro no Porto, com o título *O Motor*¹⁵⁵, publicado mensalmente entre Março de 1947 e Junho de 1950; e o segundo, o mensário *Actividade Automobilística*¹⁵⁶, publicado em Lisboa entre Janeiro de 1950 e Junho de

154 Teve mais duas edições, em 23 de Setembro de 1952 (publicou uma extensa lista com as iniciativas desenvolvidas) e 23 de Setembro de 1953, para manter o título, na esperança de regressar, o que não sucedeu.

155 O número de apresentação saiu em Março de 1947, assumindo-se como a continuação de *O Motor* (Porto, 1936-1937). Propriedade de José Barrote Júnior, que também o dirigia, sofreu diversas interrupções (após o número espécime de Março de 1947, só voltou a publicar-se em Janeiro de 1949), centrando o noticiário no automobilismo.

156 Começou por ter pouco noticiário sobre automobilismo, sendo o órgão Assistência Técnica Automobilística, Lda. A chegada de Ápio Garcia à direcção, em 1950, fez com que passasse a publicar mais notícias de desporto automóvel. Sobressaíam a secção «Nós e a mulher», assinada por Gabriela Castelo Branco, e as coberturas dadas a várias provas automobilísticas, como o Rallye As 24 Horas de 'A Bola' (Maio de 1951), o 5.º Rallye Internacional de Lisboa e o 1.º Rallye Automóvel do Porto (Junho de 1951) ou o I Rallye Automóvel Feminino (Setembro de 1951). Quando cessou publicação, em Junho de 1952, no número 19, apresentava o subtítulo «Revista dos Desportos Mecânicos».

1952. A ausência de mais títulos neste campo informativo ficou-se a dever, em grande medida, ao papel hegemónico exercido pela revista lisboeta *O Volante*, publicada regularmente desde 7 de Agosto de 1926, sob a direcção de A. de Campos Júnior. Embora muito afectada pelas dificuldades económicas¹⁵⁷ impostas durante a Segunda Guerra Mundial e na pós-guerra, a revista *O Volante* superaria as várias contrariedades, comemorando em 5 de Agosto de 1946 o 20.º aniversário (edição 598). A normalidade regressou em inícios de Janeiro de 1948, altura em que reassumiu o tradicional formato revista, um grafismo mais apelativo e a periodicidade trimensal (saía nos dias 5, 15 e 25 de cada mês), reforçando-se também com novas secções, como «Turismo» e, mais tarde, «Todos os Desportos Comentados» (por Alberto Freitas). Este retorno à tranquilidade fez com que a revista se reforçasse, ainda mais, no campo dos desportos motorizados (em Outubro de 1944 lançara o suplemento *Asas*, dedicado à aeronáutica), durante a década de 1950, tornando difícil o aparecimento de publicações nesta área informativa.

Entre 1946 e 1953, para além dos desportos motorizados, apareceram periódicos repartidos por mais 17 modalidades ou áreas informativas ligadas ao desporto (aeronáutica, biografias desportivas, caça, desportos ao ar livre, desporto infantil, esgrima, futebol, golfe, hipismo, hóquei em patins, natação, pesca, tauromaquia, ténis, vela, voleibol e xadrez), numa clara demonstração do alargamento dos interesses dos desportistas e leitores portugueses, cada vez mais interessados noutros desportos (além do popular futebol), sendo natural a criação de jornais para os promover. Porém, a maioria das publicações teria uma vida editorial relativamente curta, fruto das dificuldades económicas gerais, da instabilidade do meio desportivo e dos poucos leitores, como sucederia com *O Xadrez*¹⁵⁸ (Barreiro, 1946), *Jornal de Xadrez*¹⁵⁹ (Porto,

157 Em 20 de Setembro de 1939 passou de trimensal (saía três vezes por mês) a mensal, reflexo da supressão da actividade automobilística na Europa (efeitos do racionamento da gasolina), aumentando também o preço do papel (em 25 por cento na primeira semana de guerra) e os custos de impressão (em 40 por cento), verificando-se uma natural retracção do mercado publicitário. *O Volante* comemoraria efusivamente a edição 500, de 20 de Novembro de 1940, altura em que estimava (cf. p. 3) ter publicado 11 mil páginas, das quais 4.500 de publicidade, que renderam entre 2.250 e 2.500 contos (cada página de publicidade custava 500 escudos). Foi forçado a mudar de formato e a aumentar o preço de capa por diversas vezes (em Fevereiro de 1946 passou de 2\$00 para 2\$50).

158 Publicou seis números, entre 1 de Julho e 1 de Setembro de 1946, sob a direcção de Mário José Pinto Gomes. Apareceu em Junho de 1951 com uma II série, mas não passou desse número.

159 Dirigido por Américo Martins, publicou dez edições, entre 1 de Setembro de 1946 e Outubro-Dezembro de 1947.

1946-1947), *Ases do Desporto*¹⁶⁰ (Coimbra, 1947), *Jornal dos Caçadores*¹⁶¹ (Tomar, 1947), *Natação*¹⁶² (Lisboa, 1948), *Caça e Pesca*¹⁶³ (Lisboa, 1949), *Esgrima*¹⁶⁴ (Lisboa, 1949-1950), *Ténis e Golfe*¹⁶⁵ (Lisboa, 1950), *Ar Livre*¹⁶⁶ (Lisboa, 1950-1953), *Voleibol*¹⁶⁷ (Lisboa, 1950-1951), *Sol e Sombra*¹⁶⁸ (Lisboa, 1951), *Futebol*¹⁶⁹ (Lisboa, 1952), *Moçambique Taurino*¹⁷⁰ (Lourenço Marques, 1951), *O Aero*¹⁷¹ (Lisboa, 1953-1957) e *Crónica Desportiva*¹⁷² (Lisboa, 1953).

Unicamente três jornais de especialidade conseguiram consolidar-se entre os leitores, apresentando linhas editoriais distintas. A primeira foi a *Vela*, revista bimestral lançada em Março-Abril de 1946, em Lisboa, tendo António de Meneses como director e editor, cabendo a propriedade à Sociedade de Propaganda dos Desportos Náuticos. O primeiro número esgotou, apesar do elevado preço (8\$50 por exemplar), apresentando 48 páginas de qualidade (em papel couché, formato 29x22, com 13 delas preenchidas por 46 anúncios de publicidade, centrados na actividade náutica). Assumindo-se como uma «revista nacional»¹⁷³, a *Vela* apresentava um variado noticiário (remo, vela, motonáutica, natação, pescas desportiva, turismo náutico) e secções interessantes, como «A 'Vela' no Império Português» (noticiário das Províncias Ultramarinas) ou «Norte-Sul-Leste-Oeste» (noticiário internacional).

160 Saiu um único número (de cariz biográfico), em Fevereiro de 1947, dedicado ao jogador de futebol Bentes.

161 Editado pela Comissão Venatória Concelhia de Tomar, saiu só uma vez, em Julho de 1947.

162 Revista mensal de desportos aquáticos, publicou-se entre Janeiro e Junho de 1948.

163 Revista mensal, publicou cinco números, entre Janeiro e Maio de 1949, sob a direcção de José Rocha Ramos.

164 Mensário dirigido por Júlio Borges, publicou dez números, entre 15 de Fevereiro de 1949 e 30 de Abril de 1950.

165 Revista mensal, saiu em Junho de 1950, sob a direcção de J.M. Serra e Moura, terminando no número seis, de Novembro-Dezembro de 1950, afectada por graves problemas financeiros e atrasos nas datas de publicação.

166 Com o subtítulo de «Revista Mensal de Campismo, Desporto e Cultura», publicou-se entre Agosto de 1950 e Setembro de 1953 (n.º 17), sob a direcção de Napoleão Gonçalves, sendo o suplemento da revista *Natura*.

167 Mensário desportivo dedicado ao voleibol, publicou nove edições, entre Outubro de 1950 e Agosto de 1951, cabendo a direcção a G. Sousa Martins e a propriedade e edição a Camacho Lúcio.

168 «Quinzenário Português de Tauromaquia», saiu sete vezes, entre 11 de Maio e 21 de Julho de 1951.

169 «Magazine Desportivo Ilustrado», saiu uma vez, com 36 páginas de análise à época futebolística de 1951-52, sob a direcção de Vasco Santos e edição de Raul Biscaia Vieira.

170 Editado pelas Organizações Punteret, de Lisboa, para promover os seus festivais taurinos em Moçambique, teve uma edição única, em Dezembro de 1951.

171 Lançado em Setembro de 1953, por Mário Silva, este mensário assumiu o subtítulo de «Jornal Aeronáutico Português» no número seguinte (Fevereiro de 1954), referindo também os media estrangeiros que o citaram: *Les Ailes* (França), *La Dépeche de L'Aire* (Suíça), *Aeronautiques* e *Revista de Aeronáutica* (Espanha), *Asas* (Brasil), *Aeronautical Sciences* (EUA), *Aero-Mundial* (Argentina) e a Rádio Nacional de Espanha (RNE) no programa «Hora de Actualidad». Faria alguma concorrência à *Revista do Ar* (em publicação desde 1937), mas terminaria em 1957, no número 15.

172 Dedicado ao hóquei em patins e à Selecção Nacional de Hóquei, saiu uma única vez, em 30 de Maio de 1953.

173 A Redacção (1946, Março-Abril). Mão de vento. *Vela*, p. 7.

Nos meses seguintes, a *Vela* conseguiu estabelecer permutas com várias publicações estrangeiras, possibilitando o intercâmbio de informações e de artigos, como sucedeu com as revistas norte-americanas *Yachting*, *The Rudder*, *Model Yachting Review*; as inglesas *Yachting Monthly*, *Yachting World*, *Yachtsman*, *Motor Boat and Yachting*; as espanholas *Brujula*, *Náutilus* e *Mares*; as francesas *Bulletin du Yacht Club de France* e a *Revue Nautique*; a argentina *Yachting Argentino*; a italiana *Yachting*; e a brasileira *Yachting Brasileiro*. Apesar de ter sofrido várias suspensões¹⁷⁴, a *Vela* conseguiu publicar-se até Dezembro de 1967, num total de 64 edições, caracterizando-se por uma linha editorial conservadora (no Verão de 1959 fez a apologia da realeza portuguesa durante a realização da regata oceânica, baptizada de Taça El Rei D. Carlos I) e apologética do papel do mar na identidade nacional.

Igualmente de teor conservador seria a *Diana – Revista de Caça, Hipismo e Pesca*, lançada em Lisboa, em Novembro-Dezembro de 1948, sob a propriedade de Mário de Almeida e direcção de Manuel do Amaral. Com uma tiragem de alguns milhares de exemplares, a primeira edição apresentava 36 páginas (em papel couché de qualidade, formato 27x21), seis delas preenchidas por 18 anúncios de publicidade, tendo a Redacção explicado aos leitores que a revista vinha «preencher uma lacuna»¹⁷⁵ (meses antes tinha sido lançado gratuitamente um número espécime da *Diana*, para ver a reacção do meio desportivo, que apesar de ter sido pouco entusiasta, criou alguma expectativa). Com um noticiário centrado na caça, pesca e hípica, *Diana* teve um excelente acolhimento, esgotando praticamente a primeira edição, mudando por isso a periodicidade de bimestral para mensal, em Março de 1949, aumentando o número de páginas para 48. A revista iria também beneficiar graficamente com a colaboração do pintor Manuel Lapa, que passou a ilustrar diversos artigos a partir de 1949, juntando-se mais tarde outros ilustradores, como Bernardo Marques, Ana Ferreira de Lima, Jorge Matos Chaves e Vicente da Silva. Ao nível da colaboração escrita, destacaram-se os artigos e ilustrações de Jorge Brum do Canto, os textos sobre pesca de Arsénio

174 A primeira interrupção foi entre Fevereiro de 1948 e Julho de 1949; em Janeiro de 1950 voltou a parar, durante meio ano; em 1951, devido às dificuldades económicas, decide publicar quatro números ao ano, em Fevereiro, Maio, Agosto e Novembro; nova interrupção entre a Primavera de 1957 e o Verão de 1959; em Maio de 1961, comemorou o seu 15.º aniversário, com uma edição de 110 páginas, ao custo de 12\$50.

175 A Redacção (1948, Novembro-Dezembro). Editorial. *Diana*, p. 3.

Cordeiro, sobre caça de João Bravo, Manuel Amaral, Manuel Ferreira de Lima e sobre hípica de José Manuel Salvação Barreto, António Miranda Dias e Jorge Matias. E até vários escritores colaboraram com a revista, casos de Aquilino Ribeiro, Tomás de Figueiredo, Vitorino Nemésio e Metzger Léon.

A revista *Diana* publicou-se regularmente ao longo dos anos 1950 e 1960, apresentando sempre um excelente grafismo e qualidade de impressão, vendo-se forçada a suspender a publicação após a edição 256, de Novembro-Janeiro de 1974-1975 – viria a ter mais três séries, todas de curta duração, em 1980 (2.ª série), em 1988-1990 (3.ª série) e em Junho de 1993 (4.ª série).

A terceira publicação desportiva especializada a ter sucesso entre 1946 e 1953 seria a revista infantil *Desportos do Cavaleiro Andante*, colocada à venda, em Lisboa, em Março de 1953, sob a direcção de Adolfo Simões Muller e propriedade da Empresa Nacional de Publicidade, com sede na Avenida da Liberdade, n.º 266, em Lisboa. Desde 5 de Janeiro de 1952 que se publicava semanalmente a revista infantil *Cavaleiro Andante*, dirigida a um público juvenil, publicando várias aventuras ilustradas. A partir de 7 de Março de 1953, o *Cavaleiro Andante* passou a incluir um suplemento de quatro páginas dedicado ao desporto – a capa do primeiro número foi dedicada ao voleibol. O novo suplemento passaria nesse ano a ser feito pelo jornalista Carlos Pinhão, dando especial realce ao futebol, tema recorrente na primeira página, com excelentes fotografias. O suplemento *Desportos do Cavaleiro Andante* publicou-se regularmente nos anos seguintes, passando em 1956 e 1957 a dedicar as suas habituais quatro páginas a fazer a biografia de desportistas, em especial de jogadores de futebol, como sucedeu a José Maria Pedroto (edição de 28 de Julho de 1956) ou Barrigana (em 13 de Julho de 1957), entre outros. Esta pequena e inovadora revista, recheada de colaborações de jovens e de noticiário desportivo juvenil, cessaria actividade em Dezembro de 1957 (o *Cavaleiro Andante* continuou a publicar-se, sem o suplemento desportivo, até ao número 555, de 18 de Agosto de 1962).

12. Forte crescimento dos órgãos de clubes e instituições

Entre 1946 e 1953, o campo de informação desportiva mais activo seria o dos órgãos informativos dos clubes e instituições desportivas, com 26 novas

publicações, superando os 20 periódicos desportivos especializados e os 12 generalistas, num total de 58 periódicos desportivos criados nestes oito anos (ver Anexo 1). Contudo, tal como sucedeu em períodos anteriores, uma grande fatia desses 26 periódicos teve como única finalidade assinalar uma determinada data comemorativa ou evento desportivo, como foram os casos do *Seleções Desportivas*¹⁷⁶ (Lisboa, 1946), *Desporto e Recreio*¹⁷⁷ (Montijo, 1946), *CF Os Belenenses*¹⁷⁸ (Lisboa, 1946), *Portugal-Inglaterra*¹⁷⁹ (Lisboa, 1947), *Sporting Club de Pombal*¹⁸⁰ (Pombal, 1947), *Futebol Internacional*¹⁸¹ (Lisboa, 1947), *Boletim do Fayal Sport Club*¹⁸² (Horta, 1947), *Clube Atlético Campo de Ourique*¹⁸³ (Lisboa, 1947), *Domingo Desportivo*¹⁸⁴ (Coimbra, 1948), *Vida Desportiva do Benfica*¹⁸⁵ (Lisboa, 1948), *Sport Lisboa e Viseu*¹⁸⁶ (Viseu, 1949), *Casapiano*¹⁸⁷ (Lisboa, 1950), *Boletim do Grupo Desportivo Covilhanense*¹⁸⁸ (Covilhã, 1952), *Boletim do Juventude Sport Clube de Évora*¹⁸⁹ (Évora, 1952) e *Rodagem*¹⁹⁰ (Lisboa, 1953).

Entre 1946 e 1953 publicaram-se oito novos boletins informativos de clubes (ver Tabela 7) com uma boa qualidade geral, conseguindo alguns deles manter-se em actividade ao longo do resto do século XX. A maioria destes periódicos teve origem em clubes cuja popularidade crescia graças ao futebol, seguindo o exemplo que o Sporting CP tinha dado em 1922 com a criação do seu *Boletim*. Em geral, estes órgãos informativos dos clubes tinham como tarefa informar os sócios e adeptos das suas actividades desportivas, criando um elo de ligação entre ambas as partes, uma vez que o número de adeptos dos melhores clubes de futebol começava a crescer fora das cidades de origem

176 Número único dedicado ao primeiro jogo de futebol entre as seleções militares de Portugal e da RAF inglesa.

177 Número único lançado em 16 de Julho de 1946, comemorativo do 23.º aniversário do Onze Unidos Futebol Clube.

178 Número único de 28 páginas, de homenagem ao clube (1919-1946).

179 Número único de 25 de Maio de 1947, dedicado ao jogo de futebol entre Portugal e Inglaterra.

180 Número único de 20 de Outubro de 1947, comemorativo do 25.º aniversário do clube.

181 Número único de Janeiro de 1947, dedicado ao 19.º jogo de futebol entre Portugal e Espanha.

182 Número único, lançado em 2 de Fevereiro de 1947.

183 Número único de Dezembro de 1947, comemorativo do 25.º aniversário do clube.

184 Número único de 10 de Outubro de 1948, dedicado ao jogo de futebol Académica de Coimbra-União de Coimbra.

185 Número único de Maio de 1948, dedicado a homenagear o SL Benfica.

186 Número único de 1 de Agosto de 1949, comemorativo do 25.º aniversário do clube.

187 Número único de 30 de Junho de 1950, dedicado às actividades desportivas do Casa Pia Atlético Clube.

188 Boletim anual, lançado em Maio de 1952, sendo edição única, dedicado às actividades do clube.

189 Saíram vários números anuais (e.g. 1952, 1986, 1988), comemorativos do aniversário do clube.

190 Número único de 1 de Abril de 1953, dedicado às Bodas de Ouro do Automóvel Clube de Portugal.

dessas equipas. Os principais clubes lisboetas contavam, nesta altura, com os seus respectivos boletins informativos (o Sporting CP criou em 1922 o *Boletim do Sporting Clube de Portugal*; o CF Os Belenenses lançou em 1940 *Os Belenenses*; e o SL Benfica criou em 1942 *O Benfica*), sendo por isso natural que outros clubes de alguma dimensão ambicionassem iniciar um projecto informativo das mesmas características.

Tabela 7

Principais Órgãos Informativos de Clubes Criados entre 1946 e 1953

Clube	Publicação	Primeira Edição	Última Edição	Periodicidade inicial
Futebol Clube do Porto	<i>O Porto</i>	24 Maio 1949	N.º 1340, 3 Set. 1986	Quinzenal
Grupo Desportivo Estoril-Praia	<i>Estoril-Praia</i>	Abril 1950	Maio 1951	Mensal
Clube Futebol Estrela da Amadora	<i>Boletim do C.F. Estrela da Amadora</i>	Junho 1951	N.º 7-8, Janeiro 1952	Mensal
Sport Grupo Sacavenense – Sacavém	<i>Boletim do S.G. Sacavenense</i>	Dez. 1951	N.º 7, Maio 1953	Mensal
Clube Sport Marítimo – Funchal	<i>O Marítimo</i>	8 Abr. 1952	N.º 162, 30 Set. 1960 ¹⁹¹	Quinzenal
Lusitano Ginásio Clube, de Évora	<i>O Lusitano</i>	5 Out. 1952	N.º 90, 2 Abr. 1961	Quinzenal
Futebol Clube Barreirense – Barreiro	<i>O Barreirense</i>	28 Dez. 1952	N.º 2, Dez. 2003 ¹⁹² (4.ª série)	Quinzenal
Boavista Futebol Clube – Porto	<i>Boletim do Boavista</i>	30 Jun. 1953 ¹⁹³	N.º 48, 15 Jun. 1955	Quinzenal

Destes oito boletins oficiais de clubes desportivos, aquele que maior destaque adquiriu foi *O Porto – Órgão Oficial do Futebol Clube do Porto*, que serviu como uma espécie de contrabalanço aos órgãos informativos dos três principais clubes lisboetas. Essa ideia ficou expressa no editorial «Razão de

191 Sofreu várias interrupções, a mais longa entre 18 de Fevereiro de 1959 e 27 de Janeiro de 1960. Manteve alguma regularidade até ao n.º 162 de 30 de Setembro de 1960. Continuariam a sair edições comemorativas do clube nas décadas seguintes, a última em 21 de Março de 1987.

192 Sofreu diversas interrupções, a primeira entre Dezembro de 1954 e Agosto de 1955. A I série terminou no número 115, de 5 de Outubro de 1963. Iniciou uma II série em 30 de Novembro de 1965, publicando-se até 30 de Abril de 1966. Publicou depois vários números comemorativos, regressando com uma nova tentativa em 30 de Abril de 2000, terminando no n.º 40 de 20 de Dezembro de 2002. Em 2003 voltou a sair, cessando no n.º 2 de Dezembro de 2003.

193 Saiu no ano em que o clube comemorava o seu 50.º aniversário (em Agosto). O *Boletim* criticaria, por diversas vezes, outros órgãos informativos pela falta de isenção: em 15 de Dezembro de 1954 publicou uma «Carta Aberta à Emissora Nacional», em que acusou o redactor Tavares da Silva de parcialidade nos seus comentários futebolísticos; em 31 de Janeiro de 1955 criticou as rádios locais do Porto por darem pouca cobertura ao Boavista FC. O *Boletim do Boavista* viria a terminar devido à falta de pagamento das assinaturas e de apoio por parte dos sócios.

ser dum Jornal», assinado pelo director e editor, Leite Maia, na capa do número inaugural de 24 de Maio de 1949: «Efectivamente, quando todos os grandes clubes de Lisboa dispõem do seu órgão jornalístico oficial, através do qual prolongam, no domínio espiritual, o contacto estabelecido domingo a domingo entre os seus atletas, os seus milhares de associados e simples simpatizantes, não fazia sentido que o FC Porto não tivesse também. O jornal é hoje na verdade um factor de influência primordial para o progresso e o desenvolvimento de todas as iniciativas e para a propagação de todas as ideias úteis.» Convém recordar que o FC Porto estava há três anos sem um órgão informativo, depois do desaparecimento, em 1946, do *Boletim do Futebol Clube do Porto*, publicado desde 1935.

No primeiro número, de 24 de Maio de 1949, *O Porto* aproveitou o momento para endereçar uma «saudação»¹⁹⁴ especial à imprensa desportiva portuense, com a qual pretendia vir a manter «as mais amistosas relações de cordialidade»¹⁹⁵, distinguindo cinco jornalistas que considerava terem prestado «assinalados serviços»¹⁹⁶ à Causa Desportiva e ao FC Porto: Luís Martins, um dos mais antigos jornalistas desportivos portuenses e chefe da secção desportiva de *O Comércio do Porto*; Joaquim Alves Teixeira, fundador e director de *O Norte Desportivo*; Oliveira Valença, director de *Sporting* e «pioneiro do jornalismo desportivo portuense»¹⁹⁷; José Martins e Artur Freire, respectivamente chefes das secções desportivas de *O Primeiro de Janeiro* e *Jornal de Notícias*. O número inaugural foi um êxito, esgotando-se nas duas primeiras horas em que foi colocado à venda nas ruas da cidade, para satisfação da direcção do clube, fazendo eco disso na capa do número dois, de 7 de Junho de 1949. Nessa segunda edição, destacava-se o artigo «O Porto és tu...», publicado na página três, em que eram apresentados os vários motivos que deviam levar os portistas a comprarem o jornal, insistindo na ideia de que o boletim era «um pedaço da alma» do clube, servindo de «íman» de ligação entre todos, contribuindo para formar e reforçar a grande família portista. Outra questão importante, abordada na segunda edição, relacionou-se com a ideia de

194 *O Porto* (1949, 24 de Maio). Saudação. *O Porto*, p. 2-3.

195 *Idem*, *ibidem*.

196 *Idem*, *ibidem*.

197 *Idem*, *ibidem*.

imparcialidade jornalística, focada na secção «O Porto em Lisboa» (página seis), assinada pelo jornalista Rodrigues Teles. Nessa análise, Teles assumia-se claramente como adepto do FC Porto, afirmando, no entanto, que quando estava no «papel de crítico» se esquecia «o mais possível» da agremiação a quem sempre fora devotado, acreditando mesmo que era «o pior apreciador público das suas façanhas desportivas.» E questionava-se sobre se o facto de um jornalista desportivo ser adepto de um clube influiria realmente nas suas análises jornalísticas: «Pode este caso, esta 'simples' coisa, adulterar o pensamento, desviar o senso crítico de cada um, jornalista ou modesto criador dos espectáculos desportivos? Aqui está um problema. Uma tese – se quiserem». Quanto aos «jornalistas sem clube», como alguns se definiam, Rodrigues Teles mostrava-se ironicamente surpreendido «quando os jornalistas 'sem clube', rigorosamente 'imparciais', se mostram apaixonados, muito pouco serenos ao julgar uma exibição, o valor de um atleta ou a categoria de uma colectividade...».

O trajecto de sucesso de *O Porto*, nos primeiros meses de publicação, faria com que passasse de quinzenal a semanal em Agosto de 1949, indo de encontro às boas vendas dos primeiros números e à necessidade de actualidade das notícias. Em 23 de Maio de 1950, na sua edição 42, o jornal comemorou o primeiro aniversário, reforçando a ideia da necessidade de um boletim deste género num clube com a dimensão do FC Porto – no dia seguinte organizou-se um jantar comemorativo do aniversário, nas instalações da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, contando com a presença de representantes das secções desportivas da imprensa portuense (Eduardo Soares, de *O Comércio do Porto*; Daniel Felgueiras, do *Jornal de Notícias*; José Moreira, repórter-fotográfico; Tito Lívio van Kreiken, do *Diário do Norte*¹⁹⁸; e Júlio Silva, director da *Ideal-Rádio*, onde todas as terças-feiras, às 20h00, era emitido o programa «A Voz dos Portistas», dedicado ao clube).

Apesar da boa receptividade junto dos sócios e adeptos, *O Porto* atravessaria em 1950 e 1951 um vasto conjunto de vicissitudes, sobretudo económicas, devido ao aumento de 30 por cento do preço do papel, acumulando um défice de algumas dezenas de contos, tal como sucedeu com

198 Estaria envolvido em várias organizações desportivas, como a Volta a Portugal em Bicicleta.

O Benfica, que encerrou o exercício de 1950 com 60 contos de prejuízo. Ambas publicações tinham nesta altura uma excelente relação, chegando a transcrever artigos¹⁹⁹ uma da outra, trocando elogios mútuos. Apesar das dificuldades económicas, ambos órgãos informativos conseguiriam manter-se em publicação ao longo da década de 1950 e nas seguintes, assumindo-se como duas das principais referências ao nível da informação desportiva ligada aos clubes em Portugal.

No campo da informação desportiva institucional surgiriam unicamente três órgãos informativos, mas sem grande longevidade ou regularidade editorial. Em Dezembro de 1951 saiu em Lisboa o primeiro número de *O Remo – Boletim Periódico da Federação Portuguesa de Remo*, que tinha como objectivo publicar-se gratuitamente, de quatro em quatro meses, de forma a promover o remo em Portugal, sobretudo com vista à participação portuguesa nos Jogos Olímpicos de Helsínquia em 1952. Mas não passaria das três edições, terminando em Outubro de 1952, com dez páginas dedicadas a analisar as Olimpíadas e a participação portuguesa no evento.

Em 9 de Fevereiro de 1953 foi a vez de iniciar a publicação, em Lisboa, o boletim *O B.N.U. no Desporto*, propriedade do Grupo Desportivo do Banco Nacional Ultramarino (BNU), centrando o seu noticiário na actividade desportiva dos diversos bancos em Portugal. Inicialmente de fraca qualidade, o boletim foi melhorando gradualmente, sob a direcção de Manuel de Almeida, publicando-se durante quatro anos, suspendendo actividade no número 47-48 de Janeiro e Fevereiro de 1957.

Em 1953 apareceu um outro periódico desportivo institucional, mas ligado ao automobilismo, com o título de *ATCA – Revista de Automobilismo, Aviação e Turismo*, órgão do Automóvel e Touring Clube de Angola, com sede no Palácio do Comércio, em Luanda – a revista, cujo primeiro número saiu em 10 de Setembro, aparecia pela segunda vez, depois de uma tentativa fracassada em 1941. Esta segunda série, dirigida pelo Dr. A. Homem de Melo, conciliaria o noticiário automobilístico local (de Angola) com o da Metrópole (Portugal continental, sobretudo Lisboa), dando também destaque às notícias internacionais, socorrendo-se da imprensa estrangeira, em especial da revista

199 Cf. edição de 9 de Abril de 1953 de *O Benfica*, p. 1.

francesa *L'Argus*. Apesar da vontade de manter em actividade a revista, a *ATCA* terminaria ao fim de 12 números, em Fevereiro de 1958. Regressaria em Julho de 1959, no rescaldo da II Semana Automobilística Internacional de Luanda, organizada pelo Automóvel e Touring Clube de Angola – a prova teve ampla cobertura nas secções desportivas do *Diário de Luanda*, *A Província de Angola*, *ABC – Diário de Angola*, *Jornal do Congo* e no jornal desportivo *Angola Desportiva*. A terceira série da revista *ATCA* prolongou-se até ao número 56, de Dezembro de 1974, altura em que apresentava os subtítulos de «Revista de Automobilismo, Desportos Náuticos, Aviação, Motociclismo e Turismo» e «A Maior Expansão no Estado de Angola em Revistas Turísticas-Desportivas».

CAPÍTULO 12

1954-1957: Período áureo da informação clubista

1. O panorama evolutivo no estrangeiro

A evolução da imprensa desportiva internacional, sobretudo no centro da Europa, na década de 1940, ficou indelévelmente marcada pela Segunda Guerra Mundial (1939-1945), existindo claramente uma evolução positiva do desporto e do jornalismo desportivo a partir de 1946, com efeitos que se arrastariam pelas décadas seguintes. O mesmo sucedera em Espanha após o fim da Guerra Civil, em 1939, assistindo-se a um período de crescimento nos anos seguintes, com o aparecimento de uma série de novos jornais desportivos de índole generalista, casos de *Meta* (1941) e *Deportes* (1941), ou de cariz especializado, como o *Automovilismo en España* (1942), *Motor Mundial* (1942) e *El Ruedo* (1943). Em Novembro de 1942, o semanário *Marca*, criado em 1938, passaria a diário por ordem expressa de Franco (Alcoba, 1999: 69), começando a apresentar tiragens de 140 mil exemplares, vendidos a um preço reduzido (40 cêntimos) – as maiores tiragens de *Marca* seriam em 1950, por altura da vitória de Espanha sobre a Inglaterra, no Campeonato do Mundo de Futebol, atingindo os 425 mil exemplares.

A partir do final da Segunda Guerra Mundial observou-se um renascer da imprensa desportiva europeia, especialmente em França, que em 1939 assistira ao encerramento da maioria dos jornais desportivos devido ao início do conflito. Um dos poucos periódicos que se manteve em actividade durante a ocupação nazi foi o histórico *L'Auto*, suspenso em 17 de Agosto de 1944 após a libertação de Paris¹ pelos Aliados e a entrada em vigor do decreto que determinava o encerramento de todos os diários publicados durante o período de ocupação alemã (conotados com colaboracionismo). A direcção e redacção do *L'Auto* transitariam, em inícios de 1946, para o *L'Équipe*, diário desportivo lançado em Paris, em 28 de Fevereiro, por acção do Movimento Republicano Popular Democrata-Cristão. Nesse ano, o movimento socialista estaria na base do diário desportivo *Élans*, cabendo aos comunistas a tarefa de publicar o terceiro diário desportivo lançado em 1946, o *Les Sports*. Em 18 de Junho de

¹ A libertação de Paris teve grande eco na imprensa internacional. No caso português, *Os Sports* daria relevo ao acontecimento na edição de 26 de Agosto de 1944, no editorial «Em França», assinado pelo director Raul de Oliveira.

1946, face à forte concorrência do *Les Sports*, lido por cerca de 60 por cento dos leitores desportivos franceses, *L'Équipe* e *Élans* fundiram-se, sob o título de *L'Équipe*, iniciando uma campanha de angariação de novos leitores. O novo *L'Équipe* iria beneficiar da inexperiência da direcção do *Les Sports*, que se deixaria envolver em lutas políticas, com o público desportivo a não perdoar a promiscuidade com a política (Marchand, 1989: 19), baixando gradualmente as vendas, suspendendo-se pouco depois – a saída de cena do *Les Sports* faria com que o *L'Équipe* fosse o único diário desportivo francês em publicação até 1987, ano em que surgiu o *Le Sport*.

Além da imprensa diária, verificou-se em 1946 um extraordinário crescimento do jornalismo desportivo francês em geral, aparecendo um vasto leque de novos periódicos generalistas (*Plaisirs des Sports*, 1946-1951; *Record*, 1946-1948; *But*, 1946-1947; *Club*, 1946-1947) e especializados (*La Locomotion*, 1946-1956; *France-Football*; *Miroir-Sprint*, 1946-1971). Nos anos seguintes, esta tendência manteve-se, surgindo o *But et Club* (1947-1965), *Midi Olympique* (1948) e *L'Auto-Journal* (1949). Contudo, apesar do crescente número de publicações desportivas, o *L'Équipe* seria a grande referência do jornalismo desportivo francês e internacional ao longo dos últimos anos da década de 1940 e durante os anos 1950, conseguindo tiragens elevadas, especialmente durante o Tour de France ou, como sucedeu em 1948, por ocasião da disputa do Campeonato do Mundo de Boxe de Pesos Médios, conquistado nos EUA por Marcel Cerdan, levando a tiragens de 850 mil exemplares.

Em Espanha, embora sem as proporções que assumiu em França, também surgiram vários periódicos desportivos de interesse em 1946, realçando-se o madrilenho *Mefa*, lançado em 21 de Setembro, contando entre os seus correspondentes estrangeiros com o redactor lisboeta Tavares da Silva. No jornalismo especializado destacaram-se o jornal *Ténis-Golf* (1946) e a revista *Caza y Pesca* (1949), entre outros. Na década de 1950, o jornalismo desportivo espanhol continuaria a produzir novas publicações periódicas, principalmente na área da imprensa especializada: o *Atletismo Español* (1951), *Motociclismo* (1952), *Motor Mundial* (1953), *El Mundo del Motor* (1954), *Ténis Español* (1956) e *Auto Revista* (1959). No campo generalista, além do diário madrilenho *Marca* e do catalão *El Mundo Deportivo*, apareceu a revista desportiva *Dicen*, em 13 de Novembro de 1952, em Barcelona, que se

converteria em 19 de Janeiro de 1965 no primeiro diário desportivo vespertino do mundo (Alcoba, 1999: 71). A este cenário havia que acrescentar as secções desportivas dos jornais generalistas, realçando-se, por exemplo, em 1958, os matutinos *Hoja del Lunes*, *Ya*, *Pueblo* e *Informaciones*.

Em França, após o forte crescimento do final dos anos 1940, a década de 1950 seria de estabilização, aparecendo, no entanto, alguns títulos de qualidade, como o *L'Écho des Sports* (1952-1957) e o *Tennis et Golf* (1952-1970). O aumento da actividade jornalística desportiva deu azo a um discurso corporativista à volta da figura do jornalista desportivo francês, consubstanciado em 1958 na criação da *Union Syndicale des Journalistes Sportifs de France* e da *Association Française de la Presse Automobile*.

A área informativa ligada aos desportos motorizados esteve especialmente activa durante a década de 1950, proliferando pela Europa e América as publicações dedicadas, sobretudo, ao automobilismo: na Bélgica, *L'Avenir du Transport Routier* e *Englebert Magazine* (ambas de 1953); na Itália, *Pirelli* (1953), *Tuttosport Motori* (1953) e *L'Automobile* (1960); na Suíça, o *Auto* (1953); na Inglaterra, *The Autocar* (1953) e *Bedford Transport Magazine* (1954); no Brasil, *Auto Magazine* e *O Mundo Motorizado* (ambas de 1953).

Além deste campo informativo, o jornalismo desportivo generalista viu surgir também alguns periódicos de qualidade, sobressaindo dois títulos: em Itália, o *Tuttosport*, lançado em Turim, em Fevereiro de 1953, permanecendo em publicação durante o resto do século XX; e nos EUA, a revista *Sports Illustrated*, criada em 10 de Agosto de 1954 e que se viria a converter no maior semanário desportivo do mundo², publicando-se até ao século XXI. Na Alemanha, a recuperar da guerra, ganhariam prestígio, em 1954, a revista *Quick*, publicada em Munique, e o jornal *Sportbericht*, de Estugarda. Na Bélgica, por seu lado, teria grande sucesso a revista *Velo-Jaarboeken*, iniciada em 1956 e publicada até final do século XX. E na Suécia, o jornalismo desportivo teria especial destaque nas páginas de dois dos principais periódicos generalistas: no *Idrottsbladet*, que em 1953 era o mais importante jornal de Estocolmo, e no *Dagens Nyheter*, que em 1955 contava na redacção com Bo Bystrom, um dos mais importantes jornalistas desportivos suecos.

2 Em 1999, apresentava uma tiragem média de 3,15 milhões de exemplares, com cerca de 24 milhões de leitores.

2. Rivalidades entre a imprensa desportiva generalista

Em Portugal, a linha evolutiva da imprensa desportiva sofreu uma ligeira subida entre 1954 e 1957, fruto essencialmente do aparecimento de novos boletins ligados aos clubes e a instituições desportivas. Recordemos que desde 1936, ano em que se publicaram 14 novas publicações, que o número anual de novos periódicos não subia acima da dezena (ver Anexo 1), ciclo rompido em 1954 com o aparecimento de 17 publicações periódicas desportivas, distribuídas por 12 órgãos de clubes e instituições, quatro generalistas e um especializado. Nos três anos seguintes, esta tendência manteve-se, surgindo 14 novas publicações desportivas em 1955, 10 em 1956 e 11 em 1957, perfazendo um total de 52 novos periódicos desportivos, no espaço de quatro anos (1954-1957), divididos entre 27 órgãos de clubes e instituições, 15 periódicos desportivos generalistas e 10 especializados.

O campo do jornalismo desportivo generalista, área mais importante da informação desportiva, foi dominado na década de 1950 pelo trio lisboeta formado por *A Bola* (1945), *Mundo Desportivo* (1945) e *Record* (1949), a que se juntava no Porto *O Norte Desportivo* (1934), em Coimbra *A Voz Desportiva* (1926), no Funchal o *Correio Desportivo* (1926) e em Luanda o *Angola Desportiva* (1930). O trio lisboeta, apesar da concorrência regional, era claramente hegemónico a nível nacional, publicando-se nos seguintes dias: *A Bola* saía às segundas, quintas-feiras e sábados (com uma tiragem média de 21 mil exemplares), enquanto o *Mundo Desportivo* o fazia às segundas, quartas e sextas-feiras (com uma tiragem média de 24 mil exemplares), com o *Record* a sair às terças-feiras e sábados – o único dia da semana livre, sem sair nenhum destes periódicos, era o domingo (dia habitual das competições desportivas, em especial dos jogos de futebol), existindo um dia, a segunda-feira, em que se publicavam os três, e outro dia, o sábado, em que coincidiam nas bancas *A Bola* e *Record*.

Obviamente que este cenário concorrencial fez com as relações entre os três periódicos nem sempre fossem cordiais. A decisão de passar a sair ao sábado, tomada por *A Bola*, em Junho de 1950, foi vista como uma afronta por parte do *Record*, conduzindo a um corte de relações entre os dois jornais, que se manteria durante oito anos. Por seu turno, *O Mundo Desportivo*, com uma linha editorial mais tradicionalista, fruto da herança do seu antecessor, *Os*

Sports, e de uma direcção chefiada pelo veterano jornalista Raul de Oliveira, não se coibiu de lançar fortes críticas ao rival *A Bola* durante a segunda metade dos anos 1940, estendendo-as ao *Record* na década de 1950. Na origem das críticas estava, quase sempre, aquilo que considerava a «exploração do escândalo»³ feita pelos jornais rivais, contrapondo a isso «um jornalismo calmo, sem a preocupação de forjar o artigo sensacional, sem escândalo, sem ofender ninguém, sem mistificar o público, sem excitar os atletas»⁴, como era preconizado pelo *Mundo Desportivo* em Abril de 1946.

Por seu turno, *A Bola* encarava o *Mundo Desportivo* como um rival que combatia com armas diferentes, uma vez que contava com o poder económico da Empresa Nacional de Publicidade, igualmente detentora do colosso *Diário de Notícias*, então um dos jornais mais vendidos em Portugal, a par com *O Século*. Essa estrutura empresarial permitia ao *Mundo Desportivo* organizar a popular Volta a Portugal em Bicicleta, juntamente com o *Diário de Notícias*, reforçando a sua presença junto do público português. Além da capacidade organizacional, a estabilidade económica do *Mundo Desportivo* permitia-lhe mandar regularmente enviados-especiais ao estrangeiro, para acompanhar as equipas portuguesas nas suas deslocações⁵ e para fazer a cobertura noticiosa dos grandes eventos desportivos internacionais⁶. Essa diferença de meios económicos, no entanto, não impedia *A Bola* de apresentar um noticiário desportivo de grande qualidade e diversidade, assente em visões progressistas do desporto – em Setembro de 1947, o *Mundo Desportivo* insurgiu-se contra *A Bola* devido a um dos seus fundadores, Cândido de Oliveira, ter publicado um artigo sobre o profissionalismo no futebol, assunto polémico na época, com parte da imprensa a defender o tradicional modelo amadorista.

A rivalidade entre os principais periódicos desportivos portugueses fez com que aumentassem as preocupações gráficas e editoriais de cada um dos jornais, de forma a cativar mais leitores desportivos. Em 10 de Julho de 1950, no *Mundo Desportivo*, o chefe de redacção, Neves Reis, faria na secção

3 Reis, N. (1948, 30 de Junho). A razão e o instinto. *Mundo Desportivo*, p. 12.

4 A Redacção (1946, 8 de Abril). No limiar do 2.º ano. *Mundo Desportivo*, p. 1.

5 E.g. em 1948, o jornalista Alberto Freitas passa a acompanhar a Selecção Nacional nas deslocações internacionais, enviando artigos para o *Mundo Desportivo* e *Diário de Notícias*; o redactor Adriano Peixoto acompanha a equipa de futebol da Associação Académica de Coimbra numa digressão pela Bélgica.

6 Durante o Campeonato do Mundo de Futebol do Brasil, em 1950, contou com o jornalista Lança Moreira em S. Paulo, recorrendo ainda às crónicas do jornalista espanhol Ramón Melcón; em Agosto de 1952, Alberto Freitas é o enviado-especial do *Mundo Desportivo* aos Jogos Olímpicos de Helsínquia.

«Pontos... sem nó!» (publicada na página 12, com o título «Dramas do jornalismo») uma interessante análise ao leitor desportivo português, definindo-o como «um déspota exigente, um tirano que dificilmente se satisfaz». Segundo Neves Reis, qualquer jornal visava uma leitura «efémera e apressada», destinando-se a um público complicado de satisfazer: «Reclama temas diversos todos os dias, ideias diferentes de vinte e quatro em vinte e quatro horas e, se não lhe fornecem nada disso, protesta e insubordina-se. Quer originalidade e matéria nova. A oportunidade nos jornais dura meio-dia escasso, porque há folhas da manhã e folhas da tarde. E é assim o público – inexorável, impiedoso e áspero para o jornalista». E para reforçar a ideia do jornalista como vítima de um público «impiedoso», Neves Reis aproveitou para contar a história do jornalista desportivo Carlos Rauaud, chefe da secção de ciclismo do diário francês *L'Auto*, que enlouqueceu durante a realização da prova ciclista Bordéus-Paris – um dia esteve a dactilografar, durante duas horas, a crónica da corrida, deixando de conseguir articular qualquer ideia, não fazendo qualquer sentido o texto (o *L'Auto* improvisou e pediu ao jornalista Luciano Avocat, da revista *Sporting*, para fazer o comentário da corrida).

A nível gráfico, e de forma a satisfazer o público português, o *Mundo Desportivo* fez uma importante mudança⁷ em 11 de Setembro de 1950, aumentando o formato da página (62x42 centímetros), ganhando assim mais espaço noticioso, equiparando-se aos diários generalistas de referência, estando o novo formato conotado com o jornalismo sério e de prestígio – alguns leitores queixaram-se da mudança, alegando que o anterior formato (44x31) eram mais airoso e fácil de manusear. A necessidade de mais material noticioso faria com que a Redacção do *Mundo Desportivo* fosse reforçada, nos anos seguintes, com a chegada de um vasto leque de redactores e colaboradores: em 19 de Março de 1952 iniciou uma coluna feminina de opinião («Revista Feminina»), da responsabilidade de Maria Lucília; em Fevereiro de 1953, a subdirectão foi entregue a um jovem redactor desportivo, G. Trabucho Alexandre, que brilhara em *O Século*, e o prestigiado redactor

7 Durante a década de 1950 faria outras alterações gráficas e editoriais: em Setembro de 1952 decidiu reforçar a cor nos títulos (azul e vermelho), melhorar o grafismo e publicar caricaturas na primeira página, dando especial destaque ao boxe (passa a exibir o subtítulo «O mais completo jornal da especialidade») e à figura do pugilista americano Rocky Marciano; em Maio de 1953 alargou os conteúdos noticiosos e as modalidades, colocando mais cor nos títulos e melhorando a qualidade de impressão das fotografias (aumentou o preço de 1\$00 para 1\$50); em 12 de Dezembro de 1953 fez uma reunião na sua sede, no edifício do *Diário de Notícias*, em Lisboa, com mais de uma centena de dirigentes desportivos de pequenos clubes lisboetas, afirmando a vontade de ser o porta-voz das suas actividades.

José Ilharco⁸ ficou responsável da popular secção de hóquei em patins; durante 1954 surge na Redacção uma nova geração de jovens jornalistas de qualidade, realçando-se Alfredo Farinha⁹, Carlos Pinhão e David Sequerra; e em Agosto de 1955, começa a colaborar Rebelo da Silva, redactor do *Diário de Notícias* e director do bissemanário humorístico *Os Ridículos*.

Este cenário de reforço redactorial do *Mundo Desportivo* teria, como natural consequência, num meio pequeno e tradicionalmente quezimento, a continuidade nas polémicas com outros jornais desportivos, principalmente com *A Bola*. Visões diferentes sobre o futebol – modalidade mais popular em Portugal e dominadora no espaço noticioso dos periódicos –, alimentaram diversas altercações jornalísticas na década de 1950. Um dos primeiros episódios passou-se em Dezembro de 1952, com Ribeiro dos Reis de *A Bola* e Raul de Oliveira do *Mundo Desportivo* a trocarem argumentos relativamente ao que devia ser o futuro da Selecção Nacional de Futebol, transbordando a questão para insultos do foro pessoal. Na edição de 17 de Dezembro, do *Mundo Desportivo*, o director Raul de Oliveira publicaria na capa o artigo «A Falência dos Mestres...», em que acusava Ribeiro dos Reis (considerado um dos «mestres» do futebol português, junto com o «mestre» Cândido de Oliveira) de não tolerar nem admitir a intromissão de estranhos nos assuntos do futebol português, refugiando-se na ironia para lançar algumas críticas: «O saber e as ciências futebolísticas chegaram ali... e pararam. Quem não é por nós é contra nós – eis a divisa que norteia a democrática intolerância dos empresários da Bola. E ai de quem se atreva a contrariar os seus pontos de vista ou a pôr a nu a inconsistência da sua obra.»

As controvérsias entre os dois periódicos mantiveram-se nos anos seguintes, ganhando especial dimensão em 1956, ano em que ambas direcções se incompatibilizaram. Tudo começou em Fevereiro, quando os dois jornais trocaram argumentos sobre o destino a seguir pelo futebol português,

8 Especialista em hóquei em patins, as suas crónicas tinham um público fiel e numeroso. Em Maio e Junho de 1953, foi o enviado-especial do *Mundo Desportivo* ao Campeonato do Mundo de Hóquei em Patins, disputado em Genebra, onde Portugal ia defender o título, enviando regularmente crónicas e fotografias por via aérea.

9 Depois de uma passagem pelo *Mundo Desportivo*, integrou *A Bola* na década de 1950, deixando os outros dois empregos, na Inspeção Geral do Trabalho e no Casino Estoril, onde era bilheteiro. Sob a chefia de Vítor Santos, Farinha tomou-se num dos mais prestigiados jornalistas de *A Bola*, juntamente com Carlos Pinhão, Homero Serpa e Aurélio Márcio. Assistiu a mais de 1.500 jogos de futebol, produzindo mais de dez mil páginas de jornal (cf. *O Independente*, 28 de Novembro de 1997, p. 35), reformando-se em 1990. Publicou diversas obras, como «João Rocha – Uma vida» ou «Futebol traído e humilhado», colaborando também com o jornal *O Dia*, dirigido por Silva Resende.

apresentando visões diferentes. Cândido de Oliveira, director-adjunto de *A Bola*, criticou duramente o *Mundo Desportivo* pela sua visão mais conservadora, tendo este replicado de forma agressiva. O clima hostil aumentou em meados de Abril, após *A Bola* zombar, na sua secção humorística, com a Empresa Nacional de Publicidade, atacando assim indirectamente o *Mundo Desportivo*.

Este ambiente quezilento que se viveu na imprensa desportiva generalista impediu a formação de uma ideia corporativista à volta da profissão de jornalista desportivo, actividade profissional sucessivamente esquecida pelos responsáveis políticos pelo mundo laboral português. Na década de 1950, o total amadorismo (entendido como actividade não remunerada) do jornalismo desportivo, característico nas décadas anteriores, cedeu definitivamente o lugar a um gradual profissionalismo (remunerado) dos jornalistas desportivos. No entanto, continuava sem aparecer uma associação que agregasse e defendesse os interesses dos jornalistas desportivos, que viam sucessivamente proteladas as suas ambições profissionais e remuneratórias. A indefinição laboral à volta desta actividade geraria fortes críticas nos jornais desportivos, sobretudo após a publicação, em 30 de Novembro de 1951, do número 22 do *Boletim do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência*, que mais uma vez colocou sobre um manto de indefinição a categoria profissional de jornalista desportivo. O editor do *Mundo Desportivo*, Neves Reis, na sua habitual coluna de opinião «Pontos... sem nó!», de 9 de Janeiro de 1952, lamentaria o facto de se reconhecerem, como jornalistas, os profissionais que trabalhavam nas secções desportivas dos diários generalistas e tal não suceder com os que trabalhavam nos jornais desportivos, o que representava «uma falha na definição», sendo a situação «absurda» e «incompreensível». E recorreu à ironia para abordar a questão: «Que é um jornalista desportivo? Parece que pouca gente sabe o que isso quer dizer, mesmo algumas pessoas que são profissionais da imprensa e que tomam o jornalista desportivo como adventício, um ser incómodo e de exígua categoria mental, que não se deve considerar e apenas se... tolera. Os jornais diários enchem, todavia, páginas com abundante noticiário desportivo e dão ao desporto um lugar que a evolução dos tempos e a eloquência das realidades assinalam. O desporto assumiu, de facto, uma importância excepcional em todos os países e exerce

uma atracção irresistível nas multidões, à qual a Imprensa não pode ficar estranha.»

3. Política, desporto e censura

Quem não ficou alheia ao desporto e à imprensa desportiva foi a política, sobretudo depois de Salazar ter reconhecido e proclamado «publicamente que os assuntos de educação física e do desporto tinham de ser olhados como altos problemas do Estado»¹⁰. A figura do chefe de Governo seria, inclusivamente, exaltada em alguns jornais desportivos, como sucederia na capa do *Mundo Desportivo* de 27 de Abril de 1953, que publicou o artigo «Salazar – amigo dos desportos», evocativo do 25.º aniversário da sua entrada para funções governativas. Um parágrafo desse artigo sintetizava um sentimento que era generalizado entre a imprensa desportiva portuguesa: «Salazar deu ordem ao que andava desordenado, arrumou a casa, insuflou fé no espírito dos portugueses, criando-lhes confiança em si próprios e no seu poder realizador. Disciplinou vontades, agrupou competências, reuniu dedicações. Revolução moral e revolução material! E surgiu um Portugal novo, dinâmico, moderno, que os outros países tomam como exemplo de perseverança e de trabalho.»

A ideia que imperara nas décadas de 1920 e 1930, de afastamento entre a política e o desporto, começou a dissipar-se ligeiramente na imprensa desportiva graças à criação de diversas organizações políticas (como já referimos anteriormente) que apresentavam uma índole desportiva: em 1935 fundou-se a FNAT – Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, que passaria a promover concursos de ginástica e o desporto operário; em 1936 surgiu a Mocidade Portuguesa, que criaria centros de educação física masculina; em 1937 apareceu a Mocidade Portuguesa Feminina, promovendo o desporto entre a mulher portuguesa; em 1940 definiu-se a criação do Instituto Nacional de Educação Física, que tinha como função diplomar professores de educação física; e em 1942 surgiu a Direcção-Geral de Educação Física, Desportos e Saúde Escolar, com o objectivo de desenvolver políticas desportivas em Portugal. Esta estruturação organizacional do desporto gerou um discurso positivo na imprensa desportiva à volta dos políticos portugueses,

10 Oliveira, R. (1952, 26 de Março). Como promover a expansão da educação física. *Mundo Desportivo*, p. 1.

em especial de Salazar, discurso esse reforçado nas décadas de 1940 e 1950 com à inauguração dos mais importantes estádios portugueses, apoiados pelos poderes políticos locais e nacionais, indo de encontro às ambições dos principais clubes portugueses e da própria imprensa: em Lisboa foram inaugurados o Estádio Nacional (em 1944), o Estádio da Tapadinha (do Atlético CP, em 1945), o Estádio Pina Manique (Casa Pia AC, em 1954), o Estádio da Luz (SL Benfica, em 1954), Estádio José Alvalade (Sporting CP, em 1956) e Estádio do Restelo (CF Belenenses, em 1956); em Braga foi edificado o Estádio 28 de Maio (SC Braga, em 1950); e no Porto, o Estádio das Antas (FC Porto, em 1952). Todos estes estádios foram vistos como um exemplo da boa relação mantida entre o meio desportivo e o político, dando origem à exaltação do Estado Novo e das suas principais figuras políticas nas primeiras páginas dos jornais desportivos.

A aparente simbiose entre imprensa desportiva e política tinha uma óbvia correlação com o facto dos jornais estarem, a nível editorial e organizativo, dependentes dos Serviços de Censura, que tinham o poder de suspender temporária ou definitivamente qualquer publicação periódica – não foi acidental o facto do *Correio Desportivo*, do Funchal, após uma breve suspensão, imposta pela Censura, em Janeiro de 1944, ter passado a publicar regularmente artigos de exaltação a Salazar e ao Estado Novo.

Em meados da década de 1950, os quatro jornais desportivos generalistas de referência em Portugal – *A Bola*, *Mundo Desportivo*, *O Norte Desportivo* e *Record* – estariam envolvidos em problemas com os Serviços de Censura (os jornais desportivos entravam na «Classificação I – De Educação Física e Desportos»). A maioria dos «processos disciplinares» (terminologia utilizada pelos serviços) instaurados a estes quatro periódicos relacionou-se com três tipos de infracções comuns: a publicação de «matéria não submetida à apreciação dos Serviços de Censura» (terminologia dos serviços); o não cumprimento, total ou parcial, dos «cortes» feitos pela Censura; e a publicação de conteúdos desportivos, considerados problemáticos, após a indicação da Censura para o não fazer. As punições eram habitualmente leves, não passando geralmente de repreensões por escrito, ou então, nos casos um pouco mais graves, aplicava-se a usual multa de 500 escudos (ver Tabela 8). Nas transgressões mais sérias, como sucedeu com o *Correio Desportivo* em 1944 ou *A Bola* em 1946, a punição podia passar por uma suspensão

temporária ou definitiva, dependendo da gravidade da infracção, do cadastro da publicação e das atenuantes e justificações apresentadas pelo infractor.

Tabela 8

Cadastro dos Principais Jornais Desportivos na Comissão de Censura entre 1954 e 1960

Título	Processo N.º	Data	Entradas no Cadastro ¹¹
<i>A Bola</i>	417	1955, Setembro	Publicou, no seu número 1.371, de 8-9-1955, um artigo intitulado «Mais um caso de transferências», sem o ter submetido a censura prévia. Relevada a falta.
		1956, Março	Punido com a multa de 500\$00 por ter publicado no seu n.º 1.453, de 17 do corrente, matéria que não submeteu a censura prévia, nos termos do determinado na Circular destes Serviços, de 16 de Fevereiro último.
		1956, Agosto	Punido com a multa de 500\$00 por ter publicado no seu número 1.518, de 16-8-1956, matéria que não submeteu à apreciação dos Serviços de Censura, não obstante ter sido informado de que não estava dispensado de o fazer.
		1957, Setembro	Não cumpriu completamente um dos cortes feitos no artigo «A Orgânica do Futebol», «Oleras» e «Passeios», publicado no jornal do dia 24 do corrente. Relevada a falta que, no entanto fica registada (Ofício 1.105, de 5-9-1957).
		1958, Abril	Publicou no seu n.º de 3 do corrente, uma local sobre o treinador Yustrich, não se respeitando, assim, a determinação sobre o assunto que ontem foi comunicada a um dos Srs. redactores. Relevada a falta cometida, devendo evitar a repetição de atitudes de rebeldia contra determinações destes Serviços, como se verifica na falta em causa.
		1958, Novembro	Não respeitou o corte parcial «Boia em Espanha», no n.º 1.869, de 13-11-1958. Despacho: Relevada a falta, mas em caso de reincidência passará ao regime de prova de página.
<i>Mundo Desportivo</i>	340	1955, Outubro	Não enviou a censura prévia provas referentes ao n.º 1.653. Relevada a falta cometida, sendo chamada a atenção do jornal.
		1956, Março	Punido com a multa de 500\$00, por ter publicado no seu n.º 1.698, de 19 do corrente, matéria que não submeteu a censura prévia, nos termos do determinado pela Circular n.º 287, de 16 de Fevereiro último destes Serviços.
<i>O Norte Desportivo</i>	241	1954, Fevereiro	Punido com a multa de 500\$00 por não ter respeitado os cortes feitos pela Comissão de Censura do Porto, em 4 do corrente, no artigo intitulado «Homenagem a Nuno Simões», artigo aliás contendo matéria fora das características do jornal (especialmente de assuntos de desporto e algumas notícias de cinema e teatro), falta em que é contumaz.
		1955, Dezembro	Punido com a multa de 500\$00 por ter publicado na 1.ª página e seguinte do seu número 1.849, de 11 do corrente, o artigo «Carnaval antecipado», sem o ter submetido a censura prévia.
		1956, Março	Punido com a multa de 500\$00 por ter publicado no seu n.º 1.869, de 19 de Fevereiro findo, a local «A Selecção da Hungria jogará em Junho em Portugal», sem a ter submetido a censura prévia.
		1957, Fevereiro	Não enviou a censura prévia provas dos artigos «A Verdade Frente à Mentira» e «Resposta à Mentira», publicados, respectivamente, nos números de 20 e 24 do corrente. Revela-se a falta que se regista.
		1960, Agosto	Não submeteu a censura prévia o artigo «Os desportistas não contam para o Sr. Presidente da Câmara do Porto», publicado no seu n.º 2.335, de 7 do corrente. Despacho: Relevada a falta.
<i>Record</i>	84	1957, Novembro	Punido com a multa de 400\$00, por não ter submetido a censura prévia as provas referentes ao n.º 658 e, não obstante, o ofício destes Serviços, n.º 1.256 – Processo 84, de 28 de Outubro, persistiu no desrespeito das instruções destes Serviços, publicando à margem da censura, os números 662 e 663.
		1958, Agosto	Não respeitou um corte no artigo «Tudo bem encaminhado», publicado no seu n.º 744, de 16-8-1958. Despacho: Punido com a multa de 500\$00.

A abertura de todos estes «processos disciplinares», entre 1954 e 1960, teria o condão de refrear alguns destes títulos nos seus intuitos de contornar os Serviços de Censura. *O Norte Desportivo* e *Record* não voltariam a registar

¹¹ Conforme as entradas originais, consultadas no arquivo da Censura do SNI, no ANTT, em Lisboa.

infracções ao longo da década seguinte, ao invés do *Mundo Desportivo* e *A Bola*, que viriam a sofrer novas medidas cautelares por parte da Censura.

4. Período positivo da imprensa desportiva generalista

Apesar do predomínio informativo de *A Bola*, *Mundo Desportivo* e *Record*, em Lisboa, *O Norte Desportivo*, no Porto, *A Voz Desportiva*, em Coimbra, e *Angola Desportiva*, em Luanda, isso não demoveu o meio jornalístico e desportivo português de tentar criar, nessas cidades e noutras regiões, novos jornais desportivos generalistas, entre 1954 e 1957. Nesses quatro anos apareceram 15 periódicos desportivos generalistas, um número considerável quando comparado com o que sucedera nos quatro anos anteriores (1950-1953), em que surgiram unicamente cinco jornais desse género. A distribuição espacial desses 15 periódicos foi a seguinte: Lisboa (6), Angola (3), Porto (2), Coimbra, Caldas da Rainha, Setúbal e Moçambique.

Face ao panorama competitivo existente em Lisboa, qualquer nova publicação desportiva generalista que surgisse na Capital estava, à partida, condenada ao fracasso, que por vezes era imediato, como sucedeu ao mensário *Estádio*¹², publicado uma única vez, em 1954. No ano seguinte, o jornal de informação generalista *Cartaz*, lançado em 1 de Novembro de 1955 (II série), sob a direcção de Manuel Osório, decidiu dedicar as edições de domingo ao desporto, encarregando o redactor Henrique Parreirão da função de preparar essa edição desportiva dominical. O *Cartaz Desporto* saiu pela primeira vez em 20 de Novembro de 1955, com oito páginas (formato 57x40) de elevada qualidade noticiosa e gráfica, contando com as colaborações valiosas de Lança Moreira, Alberto Freitas e Adriano Peixoto, tendo o futebol como tema principal. Ao preço de um escudo, apresentaria primeiras páginas muito ilustradas, com boas fotografias, dedicadas a várias modalidades, cessando actividade ao fim de poucos meses, em 11 de Março de 1956.

Mas a primeira tentativa real de criar um periódico desportivo generalista de qualidade em Lisboa, capaz de concorrer com *A Bola*, *Mundo Desportivo* e *Record*, surgiria em 1956 através do *Jornal dos Sports*. A ideia partiu de Gumerzindo Trabucho Alexandre, que ganhara prestígio na secção desportiva

¹² Editado pela Mercúrio – Agência Jornalística e Editorial, Lda., com sede na Praça do Município, n.º 32, 5.º, em Lisboa, esta revista publicou um único número, de 52 páginas, ao preço de 5\$00 e um noticiário desportivo variado.

de *O Século* e como subdirector do *Mundo Desportivo*, assumindo agora a responsabilidade de dirigir, editar e administrar o seu próprio periódico. Após a aprovação do projecto jornalístico pelos Serviços de Censura (o perfil do director e proprietário tinha que respeitar uma série de parâmetros) e o depósito de 504 mil escudos no Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, que serviam de aval (exigência feita pela Censura e cuja função aparente¹³ era garantir o pagamento de futuras dívidas), saiu em 4 de Junho de 1956 o primeiro número do *Jornal dos Sports*, com 12 páginas (no formato 41x28, com uma página e meia ocupada por 19 anúncios de publicidade), em que se destacava o futebol, seguido do atletismo e hóquei em patins (ciclismo e tauromaquia juntaram-se nos números seguintes), e as secções «Diz-se por aí...» (notícias breves de boatos desportivos), «Cartas ao Director» (incentivando o envio de cartas de opinião pelos leitores), «Últimas Notícias» e «Veneno do Dia» (assinada sob o pseudónimo Velenífero, com críticas e boatos que circulavam nos bastidores do desporto português). As notícias desportivas de Lisboa e Porto estavam em destaque, notando-se a preocupação com o desporto das Províncias Ultramarinas, em especial de Angola e Moçambique, anunciando-se, no artigo «O Desporto do Ultramar perante o público da Metrópole», a futura publicação de uma série de crónicas com esse título, dedicadas ao desporto ultramarino, assinadas pelo conceituado jornalista Armando Valério (dirigia há 22 anos a secção desportiva do diário *Notícias*, de Lourenço Marques, em Moçambique, um dos mais importantes matutinos do Ultramar). O *Jornal dos Sports* anunciava também a colaboração de um prestigiado treinador de futebol, Otto Glória, contando entre os seus redactores com Alfredo Farinha, uma promessas do jornalismo desportivo português.

Sob o lema «Independência, Honestidade, Imparcialidade»¹⁴ e ao custo de um escudo, o *Jornal dos Sports* passou a sair às segundas, quartas e sextas-feiras (ambicionava ser diário¹⁵ a curto prazo), precisamente os dias em que se publicava o *Mundo Desportivo* (à segunda-feira coincidia também com *A Bola*). E tal como fizeram os rivais, o *Jornal dos Sports* começou gradualmente a diversificar as secções (criou, em meados de Junho, a secção

13 Servia também de entrave à criação de novas publicações periódicas em Portugal.

14 A Redacção (1956, 4 de Junho). Número um! *Jornal dos Sports*, p. 1.

15 Cf. A Redacção (1956, 4 de Junho). Número um! *Jornal dos Sports*, p. 1.

internacional «Olhares sobre o Mundo»), a formar uma rede de correspondentes nacionais (João Arnaldo Maia, no Porto; Jaime dos Anjos, em Viana do Castelo; Belmiro Ramos, em Ovar; e em Santo Tirso) e internacionais (em Madrid), e a contar com cronistas de renome, como Vitorino Nemésio, que em Agosto de 1956 começaria a publicar artigos de opinião sobre a ideia de desporto e as suas vivências desportivas.

Apesar da qualidade inegável do periódico de Trabucho Alexandre, o *Jornal dos Sports* seria forçado, por motivos económicos, a passar a semanário em Novembro de 1956, suspendendo a publicação no início do mês seguinte, a 1 de Dezembro, no número 70. No dia 22 desse mesmo mês, o correspondente no Porto, João Arnaldo Maia, endereçou uma carta ao Coronel Armando Larcher, presidente da direcção dos Serviços de Censura, em que acusava a administração do *Jornal dos Sports* de ainda não ter liquidado os serviços jornalísticos de Outubro e Novembro com os seus correspondentes. Cinco dias depois, Larcher remeteu a Trabucho Alexandre uma carta em que o avisava dos débitos em falta, alertando que, caso não fossem imediatamente saldadas as dívidas, os Serviços de Censura o iriam fazer através da caução do jornal, como a lei previa – toda esta correspondência seria anexa ao Processo n.º 834, aberto pelos Serviços de Censura para registar o cadastro do *Jornal dos Sports*. No dia 30 de Dezembro, nova carta de João Arnaldo Maia, em que informa Larcher de ter recebido um vale de correio na importância de 2.395\$00, respeitantes às despesas feitas nos meses de Outubro e Novembro, conforme os mapas de despesas que tinha enviado à administração do periódico e aos Serviços da Censura – nesses mapas¹⁶, anexos ao processo, podia-se observar que o jornal pagava 15\$00 por fotografia e a cobertura a um jogo de futebol, como o FC Porto-Sporting CP, custava 80\$00 (50\$00 para o redactor José Martins e 30\$00 para as duas fotografias de M. Teixeira, publicadas na edição 58), sendo mais barata a cobertura noticiosa de um Boavista FC-SC Salgueiros (30\$00 pagos ao colaborador Barquinha da Luz).

16 O mapa de despesas de Outubro abrangia os números 52 a 65, observando-se que as principais despesas que tinha o correspondente no Porto (contava com vários colaboradores e fotógrafos locais) era com os telefonemas (para o número 58, em que publicara as coberturas dos jogos FC Porto-Sporting CP e Boavista FC-SC Salgueiros, custara 113\$00 em telefonemas), custando habitualmente uma fotografia 15\$00 e uma reportagem de um jogo de futebol 30\$00 e 50\$00 se envolvia o FC Porto. A estas despesas havia que incluir o valor da colaboração e coordenação de João Arnaldo Maia: 700\$00 mensais. Em Outubro de 1956, o total das despesas no Porto foi de 1.968\$00, sendo no mês seguinte de 426\$00 (diminuiu devido à passagem a semanário) e em Dezembro de 40\$00 (do número 70).

A questão das dívidas do *Jornal dos Sports*, para com os seus correspondentes, ficaria resolvida em 2 de Janeiro de 1957, data em que a administração do periódico enviou uma carta aos Serviços de Censura, na qual referia os seguintes pagamentos: 2.785\$00 a João Arnaldo Maia, pelas despesas totais com a colaboração do Porto; 491\$00 a Jaime dos Anjos, pela colaboração de Viana do Castelo; 88\$50 ao colaborador de Santo Tirso; e 725\$90 a Belmiro Ramos, de Ovar. Saldadas as dívidas, o processo do *Jornal dos Sports*, nos Serviços de Censura, recebeu somente mais duas indicações na capa, em Fevereiro de 1957: «Abatido em 16-2-1957» (referindo-se ao fim do jornal e do seu processo na censura) e «Cancelada em 20-2-1957» (nota colocada junto ao aval de 504 mil escudos).

A experiência frustrada do *Jornal dos Sports*, ao contrário do que se poderia pensar, não inibiu o meio jornalístico desportivo lisboeta, que em 1957 avançou com mais três novas publicações desportivas generalistas de qualidade, mas nenhuma delas concorrente directa dos jornais *A Bola*, *Mundo Desportivo* e *Record*, uma vez que seguiram a linha tradicional das revistas semanais ilustradas. Em Março, separadas por um dia, apareceram a revista *Golo* (na segunda feira, dia 11) e o semanário *Sport Ilustrado* (na terça-feira, dia 12). O primeiro destes títulos, era uma revista ilustrada de 16 páginas, apresentando uma excelente qualidade fotográfica, ao preço de 2\$40, tendo o afamado redactor desportivo Domingos Lança Moreira como proprietário e director. No editorial «Primeiro remate!», publicado na segunda página do número um, Lança Moreira explicou aos leitores que a *Golo* vinha «preencher uma lacuna», uma vez que não existia em Portugal «uma revista gráfica desportiva», sendo por isso «lógico e oportuno ocupar o lugar deixado em aberto por publicações congéneres, que fizeram bem a sua época.» Contudo, o jornalista era consciente das dificuldades de manter uma publicação destas características, o que «sem o amparo de colossos» (numa clara alusão ao *Mundo Desportivo*) era «extremamente difícil». E assim sucedeu. Passados 21 números, na edição de 29 de Julho a 4 de Agosto de 1957, chegou ao fim a revista *Golo*, tendo publicado algumas capas de extraordinária qualidade estética, dedicadas ao futebol¹⁷, ciclismo¹⁸ ou ao desporto feminino¹⁹.

17 Cf. capa do número 1, de 11 de Março de 1957.

18 Cf. capa do número 17, 1 a 7 de Julho de 1957.

19 Cf. capas dos números 16 e 20, de 24 de Junho e 22 de Julho de 1957, respectivamente.

Mais duradouro seria o semanário *Sport Ilustrado*, inicialmente publicado às terças-feiras (passou depois para as quartas), lançado em 12 de Março de 1957, ao preço de 3\$00, assentando em três figuras: Manuel de Castro Rodrigues, proprietário; Henrique Parreirão, director; e Artur Agostinho, editor. Com sede no número 125 da Rua da Misericórdia, em Lisboa, o *Sport Ilustrado* apresentava uma excelente qualidade gráfica e de papel (formato 33x25), sobressaindo sobretudo a primeira página ilustrada e a contracapa, normalmente ocupadas por uma grande fotografia – no primeiro número destacaram-se as fotografias interiores de Ritter Cardoso, contando nos meses seguintes com a colaborações de fotógrafos do prestígio de Nuno Ferrari e António Capela, entre outros²⁰. Impresso na Companhia Nacional Editora (na Travessa das Mercês, n.º 8, em Lisboa), o número um apresentou-se com 16 páginas, sem qualquer publicidade, contando com uma série de secções de interesse, como «Tem a palavra» (espaço de opinião concedido a um convidado, que no número inaugural foi Tavares da Silva), «Diálogo com» (espaço de entrevista), «O que gostaríamos de saber» (pequenos boatos, em forma de pergunta), «Assim vai o mundo» (noticiário internacional) e «Futebol – Nomes e Números» (secção sobre estatísticas no futebol, uma novidade). Pouco depois ganharam também destaque as secções «Apontamento» (editorial) e «A minha foto preferida» (página dedicada a analisar uma foto escolhida por um desportista, habitualmente futebolistas).

O êxito inicial seria acompanhado, nos meses seguintes, por uma preocupação constante com o aspecto gráfico e a actualidade noticiosa, destacando-se, por exemplo, a cobertura noticiosa à Volta à Espanha em Bicicleta, em Abril e Maio de 1957, acompanhada de perto pelo enviado-especial, o director Henrique Parreirão, que diariamente telefonava para Lisboa para fazer a sua crónica, publicadas depois nas edições semanais. Em Julho de 1957, introduz a secção feminina «Entre nós raparigas», assinada por Maria Elisa. E, na paragem estival do futebol, em Agosto de 1957, as suas páginas tornam-se ainda mais ecléticas, dando realce à Volta a Portugal em Bicicleta, numa altura em que a propriedade transitou para a Orbis – Edições Ilustradas.

²⁰ No número 53, de 11 de Março de 1958, publicou na página três uma relação de todo o corpo redactorial, constando na parte da «Reportagem Fotográfica» os seguintes nomes: Firmino dos Santos, João Ribeiro, António Capela, Júlio Diniz, Nuno Ferrari, Teimo Rosa, todos de Lisboa; David de Almeida, Porto; Fernando Martins, Coimbra; Neto Pereira, Caldas da Rainha; Elmano Rocha, Torres Vedras; Cipriano Camarate, Évora; Augusto Cabrita, Barreiro.

Uma das secções que se tornou popular foi «Tem a palavra» (publicada na página três), na qual escreveram alguns dos mais conceituados jornalistas desportivos. Um deles foi Carlos Pinhão, redactor de *A Bola*, que no *Sport Ilustrado* de 15 de Outubro de 1957 publicaria, nessa secção, o artigo «Nós, os vadios», dedicado a um dos temas candentes entre a classe: a indefinição profissional do jornalista desportivo. Os primeiros parágrafos eram elucidativos:

O meu bilhete de identidade, onde diz “Profissão”, tem à frente um risco encarnado traçado com fúria, às curvas, muito largas em cima, cada vez mais apertadas para baixo, até acabarem numa pequena recta.

Esse arabesco, traduzido à letra, quer dizer “sem profissão” e a raiva de que o amanuense parecia achar-se possuído ao traçá-lo, pode muito bem querer significar um profundo desprezo... “por este vadio”.

No entanto, eu trabalho. Trabalho e bem. Isto é, trabalho e muito. Dia e noite. Há dias em que saio às quatro da madrugada e se, numa altura dessas, me aparece um polícia a pedir para eu me identificar, como é que vou provar que não sou vadio?

Trabalho e ganho a minha vida com esse trabalho. Não ganho nenhuma fortuna, claro está, mas ganho o suficiente para sustentar casa, mulher e filhos, sem dever nada a ninguém.

Não me queixo. Não foi por isso que me “deram a palavra”. Quero apenas frisar que o jornalismo desportivo assegura meios de vida a muita gente boa. É uma profissão. Sou só jornalista desportivo e faço disso a minha vida. Nunca fui outra coisa, já o sou há um par de anos e, de momento, não penso em mudar de rumo. Por outras palavras, já sou um antigo vadio.

Nesse artigo, Carlos Pinhão insurgia-se contra a discriminação que sofriam os jornalistas desportivos, profissão que à face da lei «não é nada» porque simplesmente «não tem existência legal». E essa lacuna devia-se unicamente ao facto da legislação só considerar como jornalista aquele profissional que trabalhava num diário e, como não havia nenhum diário desportivo em actividade, não existiam jornalistas desportivos do ponto de vista legal – e os redactores desportivos, que trabalhavam nos diários generalistas, enquadravam-se na definição geral de jornalista. Pinhão considerava a situação incompreensível, uma vez que se publicavam todos os dias jornais desportivos, em alguns dias até mais que um, como sucedia às segundas-

feiras e sábados. Além disso, o redactor de *A Bola* defendeu também que já era hora dos jornalistas desportivos se unirem na forma de sindicato, ou, pelo menos, como uma subsecção do Sindicato dos Jornalistas. E, na última frase do artigo, deixaria um desabafo em forma de apelo: «se eu trabalho e se pago imposto profissional, deixem-me ter uma profissão.»

Este tema, levantado por Carlos Pinhão, seria retomado três números depois, em 5 de Novembro de 1957, por um dos fundadores do *Record*, Monteiro Poças, que na mesma secção, no artigo «Jornais e jornalistas devem unir-se», confessou ter sofrido do mesmo «vexame de ver o Bilhete de Identidade manchado com o traço vermelho dos “sem profissão”». Mas, na sua opinião, antes de existir qualquer movimento no sentido de resolver legalmente o problema, era fundamental que os jornais desportivos entrassem «num caminho diferente daquele que têm trilhado». E fazia a seguinte reflexão: «Até agora, não tem havido “entre nós” (e quando digo “entre nós” refiro-me, principalmente, aos que dirigem e não aos que “fazem” os jornais desportivos) um mínimo de colaboração, a mais leve parcela de “espírito de equipa” – tão necessário em Desporto... São constantes os remoques, os desmentidos, as citações que “levam rótulo”. E, parece-me que, antes de qualquer tentativa para valorizar a nossa profissão, temos necessidade absoluta de enveredar por outro caminho, esquecendo – todos nós – ressentimentos, más interpretações e divergências de maior ou menor vulto.» Só assim seria possível ao jornalismo desportivo tornar-se «uma força contra a qual esbarrarão todos os que, como tem acontecido, pretendem menosprezá-la e dominá-la.»

A secção «Tem a palavra» do *Sport Ilustrado* teria, ao longo do seu primeiro ano, esta capacidade de gerar um vasto leque de reflexões sobre o desporto e o jornalismo desportivo, tendo participado nela um alargado e prestigiado conjunto de redactores, ilustrativo do melhor jornalismo desportivo que se fazia em Portugal, como foram os casos dos já citados Monteiro Poças (fundador e editor do *Record*), Carlos Pinhão (redactor de *A Bola*) e Tavares da Silva (redactor do *Diário de Lisboa* e *O Norte Desportivo*), juntando-se a estes as figuras de Alves dos Santos (redactor de *O Comércio do Porto* e *A Bola*), Alberto Freitas (redactor do *Diário de Notícias*), Trabucho Alexandre (redactor do *Diário Ilustrado*), Vítor Santos (chefe de Redacção de *A Bola*), Manuel Mota (redactor do *Mundo Desportivo*), Mário de Oliveira (redactor de *O Século* e *A Bola*), Fernando Soromenho (redactor de *O Norte Desportivo* e *Diário de*

Lisboa), Luís Alves (redactor de *O Norte Desportivo* e *Diário de Lisboa*), Silva Resende (redactor de *A Bola*), Nuno Rocha (redactor do *Diário Ilustrado*), Félix Correia (redactor do *Diário de Lisboa*) e Olivério Serpa (redactor de *A Bola*) – a todos estes nomes tinha-se ainda que acrescentar dois ilustres jornalistas da casa, Henrique Parreirão e Artur Agostinho.

O *Sport Ilustrado* comemorou o primeiro aniversário em 11 de Março de 1958, com um número especial de 40 páginas a cores. Na página três, em vez do tradicional editorial, a direcção decidiu publicar a lista completa dos nomes que compunham o corpo redactorial do jornal, formado na sua base por Henrique Parreirão (director), Artur Agostinho (editor), José António Marques (director gráfico), Henrique Monteiro (chefe de Redacção) e por seis redactores: Guita Júnior, Sequeira Andrade, Manuel Vieira, Diniz Machado, Carlos Figueiredo e Nuno Mota. Apresentava ainda a lista das 23 secções desportivas que compunham o jornal e o nome dos 35 redactores que nelas colaboravam (realce para o futebol, com cinco redactores, e para o atletismo, ciclismo e natação, com dois redactores cada), assim como a lista dos 12 repórteres fotográficos – deste alargado corpo redactorial, só dois nomes eram femininos: Paula Bastos, encarregue da secção de Rêguebi, e Maria Elisa, do Desporto Feminino. O mesmo tipo de homenagem seria feito passado um ano, na edição 106, de 18 de Março de 1959, comemorativa do segundo aniversário do *Sport Ilustrado*. Nesse número, no editorial «2.º aniversário», o director Henrique Parreirão esclarecia os leitores que o jornal, apesar das dificuldades, tinha conseguido «encontrar um lugar único no género de publicação» que havia escolhido (semanal e ilustrada), «conquistando o lugar de única revista gráfica desportiva do País». Afirmava ainda que, embora graficamente muito boa, a publicação vivia com o problema da actualidade noticiosa, difícil de conseguir num semanário – os leitores preferiam, muitas vezes, comprar um periódico de menor qualidade, mas no dia seguinte a um acontecimento, que esperar até quarta-feira para comprar o *Sport Ilustrado*. Isto obrigou o jornal a mudar ligeiramente a linha editorial, apostando mais num jornalismo de análise e reflexão. Apesar das rectificações editoriais e da enorme qualidade gráfica e

jornalística, o *Sport Ilustrado* interrompeu a publicação regular²¹ em 1 de Abril de 1959, no número 108, vítima das habituais dificuldades económicas.

Além do semanário *Sport Ilustrado* e da revista *Golo*, lançados em Março, surgiu em Lisboa uma outra publicação em 1957: a revista *Crónica Desportiva*, publicada pela primeira vez no domingo, 14 de Abril, ao preço de 1\$50. Tratava-se de uma publicação dominical, na linha das que a sua proprietária e distribuidora, a Agência Portuguesa de Revistas²², havia lançado anteriormente com sucesso (casos da *Crónica Feminina* e *Crónica Masculina*). Contava com dois directores, um encarregue da parte comercial, Mário de Aguiar (um dos proprietários, juntamente com António Joaquim Dias), e o outro da área editorial, Vasco Santos, apresentando no primeiro número, de 34 páginas (formato 16x12), um objectivo editorial claro: «originalidade»²³. Esse propósito ficou patente em nove secções apresentadas, que por si mesmas definiam o perfil da revista: «Pequenas histórias de grandes clubes» (o número um foi dedicado ao Ginásio Clube Português), «Ases que não são ídolos» (biografias de desportistas de modalidades menos populares), «Diz quem sabe» (questões tácticas e técnicas do futebol), «Talvez não saiba...» (rumores desportivos), «Desporto mental» (dedicada ao xadrez, damas, entre outros), «Do álbum de» (a biografia ilustrada de um ídolo do futebol), «Roteiro dos clubes populares», «Conte-nos esta anedota» (anedotas desportivas) e «Humor no desporto» (secção de caricaturas).

A *Crónica Desportiva* era uma revista de leitura simples e rápida, muito ilustrada e com secções variadas, contando sempre na primeira página com excelentes fotografias, sendo a capa reproduzida no sistema de fotolitografia e impressão offset da Fotogravura Nacional, Lda., sediada na Rua da Rosa, n.º 273-277, em Lisboa. Manteve uma linha de continuidade até Fevereiro de 1958, altura em que aumentou de formato (23x16) e reduziu a periodicidade para quinzenal (nos dias 15 e 30 de cada mês), sinal claro da diminuição de interesse por parte dos leitores, que levaria ao fim da revista pouco depois, em 15 de Maio de 1958, no número 50.

21 Nos anos seguintes, em cada 30 de Março, seria lançado um número único do *Sport Ilustrado*, apenas para garantir o título, na expectativa de um dia poder voltar a publicar-se regularmente. Em 30 de Março de 1960 saiu o número 109, com o ciclista Alves Barbosa na capa, mantendo-se a publicação anual de um número até Novembro de 1978.

22 Criada por Mário de Aguiar e António Joaquim Dias, esta empresa seria detentora de 40 títulos de imprensa no final de 1957, contando mais de um milhão de leitores assíduos (cf. *Crónica Desportiva* de 3 de Novembro de 1957, p. 3).

23 Os Editores (1957, 14 de Abril). Lance de Saída. *Crónica Desportiva*, p. 3.

Dada a qualidade das publicações desportivas generalistas que surgiram em Lisboa, entre 1954 e 1957, as quais tinham uma difusão nacional (a distribuição dos periódicos estava a progredir, em parte graças a empresas como a Agência Portuguesa de Revistas e à própria melhoria dos transportes), esse factor criou ainda mais dificuldades ao surgimento, noutras cidades do País, de novos projectos jornalísticos deste tipo. Os nove periódicos desportivos generalistas que apareceram nessa altura, fora do círculo lisboeta, tiveram geralmente uma vida editorial difícil, reflexo da forte concorrência que se vivia neste meio. No Porto apareceram dois jornais deste género, *Equipa*²⁴ e *Desporto*²⁵, ambos em 1954 e com uma trajectória igual: não passaram do número inaugural. O mesmo sucedeu ao único jornal desportivo generalista que apareceu em Coimbra, o *Placard Desportivo*²⁶, que não passou do número inaugural de 30 de Junho de 1956, dedicado, em grande parte, a Cândido de Oliveira, que no ano anterior tinha assumido o cargo de treinador de futebol da Associação Académica de Coimbra.

As únicas duas cidades, além de Lisboa, Porto e Coimbra, que viram surgir um periódico desportivo generalista, em Portugal continental, foram as Caldas da Rainha e Setúbal. No primeiro caso tratou-se de uma aposta do jornal *Gazeta das Caldas*, que em 5 de Janeiro de 1955 lançou o *Suplemento Desportivo da Gazeta das Caldas*, que servia de complemento semanal à sua página de desporto. O primeiro número, de quatro páginas (formato 34x26), pouco ilustrado e com um papel de fraca qualidade, centrou-se no noticiário desportivo regional (Caldas da Rainha, Torres Novas e Peniche), em especial no futebol e nas actividades dos clubes locais. Dirigido por Júlio Lopes, com Domingos Del-Rio como redactor principal, o *Suplemento Desportivo da Gazeta das Caldas* suspendeu a actividade ao fim de 20 edições, no domingo, 29 de Maio de 1955, alegando para isso o término das principais provas

24 Com sede na Rua S.to Ildefonso, n.º 133, no Porto, *Equipa* saiu em 15 de Setembro de 1954, sob a direcção de Ramiro Borges, sendo as oito páginas (com 33 anúncios, todos de Braga) dedicadas ao desporto minhoto.

25 Em 7 de Outubro de 1954 saiu o único número, dirigido por Ramiro Borges (o mesmo do *Equipa*), sendo as quatro páginas (com 25 pequenos anúncios) dedicadas ao desporto transmontano. Ramiro Borges lançaria no mês seguinte, em 20 de Novembro de 1954, o jornal *Desporto e Turismo*, por ocasião do 44.º aniversário do Vitória FC, de Setúbal.

26 Centrado no noticiário desportivo local, o *Placard Desportivo* era dirigido por António Curado, que dias antes, juntamente com os mais importantes redactores e dirigentes desportivos de Coimbra (Amadeu Rodrigues, Jorge Peixoto, Manuel Gaspar, Augusto Severino, Cunha Martins, Marques Bom e Adriano Peixoto) haviam organizado um jantar de homenagem a Cândido de Oliveira. A iniciativa correu tão bem que os jornalistas desportivos conimbricenses decidiram começar a reunir-se periodicamente para discutirem os problemas do desporto local e definirem pontos de vista comuns (o *Placard Desportivo* disso fez eco na página 6-7)



futebolísticas regionais, podendo vir a regressar «quando as circunstâncias do Desporto local o justifiquem»²⁷, o que não sucedeu.

No caso de Setúbal, o periódico *Voz do Desporto* surgiu no sábado, 7 de Novembro de 1955, sob a égide de Carlos Machado (director), António Claro (editor) e Armando Trindade (chefe de Redacção), contando com um corpo redactorial formado por 12 redactores e colaboradores, a sua maioria personagens ligadas ao desporto setubalense. Apesar de ser consensual a necessidade da cidade ter um órgão informativo desportivo, de forma a «defender e estimular o Desporto em Setúbal»²⁸ (sobretudo o futebol), o jornal *Voz do Desporto* apenas se manteve em publicação pouco mais de um mês, terminando em 12 de Dezembro de 1955 (número seis), numa altura em que ponderava alargar a sua zona de influência a outros concelhos, como Palmela, Sesimbra e a todo o Vale do Sado (alguns leitores queixaram-se do noticiário estar excessivamente centrado na cidade de Setúbal).

Entre 1954 e 1957, o meio desportivo e jornalístico das duas principais Províncias Ultramarinas, em África, esteve também muito activo, dando origem a quatro publicações periódicas desportivas generalistas, três em Angola (Mossamedes (2) e Luanda) e uma em Moçambique (Lourenço Marques). O primeiro título angolano a surgir foi *O Sul de Angola Desportivo*, em Mossamedes, em 5 de Setembro de 1954, tendo na direcção Mário A. Trabullo. Tratava-se de um suplemento quinzenal, dedicado ao desporto, do jornal generalista *O Sul de Angola*, assumindo-se como independente e «defensor da Causa Desportiva»²⁹, honrando «o bom-nome do Desporto mossamedense»³⁰. O futebol local esteve sempre em evidência nas suas habituais quatro páginas, dando também realce ao basquetebol, automobilismo e ao hóquei em patins, recorrendo muitas vezes à imprensa da Metrópole (em especial *O Norte Desportivo*) para publicar noticiário de Portugal continental. Os primeiros números de *O Sul de Angola Desportivo* foram bem acolhidos pelo público, permitindo ao jornal aumentar as vendas e cativar mais publicidade e colaboradores, passando a semanal em 9 de Outubro de 1954, altura em que baixou o preço dos exemplares de 2\$00 para 1\$50. No entanto, um mês depois, em 13 de Novembro, chegaria ao fim, após nove números.

27 A Redacção (1955, 29 de Maio). Suplemento Desportivo. *Suplemento Desportivo da Gazeta das Caldas*, p. 1.

28 A Redacção (1955, 7 de Novembro). Breves palavras. *Voz do Desporto*, p. 1.

29 A Redacção (1954, 5 de Setembro). Um jornal ao serviço do desporto. *O Sul de Angola Desportivo*, p. 1.

30 Idem, ibidem.

Em meados do ano seguinte, novamente em Mossamedes (Angola), iniciou a publicação *O Namibe Desportivo*, um bissemanário (saía às quartas-feiras e sábados) que se assumia no número um, de 6 de Julho de 1955, como «uma necessidade social»³¹, para fazer face ao cada vez maior «interesse popular»³² pelo desporto, em especial pelos desportos de competição. Propriedade de José Trindade, *O Namibe Desportivo* era dirigido pelo Dr. Manuel João T. Carneiro, apresentando uma linha editorial alargada (embora o futebol local estivesse em evidência) e uma boa qualidade geral, o que lhe permitiu consolidar-se rapidamente nos hábitos de leitura dos mossamedenses e no meio publicitário local. Essa dupla estabilidade permitiu-lhe começar a formar a ideia de transitar de periódico desportivo para jornal de âmbito generalista, o que veio a suceder na edição 152, de 19 de Dezembro de 1956, número em que apareceu com o título de *O Namibe* (manteve-se em actividade até ao número 1.819, de 18 de Janeiro de 1975).

Na capital Luanda, dominada em termos de jornalismo desportivo pelo periódico *Angola Desportiva* desde 1930, surgiu em 22 de Fevereiro de 1956 o jornal *O Tempo Desportivo*, que mais não era que a segunda série do semanário desportivo *Goal*, publicado entre 13 de Setembro de 1949 e 7 de Novembro de 1955 (edição 99). O novo periódico seguiu a numeração do antecessor, iniciando-se com o número 100, cabendo a direcção ao Dr. A. Ferreira Lemos e a propriedade a Belmiro Vieira. Publicaria unicamente sete números, terminando no número 107, de 30 de Abril de 1956, numa edição em que anunciava a realização, no mês seguinte, do II Salão Automóvel de Angola, cuja organização pertencia ao jornal.

Na vizinha Lourenço Marques (Moçambique), o único periódico desportivo generalista que se publicou neste período foi *O Estádio*, suplemento desportivo do jornal *Diário*, propriedade da Empresa do Lourenço Marques Guardian. Dirigido pelo Dr. António Carlos Maldonado Pires³³, este semanário desportivo das quartas-feiras iniciou a publicação em 12 de Março de 1955, apresentando as suas 16 páginas uma natural inclinação pelo futebol moçambicano,

31 A Redacção (1955, 6 de Julho). Nota de abertura. *O Namibe Desportivo*, p. 1.

32 Idem, ibidem.

33 Além do director, a estrutura redactorial de *O Estádio* era formada por um redactor principal (João Reis), dois redactores adjuntos (Romeu Lima e José Manuel Maldonado), quatro repórteres (Rui Basto, J. Cagica Bernardo, Octávio Baueiro e Luís Pina), um repórter fotográfico (José Moreira Mateus), um secretário de redacção (Fernando Salgueiro) e um orientador técnico (Augusto de Sousa).

tendência essa patente nos quatro números que publicou, suspendendo a edição em 30 de Março de 1955.

5. Mundo do motor e Lisboa dominam imprensa especializada

A área do desporto automóvel e motorizado estaria em voga entre 1954 e 1957, surgindo quatro novas publicações dedicadas a esse ramo da informação desportiva, todas elas em Lisboa. O meio jornalístico lisboeta esteve na origem, não só desses quatro periódicos, mas de nove das dez publicações periódicas especializadas criadas em Portugal nesse período de tempo – a única excepção foi um periódico sobre ténis em Oeiras. Em termos de áreas informativas, o campo dos desportos com motor, como referimos, dominou com quatro periódicos, seguindo-se o ténis (dois), o bilhar, o xadrez, a educação física e as biografias desportivas.

Convém recordar que nesta altura encontravam-se em publicação regular vários periódicos desportivos especializados, criados durante as décadas anteriores, como eram a *Vela* (Lisboa, 1946), *Diana* (Lisboa, 1948) e, o mais antigo de todos, *O Volante*, publicado regularmente desde 1926, em Lisboa. Este último periódico comemoraria na edição de 7 de Agosto de 1956 o seu 30.º aniversário, mantendo ao longo dos 959 números publicados o mesmo proprietário e director, A. Campos Júnior, que nesta altura se encontrava muito doente. A sua morte, pouco dias depois, em 24 de Agosto, lançaria o jornal numa fase de indefinição, transitando a propriedade para a viúva, Maria do Carmo Campos, sendo a direcção assumida interinamente por Caetano Beirão da Veiga, que ocupou o cargo até ao início do anos 1960.

O papel hegemónico de *O Volante*, a nível informativo e publicitário, tornava difíceis quaisquer tentativas de criação de novos periódicos dedicados ao automobilismo e ao mundo dos desportos motorizados. Em 1955 saíram duas revistas em Lisboa que sentiram essas dificuldades, tendo inclusivamente uma delas, a *Moto Revista*³⁴, publicado unicamente dois números (em Abril e Maio-Junho de 1955). A outra revista, a *Motor Ilustrado*, iniciou a publicação em Janeiro, sob a propriedade de Francisco Marmelada, que acumulava as

34 Dirigida por Carlos Alberto Faria de Oliveira, a *Moto Revista* saiu em Abril de 1955 com 32 páginas, centradas sobretudo no motociclismo, com um variado noticiário nacional e internacional. O primeiro número foi um «éxito extraordinário», como referiu o redactor principal Vasco da Câmara Pereira na segunda edição de Maio-Junho de 1955.

funções de director e editor. Este mensário apresentou-se com uma linha editorial que abrangia diversos aspectos do mundo automóvel, desde a vertente desportiva à comercial, dando destaque tanto aos salões automóveis (em especial de Paris) como aos vários ralis nacionais e internacionais, recorrendo frequentemente à imprensa francesa, em especial aos jornais *L'Action Automobile* e *L'Auto-Journal*. Sairia com muita irregularidade e sem a necessária periodicidade para se afirmar como concorrente de *O Volante*, publicando-se até ao segundo semestre de 1962.

Em 1957 seria a vez de surgirem na Capital dois outros periódicos especializados em desportos motorizados. Um deles foi o suplemento técnico-desportivo do jornal *Os Transportes*, com o título *Auto Jornal*³⁵, tendo somente duas edições (na segunda quinzena de Maio e na primeira quinzena de Junho desse ano). Mais estável seria a revista *Mundo Motorizado*, lançada em 15 de Março, ao preço de 7\$50, com o subtítulo de «Revista Quinzenal Técnico-Desportiva». As suas 34 páginas iniciais (cinco ocupadas por 12 anúncios de publicidade, a sua maioria dedicados a marcas de automóveis ou produtos para o motor) dividiam-se entre apresentações gerais de alguns automóveis (Fiat 500, Ford Taunus 17 M, entre outros), questões mecânicas, salões automóveis (de Frankfurt e Paris) e o noticiário desportivo. A estrutura redactorial assentava em A. Rodrigues Vieira (director e editor), Agostinho Domingues (chefe de Redacção), Eng.º Rui de Sousa (redactor técnico-desportivo principal), Francisco da Mata (redactor técnico) e José Delgado Franco (redactor-repórter). Este mesmo grupo tinha estado na base do Manual de Mecânica Automóvel (Guia Prático das Oficinas), obra que se vendia anualmente a milhares de assinantes – cerca de mil desses assinantes decidiu também assinar a nova revista *Mundo Motorizando*, dando-lhe assim um apoio financeiro importante na sua fase inicial. Propriedade da Sociedade Editora Publitécnica, Lda., a revista conseguiria manter-se em actividade até Setembro de 1986, suspendendo-se ao fim de 550 números e 28 anos de actividade regular – nessa altura estava principalmente vocacionada para a parte técnica e comercial do mundo automóvel (apenas quatro das 44 páginas eram dedicadas aos desportos motorizados).

35 Dedicou grande cobertura noticiosa, nos seus dois números, ao VI Grande Prémio de Portugal, em automobilismo, e à VIII Grande Volta a Portugal em Automóvel, assim como a vários ralis nacionais e internacionais.

O ténis seria a segunda modalidade desportiva a gerar mais interesse, estando na origem de duas novas publicações, ambas de curta duração e ligadas à mesma figura, o veterano professor de ténis Vasco Galvão. Em Outubro de 1955, sob a sua direcção, saiu o mensário *Ténis*, que no editorial «O nosso fim», publicado na capa, recordava uma outra publicação, a revista *Tennis*, criada em 1930 por Vasco Galvão e cuja linha editorial era novamente retomada. Com sede na Rua Heliodoro, n.º 1-C, em Santo Amaro de Oeiras, a nova versão da *Ténis* apresentava-se com uma qualidade geral muito fraca, durando unicamente seis números, até à edição de Março de 1956. Três meses depois da suspensão, iniciou actividade em Lisboa a revista *Arquivo de Ténis de Vasco Galvão*, que na edição inaugural de Junho de 1956 apresentava 16 páginas de grande qualidade (em papel couché, formato 22x16, ao preço de 7\$50), com uma tiragem de mil exemplares (era distribuída gratuitamente aos inscritos no Fundo de Propaganda da Agência de Ténis V.P.G.), sendo vendida nas principais casas de artigos desportivos de Lisboa, Porto, Coimbra, Caldas da Rainha, Setúbal e Faro. Impressa na Tipografia Cristóvão Augusto Rodrigues, em Lisboa, a nova revista tinha como secção principal a rubrica «Fala-se de ténis», em que o director e proprietário Vasco Galvão publicava as crónicas que fazia aos microfones do Rádio Clube Português, aos domingos, ao meio-dia, no programa «Goal», da responsabilidade das Produções Lança Moreira. Embora de inegável qualidade, a revista *Arquivo de Ténis de Vasco Galvão* não passaria do número dois, de Julho-Agosto de 1956, denotando as dificuldades económicas à volta da publicação de um periódico deste género em Portugal.

Relativamente efémera seria também a inovadora e precursora revista bimestral *Bilhar Desportivo*, dedicada à divulgação do bilhar. O primeiro número, de Maio de 1955, saiu com 60 páginas (formato 24x18) de boa qualidade gráfica e de papel, com 22 delas ocupadas por publicidade relacionada com o mundo do bilhar. Ao preço de dez escudos, a revista era propriedade de Jorge Pinto, cabendo a direcção ao Dr. Alberto Mesquita e a edição a Alfredo Ferraz (exímio praticante de bilhar), tendo sede na Rua de Campolide, n.º 133-B, em Lisboa. A revista apresentou-se com o objectivo de «preencher uma incompreensível lacuna na Imprensa do desporto nacional»³⁶, uma vez que o bilhar era «uma das mais praticadas modalidades desportivas e,

³⁶ A Redacção (1955, Maio). A abrir... *Bilhar Desportivo*, p. 3.

apesar disso, pouquíssimas referências lhe fazem os grandes jornais e, o que é mais estranho, os jornais de desporto.»³⁷ E esta indiferença noticiosa³⁸ era vista como uma grande injustiça, uma vez que tinha sido «o bilhar que deu a Portugal o seu primeiro campeão do Mundo»³⁹ e foi «o primeiro desporto que conseguiu para Portugal a organização de um campeonato Mundial»⁴⁰, granjeando o bilhar português «bastante prestígio lá fora»⁴¹.

O *Bilhar Desportivo* foi recebido com entusiasmo pelos aficionados e praticantes de bilhar em Portugal e no estrangeiro, merecendo elogios no seio da União Internacional das Federações de Amadores de Bilhar. Contudo, tal como sucedia geralmente, o júbilo inicial depressa se transformou em frustração, devido às dificuldades em manter os anunciantes e um volume de assinantes e leitores que permitisse a sustentabilidade editorial da revista, que viria a extinguir-se após a publicação do número cinco, de Julho de 1956.

No mês seguinte, em Agosto de 1956, chegou ao fim uma outra publicação que reflectia os novos interesses desportivos dos portugueses, a *Xeque Mate – Revista Portuguesa de Xadrez*. Iniciada em Lisboa, em Novembro de 1954, a ideia desta revista mensal, dedicada ao xadrez, partiu de Joaquim Durão (proprietário, director e editor), que avisou os leitores, logo no número um, que a tiragem a partir do segundo número seria limitada aos assinantes, uma vez que a venda avulso em estabelecimentos comerciais obrigava a «encargos de ordem vária que forçariam comprometedoramente o aumento do preço da revista»⁴² (custava 6\$00). As edições seguintes teriam tiragens de 150 exemplares, um número considerado insuficiente para manter a revista em actividade, acabando por se publicar de forma irregular até ao número 14, de Agosto-Setembro de 1956, assentando o seu noticiário exclusivamente no xadrez (aliando um noticiário nacional e internacional, com problemas e exercícios mais técnicos).

Durante o ano de 1956 apareceram em Lisboa duas outras publicações desportivas especializadas, com vertentes bem distintas. Em Janeiro saiu o primeiro e único número da *Gymnasium – Revista de Educação Física*,

37 Idem, ibidem.

38 O único jornal desportivo generalista que dava alguma cobertura ao bilhar era o *Record*, como o *Bilhar Desportivo* reconheceu na edição de Julho-Agosto de 1955 (p. 5).

39 Idem, ibidem.

40 Idem, ibidem.

41 Idem, ibidem.

42 Cf. A Redacção (1954, Novembro). «Atenção aos Leitores». *Xeque Mate*, p. 18.

propriedade de Jorge de Matos Alves (também editor), sendo dirigida por Henrique Reis Pinto, com Mário Moniz Pereira como chefe de Redacção. Era mensal, custava 5\$00 e tinha como objectivo a promoção da educação física em Portugal, contando o número um com a colaboração de uma série de professores⁴³ de educação física.

Em 3 de Março de 1956 seria a vez de iniciar a publicação a revista *Colecção Ídolos do Desporto*, sob a direcção de E. Carradinha e edição da SET – Sociedade Editorial «O Trabalhador». Tratava-se de uma revista de cariz biográfico (formato 16x12, ao preço de 50 centavos), totalmente dedicada a um ídolo do desporto português. As 32 páginas ilustradas do número inaugural traçaram a biografia de um dos mais populares futebolistas portugueses, o avançado do SL Benfica, José Águas, iniciando-se assim uma revista que, nos 72 números seguintes (até 13 de Julho de 1957), traçaria o perfil biográfico a mais 72 desportistas portugueses, sobretudo ligados ao futebol, mas também ao hóquei em patins, ciclismo e atletismo, entre outros – surgiriam, nos anos e décadas seguintes, mais seis séries⁴⁴, a última delas entre 4 de Dezembro de 1971 e 13 de Maio de 1972 (n.º 24).

6. Continuação da hegemonia dos órgãos de clubes e instituições

Tal como sucedera entre 1946 e 1953 – em que a linha informativa dos órgãos clubistas e institucionais foi dominadora, gerando 26 dos 58 novos periódicos publicados em Portugal (os restantes dividiram-se entre 20 especializados e 12 generalistas) –, continuou a verificar-se, entre 1954 e 1957, um constante aparecimento de novas publicações ligadas aos clubes e às instituições desportivas (27 de um total de 52 novos periódicos), reflexo da necessidade crescente que esses organismos tinham em informar o público (em especial os sócios, adeptos e simpatizantes) das suas actividades.

O ano de 1954 estabeleceria um novo recorde de novas publicações desportivas surgidas num só ano, dedicadas aos clubes e às instituições desportivas: 12 no total (valor máximo anual em todo o no século XX,

43 Contou com artigos de José Esteves, Henrique Reis Pinto, Moniz Pereira, Eduardo Barbeiro, Augusto Ferreira Raposo, José de Serpa Brandão, Noronha Feio e Mário Lemos.

44 A 2.ª série: de 17 de Outubro de 1959 a 24 de Fevereiro de 1961 (n.º 72); 3.ª série: de 7 de Dezembro de 1963 a 23 de Maio de 1964 (n.º 25); 4.ª série: de 8 de Janeiro de 1966 a 21 de Maio de 1966 (n.º 20); 5.ª série: de 30 de Dezembro de 1967 a 15 de Junho de 1968 (n.º 25); 6.ª série: de 22 de Novembro de 1969 a 18 de Abril de 1970 (n.º 22).

aproximando-se unicamente em 1976 e 1978, ambos com dez periódicos desse género). Dez dessas publicações trataram-se de números comemorativos (principalmente de clubes) ou evocativos de uma data ou acontecimento importante, tendo quatro delas origem em Lisboa (*O Banheirense*⁴⁵, *O Benfica*⁴⁶, *Notícias do Automobilismo*⁴⁷ e *Vida Desportiva do Clube Atlético Campo de Ourique*⁴⁸) e as restantes no Porto (*Actualidades de Desporto e Turismo*⁴⁹), Peniche (*Vida Desportiva do Grupo Desportivo de Peniche*⁵⁰), Torres Vedras (*Vida Desportiva do Sport Clube União Torreense*⁵¹), Espinho (*Sporting Clube de Espinho*⁵²), Setúbal (*Desporto e Turismo*⁵³) e Horta (*Boletim do Sporting Club da Horta*⁵⁴).

Os únicos dois órgãos informativos de clube a terem alguma continuidade foram o *Boletim Mensal do Sport Lisboa-Lapa*, que embora fosse um boletim muito simples, encarnava o espírito⁵⁵ à volta deste género de periódicos, publicando-se, em Lisboa, entre Fevereiro de 1954 e Dezembro de 1958, e o *Boletim do Salgueiros*, semanário publicado aos sábados, propriedade e órgão do Sport Comércio e Salgueiros, do Porto. O primeiro número saiu em 4 de Dezembro de 1954, por altura das comemorações do 43.º aniversário do clube, contando entre os seus colaboradores com dois redactores desportivos de prestígio da imprensa diária portuense: Manuel Ramos, do *Jornal de Notícias*, e Nuno Rocha, de *O Primeiro de Janeiro*. Centrado na vida do clube e nas suas modalidades, o *Boletim do Salgueiros* tinha como director e editor, Santos Almeida, que se manteve no cargo durante cerca de dois anos, imprimindo novidades gráficas e editoriais ao boletim, que viria a suspender a publicação em 26 de Abril de 1958, no número 168, então sob a direcção de Ramiro D'Aguiar – o boletim, em forma de jornal mensal e com o título *Salgueiros*, regressaria com uma nova série em 8 de Dezembro de 1979, dirigido por Manuel Silva, publicando 17 números, até à edição de Maio-Junho de 1981.

45 Número único de Maio de 1954, dedicado ao 5.º aniversário do Clube União Banheirense.

46 Número único, comemorativo da inauguração do Estádio da Luz, do SL Benfica, em 1 de Dezembro de 1954.

47 Número único de Julho de 1954, dedicado ao Circuito Internacional de Lisboa.

48 Número único de 28 páginas, dedicado a homenagear o Clube Atlético de Campo de Ourique.

49 Número único de 12 páginas, dirigido por Luís Borges Ferreira.

50 Número único de 28 páginas, dedicado a homenagear o Grupo Desportivo de Peniche.

51 Número único de 28 páginas, dedicado a homenagear o Sport Clube União Torreense.

52 Número único de 11 de Novembro, de 1954 dedicado ao 40.º aniversário do clube.

53 Número único de 20 de Novembro de 1944, dedicado ao 44.º aniversário do Vitória Futebol Clube, de Setúbal.

54 Número único de 28 de Maio de 1954, dedicado ao 31.º aniversário do Sporting Club da Horta.

55 Cf. o editorial «Surpresa», publicado na capa do número um, de Fevereiro de 1954.

O ano de 1955 seria ligeiramente diferente do antecessor em termos do perfil dos órgãos de clubes e instituições. Embora tivessem iniciado publicação unicamente cinco periódicos desse género, ao invés dos 12 de 1954, o facto é que seriam órgãos mais duradouros e, alguns deles, inovadores em relação à modalidade a que se dedicavam. Um desses exemplos foi a revista *Ténis de Mesa*, órgão oficial da Federação Portuguesa de Ténis de Mesa, propriedade do Círculo Português de Ténis de Mesa (tratava-se de um pequeno grupo de entusiastas da modalidade), com sede em Lisboa. Publicou-se pela primeira vez em Fevereiro de 1955, tendo como director e editor António Appleton Figueira (exímio praticante), apresentando um alargado noticiário da modalidade em Portugal e no estrangeiro (recorreu a notícias da revista alemã *Tisch-Tennis*). No editorial «Ao que vimos», publicado na capa da edição inaugural, a direcção da revista explicou aos leitores que o ténis de mesa era uma modalidade cada vez com mais praticantes, encontrando-se Portugal no 21.º lugar em termos de jogadores federados (3.500) a nível mundial, encontrando-se 150 clubes filiados na Federação Portuguesa de Ténis de Mesa. Este interesse pela modalidade justificava o aparecimento de um periódico deste género, o qual viria a aguentar 18 números em publicação, desaparecendo em Fevereiro de 1960.

Em termos dos boletins de clubes, surgiram em 1955 quatro órgãos com uma vida editorial alargada: *O Académico*, boletim do Académico Futebol Clube, do Porto, publicou 24 números, entre 4 de Novembro de 1955 e Outubro de 1958; *O Caldas – Mensário de Informação do Caldas Sport Club*, das Caldas da Rainha, faria unicamente duas edições, em 4 de Junho e 9 de Julho de 1955; o *Jornal do Sport Club União Torreense*⁵⁶, de Torres Vedras, teria 54 edições, repartidas por duas séries, entre Janeiro de 1955 e 28 de Junho de 1958; e *O Desportivo – Boletim do Grupo Desportivo Lourenço Marques*⁵⁷, publicado na capital de Moçambique, entre Agosto de 1955 e Dezembro de 1961, sob a direcção do Dr. Luís Paiva e com uma tiragem de dois mil exemplares, distribuídos gratuitamente.

56 No número de Dezembro de 1955, numa análise ao primeiro ano de edição, no editorial «Um ano de vida», publicado na primeira página, estimava em três mil o número de leitores.

57 Tinha tido uma série anterior, mas de efémera duração, iniciando agora a publicação a partir do n.º 7, ano V, em Agosto de 1955. A sua história pautou-se por uma forte ligação à Metrópole (o clube era filial do SL Benfica), dando sempre destaque ao desporto metropolitano e às suas figuras proeminentes. De boa qualidade geral, apresentaria uma visão muito oficializada do desporto, terminando no n.º 36 de Dezembro de 1961.

Entre 1956 e 1957, a saída deste género de boletins de clubes manteve-se regular, publicando-se oito órgãos deste tipo. Apenas dois tiveram cariz comemorativo (o *Hockey Club Portugal*, lançado em Lisboa, em Junho de 1956, pelo aniversário do clube, e o *Boletim do CD Olhanenses*, de Olhão, de homenagem ao clube, em Julho de 1956), tendo os restantes seis boletins trajectos editoriais relativamente relevantes: o *Atleta*, boletim mensal do Ginásio Clube Português, publicou-se em Lisboa entre Setembro de 1956 e o número 17, de Abril-Maio de 1958; o boletim mensal *Sport Algés e Dafundo* saiu em 10 de Junho de 1957, em Algés, tendo 43 edições, até Agosto de 1961; *O Nadador – Boletim do Clube Nacional de Natação*, sediado em Lisboa, teria três séries, entre Agosto de 1957 e Agosto de 1964; o *Boletim do Sporting Clube de Gouveia* saiu em 18 ocasiões, em Gouveia, entre 15 de Novembro de 1957 e 21 de Janeiro de 1960; o *Esperança Atlético Clube* seria um boletim mensal publicado duas vezes, em Fevereiro e Abril de 1957, em Lisboa; e finalmente, a magnífica revista *O Benfica Ilustrado*, suplemento mensal do jornal *O Benfica* (1942), lançada em Lisboa, em 1 de Outubro de 1957, ao preço de 3\$50, sob a direcção de Paulino Gomes Júnior, que acumulava as duas direcções. Esta última publicação seria a que mais prestígio granjearia, beneficiando da própria popularidade do clube que lhe dava origem, o Sport Lisboa e Benfica, e da excelente qualidade gráfica e de papel (formato 32x23) que patenteava. A qualidade geral de *O Benfica Ilustrado* acarretava, naturalmente, um custo acrescentado à sua composição e impressão (feitas na tipografia da Empresa Nacional de Publicidade, em Lisboa), fazendo com que acumulasse gradualmente um défice, que se tornaria insustentável em finais de 1966, levando à suspensão no número 108, de 1 de Setembro de 1966 – teria uma segunda série, inicialmente trimestral, entre Janeiro-Março de 1988 (custava 150\$00 e era dirigida por João M. Loureiro) e o número 27, de Junho de 1995 (era mensal, ao preço de 350\$00, dirigida por Carlos Morgado), mantendo esta segunda fase de *O Benfica Ilustrado* uma elevada qualidade gráfica, na linha da antecessora.

Ao nível dos boletins ligados às instituições desportivas, dois títulos ligados ao futebol teriam a sua génese neste período. O primeiro foi o *Boletim da Federação Portuguesa de Futebol*, lançado em Lisboa, em 1 de Junho de 1956, sob a dupla direcção do Dr. Artur Gouveia e do Tenente-Coronel Ângelo Ferrari. A edição inaugural, de 20 páginas (formato 26x20), era dominada por

artigos de opinião de vários jornalistas desportivos de renome, como Ribeiro dos Reis, Raul de Oliveira, Ricardo Ornellas, Rebelo da Silva e Trabucho Alexandre, destacando-se também o editorial «Uma falha que se procura eliminar» (na página três), em que a direcção do boletim referia que eram poucas as federações na Europa que não possuíam um boletim deste género, sendo fundamental «eliminar» essa falha em Portugal. No entanto, o boletim não passou do número inaugural, reaparecendo com uma segunda série em Agosto de 1963, novamente de edição única⁵⁸.

Editorialmente mais estável seria *O Árbitro*, órgão oficial da Comissão Central dos Árbitros de Futebol, apresentado em Julho de 1957 e dirigido pelo Dr. Décio de Freitas, com Joaquim Campos como editor e sediado na Rua da Emenda, n.º 30, 1.º, em Lisboa. Tratava-se de uma revista mensal de 40 páginas (formato 24x15), centrada nas actividades dos árbitros de futebol portugueses. E assim se manteve durante os 17 anos seguintes, publicando 204 números, até Junho de 1974, sendo vítima nessa altura da insatisfação que a obrigatoriedade da sua subscrição estava a causar entre os árbitros portugueses, assim como da falta de colaboração, dos atrasos nos pagamentos das assinaturas e dos seus elevados encargos mensais – teria uma segunda série, com o título *O Árbitro – Órgão Defensor da Associação Portuguesa de Árbitros*, entre Março de 1982 e Dezembro de 1994 (n.º 71), ocorrendo depois algumas tentativas de reactivação, sem sucesso.

No primeiro número de *O Árbitro*, de Julho de 1957, no artigo «O nosso intento», publicado na página quatro, o redactor Joaquim Carvalho explicou detalhadamente as razões que levaram ao aparecimento da revista, fazendo também uma saudação a «todos os Desportistas, Imprensa, Rádio e Televisão». Esta alusão à televisão era representativa dos novos tempos que se viviam entre os *media* portugueses, com óbvios efeitos no desporto e na própria imprensa periódica desportiva.

7. A consolidação da rádio e a novidade chamada televisão

Antes de nos debruçarmos sobre os primeiros passos na relação entre a televisão e o desporto, convém fazer algumas considerações à evolução que a

⁵⁸ Apresentou-se como mensal, sob a direcção do presidente da FPF, Francisco Madeira Mega, tendo uma tiragem de 20 mil exemplares, distribuídos gratuitamente pelas associações, clubes e futebolistas inscritos em todas as categorias.

rádio desportiva fez em Portugal nas décadas de 1940 e 1950. Durante a primeira metade dos anos 1940, a exclusividade dos populares relatos de futebol era da Emissora Nacional de Radiodifusão, sediada em Lisboa, que tinha em Ayala Botto um dos seus principais locutores desportivos (era famoso o seu programa quinzenal «Ecos Desportivos», emitido na primeira e terceira quarta-feira de cada mês, às 9h35 da manhã). Apesar das críticas de que era alvo, principalmente pela falta de conhecimento do nome dos jogadores durante os relatos, Botto ganhou prestígio no meio futebolístico português, estabelecendo uma relação de proximidade com vários futebolistas e dirigentes desportivos. Uma das histórias que melhor ilustra esta relação sucedeu em 14 de Janeiro de 1940, relatada nas páginas do jornal portuense *Sporting* do dia seguinte, envolvendo Botto e o jogador portuense Lemos. Antes do início de um jogo entre as selecções de futebol do Porto e Lisboa, Lemos pediu a Botto para, em caso de sofrer uma entrada mais dura ou se lesionar, o locutor não o transmitisse pelo microfone da Emissora Nacional, uma vez que a mãe estava a acompanhar o jogo no Porto, através do seu aparelho de rádio, e podia «afigir-se»⁵⁹. Era comum os jogadores falarem com Botto para lhe pedirem que falasse bem deles durante os relatos, uma vez que isso lhes conferia um elevado prestígio social, desportivo e familiar.

Outra figura de destaque no desporto radiofónico dos anos 1940 e 1950 foi Domingos Lança Moreira, que se distinguiu também no jornalismo escrito após assumir a direcção da popular revista *Stadium* em 1941. Teria uma coluna de opinião, com o título «Deve & Haver...», na revista lisboeta *Seleção*, onde publicaria uma excelente análise, na edição de 5 de Outubro de 1948, sobre as condições das bancadas de imprensa da maioria dos campos e estádios portugueses. Segundo Lança Moreira, os locutores desportivos eram «os trabalhadores mais sacrificados dos parques atléticos», uma vez que tinham de estar noventa minutos a falar, muitas das vezes, sem as mínimas condições de visibilidade e climatéricas. E dava o exemplo: «No Inverno, suportam chuva, vento, frio e humidade. Chegam ao fim dos prélios ou encharcados até aos ossos, ou enregelados, a pontos de se lhe tolherem os movimentos. No Verão, a poeira que se levanta dos terrenos “pelados”, aliada ao sol tórrido, “seca-os” e asfixia-os, de maneira insuportável.» Era preciso também melhorar a visibilidade para os locutores, devendo criar locais

59 A Redacção (1940, 15 de Janeiro). O Lemos e a retransmissão radiofónica dos jogos de futebol. *Sporting*, p. 4.

elevados nos campos, donde fosse possível fazer «uma descrição mais correcta, mais fiel, porventura mais descongestionada» dos jogos, a exemplo do que sucedia no estrangeiro – o facto destes locutores acompanharem as equipas portuguesas pela Europa, em especial a Selecção Nacional de Futebol, fazia com que conhecessem as boas condições para a Imprensa nos principais estádios europeus e as comparassem com os portugueses. Lança Moreira tinha confiança que as más condições dadas à imprensa desportiva, e aos locutores de rádio, em Portugal, começassem a mudar, principalmente depois do anúncio da construção de uma série de novos estádios para os anos 1950, com a direcção de alguns clubes, como o Sporting CP, a anunciar a criação de lugares condignos para os redactores desportivos e locutores de rádio no novo Estádio José de Alvalade (inaugurado em Junho de 1956).

No início dos anos 1950, Domingos Lança Moreira decidiu criar uma empresa radiofónica vocacionada para os programas desportivos, dando-lhe a designação de Produções Lança Moreira. Um dos programas mais populares foi o «Previsões Desportivas», que ia para o ar aos domingos, às 12h45, fazendo uma antevisão dos jogos de futebol que se realizavam à tarde. Em Setembro de 1955, por altura do arranque do Campeonato Nacional de Futebol da I Divisão, a empresa de Lança Moreira e o jornal *Mundo Desportivo* iniciaram uma colaboração com vista a uma melhor cobertura, quer radiofónica, quer escrita, dos jogos de futebol – nessa altura, além do programa dominical «Previsões Desportivas», as Produções Lança Moreira tinham também em emissão a revista radiofónica desportiva «Golo» (aos domingos, ao meio-dia) e o programa tauromáquico «Sol e Touros», da autoria de Manuel Azambuja (emitido aos domingos, às 13h30). Para acompanhar os jogos de futebol, que tinham uma grande audiência (em 1958 haviam cerca de 689 mil aparelhos de rádio em Portugal), as Produções Lança Moreira contavam aos domingos à tarde (desde Fevereiro de 1955) com duas equipas de exteriores (as duplas de redactores Lança Moreira-Reis Júnior e Mário Sérgio-António Miguel), para acompanhar os dois principais jogos da jornada, fazendo o relato da partida para três emissoras: em ondas médias, curtas e frequência modulada, para o Rádio Clube Português; e em ondas médias, para a Rádio Voz de Lisboa e para o Clube Radiofónico de Portugal.

Em 1955, a Emissora Nacional decidiu apostar num sistema novo para relatar os jogos de futebol, tentando assim não perder ouvintes, uma vez que

desde 1948 deixara de ter a exclusividade da retransmissão dos jogos de futebol, os quais passaram também a ser realizados no Rádio Clube Português, alargando-se depois a outras emissoras. Em Novembro de 1955, por ocasião do clássico que opunha o FC Porto ao SL Benfica, a emissora estatal⁶⁰ decidiu utilizar três locutores para relatarem as incidências da partida, localizando-se um, o locutor principal, na zona de meio-campo (normalmente Artur Agostinho) e os outros dois atrás de cada baliza (Amadeu José de Freitas e Nuno Barros) – este sistema tripartido (popular no Brasil) permitia uma maior dinâmica do relato e mais informações à volta do jogo. Em 1955, Ayala Botto cedeu o seu lugar de locutor de futebol da Emissora Nacional a Alfredo Quádrios Raposo, que se tornaria, juntamente com Artur Agostinho, numa das principais vozes desportivas radiofónicas da segunda metade da década de 1950 (Oliveira, 1964: 83). Foi igualmente criado, nesta altura, pela Emissora Nacional, a figura de comentador desportivo, cargo que seria sucessivamente desempenhado, até meados dos anos 1960, pelos conceituados jornalistas Tavares da Silva, Trabucho Alexandre e Aurélio Márcio. E em finais da década de 1950, iniciaram-se os primeiros programas radiofónicos dedicados a um determinado clube, principalmente aos de maior dimensão e representatividade social. Um dos primeiros exemplos passou-se no Porto, em 1959, com a emissora Ideal Rádio a retransmitir semanalmente o programa «A Voz do Futebol Clube do Porto».

Para além do futebol, o ciclismo foi outra das modalidades que ganhou popularidade com a rádio, principalmente graças ao programa «Os Companheiros da Alegria», realizado por Igrejas Caeiro⁶¹, para animar em directo os finais de etapa da Volta a Portugal em Bicicleta de 1951, sendo retransmitido pelo Rádio Clube Português. A ideia partira do *Diário do Norte*, nesse ano organizador da prova, que encarregou Igrejas Caeiro de criar um espectáculo de variedades no final de cada etapa, de forma a atrair mais

60 A ligação das rádios estatais ao desporto não foi um exclusivo português. Os vizinhos espanhóis, através da Rádio Nacional de Espanha (RNE), habituaram-se a acompanhar de perto o desporto espanhol, principalmente os jogos de futebol da Seleção Nacional de Espanha. Por exemplo, em 26 de Janeiro de 1947, a RNE transmitiu de Lisboa o jogo Portugal-Espanha, relatado por Matías Prats, o mais prestigiado jornalista desportivo espanhol, tendo as emissoras Rádio Barcelona e Rádio Espanha conectado com o relato da RNE. O mesmo sucedeu em 21 de Março de 1948, por ocasião do Espanha-Portugal, narrado por Matías Prats e Enrique Mariñas.

61 Em 11 de Fevereiro de 1954, deu uma entrevista a *O Norte Desportivo* em que manifestou simpatia com a causa indiana, custando-lhe o emprego e o cancelamento das actividades profissionais – o programa «Os Companheiros da Alegria» passou a ser transmitido a partir dos estúdios do Rádio Clube Português, perdendo popularidade.

público, passando o Rádio Clube Português a transmiti-lo para uma, cada vez maior, audiência (o relato de cada etapa cativava, sobretudo, o público masculino e o programa de variedades, o feminino). O sucesso foi tanto que o programa passou a integrar a Volta nos anos seguintes.

Em 1957, a forma como o público via e pensava o desporto e a informação desportiva sofreu uma considerável alteração a partir da chegada de um novo meio de comunicação social: a televisão. Até então o público adepto de desporto estava habituado a apreciar directamente um evento desportivo ou, quando não o podia fazer, a ouvi-lo pela rádio, lendo e vendo no dia seguinte, na imprensa, as respectivas apreciações ao acontecimento e as fotografias mais importantes. A chega da televisão permitia introduzir aquilo que na década de 1930 e 1940 se havia conseguido, muito ocasionalmente, através do cinema: a visualização dos acontecimentos e dos ídolos desportivos através de imagens em movimento, inicialmente a preto e branco, com som, captadas num aparelho (televisor) que se podia ter em casa ou nos cafés, podendo ser essa visualização em directo (no momento preciso em que estava a acontecer) ou em diferido (passado algumas horas ou nos dias seguintes).

O Estado português encarregou-se de ficar com o monopólio televisivo, criando a Rádio Televisão Portuguesa (RTP), a exemplo do que fizeram outros países⁶². Na sua primeira emissão experimental, em 4 de Setembro de 1956, a RTP apostou desde logo no desporto, inserindo a rubrica «Revista Desportiva» no programa inaugural, transmitido às 21h30. Esse primeiro programa desportivo foi apresentado por Domingos Lança Moreira, que entrevistou o ciclista Alves Barbosa, vencedor da Volta a Portugal em Bicicleta, tendo também promovido uma demonstração de ténis de mesa, no estúdio, pela equipa do SL Benfica.

Os reflexos desta emissão televisiva experimental fizeram-se sentir em toda a imprensa desportiva. Dias depois da emissão, em 19 de Setembro, o escritor Vitorino Nemésio, na sua habitual «Crónica» no *Jornal dos Sports*, com o título «A Televisão vem aí», teceu algumas considerações, bastante negativas, sobre os novos meios de comunicação: «Passividade inventiva – pensamento parado, imaginação inerte, comodismo receptivo, em suma – eis, teoricamente, os males dos grandes meios técnicos de que dispõe o nosso

62 Em 1945, em França, o governo francês criou a Rádio-Télévision Française, ficando com o monopólio televisivo. Em 1948 passaria as primeiras imagens televisivas do Tour de France, com muito êxito.

tempo: os contras da rádio, da televisão, da máquina de pensar, etc.» E alertou para outras questões: «Depois da audição, a visão. Não tardamos também em estar acocorados em casa, na penumbra, vendo macaquinhos vivos que gesticulam e conversam. A vida organiza-se para o serão dos mudos, em família e em pantufas.»

A primeira emissão regular da RTP foi a 7 de Março de 1957, uma quinta-feira, tendo, após o noticiário das 22h00, aparecido o redactor desportivo Domingos Lança Moreira a falar de futebol, na rubrica «Miradoiro», mostrando imagens dos jogos entre as selecções militares de Portugal e da França, realizados em Lisboa e Paris, seguindo-se uma entrevista ao jogador Rocha (Tevez, 2007: 19). Entre 1957 e 1958 apareceram no pequeno ecrã 14 redactores⁶³ desportivos, incluindo Lança Moreira, com vista a eleger dois para ficarem, de forma permanente, na secção desportiva da RTP – eram todos grandes figuras do jornalismo desportivo da época: Ricardo Ornellas, Tavares da Silva, Edmundo Tagarro, Manuel Mota, Vítor Santos, Aurélio Márcio, Silva Resende, Carlos Pinhão, Fernando Soromenho, Amadeu José de Freitas, José Ilharco, Rebelo de Carvalho e Alves dos Santos. Foi possível vê-los em programas como «Imagens do Domingo Desportivo», «O Domingo Visto de Véspera», «Revista Desportiva», «Vida Desportiva», «Tribuna Desportiva», «História de um Às» e «Desporto no Mundo». As duas escolhas para redactores desportivos recaíram sobre Tavares da Silva (falecido pouco depois) e Alves dos Santos, que se juntavam a Serafim Marques (que assinava sob o pseudónimo de Cordeiro do Vale), cuja principal tarefa era montar o material filmado. Alves dos Santos assumiu-se como a figura emergente do desporto da RTP, graças à sua postura singular ante a câmara e pela terminologia aplicada nos comentários (Tevez, 2007: 24), ganhando a confiança de milhares de espectadores (em 1958 havia perto de 18 mil aparelhos de televisão em Portugal) – em 1959, a Alves dos Santos juntou-se Artur Agostinho, que à segunda-feira fazia o programa «Figuras e Factos do Domingo Desportivo», dedicado a escarpelizar o sucedido ao domingo.

Em inícios de 1958 começaram as primeiras emissões exteriores dedicadas ao desporto, realizando-se a primeira reportagem directa em 9 de

63 O Sindicato Nacional dos Jornalistas não reconheceu os profissionais de informação da RTP como jornalistas, alargando assim à televisão o que sucedia com os profissionais da rádio, jornais desportivos e imprensa regional. Por isso, o uso do termo «redactor». A integração sindical só sucederia depois de 1974.

Fevereiro de 1958, desde o Estádio de Alvalade, em Lisboa, onde jogavam o Sporting CP e o FC Áustria, cabendo o relato a Domingos Lança Moreira, os comentários e entrevistas a Fernando Soromenho e Mário Cília, e a realização a Artur Ramos. Uma semana depois, em 16 de Fevereiro, os serviços de exteriores da RTP voltaram a transmitir um jogo de futebol, desta feita desde o Restelo, onde se defrontaram as equipas militares de Portugal e dos Estados Unidos da América, com relato de Amadeu José de Freitas, que se estreava nessa função, e comentários e entrevistas de Domingos Lança Moreira e Aurélio Márcio. E quanto à primeira emissão internacional, em ligação com a Eurovisão (criada em 1954), ocorreria em 6 de Setembro de 1959, com a transmissão do encontro de futebol entre o Real Madrid e o Peñarol, efectuado em Madrid, para a Taça Intercontinental (Oliveira, 1964: 84). Dois anos depois, os portugueses teriam a possibilidade de assistir à primeira transmissão directa do estrangeiro, desde Berna, em 31 de Maio de 1961, com a sexta final da Taça dos Clubes Campeões Europeus, disputada entre o SL Benfica e FC Barcelona, comentada por Alves dos Santos – nesse dia, a vitória benfiquista permitiu observar o primeiro grande momento televisivo de exaltação nacional à volta do desporto português.

Alves dos Santos, interveniente directo neste período, uma vez que mantinha colaborações na imprensa desportiva e na rádio, além da televisão, publicaria em Setembro de 1974, no anuário *Futebol 74*, uma profunda reflexão, com o título «Futebol na TV», sobre os primeiros anos da relação entre a televisão e o desporto, em especial o futebol, em Portugal. Nessa análise, o redactor desportivo começou por recordar que durante os primeiros anos de actividade da televisão em Portugal, a imprensa periódica desportiva considerou a televisão «uma concorrente», a exemplo do que sucedera com a rádio, nos anos 1930. Só após alguns anos de convívio entre os dois meios de informação (imprensa periódica e televisão) é que o jornalismo desportivo escrito «acabou por considerar a TV como uma aliada», uma vez que mostrava as imagens de acontecimentos desportivos que não dispensavam, no dia seguinte, uma leitura atenta na imprensa escrita, formando-se uma nova trilogia informativa: «a Rádio anuncia, a TV mostra e a Imprensa explica» – e «nenhuma delas dispensa as outras».

Uma das facetas que levantou também alguma preocupação no meio desportivo, do final dos anos 1950 e na década de 1960, foi o medo a que a

televisão viesse «eliminar ou empobrecer todas as outras formas de espectáculo» (desporto incluído), como referiu Francisco Sarsfield Cabral, na sua secção «Quem vê», dedicada à crítica televisiva, na revista *Flama* de 26 de Outubro de 1962. Mas esse medo, segundo o cronista, era infundado, uma vez que «na grande maioria dos casos e tomadas as necessárias precauções, a televisão pode contribuir como nenhum outro factor para o interesse do público por determinado espectáculo». E dava um exemplo desportivo: «Sem todas as transmissões que a televisão dedicou a anteriores jogos do Benfica (realizados no estrangeiro), não desfrutaria esta equipa de tão grande popularidade na Europa e mesmo em Portugal». Desta forma, era necessário que surgisse «uma nova mentalidade em relação à TV» (no campo desportivo e em geral), uma vez que se estava a desperdiçar «o mais espantoso meio de comunicação e difusão alguma vez posto ao alcance do homem».

CAPÍTULO 13

1958-1974: Declínio fruto da normalização

1. Factores de mudança

A linha evolutiva da imprensa periódica desportiva, que tinha crescido entre 1954 e 1957 (52 novos periódicos em quatro anos), voltou a cair, a partir de 1958 (ver Tabela 9), para valores abaixo dos dez novos periódicos desportivos ao ano, tendência que se iria manter até 1974 (com um único ano de excepção, o de 1961, em que surgiram 11 novos periódicos). Durante estes 17 anos (1958-1974) nasceram em Portugal 84 publicações periódicas desportivas, distribuídas por 46 órgãos informativos de clubes e instituições desportivas, 19 especializados e 19 generalistas, verificando-se pela primeira vez um ano (1971) em que não surgiu qualquer novo periódico desportivo, o que não sucedia desde 1891 e seria caso único em todo o século XX.

Tabela 9

Imprensa Periódica Desportiva Criada entre 1958 e 1974

Ano	Número total de novos jornais desportivos	Generalistas	Especializados	Órgãos de clubes e instituições desportivas
1958	7	0	1	6
1959	8	3	2	3
1960	5	1	0	4
1961	11	0	2	9
1962	5	2	1	2
1963	6	2	1	3
1964	2	0	1	1
1965	4	0	0	4
1966	5	2	0	3
1967	2	0	1	1
1968	2	1	0	1
1969	4	2	1	1
1970	7	3	0	4
1971	0	0	0	0
1972	5	0	5	0
1973	3	1	1	1
1974	8	2	3	3
Total	84	19	19	46

Como referimos no período anterior, a consolidação de uma imprensa periódica desportiva generalista de referência fez com que as tentativas de criar novos periódicos desse género tivessem diminuído (unicamente 19 novos jornais generalistas em 17 anos). A preponderância noticiosa de *A Bola*, *Mundo Desportivo* e *Record* (em Lisboa e um pouco por todo o País), *O Norte Desportivo* (no Porto, mas com leitores em todo o País, graças à utilização da rede de distribuição de *O Primeiro de Janeiro*), *A Voz Desportiva* (em Coimbra e na região centro) e o *Angola Desportiva* (em Luanda, até 1971), criaram um cenário concorrencial muito forte entre 1958 e 1974, impermeável ao surgimento de novos projectos jornalísticos desportivos generalistas.

Além disso, a imprensa diária generalista manteve igualmente boas secções desportivas, dotadas de jornalistas desportivos de qualidade, como sucedeu com *O Século* (Luís Ferreira), *Diário de Notícias* (Rebelo da Silva), *Diário Ilustrado*¹ (Trabucho Alexandre, E. Carradinha e Nuno Rocha) ou *Diário Popular*² (Ricardo Ornellas e Aurélio Márcio), entre outros. E, não menos relevante, foi o interesse acrescido pelo desporto (em especial o futebol) das revistas semanais de actualidades, cujos melhores exemplos foram *O Século Ilustrado*³ (destaque para os redactores Luís Alves⁴ e o crítico tauromáquico El Nunes e para a colaboração do fotógrafo Eduardo Gageiro) e *Flama*⁵ (com os redactores Fernando Jorge, Neves de Sousa, António Botelho Moniz, José Sampaio e os fotógrafos Joaquim Lobo e Roland Oliveira).

A este activo cenário da imprensa desportiva havia ainda que acrescentar dois outros meios informativos, aos quais os jornalistas desportivos se podiam dedicar ou colaborar: a rádio (em 1958 estavam no ar 36 emissoras) e a televisão (com a exclusividade da RTP). Os melhores redactores

1 Publicou-se entre 1956 e 1963, apresentando sempre uma boa secção desportiva.

2 Avançaria no final dos anos 1950 com um suplemento desportivo às segundas-feiras. Ao domingo tinha duas edições: a habitual da manhã e a do fim da tarde, com os resultados do futebol (muito popular entre os leitores).

3 Dedicou ao desporto, em especial ao futebol, diversas primeiras páginas, algumas representativas do furor que se vivia à volta do SL Benfica e das suas vitórias europeias na década de 1960 (e.g. edição de 14 de Abril de 1962).

4 Era responsável da secção semanal «Página Desportiva», em 1962.

5 Teve no futebol um dos seus temas de capa regulares na década de 1960, sobressaindo as edições durante o Campeonato do Mundo de Futebol de 1966 (cf. edição de 5 de Agosto de 1966). Dedicaria também diversas capas aos heróis desportivos, cada vez mais famosos, em especial os futebolistas (cf. edição de 26 de Outubro de 1962, com a capa dedicada a Pelé). O número 1.076, de 18 de Outubro de 1968, teria na capa uma fotografia de Amália Rodrigues e Eusébio, dois heróis nacionais, juntos pela primeira vez devido a um convite da revista *Flama* (em 1965, a revista tinha dedicado uma extensa cobertura noticiosa ao casamento de Eusébio, com quem mantinha excelentes relações).

desportivos, habitualmente a força motriz dos novos projectos jornalísticos, encontravam-se ocupados e geralmente entusiasmados com os projectos onde estavam inseridos, reduzindo-se igualmente o volume de transferências de jornalistas entre publicações (a definição de remunerações, das carreiras profissionais e a estabilidade económica dos principais periódicos desportivos para isso contribuíram). Reforçou-se ainda a ideia de família no seio das principais redacções dos periódicos desportivos, assistindo-se também a uma mudança geracional, com a morte de algumas figuras que haviam marcado o jornalismo desportivo desde os anos 1920 e 1930, como Cândido de Oliveira e Tavares da Silva (ambos falecidos em 1958), Ribeiro dos Reis (em 1961) e Ricardo Omellas (em 1967), entre outros. O desaparecimento daquela que era considerada a geração dos «Mestres» abriu espaço a uma nova geração de jornalistas desportivos.

2. Fase de reajustamento no jornalismo desportivo generalista

Mais uma vez, o trio lisboeta formado por *A Bola* (trissemanário das segundas, quintas-feiras e sábados), *Mundo Desportivo* (trissemanário das segundas, quartas e sextas-feiras) e *Record* (bissemanário das terças-feiras e sábados) foi o que mais contribuiu para uma notória acalmia do meio jornalístico ligado ao desporto na Capital e por todo o País (a melhoria da distribuição dos jornais reforçou a representatividade nacional). Foi centrado neste trio e no seu desenvolvimento que evoluiu a restante imprensa periódica desportiva portuguesa entre 1958 e 1974, e nos anos seguintes, em todas as suas vertentes, quer editoriais e discursivas, quer gráficas e informativas.

O ano de 1958, durante o qual não surgiu qualquer nova publicação generalista (o que não constituía nenhuma novidade, uma vez que sucedera o mesmo pouco tempo antes, em 1952 e 1947), ficaria marcado pelo desaparecimento de um grande vulto do desporto e do jornalismo desportivo português, o «mestre» Cândido de Oliveira⁶. Faleceu em 23 de Junho, em Estocolmo, na Suécia, onde se encontrava como enviado-especial do jornal de que era fundador e director-adjunto, *A Bola*, para fazer a cobertura do Campeonato do Mundo de Futebol. Aos 62 anos, foi vítima de uma grave

⁶ Em 2000, o jornalista Homero Serpa publicou a obra biográfica *Cândido de Oliveira – Uma Biografia*.

pneumonia, contraída durante a viagem de automóvel⁷ entre Lisboa e Estocolmo. A notícia deixou consternada a imprensa desportiva portuguesa, principalmente o periódico que ajudara a fundar e que lhe dedicaria diversas homenagens. O «ambiente de tristeza»⁸ foi de tal ordem que alguns leitores chegaram a afirmar «não ter coragem para ler *A Bola*», como destacaria o jornal conimbricense *A Voz Desportiva*, na capa de 30 de Junho de 1958, no editorial «Cândido de Oliveira», assinado pelo Dr. Armando Sampaio. Nesse mesmo artigo de homenagem, o autor afirmava categoricamente que Cândido de Oliveira não tinha sido «uma das primeiras figuras do futebol nacional, mas sim, com toda a propriedade e todo o direito, a Primeira Figura».

Os dois principais periódicos rivais em Lisboa, *Mundo Desportivo* e *Record*, uniram-se na dor e no respeito à figura de Cândido de Oliveira. O *Mundo Desportivo* dedicou a primeira página de 25 de Junho ao «mestre», colocando-o no patamar de outro herói falecido em Estocolmo: «Cândido tombou na Suécia, onde, em 1912, caiu fulminado o atleta Francisco Lázaro, como se um signo de fatalismo acompanhasse os desportistas portugueses nas longínquas terras da Escandinávia.»⁹ E quanto à perda para o jornalismo desportivo, as palavras da Direcção do *Mundo Desportivo* foram esclarecedoras: «Morreu Cândido de Oliveira! O lugar que ele conquistou no jornalismo da especialidade está vago e dificilmente será preenchido. Paz à sua alma!». Nessa mesma altura, o director do jornal, Raul de Oliveira, dirigiu-se à redacção de *A Bola*, no número 23 da Travessa da Queimada, em Lisboa, para dar as condolências, em mostra de grande respeito pela figura de Cândido de Oliveira e em solidariedade pela perda do jornal.

O *Record*, incompatibilizado com *A Bola* desde 1950, colocou de lado as divergências e o seu fundador, Monteiro Poças, deslocou-se à redacção de *A Bola* para apresentar condolências, num gesto de respeito que seria, dias depois, retribuído com uma visita ao *Record*, na Rua da Rosa, dos dois outros fundadores de *A Bola*, Ribeiro dos Reis e Vicente de Melo. Nessa visita de

7 Apesar dos 62 anos, Cândido de Oliveira decidiu viajar de carro até Estocolmo, fazendo algumas paragens pelo meio, para descansar. Em Paris, numa dessas paragens, em 19 de Junho, o seu veículo sofreu uma quebra num vidro lateral, o que acarretava ter que passar mais dias para a substituição, podendo vir a perder o jogo de abertura do Mundial-1958. Cândido decidiu fazer o resto da viagem com o vidro partido, o que lhe valeu uma forte pneumonia e consequente morte num hospital sueco.

8 Sampaio, A. (1958, 30 de Junho). Cândido de Oliveira. *A Voz Desportiva*, p. 1.

9 A Direcção (1958, 25 de Junho). Cândido de Oliveira. *Mundo Desportivo*, p. 1.

agradecimento ficariam saradas as feridas abertas em 1950, iniciando-se um novo período de «amizade e harmonia»¹⁰ entre os dois jornais.

Foi neste clima de concórdia que o *Record* chegaria, em Novembro de 1959, ao seu décimo aniversário, comemorado na edição do dia 24, mantendo na direcção Fernando Ferreira¹¹, que nesse número explicou ao leitores a linha de rumo que o jornal tinha adoptado desde a fundação: «Temos procurado, nestes dez anos de labuta, manter o jornal afastado de tudo quanto seja política desportiva, com as mãos brancas de intenções menos justas. Alheios a nomes de homens ou de instituições. Criticamos, com o calor e a serenidade dos que não temem, sempre que há motivo para críticas; louvamos, com a sinceridade e o desprentiosismo dos que querem ser justos, sempre que temos motivos para louvar.»¹²

Nesse mesmo ano de 1959, um outro periódico, o quarto mais importante em Portugal, estava igualmente em festa. Tratava-se do bissemanário portuense *O Norte Desportivo*, dirigido por Joaquim Alves Teixeira e publicado às sextas-feiras e domingos. Na edição 2.168, de 2 de Janeiro de 1959, comemorou o 25.º aniversário, explicando aos leitores, no editorial «A vida de um jornal», publicado na capa, que tinha passado por duas fases: uma entre 1934 e 1951, em que esteve quase confinado à sua cidade, o Porto, e à região Norte; e outra, a partir de 31 de Dezembro de 1951, em que, graças ao apoio redactorial de *O Primeiro de Janeiro* e às suas oficinas gráficas, tinha conseguido atingir a sua «maioridade, tornando-se um órgão desportivo de carácter verdadeiramente nacional», sendo «procurado e conhecido, do Minho ao Algarve e de Angola a Moçambique».

Apesar da preponderância noticiosa e de vendas destes periódicos, isso não inibiu o surgimento de outras publicações periódicas desportivas generalistas entre 1959 e 1960. Mas foram apenas quatro os novos títulos

10 A Redacção (1989, 26 de Novembro). O melhor jornal desportivo português. *Record* (Suplemento do 40.º aniversário), p. 19.

11 Nascido em 21 de Agosto de 1918, praticou diversas modalidades desportivas na juventude, diplomando-se mais tarde em educação física, tendo-se especializado em atletismo (treinou a equipa do SL Benfica durante 15 anos e foi técnico responsável por várias selecções nacionais que participaram em Campeonatos da Europa e Jogos Olímpicos). Teve uma longa carreira como professor de educação física e atletismo, assim como de dirigente desportivo. No jornalismo, foi um dos fundadores do *Record* e seu primeiro director, até 31 de Maio de 1963, sendo também director da revista *Atletismo* (cf. a biografia publicada no *Record* de 26 de Novembro de 1997, p. 44).

12 A Direcção (1959, 24 de Novembro). «Record» vai entrar no 11.º ano de vida». *Record*, p. 1.

desse género e em quatro locais onde existia uma forte concorrência (Lisboa, Porto, Figueira da Foz e Angola), o que, em parte, justificou a sua fraca longevidade editorial.

O primeiro foi o *Cultura e Desporto – Mens sana in corpore sano*, mensário lançado em Janeiro de 1959, na cidade de Huambo, em Angola. O noticiário desportivo angolano era dominado, desde 1930, pelo jornal *Angola Desportiva*, de Luanda, surgindo, ocasionalmente, outras tentativas de criar publicações desportivas. A ideia partiu do Sporting Clube de Huambo, que escolheu o Dr. Amaral Gouveia para director, tendo imprimido ao periódico uma linha editorial abrangente, não se restringindo a mero órgão de clube, de forma a «contribuir com uma modesta quota parte para o progresso, desenvolvimento e propaganda do desporto»¹³ no distrito de Huambo e na província ultramarina de Angola. O desporto era o tema dominante no jornal, embora contasse com uma secção cultural, sendo o futebol, basquetebol e o hóquei em patins angolanos os temas em destaque (assim como o desporto feminino¹⁴), dedicando pouca cobertura noticiosa à Metrópole. Publicou-se regularmente até ao número 21, de Janeiro de 1961, altura em que comemorava dois anos de existência, iniciando uma série de mudanças (melhoria do papel e das próprias secções), mas a partir dessa altura entrou em declínio, sofrendo várias interrupções, até que desapareceu, em Dezembro de 1962 (edição 24).

A nível regional, na Metrópole, começou a publicar-se em 9 de Setembro de 1959, na Figueira da Foz, o jornal *Figueira Sport*, alicerçado nas figuras de Aníbal Correia de Matos (proprietário e director) e Aníbal José de Sousa e Matos (editor e chefe de redacção). O subtítulo indicava claramente o seu objectivo: «Quinzenário desportivo para defesa dos interesses dos clubes da Figueira da Foz e sua Região». Ciclismo, tiro, hípica, natação e futebol eram os principais temas do número inaugural, distribuídos por seis páginas (formato 38x27) de fraca qualidade de papel e gráfica, cabendo a impressão e composição à Imprensa Económica, Lda., da Figueira da Foz. Quinzenalmente, às quartas-feiras, ao preço de 1\$30, passou assim a sair o *Figueira Sport*, cujo principal rival era *A Voz Desportiva*, de Coimbra, que em Novembro de 1956 comemorara o 30.º aniversário, sendo o jornal desportivo

13 A Redacção (1959, Janeiro). A abrir. *Cultura e Desporto*, p. 1.

14 A capa do número 8, de Agosto de 1959, foi dedicado ao desporto feminino angolano.

generalista mais antigo¹⁵ em actividade em Portugal, mantendo ainda um regime de total amadorismo (a actividade jornalística não era remunerada, o que começava a ser uma excepção no panorama nacional). Desde 13 de Novembro de 1926 que se publicava semanalmente (ao sábado), sem qualquer interrupção, assumindo-se claramente como o principal periódico desportivo do distrito de Coimbra. A Figueira da Foz era, naturalmente, uma das cidades a quem *A Voz Desportiva* dava uma cobertura noticiosa desportiva regular, contando com um vasto leque de leitores e colaboradores na cidade. Apesar disso, o *Figueira Sport* ganhou o seu próprio público, reforçando a sua presença com a organização de várias provas desportivas, como o Torneio de Futebol Infantil da Figueira da Foz, o Torneio Infantil de Tiro e a Volta Pedestre à Figueira, todas lançadas durante o primeiro ano de actividade. Conseguiria publicar-se, de forma mais ou menos regular, até ao número 43¹⁶, de 27 de Setembro de 1961, comemorativo do segundo aniversário da publicação.

Ainda em 1959, iniciou também actividade editorial o *Penalti*, único periódico desportivo generalista criado em Lisboa entre 1958 e 1961, indicador da impermeabilidade comercial e da hegemonia noticiosa exercida pelo trio *A Bola*, *Mundo Desportivo* e *Record*. A grande inovação deste novo jornal (formato 45x33) foi a aposta num noticiário diferente daquele a que se dedicava o trio rival: «Penalti será por assim dizer, o porta-voz dos “desportos pobres” e dos “clubes pequenos”», como explicou a redacção do jornal no editorial «A nossa presença», publicado na capa do número inaugural de 9 de Abril de 1959. As 12 páginas iniciais, ao preço de 1\$50, do semanário dirigido por Amâncio Silva Teles, patenteavam precisamente essa linha editorial, não aparecendo qualquer notícia dos clubes ditos «grandes» e poucas referências ao futebol do Campeonato Nacional da Primeira Divisão, centrando-se quase exclusivamente nos pequenos clubes (de Lisboa, Viseu, Braga, Gaia, entre outras cidades) e nas suas actividades desportivas (atletismo, basquetebol, hipismo, natação, tauromaquia, remo, entre outros), realçando-se igualmente a secção «A mulher e o desporto», assinada por Maria Stella (colaboradora do *Jornal de Notícias* e da Rádio Renascença) e Lydia Nogueira Silva Teles

15 Na comemoração do 37.º aniversário, em 8 de Novembro de 1963, passou a apresentar no cabeçalho dois subtítulos: «O jornal desportivo mais antigo do País» e «Semanaário de defesa e propaganda dos desportos».

16 Publicou mais uma edição (n.º 44), em 9 de Setembro de 1962, alusiva ao 4.º aniversário.

(colaboradora em vários jornais). Em termos de vendas, a aposta ia no sentido de cativar as assinaturas dos clubes de menor dimensão, assim como do maior número de desportistas amadores, o que não veio a suceder, terminando ao fim de onze números, em 18 de Junho de 1959.

No ano seguinte, em 15 de Março de 1960, seria a vez de surgir o semanário *Remate*, propriedade de Hermâni Oliveira e direcção do Eng. Hugo Paz dos Reis, com sede no número 18 da Rua do Almada, no Porto. E apresentou-se com dois objectivos: contribuir «o mais possível para a fraternidade desportiva»¹⁷ e defender o lema «Do Norte para o Norte»¹⁸. Assim, o seu noticiário centrou-se na Cidade Invicta e na região Norte, e no incontornável futebol, embora com a preocupação de alargar a sua linha editorial a outras modalidades, evitando as vozes críticas que no próprio jornal começavam a fazer-se ouvir relativamente à hegemonia discursiva do futebol. No artigo «Opiniões não se discutem», assinado na capa do número inaugural por N.C., apelava-se à necessidade dos jovens não perderem de «vista o lado intelectual da vida», de forma a precaverem uma futura decadência social, inevitável numa sociedade que começava só a falar de bola: «Entra-se num café, sobe-se a um eléctrico, passeia-se no corredor de um cinema – de que se ouve falar? De futebol.» Afectado negativamente pela pouca publicidade, o *Remate* aguentou unicamente 16 edições, terminando em 28 de Junho de 1960 (nas 16 páginas apresentava somente quatro pequenos anúncios locais).

3. Período de acalmia na imprensa desportiva generalista

Apesar de desportivamente ter sido uma das mais activas – recordemos que a equipa de futebol do SL Benfica atingiu cinco finais da Taça dos Clubes Campeões Europeus, o Sporting CP conquistou a Taça dos Vencedores das Taças em 1964 e a Selecção Nacional de Futebol qualificou-se pela primeira vez para um Mundial, o Inglaterra-1966 (isto só para citar a modalidade mais popular) –, a década de 1960 foi uma das mais pobres do ponto de vista da criação de novas publicações periódicas desportivas generalistas, fruto em grande parte do factor hegemónico exercido por várias publicações (que veriam

17 A Redacção (1960, 15 de Março). Primeiro remate. *Remate*, p. 1.

18 Idem, *ibidem*.

as suas tiragens aumentar, assim como a influência editorial). Inclusivamente, ao longo da década, quatro anos (1961, 1964, 1965 e 1967) não registariam qualquer novo título deste género, publicando-se unicamente 12 novos periódicos entre 1961 e 1970, repartidos por Lisboa (4), Coimbra (2), Amadora, Oeiras, Paris¹⁹, Viseu, Angola e Moçambique.

Na primeira metade dos anos 1960, apenas em 1962 e 1963 se publicaram novos periódicos desportivos generalistas, num total de quatro títulos, três deles em Lisboa e um em Angola. Este último, criado em Luanda, com o título *O Desporto*, saiu em 7 de Maio de 1962 (com cinco mil exemplares de tiragem), cinco dias depois do SL Benfica ter conquistado a segunda Taça dos Clubes Campeões Europeus. Na capa do número inaugural surgia, em grande destaque, no cabeçalho, o título: «O BENFICA é o Campeão da Europa!». E no artigo que se seguia, com o título «As cores nacionais pairam mais alto com elevado sentido patriótico», o jornal falava da união que todos os angolanos sentiram na hora da vitória benfiquista, ouvida pela rádio. Esse sentimento de união à volta de um símbolo nacional, como começava a ser olhada a equipa do SL Benfica (cujo plantel era formado unicamente por portugueses, uma grande parte de origem colonial), era obviamente potenciado pelo facto de um ano antes, em Março de 1961, terem começado as primeiras escaramuças, com fins independentistas, no Norte de Angola, dando início à guerra colonial. A própria imprensa desportiva da Metrópole revelou uma «preocupação constante com os valores nacionalistas ligados ao futebol, nomeadamente nas páginas de *A Bola*» (Coelho, 2001: 110), surgindo neste jornal, e na generalidade dos principais periódicos desportivos generalistas, textos que eram «formas mais ou menos óbvias de legitimação da manutenção das colónias portuguesas em África» (Coelho, 2001: 111). No caso do novo jornal angolano *O Desporto*, um dos artigos que melhor ilustrou essa legitimação foi publicado na edição inaugural de 7 de Maio de 1962, com o título «Bandeiras abaixo! Que flutue a do Benfica!», assinado na segunda página por Joaquim A. Correia. O autor afirmaria que o SL Benfica soube «honrar e dignificar a Bandeira Portuguesa, que é de todos nós, benfiquistas e sportinguistas, portistas e belenenses, alcantarenses e orientalistas; que é de

19 Apesar de publicado em Paris, era um jornal português, feito por portugueses e dedicado totalmente ao desporto português, figurando, por isso, nesta pesquisa.

todos nós, de Luanda ou de Nova Lisboa, de Sá da Bandeira como de Benguela». E quanto a Portugal, graças à vitória benquista, era definido como «um país à beira mar plantado que na luta não recua, cerra os dentes e caminha em frente – em frente, até à vitória final!»

Outro momento de grande exaltação nacional nas páginas do semanário *O Desporto* foi quando a equipa do SL Benfica anunciou uma digressão por Angola (iniciada em 2 de Julho) e Moçambique, merecendo a capa de 25 de Junho de 1962 um enorme título: «Salve! BENFICA!». No texto podia ler-se: «Abençoado Desporto que não és palavra vã. O Benfica vem trazer-nos o abraço fraternal de quantos na Metrópole aspiram por uma Angola completamente reconduzida à paz desta nossa Comunidade que no Desporto tem alicerces indestrutíveis.» A visita seria acompanhada de perto pelo jornal, dirigido desde o início por António Rosa Mendes. *O Desporto* teria a sua última edição (n.º 11) em 16 de Julho de 1962, sucumbindo também devido à concorrência do *Angola Desportiva*, publicado em Luanda desde 1930.

Entre 1962 e 1963 publicaram-se em Lisboa três novos títulos desportivos generalistas, de boa qualidade gráfica e editorial. O primeiro foi a revista *Programa Desportivo*, publicação dominical de Vítor Sérgio, cuja principal função era servir de guia aos leitores que iam ao futebol ao domingo à tarde. Foi lançada pela primeira vez na manhã do domingo, 11 de Fevereiro de 1962, aguentando mais dez domingos, até ao número 11, de 22 de Abril de 1962 (nessa edição anunciou o vencedor do concurso de «Atleta mais popular», ganho pelo guarda-redes benfiquista Costa Pereira, com 114 votos). No ano seguinte seria a vez do jornal *Panorama Desportivo*²⁰ e da revista *A Marca* tentarem vingar no difícil meio desportivo lisboeta. O primeiro saiu uma única vez, em 31 de Julho de 1963, enquanto que a revista semanal *A Marca* publicaria 25 números, entre 27 de Fevereiro e 14 de Agosto de 1963, dando especial realce ao futebol (e ao ciclismo durante o Verão) e ao noticiário nacional, apresentando excelentes fotografias e um bom grafismo. O seu objectivo era ocupar o tradicional espaço noticioso das revistas desportivas ilustradas (na tradição da *Eco dos Sports*, *Stadium*, *Sport Ilustrado*, entre

20 Propriedade da SOSETE – Sociedade Editorial e Publicitária, Lda., era dirigido por Galiano Pinheiro e tinha a editor e chefe de Redacção Adelino Marrecas. O único número saiu com 12 páginas (formato 41x28), contando com um vasto leque de colaboradores de prestígio: Moniz Pereira (atletismo), Maria Leonor (desporto e a mulher), Vaz Guedes (hóquei em patins), Mário Lemos (basquetebol), Idalino de Freitas, Gentil Mourinha e Filipe Nogueira.

muitas outras), inspirando-se o título no jornal espanhol *Marca*, de Madrid. Contudo, a revista, dirigida por João Barcínio Pinto, com Alberto Freitas a editor e propriedade de A.C.R. Lopes (impressa na Sociedade Gráfica Batalha e distribuída pela Editora Lux), fracassou ao fim de quase seis meses de actividade, em parte pela pouca publicidade que cativava (o último número de 14 de Agosto tinha unicamente um pequeno anúncio) e pelo preço de capa algo elevado, 2\$50.

Entre 1964 e 1965 não se publicaria nenhuma nova publicação desportiva generalista em Portugal, assistindo-se, no entanto, ao reforço dos periódicos de referência existentes. Em 1964, logo em Fevereiro, o bissemanário portuense *O Norte Desportivo* comemorou 30 anos completos de actividade regular, na edição dominical do dia 23. E em Dezembro, o bissemanário lisboeta *Record* passou a sair com 20 páginas, reforçando no Verão seguinte a cobertura à Volta a Portugal em Bicicleta, que ganhou honras de primeira página, surgindo a primeira infografia com a descrição das etapas – a isto haveria que acrescentar as primeiras reportagens no estrangeiro.

Durante o ano de 1964, o zelo dos Serviços de Censura voltaria a causar problemas a um dos principais jornais desportivos portugueses, o *Mundo Desportivo*, o qual nem sequer constava com muitos processos disciplinares no seu cadastro (Processo n.º 340). A direcção do periódico denotou um certo cansaço com a rigidez processual da Censura, que obrigava a ser avisada, previamente, sempre que qualquer jornal pretendesse aumentar a tiragem, publicar números especiais, mudar de director, alterar a periodicidade ou inovar o grafismo. E os jornais só o poderiam fazer após a aprovação dos Serviços de Censura. O *Mundo Desportivo* endereçou, ao presidente da Comissão de Censura à Imprensa, diversos pedidos dessa ordem, em especial para aumentar a tiragem (em média rondava os 24 mil exemplares) e publicar números especiais. O problema era a demora nas respostas, nem sempre emitidas em tempo útil, o que levou a algumas situações de incumprimento por parte do jornal. Em virtude disso, os Serviços de Censura faziam vários avisos ao *Mundo Desportivo* para submeter provas do jornal à Censura, o que, por vezes, não sucedia por omissão consciente. Em 26 de Fevereiro de 1965, uma dessas omissões levaria à publicação, na

primeira página, de «expressões ofensivas para um país amigo»²¹, castigada pela Censura com a suspensão de um número do periódico, pena cumprida em 1 de Março de 1965.

Afastado de problemas graves com a Censura, durante a década de 1960, esteve o trissemanário *A Bola* (às segundas, quintas-feiras e sábados), que cerca de um mês antes, em 30 de Janeiro de 1965, cumpriu o 20.º aniversário, então dirigido pelo único fundador ainda vivo, Vicente de Melo, que aproveitou a data para recordar os outros dois fundadores, Cândido de Oliveira e Ribeiro dos Reis: «O seu jornal faz vinte anos e eles, para lá das quietudes sepulcrais, fazem hoje vinte anos de jornal»²². E os ideais traçados em 1945 continuavam vivos: «O público, ao comprar e ao ler – obrigatoriamente julga. O que nós temos é o dever de indagar se tudo fazemos e tudo empenhamos para que *A Bola* em cada número se encontre na síntese luminosa da informação e da formação.»²³

Em 1965, a publicação que sofreu uma dura perda redactorial foi *A Voz Desportiva*, de Coimbra, que em Julho viu desaparecer um dos seus principais redactores, José Branquinho de Carvalho²⁴, pertencente ao grupo fundador de 1926. O semanário fez-lhe uma sentida homenagem na edição de 26 de Julho, sendo a sua perda compensada, em termos jornalísticos, com a entrada para redactor-principal de Amâncio Frias²⁵, redactor do *Diário de Coimbra* e colaborador regular em *A Voz Desportiva*. Nesta altura, o jornal continuava a não pagar por qualquer colaboração, sendo os seus redactores e colaboradores totalmente amadores (não remunerados), contando com o mesmo director, Amadeu Rodrigues, desde a fundação. Porém, apesar da estrutura, aparentemente arcaica e em desuso, o periódico nunca deixara de sair semanalmente (em 26 de Julho de 1965 contava com 2.027 números publicados, desde 13 de Novembro de 1926), assumindo-se naturalmente, no cabeçalho, como «O Jornal Desportivo Mais Antigo do País».

21 Cf. Processo n.º 340 (caixa 606), consultado nos arquivos da Censura do SNI, no ANTT, em Lisboa.

22 A Direcção (1965, 30 de Janeiro). Atitude – continuar! *A Bola*, p. 1.

23 Idem, ibidem.

24 Nascido em 20 de Novembro de 1899, na Mealhada (Aveiro), Branquinho de Carvalho foi funcionário da Biblioteca Municipal de Coimbra, publicando diversas obras sobre temas históricos da cidade e várias bibliografias da biblioteca municipal. Pertenceu à redacção de *A Voz Desportiva* desde 1926, mantendo a colaboração permanente até à morte.

25 Em Fevereiro de 1971 seria o primeiro chefe do Gabinete de Imprensa da Câmara Municipal de Coimbra.

A imprensa desportiva generalista de referência teria no ano seguinte, em 1966, um dos seus momentos altos, não tanto por questões intrínsecas à própria imprensa e à sua evolução, mas por motivos desportivos, mais especificamente futebolísticos. A Selecção Nacional de Futebol, pela primeira vez na história, participava num Campeonato do Mundo, agendado para Inglaterra. Para acompanhar o acontecimento, gerador de imensa expectativa em Portugal, os jornais desportivos e os diários de informação generalista mandaram os seus principais redactores e fotógrafos. Pelo *Record* rumou a Inglaterra o próprio director, Artur Agostinho, acompanhado por Baptista Rosa e Amadeu José de Freitas (acumulava com as funções de comentador do Rádio Clube Português). A *Bola*, por seu turno, enviou alguns dos seus redactores de maior prestígio, como eram Carlos Pinhão, Vítor Santos e José Olímpio²⁶, acompanhados do fotógrafo Nuno Ferrari²⁷ (cujas fotografias imortalizariam alguns dos momentos mais marcantes da participação portuguesa nesse Mundial). O terceiro jornal desportivo de referência, o *Mundo Desportivo*, que em Fevereiro assistira à aposentação do seu histórico director, Raul de Oliveira²⁸, substituído no cargo por J.M. Boavida-Portugal²⁹, apostaria igualmente em três enviados-especiais: Manuel Mota, Adriano Peixoto e Couto e Santos, contando ainda com o apoio do correspondente em Londres, Almeida Reis, e das agências de notícias Europa Press e ANI – pouco depois (em 1968) faria também um protocolo de colaboração com a revista francesa *France-Football*, de forma a intercambiar notícias e fotografias. No Porto, o jornal *O Norte Desportivo* contaria em terras inglesas com o enviado-especial Alberto Sérgio. E ao nível dos diários generalistas, sobressairiam os trabalhos jornalísticos dos enviados-especiais Francisco Mata, em *O Século*, e Aurélio

26 António Marques Matias (assinava José Olímpio) foi um dos jornalistas de prestígio de *A Bola* nos anos 1960.

27 Em 21 de Setembro de 1996, um dia depois de ter sido enterrado no Cemitério de Camide, em Lisboa, *A Bola* definiu-o como «um dos maiores pilares do jornalismo português». Imortalizaria, através da sua câmara fotográfica, diversos momentos do desporto português, em especial a participação portuguesa no Mundial de Futebol de 1966. Foi uma das referências do fotojornalismo desportivo português na segunda metade do século XX.

28 Era director desde a fundação do jornal, em 1945, tendo sido antes disso director do antecessor *Os Sports*. Após 40 anos ao serviço do jornalismo desportivo, na Empresa Nacional de Publicidade, proprietária dos dois títulos e do *Diário de Notícias*, Raul de Oliveira aposentou-se.

29 Era um dos melhores jornalistas da época, encontrando-se a exercer a função de chefe de redacção de *O Século*.

Márcio³⁰, no *Diário Popular*. Em geral, as reportagens eram ditadas para as redacções em Portugal via telefone, demorando longas horas (ainda sem gravador do outro lado), e as fotografias eram enviadas por avião.

Seria perfeitamente aceitável, num momento de euforia desportiva como o que se vivia em 1966, o surgimento de novos periódicos desportivos generalistas ou especializados em futebol. No entanto, apenas apareceu uma publicação periódica com esse perfil, o semanário *Futebol – Revista de Todos os Desportos*, propriedade das Edições Interartes, com sede em Lisboa, sendo dirigido por Silva Nobre. O primeiro número saiu em 24 de Maio de 1966, ao preço de 3\$50, com um noticiário que tinha o futebol como tema principal, mas onde surgiam outras modalidades como o ciclismo, hóquei em patins, tauromaquia, entre outros. Publicaria mais oito números, terminando após o fim do Mundial-1966, em 27 de Julho de 1966.

Além da revista *Futebol*, o ano de 1966 contou com uma outra publicação periódica desportiva generalista, o semanário *A Equipa*, cujo subtítulo era ilustrativo: «*Único Jornal Desportivo de Moçambique*». Lançado em Lourenço Marques, em 15 de Dezembro de 1966, era dirigido por Alfredo de Pinho Morgado e tinha Rufino Sena a subdirector. Dedicado a «contribuir para o engrandecimento do Desporto Nacional e em particular do da Província de Moçambique»³¹, teve somente sete números, suspendendo-se em 26 de Janeiro de 1967. E embora avisasse os leitores que era uma paragem para reorganização dos serviços redactoriais e administrativos, nunca mais regressaria, terminando um jornal de boa qualidade gráfica (formato 57x38) e jornalística, vendido inclusivamente em Angola e na Metrópole (era enviado pelos aviões da TAP).

Entre 1967 e 1970 foram lançados mais seis jornais desportivos generalistas em Portugal, dois deles em Coimbra, onde o semanário *A Voz Desportiva*, à segunda-feira, continuava a dominar (em 15 de Novembro de 1971 comemoraria o 45.º aniversário, numa edição especial de 12 páginas em verde). Nada afectado com o histórico rival apareceu o *Centro Desportivo – Magazine de Actividades Atléticas*, apostando na saída à terça-feira, ao preço

30 Durante a estadia em Inglaterra, impressionou-o especialmente as excelentes condições com que contavam os jornalistas para fazer a cobertura e o acompanhamento dos jogos, em especial o Centro de Imprensa criado em Londres. Faria eco disso em várias crónicas publicadas no *Diário Popular*.

31 A Redacção (1966, 15 de Dezembro). Apresentação. *A Equipa*, p. 1.

de 1\$00, publicando-se pela primeira vez em 12 de Agosto de 1969. Este jornal desportivo apresentava um vasto corpo redactorial, com Sansão Coelho como administrador e proprietário, o Dr. Adriano Ferreira como director e editor, Luís Fernando Sansão como director e editor adjunto e Costa Santos no cargo de chefe de redacção, aos que havia que juntar três redactores (Alberto Martins, Álvaro Perdigão e João Bravo), dois correspondentes (Nuno Brás, no Porto, e Fernando Sansão, em Lisboa), cinco colaboradores permanentes e uma secção de publicidade com três membros. A impressão era feita na Gráfica de Coimbra, sendo distribuído, no Norte, por Mário da Silva Braga, e no Sul, Ultramar e Estrangeiro, pela Agência Internacional de Livraria e Publicações.

O *Centro Desportivo* centrou-se num noticiário desportivo vocacionado para o centro do País, ganhando gradualmente leitores, assumindo em Setembro de 1969 o subtítulo de «O Semanário Desportivo de Maior Expansão». Em finais de Setembro de 1969, mandou dois enviados-especiais, Sansão Coelho e Domingos Grilo, para acompanhar a equipa de futebol da Associação Académica de Coimbra na sua deslocação a Kuopio, na Finlândia, para realizar uma partida com o Kuopion, a contar para a Taça dos Vencedores das Taças. As tiragens foram gradualmente crescendo e o jornal consolidando-se na cidade e na região de Coimbra, tornando-se célebres as suas constantes mudanças gráficas, apostando em capas diferentes, o que curiosamente não gerava críticas entre os leitores, mas sim por parte de outros periódicos, mais conservadores. A partir de Abril de 1971 começou a ter algumas intermitências editoriais, que viriam redundar no fim do *Centro Desportivo* em 19 de Dezembro de 1972, no número 108. Mais breve seria a passagem da *Revista Académica – Revista Quinzenal Desportiva*, lançada em Coimbra, em 13 de Novembro de 1970, sob a direcção do Dr. Adriano Eliseu e propriedade do Dr. Raposo Eliseu Ferreira. Com uma tiragem média de dez mil exemplares, ao preço de 4\$00, a *Revista Académica* publicaria somente 26 números, terminando em 12 de Fevereiro de 1972.

Além destes dois títulos conimbricenses, entre 1967 e 1970 saíram mais quatro periódicos desportivos generalistas, dois deles com uma efémera vida

editorial: *Portugal Desportivo*³² (Paris, 1969) e *Meta*³³ (Amadora, 1970). Os outros dois jornais seriam o *Desportivo das Beiras*³⁴, periódico de Viseu publicado, de forma irregular, entre 5 de Setembro de 1968 e 30 de Janeiro de 1971 (com 33 números), e *Podium*, magazine dedicado ao desporto da Costa do Sol, editado em Oeiras entre Novembro de 1970 e Julho de 1974³⁵ (número 45), tendo como grande novidade o facto de apresentar como director uma mulher, Maria Luísa Motta.

Em 1970, um dos principais momentos do jornalismo desportivo português seria a comemoração do 25.º aniversário de *A Bola*, feito na edição de 29 de Janeiro, na qual se reconhecia o papel do leitor como fundamental para o periódico: «Há uma entidade que, no nosso jornal, dirige mais do que o director, gere mais do que a gerência, administra mais do que a administração e nos merece mais respeito do que o mais respeitável dos pioneiros. Grande força tem, pois, junto de nós essa entidade que se chama O LEITOR para deste modo atendermos ao seu interesse, às suas solicitações, às suas preferências, aos seus anseios – constituindo-se essa atitude do público como a linha orientadora de toda a acção deste jornal.»³⁶ Nessa edição comemorativa, *A Bola* referiu-se também à instabilidade política e propagandística que se vivia um pouco por todo o País, a que os jornais desportivos não eram alheios. Mas o jornal apresentava-se com uma posição firme: «No seu percurso de crítica e de informação, também *A Bola* se premuniu sempre contra os agentes da corrupção do autêntico que tantas vezes comprometem e envilecem as empresas desta natureza. Numa altura em que a propaganda se forja e ela própria pretende forjar a verdade, não é pequena tentação essa de hipotecar-lhe o rigor da objectividade e da isenção pela contrapartida da poupança económica que, no existencialismo actual,

32 Tinha o subtítulo de «Semanário europeu de todas as actividades desportivas portuguesas» e a Redacção na Rue Albert Camus, n.º 94, em Paris, França. Saiu uma vez, em 21 de Janeiro de 1969, com quatro páginas dedicadas ao desporto português e ao que se praticava por portugueses em França, cabendo a direcção a José Assunção.

33 Este mensário desportivo, dirigido por Jaime Mas, com Amadeu José de Freitas como editor e chefe de redacção, pretendia ocupar o espaço habitual das revistas ilustradas desportivas, saindo unicamente quatro números, entre Abril e Julho de 1970 (este último número, de 108 páginas, foi dedicado ao Mundial de futebol, realizado no México).

34 Semanário das quintas-feiras, dirigido por José Miguel da Conceição, teve inicialmente um bom acolhimento em Viseu e nas Beiras Alta e Baixa, sendo posteriormente muito afectado pela falta de apoios locais e as constantes falhas no pagamento das assinaturas, sofrendo diversas interrupções durante o tempo em que se publicou.

35 Continuou a publicar-se, com o mesmo título, mas agora com um cariz regional e político, até Junho de 1983.

36 A Redacção (1970, 29 de Janeiro). Público Leitor Obrigado. *A Bola* (Suplemento do 25.º Aniversário), p. 2.

comanda o homem onde quer que ele leve o seu fardo de social e de político. Essa tentação não nos venceu nunca.»³⁷ Era assim que *A Bola* fixava a sua linha editorial, defendendo um carácter objectivo e isento, em tempos politicamente conturbados e que se iam agravar nos anos seguintes.

4. Reflexões à volta da ideia de jornalismo desportivo

Esta necessidade de fazer regularmente introspecções sobre a missão do jornalismo desportivo e a identidade dos próprios jornais foi algo que caracterizou a imprensa periódica desportiva portuguesa ao longo da sua história. Entre o final dos anos 1950 e toda a década de 1960, assistiu-se a uma mudança profunda de alguns paradigmas doutrinários e profissionais à volta da actividade jornalística desportiva.

O ano de 1958, como vimos anteriormente, marcou o início de uma trégua entre os três principais jornais desportivos lisboetas, derivada em grande medida do constrangimento geral à volta da morte de Cândido de Oliveira, falecido em Junho. O panorama até então era «desolador», como o *Mundo Desportivo* o definiu em 24 de Março de 1958, no artigo «Defenda-se o prestígio dos jornais», publicado na primeira página. Nessa reflexão sobre o estado do jornalismo desportivo em Portugal, o jornal defendia que a concorrência entre periódicos desportivos se devia fazer com «lealdade», com «a dignidade que jornais e jornalistas se devem uns aos outros». E lamentava o facto do público leitor estar cada vez mais desconfiado dos jornais desportivos, sem saber «distinguir os que lhe falam a voz da verdade e os que se comprazem em ludibriá-lo», sendo constantes os ataques entre jornais e jornalistas desportivos, e os desmentidos dos clubes por notícias falsas veiculadas na imprensa, envolvendo quer a imprensa diária (casos do *Diário de Lisboa* e *Diário Popular*), quer a desportiva (*A Bola* e *Mundo Desportivo*).

Um das principais causas para esta desunião permanente entre a classe jornalística desportiva residia na ausência de uma definição profissional e de uma estratégia de grupo. Além disso, persistia a ideia de que o jornalismo desportivo era um género menor de informação, embora fosse consensual

37 A Redacção (1970, 29 de Janeiro). Mística que se mantém. *A Bola* (Suplemento do 25.º Aniversário), p. 7.

reconhecê-lo como «uma autêntica escola de jornalismo»³⁸, pela qual passavam (a título temporário e iniciático) uma série de aspirantes e jovens jornalistas que depois se tornavam grandes figuras do jornalismo português noutros campos informativos, socialmente mais prestigiantes que o desporto. Uma das formas de dignificar esta área passava, necessariamente, pelo reconhecimento dos redactores desportivos como jornalistas, possuidores de uma carteira profissional, como acontecia com os profissionais da informação diária. Em finais de 1959, os principais jornais desportivos lisboetas encetaram mais uma campanha de sensibilização, visando o alargamento da carteira profissional de jornalista também aos redactores desportivos. Inclusivamente, os periódicos desportivos amadores (com jornalismo não remunerado) ficaram solidários com os colegas, reconhecendo a existência de «autênticos profissionais do jornalismo»³⁹ nos «quatro grandes periódicos que se dedicam unicamente ao desporto»⁴⁰, como eram *A Bola*, *Mundo Desportivo*, *O Norte Desportivo* e *Record*. Esse reconhecimento, consensual por todos, devia assim assumir uma forma «legal»⁴¹, de forma a evitar os redactores desportivos continuarem sem profissão nos seus bilhetes de identidade e afastados da possibilidade de atribuição da carteira profissional de jornalista.

A falta de reconhecimento profissional dos jornalistas desportivos partia dos próprios organismos estatais, sobretudo o Secretariado Nacional da Informação (SNI), habituado a lidar unicamente com os diários de informação generalista. Um dos episódios que contribuiu para alterar a situação aconteceu no dia 12 de Abril de 1960, data em que o SNI convocou uma conferência de imprensa para divulgar o programa dos Jogos Luso-Brasileiros. Em plena sala de imprensa deu-se pela falta dos jornalistas desportivos, causando estranheza ao Subsecretário da Educação Nacional, ao Secretário Nacional de Informação e ao Director-Geral dos Desportos. Os serviços do SNI reconheceram que, como não era costume contactar os jornais desportivos, não o tinham feito também nesta altura, convocando unicamente a imprensa diária. Rapidamente a questão foi resolvida, com uma série de telefonemas para as redacções dos jornais desportivos, por pressão do Director-Geral dos Desportos. Os Serviços

38 Larangeira, C. (1958, 17 de Novembro). Desportos – Escola de Jornalismo. *A Voz Desportiva*, p. 3.

39 Frias, A. (1959, 2 de Novembro). Jornalistas desportivos profissionais. *A Voz Desportiva*, p. 1.

40 Idem, ibidem.

41 Idem, ibidem.

de Censura não viriam a censurar esta história, publicada, por exemplo, na primeira página do *Mundo Desportivo* de 15 de Abril, com o título de «A Imprensa Desportiva», onde se lamentava o esquecimento, recorrente, do SNI.

Este género de episódios continuou a repetir-se nos anos seguintes. Uma das restrições de que mais se queixavam os jornalistas desportivos, em especial os fotógrafos, estava relacionada com a interdição de que eram alvo nas zonas interiores do Aeroporto da Portela, em Lisboa, e às suas pistas (nesta altura permitia-se o acesso às pistas em alturas especiais, como à chegada de uma equipa de futebol, após um feito internacional), o que não se verificava aos possuidores de carteira profissional de jornalista – o *Mundo Desportivo*, pertencente à mesma empresa do *Diário de Notícias*, recorria ao fotógrafo Jorge Garcia, que trabalhava para este último, tendo assim acesso a imagens que nenhum dos seus fotógrafos podia fazer.

A conturbada situação dos jornalistas desportivos portugueses agravava-se sempre que era necessário obter creditações, como jornalistas, para os grandes eventos desportivos internacionais. Em 1964, uma série de jornalistas desportivos (Fernando Soromenho, Alberto Freitas, Artur Agostinho, Henrique Miranda e António Cacho) tiveram dificuldades em obter creditações para os Jogos Olímpicos de Tóquio. Era uma situação recorrente, uma vez que não possuíam uma carteira profissional que os reconhecia, perante os organismos desportivos e de imprensa internacionais, como jornalistas desportivos. Em Abril do ano seguinte, numa altura em que se começava a adivinhar a possibilidade da primeira participação portuguesa num Mundial de Futebol, no Inglaterra-1966, a preocupação com a questão das creditações regressou novamente. Nessa altura, o jornalista desportivo Fernando Soromenho (que se destacara em *O Norte Desportivo*) foi convidado a participar num congresso da Association Internationale de la Press Sportive (AIPS), em Budapeste (Hungria), onde insistiram com ele para a criação de um órgão associativo em Portugal. Este incentivo, aliado às dificuldades das creditações internacionais e à «inconcebível situação dos jornalistas da área do Desporto, sem reconhecimento oficial nem pessoal»⁴², levou a que, em inícios de Maio de 1966, na Casa da Imprensa, em Lisboa, se realizasse uma reunião com vista a criar um órgão de classe, na qual participaram Fernando

42 Soromenho, F. (1994, Set.-Out.-Nov.). História! *CNID Magazine*, p. 5.

Soromenho (*Diário de Lisboa*), Artur Agostinho (director do *Record*), Vítor Santos (chefe de redacção de *A Bola*), Vasco Resende (*O Norte Desportivo*) e Couto dos Santos (*Mundo Desportivo*). No dia 21 de Maio, no mesmo local, realizou-se uma reunião magna com 64 jornalistas desportivos, representando a imprensa periódica, rádio e televisão, ficando decidido a criação do Clube Nacional da Imprensa Desportiva⁴³ (CNID), pouco depois integrado na AIPS e reconhecido pela Direcção-Geral dos Desportos.

A fundação de um órgão como o CNID deu um novo alento à imprensa desportiva portuguesa, que passava a ter um órgão que a representava no seu todo (imprensa, rádio e televisão) e defendia os seus interesses, «fortalecendo as relações entre todos os jornalistas portugueses especializados na informação desportiva»⁴⁴. O sentimento geral de união reflectiu-se ao nível do convívio social entre jornalistas desportivos, como foi o caso do I Torneio de Futebol da Imprensa⁴⁵ Diária e Desportiva (para equipas de jornais diários e desportivos), organizado pela Empresa Nacional de Publicidade (proprietária do *Mundo Desportivo* e *Diário de Notícias*), em Abril de 1968, com a seguinte classificação: *República* (1.º), *Diário de Notícias* (2.º), *Diário Popular* (3.º), *A Bola* (4.º), *Diário de Lisboa* (5.º), *O Século* (6.º), *Mundo Desportivo* (7.º), *Jornal do Comércio* (8.º) e *Diário da Manhã* (9.º) – a ideia deste género de convívios não era novidade, uma vez que em Janeiro de 1942 se tinha disputado em Lisboa o I Campeonato Nacional de Futebol dos Jornais Desportivos⁴⁶.

Embora as rivalidades entre periódicos tivessem continuado, uma vez que se vivia cada vez mais num meio jornalístico profissionalizado e empresarial, algumas atitudes começaram-se a alterar graças a este princípio de unidade entre os jornalistas desportivos. No dia 4 de Maio de 1969, ao fim de quase 20 anos no jornalismo desportivo, o redactor de *A Bola*, Alfredo

43 Os primeiros corpos gerentes foram empossados na Federação Portuguesa de Futebol, em 1967, sendo assim constituídos: Assembleia Geral – Alves dos Santos, Artur Agostinho, Luís Alves, Fernando Sá, Mário Zambujal e Viriato Mourão; Direcção – Fernando Soromenho, Manuel Mota, Vítor Sérgio, Mário Cília, Vasco Resende, Diamantino Faria e Carlos Pinhão; Conselho Fiscal – Vítor Santos, Jorge Monteiro, Aurélio Márcio, Francisco Camilo e Manuel Figueira.

44 A Redacção (1967, 23 de Janeiro). O Clube Nacional da Imprensa Desportiva. *A Voz Desportiva*, p. 1.

45 Em Março de 1964 disputara-se, em Lisboa, uma taça com uma designação semelhante, Taça de Ouro da Imprensa, organizada pela Casa de Imprensa, com o apoio de *A Bola*, ganha pelo SL Benfica.

46 Os jogos realizaram-se no dia 1 de Janeiro de 1942, no Campo da Tapadinha, em Alcântara (Lisboa), envolvendo as redacções de *Os Sports* e *Stadium* (Lisboa), *Sporting* (Porto) e *A Voz Desportiva* (Coimbra), sendo ganho por esta última. Foi um grande momento de confraternização, como referiram estas publicações nos dias seguintes (cf. *A Voz Desportiva*, 5 de Janeiro de 1942, p. 1).

Farinha, foi pela primeira vez agredido, sendo o agressor o conhecido treinador de futebol Juca, na altura ao serviço da Selecção Nacional e da Federação Portuguesa de Futebol (FPF). No dia seguinte, na edição de 5 de Maio, o título da capa do jornal mostrava toda a indignação pelo ocorrido: «Tudo para a Rua!», escrito em letras garrafais. E, na primeira pessoa, Alfredo Farinha contava que tinha sido agredido no autocarro de ligação entre a gare do Aeroporto de Pedras Rubras, no Porto, e o avião que estava parado na pista, com destino a Lisboa. No autocarro vinham os jogadores e responsáveis técnicos da Selecção Nacional, que nesse dia haviam empatado, no Estádio das Antas, com a Grécia por 2-2, hipotecando as hipóteses de qualificação para o Mundial-1970, no México. Na origem da agressão física e de vários insultos por parte de um responsável federativo (Moreira da Cruz) terão estado algumas críticas feitas por Alfredo Farinha à preparação da selecção, na edição anterior ao jogo, críticas essas que o jornalista continuava a subscrever. Nos números seguintes, *A Bola* atacou duramente os responsáveis do futebol português, levando a gravidade do caso à intervenção do ministro da Educação Nacional, José Hermano Saraiva, que determinou a abertura de um inquérito por parte da Direcção-Geral dos Desportos. Alfredo Farinha receberia o apoio dos colegas, traduzido em artigos de solidariedade, como os que publicou *O Século* ou *Diário de Lisboa* (por Mário Zambujal), entre outros.

5. Mudança de paradigma doutrinal

No final da década de 1960, o modelo doutrinal em que tinha assentado a imprensa desportiva portuguesa desde o seu início, alicerçado no princípio de «missão» e de defesa da «Causa Desportiva», começou a apresentar sinais de mudança, embora algumas questões, como a independência e isenção jornalísticas, continuassem intactas. Estes sintomas estavam claramente relacionados com a chegada e consolidação do regime de profissionalismo nas redacções, mas tinha sido um processo claramente construído nos anos 1960.

No final dos anos 1950, ainda era comum encontrar, nas linhas editoriais dos jornais desportivos, a intenção de preservar e alimentar o espírito de missão em prol do desporto português. Esta ideia seria sintetizada por Orlando Neves, no artigo «A missão da imprensa desportiva», publicado no jornal

Remate de 7 de Junho de 1960: «É à Imprensa quem compete apontar os erros de orientação e ao mesmo tempo as soluções verdadeiras. A ela está entregue a missão de moralização dos costumes desportivos. É ela que deve desenvolver a campanha necessária para que o entendimento do Desporto seja, em qualquer grau, aquele que mais interessa ao cumprimento da sua finalidade civilizadora.» E deixou uma constatação, em tom de desabafo: «Temos verificado um certo desinteresse (ou desânimo) da parte dos jornais sobre o assunto que versamos.»

Menos indiferença gerava a questão da imparcialidade e isenção jornalística, tópico recorrente nos jornais desportivos, em especial nos editoriais comemorativos das datas de aniversário desses periódicos. Geralmente, as ideias expostas baseavam-se na necessidade dos jornalistas desportivos fazerem as suas análises com o máximo de rigor crítico e neutralidade, evitando os clubismos exacerbados e o aumentar da «vala de ódios e paixões» entre os clubes, princípios que o redactor Aníbal José deixaria claros no artigo «O Jornalismo Desportivo», publicado na capa do *Figueira Sport* de 26 de Outubro de 1960. Além disso, o redactor reforçava a ideia de que «o jornalismo desportivo não pode nem deve ser exercido por incorrectos, facciosos e maus desportistas» e o jornalista não pode representar «jamais o indivíduo, nem tampouco o associado desta ou daquela colectividade», devendo acima de tudo ser «o mais justo, correcto e honesto».

Cerca de dez anos depois, no «Editorial» do jornal *Centro Desportivo*, de 21 de Outubro de 1969, a direcção começava por afirmar que o «jornalismo é função ingrata. Exige dignidade, isenção.» E, num mundo, como o desportivo, dominado por «paixões» e «fanatismo», era imperativo aos jornais não se venderem às cores clubistas e manterem-se «até ao fim verdadeiramente independentes.» Porém, se num espaço temporal de praticamente uma década, o sentimento era o mesmo quanto a esta questão, o mesmo já não sucedia relativamente ao espírito de missão da imprensa desportiva. Em 5 de Maio de 1970, o *Centro Desportivo* publicaria uma outra crónica, desta vez assinada por José Rocha Dinis, com o título «Jornalismo desportivo, praga que urge banir?», em que fazia um ponto da situação da imprensa desportiva portuguesa, esclarecendo diversas questões importantes. A primeira relacionava-se com a propriedade dos jornais, a sua maioria sociedades

comerciais viradas para o lucro económico. E para aumentar as vendas, «os jornais desportivos foram-se dedicando à sistemática exploração dos “casos desportivos”, alargando-os a uma escala nacional», não deixando «nenhuma agressão, assembleia geral de clubes, transferência, danças de treinadores e muitas vezes a vida privada de um profissional», sem ser «espiolhada em largos títulos, a muitas colunas na primeira página.» Um factor que contribuiu para isso foi a concorrência, a qual «encaminhou os jornais desportivos à descoberta do possível e do imaginário para agradar aos seus leitores.» Outra questão importante para José Rocha Dinis era o facto do desporto em geral, mas o futebol em particular, se ter transformado num espectáculo, o que, interligado com o profissionalismo na imprensa, levou à exploração do espectáculo-desportivo, «mobilizador de largos milhares de pessoas, logo passível de grandes lucros.» Relativamente ao papel dos jornais, segundo José Rocha Dinis «o jornalismo desportivo nada mais é que um espelho do meio em que vive», embora reconhecesse que os jornais desportivos talvez «pudessem fazer algo para a modificação desta mentalidade», mas tal «não lhe compete» – esta reflexão era o exemplo de que o espírito de missão da imprensa desportiva estava no seu fim.

6. Conturbação política afecta imprensa desportiva

A evolução da imprensa desportiva generalista, entre 1971 e 1974, manteve as características da década anterior, ou seja, foi marcada pelo aparecimento de poucos periódicos (unicamente três, todos em Lisboa) e pela hegemonia noticiosa dos habituais jornais de referência. Um desses periódicos, o *Angola Desportiva*, publicado em Luanda desde 8 de Agosto de 1930, seria suspenso, a título definitivo, em 29 de Setembro de 1971, ao fim de 847 números que marcaram indelévelmente o jornalismo desportivo e o próprio desporto em Angola.

Em Lisboa, por seu turno, o *Record*, bissemanário das terças-feiras e sábados, procurava nesta altura, sob a direcção de Artur Agostinho (entrou para director em 1 de Junho de 1963), alargar a influência e o prestígio, de forma a cativar mais leitores. Em 1972, o *Record* decidiu passar a trissemanário, escolhendo como novo dia de saída a quinta-feira, dia em que saía também *A Bola*, concretizando a aposta arrojada em 18 de Abril. Por essa

altura, criou-se um Suplemento Especial de 12 páginas e a Redacção reforçou-se com as entradas de Mário Zambujal (subdirector por pouco tempo), Afonso de Lacerda, Rodrigo Pinto e Fernando Correia.

O rival *A Bola*, em meados de 1972, era claramente o periódico desportivo generalista com as maiores tiragens, superando os dois outros trissemanários, *Record* e *Mundo Desportivo*. Em Julho, as 14 edições⁴⁷ de *A Bola* tiveram uma tiragem total de 1.841.721 exemplares, apresentando-se o dia 1 com a menor tiragem (110.390 exemplares) e o dia 24 com a mais elevada (159.735 exemplares). Em Março, o jornal tinha visto um dos seus correspondentes, A.F. Rebelo de Carvalho, em Londres, ser declarado desertor (era tenente miliciano e desde 20 de Agosto de 1971 que se ausentara ao serviço), recebendo a direcção de *A Bola* a indicação que não podia mantê-lo como correspondente. No ano seguinte, em 1973, as tiragens médias de *A Bola* mantiveram-se elevadas, isto quando comparadas com os outros rivais, apresentando em Março uma tiragem total de 1.648.976 exemplares, em 14 edições (a mais elevada foi no dia 19, com 154.935 exemplares, e a mais reduzida no dia 17, com 100.335 exemplares).

Em finais de 1973, *A Bola* e a generalidade da imprensa, não só a desportiva, iria sofrer com o aumento de 50 por cento do preço do papel, com efeitos nocivos nos jornais. O *Record*, por exemplo, viu-se forçado, a partir de 27 de Dezembro, a reduzir o número habitual de páginas para 12. O aumento do preço do papel seria também um dos factores que justificaria o parco aparecimento de novos periódicos desportivos neste período, resumindo-se, em 1973, à conversão da secção desportiva de *O Século* numa publicação diária (fazia parte do jornal e não podia ser vendida separadamente), com o título *O Século Desportivo*. O primeiro número deste «suplemento diário» (era o subtítulo) saiu em 4 de Janeiro de 1973, com 12 páginas – num formato (41x29) mais reduzido que o tradicional tamanho de *O Século* (58x40, que seria adoptado pelo suplemento a partir de 15 de Setembro de 1973) –, em que se destacava o futebol, assentando o seu modelo «numa análise informativa, muito abrangente e eclética, e com algumas preocupações teóricas e contextuais, em especial no que concerne à importância social da educação física» (Domingos & Kumar, 2006: 609). «Sociologia e Desporto» e «A Mulher

47 Dados extraídos do Processo n.º 417 (caixa 605), consultado nos arquivos da Censura do SNI, no ANTT.

e o Desporto» seriam duas secções regulares nas páginas de *O Século Desportivo*, que contaria igualmente com uma boa qualidade fotográfica e de ilustração humorística (por Baltazar e Rali), saindo diariamente até à quinta-feira, 25 de Abril de 1974, data a partir da qual deixou de publicar-se diariamente como suplemento, integrando-se na edição diária de *O Século* – continuaria a sair como suplemento autónomo unicamente às segundas-feiras (fazia o rescaldo da intensa actividade desportiva do domingo), com quatro páginas, publicando-se nos dias seguintes como secção desportiva.

Em finais de 1973, no dia 13 de Novembro, quem estava a atravessar um período festivo era *A Voz Desportiva*, de Coimbra, que nessa data comemorou o 47.º aniversário, naquela que era a edição 2.458. Desde 1926 que se publicava semanalmente, sem uma única falha, afirmando, em consequência disso, que na Península Ibérica unicamente o diário *El Mundo Deportivo*, de Barcelona, publicado desde 1906, o superava em longevidade e regularidade. No entanto, a crise do papel de finais de 1973, gerada pela crise global do petróleo, causaria graves dificuldades ao jornal, com efeitos muito negativos nos dois anos seguintes.

Além da crise do papel, os jornais desportivos continuaram também a ser alvo, em 1973, de críticas sistemáticas que os associavam e culpabilizavam dos distúrbios recorrentes nos campos de futebol e dos males do desporto. Em resposta, os jornalistas desportivos defendiam-se com o argumento que não cabia aos jornais educar o povo português. O trissemanário lisboeta *Mundo Desportivo*⁴⁸, na capa de 31 de Janeiro desse ano, publicaria o artigo «A imprensa desportiva e a alienação das massas», onde afirmaria que «em Portugal, quando as pessoas não sabem fazer outra coisa, entretêm-se a criticar a imprensa desportiva», existindo mesmo quem a preferisse chamar de «imprensa futebolística». Sobre esta última crítica, o *Mundo Desportivo* reconhecia o seguinte: «Toda a imprensa desportiva em Portugal é, de facto, “desportiva”, embora, logicamente, e porque os jornais se fazem para serem lidos (e o futebol ajuda largamente a difundir jornais, caso contrário a própria

48 Em 6 de Junho de 1973, o jornal teve a notícia da morte de uma das suas figuras históricas, o antigo director Raul de Oliveira. Nascido em 6 de Março de 1895, começou como jornalista desportivo e tipógrafo em *O Sport de Lisboa*, passando depois pela direcção de *Os Sports* e *Mundo Desportivo*. Foi director da *Volta a Portugal em Bicicleta*, em várias edições, recebendo do Governo a Medalha de Mérito Desportivo. A sua morte teve eco em toda a imprensa portuguesa, sendo reconhecido como uma das grandes figuras do jornalismo desportivo português do século XX.

imprensa diária não teria chegado à conclusão de que lhe é necessário, para captar o público, dar maior desenvolvimento ao desporto e, fundamentalmente, ao futebol) ela tenha de dar ao desporto-rei uma outra dimensão.» E quanto à má educação do povo português, «não compete só aos jornais limá-la ou dirigi-la», cabendo sim a «todos a grande tarefa de educar, de instruir, de intelectualizar os povos». Quanto ao papel dos jornais, estes «podem formar a opinião do povo, mas não o educam», uma vez que a empreitada educacional devia começar a ser construída nos «bancos da escola primária», não sendo «missão exclusiva dos jornais desportivos».

A vida desportiva e política de Portugal sofreria uma reviravolta com o derrube da ditadura em 25 de Abril de 1974, momento político de viragem com implicações directas em todas as vertentes sociais, obviamente também na vida dos periódicos desportivos e do desporto português (como aliás havia sucedido em 1910, com a Implantação da República, e em 1926, com a instauração da ditadura militar). As duas únicas publicações periódicas desportivas generalistas criadas nesse ano, as revistas *Livre* e *Desporto*, surgiram antes do fim da ditadura, sofrendo ambas os efeitos nefastos de um período, política e socialmente, conturbado.

A revista *Livre* lançou o seu número zero, de apresentação, em 20 de Março de 1974, apresentando 48 páginas de boa qualidade gráfica e jornalística (na linha tradicional das revistas ilustradas desportivas), sendo dirigida por José Sampaio e cabendo a propriedade à Sepura – Sociedade Editorial de Publicações, com sede em Lisboa. O número um saiu pouco depois, em 3 de Abril de 1974, ao preço de 12\$50, centrando o noticiário no futebol nacional e internacional, contando com uma excelente qualidade fotográfica (o chefe de fotografia era Alberto Santos). As ideias de renovação nacional e desportiva alastrariam nos seus editoriais a partir do dia 25 de Abril, normalmente assinados pelo director, José Sampaio, e pelo chefe de Redacção, Fernando Pires. A revista apostaria igualmente na defesa do futebol, o qual, após a revolução, seria apontado como um fenómeno «alienatório»⁴⁹, que «não interessa a ninguém»⁵⁰ e prejudicial ao resto do desporto. Apesar da boa qualidade geral da revista, a *Livre* suspenderia

49 Miranda, C. (1974, s.d.). O caluniado futebol. *Livre*, p. 3.

50 Idem, *ibidem*.

actividade no número 11, de 24 de Julho de 1974, numa edição que tinha o ciclista Joaquim Agostinho na capa.

Em relação à revista semanal *Desporto*, saiu no mesmo dia do número um da *Livre*, ou seja, em 3 de Abril de 1974, apresentando 84 páginas (abordando 44 modalidades desportivas), ao preço de 15\$00, sob a direcção de Manuel Sérgio⁵¹. A propriedade cabia à Nostra – Empresa de Publicações e Artes Gráficas (formada por um grupo de pessoas ligadas à revista), contando o corpo redactorial com 41 colaboradores (destacavam-se nomes como Adriano Cerqueira⁵², Cagica Rapaz, Arons de Carvalho ou Daniel Reis, entre outros) e três responsáveis pela fotografia (António Capela e Nuno Santa Clara eram os fotógrafos, coordenados por Álvaro Tavares). As primeiras edições seriam muito afectadas pela Censura, fazendo diversos cortes⁵³ no número dois, de 10 de Abril, e no número três, de 17 de Abril, cortando inclusivamente, de forma total, um artigo crítico do estado da caça em Portugal, previsto para o número dois. Embora tivesse sido bem acolhida pelo público, em parte graças à linha editorial que retomava o tradicional espírito de missão e de causa desportiva, a revista *Desporto* seria uma das afectadas com a Revolução, deixando de sair regularmente⁵⁴ após o 25 de Abril de 1974.

Afectado pelos Serviços da Censura, dias antes da Revolução, foi também o jornal *A Bola*, que viu a coluna de opinião «Hoje jogo eu!», assinada por Carlos Miranda, ser totalmente cortada em 10 de Abril, estando prevista a sua publicação no dia seguinte, na edição 4.262. O teor do texto prendia-se com uma parábola sobre um reino longínquo, em que se fez um concurso para eleger o melhor público de teatro, sendo eleito um público ordeiro e disciplinado, incapaz de criticar. E a crónica fechava com uma frase simbólica: «Só que o público de teatro não era assim.»⁵⁵ Após a Revolução, assistiu-se à saída da Redacção de *A Bola* de alguns jornalistas – consequência directa dos saneamentos políticos que ocorreram um pouco por toda a imprensa e

51 Tinha 41 anos e colaborara com *Mundo Desportivo*, *O Século*, *Record*, *República* e foi chefe da secção desportiva do *Jornal do Comércio*. Professor de educação física em várias escolas de formação em Lisboa, António Sérgio foi funcionário da Direcção-Geral de Educação Física e Desportos, tornando-se numa das figuras mais proeminentes do pensamento sobre desporto em Portugal no final do século XX.

52 Aos 35 anos, tinha passado 14 anos no Telejornal da RTP, tendo colaborado com *Diário de Lisboa*, *Motor e Volante*.

53 Cf. Caixa 605, nos arquivos da Censura do SNI, no ANTT, em Lisboa.

54 Publicou o número 4, em 24 de Abril de 1974, terminando no número 7, de 13 de Junho de 1975.

55 Cf. Caixa 265, nos arquivos da Censura do SNI, no ANTT, em Lisboa.

sociedade portuguesa –, como o director Silva Resende, assumindo a direcção Carlos Miranda, confesso homem de esquerda. A habitual separação editorial entre política e desporto, nas páginas de *A Bola*, sofreu uma «inversão» (Coelho, 2001: 132) neste período, sendo regulares as análises ideológicas⁵⁶ ao papel do desporto, da imprensa e do futebol durante a ditadura.

No rival *Record* passou-se relativamente o mesmo, quer em termos discursivos, quer directivos, registando-se a saída, em Outubro de 1974, do director Artur Agostinho, afastado do cargo e substituído interinamente por Rodrigo Pinto, por decisão da Sociedade Industrial de Imprensa, na sequência de um comunicado dos trabalhadores do jornal. No mês anterior, a edição do *Record* de 28 de Setembro de 1974 seria proibida pelo Ministério da Comunicação Social, reflexo do tempo conturbado que se vivia e dos excessos na liberdade de imprensa. Porém, apesar das conturbações, esse era o ano do 25.º aniversário do jornal, data comemorada no número de 26 de Novembro de 1974, que registou uma mudança drástica de logótipo, aumentando também o preço de capa para 3\$50 – a composição passou a ser feita em «offset» e é introduzido um «2.º Caderno» de 16 páginas. O *Record* tentava, assim, cativar mais leitores e contrariar o afastamento temporário do público, mais preocupado com questões políticas que desportivas, o que constituía uma novidade na sociedade portuguesa.

Face aos «novos rumos»⁵⁷ abertos pela democracia, o outro trissemanário lisboeta, *O Mundo Desportivo*, reforçaria os discursos de esperança, renovação social e liberdade, defendendo-se também das acusações de favorecimento ideológico ao regime fascista por parte dos jornalistas e jornais desportivos. O principal manifesto de defesa do jornalismo desportivo foi publicado na capa de 22 de Maio de 1974, sob o título «Mãos lavadas», o qual sintetizava uma série de questões importantes:

Nós, os homens da Imprensa Desportiva (e a Imprensa Desportiva em Portugal tem largas dezenas de anos de combate e de vitória), nunca, mas nunca, tolerámos um cabresto nem uma baixeza. Muitos jornais deixaram de publicar-se porque não transgrediram com o que lhes era imposto. Muitos! Um sem número de jornalistas foram forçados a procurar o sustento com outras

⁵⁶ Sobre este tema cf. Coelho, 2001: 132-133.

⁵⁷ A Redacção (1974, 1 de Maio). Uma hora alta de confiança e decisão. *Mundo Desportivo*, p. 1.

actividades porque não estiveram dispostos a submeter-se ou a transigir. Foram muitos, também.

Há quem se permita, com visível validade, afirmar que a Imprensa Desportiva, nestes quase 50 anos de vida nacional que enfermaram de tantos vícios, de tantos erros, de tantas violências, foi qualitativamente viciada. Outros acusam-na de colaborante. Outros permitem-se, na inutilidade das suas opiniões, dizerem dela que foi uma arma sempre utilizada contra a inteligência e contra a sensibilidade do povo português. Senhores! Aonde nos leva isto?

Traição? Desconhecemos o que é isso. Fraqueza? Nem queremos admitir que exista. Sabemos apenas que vimos lutando desde que o Desporto é Desporto no nosso País, por um presente mais válido, por um futuro melhor.

Sáímos de 50 anos de fascismo com esta maravilhosa consolação: temos as mãos lavadas! Temos as mãos lavadas! Continuamos com as mãos lavadas! Nós, os jornalistas desportivos, deste jornal e de todos os outros jornais, cumprimos o nosso dever. À custa de todos os sacrifícios. À custa de todos os martírios. Enquanto muitos capitulavam, calavam e transigiam, nós, os jornalistas desportivos, lutávamos.

A exorcização de velhos fantasmas fascistas abrangeu igualmente o futebol, dando origem a «uma campanha sem paralelo» de desprestígio social, atirando «com todas as culpas da falência do nosso desporto para o futebol e para cima dos homens que escrevem sobre futebol». Estas palavras foram publicadas na primeira página do *Mundo Desportivo* de 19 de Junho de 1974, no artigo «O futebol e os seus detractores», no qual se acusava um apresentador desportivo da RTP de andar pelos centros universitários a pedir aos estudantes que dissessem mal do futebol ao serem entrevistados. E quanto à questão da alienação das massas pelo futebol, o jornal foi categórico ao afirmar que «o futebol foi, é e será sempre o grande desporto das multidões» e «o futebol, como qualquer outro espectáculo, só aliena as massas quando as massas são, por natureza, fracas de espírito.»

7. Fraco crescimento da imprensa desportiva especializada

O futebol, embora modalidade dominante na imprensa desportiva generalista e nos discursos à volta da ideia de desporto em Portugal, não veria consumada essa popularidade em termos de periódicos especializados – em

grande parte devido ao alargado espaço noticioso que lhe era reservado nos periódicos desportivos generalistas.

Entre 1958 e 1974, a criação de novos periódicos desportivos especializados, tal como sucedeu com a imprensa desportiva generalista, manteve um ritmo baixo, publicando-se um total de 19 novos títulos, especialmente concentrados entre 1972 e 1974, com nove. E somente uma dessas publicações, o anuário *Futebol*, publicado em 1974, em Lisboa, foi dedicada ao chamado «desporto-rei». Lisboa foi claramente a cidade berço da imprensa desportiva especializada neste período, com 15 novos periódicos, espalhando-se os restantes pelo Porto, Mangualde, Lourenço Marques (Moçambique) e Luanda (Angola).

Estes quatro periódicos, fora da égide da Capital, tiveram enormes dificuldades em manter uma edição regular, principalmente dois deles, fruto da dimensão reduzida de praticantes e simpatizantes das modalidades a que se destinavam. Em 26 de Setembro de 1959 apareceu, em Lourenço Marques (Moçambique), a revista *Ténis de Mesa*, mensário de 20 páginas criado por McDermott Madeira, de distribuição gratuita (dez páginas eram ocupadas por 31 anúncios de publicidade, que iam desde a Shell à Aspirina, passando pelos Automóveis Morris e a companhia de seguros Tranquilidade). Teria dez edições, sucumbindo em 10 de Julho de 1960. Iguamente reduzida seria a vida editorial do *Jornal de Bilhar*, publicação bimestral dirigida por Luís Guerreiro de Sá, propriedade da Associação de Bilhar do Porto, de que era órgão oficioso. Publicou-se na Cidade Invicta entre Julho-Agosto de 1961 e Novembro-Dezembro de 1962, conciliando o noticiário de bilhar nacional com o internacional.

Relativamente às duas outras publicações alheias ao círculo lisboeta, trataram-se da *Rallye – Revista portuguesa de desportos motorizados*⁵⁸, de Mangualde, publicada de forma irregular entre Agosto de 1969 e o número 10, de Setembro de 1973, e a revista *Equipa*⁵⁹, publicada quinzenalmente em Luanda (Angola), entre 1972 e 1974, centrada nos desportos com motor.

58 Criada pela família Alpoim Moreira, apresentava uma boa qualidade e um noticiário nacional e internacional variado.

59 Dirigida por José Manuel Bandeira, era uma revista de qualidade, contado com uma série de redactores desportivos especializados nesta área, como António Ventura, Rui Patuleia, Germano Martins e Sérgio Gomes.

Este último campo de especialização, principalmente o automobilismo, seria o mais activo entre as 15 publicações especializadas criadas em Lisboa entre 1958 e 1974, concentrando cinco periódicos, embora somente um deles (*Motor*, 1963) conseguiria vingar nesta área informativa, dominada desde 1926 por *O Volante*. Esta última publicação, durante os anos 1960, mudou de propriedade, passando das mãos dos herdeiros da mulher de A. Campos Júnior (seu fundador) para as de João Falcato, que em Janeiro de 1966 assumiu a direcção e edição. Contudo, a passagem de Falcato por *O Volante* seria curta, saindo em Agosto desse ano para dar lugar a Fialho de Oliveira⁶⁰, que introduziria a cor na capa, passando a publicar artigos, em exclusivo, das revistas italianas *L'Europeo* e *Automobili* (representadas em Portugal pela Agência Europeia de Imprensa). Um pouco na linha da restante imprensa europeia especializada nesta área, as capas de *O Volante* passariam a publicar, de forma regular, no final dos anos 1960, fotografias com belas modelos (em roupa interior ou com uma roupa provocante), pousando em cima de automóveis, numa retórica publicitária dirigida a um público masculino. Alargou igualmente as secções, abordando modalidades como o karting, motonáutica e aviação, preenchendo as últimas páginas com guias de preços, úteis para quem pretendia comprar um automóvel.

Apesar da constante preocupação com o grafismo e o noticiário, *O Volante* entraria em 1971 num ciclo negativo, deixando de publicar-se entre Julho e Dezembro, o que augurou o fim da revista, que viria a sair pela última vez em Dezembro de 1971, no número 1.391, ao preço de 7\$50. A nomeação do director, Fialho Gouveia, para um cargo oficial no Brasil, precipitou o fim da publicação. No entanto, a empresa Impacto – Publicidade e Relações Públicas, sediada em Lisboa, decidiu adquirir o que restava da revista, principalmente o valioso e prestigioso título, e reactivar a edição com uma nova redacção⁶¹ (na Rua Pascoal de Melo, n.º 1, 1.º, em Lisboa), dirigida por Vítor Direito.

Em 16 de Fevereiro de 1972 saiu o primeiro número, da segunda série, de *O Volante*, em formato jornal (43x31), semanal e ao preço de 3\$50. Na capa

60 Estava há dois anos na revista, tendo passado pelo *Diário Ilustrado*, *Diário da Manhã*, Agência ANI e RTP.

61 O chefe de Redacção era Avelãs Coelho, o subchefe Nuno Coutinho e os redactores Adriano Cerqueira, José Vieira e José Pinto, contando com oito colaboradores permanentes, entre eles Domingos Piedade, Hélder de Sousa e Francisco Santos. A reportagem fotográfica cabia a Manuel Peres e José dos Santos (Ávita), tendo *O Volante* o exclusivo para Portugal da revista inglesa *Motor*.

do número inaugural, o director Vítor Direito assinou o editorial «De novo a acelerar», em que recordou os primórdios de *O Volante* (embora se enganasse no ano de início, afirmando que fora fundado em 1934, quando o tinha sido em 1926) e afirmou que o futuro do jornal estava nas mãos de «uma equipa de jovens mas experimentados jornalistas» que iam passar a fazer semanalmente o periódico e a publicar mensalmente uma revista nos «mais modernos moldes das grandes publicações europeias do género» (esta revista saiu a partir de Maio, por 20\$00, com o título *O Volante*, publicando-se até Julho de 1974). E assim seria durante alguns anos, suspendendo actividade em meados da década de 1970, vítima, em parte, da conjuntura política – *O Volante* passaria depois por mais duas séries irregulares (a 3.^a série⁶² em 1978 e a 4.^a série⁶³ em 1982), ganhando estabilidade a partir da 5.^a série, lançada em 12 de Janeiro de 1988, sob a direcção de Fernando Petronilho.

As profundas mudanças operadas pelo novo *O Volante*, em inícios de 1972, afectaram, em grande medida, o rival *Motor*, criado em 28 de Novembro de 1963⁶⁴, em Lisboa. Em Janeiro de 1972, quase todo o corpo redactorial do *Motor* mudou-se para *O Volante*, obrigando a publicação, dirigida por A. Ruella Ramos⁶⁵, a criar uma nova equipa redactorial, chefiada por Augusto Vilela. O *Motor* aguentaria o embate da nova série do rival e aumentaria inclusivamente as vendas durante 1972, graças à mudança gráfica que operou, passando a ser impresso em offset, publicando excelentes primeiras páginas a cores, dedicadas ao automobilismo.

O êxito do *Motor* levaria a direcção a apostar, em Fevereiro de 1973, na mudança para bissemanário, passando a sair às segundas-feiras no formato jornal (60x40), incluindo um suplemento especial destinado às crianças (*Motor Júnior*⁶⁶, com noticiário desportivo variado), e às quintas-feiras num formato mais reduzido, com o título de *Motor Revista*. Enquanto revista começaria a

62 O primeiro número, mensal, saiu em Setembro de 1978, sob a direcção e propriedade de José Ezequiel.

63 Esta série iniciou-se em 8 de Fevereiro de 1982, no formato revista (28x21), dirigida por Adriano Cerqueira.

64 A revista semanal *Motor* foi criada por Augusto Martins (primeiro director), Nuno Rocha (jornalista e mais tarde director do *Tempo*) e H.R. Pires de Almeida (farmacêutico na Avenida de Roma, em Lisboa, e seu proprietário), saindo o primeiro número com oito páginas (formato 48x34), ao preço de 2\$50. Em Maio de 1965, mudaria de director (A. Ruella Ramos ocupa o cargo) e de proprietário (passa para as Publicações Cícero), apostando em jornalistas a tempo inteiro (caso do chefe de Redacção Avelãs Coelho). E em 18 meses triplicou as tiragens, reforçando o noticiário internacional com enviados-especiais a diversas provas e salões automóveis, algo inovador, mas dispendioso.

65 Estava ligado à empresa Renascença Gráfica, proprietária do *Diário de Lisboa*.

66 Publicou-se entre Março e Junho de 1973.

publicar-se em 23 de Março de 1973, com uma excelente qualidade gráfica e capas de grande efeito estético, mantendo a publicação regular até ao número 135, de 28 de Junho de 1978. Em Junho de 1973, o *Motor* sofreria directamente os efeitos da crise energética do petróleo, reduzindo o formato (41x30) e o noticiário automobilístico, uma vez que diversas provas automobilísticas foram proibidas pelos diversos governos, incluindo o português, para poupar combustível.

O meio jornalístico lisboeta, especializado nos desportos com motor, iria conceber, em inícios da década de 1970, mais três publicações periódicas, de cariz bem distinto. Uma delas, um anuário, com o título *Motores*, lançado em 1972, ano em que apareceria também o mensário *Autódromo*⁶⁷, em Julho, sob a direcção, propriedade e edição de Herlander Garcia, tendo publicado nove números, até 20 de Junho de 1973. Precisamente nesse mês iniciou a publicação a revista mensal *Máquina*, que se apresentou com 96 páginas (20 ocupadas com 22 anúncios de publicidade, sobretudo a marcas de automóveis), ao preço de 20\$00, cabendo a direcção a Francisco Santos⁶⁸, acompanhado por Carlos Cruz⁶⁹ como director-adjunto. Teria uma linha editorial bastante activa em termos de prevenção rodoviária, passando também a apresentar certas tendências políticas de esquerda após o 25 de Abril de 1974. Mas a *Máquina – A revista mensal do seu automóvel* terminaria pouco depois da Revolução, no número 14, de Agosto de 1974.

Para além dos cinco periódicos sobre desportos com motor, Lisboa seria a génese de mais dez publicações periódicas especializadas, divididas por onze modalidades distintas (algumas publicações acumulavam duas modalidades). Seguindo um alinhamento cronológico, a primeira dessas publicações foi o *Jornal de Caça e Pesca*, quinzenário apresentado em 3 de Abril de 1958, sob a direcção e propriedade de Carlos Alberto Pinto. Com uma linha conservadora, principalmente em relação ao papel da mulher na sociedade⁷⁰, este jornal centrou-se na caça e na pesca, publicando também noticiário relacionado com o tiro. Conseguiria ganhar prestígio entre os caçadores e pescadores portugueses, o que lhe permitiu publicar-se durante os

67 Esta revista dedicou-se ao automobilismo, motociclismo, moto-cross, motonáutica, karting e rallyes.

68 Entrara recentemente para membro da prestigiada Associação Inglesa dos Jornalistas de Automobilismo.

69 Jornalista e locutor de rádio, tornou-se popular como apresentador televisivo nos anos 1990 e 2000.

70 Cf. edições de 1 de Outubro de 1958 (p. 27) e 1 de Outubro de 1959 (p. 27).

anos seguintes, vendo-se obrigado a uma suspensão a partir do número 426, de Dezembro de 1975, na sequência da grave crise financeira que estava a afectar a imprensa (reduzindo os anunciantes), agravando o défice do jornal, que se queixava de não receber qualquer subsídio – o *Jornal de Caça e Pesca* regressaria à actividade em Setembro de 1976, publicando-se até ao número 522, de 22 de Dezembro de 1979, altura em que custava 10\$00, mantendo-se na direcção Carlos Alberto Pinto.

Dedicado a duas modalidades seria igualmente o *Jornal de Ténis e Golfe*, publicação mensal lançada em Dezembro de 1959, que se assumia como órgão oficioso da Federação de Lawn Tennis, tendo a director A. Appleton Figueira e a editor Diamantino Dias. Reforçar o noticiário do ténis e do golfe era a sua principal missão, a qual cumpriria durante seis números, até Dezembro de 1960⁷¹. Poucas edições teriam também, na década de 1960, três publicações mensais: *Badminton*⁷² (Lisboa, 1961), *Desporto Columbófilo*⁷³ (Lisboa, 1962) e *Revista Náutica*⁷⁴ (Lisboa, 1967).

Mais longa seria a revista mensal *Caça e Tiro ao Voo*, publicada pela primeira vez em Outubro de 1964, com 40 páginas de grande qualidade estética e noticiosa, cabendo a direcção a A.J. Macedo Silva e a propriedade e edição a António Silva. Impressa na Gráfica Monumental, em Lisboa, esta magnífica revista seria muito bem acolhida pelas duas outras publicações dedicadas a esta área de especialização – *Jornal de Caça e Pesca* (Lisboa, 1958) e a revista *Diana* (Lisboa, 1948) –, destacando-se pela inovação das primeiras páginas, característica que manteria até à sua suspensão definitiva em Janeiro de 1968 (edição 34).

Na década de 1970, apareceram em Lisboa oito novas publicações desportivas especializadas. E como referimos anteriormente, quatro delas foram sobre desportos com motor e uma dedicada ao futebol. As restantes três seriam a revista trimestral *Vela e Pesca*⁷⁵ (1972), o semanário tauromáquico

71 Saíram mais alguns números, sem qualquer regularidade, em Março de 1969, Julho de 1970 e Março de 1972.

72 Publicou cinco números, entre Fevereiro de 1961 e Maio de 1963, sob a direcção de Vilar Moreira.

73 Publicou 15 números, entre Junho de 1962 e Novembro-Dezembro de 1963, sob a direcção de Vaz Guedes.

74 Com o subtítulo de «Revista portuguesa dos desportos náuticos», teve três edições, entre Junho e Agosto de 1967.

75 Dedicada aos desportos náuticos, publicaria 14 números, entre a edição de Dezembro 1972-Janeiro-Fevereiro-Março de 1973 e Maio-Junho-Julho de 1979, revelando uma grande irregularidade. Era a continuação da revista *Vela* (Lisboa, 1946-1967), sendo nesta fase dirigida por Cláudia Maria Azevedo Herdeiro, apresentando uma excelente qualidade gráfica (com sede em Lisboa, era impressa nas Oficinas Gráficas de *O Primeiro de Janeiro*, no Porto).

*Redondel*⁷⁶ (1974) e a revista mensal *Aerodelismo*⁷⁷ (1974).

Uma das principais publicações desportivas especializadas era a revista *Diana*, publicada bissemanalmente desde 1948, dedicada à caça, pesca e hípica. Ligada a uma elite conservadora, com poder económico para caçar, e habitualmente proprietária, os primeiros meses após a Revolução do 25 de Abril de 1974 seriam de alguma visão crítica sobre o género de liberdade que estava a ser aplicado na sociedade portuguesa. A revista afirmaria mesmo que a situação político-social, nascida da Revolução, estava a pôr em evidência «a mediocridade de todo um Povo»⁷⁸, continuando Portugal a ser «um país de analfabetos onde, desde que nos conhecemos, se cultivou uma máxima de ciência política segundo a qual mais vale um povo não saber ler a poder ler o que não deve.»⁷⁹ Na origem desta indignação esteve o facto de ter sido cancelada a grande maioria dos concursos hípicos portugueses, acusado de ser «um desporto de... capitalistas ou fascistas.»⁸⁰

No entanto, o pior ainda estava para acontecer. Na edição de Setembro-Outubro de 1974, a *Diana* publicaria uma primeira página simples e simbólica: uma grande cruz, acompanhada, em letras garrafais, do título «13 de Outubro de 1974 – Chacina Geral da Caça». Nas páginas interiores mostrava os vários casos de invasões de herdades, um pouco por todo o País, pelos caçadores que nunca tinham podido caçar nesses espaços e que mataram «tudo o que puderam»⁸¹, inclusivamente espécies protegidas. E exibia os telegramas e cartas enviados aos vários ministérios e ao primeiro-ministro, Vasco Gonçalves, em que se pedia a intervenção do Estado para impedir as repetidas invasões das coutadas de caça. Inclusivamente se acusava a Emissora Nacional de ter incitado os caçadores a essas invasões.

A recentemente criada Comissão Ad-Hoc para a Imprensa, Rádio, Televisão, Cinema e Teatro, presidida pelo Coronel José da Conceição Ferreira, por causa desse número e das críticas duras ao Governo, aplicaria à

76 Inspirado no jornal espanhol *El Ruedo* (Madrid), este semanário tauromáquico publicou quatro números, entre 3 de Abril de 1974 e 24 de Abril de 1974, sob a direcção de Luís Alberto Ferreira e propriedade da Decibel, Edições, Lda.

77 Apesar desta actividade se enquadrar no lúdico-recreativo-desportivo, esta revista tinha um forte teor desportivo, com referências à aeronáutica, publicando-se entre Abril de 1974 e Maio de 1975 (número 11).

78 A Redacção (1974, Maio-Junho). Será que somos um povo de 2.ª ordem? *Diana*, p. 5.

79 Idem, ibidem.

80 Idem, ibidem.

81 A Redacção (1974, Setembro-Outubro). Afinal, em que ficamos. *Diana*, p. 3.

Diana uma multa pesadíssima de 150 mil escudos (uma fortuna para a época, uma vez que a revista custava 50 escudos) e processou criminalmente, e no foro militar, o director João Maria Bravo. O último número⁸² de *Diana* seria em Novembro-Janeiro de 1974-1975, em que anunciava a suspensão (a pesada multa tinha esse objectivo) e fazia uma retrospectiva dos inúmeros cortes impostos pelo «lápiz azul»⁸³ da Censura, tentando assim mostrar aos leitores a forma como também tinha sido perseguida pelo Estado Novo, procurando simpatias e solidariedade face à injustiça que lhe estava a ser feita.

7. Ciclo de crescimento nos órgãos de clubes e instituições

A grande fatia, mais de metade (46 de um total de 84), das publicações periódicas desportivas criadas entre 1958 e 1974 tiveram origem em clubes e instituições. Mas neste período de 17 anos verificaram-se duas fases distintas, a primeira entre 1958 e 1961, marcada pelo surgimento de 22 periódicos em quatro anos, e a segunda entre 1962 e 1974, em que apareceram 24 publicações desportivas de clubes e instituições desportivas.

Durante a primeira fase (1958-1961), e tal como vinha sendo habitual nos anos anteriores neste campo informativo, saíram uma série de publicações que tinham como único objectivo a comemoração de uma data ou evento desportivo, como sucedeu com *O Galitos FC*⁸⁴ (Barreiro, 1958), *O Sporting de Tomar*⁸⁵ (Tomar, 1960), *Académica-Benfica*⁸⁶ (Coimbra, 1961) e *Sport União Sintrense*⁸⁷ (Sintra, 1961).

Mais profícua seria a área dos boletins de clubes, que contaria, entre 1958 e 1961, com 15 novos títulos, de origem diversa e representativa da importância que este género de publicações tinha no seio dos clubes (servindo de elo de ligação com os associados) e no próprio desporto (divulgando clubes com actividades desportivas minoritárias ou em cidades sem capacidade para

82 Teria mais três séries: uma 2.ª série em 1980, sob a direcção e propriedade de José Ferraz, com tiragens de 30 mil exemplares; a 3.ª série entre 1988 e 1990, dirigida por Vítor Seiya, com tiragens de 17.500 exemplares; e a 4.ª série em 1993, por Vicente Piteira, com uma tiragem de 15 mil exemplares.

83 O Director (1974-1975, Novembro-Janeiro). *Diana* suspende a sua publicação. *Diana*, p. 25-27.

84 Número de Outubro de 1958, comemorativo do 23.º aniversário do Galitos FC (em 1955 tivera outro número).

85 Número único de 26 de Fevereiro de 1960, comemorativo do 25.º aniversário do Sporting Clube de Tomar.

86 Número único de 15 de Janeiro de 1961, dedicado ao jogo de futebol Académica-Benfica.

87 Número único de 7 de Outubro de 1961, dedicado ao 50.º aniversário do clube.

existir um jornal desportivo generalista). Em 1958, quatro órgãos de clubes iniciaram a publicação, dois deles com origem na mesma cidade (Lourenço Marques, em Moçambique) e em estrita concorrência, como foram os mensários *Sporting*⁸⁸, órgão do Sporting Clube de Lourenço Marques, e *O Benfica*⁸⁹, órgão do Sport Lourenço Marques e Benfica – ambos tiveram uma vida editorial curta e marcada pelo noticiário restrito a si mesmos e ao clube da Metrópole de que eram filiais (Sporting CP e SL Benfica, respectivamente). As outras duas publicações deste género, em 1958, foram *O Alhandra*, boletim mensal do Alhandra Sporting Clube (publicado entre Outubro desse ano e o número 34, de Julho de 1963), e *O Lusitânia*, quinzenário do Sport Club Lusitânia, sediado na Ilha Terceira, nos Açores – este periódico insular viria a publicar-se entre 30 de Julho de 1958 e 10 de Fevereiro de 1991, num total de 265 edições, assumindo-se mais como um «órgão informativo de clube do que propriamente um jornal desportivo»⁹⁰.

Entre 1959 e 1960 apareceram mais cinco novos órgãos clubistas, três deles em clubes com expressão popular no futebol. O primeiro foi o boletim *Sporting Clube de Braga*, lançado pelo clube minhoto em 25 de Setembro de 1959, sob a direcção de Gil Sameiro Braga, tendo saído em dez ocasiões, a última em 20 de Junho de 1960 (para o seu fim contribuiu o facto de 1.500 assinantes, de fora de Braga, não pagarem as assinaturas). Em 1960 seria a vez de sair o boletim mensal *Sport Clube Vila Real*⁹¹, pertencente ao clube transmontano que lhe dava nome, e o semanário *O Beira-Mar*, órgão do Sport Clube Beira-Mar, com sede em Aveiro, publicado entre 9 de Junho de 1960 e 15 de Dezembro de 1961, sob a direcção de Moreira Júnior. Fora do círculo futebolístico, seriam publicados o mensário *O Sangalhos*, propriedade do Sangalhos Desporto Clube, que tinha no ciclismo e no basquetebol os principais interesses noticiosos (publicando-se entre Março de 1959 e o número 32, de Janeiro de 1964), e o *Boletim dos Amadores de Pesca de Abrantes*, em actividade entre 1960 e 1964.

Em todo o período compreendido entre 1958 e 1974, o ano de 1961 foi aquele que contou com o surgimento de mais órgãos de clubes e instituições,

88 Publicou oito edições, entre Maio de 1958 e Abril-Maio de 1959, sob a direcção do Eng.º Mário João Mousaco.

89 Publicou sete números, entre Agosto de 1958 e Fevereiro de 1959, sob a direcção do Capitão João Maria Bento.

90 O Director (1958, 30 de Julho). Lusitanistas! *O Lusitânia*, p. 1.

91 Publicou 20 edições, entre Novembro de 1960 e Maio de 1962, sob a direcção de Avelino da Silva.

num total de nove. E desse número, cinco foram órgãos clubistas publicados com alguma regularidade: *O Campolide*⁹² (Lisboa), *O Espinho – Boletim do S.C.E.*⁹³, *A Voz do Sport Clube da Régua*⁹⁴, *Boletim do Clube Amadores de Pesca de Tomar*⁹⁵ e *Contacto*⁹⁶ (Lisboa). A publicação com maior longevidade editorial seria o quinzenário *Sport Club Angraense*, com sede em Angra do Heroísmo, nos Açores, editado pelo clube que lhe deu nome, entre 31 de Julho de 1961 (dirigido e editado pelo Dr. José dos Santos) e o número 121, de 11 de Março de 1971 (sob a direcção do Dr. F. Mendes Pereira).

A partir de 1962 entrou-se numa fase evolutiva relativamente diferente, diminuindo claramente o volume de novas publicações deste género. Nesse ano, por exemplo, saíram unicamente dois títulos, um de curta duração (*Boletim da Secção de Pesca Desportiva do Sporting Clube de Portugal*⁹⁷, em Lisboa), e outro com uma vida editorial mais longa, mas irregular (*Vai D'Arrinca!*⁹⁸, na Figueira da Foz). Nesta nova fase continuaram a surgir números comemorativos, como sucedeu com o *Seixal FC*⁹⁹ (Seixal, 1963), *O Ginásio*¹⁰⁰ (Baixa da Banheira, 1963), *O Sporting*¹⁰¹ (Angola, 1970) e *Sporting*¹⁰² (Braga, 1970). E no campo dos órgãos de clubes, a maioria dos novos periódicos foi muito efémero e pouco regular, como sucedeu com o *Ecos do Marítimo*¹⁰³ (Angra do Heroísmo, 1964), *Boletim da Associação Lisbonense dos Amadores de Bilhar*¹⁰⁴ (Lisboa, 1965), *O Graça*¹⁰⁵ (Lisboa, 1966),

92 Boletim informativo do Campolide Atlético Clube, publicado entre Abril de 1961 e Junho de 1963 (n.º 4).

93 Órgão do Sporting Clube de Espinho, publicado entre 11 de Outubro de 1961 e 11 de Janeiro de 1964. Lançaria uma segunda série, entre Janeiro e Setembro de 2001.

94 Órgão do Sport Clube da Régua, publicou-se entre Junho e Dezembro de 1961 (sete números).

95 Criado em Tomar, saíram dois números, em Abril de 1961 e Março de 1964.

96 Boletim do Grupo Desportivo da Hidró-Eléctrica do Zêzere, publicado entre 1961 e 1968, com muita irregularidade.

97 Publicou-se por duas vezes, em Janeiro e Março de 1962.

98 Boletim mensal do Ginásio Clube Figueirense, publicado entre Dezembro de 1962 e Julho-Dezembro de 1965 (1.ª série). Iniciou uma segunda série em Dezembro de 1968, mantendo a irregularidade até Dezembro de 1991 (XII série).

99 Número único, comemorativo do 28.º aniversário do Seixal Futebol Clube.

100 O Ginásio Atlético Clube da Baixa da Banheira publicaria dois números de aniversário: Junho de 1963, pelo 25.º aniversário; Junho de 1966, pelo 28.º aniversário.

101 Em Gabela, Angola, saiu em Maio de 1970, dedicado aos 25 anos do Sporting Clube da Companhia de Angola.

102 Número especial do 50.º aniversário do Sporting Clube de Braga, publicado em Outubro de 1970.

103 Mensário do Sport Club Marítimo, publicou-se entre 4 de Maio de 1964 e 4 de Março de 1965 (n.º 11).

104 Publicou quatro edições, entre Julho e Setembro-Outubro de 1965.

105 Órgão da secção desportiva do Clube Desportivo da Graça, publicado em Dezembro de 1966.

*Boletim*¹⁰⁶ (Lisboa), *Xadrez*¹⁰⁷ (Lisboa, 1967), *Pesca de Rio*¹⁰⁸ (Abrantes, 1969), *Truteiro*¹⁰⁹ (Braga, 1970), *Académica*¹¹⁰ (Coimbra, 1970), *União: Jornal CF União de Coimbra*¹¹¹ (Coimbra, 1974).

As únicas três publicações a conseguirem maior longevidade editorial foram *O Sporting Olhanense* (Olhão, 1963), o *Fayal Sport Club* (Horta, 1966-1974) e *O Vitória de Guimarães* (1968). O primeiro destes três títulos era propriedade do Sporting Clube Olhanense, de Olhão, sendo dirigido pelo Dr. Francisco Inácio Reis. O número de estreia saiu em 15 de Maio de 1963, ao preço de 1\$50, apresentando poucas secções nas suas seis páginas e um noticiário muito focado no clube, sofrendo de alguma irregularidade inicial devido à falta de assinantes e colaboradores. Contudo, paulatinamente, este quinzenário foi-se consolidando entre os sócios e simpatizantes do clube, e do futebol em Olhão, publicando-se regularmente até ao século XXI (em 15 de Maio de 2003 publicou o número 837, evocativo do 40.º aniversário).

Igualmente longa, embora mais irregular, seria a trajectória editorial do mensário *O Vitória de Guimarães – Órgão de Informação do Vitória Sport Clube*, publicado na Cidade Berço em 30 de Março de 1968, sob a direcção de José Abílio Gouveia. O número inaugural, de seis páginas (formato 43x31), foi enviado para 4 mil associados, alguns dos quais no estrangeiro, apresentando um noticiário especialmente centrado na equipa de futebol do clube. Esta primeira série suspendeu-se no número 33, de 30 de Janeiro de 1970, iniciando-se, em Maio desse ano, uma nova série que se prolongaria até Outubro de 1971 (edição 15), seguindo-se, ao longos das décadas seguintes, mais quatro séries, a última delas iniciada em 4 de Julho de 2000.

«A criação dum jornal do Clube é sonho desde há muito acalentado», referia a direcção do periódico mensal *Fayal Sport Clube*, órgão da agremiação com o mesmo nome, no editorial «O nosso jornal», publicado no sábado, 2 de Julho de 1966, na Horta (Açores). Com um cabeçalho verde e um noticiário

106 Órgão do Ginásio Clube de Caselas, editado em Abril de 1966.

107 Órgão do Grupo Desportivo CEL-CAT, publicado entre 1967 e 1971.

108 Era a segunda série do *Boletim dos Amadores de Pesca de Abrantes*, lançado em Abril-Junho de 1969 (teria uma 4.ª série em Abril de 1980).

109 Órgão do Clube de Pesca Desportiva de Braga, publicado entre Março de 1970 e Março de 1973 (n.º 10).

110 Saiu uma vez, em Janeiro de 1970, sendo o boletim da secção de futebol da Associação Académica de Coimbra.

111 A primeira série iniciou-se em 14 de Setembro de 1974, terminando em 10 de Junho de 1975. Teria uma 2.ª série, entre Maio de 1981 e Maio de 1983.

local, centrado no clube, este jornal clubista encetou também uma campanha promotora do desporto, colaborando com o programa «Magazine Desportivo», da Rádio Clube de Angra, durante 1967. Sob a direcção de Jaime Baptista Peixoto, publicaria 94 edições¹¹², até 4 de Maio de 1974, cessando actividade por imposição ministerial.

No início da década de 1970, mais precisamente em Novembro de 1972, um dos órgãos de um dos clubes «grandes», *O Benfica – Semanário do Sport Lisboa e Benfica*, comemorou 30 anos de existência. No número evocativo da data, na terça-feira, 28 de Novembro, a Redacção fez uma análise ao estado do jornalismo desportivo em Portugal, no artigo «Atletas do Benfica: em guarda contra os jornalistas suspeitos!», referindo que os jornais desportivos se tornaram «os alfobres da imprensa diária», uma vez que se tratava de um espaço de «recrutamento cómodo» de jornalistas «adestrados na reportagem, em escrever para o grande público, nos contactos com acontecimentos de vulto e forjados na escola de virtudes que é basilarmente o Desporto.» E a imprensa desportiva era vista como «a escola e até o liceu de muitíssimos jornalistas que prevalecem em várias redacções de jornais diários».

Foi precisamente contra uma dessas publicações diárias, mais concretamente o *Diário de Lisboa*, que em Janeiro de 1972 o jornal *O Benfica* se insurgiu editorialmente, acusando o diário lisboeta de tentar «lançar a confusão nas hostes benfiquistas, de forma a perturbar o clube»¹¹³, utilizando o «sensacionalismo»¹¹⁴ e o «exibicionismo mórbido e a traição.»¹¹⁵ Na base da acusação do jornal benfiquista estava uma notícia, publicada na capa do *Diário de Lisboa* de 31 de Dezembro de 1971, que anunciava a possibilidade de três jogadores encarnados rumarem ao rival Sporting CP. Esta notícia, na opinião do director de *O Benfica*, Paulino Gomes Júnior, era autêntico «terrorismo»¹¹⁶, visando «estabelecer a confusão»¹¹⁷ e «lançar a desordem»¹¹⁸. E os jornalistas que a publicaram eram uns verdadeiros «terroristas do jornalismo “bossa

112 Publicou vários números de aniversário, em 1947, 1955, 1958, 1959, 1983 e 1985.

113 Júnior, P.G. (1972, 4 de Janeiro). Os terroristas do jornalismo “bossa nova”. *O Benfica*, p. 1.

114 *Idem*, *ibidem*.

115 *Idem*, *ibidem*.

116 *Idem*, *ibidem*.

117 *Idem*, *ibidem*.

118 *Idem*, *ibidem*.

nova”»¹¹⁹, devendo os diários evitar a admissão de «pseudo-jornalistas que são a vergonha de uma classe que tem primado, de maneira geral, pela honradez e firmeza de princípios»¹²⁰. Em virtude deste desentendimento com O *Benfica* e o clube, os jornalistas do *Diário de Lisboa* passaram a ser proibidos de entrar no Estádio da Luz, em Lisboa.

Entre 1958 e 1974, oito instituições desportivas portuguesas avançaram também com boletins informativos, representando diversas áreas do desporto português. As duas primeiras publicações desportivas institucionais foram a revista *Basquetebol*¹²¹, lançada em Abril de 1958, em Lisboa, pela Federação Portuguesa de Basquetebol, e o *Boletim da Federação Equestre Portuguesa*, publicado em Lisboa a partir de 1959, tendo continuado em actividade nas décadas seguintes.

Em 1961, no mês de Junho, apareciam à venda os primeiros 500 exemplares do *Boletim do Comité Olímpico Português*, criado em Lisboa, com um cariz trimestral, sob a direcção do Eng.º Francisco José Nobre Guedes. Promover e defender a doutrina olímpica era o seu objectivo, tendo definido uma série de prémios de forma a reforçar esse propósito, como foi o caso do Prémio Olímpico do Jornalismo, criado em 1965 para destacar o jornalista que mais se tinha destacado na difusão jornalística do ideal olímpico – candidataram-se Alberto Freitas (vencedor), com uma série de artigos publicados no *Diário de Notícias* e *Mundo Desportivo*, e Fernando Soromenho, pelo *Diário de Lisboa*. Ao longo da década de 1960 e 1970, o boletim saiu com regularidade, mudando de título na edição 48, de Janeiro-Maio de 1978, passando a ser *Olimpo – Comité Olímpico Português*. Seguiu-se uma paragem até Junho de 1979, devido sobretudo à falta de apoios e aos poucos assinantes (imprimia somente 600 exemplares), terminando a primeira série em Dezembro de 1979, no número 50 – reapareceria com uma nova série, em Maio de 1982, publicada até ao número 77, do 4.º trimestre de 1988, e voltaria em Maio de 1992, mantendo-se em actividade bimestral até ao século XXI.

O ano de 1965 seria especialmente activo no aparecimento de órgãos desportivos institucionais. Logo em Janeiro iniciaram a publicação as revistas

119 Idem, *ibidem*.

120 Idem, *ibidem*.

121 Publicaram-se unicamente dois números, o último em Agosto de 1958.

Futebol, órgão da Associação de Futebol de Lisboa, publicada até ao número 32, de Maio-Junho de 1968, e a *Educação Física, Desportos, Saúde Escolar*, que resultou da fusão do *Boletim da Direcção-Geral da Educação Física, Desportos e Saúde Escolar* e do *Boletim do Instituto Nacional de Educação Física*, estando sob a alçada do Ministério da Educação Nacional, publicandose em Lisboa até ao número 35, de Julho-Setembro de 1973 (saíram depois edições anuais até 1979, assumindo um cariz legislativo e doutrinal), apresentando um forte pendor de análise académica sobre o fenómeno desportivo. O terceiro título criado em 1965 foi a revista *Desporto*, lançada em Junho pelo Conselho Provincial de Educação Física de Macau, promovendo o desporto em Macau durante as suas quatro edições, suspendendo actividade em Dezembro de 1965.

Ligados igualmente a instituições estatais seriam a revista *Cultura e Desporto*¹²², publicada em Lisboa entre 1974 e 1976 (com 48 edições) pela Direcção-Geral dos Desportos, e o *INFO INEF*, boletim preenchido por bibliografia desportiva, editado pelo Instituto Nacional de Educação Física, em Lisboa, entre Outubro de 1973 e Fevereiro de 1974. Em 17 de Maio de 1974 foi a vez de iniciar a publicação, em Lisboa, a revista *Atletismo*, órgão oficial da Federação Portuguesa de Atletismo, dirigida por Fernando Ferreira. Dedicada a promover o atletismo, a primeira série terminaria no número quatro, de 31 de Agosto de 1974, seguindo-se mais três séries¹²³, suspendendo actividade definitiva em Setembro de 1981 (na quarta série).

8. Rádio, televisão e o papel da imprensa internacional

As dinâmicas informativas da rádio e televisão (confinada a um único canal, a RTP), a nível desportivo, reforçaram-se durante as décadas de 1960 e 1970. Em termos radiofónicos, a Emissora Nacional (EN) e o Rádio Clube Português (RCP) aumentaram o seu interesse, sobretudo, pelos relatos de futebol, o que se deveu à própria dimensão europeia, dada ao futebol português, pela presença do SL Benfica em cinco finais da Taça dos Clubes

122 Cada número era dedicado a um tema, apresentando um texto extenso de um autor especializado na área. E.g. em 1974, o número 2 foi dedicado ao tema «Relações entre Desporto e Política», com um artigo de Pedro Essinague.

123 A 2.ª série foi entre 20 de Março de 1976 e o n.º 12, de 15 de Dezembro de 1976; a 3.ª série, entre 31 de Janeiro de 1977 e o número 8/9, de 1978; e a 4.ª série, entre Junho e Setembro de 1981.

Campeões Europeus durante os anos 1960 e à excelente participação da Selecção Nacional, no Mundial de Inglaterra-1966.

O RCP foi uma das emissoras de rádio mais activas em termos de programação desportiva. E também uma das mais inovadoras: em 1967, para a cobertura do Circuito Automóvel de Vila Real, decidiu fazer a reportagem em simultâneo com um estúdio instalado no perímetro do circuito, um helicóptero e a partir de um dos automóveis em prova, sendo instalado um rádio-telefone a bordo do carro de Francisco Santos, que ia comentando a corrida desde o interior do veículo – por questões técnicas utilizou-se o microfone habitual do aparelho, que obrigava o condutor, sempre que o utilizava, a usar uma das mãos para o segurar, conduzindo com a outra, no que foi visto pelo comissariado da prova como uma temeridade, levando à sua saída da prova e posterior desclassificação.

Em meados de 1967, o interesse pelo desporto automóvel, por parte do RCP, levaria a estação a criar o programa «Fórmula 1», dedicado à principal prova do automobilismo mundial, emitido aos domingos pelas 19h00. Estaria no ar vários anos e com muito sucesso. Igualmente bem sucedido seria o programa «Carrocel Desportivo»¹²⁴, produzido diariamente, a partir de Abril de 1971, por Fernando Santos e Ribas Martins, e difundido na onda média do RCP do Porto, apresentando os temas desportivos «de maneira feliz e oportuna»¹²⁵.

Ao nível das rádios locais, em 13 de Fevereiro de 1973 principiou a emissão do programa «Escape Livre», na Rádio Altitude, na Guarda. Começou por ser transmitido às terças e sextas-feiras, com a duração de 13 minutos, dedicado ao desporto automóvel, à indústria automóvel e à prevenção rodoviária, cabendo a sua produção ao advogado Luís Celíneo. O programa gradualmente conquistou ouvintes e prestígio em Portugal, mantendo-se em actividade regular ao longo das décadas de 1980 e 1990, ocupando «um lugar de indiscutível importância na informação da especialidade»¹²⁶.

Este género de programas radiofónicos locais, subordinados ao desporto, enraizou-se no meio informativo regional, criando, a generalidade das

124 Em Espanha, desde 1954 que estava no ar o programa «Carrusel Deportivo», emitido pela Rádio Madrid-Cadena SER, numa ideia original de Bobby Deglané e realizado pelo prestigiado jornalista Vicente Marco.

125 Carlos, J. (1971, 27 de Abril). Carrocel Desportivo em Rádio Clube Português. *Centro Desportivo*, p. 8.

126 Anjor, J. (1983, Dezembro). Escape Livre – Dez anos... é muito tempo! *Rallies e Velocidade*, p. 9.

emissoras de rádio, os seus próprios programas desportivos. Um dos melhores exemplos foi a Madeira, que em 1974 tinha no ar vários programas desse género, sendo o seu número «deveras satisfatório»¹²⁷ para uma cidade com a dimensão do Funchal. O mais antigo programa era o «Desporto Através da Rádio», difundido aos domingos à tarde, pelas 19h30, no Posto Emissor do Funchal, sendo produzido por Carlos Veloza. Mais tarde surgiu o programa «Semana Desportiva», produzido pelo desportista José Manuel Silva, e emitido também aos domingos, na Estação Rádio da Madeira. E em Dezembro de 1974 iriam para o ar mais dois programas radiofónicos desportivos: «Chama Desportiva», de Gastão Dinis, emitido no Posto Emissor do Funchal; e «Tempo Desportivo», de Juvenal Xavier, na Estação Rádio da Madeira, que constituiu uma novidade por se dedicar a uma única colectividade madeirense, o Clube Desportivo Nacional.

A crescente importância do desporto na rádio portuguesa coincidia com o que sucedia a nível televisivo¹²⁸, embora não em todas as áreas, contrastando principalmente no campo do desporto automóvel. Durante as décadas de 1960 e 1970, a RTP era constantemente acusada de «alicerçar o mito do futebol, erguendo-o à dignidade inabalável de desporto-rei»¹²⁹, apostando reiteradamente nas transmissões directas de jogos de futebol. E as transmissões dos grandes eventos automobilísticos, como as corridas de Fórmula 1, eram relegadas para um plano secundário, de tal forma que em meados de 1974 as retransmissões das corridas eram feitas «aos soluços»¹³⁰ e nos intervalos dos programas infantis, chegando a cortar frequentemente os grandes prémios de automobilismo para colocar outro género de programação, sem dar qualquer explicação aos telespectadores.

Entre o final da década de 1960 e o início dos anos 1970, o desporto subiu significativamente a percentagem de tempo de antena na RTP (em 1968 teve direito a 9,23 por cento, contra 6,37 por cento em 1967), fruto principalmente das transmissões do exterior, quer nacionais, quer

127 A Redacção (1974, 20 de Dezembro). Da Rádio – Programas Desportivos. *Correio Desportivo*, p. 1.

128 Em 1978, a revista *Antologia Desportiva* publicou, no número 17, um vasto estudo, feito pela Clearing House, com o título «O Papel da Televisão na Promoção da Prática Desportiva», em que analisava o papel de 15 televisões estatais europeias na divulgação do desporto nos seus respectivos países.

129 Pereira, S. (1974, 21 de Maio). As transmissões directas. *Motor*, p. 2.

130 Idem, *ibidem*.

internacionais, em especial dedicadas ao futebol – em 1968 era popular o programa do fim da tarde «Momento Desportivo». Em 1972, os programas desportivos da RTP, graças sobretudo às transmissões directas dos Jogos Olímpicos de Munique, via Eurovisão, atingiram as 409 horas de emissão, contrastando com as 380 horas dedicadas ao Telejornal – em 1975, o bloco formado pelo trio informação-actualidades-desporto ocupou 75,28 por cento do tempo total da emissão (3.654 horas no Canal 1 e 1.185 no Canal 2)¹³¹. Num mundo informativo em processo inicial de globalização, o desporto constituía um dos principais fenómenos agregadores de audiências, fundamentalmente as transmissões dos Jogos Olímpicos e dos Campeonatos do Mundo de Futebol.

A acusação de que eram alvo os jornais desportivos portugueses de favorecer o futebol, crítica recorrente após a Revolução de 1974, podia igualmente ser alargada à vizinha Espanha e um pouco ao resto da Europa, onde surgiram e continuaram a publicar-se periódicos desportivos com um elevado interesse noticioso pelo futebol – entre as décadas de 1960 e 1970, a título de exemplo, iniciaram actividade o *Le Miroir des Sports* (França, 1965), *As* (diário madrileno criado em 6 de Dezembro de 1967, focado no Real Madrid, com tiragens de 400 mil exemplares nos anos 1980), *But – Hebdomadaire de Football* (França, 1969), *Deportes 2000* (Espanha, 1969), *Don Balón* (Barcelona, 1977) e *Sport* (diário de Barcelona, lançado em 3 de Novembro de 1979, centrado no FC Barcelona). E a estes títulos temos que acrescentar alguns periódicos que continuavam em publicação desde as décadas anteriores, com realce em Espanha para os diários *El Mundo Deportivo* (Barcelona, 1906) e *Marca* (Madrid, 1938), e em França para o *L'Équipe* (1946), único diário desportivo francês nas décadas de 1960 e 1970. Especialmente activa esteve também a área da imprensa especializada no desporto automóvel, surgindo uma série de novos títulos, como o *Autopista* (Madrid, 1961), *Velocidad* (Madrid, 1963), *Auto-Universum* (Itália, 1964), *L'Europeo Motori e Automobili* (ambas em Itália, 1966), *El Automovil* (Madrid, 1969), *Motor* (Inglaterra, 1972), *Autopista* (Espanha, 1975), *Moto Verde* (Madrid, 1977) e *Automovil* (Espanha, 1979).

131 Cf. Tevez, V. H. (2007). *RTP 50 anos de história (1957-2007)*. Lisboa: Ed. RTP.

CAPÍTULO 14

1975-1978: Crescimento nos alvares da democracia

1. O conturbado ano de 1975

A evolução da imprensa periódica desportiva portuguesa, nos anos seguintes à implementação do regime democrático, foi marcada pelo crescimento, mas também por alguma conturbação no seio dos periódicos de referência. Entre 1975 e 1978 assistiu-se a um novo incremento de títulos de imprensa desportiva, aparecendo um total de 60 novas publicações, divididas anualmente por 11 periódicos em 1975, 18 em 1976, 13 em 1977 e 18 em 1978, sendo Lisboa o epicentro de 33 títulos.

Entre a imprensa desportiva assistiu-se a um período de reajustamento editorial, consequência natural da experimentação da liberdade de imprensa, assumindo-se os *media*, em geral, como «um poder emergente» (Ferreira, 2001: 138), capaz de influenciar «cada vez mais o gosto e a mentalidade dos elementos mais receptivos da sociedade portuguesa» (Ferreira, 2001: 138). No jornalismo desportivo, os periódicos de referência continuaram a ser *A Bola* (1945), *Mundo Desportivo* (1945), *Record* (1949) e *O Norte Desportivo* (1934), mas nenhum deles escapou aos efeitos do conturbando período político-social-económico-identitário que se viveu em Portugal nos anos seguintes à Revolução do 25 de Abril de 1974.

Um dos efeitos directos dessa agitação foi o decréscimo das vendas de jornais desportivos, que se deveu, em grande medida, ao «indesmentível facto de que, pela primeira vez confrontadas com uma imprensa livre e sem censura que diariamente relatava a agitação política e social do momento, as pessoas, naturalmente, colocaram as suas preocupações desportivas e «futebolísticas» em segundo lugar»¹.

A Bola, principal jornal em termos de tiragem e vendas, foi um dos grandes afectados do desinteresse, momentâneo, pelo desporto, em especial o futebol, apontado negativamente como um dos instrumentos que o fascismo usou para manipular as massas. As ligações e conotações de alguns dos principais redactores de *A Bola*, a vários quadrantes políticos, contribuíram

¹ A Redacção (1995, 30 de Janeiro). Entrevista ao director de *A Bola*, Carlos Miranda. *Público*, p. 4.

para uma certa desconfiança dos leitores, a qual se alargava a todos os outros títulos do jornalismo português. E foi precisamente durante esta fase conturbada que *A Bola* chegou ao 30.º aniversário, comemorado na edição de 30 de Janeiro de 1975. Na capa desse número realçava-se o título «30 anos! 1.º aniversário em liberdade» e no texto defendia-se o conceito de família e de mística do jornal, apresentando-se como capaz de resistir a tudo, «até a 30 anos de uma política orientada no sentido da manipulação do desporto como meio de alienação das grandes massas.» Nesta altura, *A Bola* continuava trissemanal (segundas, quintas-feiras e sábados) e a direcção era liderada por Silva Resende, que pouco tempo depois cedeu o lugar a Carlos Miranda, mais ligado aos quadrantes políticos de esquerda.

O rival *Record*, que por ocasião do 25.º aniversário, em 26 de Novembro de 1974, tinha encetado uma série de mudanças (logótipo, preço e composição gráfica), recebeu em Janeiro de 1975, com grande entusiasmo, a notícia do Ministério do Trabalho que equiparou os jornalistas desportivos aos restantes colegas da imprensa diária, reconhecendo-lhes o direito a uma carteira profissional e ao estatuto de jornalistas. E no mês seguinte, a vida e história do *Record* era tema de um documentário, filmado pelas Produções Francisco de Castro, com texto e locução de Júlio Isidro. Mas, nesta altura, a vida interna do *Record* não corria bem, com o elevado passivo a colocar em causa a sua sobrevivência, causando algumas agitações internas. Em Setembro, o jornal mudou de director, regressando o fundador Monteiro Poças, que substituiu Rodrigo Pinto, mas a instabilidade manteve-se, sendo o jornal forçado a interromper a publicação entre 25 de Novembro e 12 de Dezembro de 1975. Na sequência desta crise, o jornal retomou o logótipo anterior (que perduraria até ao fim do século XX) e alterou os dias de saída, de forma a evitar a concorrência directa de *A Bola*, passando a sair às sextas-feiras e domingos (em vez das quintas-feiras e sábados), mantendo a edição de terça-feira.

Às segundas, quartas e sextas-feiras continuava a sair o *Mundo Desportivo*, que em Janeiro de 1975 se viu forçado a aumentar o preço de capa, de três para cinco escudos, para fazer face aos acréscimos dos custos do papel, impressão e do aumento das remunerações dos trabalhadores (jornalistas desportivos incluídos). Em Março e Abril de 1975, o *Mundo*

Desportivo esteve politicamente muito activo, condenando² a tentativa de golpe de Estado do 11 de Março, por parte dos militares afectos ao general Spínola, e acompanhando as primeiras eleições livres para a Assembleia Constituinte, realizadas em 25 de Abril de 1975.

A vida interna do jornal seria igualmente afectada em Março de 1975, após se ter tornado público o facto do director José Moreira Boavida-Portugal ter integrado uma ex-comissão do distrito de Lisboa da Assembleia Nacional. Esse facto levou à marcação, no dia 15, de uma reunião plenária de trabalhadores da Empresa Nacional de Publicidade – que integrava o *Mundo Desportivo* –, da qual saiu a decisão de «sanear de imediato o fascista»³ (Boavida-Portugal), sendo nomeado interinamente para director do *Mundo Desportivo*, o até então chefe de redacção, António Castro (a 18 de Abril, o cargo foi ocupado por Mário Zambujal). E em 26 de Setembro desse ano, na primeira página publicou-se o «Estatuto Editorial» do jornal, imposição directa da nova Lei de Imprensa, publicada em 26 de Fevereiro de 1975 – do estatuto constavam sete pontos, o primeiro deles com o seguinte teor: «Mundo Desportivo é uma publicação de informação especializada, dedicada naturalmente ao desporto, independente de quaisquer forças ou poderes no sector a que se vota ou em outros que lhe sejam alheios.»

O aumento dos custos de produção dos jornais, em todas as suas vertentes (concepção, composição e impressão), derivado do novo contrato de trabalho, aliado à nova tabela dos CTT, com encargos seis vezes superiores no tocante ao despacho dos exemplares (as assinaturas eram ainda um dos métodos de vendas utilizados por alguns periódicos, sobretudo os regionais) foram factores decisivos para o fim do jornal desportivo generalista mais antigo em actividade regular em Portugal: *A Voz Desportiva*, de Coimbra. Desde 13 de Novembro de 1926 que se publicava semanalmente sem qualquer interrupção, concebido por uma Redacção totalmente amadora (não remunerada), sob a direcção e propriedade de Amadeu Rodrigues (ainda no cargo). Apesar de ter sobrevivido a várias crises, não resistiu ao período conturbado de 1975 e o último número seria publicado em 10 de Junho de 1975, com quatro páginas, impressas na Tipografia Lorvanense, em Lorvão,

2 Cf. Nota dos Trabalhadores (1975, 14 de Março). A nossa posição. *Mundo Desportivo*, p. 1.

3 A Redacção (1975, 17 de Março). António Castro, director interino. *Mundo Desportivo*, p. 1.

terminando assim após 2.540 edições – à Redacção restava ainda uma esperança: «Que as coisas se modifiquem de modo a que o nosso jornal possa continuar a sua jornada»⁴. Mas não se modificariam.

2. Guerra Norte-Sul: novos capítulos de uma história antiga

Instáveis, na década de 1970, continuaram também as relações entre a imprensa desportiva lisboeta e a portuense. E na base desta conflitualidade mantinha-se o futebol e as lutas de poder entre os principais clubes de Lisboa (SL Benfica e Sporting CP) e o principal clube portuense (FC Porto). Em Maio de 1976, um jovem director portista, Jorge Nuno Pinto da Costa, assumiu o cargo de director do futebol azul-e-branco, encetando uma remodelação de todo o departamento de futebol, tentando ressuscitar os portistas de um longo jejum de títulos de campeão nacional de futebol (durava desde 1959 e terminaria em 1978). A primeira grande medida consistiu em trazer de volta o treinador José Maria Pedroto, velha glória do clube, que rescindiu contrato com o Boavista FC, num processo pouco harmonioso.

Estas movimentações tiveram um reflexo imediato na imprensa desportiva, centrada no futebol e nas suas constantes polémicas, geradoras de vendas. Em Setembro de 1976, a conflitualidade Norte-Sul ressurgiria, potenciada em parte por *A Bola*. No início desse mês, o Boavista FC deslocou-se à Roménia para disputar uma eliminatória da Taça UEFA e *A Bola* mandou o enviado-especial Jorge Schnitzer⁵, que durante a viagem manteve uma longa conversa com adeptos boavisteiros, publicando o resultado desse diálogo na edição de 18 de Setembro de 1976, sob o título «Das Palmas na derrota ao 'cemitério dos Andrades'». Para muitos, a conversa nem sequer chegou a existir e não terá passado de um desvairo da imaginação de Schnitzer, mas o certo é que o texto publicado gerou uma enorme celeuma nos clubes do Norte, especialmente entre o Boavista FC e FC Porto, os quais mantinham um diferendo desde a saída de Pedroto. No artigo, Jorge Schnitzer começava por explicar que entre os adeptos do Boavista FC não tinha desaparecido a «doentia rivalidade» que os separava dos portistas, estando cada vez mais

4 A Redacção (1975, 10 de Junho). *A Voz Desportiva* suspende temporariamente a publicação. *A Voz Desportiva*, p. 1.

5 Em meados da década de 1990 seria editor de desporto do canal privado de televisão, SIC.

latente. E para que as pessoas se apercebessem dos exageros dos adeptos, o jornalista de *A Bola* publicou vários excertos das conversas, em que o principal visado era o FC Porto. Os adeptos boavisteiros começaram por apelidar os portistas: «'Eles' são os Andrades. A gente chama-lhes assim porque houve uma altura em que havia muitos Andrades na equipa. Nós, boavisteiros, não podemos com eles e claro, eles não podem connosco.» Acusavam, depois, os portistas de irem ao Estádio do Bessa na esperança de verem perder o Boavista: «Há jogos em que, só nós, não chegamos para encher o estádio, mas como os portistas vêm na esperança de nos ver perder, acabamos sempre por ter o estádio cheio. Eles lá estão a torcer pelo nosso adversário e assobiar os nossos jogadores como se tivessem vindo todos da terra da equipa que defrontamos». Contudo, os adeptos boavisteiros respondiam à provocação: «Sabe o que é que eu e outros, como eu, fazemos, nos domingos em que o Boavista não joga no Porto? Pois claro, fazemos como eles, vamos às Antas. Só que não pagamos o bilhete. Entramos, ou pelo "empurra", ou então, sempre há porteiros conhecidos que são boavisteiros e eles deixam-nos entrar. Não, isto não é só para poupar dinheiro, isto é, também, para "fixar" o Porto, porque quando vamos ver o Leixões ou o Varzim pagamos mesmo para ajudar o clube. Agora, ajudar o Porto?» E até as superstições serviam para usar contra os portistas: «Vocês digam o que quiserem mas a verdade é que nós não podemos deixar que "eles" ganhem o campeonato porque, então, nunca mais os aturamos. Para os assustar, nós estamos, sempre, a dizer-lhes que eles não podem ganhar nas Antas, porque, ali, era um antigo cemitério e quando, há jogos à noite, as almas do cemitério vão lá assustar os jogadores do FC Porto.»

A concluir o rol de afirmações nefastas, os adeptos boavisteiros lembravam que o FC Porto não é o clube mais querido e unido da Cidade Invicta: «O Boavista é uma família e o FC Porto não é. O FC Porto tem muitos sócios por causa daqueles todos que não moram no Porto-cidade mas que são sócios do clube. Os dois clubes mais queridos na cidade são o Boavista e o Sagueiros, o FC Porto é maior, porque conta com os que vêm de fora.» Mesmo a terminar o texto, Schnitzer referia-se assim às declarações: «É a estes extremos que conduz a paixão doentia do futebol», extremos esses que ele não se coibiu de publicar num jornal desportivo de expansão nacional.

A resposta não se fez esperar, pelas vozes portuenses mais variadas. A voz mais influente, porém, foi a de *O Norte Desportivo*, que na edição de 23 de Setembro de 1976 dedicou várias páginas a atacar o artigo de Jorge Schnitzer e *A Bola*. O jornalista Marques Pinto assinava, em páginas interiores, o texto de opinião «Furiosamente “Quinta Coluna” ataca o F.C. do Porto», em que acusava um grupo de estar a levar a cabo uma cabala interna contra o FC Porto: «De há anos que se fala, no seio portista, de uma Quinta Coluna, implacável e assanhada, cuja acção visa fins inconfessáveis, seja, a destruição, ou, no mínimo, o desprestígio do clube das Antas.» E lançava um alerta: «Como diriam os políticos, as acções terroristas, verdadeiros atentados, que visam o F.C. do Porto não acontecem isoladamente nem por acaso: fazem parte de uma organização orquestrada que é preciso identificar, denunciar e desmantelar.» De seguida, virou os seus ataques contra o jornalista lisboeta: «Prestando um mau serviço ao seu jornal, *A Bola*, órgão de grande implantação no meio desportivo, verdadeiramente representativo e prestigioso, fez o Sr. Jorge Schnitzer publicar no mesmo jornal um escrito contendo afirmações gratuitas (que atribui a outrem), de origem mais do que duvidosa, visando directa e descaradamente, sem qualquer tipo de decoro, dois prestigiosos clubes portuenses, Boavista e F.C. do Porto, sobretudo o segundo, objecto de graves ofensas que se atribuem a “alguém” do primeiro.»

Abertas as hostilidades, Marques Pinto partiu para o ataque: «O autor deve ser informado imediatamente de que o seu mau serviço causou na cidade do Porto uma onda de indignação e mal-estar. Dando a entender que andou pelas tabernas a recolher, dos queixos de gente ébria, a baba peçonhenta que, misturada num fio de vinho, lhe escorria dos cantos da boca, não teve o Sr. Schnitzer relutância de estender essa baba peçonhenta, verdadeiro ranho de víboras, pelas colunas do jornal.» Depois, o ataque tornou-se pessoal, referindo-se ao jornalista da seguinte forma: «Schnitzer, mulher do soalheiro (estamos a vê-lo, lenço amarelo, às franjas, cobrindo a cabeça, atado ao pescoço), puxa pela língua à comadre». As declarações publicadas, na opinião de Marques Pinto, vieram incendiar os ânimos na Cidade Invicta: «F.C. do Porto e Boavista vêm as declarações publicadas acicatar ânimos, cavar a dissidência, semear o ódio e pôr grupos distintos em confrontação directa. Criase, assim, uma situação tensa, explosiva, que favorece o estabelecimento de

cenas de violência entre adeptos». E a finalizar as reflexões sobre o texto de Schnitzer, Marques Pinto lançou várias perguntas: «Que se pretende? Lançar as gentes das Antas e do Bessa umas contra as outras, para se digladiarem e destruírem mutuamente? Quem ganha, enfim, com esta sementeira de ódio e de violência no futebol?».

Na mesma edição de *O Norte Desportivo* foi publicada uma entrevista a Pinto da Costa, realizada pelo jornalista José Alcino, com o então director do departamento de futebol dos portistas a denunciar ataques de todos os lados, até da imprensa portuense: «O que nos espanta é que até na Imprensa da cidade surjam ataques mal-intencionados, subscritos por autênticos “submarinos” usados contra o F.C. Porto.»⁶ Um dos visados foi o jornalista de *A Bola*: «Aquela história, assinada pelo Sr. Jorge Schnitzer no jornal *A Bola*, que ele põe na boca de um adepto do Boavista, não é mais do que uma descarada tentativa de perturbar um clube que comete a ousadia de tentar organizar-se e que, por isso, pode pôr em perigo a hegemonia do futebol nacional que desde há anos vem pertencendo aos clubes de Lisboa.»⁷ E depois de falar do jornalista, Pinto da Costa atacou o próprio jornal lisboeta, utilizando o mesmo argumento usado desde a década de 1930: «Achamos naturalíssimo que *A Bola*, jornal de Lisboa, que tem a sua grande força de venda no público da capital, “puxe” pelos clubes de lá. O que não podemos permitir é que se ignore deliberadamente que o F.C. do Porto é o representante, não já da cidade mas de todo o Norte. E aí sim, ao procurar diminuir-nos, acabou por dar a imagem de que é, de facto, o F.C. do Porto: o representante de toda a região nortenha, que procura estreitar cada vez mais os laços de amizade com todos os clubes, dos maiores aos mais pequenos.»⁸

A partir de 1976, o futebol e a imprensa desportiva generalista de referência nunca mais voltariam a ser iguais. A ascensão vitoriosa da equipa de futebol do FC Porto e a personalidade frontal de Jorge Nuno Pinto da Costa contribuiriam e alimentariam um ambiente de conflitualidade permanente no mundo da bola e do jornalismo desportivo. Em 1980, o falhanço na conquista do tricampeonato pelo FC Porto levou Pinto da Costa a acusar a imprensa de

6 Excerto da entrevista a Pinto da Costa (1976, 23 de Setembro). *O Norte Desportivo*, p.3.

7 Idem, *ibidem*.

8 Idem, *ibidem*.

todos os males: «Houve, por exemplo, uma campanha de certos jornalistas de A Bola que, a partir do momento em que o Benfica ficou arredado do título e liderados pelo senhor Alfredo Farinha, passaram a descobrir que o F.C. do Porto tinha falhas tremendas na sua defesa – o “calcanhar de Aquiles”»⁹. Desta vez, a teoria da conspiração tinha nome e o inimigo apelido. Identificado o adversário, define-se a estratégia de combate: «O F.C. do Porto tem de ser mais duro para com os seus inimigos. E quando lembro que houve uma Assembleia-geral que determinou que devia haver um certo tipo de reacção para com alguns jornais, nomeadamente com A Bola, nosso eterno desestabilizador, reconheço que houve uma certa contemplação.»¹⁰ Contudo, a parcimónia portista tinha terminado: «E se não se pode negar a entrada de jornalistas nos espectáculos em si, penso que o F.C. do Porto não pode deixar de fazer uma distinção entre aqueles que o criticam, sem ser seus adversários, e aqueles que estão sempre à espera de descobrir um “calcanhar de Aquiles” e a escancarar as suas páginas para permitir insultos e insinuações que possam de qualquer forma perturbar o clube»¹¹. Nessa mesma entrevista, Pinto da Costa desvendou a condição mágica que terminaria com o conflito: «A condição para que não houvesse guerra Norte-Sul, era o Norte abdicar, entregar os trunfos ao Sul. Era uma espécie de paz podre, em que o Sul mandava e o Norte assistia.»¹²

3. Efemeridade marca os novos títulos generalistas

O panorama de conflitualidade jornalística, agravado pelas dificuldades económicas, aliado ao momentâneo desinteresse pelo desporto (em especial o futebol, olhado negativamente) a favor da política, obrigaram a um reajustamento das publicações desportivas generalistas de referência. No entanto, apesar do cenário negativo, entre 1975 e 1978 continuaram a surgir novos títulos desportivos generalistas, num total de 14 publicações, distribuídas por Lisboa (7), Porto, Coimbra, Vila Nova de Famalicão, Funchal (Madeira), Costa da Caparica, Vila Nova de Gaia e Angra do Heroísmo (Açores).

⁹ A Redacção (1980, 5 de Junho). Entrevista a Pinto da Costa. *O Norte Desportivo*, p. 10-11.

¹⁰ Idem, *ibidem*.

¹¹ Idem, *ibidem*.

¹² Idem, *ibidem*.

Durante o ano de 1975 apareceram três novos jornais desportivos generalistas de qualidade, embora dois deles, semanários, com um percurso editorial reduzido: *JD – Jornal do Desporto*¹³ (Porto) e *Desporto*¹⁴ (Lisboa). A publicação que mais tempo estaria em actividade seria a revista mensal *Equipa*, lançada em Janeiro de 1975 pela Sociedade Editora Equipa, Lda. (uma cooperativa de jornalistas), sediada em Lisboa. A direcção estava entregue a Monteiro Poças e a chefia de Redacção a Amadeu José de Freitas, aparecendo o primeiro número com 148 páginas (formato 19x13), recheadas de secções interessantes e uma cobertura noticiosa a um vasto conjunto de modalidades desportivas. A linha editorial ficaria marcada pela conturbação política que se vivia em Portugal, realçando-se o número 7, de Setembro de 1975, em que além da mudança de formato (para 28x20) e de preço (baixou de 20\$00 para 15\$00), publicava dois artigos de reflexão sobre a política e o desporto: na coluna de opinião «Pausa», assinada por Amadeu José de Freitas, surgia o título «O povo é quem mais ordena?» (análise muito negativa ao que estava a ser feito ao nível do desporto infantil) e a secção «Peço a palavra», de Alves Henriques, intitulada «A “politização” dos críticos desportivos» (reflexão crítica sobre a forma como os jornalistas desportivos estavam a transformar os jornais «em órgãos de formação política», o que desagradava aos leitores, diminuindo as tiragens e as receitas).

De forma a cativar mais leitores, a *Equipa* apostou, entre finais de 1975 e a primeira metade de 1976, no lançamento de suplementos especiais, com o título *Equipa – Especial*, dedicados a fazer a biografia dos principais ídolos desportivos portugueses, sendo o primeiro número dedicado ao jogador de futebol Humberto Coelho e o último, de Março de 1976, ao atleta Carlos Lopes. Estes números especiais foram acolhidos com «simpatia e carinho»¹⁵ pelos

13 Lançado em 2 de Março de 1975, com 16 páginas (formato 41x26), este semanário dominical tinha um corpo redactorial de qualidade: Marques Pinto (director), Alfredo Barbosa (director-adjunto), Joaquim Queirós (chefe de Redacção), Dias Costa (subchefe de Redacção) e uma Redacção de cinco jornalistas (realce para Álvaro Braga Júnior e Luís César). Apesar do cariz inovador (destacaram-se, por exemplo, uma série de artigos de Jorge Bento, sob o título «Desporto e Política») e eclético, extinguiu-se ao fim de 16 números, em 15 de Junho de 1975.

14 Era a continuação da revista *Desporto*, publicada entre 3 e 24 de Abril de 1974, aparecendo agora no formato jornal, com a mesma redacção e linha editorial. A direcção era ocupada por Manuel Sérgio, que no número inaugural de 23 de Abril de 1975 afirmava a necessidade de «fazer do desporto um factor de democratização» (cf. «Editorial», p. 2). Saiu mais sete vezes, até 13 de Junho de 1975, mostrando sempre um pendor doutrinal e eclético.

15 A Redacção (1976, Maio). *Equipa* opinião – Um passo em frente! *Equipa*, p. 3.

leitores de *Equipa*, dando confiança à revista, que em Maio de 1976 decidiu passar de mensal a semanal, apostando numa edição «atractiva, agradável, com interesse, com força de impacto»¹⁶, de forma a não ser «somente mais uma publicação»¹⁷. Em 19 de Maio saía o primeiro número semanal de *Equipa* (formato 40x31), apostando num fotojornalismo de qualidade (contava com sete fotógrafos: Florindo Alegria, Fernando Mateus, José Manuel Lima, Malacó, Roland Oliveira, Simão e Timóteo) – em finais de 1976 tinha uma tiragem média semanal de 17 mil exemplares.

Durante os anos seguintes, *Equipa* publicou-se regularmente às quartas-feiras, ganhando o seu próprio espaço entre os leitores desportivos portugueses. Em 11 de Outubro de 1978, na edição 141, a direcção do periódico, agora liderada por Alves Henriques, decidiu fazer uma nova mudança editorial: passar a jornal (formato 44x33), de cariz bissemanal (quartas-feiras e domingos), com o título *Equipa-Jornal* (e uma vez por mês lançaria o *Equipa – Magazine*, revista mensal ilustrada). O primeiro número do *Equipa-Jornal* publicou-se no domingo, 15 de Outubro de 1978, dando grande destaque, na primeira página, ao futebol português, modalidade que esteve em evidência nas 43 edições seguintes, terminando o periódico em 28 de Março de 1979, altura em que anunciava a passagem novamente a semanário, o que não chegou a concretizar-se.

Entre 1976 e 1978, além do *Equipa-Jornal*, surgiram em Lisboa mais quatro publicações desportivas generalistas, três das quais com uma vida editorial reduzida: a revista mensal *Panorama Desportivo*¹⁸ (1976), a revista semanal *Teledesporto*¹⁹ (1978) e o quinzenário *Tribuna do Desporto*²⁰ (1978). A revista semanal *Golo*²¹ seria a única a conseguir sobreviver à forte concorrência do jornalismo desportivo português, iniciando a publicação em 9 de Setembro de 1976, numa edição de 40 páginas (formato 27x20) que

16 Idem, ibidem.

17 Idem, ibidem.

18 Publicou oito números, entre Setembro de 1976 e Novembro de 1977, sob a direcção de Neves Ramos.

19 A.J.E. Ferreira era o director e proprietário desta revista das quartas-feiras, publicada entre 7 de Junho e 5 de Julho de 1978, sendo uma espécie de guia televisivo dos temas desportivos.

20 Sob a direcção de Orlando Dias Agudo, teve somente duas edições, entre Novembro e Dezembro de 1978.

21 Era a continuação da revista *Noite e Dia*, que transitou de revista de espectáculos generalista para uma publicação quase dedicada ao desporto (o primeiro número, de 20 de Novembro de 1975, tinha só duas páginas de desporto, contra as 23 que apresentava o último número (25), em 4 de Junho de 1976).

apresentava na capa o futebolista Manuel Fernandes, lançando também uma colecção de cromos de futebol e uma publicação especial dedicada a fazer a biografia de um desportista, com o título *Extragolo*²². Sob a direcção e propriedade de Jacques C. Rodrigues, e contando com as análises do jornalista João Querido Manha e as fotografias de A. Capela, a revista publicou-se regularmente, às terças-feiras, até à edição 144, de 9 de Outubro de 1979, assumindo depois, em 20 de Agosto de 1980, o formato jornal (41x33) e a periodicidade bissemanal (terças-feiras e sábados), que manteria até ao número 110, de 18 de Maio de 1982, altura em que cessou actividade.

Fora dos círculos lisboeta e portuense, surgiram entre 1975 e 1978 seis novos jornais desportivos generalistas, em seis cidades diferentes do País. Mas teriam trajectórias editoriais relativamente curtas, em grande parte devido às dificuldades económicas com que se debatiam todos os sectores da vida portuguesa e à concorrência dos periódicos desportivos de referência, cada vez mais consolidados a nível regional. Em 1976, os jornais *Direito ao Desporto*²³ (Coimbra) e *Minho Desportivo*²⁴ (Vila Nova de Famalicão) não passaram do número inaugural, enquanto que o *Pérola do Atlântico – Semanário Desportivo*, do Funchal (Madeira), estaria em publicação entre 6 de Dezembro de 1976²⁵ e 24 de Setembro de 1979, editando 104 números, dirigidos por João M. Gouveia, centrando o noticiário desportivo na Madeira.

Em 1977 apareceram mais dois títulos desportivos generalistas, também de efémera existência: a revista desportiva *O Chuto*²⁶, de Vila Nova de Gaia, com somente 11 números, entre Fevereiro de 1977 e Abril de 1979, e a pequena revista mensal *Seleccções Desportivas*, dirigida por Henrique Parreirão, entre Outubro de 1977 e Agosto de 1982 (número 27) – lançaria também uma revista suplementar, *Seleccções Desportivas Extra*, em Maio de 1978, dedicada a fazer a história dos clubes portugueses mais populares. E em

22 Saíram 14 números, entre 1976 e 1977, dedicados sobretudo a futebolistas, habitualmente com 68 páginas.

23 Publicado em Fevereiro de 1976, era uma espécie de manifesto regionalista a favor do desporto.

24 Dirigido por Telmo Esteves, saiu em 15 de Julho de 1976 e pretendia dedicar-se ao desporto minhoto.

25 Nesse número fazia menção (p. 4) à paragem do semanário *Voz da Madeira*, com forte pendor desportivo e que estava a levar a cabo um concurso para eleger os melhores futebolistas e árbitros regionais.

26 Dirigida por Adelino Ferreira, teve uma longa interrupção entre 1977 e 1979 (altura em que mudara a sede para o Porto), apresentando um noticiário desportivo centrado no futebol nacional e regional.

20 de Julho de 1978 foi a vez de sair, pela primeira vez²⁷, a revista quinzenal *Açoriano Desportivo*, dirigida por Palmira Bicho, com sede em Angra do Heroísmo, nos Açores. Com o objectivo de fazer «uma forte defesa do desporto açoriano»²⁸, a revista lutaria com diversas dificuldades, principalmente económicas (a Redacção era totalmente amadora e contribuía financeiramente para a impressão), acusando o Governo Regional de falta de apoios ao desporto, cessando actividade ao fim de 13 números, em 27 de Junho de 1979 – sofrera mudanças gráficas a partir de Março, altura em que passou a contar com a colaboração das agências de notícias NOVOSTI (agência russa), Inter-Nationes (Alemanha Federal) e Agência Dias da Silva (empresa lisboeta especializada em caricaturas desportivas).

4. Lisboa dominadora na imprensa especializada

Entre 1975 e 1978, o jornalismo desportivo especializado continuou a criar novas publicações de qualidade, inclusivamente em áreas ocupadas e dominadas por periódicos de referência, como sucedia nos casos dos desportos com motor e da caça. Na origem da grande maioria das novas publicações desportivas especializadas esteve o núcleo desportivo e jornalístico lisboeta, o qual gerou 11 dos 14 novos periódicos desportivos especializados criados nesses quatro anos (ver Tabela 10), tendo os restantes três aparecido na Costa da Caparica (Almada), Aldeia das Pias (Alentejo) e Ermesinde (área metropolitana do Porto).

Quanto ao seu teor temático, o campo dos desportos com motor (sobretudo o automobilismo) continuou a dominar, com seis periódicos (cinco sediados em Lisboa), seguindo-se a linha das biografias desportivas (duas publicações), caça e pesca (duas), futebol, ténis, atletismo e judo-karaté. Apenas esta última dupla temática, ligada às artes marciais, era novidade no tradicional espectro do jornalismo especializado português, caracterizado pelo conservadorismo das suas linhas programáticas, reflexo do próprio meio desportivo português, ainda pouco receptivo à novidade.

27 Tinha saído um número experimental em Novembro de 1976, com 16 páginas, sob a mesma direcção.

28 A Redacção (1978, 20 de Julho). Pontapé de canto. *Açoriano Desportivo*, p. 2.

Tabela 10

Periódicos Desportivos Especializados Criados entre 1975 e 1978

Área de Especialização	Títulos	Edições	Sede	Periodicidade	Director	Propriedade
Desportos com motor Automobilismo	<i>Corridas de Automóveis</i>	Maio 1977 (único)	Lisboa	Mensal	Trindade Álvaro	Clube do Cromo – Editora Ibérica
	<i>Corridas de Motos</i>	Maio 1977 (único)	Lisboa	Mensal	Trindade Álvaro	Clube do Cromo – Editora Ibérica
	<i>Automundo</i>	6 Mar. 1975 ao n.º 306, Nov. 1987	Lisboa	Semanal	José Vieira	EDIAUTO
	<i>A Moto</i>	Jul. 1977 ao n.º 9, Jul. 1978	Ermesinde	Mensal	Silva Pinto	J.F.S.P. Publicor
	<i>AutoSport</i>	1 Set. 1977 ao século XXI ²⁹	Lisboa	Semanal	José Vieira	Soc. Cooperativa Editorial A Luta
	<i>Ralli</i>	Abr. 1978 ao n.º 2, Jun. 1978	Lisboa	Mensal	Rui Beviláçqua	Ultrapresse
Biografias desportivas	<i>Extragolo</i>	1976 ao n.º 14, 1977	Lisboa	Mensal	Jacques C. Rodrigues	J.C.R. – Editorial Globo
	<i>Ídolos do Desporto</i> ³⁰	15 Nov. 1976 ao n.º 17, Jun. 1986	Costa da Caparica	Quinzenal	Henrique Parreirão	Produções Literárias Apolo
Judo e Karaté	<i>Tele Judo e Karaté-Do</i>	Jun. 1977 ao n.º 26, 21 Jun. 1978	Lisboa	Quinzenal	Kiyoshi Kobayashi	LIBER – Editorial e Publicidade
Caça	<i>Tele Caça</i>	Ago. 1977 ao n.º 20, 11 Set. 1978	Lisboa	Quinzenal	Manuel do Amaral	LIBER – Editorial e Publicidade
Caça e Pesca	<i>O Jornal do Caçador</i>	15 Fev. 1976 ao n.º 397, 1 Fev. 1997	Aldeia das Pias	Quinzenal	Francisco Marat Moreira	Francisco Marat Moreira
Ténis	<i>Jornal do Ténis</i> ³¹	1 Abr. 1978 ao n.º 22, Nov. 1992 (2.ª série)	Lisboa	Mensal	João Roquette	SOTÉNIS
Futebol	<i>Futebol 78-79</i>	1978-1979	Lisboa	Anual	T. Martins Reimão	JOVITUR
Atletismo	<i>Spiridon</i> ³²	Set.-Out. 1978 ao século XXI	Lisboa	Bimestral	Mário Machado	Mário Machado

A área informativa mais activa, como se observa na Tabela 10, foi a dos desportos com motor/automobilismo, destacando-se os semanários *Automundo* (Lisboa, 1975) e *AutoSport* (Lisboa, 1977), os quais se tornariam numa referência neste campo informativo. O facto de *O Volante* (numa nova etapa desde 1971) estar a atravessar uma fase editorial instável (com sucessivas séries) e a revista semanal *Motor* (1963) ter entrado também num período negativo, vendo-se forçada a interromper a publicação entre 26 de Novembro

29 Último número consultado para esta pesquisa: n.º 1.516, de 15 de Maio de 2006, dirigido por Rui Freire.

30 Teve três séries: 1.ª série, entre 15 de Novembro de 1976 e o n.º 38, de Novembro de 1978; 2.ª série: entre o n.º 39, de Dezembro de 1978 e o n.º 81, de Abril de 1982; 3.ª série: entre Junho de 1983 e o n.º 17, de Junho de 1986.

31 Publicou duas séries: a 1.ª série entre 1 de Abril de 1978 e o n.º 116, de Dezembro de 1990; e a 2.ª série entre Fevereiro de 1991 e o n.º 22, de Novembro de 1992.

32 Tratava-se da versão portuguesa da *Spiridon, Revue Internationale de Course à Pied*, da Suíça, e da *Spiridon, Laufmagazin*, da RFA. O último número consultado foi o 177, de 2006, ano 26.º.

de 1975 e 2 de Agosto de 1978, abriu espaço a novas investidas jornalísticas neste campo informativo.

O fim de uma das séries de *O Volante* estaria precisamente na origem da revista *Automundo*. Perante uma situação de desemprego, mais de uma dezena de trabalhadores de *O Volante*, entre os quais parte do corpo redactorial, uniu-se e formou a empresa EDIAUTO – Publicações, que contava mais de 30 accionistas. A direcção seria entregue a José Vieira e a chefia de Redacção a Adriano Cerqueira, aparecendo a nova revista semanal em 6 de Março de 1975, com 68 páginas (formato 30x21), ao preço de 12\$50, e com um noticiário desportivo automobilístico e motorizado alargado. Publicada às quintas-feiras, a revista *Automundo* encetaria diversas campanhas desportivas e sociais, sobretudo através da coluna de opinião «Ponto Morto», assinada semanalmente por Avelãs Coelho. Embora inicialmente bem acolhida, a publicação seria forçada, em Junho de 1975, a passar a quinzenal, com os próprios trabalhadores a reduzirem voluntariamente os vencimentos em 25 a 30 por cento, em relação aos mínimos que os Sindicatos estipulavam para as respectivas categorias profissionais – no «Editorial» de 26 de Junho de 1975 lamentava-se o facto da publicação apenas receber cerca de metade dos 12\$50 que os leitores pagavam por exemplar, diluindo-se o restante dinheiro pelo circuito comercial de venda. Manteve-se quinzenal durante os anos seguintes, em que ganharia alguma estabilidade, atingindo a edição 200 em 8 de Dezembro de 1982, numa altura em que era dirigida por Adriano Cerqueira (ocupou o cargo até à suspensão da revista, em Novembro de 1987³³, ano em que teve tiragens médias de 20 mil exemplares por edição mensal).

A revista *AutoSport*, criada em 1 de Setembro de 1977, seria uma das fortes concorrentes da *Automundo* no final dos anos 1970 e durante a década de 1980, aparecendo ligeiramente mais barata (10\$00) e num formato maior (42x30). Com uma tiragem média de 24.300 exemplares em meados de 1978, a *AutoSport* apresentava um grafismo apelativo, publicando regularmente fotografias a cores de automobilismo e ralis, o que lhe permitiu consolidar um vasto número de leitores e de anunciantes (ligados ao ramo automóvel). O reaparecimento do semanário *Motor*, em Agosto de 1978, não teve grandes

33 Posteriormente publicou alguns números únicos, para reavivar o título, como em Novembro de 1991.

consequências para o *AutoSport*. O mesmo não sucedeu ao *Motor*, que em finais de 1979 voltou a cessar actividade, ressurgindo em 1980 durante o Rali de Portugal, sob a direcção de Fernando Bello, que conseguiria dar estabilidade à publicação, dirigindo-a até à sua suspensão definitiva³⁴, na edição 1.347, de 2 de Julho de 1992.

Além do mundo automóvel e motorizado, também a caça e pesca viram chegar, em finais dos anos 1970, uma nova publicação de qualidade, assumindo-se como uma referência na sua área durante as décadas seguintes. A revista quinzenal *O Jornal do Caçador* iniciou a publicação em 15 de Fevereiro de 1976, na pequena Aldeia das Pias, no Alentejo, contando com uma delegação em Évora, onde era impressa (na Tipografia Eborauto). Dedicado totalmente à caça e à pesca, sob a direcção de Francisco Jorge Marat Moreira, este quinzenário centraria o noticiário na região alentejana, em especial no distrito de Évora, não sofrendo, por isso, com o reaparecimento, em Setembro de 1976, do quinzenário lisboeta *Jornal de Caça e Pesca*, vocacionado para um público mais vasto. Vivendo exclusivamente dos assinantes e anunciantes, *O Jornal do Caçador* começou a granjear prestígio entre os caçadores portugueses, graças ao noticiário interessante e politicamente isento, embora muito activo na defesa dos interesses da actividade venatória e piscatória. Em 1979 encetou a campanha de angariação de dez mil assinantes, abrindo as suas páginas aos leitores, transferindo-se a direcção e propriedade para Feliz Manuel Grilo, que fixou a nova sede do jornal em Évora, onde se manteria em actividade regular até 1 de Fevereiro de 1997, número em que comemorava o 20.º aniversário (edição 397), suspendendo-se definitivamente nessa altura.

Igualmente inovador na sua área de especialização seria o *Jornal do Ténis*, mensário lançado em 1 de Abril de 1978, ao preço de 12\$00, sob a direcção de João Roquette e a orientação técnica do tenista João Lagos, cabendo a chefia de Redacção a Avelãs Coelho. Conciliando o noticiário nacional e internacional, com uma boa qualidade fotográfica, o *Jornal do Ténis* publicou-se regularmente nos anos seguintes, fazendo diversas campanhas de angariação de assinantes e de promoção do ténis em Portugal (ao Estoril

34 Voltariam a sair números únicos, em 1993 e 1997, para manter o título, sendo reactivado em Novembro de 1997.

Open, por exemplo). Sob a direcção de João Lagos, a primeira série do *Jornal de Ténis* chegaria ao fim em Dezembro de 1990 (edição 116), reaparecendo em Fevereiro de 1991, com uma nova série e uma renovada imagem gráfica, em papel couché de qualidade, mantendo o mesmo director e proprietário (Soténis – Sociedade de Empreendimentos e Organizações Desportivas, Lda.) – esta segunda série terminaria no número 22, de Novembro de 1992, anunciando nessa altura que o *Jornal do Ténis* seria integrado no jornal bimestral *Ténis Europeu* (Lisboa, 1991-1999).

5. Órgãos clubistas e institucionais marcados pela diversidade

Entre 1975 e 1978, a área informativa desportiva mais activa continuou a ser, a exemplo do que sucedia desde a década de 1940, a dos órgãos informativos e números comemorativos ligados aos clubes e instituições desportivas. Neste espaço de quatro anos surgiram 32 novas publicações deste género (7 em 1975, 10 em 1976, 5 em 1977 e 10 em 1978), metade das quais com origem em Lisboa.

Uma das entidades mais dinâmicas, do ponto de vista editorial, foi a Direcção-Geral dos Desportos (DGD), sediada em Lisboa, responsável por oito publicações que visavam a promoção do desporto em Portugal: *Desportos*³⁵ (1975-1983), *Desporto Novo*³⁶ (1975-1976), *Atletismo Infantil*³⁷ (1976), *O Animador*³⁸ (1976), *Atleta*³⁹ (1976), *Boletim Bibliográfico*⁴⁰ (1976-1978), *Treino Desportivo*⁴¹ (1976-2005) e *Antologia Desportiva*⁴² (1977-1978).

Em termos institucionais, apareceu um vasto conjunto de publicações periódicas desportivas, representativas do interesse que assumiam este género

35 Dirigida por Alfredo Melo Carvalho, com Manuel Sérgio como coordenador redactorial, saíram várias séries desta revista mensal, entre Março de 1975 e Setembro-Outubro de 1983 (então dirigida por José Lopes Marques).

36 Jornal quinzenal, dirigido por Alfredo Melo de Carvalho, publicou 22 números, entre 11 de Abril de 1975 e 4 de Junho de 1976, apresentando um noticiário centrado nas políticas educativas, principalmente para os jovens.

37 Revista infantil dedicada a promover o atletismo, saiu em quatro ocasiões, em 1976.

38 Distribuída gratuitamente, destinava-se aos animadores desportivos, saindo em Março e Junho de 1976.

39 Mensário da Delegação da Horta da DGD, saiu duas vezes, em 31 de Julho e 31 de Agosto de 1976.

40 Este boletim mensal publicava toda a bibliografia nacional e internacional relacionada com desporto, saindo entre Março de 1976 e Abril-Maio-Junho de 1978. Sobre os *media* desportivos internacionais, cf. edição de Abril de 1976.

41 Revista dedicada à educação física e a questões técnicas do desporto, iniciou actividade em Janeiro de 1976, publicando três séries até ao século XXI (o último número analisado foi o de Dezembro de 2005).

42 Compilava um vasto conjunto de temáticas desportivas, de cariz intelectual, publicando a primeira série entre Fevereiro de 1977 e Julho de 1978 (n.º 17). Em 1985 iniciou uma segunda série.

de órgãos, nas mais variadas áreas e modalidades. Em 1975, o Instituto Nacional de Educação Física, em Lisboa, lançou o boletim *Informação*⁴³ e a Associação de Futebol de Beja publicou, em Junho, o primeiro número do *Pontapé Livre*⁴⁴. No ano seguinte, seria a vez de sair, em Maio, o *Boletim da Federação Portuguesa de Xadrez*⁴⁵ (Lisboa, 1976-1980) e, em Outubro, a revista *Ludens*⁴⁶, do Instituto Superior de Educação Física de Lisboa (1976-2004). E em 1977, apenas o Comité Regional de Rugby do Centro, com sede em Coimbra, avançaria com um órgão informativo, a revista *Rugby*⁴⁷.

O ano de 1978, por seu turno, viu cinco organismos desportivos criarem os seus próprios boletins informativos, em cinco áreas bem distintas. O primeiro órgão a surgir foram os *Cadernos de Medicina Desportiva*⁴⁸, lançado em Abril, em Lisboa, pela Direcção de Serviços Médico-Desportivos, da Secretaria de Estado da Juventude e Desportos. No mês seguinte, ainda em Lisboa, foi a vez de iniciar actividade o *Boletim da Sociedade Hípica Portuguesa*⁴⁹, seguindo-se em Junho o aparecimento da *ANTB – Basquetebol*⁵⁰, revista da Associação Nacional de Treinadores de Basquetebol. Em Agosto, a Federação Portuguesa de Patinagem, sediada em Lisboa, distribuía gratuitamente o boletim *Patinagem*⁵¹ e, em Dezembro, foi a vez da Associação de Xadrez do Porto lançar os *Cadernos de Xadrez*⁵².

Em termos de órgãos de clubes e números comemorativos publicaram-se, entre 1975 e 1978, uma série de novas publicações com esse perfil, mas com um cariz efémero e editorialmente restrito. Ao nível dos boletins de clubes publicaram-se *O Vilanovense*⁵³ (Vila Nova de Gaia, 1975), *Sport Clube*

43 Era um boletim técnico e bibliográfico, publicado entre Janeiro de 1975 e Junho-Dezembro de 1978.

44 Dedicado ao futebol em Beja, publicou-se entre Junho de 1975 (n.º 0) e Junho de 1976 (n.º 6).

45 Centrado no xadrez nacional, publicou a 1.ª série (dois números) entre 15 de Maio e 15 de Junho de 1976.

Reapareceu em Abril de 1977, como *Revista Portuguesa de Xadrez*, saindo até Janeiro-Fevereiro de 1980 (n.º 30).

46 Revista trimestral de ciências do desporto, publicou-se entre Outubro de 1976 (inicialmente dirigida por Jorge Crespo) e Abril-Junho de 2004 (n.º 4, Vol. 17 – último número analisado para esta pesquisa).

47 Teve uma única edição, em Novembro de 1977.

48 Dedicado à actividade física e à medicina desportiva, publicou-se entre Abril de 1978 e 1982 (n.º 23).

49 Publicação mensal, saiu em quatro ocasiões, entre Maio e Agosto de 1978.

50 Era uma revista técnica e informativa, publicada irregularmente entre Junho de 1978 e Dezembro de 2002 (n.º 46 – último número analisado para esta pesquisa), tendo adoptado o título *O Treinador* a partir de Março de 1983 (n.º 10).

51 Fez quatro edições, entre Agosto de 1978 e Junho de 1979, centradas no hóquei em patins e patinagem artística.

52 O número zero e único saiu em Dezembro de 1978, ao preço de 50\$00, com 44 páginas de boa qualidade.

53 Órgão do Vilanovense Futebol Clube, saiu por três vezes, entre 25 de Abril e 25 de Junho de 1975.

*Senhora da Hora*⁵⁴ (Matosinhos, 1975), *O Grito Samouquense*⁵⁵ (Samouco, 1975), *O G.D.A.P. – Jornal Desportivo*⁵⁶ (Argoncilhe, 1976), *O Frasco*⁵⁷ (Amadora, 1976), *Estrela do Faro*⁵⁸ (Esposende, 1977), *O Sport*⁵⁹ (Bombarral, 1978), *Ginásio*⁶⁰ (Cacilhas, 1978) e *O Anadia*⁶¹ (Anadia, 1978). E no campo dos números comemorativos: *Ano Auto*⁶² (Lisboa, 1976), *O Benfica nas Caldas*⁶³ (Caldas da Rainha, 1977), *Desporto e Turismo*⁶⁴ (Prado, 1977), *Sport Lisboa e Évora*⁶⁵ (Évora, 1978) e *Onze*⁶⁶ (Lisboa, 1978).

54 Boletim mensal do Sport Clube Senhora da Hora, teve sete edições, entre Agosto de 1975 e Fevereiro de 1976.

55 Propriedade da Associação Desportiva Samouquense, saiu em nove ocasiões, entre Fevereiro e Outubro de 1975. Teria uma segunda série, entre Janeiro e Março de 1978.

56 Propriedade do Grupo Desportivo Águias de Pereira, saiu uma única vez, em Outubro de 1976.

57 Boletim do Grupo Desportivo e Social da Sotanco (empresa vidreira), saiu em Março e Abril de 1976.

58 Boletim do Desportivo Estrela do Faro, de Palmeira (Esposende), publicou-se entre Dezembro de 1977 e Dezembro de 1980 (n.º 27), sob a direcção do padre José Pires Afonso.

59 Órgão informativo do Sport Clube Escolar Bombarralense, publicado somente em 15 de Dezembro de 1978.

60 Com o subtítulo de «Jornal de Actividades do Ginásio Clube do Sul», publicou a 3.ª série em 1978.

61 Boletim do Anadia Futebol Clube, saiu irregularmente entre Setembro de 1978 e Março-Abril de 1994 (2.ª série).

62 Anuário do Automóvel Clube de Portugal, com uma forte base desportiva, publicou-se entre 1976 e 1979.

63 Número de aniversário da actividade desportiva da Casa do Benfica das Caldas da Rainha.

64 Número de aniversário do Grupo Desportivo do Prado.

65 Número comemorativo do 50.º aniversário do clube, publicado em Dezembro de 1978.

66 Suplemento especial, em versão portuguesa, da revista francesa *Onze*, dedicado ao Mundial de Futebol de 1978.

CAPÍTULO 15

1979-1984: Início de um novo paradigma

1. Sinais de mudança

Após um período de quatro anos (1975-1978), marcado pelo surgimento de 60 novos periódicos desportivos, seguiu-se uma fase de acalmia entre 1979 e 1984. Nesse espaço de seis anos iniciaram actividade 41 novos títulos desportivos, distribuindo-se por 19 periódicos especializados, 16 órgãos de clubes e instituições, e 6 generalistas. A ligeira preponderância de títulos especializados deixava antever uma mudança de ciclo na evolução da imprensa periódica desportiva portuguesa, dominada (em termos de volume de novos títulos), nas duas décadas anteriores, pelos órgãos clubistas e institucionais. O ano de 1982, em que surgiram onze novos periódicos desportivos, seis dos quais especializados (dois generalistas e três órgãos de clubes e institucionais), seria um prenúncio do que se iria passar no meio jornalístico desportivo português a partir de 1985.

No entanto, antes de centrarmos a nossa análise em 1982 e nos anos seguintes, convém dissecar os três anos anteriores. Entre 1979 e 1981, o volume de novos periódicos desportivos baixou, publicando-se um total de 15 publicações: seis em 1979, quatro em 1980 e cinco em 1981. E, em termos das áreas jornalísticas em que se centraram, oito foram periódicos especializados, seis órgãos de clubes e instituições, e unicamente um de cariz generalista.

Esta última área, a do jornalismo desportivo generalista, sofreria algumas mudanças neste breve período de tempo. Desde o início da década de 1950 que *A Bola* (Lisboa, 1945), *Mundo Desportivo* (Lisboa, 1945), *Record* (Lisboa, 1949) e *O Norte Desportivo* (Porto, 1934) dominavam claramente, quer em termos de vendas, quer no campo discursivo, o meio jornalístico desportivo português. Durante o final dos anos 1970 e o início da década de 1980, dois destes periódicos conseguiram reforçar as suas vendas e notoriedade editorial, enquanto os outros dois entrariam numa fase de declínio, que levaria ao seu encerramento.

Em trajectória ascendente esteve *A Bola*, que em 15 de Fevereiro de 1979, sob a direcção de Carlos Miranda, conseguiu o feito de publicar o

número 5.000, no qual incluiu um suplemento dedicado a várias modalidades desportivas e à sua própria história. Nessa edição, que podia ser comprada por 7\$50, a Redacção reforçou a ideia de independência e isenção, pedras basilares da sua acção jornalística: «“A Bola” foi um jornal que teve a felicidade, mesmo em tempos difíceis e perturbados, de nascer independente: independente do poder político, independente do poder económico, independente do poder clubista. Tem sido essa independência o que mais temos prezado, no decorrer dos anos»¹.

O êxito crescente de *A Bola* não seria ofuscado pela ascensão do *Record* durante os anos 1980. Tradicionalmente o terceiro jornal desportivo generalista de referência, atrás dos trissemanários *A Bola* e *Mundo Desportivo*, o *Record* ganharia estabilidade neste período, quer em termos redactoriais, quer mesmo a nível infraestrutural, fixando a sede na Travessa dos Inglesinhos, n.º 3, em Lisboa, onde se manteria até ao século XXI. Ao preço de 10\$00, as suas vendas começaram gradualmente a crescer a partir de 1980, ultrapassando, em Agosto desse ano, pela primeira vez, a barreira dos 50 mil exemplares de tiragem. No ano seguinte, na edição de 7 de Junho de 1981, seriam publicados os resultados do primeiro estudo de audiência do jornal, verificando-se que o *Record* tinha então dois milhões de leitores por mês, sendo o segundo periódico desportivo do País (atrás de *A Bola*) e o sexto em tiragem entre toda a imprensa portuguesa. O estudo indicava ainda que, nos dias de publicação, cerca de 50 mil pessoas liam o jornal, tendo nos primeiros quatro meses de 1981 aumentado a tiragem em 304.577 exemplares em relação ao mesmo período de 1980. O crescimento do *Record* obrigou à abertura de delegações no Porto e em Coimbra, em 1984, ano em que o jornal chegou aos 70 mil exemplares por tiragem, passando a empresa Publicitas a ter o exclusivo da publicidade.

Um dos factores externos que contribuiu para a ascensão do *Record* foi a instabilidade directiva, editorial e económica do rival *Mundo Desportivo*. A saída de Mário Zambujal² da direcção, substituído por Carlos Carvalho, e as diversas mudanças de cabeçalho e gráficas (em Agosto de 1979 passou a ser impresso no sistema offset, no formato 50x40) criaram focos de instabilidade, num

1 *A Bola* (1979, 15 de Fevereiro). Saudação ao desporto português. *A Bola*, p. 1.

2 Assumiu o cargo de chefe de Redacção do *Diário de Notícias*, em Fevereiro de 1976.

periódico que pertencia a uma empresa estatal (EPJNC – Empresa Pública dos Jornais “Notícias” e “Capital”), isto numa altura em que o Governo procedia à análise da viabilidade financeira dos jornais que estavam sob a sua alçada. Face à instabilidade laboral vivida no periódico e na própria EPJNC, o *Mundo Desportivo* anunciou na sexta-feira, 30 de Maio de 1980, no número 5.411, a possibilidade de vir a ser suspenso, para frustração do director Carlos Carvalho, que no editorial «Só tem serenidade quem tem razão», lamentava o facto do jornal estar a ser vítima de lutas políticas entre «forças contrárias e que se julgam antagónicas», estando a sociedade portuguesa a atingir o seu «ponto de ruptura». E afirmou ainda que os jornalistas e a imprensa estavam a ser «utilizados» e «massacrados impiedosamente». A suspensão seria mesmo incontornável e definitiva³ a partir desse dia, chegando ao fim um dos periódicos desportivos mais importantes em Portugal desde 1945. O ocaso do *Mundo Desportivo*, na altura trissemanário das segundas, quartas e sextas-feiras, levou a que os seus tradicionais leitores passassem a ler *A Bola* ou o *Record*, aumentando naturalmente as suas vendas.

No Norte, o mercado de vendas de jornais desportivos tinha como principal referência o bissemanário portuense *O Norte Desportivo*, publicado às quintas-feiras e domingos. Este cenário alterou-se a partir de 12 de Fevereiro de 1981, com a chegada do trissemanário *Gazeta dos Desportos*, publicado às segundas, quintas-feiras e sábados, com sedes no número 107 da Avenida dos Aliados, no Porto, e no número 153 da Rua do Poço dos Negros, em Lisboa.

O Norte Desportivo ressentiu-se da chegada do rival e, para agravar a situação, em Dezembro de 1981 morreu, aos 72 anos, a sua grande referência, o director Joaquim Alves Teixeira. A direcção seria ocupada interinamente por Fernando Passos, mas durante 1982 os problemas financeiros agravaram-se, obrigando à sua suspensão na edição 4.788, na quinta-feira, 30 de Junho de 1983 – nos anos seguintes foram lançados alguns números⁴ que anunciavam a sua reactivação, mas esta só se consumou em 31 de Janeiro de 1994⁵, sob a direcção de Fernando Santos e propriedade da Folio – Edições e Publicidade,

3 Saiu mais um número único, em 13 de Julho de 1996, com a numeração 5.414, mas sem continuidade.

4 Por exemplo: em 29 de Junho de 1984 e 4 de Novembro de 1987.

5 Esta 2.ª série apareceu bissemanal, ao preço de 90 escudos (em Maio de 2006 estava em publicação).

mas o novo *O Norte Desportivo* apareceu sem qualquer traço identitário do antecessor, a não ser o título, mantendo-se em publicação até ao século XXI.

Com a saída de cena de *O Norte Desportivo*, em Junho de 1983, a *Gazeta dos Desportos* conseguia um dos seus grandes objectivos: dominar o mercado dos jornais desportivos no Norte, o que facilitava a expansão ao resto do País, em especial a Lisboa. Propriedade da Sociedade Editora Gazeta dos Desportos e dirigida por Joaquim Queirós, a *Gazeta dos Desportos* apareceu, em Fevereiro de 1981, com uma tiragem de 100 mil exemplares, num formato grande (60x40, alterando-o para tablóide em Agosto) e com uma vasta rede de correspondentes em todo o País e no estrangeiro, apostando claramente no futebol (cerca de 80 por cento, das habituais 12 páginas, era dedicado ao «desporto-rei»). E o jornal pretendia «não viver da intriga e para a intriga»⁶, primando «pela objectividade, pela clareza de princípios, pela verticalidade, dominados por um espírito construtivo»⁷. Na sua origem tinham estado dois jornalistas desportivos de renome, o director Joaquim Queirós e Neves de Sousa⁸, cabendo a administração a Nuno Rocha, reunindo também uma Redacção de qualidade, em que se destacavam António Castro, Viriato Mourão, Serafim Ferreira, Eugénio Queirós e Augusto Martins, e os fotógrafos Óscar Saraiva e Fernando Amorim (Malacó), entre outros.

Em 1981 viviam-se momentos de mudança na própria identidade dos jornalistas desportivos. A *Gazeta dos Desportos* publicaria em 16 de Maio de 1981 uma entrevista a um dos decanos do jornalismo desportivo português, com uma vasta experiência na imprensa, rádio e televisão, como era Alves dos Santos, então com 67 anos. Nessa entrevista, feita por Daniel Reis, o veterano jornalista afirmaria que cada vez mais os diários davam guarida ao desporto, mas isso «nem sempre corresponde a um jornalismo de qualidade porque muitos jornalistas refugiam-se na metáfora e no título de grande impacto»⁹, dissecando muito pouco o desporto em geral e o futebol em particular. E cada

6 A Administração (1981, 12 de Fevereiro). O que queremos. *Gazeta dos Desportos*, p. 1.

7 Idem, *ibidem*.

8 Nascido em Lisboa, em 4 de Outubro de 1930, trabalhou na imprensa periódica (destacou-se na secção desportiva da revista *Flama*) e em várias rádios nacionais e internacionais (comentou futebol na Emissora de Goa), tendo acompanhado por 36 vezes a Volta a Portugal em bicicleta. Morreu em 7 de Julho de 1995 – a Câmara Municipal de Oeiras fez-lhe uma homenagem em Fevereiro de 2005, publicando a biografia *Neves de Sousa – O franco-atirador do jornalismo desportivo português*, na colecção Conhecer Oeiras.

9 Reis, D. (1981, 16 de Maio). Televisão deixou de ter opinião no futebol. *Gazeta dos Desportos*, p. 16.

vez mais aparecia «gente autoconvencida que julga logo que sabe tudo»¹⁰, mal começa a fazer jornalismo desportivo, ao contrário do que sucedia nos anos 1940 e 1950, em que os jovens jornalistas respeitavam «a opinião dos mestres»¹¹ (referindo-se a Cândido de Oliveira, Ricardo Ornellas, Tavares da Silva e Ribeiro dos Reis), aprendendo com eles, o que em 1981 parecia não acontecer nas redacções, rejeitando-se essa tradicional transmissão de valores, de geração em geração, entre os jornalistas desportivos.

2. Domínio da imprensa desportiva especializada

A *Gazeta dos Desportos* foi o único periódico desportivo generalista que surgiu entre 1979 e 1981. Contudo, ao invés do que sucedeu no jornalismo generalista, esses três anos seriam de intensa actividade no âmbito da imprensa desportiva especializada, aparecendo oito novas publicações (seis em Lisboa, uma no Porto e outra em Rio Tinto), algumas das quais assumidamente de qualidade, marcando editorialmente as suas respectivas áreas até ao final do século XX. Menos activos estariam os clubes e instituições desportivas, responsáveis pelo aparecimento de seis novos órgãos informativos.

Em termos de imprensa especializada, surgiram em 1979 dois mensários que vinham ocupar um espaço jornalístico pouco cultivado, em dois campos desportivos distintos. O primeiro foi a revista *Grande Prémio*, lançada em Julho, e que pretendia eliminar a «lacuna» de não existir em Portugal «nenhuma revista mensal e a cores sobre automobilismo», como explicou o chefe de Redacção, João Querido Manha, no «Editorial» do número inaugural. Dirigida e editada por Jacques C. Rodrigues, com sede no Porto, faria somente três edições, até Outubro de 1979. No mês seguinte, foi a vez de aparecer o mensário *Ciclismo*, ao preço de 10\$00, alicerçado nas figuras de José Santos (director) e Alves Barbosa (subdirector), com sede em Rio Tinto. Vinha também «preencher uma lacuna há muito verificada no nosso País»¹², desprovido de

10 Idem, *ibidem*.

11 Idem, *ibidem*.

12 Santos, J. (1979, Novembro). Ponto de partida. *Ciclismo*, p. 1.

um jornal sobre ciclismo¹³, publicando-se de forma irregular nos anos seguintes, terminando na edição bimestral de Junho-Julho de 1989 (n.º 4, 3.ª série¹⁴), em que aparecia com o título de *Jornal Ciclismo*. E no campo dos órgãos de clubes e instituições, iniciaram publicação em 1979 quatro novos periódicos, três de efémera duração, como foram *A Guarda e o Desporto*¹⁵ (Guarda), *Motorismo*¹⁶ (Coimbra) e *O Patim*¹⁷ (Beja), e um de maior longevidade e impacto jornalístico devido à sua temática, mas sem regularidade, como seria o *Futebol em Revista*¹⁸ (Lisboa), órgão da Federação Portuguesa de Futebol, publicado até 1994. Este género de boletins contaria com poucas novidades nos dois anos seguintes, destacando-se unicamente o *Boletim de Cultura e Desporto*¹⁹ (Lisboa, 1980), do Grupo Desportivo do Banco de Portugal. E em termos de números comemorativos sairia somente o anuário *Ralis e Velocidade* (Lisboa, 1981).

Em contraste, entre 1980 e 1981 a área da informação desportiva especializada publicaria seis novos periódicos, todos concentrados em Lisboa e de cariz mensal, dedicados a seis modalidades diferentes. O primeiro destes mensários foi o *Rugby-Revista*, lançado em Outubro de 1980, «exclusivamente dedicado ao rugby»²⁰ e cujo conteúdo e orientação dependiam do director e proprietário José Fragoso Mendes, apresentando na capa uma fotografia de rugby infantil, do fotógrafo Dieter Bauman, premiada pela Associação Alemã de Imprensa Desportiva em 1976. Ao preço de 40\$00, a revista teria de superar as habituais dificuldades económicas inerentes a uma modalidade com poucos praticantes e adeptos (logo, poucos leitores) em Portugal, e com pouca expressão na imprensa desportiva generalista. Apesar de alguma irregularidade, publicaria 23 números, até Maio de 1983 (nessa altura custava

13 Teria sempre uma postura conciliatória, fomentando o entendimento entre os vários intervenientes do ciclismo português. Em Abril de 1988, por exemplo, criticou o *Jornal de Notícias* (organizador da Volta a Portugal em bicicleta) e *O Jogo* (pertencente à mesma empresa) pela falta de cobertura do Grande Prémio Correio da Manhã, em ciclismo.

14 O primeiro número da 3.ª série (ano 9) saiu em Fevereiro de 1989 (três mil exemplares, ao preço de 150\$00).

15 Boletim da Associação Desportiva da Guarda, saíram três números, de 18 de Setembro a 30 de Outubro de 1979.

16 Órgão da Secção de Motorismo da Associação Académica de Coimbra, saiu uma vez, em Dezembro de 1979.

17 Boletim da Associação de Patinagem do Alentejo e Algarve, publicou-se entre Janeiro e Junho-Julho de 1979.

18 Órgão bimestral da FPF, teria cinco séries, a 1.ª entre Setembro-Outubro de 1979 e Maio-Junho de 1980 (n.º 5), sob a direcção de César Grácio, secretário-geral da FPF. Seguiram-se mais três séries entre 1981 e 1987, publicando a 5.ª série entre Setembro-Outubro de 1993 e Janeiro-Fevereiro-Março de 1994.

19 Revista bimestral, saiu em dez ocasiões, entre Maio-Junho de 1980 e Novembro-Dezembro de 1981.

20 A Redacção (1980, Outubro). Estatuto editorial. *Rugby-Revista*, p. 2.

70\$00) – regressaria com uma segunda série em Maio de 1986, com a mesma direcção e propriedade, saindo cinco números, até Março-Abril-Maio de 1987.

Em Dezembro de 1980 seria a vez de iniciarem publicação as revistas mensais *Basket*, centrada no basquetebol, e *Pesca e Companhia*, destinada aos praticantes de pesca desportiva. A primeira, dirigida por Eduardo Monteiro e propriedade de João Carlos Dias Antunes, apresentou-se com uma tiragem de 15 mil exemplares e 36 páginas (formato 31x23) de qualidade, ao preço de 50\$00, reforçando no «Editorial» a ideia de que o basquetebol português, dada a sua «grande expansão», já justificava uma revista periódica especializada, cuja sobrevivência iria depender sempre do número de assinantes e do apoio publicitário (o primeiro número contou apenas com uma página de publicidade, da empresa tipográfica onde era impresso, a Filográfica, Lda.). Apesar das dificuldades económicas, a *Basket* teria 14 edições, suspendendo actividade em Julho-Agosto de 1983. Quanto à revista *Pesca e Companhia*, era propriedade de Vítor João Seiça (que acumulava a direcção), apresentando também uma tiragem inicial de 15 mil exemplares, ao preço de 40\$00. Ao longo do primeiro ano de edição, melhorou gradualmente o aspecto gráfico, tendo o exclusivo para Portugal dos artigos da revista *La Pêche et Les Poissons*, alargando igualmente a rede de colaboradores e o noticiário relacionado com a pesca desportiva, introduzindo artigos técnicos e históricos. Suspenderia actividade ao fim de 32 números, em Agosto de 1984, numa altura em que custava 100\$00, mantendo um elevado nível de qualidade gráfica, sob a direcção de Carlos Mouro Pereira.

Relativamente às três revistas mensais especializadas criadas em 1981, uma delas, a *Karting*²¹, não ultrapassaria o número inaugural de Fevereiro de 1981, assinalando, no entanto, a importância que o karting começava a ter entre os portugueses. Em Outubro seria a vez de aparecer a revista *Turbo*, a qual pretendia ser um órgão que informasse «sobre os aspectos mais importantes ligados ao fenómeno automóvel»²², entre eles o universo desportivo, mas não se assumia como uma revista desportiva, espaço ocupado, sobretudo, pelo *AutoSport* (1977) e *Motor* (1963). De cariz mensal, a vertente desportiva da *Turbo* apostava na «reportagem cuidada e mais

21 Saiu com 32 páginas (formato 30x21) dedicadas ao karting nacional, sob a direcção e propriedade de José Salgado.

22 Vieira, J. (1981, Novembro). Editorial. *Turbo*, p. 5.

completa, o lado desconhecido da competição, a técnica, a entrevista, a biografia, a história e muitos outros aspectos»²³, aliados a «uma escolha criteriosa das fotografias»²⁴, a «um texto mais pensado»²⁵ e a «um arranjo gráfico mais sugestivo»²⁶. Assente editorialmente nas figuras de José Vieira (proprietário, director e editor), José Miguel Barros (chefe de Redacção) e Carlos Silva (redactor), a *Turbo* teve inicialmente uma tiragem de 20 mil exemplares, ao preço de 100\$00, apresentando uma excelente qualidade gráfica e de papel, característica que manteria nos anos seguintes, com o desporto automóvel a ocupar cerca de metade da edição (na secção «Turbo Sport»), mantendo essa linha editorial até ao início do século XXI (nos anos 1990²⁷ passou para o controlo da empresa Abril/Controljornal, o que lhe conferiu maior estabilidade financeira e editorial).

Até à primeira década do século XXI chegaria também a *Revista Atletismo*, cujo primeiro número saiu em Dezembro de 1981, sob a direcção e propriedade de M. Arons de Carvalho. Nesta altura, este campo informativo contava com duas outras publicações – o boletim mensal *Atletismo* (Lisboa, 1974), da Federação Portuguesa de Atletismo, e a revista *Spiridon* (Lisboa, 1978), dedicada à corrida –, cuja especificidade permitia à *Revista Atletismo* ambicionar chegar «a um público mais vasto, pretendendo tocar “todo” o atletismo», como referia o «Editorial» do número inaugural. Apresentando uma boa qualidade gráfica e de papel (formato 29x20), ao preço de 40\$00, a revista conciliava o noticiário nacional e internacional sobre atletismo, ao longo de 28 páginas, complementadas com um destacável de oito páginas destinado a fazer o balanço do atletismo português em 1981. Ao longo do primeiro ano, a *Revista Atletismo* publicou-se regularmente, fazendo diversas campanhas de angariação de novos assinantes e apoios publicitários, as quais manteria nos anos seguintes. O êxito gradual da revista assentou, em grande medida, na

23 Idem, ibidem.

24 Idem, ibidem.

25 Idem, ibidem.

26 Idem, ibidem.

27 Na edição 181, de Outubro de 1996, a revista comemorou o 15.º aniversário, sendo dirigida por Júlio Santos e propriedade da Abril/Controljornal (cujo conselho de gerência era formado por Francisco Pinto Balsemão, Luiz Vasconcellos, Miguel Ribeiro e Silva e João Xara Brasil). A *Turbo* era membro da EURAUTO, associação que integrava as revistas *Action Automobile* (França), *Auto* (Itália), *Auto Zeitung* (Alemanha), *Car* (Inglaterra), *Motor 16* (Espanha) e *VI Bilagare* (Suécia). Tinha uma tiragem de 46 mil exemplares e era membro da APCT.

figura do director e proprietário M. Arons de Carvalho, que se manteve na direcção da publicação até ao número 193, de Dezembro de 1997, edição comemorativa da entrada da revista no 17.º ano de existência. A partir dessa data, a empresa Xistarca, pioneira na prestação de serviços na área do atletismo, tomou conta da publicação, assumindo a direcção António Fernandes, que há 13 anos trabalhava na revista – uma das principais mudanças introduzidas, em Janeiro de 1998, foi a publicação de duas revistas separadas (mas vendidas conjuntamente, ao preço de 450\$00), uma destinada ao sector federado (*Mundo da Corrida*, com 32 páginas) e outra de informação geral (*Revista Atletismo*, com 44 páginas), formato duplo que se manteria até ao século XXI²⁸.

3. 1982: ano de mudança

Com a imprensa desportiva generalista estabilizada, o que já sucedia desde o início da década de 1950, e com um associativismo a atravessar uma fase de reequilíbrio – ditando uma menor actividade editorial por parte dos clubes, após um período áureo na década de 1970 –, seriam os vários nichos de actividade desportiva, diversificados por vários desportos, a criarem um vasto volume de periódicos desportivos, cujo principal objectivo era divulgar uma determinada modalidade, tentando cativar mais praticantes e adeptos. O ano de 1982 daria um sinal claro do momento de inversão que estava a atravessar a actividade jornalística desportiva em Portugal, surgindo seis novas publicações desportivas especializadas, o que apenas sucedera por duas vezes (1935 e 1977) na história da imprensa periódica desportiva portuguesa.

Lisboa seria o epicentro de quatro dessas seis publicações especializadas. A primeira a publicar-se foi a *Ténis e Golf Magazine*, revista mensal de qualidade (64 páginas em papel couché, ao preço de 100\$00), dirigida por João Lagos e que pretendia ser um complemento do *Jornal do Ténis* (Lisboa, 1978-1992), também dirigido por João Lagos e com o mesmo proprietário, a empresa Soténis, Lda., sediada em Lisboa. Mas esta revista, ao contrário do jornal, não passou do número inaugural de Abril de 1982.

28 O último número (313) consultado foi o de Dezembro de 2007, aparecendo no duplo modelo: *Revista Atletismo* e o suplemento *Mundo da Corrida*, custando 2,90 euros, contando com um site: www.revistaatletismo.com.

Em Junho-Julho seria a vez do andebol²⁹ (de sete) contar com a sua própria publicação, graças ao aparecimento da revista bimestral *Setemetros*, dirigida por João Paulino e propriedade da Eludicus. Apresentou-se com 44 páginas (formato 27x21) e com uma tiragem de 5 mil exemplares, ao preço de 80\$00, tendo uma linha editorial abrangente em relação ao andebol, abarcando a história da modalidade e os seus diferentes aspectos técnicos e competitivos. Embora tivesse atravessado algumas dificuldades económicas e editoriais, a *Setemetros* manteve-se em actividade regular até Dezembro de 1990, mês em que publicou o número 39, na altura dirigida por João Barata e propriedade da Biodesporto, Lda – teria uma 2.ª série, de elevada qualidade gráfica e editorial, entre 2001 e 2002, sob a direcção de Jaime Ferreira.

Em Outubro de 1982 iriam aparecer as outras duas publicações especializadas com origem em Lisboa. Uma delas era dedicada a duas áreas tradicionalmente activas: a revista mensal *Caça e Tiro*, de 52 páginas, em papel couché de qualidade (formato 29x21), ao preço de 70\$00, sob a direcção e propriedade de A. Ferreira da Silva. O inovador grafismo era responsabilidade de Pedro Massano, contando, em termos de artigos, com os exclusivos para Portugal das revistas *Jager*, *Waffenfreund* e *Ibertiro*. Recebida com entusiasmo, passou a publicar mensalmente 20 mil exemplares durante 1983, mas gradualmente foi perdendo leitores, fruto da má distribuição dos CTT, com muitos assinantes a queixarem-se de receber os envelopes, sem os exemplares. O aumento dos custos de produção da revista, em inícios de 1984, ditaria o fim da publicação no número 15, de Janeiro de 1984. Mais estável seria o trajecto da *Revista Portuguesa de Medicina Desportiva*, apoiada a nível publicitário pela indústria farmacêutica com produtos para a área do desporto. Propriedade da Mediedições, Lda., na direcção inicial desta revista bimestral estava o médico Renato Graça, que no «Editorial» do número inaugural, de Outubro de 1982, alertava para o papel importante que a medicina desportiva podia desempenhar no desenvolvimento do desporto em Portugal. A revista, que conciliava artigos técnicos, académicos e de análise geral, contando com

29 Na década de 1970, o andebol tinha tido algum destaque no *Diário Popular* (a secção desportiva era chefiada por Viriato Mourão), graças às colaborações de dois especialistas na área: José Gomes Machado (que viria a ser presidente da Federação Portuguesa de Andebol) e Mário Rui (colaboraria na *Setemetros*).

um conselho científico de elevado mérito académico e intelectual, publicou-se regularmente até ao século XXI³⁰.

Fora do círculo lisboeta apareceram duas publicações especializadas mensais que teriam o seu início e o seu fim em 1982, como foram o jornal *Xadrez*³¹ (Loures), publicado entre Junho e Dezembro de 1982, e o *Bólido*, lançado no Porto em 3 de Março de 1982, terminando ao fim de seis números, em 18 de Agosto de 1982, sendo dedicado ao automobilismo.

Além destes seis títulos especializados, apareceram ainda, em 1982, dois novos periódicos generalistas e três órgãos clubistas e institucionais, num total de onze publicações³². Em termos de imprensa desportiva generalista, em 20 de Janeiro saiu o número zero do semanário *Sul Desportivo*, sediado em Portimão, e que se assumia como um «jornal regional»³³, cuja acção geográfica se estenderia da «Grande Lisboa, passando por Setúbal, Alentejo e Algarve»³⁴ e que em termos noticiosos pretendia «dar voz aos esquecidos»³⁵, cobrindo «um espaço noticioso que estava por preencher – as regiões e o seu desporto.»³⁶ Propriedade da Barlavento – Editora e Publicidade, Lda., o *Sul Desportivo* era dirigido por Hélder Nunes, com Marcelino Viegas na chefia de Redacção, e contava com 13 colaboradores (realçando-se o caricaturista Francisco Zambujal³⁷, cujas caricaturas figurariam regularmente na primeira página) e 15 correspondentes, disseminados por todo o Sul de Portugal. O número um, como anunciado, saiu no dia 3 de Março de 1982, ao preço de

30 O último número analisado foi o referente ao trimestre Setembro-Outubro-Novembro de 2005 (edição 115, ano 23).

31 Apareceu com uma tiragem de 10 mil exemplares, propriedade de Carlos de Almeida Monteiro, sendo dedicado ao xadrez, cruzadismo e bridge, conciliando o noticiário nacional e internacional (publicou cinco edições).

32 Em 1982 apareceu a revista *Sport-Billy*, da Editorial Notícias, dirigida às crianças, em que o herói da banda desenhada era o Sport-Billy, que tinha como objectivo «lutar pela limpeza e correcção no desporto» (cf. n.º 1), publicando-se quinzenalmente até 3 de Junho de 1983 – tinha um cariz pedagógico-desportivo.

33 Nunes, H. (1982, 20 de Janeiro). De todos para todos. *Sul Desportivo*, p. 1.

34 Idem, ibidem.

35 Idem, ibidem.

36 Idem, ibidem.

37 Francisco Zambujal (Moura, 1935-1990) foi um dos caricaturistas mais prestigiados da imprensa desportiva portuguesa no século XX (juntamente com Filipe Rei (jornais *Off-Side* e *Sporting*, nos anos 1920), Adalberto Sampaio (*O Primeiro de Janeiro*, nos anos 1940), Pargana, Natalino ou Luís Afonso, entre outros). Publicou as primeiras caricaturas desportivas em *O Benfica*, em 1953, passando depois para *A Bola*, que em 18 de Abril de 1964 publicou o seu primeiro trabalho a cores – a Câmara Municipal de Moura fez-lhe uma homenagem em 2003, publicando a obra *Francisco Zambujal – O Mestre da Caricatura Desportiva*, de Osvaldo Macedo de Sousa (além de fazer uma biografia de Zambujal, faz uma breve história da caricatura desportiva na imprensa portuguesa no século XX).

15\$00, ambicionando passar a sair semanalmente, às quartas-feiras, o que viria a suceder até ao número 73, de 27 de Julho de 1983.

Igualmente semanário generalista, mas das sextas-feiras e com uma dimensão informativa nacional, seria o *Off-Side Magazine*, cujo primeiro número saiu em 1 de Outubro de 1982, em Lisboa, ao preço de 25\$00 e com 32 páginas (formato 37x29, com a publicidade³⁸ a ocupar duas páginas e meia), sob a direcção de Alexandre Pais e propriedade da Cooperjor – Cooperativa Editora de Jornais e Revistas, CRL. O projecto partira de um grupo de jornalistas e trabalhadores da imprensa, como esclareceu a Redacção no «Editorial» do número um, asseverando ainda que pretendia «tratar a bola por tu», numa clara referência ao principal tema (futebol) a que se iria dedicar, embora não de forma exclusiva, uma vez que apresentava um alargado leque de secções (atletismo, hóquei em patins, basquetebol, automobilismo). A Redacção era formada por uma nova geração de jornalistas, como Rui Tovar, Carlos Andrade ou João Bonzinho, entre outros, contando com artigos exclusivos das revistas *AutoSport*, *Turbo*, *Atletismo*, *Rugby*, *Pesca e Companhia* e, mais tarde, do italiano *Guerin Sportivo*.

Ocupando o tradicional (e difícil) espaço dos semanários desportivos generalistas, de boa qualidade jornalística, gráfica e fotográfica, o *Off-Side Magazine* apresentou inicialmente uma tiragem de 35 mil exemplares, deixando, em final de 1982, de ser distribuído pela Dijornal, passando para a VASP – Sociedade de Transportes e Distribuição, Lda. Apesar da sua qualidade e do aumento gradual da tiragem (o que nem sempre repercutia nas vendas), o magazine anunciaria a suspensão na edição 168, de 28-31 de Dezembro de 1984, altura em que se vendia por 30\$00, com uma tiragem de 48.470 exemplares. Na página dois, no artigo «A suspensão está suspensa», Henrique Cimento ironizava com o meio jornalístico desportivo português: «Onde é que já se viu um jornal que não levanta broncas? Vender papel é o lema pelo qual se rege toda a gente e, pergunta a minha ingenuidade, por que carga d'água não se inventaram umas tangas, umas broncas, umas bronquites e, quiçá, umas pneumonias?» O *Off-Side Magazine* reapareceu, para uma segunda série, em 3 de Abril de 1985, com o mesmo director, Alexandre Pais,

38 Publicou 14 anúncios, que iam desde o Parque de Campismo Praia da Luz, ao Hotel Altis e à Lotaria do Natal.

mas agora propriedade da CEIG – Sociedade Cooperativa de Edições e Impressão Gráfica, empresa onde o jornal era impresso. Custava 25\$00 e apostava num novo dia de saída, a quarta-feira, mas o seu projecto de implantação voltou a falhar, suspendendo, desta vez definitivamente³⁹, a publicação em 27 de Novembro de 1985 (n.º 203).

Durante o ano de 1982 apareceram ainda dois órgãos informativos ligados a federações desportivas e um boletim de clube (um com origem no Porto e dois em Lisboa – das onze publicações desportivas criadas em 1982, sete tiveram sede na Capital). Em Abril, a Federação Portuguesa de Voleibol decidiu avançar, no Porto, com um boletim trimestral, *O Voleibol*, dirigido por Jorge Guimarães, apresentando uma tiragem inicial de 5 mil exemplares, ao preço de 40\$00. Dedicada ao voleibol, a revista sofreu prolongadas interrupções, e várias séries⁴⁰, publicando-se até ao século XXI. O mesmo perfil de instabilidade teria a revista bimestral *Notícias da Vela*, órgão da Federação Portuguesa de Vela, sediada em Lisboa, e dirigida inicialmente por Jorge D'Orey Pinheiro (seguiram-se mais duas séries, em 1992-1998 e 1999-2003⁴¹).

A única nova publicação periódica desportiva ligada a um clube, em 1982, seria o jornal *A Marca*, suplemento anual do *Boletim do Sporting Clube de Portugal*⁴², com sede em Lisboa. O novo suplemento era propriedade de Fausto da Costa Ribas e tinha Silva Resende a director, saindo pela primeira vez em 27 de Janeiro de 1982 – nos anos seguintes, até 1988, sempre no mês de Janeiro, voltaria a publicar edições anuais (habitualmente de quatro páginas), assumindo a partir de 1986 um cariz generalista, acabando a exclusividade com o Sporting CP.

4. Breve fase de transição

O volume de novos periódicos desportivos, tal como sucedera entre 1979 e 1981, voltou a baixar no biénio 1983-1984, surgindo um total de 15

39 Saíram algumas edições anuais (1988, 1991, 1994) para relembrar e manter o título, mas sem continuidade.

40 Após a publicação de dois exemplares em 1982, regressou com uma 2.ª série em 1994 (dirigida por Rolando de Sousa), seguindo-se uma nova série entre 1997 e 1998, e entre 1999 e 2002 (com Vicente Araújo na direcção).

41 O último número (21) consultado foi o de Março-Abril de 2003 (preço: 2,49 euros e tiragem de 3.500 exemplares).

42 Em Janeiro de 1982, passou por algumas dificuldades devido à escassez de papel, causada pela greve dos estivadores do porto de Lisboa, que reteve as remessas normais de papel, afectando a generalidade dos jornais.

publicações, três das quais generalistas, cinco especializadas e sete ligadas aos clubes e instituições desportivas. Assim, neste biénio assistiu-se a um breve período de transição, uma vez que nos dois anos seguintes iriam aparecer 33 novos periódicos desportivos (16 em 1985 e 17 em 1986).

Apesar do número limitado de novos projectos jornalísticos, o biénio 1983-1984 viu surgir algumas publicações desportivas de qualidade. No campo do jornalismo desportivo generalista, a efemeridade dos mensários *Racket Club*⁴³ (Lisboa, 1983) e *Sprint Magazine*⁴⁴ (Figueira da Foz, 1984) foi compensada com a laboriosa acção de *O Desportivo*, criado na Moita (Setúbal), em 21 de Setembro de 1983, para «apoiar e incentivar o desporto como só um jornal específico o pode e deve fazer»⁴⁵, cabendo a direcção e propriedade a Orlando Martins. Com o subtítulo de «Semanário do Desporto no Distrito de Setúbal», ao preço de 20\$00 e publicado às quartas-feiras, *O Desportivo* superou inicialmente diversos obstáculos, inerentes a um distrito que atravessava graves dificuldades económicas (várias vezes referenciadas em editoriais) – o que tinha efeitos ao nível do número de leitores e no campo publicitário –, mantendo-se em publicação durante 35 números, extinguindo-se em 30 de Maio de 1984.

Em relação ao jornalismo desportivo especializado, entre 1983 e 1984 surgiram cinco novas publicações (quatro em Lisboa e uma no Porto). A primeira foi o *Jornal Motocross*, lançado na Cidade Invicta, em Fevereiro de 1983, especializado em motociclismo, tendo na direcção Silva Pinto e na propriedade a Edimoto, Lda. De forma a autopromover-se, e ao próprio motocross, o periódico organizou o I Troféu Internacional «Jornal Motocross», prova disputada em três cidades (dia 13 de Fevereiro em Setúbal, no dia 15 no Porto e no 20 em Portimão), obtendo sucesso e reconhecimento imediato. Mas gradualmente foi perdendo leitores, suspendendo a edição ao fim de 11 números, em Fevereiro de 1984. Mais fugaz seria a existência do mensário

43 Revista lançada em Agosto de 1983, sob a direcção de Jorge Leão, foi suspensa em Fevereiro de 1984 (n.º 4).

44 Propriedade e direcção de Vítor Lopes, a revista saiu uma única vez, em Outubro de 1984.

45 Martins, O. (1983, 21 de Setembro). Editorial. *O Desportivo*, p. 1.

lisboeta *Nautisport*⁴⁶, especializado em desportos náuticos e que não passou do número inaugural de 15 de Junho-15 de Julho de 1983.

Em Outubro desse ano foi a vez de arrancar a revista mensal *Motojornal*, conciliando o noticiário de motociclismo com uma vertente de divulgação do mundo das motos. Com sede em Lisboa, tinha como fundadores João Ferreira (director e proprietário), Jorge Morgado (director-adjunto) e J. M. Sanches (este trio formava a empresa Publimoto, Lda.), apresentando uma excelente qualidade gráfica (da responsabilidade da empresa Sográfica, Lda.) e de impressão (União Gráfica), sendo distribuída pela VASP. A área reservada ao noticiário desportivo (na secção «Competição», preenchida habitualmente com motocross, velocidade e enduro) representava cerca de metade da revista, que em termos editoriais foi sempre extremamente crítica com a desorganização⁴⁷ existente no motociclismo português, contribuindo indelevelmente para a sua melhoria. Paulatinamente foi aumentando a tiragem (em Novembro de 1985 era de 25.600 exemplares) e consolidando o projecto, conseguindo comemorar, na edição 310, de 11-17 de Novembro de 1993, o 10.º aniversário, numa altura em que se apresentava semanalmente, sob a direcção de Mário Figueiras, que se manteve no cargo até ao século XXI⁴⁸.

Em 1984, o espaço da informação desportiva especializada contaria, a partir de 20 de Junho, com o quinzenário *Ténis Magazine*, publicação de 24 páginas (formato 34x25) dedicada ao ténis português e internacional, sob a direcção de António Mendes Nunes (um dos fundadores, juntamente com Moura Diniz, chefe de Redacção; Rui Mendes, director de produção; e Luís Mascarenhas, director técnico). Publicada em Lisboa, a *Ténis Magazine* conseguiria superar as dificuldades do meio tenista português, ainda muito desorganizado na relação com a imprensa (como a generalidade das outras modalidades), mantendo-se em actividade até à edição bimestral número 50-51, de Maio-Agosto de 1993.

46 Propriedade, edição e direcção de Miguel Teixeira, apareceu com 52 páginas, ao preço de 100\$00 e uma tiragem de 12.500 exemplares, apresentando oito colaboradores em seis actividades náuticas diferentes.

47 Na edição 10, de Setembro-Outubro de 1984, publicou uma «Carta Aberta» ao vice-presidente da Federação Portuguesa de Motociclismo, Vítor Hugo, em que o acusava de incompetência durante a organização da 1.ª Prova do Campeonato Nacional de 1984; em Fevereiro de 1985, publicou a página três, em branco, como forma de protesto pela maneira descortês como a representação portuguesa, da marca de motos Yamaha, estava a tratar a revista.

48 O último número consultado foi o 949, de 8-14 de Fevereiro de 2006, apresentando a tiragem de 25 mil exemplares.

Em Março do ano anterior, em 1992, tinha chegado ao fim a revista mensal *Foot*, colocada à venda em Novembro de 1984, com 68 páginas totalmente a cores e dedicadas ao futebol português e internacional. Sediada em Lisboa, a direcção da *Foot* foi ocupada em 1984, interinamente, por Luís Norton de Matos, cabendo a propriedade a J. M. Pereira e Luís Maria Cabral. A primeira edição de Novembro de 1984, ao preço de 100\$00, teve uma tiragem de 55 mil exemplares, merecendo menções elogiosas no meio desportivo nacional e na imprensa portuguesa, como sucedeu no semanário *Expresso* e no *Jornal de Notícias*, assim como no trissemanário *A Bola*, que pelo subchefe de Redacção, Homero Serpa⁴⁹, acentuou o facto da nova revista vir ocupar um espaço informativo por preencher. A *Foot* passaria a ser uma revista de referência, na análise do futebol português, durante os sete anos seguintes, extinguindo-se em Março de 1992, após 89 números⁵⁰ (custava 250\$00), tendo nessa altura o director, Luís Norton de Matos, explicado no «Editorial» que a *Foot* ia proceder a uma remodelação, de forma a sair uma «nova revista», consentânea com os objectivos do novo proprietário, a Sociedade Editora Gazeta dos Desportos, Lda., mas tal não sucederia.

Finalmente, no campo dos órgãos informativos clubistas e institucionais, apareceram, entre 1983 e 1984, sete novas publicações desse género, centralizadas sobretudo no nível institucional. Durante o ano de 1983 publicaram-se três revistas ligadas a entidades ou organismos desportivos: em Janeiro começou a editar-se a *Revista do Centro Militar de Educação Física, Equitação e Desportos*⁵¹ (Mafra, 1983-1986), seguindo-se em Março a *AçoreSports*⁵² (Angra do Heroísmo, 1983-1987), órgão da Direcção Regional de Educação Física e Desportos, e em Junho foi a vez de aparecer a *Medicina Desportiva – Revista*⁵³ (Lisboa, 1983), editada pela Direcção-Geral dos Desportos. E em 1984 iriam surgir quatro periódicos com este perfil, três dos

49 Nascido em Lisboa em 1927, iniciou a colaboração com *A Bola* em 1955, passando em 1965 para o seu quadro redaccional. Foi chefe de redacção de *A Bola Magazine*, continuando a colaborar com o jornal depois de reformado. Foi autor e co-autor de uma extensa obra bibliográfica relacionada com o desporto – a revista *JJ*, do Clube de Jornalistas, fez-lhe uma extensa homenagem após a morte, na edição de Janeiro/Março de 2008.

50 Saiu mais um número (90), em Março de 1993, unicamente para manter a propriedade do título.

51 Publicou dez números, entre Janeiro de 1983 e Julho de 1986, dedicados aos desportos militares.

52 Servir os interesses do desporto regional era o objectivo da revista, dirigida por Eduardo Monteiro, publicando-se irregularmente entre Março-Abril de 1983 e o n.º 14, de 1987 (reapareceu em Abril de 1989, mas sem continuidade).

53 Revista trimestral, publicou unicamente três números em 1983, totalmente dedicados à medicina desportiva.

quais de cariz comemorativo e anual – *Domingo Desportivo*⁵⁴, *Golo Rei*⁵⁵ e *Domingo Sport*⁵⁶ (todos publicados em Lisboa entre 1984 e 1993) – e um, bimestral, ligado à área académica e intelectual: *Horizonte – Revista de Educação Física e Desporto*⁵⁷ (Lisboa, 1983-2006), da editora Livros Horizonte.

5. Panorama radiofónico, televisivo e o contexto internacional

Durante as décadas de 1970 e 1980 – estendendo-se e reforçando-se nos anos 1990 –, o desporto, enquanto tema jornalístico, ganhou cada vez mais espaço e tempo de antena na rádio e televisão em Portugal, sempre sob o olhar atento e crítico da imprensa periódica. Em meados de 1983, por exemplo, a revista bimestral *AçoreSports* criticou a RTP-Açores por «não apoiar a divulgação do fenómeno desportivo e das modalidades consideradas prioritárias»⁵⁸, destacando, por outro lado, o trabalho das rádios açorianas, que dedicavam «largos espaços ao desporto»⁵⁹, tendo mesmo algumas estações emissoras, como o Rádio Clube de Angra, uma secção desportiva, responsável por cerca de oito horas de emissão semanal.

Em Portugal continental, a situação das rádios era relativamente semelhante em relação à importância noticiosa dada ao desporto. Um dos primeiros, e principais passos, dados por uma estação de rádio sucedeu em inícios de 1975, quando o Rádio Clube Português (RCP) criou o departamento desportivo, destacando-se as emissões desportivas do domingo: das 12h00 às 12h30 emitia o programa «Golo»; das 14h30 às 18h30, a «Tarde Desportiva», através dos emissores de Lisboa e Porto; e à noite, das 22h00 às 22h30, o «Jornal Desportivo». E daria também grande importância às transmissões das provas automobilísticas nacionais e internacionais, enviando uma equipa de reportagem para acompanhar as provas do Campeonato Nacional de Ralis e de Velocidade, assim como para os grandes prémios de Fórmula 1 e outras provas importantes do calendário automobilístico internacional.

54 Publicou vários números anuais, entre 8 de Julho de 1984 e 20 de Abril de 1993, sob a direcção de Lídio Aguiar.

55 Publicou vários números anuais, entre 9 de Julho de 1984 e 20 de Abril de 1993, sob a direcção de Lídio Aguiar.

56 Publicou vários números anuais, entre 8 de Julho de 1984 e 20 de Abril de 1993, sob a direcção de Lídio Aguiar.

57 Revista de pendor académico, iniciou-se em Maio-Junho de 1984, sob a direcção de Teotónio Lima, publicando-se até ao século XXI (último número consultado: Julho-Agosto de 2006, n.º 124, Vol. XXI).

58 Monteiro, E. (1983, Maio-Junho). Editorial. *AçoreSports*, p. 3.

59 Silva, A. (1983, Maio-Junho). O desporto e a rádio. *AçoreSports*, p. 7.

A RDP – Radiodifusão Portuguesa, sucessora da Emissora Nacional, em 1976, daria igualmente destaque ao desporto (através do departamento de desporto da Antena 1), assim como a Rádio Renascença, que em 1980 criou o seu departamento desportivo, alicerçado na figura do locutor António Ribeiro Cristóvão⁶⁰, grande referência da rádio desportiva portuguesa e criador do programa «Bola Branca». O crescente êxito deste programa fez com que, em Abril de 1985, tivesse duas emissões diárias, a primeira às 7h15 da manhã e a segunda às 12h50 (ambas de segunda a sábado) e uma edição especial ao domingo, às 8h15 da manhã. Nessa altura, a Rádio Renascença apresentava na sua grelha mais três programas desportivos: «Diário do Desporto», emitido de segunda a sexta-feira, das 22h30 às 23h00; «Desporto e Música», aos sábados, às 15h00; e «Frente Desportiva», aos domingos, das 15h00 às 19h00. Sucesso imediato teria igualmente o programa «Bancada Central», criado pela TSF – Rádio Jornal, em meados dos anos 1980, consolidado até ao final do século XX na figura do locutor Fernando Correia⁶¹, que juntamente com Jorge Perestrelo⁶² foram duas das principais vozes desportivas (futebolísticas) da TSF. Mas este fenómeno radiofónico à volta do desporto não foi exclusivo das emissoras de espectro nacional, estendendo-se às rádios locais⁶³ e,

60 Nascido em Proença-a-Nova, em 7 de Julho de 1939, mudou-se em jovem para Angola, onde iniciou a carreira jornalística no Rádio Clube de Moxico. Passou depois pelo Rádio Clube de Huambo, regressando a Portugal nos anos 1970, ingressando em 1976 na Rádio Renascença, onde ajudou a criar o departamento desportivo, sendo responsável pelos programas desportivos «Bola Branca» (onde sobressaiu o jornalista Trindade Guedes) e «Frente Desportiva». Colaboraria entre 1982 e 1994 na RTP, e com vários jornais desportivos, fazendo também carreira política no PSD.

61 Começou a fazer rádio em 1956, na Emissora Nacional, começando algum tempo depois a fazer relatos de futebol. Manteve-se 30 anos na emissora, passando depois pelo Rádio Clube Português (transformado em 1979 na Rádio Comercial). Em meados dos anos 1980 passou para a emissora TSF, onde estaria 16 anos, popularizando o programa «Bancada Central» e os relatos de futebol. Saiu para dirigir o jornal desportivo gratuito *Diário Desportivo*, em 2007, integrando depois o Rádio Clube Português, com o programa «Lugar Cativo».

62 Nascido em Angola, iniciou a carreira na Rádio Clube do Lobito. Em Portugal seria uma voz de referência nos relatos de futebol no Rádio Clube Português, na Rádio Comercial e na TSF, falecendo em Maio de 2005.

63 Em Setembro de 1997, por exemplo, o desporto nas rádios locais do Centro e Sul tinham o seguinte panorama: Beja – Emissora Voz da Planície (104.5 FM): «Livre Directo», às 7h30; «Flash Desportivo», às 17h50; Castro Verde – Rádio Castrense (93 FM): «Informação Desportiva», às 11h50; Montemor-o-Novo – Rádio Nova Antena (101.3 FM): «Noticiário Desportivo», às 8h10, 12h25 e 19h05; Tavira – Rádio Gilão: «Noticiário Desportivo», às 12h00 e 17h00; Setúbal – R.J. Setúbal (88.6 FM): das 19h00 às 20h00, de segunda a sexta-feira, e das 16h00 às 20h00 aos domingos; Rádio Azul (98.9), das 19h00 às 20h00, de segunda a sexta-feira, e das 16h00 às 20h00 aos domingos; Rádio Voz de Setúbal (100.6 FM): das 18h00 às 19h00 à segunda-feira, e das 16h00 às 20h00 ao domingo; Almada – Rádio Voz de Almada (97.8 FM): «Voz no Desporto», aos sábados, das 20h00 às 23h00; «Grande Almada Desporto», aos domingos, das 14h00 às 19h00; Seixal – Rádio Baía (98.7 FM): «Em Cima da Jogada», às 23h30; Sines – Rádio Sines: «Tempo de Desporto», às 12h30 e 18h25 (Fonte: *Sul Desportivo*, Setembro de 1997, p. 2).

obviamente, à televisão (restrita aos dois canais da RTP até à chegada dos canais privados, no início da década de 1990).

Durante a segunda metade da década de 1970, o desporto continuou «a marcar pontos»⁶⁴ na RTP, graças essencialmente às transmissões directas do futebol nacional e internacional. E em termos de programação desportiva, o «Grande Encontro», apresentado aos domingos por Mário Zambujal, era o programa mais popular. O gradual crescimento das horas de emissão da RTP ditou o natural aumento do tempo de antena concedido ao desporto, que em 1982 foi responsável por 30 por cento das mais de 4 mil horas emitidas pelo Canal 1 e das mais de 2 mil do Canal 2. Este incremento deveu-se às transmissões em directo de provas desportivas (em especial o Campeonato do Mundo de Futebol, Espanha-1982), estratégia reforçada a partir do final de 1982, com a chegada à chefia do Departamento de Desporto da RTP do jornalista Adriano Cerqueira, que motivaria algumas mudanças na própria estrutura da programação: o tradicional programa de domingo à noite passou a chamar-se «Gira Bola», encarregando-se Adriano Cerqueira da apresentação; aos sábados à tarde, a RTP-2 passou a fazer transmissões em directo de várias modalidades, criando também o programa «Jogo Falado», para analisar a actualidade desportiva.

O crescimento da presença do desporto na televisão, gerador de grandes audiências, ditou um necessário reajustamento, por parte do meio desportivo português, a esta nova realidade. E, nesse processo, foram várias as dimensões que entraram em conflito. Um dos principais focos de conflitualidade centrou-se no binómio futebol-televisão, principalmente porque as transmissões televisivas alcançaram audiências a que os jornais não podiam aspirar. Por exemplo, em Dezembro de 1982, o Sporting CP e a RTP incompatibilizaram-se, com a direcção do clube lisboeta a impedir a entrada no seu estádio do jornalista Gabriel Alves, que no dia 29 pretendia fazer os comentários televisivos ao jogo entre o Sporting CP e o Estoril-Praia. A direcção leonina tinha considerado «tendenciosos e vesgos»⁶⁵ os comentários que o jornalista fizera durante o encontro da Taça UEFA entre o Neuchâtel e o Sporting CP,

64 Tevez, V. H. (2007). *RTP 50 anos de história (1957-2007)*. Lisboa: Ed. RTP.

65 A Redacção (1982, 27 de Janeiro). Fechar as portas da nossa casa. *A Marca*, p. 3.

declarando Gabriel Alves «persona non grata em Alvalade»⁶⁶. A RTP, por seu turno, lamentava o facto de não ser a primeira vez que o Sporting tomava atitude semelhante, até com colaboradores da RTP que publicamente eram «conhecidos como sócios ou simpatizantes do Clube»⁶⁷, reforçando a ideia de salvaguarda da «independência»⁶⁸ jornalística, sem permitir «quaisquer pressões externas»⁶⁹.

O desporto, enquanto tema discursivo televisivo, foi crescendo de importância na RTP ao longo da década de 1980, ditando o reforço do seu Departamento de Informação Desportiva, que em 1989 contava com cerca de meia centena de pessoas, entre as quais duas das primeiras jornalistas desportivas de televisão em Portugal, Margarida Metello e Conceição Lobo, juntando-se depois Cecília Carmo, primeira mulher-pivô do desporto na RTP.

O panorama televisivo português, no tocante ao desporto, restrito a dois canais estatais até ao início da década de 1990, contrastava com o contexto internacional. O primeiro grande impulso, para o estabelecimento de uma relação de exclusividade entre o desporto e a televisão, foi dado em 1980 nos EUA, com a criação da estação de televisão ESPN – Entertainment and Sport Programming Network, que passou a emitir 24 horas, das quais 22 dedicadas ao desporto (as restantes duas à informação económica). Na Europa, seguindo o mesmo modelo da ESPN, apareceu em 1984 o canal Screensport, primeiro canal europeu consagrado ao desporto, seguindo-se, pouco depois, uma versão francesa, a TvSport, e, em 1989, a Eurosport, canal desportivo europeu que surgiu de uma parceria entre a Sky Sports, do magnata australiano dos *media*, Rupert Murdoch, e a European Broadcasting Vision.

Em termos de imprensa periódica desportiva, o contexto internacional da década de 1980 não foi tão distinto do português, como sucedeu no caso da televisão, o que se deveu, em parte, à longa tradição da imprensa periódica desportiva portuguesa e à sua permanente preocupação em acompanhar as inovações (editoriais, organizativas, gráficas e publicitárias) da imprensa desportiva internacional. A grande referência do jornalismo desportivo europeu

66 Idem, *ibidem*.

67 Idem, *ibidem*.

68 Idem, *ibidem*.

69 Idem, *ibidem*.

continuou a ser o diário francês *L'Équipe*⁷⁰, que no Campeonato do Mundo de Futebol de 1982 e no Campeonato da Europa de Futebol de 1984 atingiu tiragens superiores aos 800 mil exemplares. É isto num país, como a França, em que existia uma forte concorrência, registando em 1989 cerca de três mil jornalistas desportivos (de um total de 23 mil jornalistas), distribuídos, a maioria, pelos 60 periódicos desportivos existentes no país, dos quais 25 eram generalistas (três de dimensão nacional – o diário *L'Équipe* e os semanários *La Voix des Sports* e *Midi Olympique* – e 22 regionalistas) e, os restantes, especializados (doze dedicados aos desportos com motor, nove aos desportos com bola, quatro ao ténis, três ao ciclismo, entre outros).

O número de jornalistas desportivos cresceu, de forma transversal, entre o início da década de 1970 e o final da década seguinte (ver Tabela 11), quadruplicando, por exemplo, o número de jornalistas acreditados nos Jogos Olímpicos: em Munique-1972 estiveram 4 mil, aumentando, em Seul-1988, para 16.030 (dos quais 10.272 dos meios informativos audiovisuais e 5.758 da imprensa periódica). Como estes números indicam, o aumento de profissionais da informação desportiva esteve intimamente ligado ao crescimento da importância da televisão para a percepção, por parte do público, do fenómeno desportivo, começando-se a construir a figura do «desportista de pantufas»⁷¹ (sentado na intimidade do sofá a assistir ao evento desportivo, típico modelo construído nos EUA⁷²) que substituiu o tradicional «desportista de bancada»⁷³, partidário da visualização *in loco* do fenómeno desportivo. E para que essa transição tivesse sucesso, assegurando maiores audiências televisivas e publicidade, foi preciso reforçar as secções desportivas dos canais de televisão. A imprensa periódica, por inerência, beneficiou desse fenómeno, continuando a ser procurada, no dia seguinte, pelos milhares de «desportistas de pantufas», para o rescaldo final e análise do evento desportivo televisivo e para alimentar/satisfazer a curiosidade para o acontecimento seguinte.

70 Em 12 de Setembro de 1987 apareceu um diário, *Le Sport*, que pretendia fazer concorrência ao *L'Équipe*, mas suspenderia a publicação em 29 de Junho de 1988, mantendo-se o *L'Équipe* como único diário desportivo francês.

71 Caeiro, A. (1992, 7-13 de Agosto). Desporto no prato. *Golo*, p. 8

72 O modelo assenta no princípio dos jogos terem muitas paragens (caso do basebol ou do futebol americano), de forma aos canais de televisão passarem constantemente publicidade, principal fonte de receita, e a audiência não ter necessidade de atenção permanente e prolongada sobre um mesmo evento.

73 Idem, *ibidem*.

Tabela 11

Número de Jornalistas Desportivos no Contexto Internacional em 1989⁷⁴

País	Número de Jornalistas Desportivos
Grã-Bretanha	6.000
França	3.000 (2.000 permanentes e 1.000 colaboradores)
República Federal da Alemanha	3.000
Espanha	2.000
Itália	1.000 detentores da carteira profissional
Suécia	700
Turquia	720
Portugal	600 profissionais e colaboradores associados
Jugoslávia	400
Áustria	300 jornalistas a tempo inteiro e 400 colaboradores
Bélgica	300 a 350
Noruega	250
Suíça	250
Dinamarca	200
Grécia	180
Luxemburgo	12 profissionais e 24 semi-profissionais

A especialização foi outro dos factores explicativos para o incremento do número de jornalistas desportivos na sociedade da informação. Em Espanha assistiu-se, tal como em Portugal e França, a esse fenómeno, surgindo um leque de publicações nas mais diferentes temáticas, desde as modalidades tradicionais, como o ciclismo (*La Bici*, 1981; *Ciclismo a Fondo*, 1985; *Bicisport*, 1989), automobilismo (*Solo Auto*, 1982; *Motor 16*, 1983; *Coche Actual*, 1987), ténis (*Super Ténis*, 1983; *Grand Slam*, 1990), futebol (*Mundial 16*, 1986; *Campeones del Fútbol*, 1986; *Goles*, 1989) ou o basquetebol (*Gigantes del*

74 Fonte: Marchand, 1989: 62.

Basket, 1985; *Superbasket*, 1986; *Basket 16*, 1988), a campos desportivos mais recentes, como o judo (*El Judoka*, 1990) ou as artes marciais (*Karateka e Cinturon Negro*, 1990).

No final da década de 1980, o panorama internacional da imprensa periódica desportiva era de apogeu, com as tiragens a revelarem essa mesma tendência. Para além do francês *L'Équipe*, diário europeu com as maiores tiragens, também em Itália os três diários desportivos apresentavam vendas elevadas em 1989, com *La Gazzetta dello Sport* (Milão) a apresentar tiragens de 400 a 450 mil exemplares (atingindo 1,2 milhões à segunda-feira), o *Corriere dello Sport* (Roma) a ter de média 350 mil exemplares (700 mil à segunda-feira) e o *Tuttosport* (Turim) com 90 mil exemplares (250 mil à segunda-feira). Contudo, não se pense que este era um fenómeno restrito à Europa. No México, por exemplo, os três principais diários desportivos ostentavam igualmente tiragens elevadas: o *La Afición* (criado em 1830 e cujo subtítulo era «O Primeiro Jornal Desportivo do Mundo») apresentava tiragens médias de 98 mil exemplares; nada comparável com o diário *Esto* (1941) e os seus 420 mil exemplares; e com o diário *Ovaciones* (1947), que tinha uma tiragem média de 205 mil. No entanto, nenhum destes diários se aproximava do russo *Sovietski-Sport*, que em 1989 possuía tiragens médias de 5 milhões de exemplares.

Este dinamismo do jornalismo desportivo internacional teve naturais consequências no foro associativo, potenciando a união entre publicações e jornalistas ligados a uma determinada área de interesse. Foi precisamente nessa linha que surgiu, em 1989, em Barcelona, a *European Association of Sports Magazines*, que englobava os principais semanários desportivos europeus, um dos quais português (*A Bola*), como o *Don Balón* (Espanha), *Der Kicker* (Alemanha), *Onze Mondial* (França), *Foot Magazine* (Bélgica), *World Soccer* (Reino Unido), *La Gazzetta dello Sport* (Itália), *Sport* (Suíça) e *Voetbal International* (Holanda).

CAPÍTULO 16

1985-1987: Diversidade

1. Incremento jornalístico diversificado

Após o biénio 1983-1984, em que surgiram um total de 15 novas publicações desportivas, assistiu-se a partir de 1985 a uma nova fase evolutiva da imprensa periódica desportiva portuguesa, a qual se iria prolongar até ao ano 2000. Neste período de 16 anos iriam aparecer 211 novos periódicos desportivos (90 especializados, 79 órgãos de clubes e institucionais, e 42 generalistas), sendo o segundo período temporal mais activo do jornalismo desportivo português, logo a seguir à fase 1921-1936 com 257 publicações.

Para o incremento desta produção jornalística desportiva contribuíram obviamente as «grandes modificações na história das mentalidades e do quotidiano» (Ferreira, 2001: 135) a que se assistiu em Portugal nos anos 1980 e 1990, acompanhadas pela melhoria das condições económicas (fruto, em grande medida, da integração na Comunidade Económica Europeia (CEE), em 1 de Janeiro de 1986) e da estabilidade política. A influência dos *media* na sociedade portuguesa também continuou a crescer, assim como a presença do desporto no espaço mediático, com reflexos na identidade colectiva dos portugueses. E o desporto, em si, ganhou novas dimensões, mantendo, no entanto, traços tradicionais, como a linha amadorista e populista. O conceito de «desporto-espectáculo» impôs-se e a ideia de herói desportivo «aproximou-se de novo à figura tipológica interessada antes de tudo por si mesma e pela apresentação da sua “personalidade”» (Eisenberg, 1999: 120). No caso da imprensa desportiva portuguesa, a ideia de herói desportivo estaria muito associada ao futebol e, num nível secundário, ao atletismo (fruto das vitórias olímpicas na maratona de Carlos Lopes, em Los Angeles-1984, e Rosa Mota, em Seul-1988, e nos dez mil metros por Fernanda Ribeiro, em Atlanta-1996).

Em termos evolutivos, o crescimento do número de novos periódicos desportivos assentou primordialmente no campo do jornalismo especializado, responsável por 90 dos 211 títulos criados entre 1985 e 2000. Mas o acentuar deste género de publicações só se verificou a partir de 1988, tendo o triénio 1985-1987 ficado marcado por um aumento de cariz mais diversificado (um

total de 45 periódicos: 19 órgãos de clubes e institucionais, 14 generalistas e 12 especializados), tendo Lisboa como epicentro (23 periódicos).

Apesar da centralidade jornalística da Capital, seria no Porto que iria surgir um dos mais importantes títulos da imprensa periódica desportiva generalista das últimas duas décadas do século XX. Em 22 de Fevereiro de 1985 saiu o diário *O Jogo*, propriedade da Empresa do Jornal de Notícias (sediada na Rua Gonçalo Cristóvão, n.º 195-219, no Porto), sob a direcção de Serafim Ferreira. O primeiro número apresentava várias secções¹ inovadoras ao longo de 16 páginas (dominadas pelo futebol), em formato grande (58x41). E no editorial «Queremos ganhar», publicado na capa, o director sublinhou que *O Jogo* era «uma aposta diária na qualidade da informação desportiva», procurando, «ao longo das suas páginas, não só relatar os factos como comentá-los e criticá-los. Tentaremos ser rigorosos e severos nas análises e, se nunca nos faltar o engenho e a arte, jamais entraremos nos terrenos movediços da fácil especulação, na intriga, no contribuir, ainda que indirectamente, para tornar mais nebuloso o panorama desportivo português.» Apostava igualmente no rigor jornalístico, afirmando que seria «um jornal moderno, calmo e sereno. Que estará em todas e com todos. Em todas as modalidades. Com todos os clubes, associações e federações. Sem qualquer espécie de discriminação. A todas e todos dedicaremos a maior atenção e o nosso melhor caminho, sem qualquer espécie de favoritismos».

A arrojada aposta de criar um diário desportivo enfrentava diversos obstáculos. Em primeiro, como Serafim Ferreira esclareceu no mesmo editorial, escrever sobre desporto, todos os dias, iria ser uma missão difícil, sobretudo porque a actividade desportiva nacional não era tão fértil quanto o desejável para a actividade diária de um jornal desportivo. Além disso, *O Jogo* tinha que enfrentar uma forte concorrência, implantada no Porto e região Norte, alvo prioritário do novo diário. O trissemanário *Gazeta dos Desportos* estava bem arraigado em toda a região Norte (saía às segundas, quintas-feiras e sábados), enquanto o outro trissemanário, *Record*, sob a nova direcção de Rui Cartaxana, atingia os 70 mil exemplares de tiragem (publicava-se terças,

¹ A coluna de opinião «O meu canto», por Sérgio de Andrade; «Nas ondas da Rádio e TV», secção sobre o desporto na rádio e televisão; secções de «Basquetebol», «Ginástica», «Hóquei em Patins», «Xadrez», «Ténis», «Andebol», «Automobilismo», «O Jogo Motorizado»; e «Ao Volante», por Dinis Mota, coluna sobre o desporto motorizado.

quintas-feiras e sábados), contando com uma delegação no Porto desde 1984. E a estes dois trissemanários faltava acrescentar *A Bola*, publicada às segundas, quintas-feiras e sábados, sendo o principal periódico desportivo português em termos de vendas. Em 1985, na edição de 28 de Janeiro, comemorou o 40.º aniversário, definindo a linha editorial que estava na base do êxito: «Quarenta anos passaram. Paralelamente, o desfilar de milhares de nomes, de centenas de carreiras assinaláveis, o enfronhar em temas polémicos, todo um jornalismo de crítica, registo, investigação, todo um cuidado em dar sempre lugar à crítica, a preocupação de formar, mas também distrair, um jornalismo de informação e crítica, de educação e de lazer.»²

Neste cenário fortemente concorrencial, *O Jogo* seria forçado a fazer uma série de reajustes editoriais em finais de 1986. A partir do dia 4 de Outubro deixou de sair aos domingos (passou a ter seis edições semanais, a exemplo do que fazia o *L'Équipe* em França) e no dia 1 de Novembro adoptou o formato tablóide (41x29), indo assim de encontro à «vontade manifestada pela esmagadora maioria dos leitores, consultados através de uma sondagem»³. Apesar das contrariedades, na data do segundo aniversário, em 22 de Fevereiro de 1987, o director Serafim Ferreira destacou o espírito de luta do jornal: «Podemos gritar aos quatro ventos, bem alto, que estamos vivos, de boa saúde, que conquistamos o nosso lugar no panorama da imprensa nacional, que a nossa voz se faz ouvir, que, enfim, somos respeitados. A todos os “ataques” fomos resistindo – e continuaremos a resistir enquanto o ânimo não desfalecer e nos deixarem...»⁴ – esta última reflexão deixava perceber que o proprietário do projecto podia abdicar da publicação, caso as vendas não aumentassem (em Fevereiro de 1987 tinha uma tiragem média de 20.364 exemplares, mas vendia unicamente 8.971 exemplares, contando com 16 assinaturas⁵). A direcção de *O Jogo* começou a ver “inimigos” em várias frentes, tentando cativar mais leitores do Porto e do Norte à volta do seu projecto jornalístico – o director defendia a existência de uma conspiração: «O nosso ânimo, a inquebrável fé na vitória nunca por nunca foi abalada. Estamos

2 A Redacção (1985, 28 de Janeiro). 40 anos. *A Bola*, p. 10.

3 A Redacção (1986, 31 de Outubro). Novo formato. *O Jogo*, p. 1.

4 Ferreira, S. (1987, 22 de Fevereiro). Estamos vivos! *O Jogo*, p. 2.

5 Fonte: APCT.

numa luta permanente – “contra tudo e contra todos”⁶. E explicava as dificuldades: «Fazer no nosso País um jornal diário de informação desportiva, campo em que a concorrência é pouco menos que feroz (no bom sentido...) é, realmente, uma aventura. Não procuramos agradar a “gregos” e a “troianos”. Conhecemos bem o terreno pantanoso em que nos movemos. É difícil ser-se diariamente coerente, mas não desistiremos dos nossos propósitos.»⁷ Além de *O Jogo*, entre 1985 e 1987 apareceram em Portugal mais 13 periódicos desportivos generalistas (ver Tabela 12), a maioria de cariz regionalista.

Tabela 12 – *Periódicos Desportivos Generalistas Criados entre 1985 e 1987*

Título	Edições	Sede	Periodicidade	Director	Propriedade
<i>Centro Desportivo – Semanário Desportivo da Região Centro</i>	12 Jun. 1985 ao n.º 4 (2.ª série), 25 Dez. 1985	Fornos de Algodres	Semanal (quarta-feira)	Nelson Figueiredo	Turiamo – Turismo e Desporto, Lda.
<i>O Remate – Semanário Regional de Informação Desportiva</i>	28 Ago. 1985 ao n.º 197, 4 Out. 1989 ⁸	Tomar	Semanal (quinta-feira)	Rui Manuel Dias da Costa	Tipografia Comercial de Tomar, Lda.
<i>O Desportivo das Beiras</i>	24 Mar. 1986 a 13 Dez. 2004	Coimbra	Anual e Semanal ⁹	Adriano Callé Lucas	Adriano Callé Lucas
<i>Tutti Sport – Revista de Todos os Desportos</i>	Mar. 1986 ao n.º 2, Abr. 1986	Lisboa	Mensal	José João	s.n.
<i>Jornal do Desporto</i>	5 Set. 1986 ao n.º 37 (2.ª série) 28 Jun. 1991	Ponta Delgada	Bissemanal (segundas e sextas-feiras)	Gustavo Moura	Impraçor – Soc. Imprensa e Publicidade, SARL
<i>Desportivo de Loures</i>	Set. 1986 ao n.º 8, 10-17 Dez. 1986	Loures	Semanal (quartas-feiras)	J. Esteves Silveira	J. Esteves Silveira
<i>O Sadino</i>	25 Out. 1986 ao n.º 14, 10 Abr. 1994 ¹⁰	Setúbal	Quinzenal	Jorge Santos	Jorge Santos
<i>Fora de Jogo – Semanário Desportivo ao Serviço do Distrito de Lisboa</i>	Nov. 1986 ao n.º 11, 30 Jan. 1987 ¹¹	Lisboa	Semanal (sexta-feira)	Fernando Silva	Fernando Silva
<i>Algarve Desportivo – Jornal Desportivo da Região Algarvia</i>	15 Maio 1987 ao n.º 3, 11 Jul. 1987	Faro	Mensal	Bernardino Martins (Queixinho)	Publialgarve

6 Ferreira, S. (1988, 22 de Fevereiro). A 'festa' continua. *O Jogo*, p. 2.

7 Idem, ibidem.

8 Nessa altura tinha na direcção Jorge Manuel Gonçalves e propriedade de O Templário – Sociedade Editora de Publicações, de Tomar. Saiu mais um número (198), em 19 de Setembro de 1990, mas sem continuidade.

9 Tradicionalmente anual, publicou-se semanalmente entre 8 de Janeiro de 1990 e o n.º 53, de 7 de Janeiro de 1991.

10 Publicou-se de forma irregular, devido a ser gratuito, recolhendo pouca publicidade.

11 Iniciou uma 2.ª série, em 26 de Julho de 1991, mas seria número único. Voltaria a sair em 18 de Dezembro de 1992, suspendendo-se em 22 de Dezembro de 1993, aparecendo como suplemento desportivo do *Jornal A Voz de Torcena*.

<i>Semanário Desportivo</i> ¹²	4 Set. 1987 ao n.º 116, 25 Nov.-1 Dez. 1989	Lisboa	Semanal	João Querido Manha	SESD – Sociedade Editora de Semanário Desportivo, Lda.
<i>Lusitano Desportivo</i> ¹³	Set. 1987 ao n.º 82, 11-25 Abr. 1991	Lisboa	Mensal	João Leite	João Leite
<i>Desportivo do Algarve – Jornal Desportivo da Região Algarvia</i>	27 Nov. 1987 (único)	Faro	Mensal	Bernardino Martins (Queixinho)	PubliAlgarve
<i>A Beliza – Revista Desportiva</i> ¹⁴	27 Nov. 1987 ao n.º 2 (2.ª série), 7 Fev. 1988	Oeiras	Mensal	Graça Almeida	Graça Almeida e J.E. Ginja

A multiplicidade regional que marcou a imprensa desportiva generalista contrastou com a centralidade de Lisboa ao nível do jornalismo desportivo especializado. Entre 1985 e 1987 surgiram doze periódicos especializados, nove com sede na Capital, tendo os restantes três origem em cidades próximas: Oeiras (2) e Seixal. E em termos de temáticas, abrangeram desde os campos tradicionais (hípica, pesca, caça, futebol, patinagem, atletismo) a algumas áreas inovadoras (surf e triatlo), reflexo da mudança de mentalidade do meio desportivo português.

Uma parte destes novos títulos especializados teria uma vida editorial fugaz, como sucedeu às revistas *Cavalo Magazine*¹⁵ (Lisboa, 1985), *Hockey*¹⁶ (Lisboa, 1985), *Cinegética*¹⁷ (Oeiras, 1985) e *Xadrez*¹⁸ (Lisboa, 1987). Porém, em geral, as publicações especializadas conseguiram manter-se em actividade durante longos períodos, fruto de um meio desportivo e publicitário em fase de diversificação. Em 1985, o único novo jornal desportivo especializado a consolidar-se foi o *Notícias do Mar*, quinzenário de Lisboa que conciliava o noticiário sobre temáticas marítimas com uma alargada cobertura à pesca desportiva e aos desportos náuticos (canoagem, motonáutica, surf, vela ou windsurf) e subaquáticos. Dirigido por Antero Santos, manteve-se em

12 Semanário de qualidade (a 100\$00 e tiragem inicial de 30 mil exemplares), passaram pela direcção jornalistas importantes, como João Querido Manha, Moreira da Cruz e O. Dias Agudo. Paralelamente ao jornal, centrado no futebol, saía o *Semanário Desportivo Modalidades*, suplemento dedicado a várias modalidades.

13 Era um jornal desportivo virado para a comunidade portuguesa espalhada pelo Mundo.

14 Era uma revista (formato 24x17) distribuída gratuitamente nos campos de futebol, sendo muito irregular.

15 Com o subtítulo de «Revista Portuguesa de Cavalos e Cavaleiros», saíram cinco números bimestrais, entre Out.-Nov. 1985 e Ago.-Set. 1986, sob a direcção e propriedade de Nelson Fernandes.

16 Revista de patinagem, dirigida por Alves de Carvalho, saiu uma única vez, em Abril de 1985, ao preço de 125\$00.

17 Saiu um único número, em Out.-Nov. de 1985, desta revista de caça, propriedade de A.A. Cascales Rosado.

18 Revista mensal, teve duas edições, em Setembro e Outubro de 1987, sob a direcção de Luís Espírito Santo.

publicação regular entre 21 de Junho de 1985 e o século XXI¹⁹, caracterizando-se por um grafismo de qualidade e uma excelente fotografia.

Entre 1986 e 1987, sete outros periódicos desportivos especializados iniciaram actividade editorial com êxito. Logo em Janeiro de 1986 saiu o número zero do *Jornal Atletismo*, mensário dirigido por Alberto Correia (também proprietário), com sede no Seixal. Dedicado exclusivamente ao atletismo nacional e internacional, o periódico teve duas séries, suspendendo actividade na edição 21, de Janeiro de 1989.

Em Março de 1986 seria a vez de sair o número zero da revista bimestral *Triatlo*, distribuída gratuitamente, com 36 páginas exclusivas sobre as diversas vertentes do triatlo. Sob a propriedade e direcção de Paulo Cavaleiro, esta revista lisboeta deveu a paternidade a mais duas personalidades do mundo editorial português: Fernando Pires, chefe de Redacção do *Diário de Notícias*, e Colaço Cancela, director comercial da EPNC – Empresa Pública dos Jornais “Notícias” e “Capital”, em cujas oficinas gráficas (na Rua Rodrigues Faria, n.º 103, em Lisboa) era produzido. Apesar de ser uma modalidade desportiva ainda sem grande expressão em Portugal, com um reduzido número de praticantes, e por consequência de leitores, a revista *Triatlo* conseguiria manter-se em publicação, embora de forma irregular e com diferentes séries²⁰, até ao século XXI, assumindo-se durante esse trajecto, primeiramente, como órgão oficial da Associação Portuguesa de Triatlo, e depois como boletim da Federação de Triatlo de Portugal.

Além do *Jornal Atletismo* e da revista *Triatlo*, em 1986 surgiram mais três publicações especializadas, duas das quais centradas no motociclismo e outra nos desportos equestres. O campo dos desportos motorizados era o mais concorrencial em meados dos anos 1980, abundando publicações sobre motociclismo, como eram os casos do *Motor* (1963-1997) e *Motojornal* (1983-Século XXI). Seria precisamente ligada a uma destas publicações, à *Motojornal*, que saiu em 15 de Abril de 1986 o *Motosport – Jornal Mensal do Motociclismo*, partilhando ambas publicações a mesma direcção (João Ferreira

19 Último número consultado para esta pesquisa: Outubro de 2007 (n.º 265), ao preço de 1,75 euros.

20 Publicou dois números entre Março e Out.-Nov. de 1986, seguindo-se uma paragem. Regressou em inícios de 1988, com a 2.ª série, voltando a parar até 1994, altura em que voltou com a 3.ª, publicada até 1996. Em Janeiro de 1999 teria a 4.ª série, novamente de curta duração. E em Maio de 2002 lançaria um número anual, sem continuidade.

a director e Jorge Morgado a director-adjunto) e propriedade (Publimoto – Sociedade Editorial, Lda.). O *Motosport* seria um jornal (formato 42x30) totalmente dedicado ao motociclismo, publicando-se regularmente até ao número 55, de 24 de Novembro a 7 de Dezembro de 1988 (saía às quintas-feiras, de quinze em quinze dias), anunciando nessa altura a fusão com o *Motojornal*, de forma a este último poder sair semanalmente.

Semanal e centrado no motociclismo, alargando igualmente o interesse noticioso ao ciclismo, seria o periódico *Duas Rodas – Jornal de/para Especialistas*, cujo número zero saiu em 26 de Novembro de 1986, em Lisboa, sob a direcção de Carlos Barreiros. Ao longo dos anos seguintes seria uma das publicações de referência na área dos desportos de duas rodas, editando-se regularmente até ao número 414, de 16 de Novembro de 1994, altura em que anunciou a passagem a revista (mudou de formato: de 37x29 para 29x20), consumada em 23 de Novembro de 1994, com a saída do número um da *Duas Rodas – Revista de/para Especialistas* – apresentava a linha gráfica e editorial das revistas italianas *Motocross* e *Tuttomoto*, da espanhola *La Moto* e da francesa *Moto Verte*. Os elevados custos inerentes a uma revista desta qualidade, toda a cores (habitualmente 24 páginas), fariam com que os prejuízos se acumulassem, levando à sua suspensão em 14 de Outubro de 1997 (número 77). Igualmente de elevada qualidade gráfica seria a revista mensal *Equestre*, lançada em Outubro de 1986, ao preço de 275\$00, dedicada à equitação, aos cavalos e ao desporto equestre. Dirigida por Jorge Gouveia da Costa, e com sede em Lisboa, a revista teria 12 edições, terminando no número bimestral de Outubro-Novembro de 1990.

As grandes novidades editoriais do jornalismo desportivo especializado português seriam duas revistas dedicadas ao surf, em 1987 (ainda se encontrava em organização a Federação Portuguesa de Surf). Era uma modalidade com algum destaque noticioso no *Notícias do Mar*, aumentando de interesse com o surgimento, quase em simultâneo, da *Revista Surf Portugal* e da *Surf Magazine*²¹ – a primeira foi criada, em Lisboa, por um grupo de surfistas «que queriam pôr em revista as sensações que encontravam no

21 Revista bimestral, propriedade da Oceanus – Publicações e edições, com sede em Oeiras. Dirigida por Graça Afonso, com Isabel Vieira na chefia de Redacção, publicou-se entre 1987 e o século XXI.

mar»²² e a segunda, em Oeiras, por uma «apaixonada (Graça Afonso, directora), não praticante, que vê no surf uma atitude e forma de estar na vida positivas»²³. Ambas publicações conseguiriam manter-se em actividade até ao século XXI, apresentando, no entanto, linhas editoriais distintas: a *Revista Surf Portugal* dedicou-se exclusivamente ao surf, enquanto a *Surf Magazine* alargou o espaço noticioso a outras modalidades radicais (parapente, bodyboard, asa delta, mergulho, skate, bicross, entre outros).

A centralidade do surf nas páginas da *Revista Surf Portugal* fizeram desta publicação uma referência para o meio surfista português, apresentando inicialmente, em Julho-Agosto de 1987, na direcção o Dr. Alexandre Mascarenhas de Lemos e na edição Jorge Gouveia da Costa, e uma tiragem de 8 mil exemplares, ao preço de 250\$00. Daria importantes contributos para a organização federativa e estrutural do surf²⁴ português nos anos seguintes. E melhorou constantemente o aspecto gráfico (em 1992, sob a direcção de Henrique Balsemão e edição de João Valente, fez uma significativa remodelação, mudando o logótipo e o design), o que, em parte, lhe garantiu um público jovem e fiel até ao século XXI²⁵.

A evolução multifacetada do desporto português, embora sempre sob o espectro hegemónico e popular do futebol, determinou a continuação do surgimento de pequenos núcleos desportivos (como sucedeu no surf), centrados em modalidades até então marginais, mas que começavam a ter cada vez mais praticantes. Naturalmente, a criação de boletins informativos era uma das etapas essenciais para a divulgação de uma determinada associação desportiva, dedicada a uma dessas modalidades. Foi precisamente nessa linha que surgiram a *Tsuki*²⁶ (revista da Associação Portuguesa de Karaté-Do, criada

22 A Redacção (1993, Novembro-Dezembro). *Media. Surf Portugal*, p. 40.

23 *Idem*, *ibidem*.

24 Esta modalidade passou, no início dos anos 1990, a ser alvo de atenção mediática em vários meios: a Rádio Marginal iniciou o programa «Surf FM», dos irmãos Rui e Paulo Barreto, de Carcavelos; em Outubro de 1992 foi a vez do canal de televisão SIC colocar no ar o programa «Portugal Radical», primeiro programa do género na televisão portuguesa (a RTP imitaria o programa pouco depois, mas sem sucesso); os jornais *Público* (pela jornalista Berta Rodrigues) e *Expresso* também passaram a dar destaque ao surf.

25 Último número consultado para esta pesquisa: n.º 163, Agosto de 2006, vol. 20.

26 Publicou três edições, entre Junho de 1985 e Novembro de 1986, sob a direcção de R. Cerveira.

em Lisboa, em 1985), o *Boletim de Water-polo do CDUP*²⁷ (Porto, 1985) e o *Boletim do Centro Hípico de Braga*²⁸ (Braga, 1987).

Os clubes, principais entidades promotoras do desenvolvimento desportivo do País, mantiveram igualmente uma dinâmica editorial activa entre 1985 e 1987, surgindo vários órgãos clubistas: *O Boavista*²⁹ (Porto, 1985), *O Leixões*³⁰ (Matosinhos, 1985), *O Atleta*³¹ (Guarda, 1986) e o *Jornal do Sporting Clube de Pombal*³² (Pombal, 1986). Nesta altura, os três clubes portugueses mais populares conservavam os seus respectivos boletins: *O Benfica* (do SL Benfica, em publicação desde 1942), *Boletim do Sporting CP* (desde 1922, com diversas interrupções) e *O Porto* (do FC Porto, desde 1949). A este trio juntou-se a *Revista Dragões* em 25 de Abril de 1985, publicação mensal que complementava a acção informativa do quinzenário *O Porto*, partilhando ambas o mesmo director, Monteiro Pinho. Ao preço de 100\$00, a qualidade gráfica e informativa da *Revista Dragões* rapidamente suplantou *O Porto*, jornal que gradualmente foi perdendo interesse para os leitores afectos ao clube portuense, cessando actividade em 3 de Setembro de 1986, ao fim de 1.340 números, então dirigido por Luís Gonçalves, que acumulava a direcção da *Revista Dragões*, cuja tiragem aumentara para 20 mil exemplares – com o desaparecimento de *O Porto*, a revista assumiu-se como o órgão informativo do FC Porto, mantendo uma elevada qualidade gráfica e de informação clubista até ao século XXI³³.

Entre 1985 e 1987, para além destas duas linhas editoriais (uma ligada às modalidades menos populares e outra aos clubes, em especial de futebol) continuaram a surgir publicações periódicas cujo único fim era assinalar um determinado evento ou data comemorativa, como foram os casos do anuário

27 Boletim da visita a Berlim, para um torneio de pólo aquático, do Centro Desportivo Universitário do Porto (CDUP).

28 Coordenado por Bernardo Reis, saíram quatro números, entre Junho de 1987 e Dezembro de 1988.

29 Dirigido pelo académico Arnaldo Saraiva, era o boletim do Boavista FC, distinguindo-se pela originalidade das secções (e.g. «Os intelectuais e o Desporto») e a qualidade das colaborações (Álvaro Magalhães, Manuel A. Pina, Agustina Bessa-Luís), publicando-se entre Maio de 1985 e o n.º 70, de Outubro de 1992.

30 Quinzenário do Leixões Sport Clube, publicou onze edições, entre 28 de Novembro de 1985 e 1 de Maio de 1986.

31 Boletim do Núcleo de Atletismo da Guarda, publicou-se entre Fev.-Mar. de 1986 e Abril de 1990 (n.º 27).

32 Número único, lançado em Julho de 1986.

33 Último número consultado para esta pesquisa: n.º 194, de Junho de 2001.

*Fórmula 1*³⁴ (Lisboa, 1985), *Desportivíssimo*³⁵ (Funchal, 1986), *Maratona*³⁶ (Lisboa, 1986), *Mundial*³⁷ (Lisboa, 1986), *Rallyes e Velocidade*³⁸ (Lisboa, 1986) e *Rallies*³⁹ (Lisboa, 1987).

Numa outra vertente, a institucional, apareceram uma série de novas publicações ligadas a organismos oficiais, realçando-se a Direcção-Geral dos Desportos com as revistas *Desporto e Sociedade*⁴⁰ (Lisboa, 1985-1991) e *Portugal Desporto*⁴¹ (Lisboa, 1985) – juntamente com a revista *Treino Desportivo* (Lisboa, 1976) formavam «uma nova frente nas iniciativas desenvolvidas no âmbito da Secretaria de Estado dos Desportos.»⁴² Ainda em 1985, o Instituto Superior de Educação Física, da Universidade Técnica de Lisboa, avançaria com a revista *Motricidade Humana*⁴³, criada para a divulgação de trabalhos de cariz académico ligados ao desporto (e às Ciências da Motricidade Humana). E em 1987 foi a vez da Federação Portuguesa de Atletismo criar a revista *Atletismo – Cadernos Técnicos*⁴⁴ e da Câmara Municipal de Albufeira lançar, em Setembro, o boletim mensal *Desporto*⁴⁵, distribuído gratuitamente para divulgar as actividades desportivas do concelho.

34 Anuário de 1984-1985 dedicado à *Fórmula 1*, dirigido por Francisco Santos.

35 Anuário do desporto na Madeira, publicado em Setembro-Outubro de 1986.

36 Boletim oficial da Maratona de Portugal, publicado por ocasião da Maratona de Lisboa, em 28 de Outubro de 1986.

37 Duas edições especiais (em Maio e Agosto de 1986), dedicadas ao Campeonato do Mundo de Futebol de 1986.

38 Anuário dedicado ao mundo dos desportos motorizados, automobilismo e ralis.

39 Anuário sobre ralis, publicado entre 1987 e 1997.

40 Pretendia ser a continuação da revista *Antologia Desportiva*, publicada em 1977, mas agora dedicada a diferentes ramos do conhecimento que se dedicam ao desporto. Cada número centrava-se numa determinada temática, publicando-se entre 1985 e o n.º 131, de Janeiro de 1991.

41 Divulgar e promover iniciativas desportivas era a função desta revista, publicada entre Junho e Agosto de 1985.

42 Caiha, M. (1985, Junho). Um espaço aberto. *Portugal Desporto*, p. 1.

43 Último número da pesquisa: n.º 1, Janeiro-Junho de 1999, vol. 12.

44 Publicou-se a partir de Janeiro de 1987, numa vertente de divulgação da técnica em atletismo, virada para os treinadores, editando 24 números.

45 Com uma tiragem de 3 mil exemplares, saiu uma única vez, em Setembro de 1987.

CAPÍTULO 17

1988-1995: O paradigma da especialização

1. Predomínio dos periódicos especializados

A partir de 1988 e até 1995, a tendência evolutiva da imprensa periódica desportiva portuguesa centrou-se no campo dos periódicos especializados, despontando 57 novas publicações do género (34 das quais em Lisboa), de um total de 106 periódicos desportivos criados nesses oito anos. O segundo campo editorial mais fértil foi o dos órgãos clubistas e institucionais, com 33 novos títulos, ficando-se o concorrencial espaço do jornalismo generalista pelas 16 publicações, essencialmente de cariz regional (somente três tiveram origem na Capital e uma no Porto).

O crescimento da imprensa periódica especializada foi, em grande medida, consequência lógica do processo de diversificação a que se começava a assistir no meio desportivo português, ancestralmente confinado ao futebol. Algumas modalidades tradicionais continuaram a dominar a criação de novas publicações especializadas (ver Tabela 13), como foram os casos do automobilismo (6 periódicos) e da hípica (5). Entre as actividades desportivas editorialmente mais activas encontrava-se o golfe (5) e o bloco formado pelos desportos de aventura/todo-o-terreno (5), o que constituía uma novidade no panorama da informação desportiva especializada. Logo a seguir apareciam o motociclismo (4), vela/náutica (4), atletismo (3), pesca (3), artes marciais (2), basquetebol (2), futebol (2), ténis (2) e, com uma publicação cada, o andebol, badmington, bilhar, biografias desportivas, caça/pesca, caça, canoagem, ciclismo, karting, motocross, paintball, patinagem, rugby e xadrez/damas.

A centralidade do automobilismo prendia-se com diversas vertentes, principalmente com o tradicional interesse masculino pelos automóveis. Além disso, o meio publicitário automobilístico constituía uma atractiva fonte de rendimento para as publicações, potenciando o surgimento de projectos jornalísticos. No entanto, esta área de especialização apresentava uma forte concorrência, que entre 1988 e 1995 se consubstanciava no *Motor* (1963), *AutoSport* (1977), *Turbo* (1981) e *Volante*¹ (1971).

¹ Na semana de 12 a 18 de Janeiro de 1988 iniciou a 5.ª série, sob a direcção de Fernando Petronilho e propriedade da Ediauto Publicações, SA, com sede em Lisboa.

Tabela 13

Principais Áreas de Especialização Desportiva entre 1988 e 1995²

Área de especialização	Títulos	Edições	Sede	Periodicidade	Director	Propriedade
Automobilismo	<i>Automotor</i>	Jul. 1989 ao Século XXI ³	Lisboa	Mensal	Jorge Pego	Ferreira & Bento, Lda.
	<i>AutoHoje</i>	19 Nov. 1989 ao Século XXI ⁴	Lisboa	Semanal	João Ferreira	COSFER, Lda.
	<i>Perícia Magazine</i>	Jan. 1991 ao n.º 5, Jan.-Mar. 1992	Sacavém	Trimensal	Orlando Tomás	Orlando Tomás
	<i>AutoMais</i>	24 Jul. 1992 ao n.º 42, 14 Maio 1993	Lisboa	Semanal	António Morgado Bento	Ferreira & Bento, Lda.
	<i>AutoMagazine</i>	Jun. 1992 ao Século XXI	Lisboa	Mensal	Alfredo Lavrador	COSFER, Lda.
	<i>AutoEmoções</i>	Nov. 1993 ao n.º 7, Maio 1994	Lisboa	Mensal	Paulo Alexandre	J.F. Lázaro Russo
Golfe	<i>Golfe Magazine</i>	Jan.-Fev. 1988 ao n.º 4, Jul.-Ago. 1988	Lisboa	Bimestral	Filipe Mendes Quinto	Puing, Lda.
	<i>Algarve Golf</i>	Out.-Dez. 1988 ao n.º 17, Mar.-Jun. 1993	Portimão	Trimensal	Carl Hawker e Bruce Hawker	<i>Algarve Gazette</i> (Portimão, 1983)
	<i>Golf Europeu</i>	Jun.-Jul. 1990 ao n.º 48, Jul. 1999	Lisboa	Bimestral	António Carmona Santos	Publigolfe, Lda.
	<i>Notícias do Golf</i>	Dez. 1990 ao n.º 18, Set. 1992	Lisboa	Mensal	Pedro Nunes Pedro	Golf Consult
	<i>Algarve Golf & Leisure</i>	Jun.-Ago. 1993 ao n.º Primavera 1999	Portimão	Trimensal	Bruce Hawker	<i>Algarve Gazette</i> (Portimão, 1983)
Hípica	<i>Equus</i>	Jan.-Fev. 1988 (único)	Lisboa	Bimestral	Jorge Gouveia da Costa	Jorge Gouveia da Costa
	<i>Cavalo Revista</i>	Fev. 1991 ao Século XXI ⁵	Almada	Bimestral	José Mendonça	José Mendonça (editor)
	<i>Cavalos e Corridas</i>	Mar. 1995 ao n.º 14, Out. 1996	Porto	Mensal	Augusto Pereira	Peixoto & Almeida Pereira, Lda.
	<i>EquiSport</i>	Ago. 1995 ao Século XXI	Parede	Mensal	Maria Margarida Rosa Santos	Equinformação, Lda.
	<i>Equitação</i>	Nov.-Dez. 1995 ao Século XXI	Amora	Bimestral	F. Cancellata de Abreu	Invesporte, Lda.
Desportos de Aventura Todo-o-Terreno	<i>TT Revista de Todo-o-Terreno</i>	Mar. 1989 ao Século XXI	Paço de Arcos	Mensal	Carlos Alberto Nascimento	Carlos Alberto Nascimento
	<i>Aventura</i>	Nov. 1989 ao n.º 96, Out. 1999	Lisboa	Mensal	José Megre	Olmeba, Lda.
	<i>Em Forma</i>	Nov. 1990 ao n.º 17, Jul. 1992	Lisboa	Mensal	Mário Machado	DIS, Lda.
	<i>Bike Magazine</i>	Mai-Jun. 1994 ao Século XXI	Lisboa	Bimestral	Pedro Carvalho	Motor Press, Lda. (editor)
	<i>Desporto Aventura</i>	Dez. 1994-Jan. 1995 a Mar.-Abr. 1995	Lisboa	Bimestral	J.S. Viegas	INCITARE, Lda.

2 Os dados apresentados (director, periodicidade e propriedade) referem-se ao início das publicações.

3 Última edição consultada: n.º 209, Novembro de 2006 (contava na direcção com António de Sousa Pereira e propriedade do Grupo Cofina Media – SGPS, SA, apresentando o site www.automotor.pt).

4 Última edição consultada: n.º 806, 22 de Abril de 2005 (direcção de Sandro Meda e propriedade da Motorpress Lisboa, SA) – das 64 páginas, unicamente 6 eram dedicadas ao desporto automóvel, tendo um cariz comercial.

5 Na edição 54, de Dez. 2000-Jan. 2001, passou a publicar-se juntamente com a *Equisport*, num número duplo (46 páginas como *Cavalo Revista* e 38 como *Equisport*). O último número consultado foi o 85, de Julho-Agosto de 2007.

Para além destas quatro áreas de especialização – automobilismo, golfe, hípica e desportos de aventura/todo-o-terreno –, mais 24 modalidades desportivas contaram com os seus respectivos periódicos especializados, num total de 36 publicações. O motociclismo e o binómio vela/náutica foram duas modalidades editorialmente muito activas. Relativamente à primeira, desde 1983 que a grande referência editorial era a revista *Motojornal*, porém a partir de Maio de 1991 passou a contar com a concorrência da revista mensal *Motociclismo*, primeira publicação portuguesa de motos inteiramente a cores, dirigida por Vítor Sousa (com João Ferreira a editor) e editada pela Motorpress, Sociedade Editora, Lda, com sede em Lisboa. Além das secções ligadas ao comércio, à indústria, à apresentação de novos modelos e aos ensaios, o desporto era um dos temas em destaque na *Motociclismo*, realçando-se igualmente as campanhas a favor da prevenção e segurança rodoviárias, mantendo a edição regular, com sucesso (em Dezembro de 1994 atingiu os 30 mil exemplares de circulação) até ao século XXI (no número 121, de Maio de 2001, comemorou o 10.º aniversário). Menos êxito teria a revista semanal *Motosprint*, lançada em Lisboa pela empresa proprietária da *Motociclismo*, em 31 de Janeiro de 1995. Pretendia ser uma «alternativa às publicações já existentes», como explicou o director Vítor Sousa, no editorial «Desafio semanal», no primeiro número da *Motosprint*, mas «alguns erros de concepção e as limitações de um mercado na generalidade pobre»⁶ ditaram a suspensão da publicação ao fim de 30 números⁷, em 22 de Agosto de 1995 – a mesma efemeridade editorial afectaria o anuário *Moto* (Lisboa, 1988) e a revista mensal *Moto Guia*⁸ (Lisboa, 1994).

Quanto ao binómio vela/náutica, a primeira tentativa editorial neste período foi a revista trimestral *Vela Magazine*, cujo primeiro número saiu, em Lisboa, no trimestre Julho-Agosto-Setembro de 1989, ao preço de 300\$00, e com o patrocínio da Federação Portuguesa de Vela. Dirigida por José António Penaforte e Costa, com Patrícia Roman na chefia de Redacção e propriedade da empresa Puing – Publicidade e Marketing, Lda., a *Vela Magazine* teve unicamente duas edições, suspendendo-se após o número dois, de Outubro-Novembro-Dezembro de 1989. Editorialmente estável e com uma linha

6 A Redacção (2001, Maio). Uma década de Motociclismo. *Motociclismo*, p. 6.

7 Saiu mais um número, anual, em 1999, sob a direcção de João Ferreira, de apenas quatro páginas.

8 Com um cariz mais comercial que desportivo, saíram oito edições, entre Julho de 1994 e Fev.-Mar. 1995, sob a direcção e propriedade de João Fernando Lázaro Russo, e com uma tiragem de 40 mil exemplares.

doutrinal mais acentuada seria a revista *Vela & Náutica*, publicada a partir de Março de 1990, em Lisboa, ao preço de 150\$00. No «Editorial» do número inaugural, o director Francisco Ramada afirmava a necessidade de «transformar a vela e os desportos náuticos num grande projecto nacional, que faça jus à grande herança que o nosso passado de marinheiros nos legou». Dotada de um excelente grafismo e qualidade fotográfica, a *Vela & Náutica* teria tiragens médias de 15 mil exemplares, publicando-se regularmente até à edição 79, de Janeiro-Fevereiro de 1997, custando então 680\$00 e tendo na direcção Francisco Diniz.

Durante os anos 1990, a principal concorrente da *Vela & Náutica* foi a revista mensal *Mundo Náutico*, publicada pela primeira vez em Dezembro de 1992, ao preço de 600\$00 e com uma tiragem de 20 mil exemplares. Propriedade da Publimoto, Lda, com sede em Lisboa, a revista era dirigida por Jorge Morgado e apresentou-se com 132 páginas, em papel couché a cores, e com um alargado noticiário desportivo (vela, mergulho, canoagem, entre outras modalidades). Nos anos seguintes, a *Mundo Náutico* foi-se gradualmente impondo, apresentando em finais de 1994 uma circulação média, por edição, de 15 mil exemplares, apostando em 1995 em campanhas de divulgação na rádio RFM, na revista *Fórum Estudante* e no *Motojornal*. Mas, após a edição 29, de Março/Abril de 1996, suspenderia a primeira série (a qual incluiu a publicação, em 1996, de uma edição especial, de 84 páginas, com o título *Caça Submarina*), retomando a actividade editorial no ano seguinte (a 2.ª série, sob a direcção de Rui Pedro Costa, entraria no século XXI⁹).

Uma outra modalidade que cativava os portugueses era o atletismo, cujo espaço informativo era ocupado, desde 1981, pela *Revista de Atletismo*. Entre 1988 e 1995 saíram mais três publicações dedicadas a esta temática, mas de fraca qualidade gráfica e duração fugaz: *Jornal da Corrida*¹⁰ (Lisboa, 1988), *Atletismo Magazine*¹¹ (Amadora, 1988) e *Jornal do Atletismo*¹² (Horta, 1993).

A área da pesca produziu igualmente três periódicos especializados, dois dos quais de efémera edição: *O Pescador/The Fisherman*¹³ (Portimão,

9 Última edição consultada para esta pesquisa: n.º 52, Nov.-Dez. 2006, 3.ª série.

10 Com propriedade e direcção de António Campos, saiu por seis vezes, entre Novembro de 1988 e Abril de 1989.

11 Fundado e dirigido por Carlos Costa, publicou 19 edições, entre 7 de Outubro de 1988 e Setembro de 1990.

12 Editado pelo Clube Independente de Atletismo Ilha Azul, teve duas edições, em Outubro e Novembro de 1993.

13 Revista bilingue (português e inglês), sob a propriedade e direcção de Michael Roche, saiu por duas vezes, em Dez.-Jan.-Fev. 1994-1995 e Abr.-Maio-Jun. 1995, dedicada sobretudo à pesca no Algarve.

1994) e Pesca Mais¹⁴ (Porto, 1995). A referência editorial seria a revista trimestral *Linha na Água*, cujo número zero, de apresentação, saiu em Janeiro/Fevereiro/Março de 1992, dirigida por Carlos Negrão e Ana Maria Borges, propriedade da empresa Compacto Produções, Lda., com sede no Porto. Promover e divulgar a pesca desportiva era o principal objectivo da revista, que teria três séries distintas ao longo da década de 1990, caracterizando-se pela excelência do grafismo e a diversidade editorial.

A centralidade temática do futebol na imprensa desportiva generalista (ocupando cerca de 80 por cento das edições dos jornais de referência) praticamente excluiu a necessidade de existirem periódicos especializados nessa área – as únicas duas publicações, com o futebol como tema de fundo, foram a revista *Pleno 1X2*¹⁵ (Lisboa, 1990) e o jornal *Girabola*¹⁶ (Porto, 1993), ambas sem continuidade nem grande interesse informativo.

Ao invés do futebol, permanentemente dissecado nos periódicos generalistas, o basquetebol continuava a ser uma modalidade secundária nos jornais generalistas, principalmente o basquetebol português, uma vez que o campeonato profissional norte-americano (NBA) absorvia muita atenção por parte dos *media* portugueses. De forma a promover a modalidade, sobretudo o basquetebol nacional, arrancaria a *Basquetebol Revista*¹⁷ (Lisboa, 1992) e o *Bombasket – O Jornal do Basquetebol Português*¹⁸ (Barreiro, 1994), ambas de elevada qualidade gráfica e linhas editoriais dinâmicas, mas de curta duração devido à instabilidade do meio publicitário e editorial à volta do basquetebol.

Mais estável seria, por seu turno, o ténis, que pela acção de João Lagos (na direcção e propriedade, através da Sotenis, Lda.) viu surgir a revista bimestral *Ténis Europeu*, apresentada em Abril/Maio de 1991, em Lisboa, com 108 páginas (22 de publicidade) de excelente qualidade gráfica, em papel couché (formato 28x21). A revista pretendia dar continuidade ao «percurso

14 Jornal de pesca desportiva, saiu uma vez, em Jan.-Fev.-Mar. 1995, dirigido por Carlos Negrão e Ana Maria Borges.

15 Dirigida por Vieira de Jesus e propriedade do Clube de Apostadores 'Pleno 1X2', publicou 23 números, entre 8 de Maio e 9 de Outubro de 1990, tendo no futebol um dos temas centrais devido às apostas no Totobola.

16 Distribuído gratuitamente nos campos de futebol (50 mil exemplares), era um jornal de citações futebolísticas, saindo por três vezes, entre finais de 1993 e Fevereiro de 1994, sob a direcção de Carlos Barreto-Ramos.

17 Revista mensal de boa qualidade gráfica, dirigida por José Curado, publicou 19 números, entre Agosto de 1992 e Dezembro de 1994 (nesta altura estava na direcção Luís de Freitas, cabendo a edição à Sogapal, Lda.).

18 Mensário dirigido por António Lopes, teve sete edições, entre Fevereiro de 1994 e Abril de 1995, fazendo acompanhar a edição normal com um suplemento sobre o basquetebol regional.

trilhado pelo *Jornal do Ténis* enquanto revista»¹⁹ (o jornal retomara o formato original), tentando «impor-se como uma das mais prestigiadas publicações europeias da especialidade»²⁰, o que viria a suceder ao longo da década de 1990²¹. De cariz mais nacional e institucional (era patrocinada pela Federação Portuguesa de Ténis) seria a revista *Ténis Portugal*, dirigida por Luís Marçal Grilo e propriedade da empresa Puing – Publicidade e Marketing, Lda., com sede em Lisboa. Lançada no trimestre Julho/Agosto/Setembro de 1989, numa tiragem de 10 mil exemplares, faria somente mais duas edições, suspendendo-se após o número de Janeiro/Fevereiro/Março de 1990.

A «invasão do mercado nacional pelas publicações periódicas»²² abrangeu também novas modalidades, algumas ainda em fase embrionária, como era o caso das artes marciais, enquadrando-se, nesse âmbito, o surgimento das revistas *Kiai*²³ (Porto, 1989) e *Yamagushi* (Lisboa, 1992-1995). Neste mesmo perfil editorial de novidade iriam aparecer a revista *Mundo do Badminton*²⁴ (Lisboa, 1989), *ABC Canoagem*²⁵ (Sernancelhe, 1992), *Jornal do Paintball*²⁶ (Lisboa, 1993-1996), *Motocross Magazine TT*²⁷ (Coimbra, 1994) e *Slick – Karting e Fórmulas*²⁸ (Porto, 1995). E em linhas temáticas mais tradicionais apareceram a *Patinar – Revista de Patinagem*²⁹ (Porto, 1988), *Calatrava Avis – Caça e Pesca*³⁰ (Lisboa, 1990), *Calibre 12 – Revista do Caçador Português*³¹ (Lisboa, 1991), *Meio-Jogo – Revista de Damas e*

19 Lagos, J. (1991, Abril/Maio). Mais e melhor. *Ténis Europeu*, p. 4.

20 Idem, *ibidem*.

21 Última edição analisada: n.º 43, Julho de 1999 (dirigida por João Lagos, ao preço de 2,99 euros).

22 Freitas, F. (1989, Outubro). Editorial. *Kiai*, p. 4.

23 Revista trimestral de Karaté, saiu um único número, em Outubro de 1989, sob a direcção de José Ramos.

24 Dirigida por Ana Cunha, tinha um cariz trimestral e uma tiragem de 3 mil exemplares.

25 Criada pela Associação dos Desportos Náuticos de Sernancelhe, era trimestral e saiu em Agosto/Outubro de 1992.

26 Propriedade da empresa Estratego, Lda., sob a direcção de António Simões Correia, tinha uma tiragem inicial de mil exemplares, sendo dedicada a promover o paintball em Portugal. Terminou no n.º 10, de Dez. 1995/Jan. 1996.

27 Dedicada ao motocross e ao todo-o-terreno, saiu duas vezes, em Dezembro de 1994 e Fevereiro de 1995.

28 Propriedade da Novedite, Lda., com direcção de Marco Barbosa, era uma revista trimestral dedicada ao karting, saindo em três ocasiões entre 1995 e 1996, com uma tiragem média de 4 mil exemplares.

29 Criada pelos irmãos Craveiro (António Manuel, António Carlos e António Pedro), patinadores, destinava-se a promover o hóquei em patins e a patinagem artística, apresentando uma fraca qualidade nos dois números publicados.

30 Revista de elevada qualidade gráfica e editorial, sob a direcção de Sá Lopes da Silva (co-proprietário, juntamente com José Filipe da Cunha), publicou 12 edições, entre Dezembro de 1990 e Junho de 1994.

31 Lançada em Outubro de 1991 (30 mil exemplares, ao preço de 400\$00), era propriedade da ABZ Internacional, Lda., sendo dirigida por João Capristano. Especializada em caça, conciliava um grafismo interessante com uma alargada linha editorial, publicando-se até ao século XXI (última edição analisada: n.º 181, Outubro de 2006).

*Xadrez*³² (Lisboa, 1991), *Bilhar*³³ (Lisboa, 1993), *Ciclismo*³⁴ (Lisboa, 1993), *Rugby Magazine*³⁵ (Lisboa, 1993), *Biografias*³⁶ (Lisboa, 1995) e *Andebol Revista*³⁷ (Cacém, 1995).

2. Proliferação regional da imprensa desportiva generalista

A contrastar com a expansão da imprensa desportiva especializada esteve o parco crescimento, em termos de novos periódicos, da imprensa generalista. A consolidação do mercado da imprensa desportiva generalista em quatro títulos (*A Bola*, *Gazeta dos Desportos*, *Record* e *O Jogo*) fez com que, entre 1988 e 1995, tivessem aparecido poucos projectos jornalísticos com este cariz informativo (somente 16 periódicos, 13 dos quais de índole regionalista).

As únicas novas publicações a tentarem apresentar uma dimensão informativa nacional foram o *Mundo Desportivo* (Lisboa, 1989) e *Golo* (Lisboa, 1992), tendo ambos entrado no segmento dos semanários desportivos (o *Golo* numa linha mais ilustrada), terminando, no entanto, ao fim de alguns meses em actividade. O *Mundo Desportivo*, dirigido por José Manuel Teixeira, saiu pela primeira vez em 2 de Agosto de 1989, numa edição de 40 páginas, centrada no futebol português e ao preço de 100\$00. A hegemonia noticiosa do futebol manteve-se ao longo das 20 edições seguintes, suspendendo-se após o polémico número 21, de 20 de Dezembro de 1989, em cuja capa foram publicadas imagens eróticas relativas ao escândalo sexual que envolvia o arquitecto Tomás Taveira. Quanto ao semanário *Golo*, estreou-se na semana de 15 a 21 de Fevereiro de 1992, sob a direcção, edição e propriedade de Jacques Rodrigues. Com redacção em Lisboa e no Porto, o novo semanário de 180\$00 tinha como lema «servir o Desporto e dignificar o Jornalismo»³⁸, centralizando a informação no futebol nacional e internacional, dando também

32 Revista trimestral, com direcção de Luís Costa, saiu uma vez, no 4.º trimestre de 1991.

33 Dedicada ao bilhar desportivo em Portugal, publicou oito números, entre Outubro de 1993 e Maio de 1996.

34 Dirigida por Artur Lopes, promovia as diferentes áreas do desporto velocipédico, publicando-se de forma irregular entre 1993 e 1998, sob a alçada da União Velocipédica Portuguesa e da Federação Portuguesa de Ciclismo.

35 Com o objectivo de relançar o rugby em Portugal, saíram 15 números, entre Abril de 1993 e Maio de 1998, sob a direcção de Luís Claro e com o apoio da Federação Portuguesa de Rugby.

36 Revista especializada em biografar jogadores de futebol, iniciou actividade em Março de 1995 com uma biografia do benfiquista João Vieira Pinto, terminando em Setembro de 1995, sendo dirigida por João Loureiro.

37 Com o objectivo de promover o andebol, era bimestral e tinha uma tiragem média de 5 mil exemplares, publicando cinco números em 1995, sob a direcção de Carlos Cruz, Carlos Garcia e José Tomaz, propriedade da Diversport, Lda.

38 Rodrigues, J. (1992, 15-21 de Fevereiro). A explosão da sua emoção. *Golo*, p. 7.

realce ao automobilismo, através do suplemento *AutoJornal*. Apesar da sua qualidade gráfica e fotográfica, o *Golo* acabou por terminar na edição 30, de 4 a 10 de Setembro de 1992.

O ano de 1992 ficaria ainda marcado pelo aparecimento da *Revista Desporto no Mundo*, apresentada em Janeiro, em Lisboa, constituindo uma novidade por ser uma publicação desportiva generalista totalmente concebida por mulheres³⁹, cabendo a direcção e propriedade a Maria Eduarda Damásio. Ao longo das 32 páginas inaugurais, a revista relacionava uma série de temas (saúde, cultura, economia, política, informação) com o desporto, utilizando um enfoque feminino – embora a revista fosse original, num meio tradicionalmente masculino, não passaria do número inaugural.

Entre 1988 e 1995 apareceram mais 13 novos periódicos desportivos de índole noticiosa generalista, mas com um noticiário centrado nas actividades desportivas de uma determinada cidade e/ou região. Cada um desses títulos partilhava o objectivo de contribuir para o desenvolvimento do desporto local e para a consolidação regional da informação desportiva, como sucedeu com o *Desporto*⁴⁰ (Macau, 1989), *Central – Semanário desportivo*⁴¹ (Santa Maria da Feira, 1989), *Regional Desportivo – Semanário Regional de Informação Desportiva*⁴² (Pombal, 1990), *Setúbal Desportivo*⁴³ (Setúbal, 1991-1995), *Desportivo de Guimarães*⁴⁴ (Guimarães, 1992-Século XXI), *O Desporto Madeira*⁴⁵ (Funchal, 1992-1995), *SportLoures*⁴⁶ (Sacavém, 1993-1994),

39 A relação entre a mulher e o jornalismo desportivo foi alvo de uma exposição em 2007 no Museu Nacional do Desporto (no Instituto do Desporto de Portugal, em Lisboa), publicando o catálogo «A Mulher na Imprensa Desportiva».

40 Mensário bilingue (português-chinês) de Macau, dirigido por José Babaroca e dedicado ao desporto em Macau, publicou-se entre Fevereiro de 1989 e Setembro de 1990, num total de 20 números.

41 Com o subtítulo «O desporto aveirense é a nossa aposta», era dirigido por Carlos Fontes e teve cinco edições, entre 28 de Outubro e 1 de Dezembro de 1989.

42 Sob a direcção de Carlos Serra, dedicava-se ao desporto no distrito de Leiria, publicando 36 números, entre 13 de Fevereiro e 27 de Novembro de 1990.

43 Semanário dirigido por Luciano Rocha, centrado no futebol e nos clubes de Setúbal, publicou-se entre 17-23 de Abril de 1991 e o n.º 200, de 22-28 de Fevereiro de 1995.

44 Dedicado ao desporto em Guimarães, em especial ao futebol, surgiu em 31 de Janeiro de 1992, sob a direcção de Amadeu Portilha, ao preço de 70\$00. No primeiro ano teria vendas médias de 1.500 exemplares, contando com 708 assinantes em Guimarães, 156 noutros concelhos e 125 no estrangeiro, vendendo em 1992 um total de 70.320 exemplares (cf. edição 51, de 3 de Fevereiro de 1993). Conseguiria consolidar-se nos hábitos de leitura locais, chegando ao século XXI (última edição analisada: n.º 731, 28 de Março a 3 de Abril de 2006, direcção de Abel Sousa).

45 Semanário dedicado ao desporto madeirense, saiu em 25-31 de Julho de 1992, com Carlos Aguiar na direcção, tendo-se publicado até ao n.º 127, de 30 de Dezembro de 1994 a 5 de Janeiro de 1995.

46 Com o subtítulo de «Semanário desportivo do concelho de Loures» (especialmente dedicado ao futebol), saiu em 13 de Outubro de 1993, sob a direcção de Humberto Matos, publicando-se até ao n.º 35, de 27 de Julho de 1994.

*Tribuna Desportiva*⁴⁷ (Covilhã, 1994-Século XXI), *O Ás – Jornal Desportivo* (Alentejo, 1994), *O Remate*⁴⁸ (Tomar, 1994-1998), *Topo Sul*⁴⁹ (Castro Verde, 1994-1999), *Alentejo Desportivo*⁵⁰ (Évora, 1995) e *O Portuense*⁵¹ (Porto, 1995-1996).

3. Consolidação definitiva de uma imprensa desportiva diária

Entre o final da década de 1980 e meados dos anos 1990 assistiu-se a uma redefinição do panorama da imprensa desportiva generalista. Mas para se entender essa trajectória geral de reajustamento, é essencial olhar para o percurso individual das quatro publicações que dominavam o cenário informativo desportivo português.

O jornal *A Bola*, após alguma instabilidade vivida nos anos 1970, reforçaria nos anos 1980 a liderança nas vendas de periódicos desportivos em Portugal – para esse êxito contribuiu a dinâmica editorial dos anos 1980 e 1990, com o aparecimento dos *Cadernos de A Bola*, *A Bola Magazine* ou *A Bola de Domingo* –, posição que realçou em 1990, pelo 45.º aniversário: «Passado um período de implantação, que se terá estendido até ao início dos anos sessenta, “A Bola” arrancou, então, para uma fase de fulgor e pujança, posicionando-se, reconhecidamente, como o primeiro jornal da especialidade, como um dos maiores órgãos da Imprensa portuguesa»⁵². Nessa altura, *A Bola* apresentava uma periodicidade quadrissemanal, acrescentando o domingo aos seus três dias de publicação tradicionais (segunda-feira, quinta-feira e sábado). Naturalmente, dada a boa receptividade do público, o jornal começou a ponderar a passagem a diário, o que consumou por altura do 50.º aniversário,

47 Lançado em 29 de Março de 1994, dedicado ao desporto na Beira Interior, este semanário foi fundado por Pedro Martins (director) e manteve-se em actividade até ao século XXI (em 2 de Abril de 2004 comemorou o 10.º aniversário).

48 Com o subtítulo inicial de «Semanaário Regional de Informação Desportiva», os primeiros 4 mil exemplares saíram em 9 de Novembro de 1994, ao preço de 100\$00 e direcção de Pedro Marques (substituído em 1995 por Luis Boavida). Dedicado ao desporto ribatejano, publicou 213 números, até 29 de Dezembro de 1998.

49 Centrado no distrito de Beja, este semanário saiu pela primeira vez em 1-7 de Junho de 1994, sob a direcção de António José Brito e propriedade da JOTA CBS, Lda. Com um jornalismo de proximidade, dando destaque ao futebol regional, publicou-se até 30 de Novembro de 1999 (n.º 278, ano V).

50 Dedicado ao desporto alentejano, este semanário surgiu em 16 de Agosto de 1995, dirigido por Fernando Emilio e propriedade da Imenso Sul – Sociedade de Jornalistas do Alentejo, Lda. Suspendeu actividade em 5 de Dezembro de 1995 (n.º 3, 2.ª série), altura em que era dirigido por Paulo Nobre, apresentando um noticiário mais eclético.

51 Semanário dedicado ao desporto no distrito do Porto, saiu em 31 de Março de 1995, com a direcção de Filipe Bastos e propriedade da Prece, Lda. Suspendeu actividade cerca de um ano depois, em 3 de Maio de 1996 (n.º 57).

52 A Redacção. (1990, 29 de Janeiro). 45 anos. *A Bola*, p. 1.

em 1995. Essa data simbólica foi igualmente aproveitada para uma introspecção sobre a identidade do jornal, sendo definida por Alfredo Farinha, um dos seus mais conceituados jornalistas, da seguinte forma: «“Cartilha Maternal” para uns, “Bíblia do Desporto” para muitos, “Monstro Sagrado” da Imprensa portuguesa para todos, com centenas de milhões de exemplares já vendidos em todo o mundo, chega “A Bola” aos 50 anos em toda a pujança do seu prestígio, da sua força económica, da sua expansão económica, das suas potencialidades técnicas, servida, como sempre, por um núcleo de profissionais extraordinariamente competentes e considerados»⁵³. Por seu lado, o director Vítor Serpa sublinhou o facto de *A Bola* ter sido «capaz de se renovar e de inovar. Um jornal que lhe apetece o amanhã e que não vive do passado senão nas firmes referências daqueles que o construíram e nos construíram.»⁵⁴ E mais uma vez destacava o papel fundamental de um elemento: «O leitor tem sido, ao longo destes 50 anos, a razão primeira.»⁵⁵

Aproveitando esse momento simbólico do 50.º aniversário, *A Bola* publicaria o último exemplar em formato grande (60x42) e com a periodicidade de quadrissemanário em 9 de Fevereiro de 1995, explicando no editorial as razões da mudança para diário: «O quadrissemanário tinha cumprido a sua função. Quatro vezes por semana assinalávamos tudo o que de mais importante se passava em Portugal e no Mundo, na cada vez mais ampla área desportiva. Começava a sentir-se que nos faltavam dias. “A Bola” passa a diário na certeza de que só assim poderá continuar a servir, ao mesmo nível de sempre, o interesse do seu público, e por esse mesmo público, razão essencial da vida do próprio jornal, assumimos ainda a coragem de romper com a velha tradição do formato. “A Bola” limita-se a assumir a evolução de há muito desejada pelos seus leitores.»⁵⁶ No dia seguinte surgia o primeiro número de *A Bola* como diário desportivo, num novo formato (40x28). E o director Vítor Serpa escrevia o seguinte: «Hoje é um dia histórico para a imprensa portuguesa. A partir de hoje “A Bola”, o maior jornal português, passa a diário. O leitor tem, pois, nas mãos, um jornal histórico. Mais moderno, mais prático, um jornal de outra dimensão, numa entrada imediata, a cinco anos de

53 Farinha, A. (1995, 30 de Janeiro). A “Bíblia do Desporto”. *Público*, p. 4.

54 Serpa, S. (1995, 29 de Janeiro). Aniversário 50. *A Bola*, p. 1.

55 Idem, *ibidem*.

56 Serpa, V. (1995, 9 de Fevereiro). Editorial. *A Bola*, p. 1.

distância, nos anos 2000. Esta é a sua nova “Bola”, mas, também, a sua “Bola” de sempre. “A Bola” de todos os desportos e de todos os tempos»⁵⁷.

O principal concorrente de *A Bola* continuou a ser o jornal *Record*, que em Novembro de 1989 chegou ao 40.º aniversário, isto num ano em que bateu «todos os recordes, com cerca de 140.000 exemplares de tiragens durante o mês de Agosto e uma tiragem média que se cifra em 114.318 exemplares por edição!»⁵⁸. Durante a década de 1990, o *Record* manteve a tendência de crescimento das vendas, adoptando a cor na primeira página e reforçando as iniciativas paralelas ao corpo principal do jornal, como sucedeu com a *Edição Especial* sobre o Campeonato do Mundo de Futebol de 1990. A partir de 19 de Agosto de 1991, apostou numa quarta edição semanal (à segunda feira), alterando no Verão seguinte o formato, adoptando o padrão universal do tablóide (40x28). E as edições de domingo aumentaram para as 40 páginas, reforçadas com o suplemento *Record/Domingo* – no início da época estival fora lançada a *Revista/Record*, dedicada a fazer o balanço da época 1991/1992. Em 2 de Fevereiro de 1995, perante o anúncio da passagem a diário de *A Bola* a partir do dia 10, o *Record* passou a sair cinco dias por semana, acrescentando a quinta-feira. E na mesma altura anunciava a passagem a diário, a partir de 1 de Março. Sobre esta nova etapa, o director Rui Cartaxana diria o seguinte: «A partir de hoje entramos no ritmo sem pausas, no ciclo “infernal” do quotidiano, dispostos, como sempre, a oferecer aos nossos leitores um jornal cada vez melhor, mais vivo e mais presente nas múltiplas e cada vez mais complexas actividades daquilo que hoje se entende, e constitui, este fenómeno e este mundo sem fronteiras do desporto.»⁵⁹ O balanço final do ano de 1995 seria positivo, apresentando uma circulação média por edição de 103.518 exemplares⁶⁰ e uma audiência diária acima dos 500 mil leitores.

Os trajectos de sucesso editorial do *Record* e *A Bola*, consumados na passagem a diários em 1995, contrastaram com as dificuldades com que se debateu *O Jogo* no final dos anos 1980 e durante a primeira metade da década de 1990. Referência do jornalismo desportivo no Norte de Portugal, em Fevereiro de 1990, numa operação de charme e de forma a ganhar notoriedade no Porto, mudou a sede da Rua Gonçalo Cristóvão, n.º 195-219,

57 Serpa, V. (1995, 10 de Fevereiro). *A Bola de todos os dias. A Bola*, p. 1.

58 Cartaxana, R. (1989, 26 de Novembro). 40 anos depois vem aí o futuro. *Record* (Suplemento Especial), p. 3.

59 Cartaxana, R. (1995, 1 de Março). Diário. *Record*, p. 2.

60 Fonte: APCT, referente ao ano de 1995 (Janeiro a Dezembro).

onde sempre tinha estado (sede do *Jornal de Notícias*), para a movimentada Rua de Santa Catarina, n.º 675. Mas as vendas continuaram reduzidas, tendo em 1991 uma circulação média paga por edição de 14.557 exemplares, subindo ligeiramente em 1992 para os 15.222 exemplares⁶¹.

A acumulação de prejuízos levou o proprietário, a Empresa do Jornal de Notícias, a reduzir a periodicidade de *O Jogo*, passando de diário a trissemanário (segundas, quintas-feiras e sábados) a partir de 30 de Junho de 1992, o que desagradou à direcção e corpo redactorial do periódico desportivo, resultando na saída do director Serafim Ferreira, substituído em inícios de Julho por Alfredo Barbosa. Em 9 de Julho de 1992, o novo director definiu o rumo a tomar: «É um trissemanário que está a nascer. Com novo vigor e necessariamente outro estilo. É tempo de fazer história do desporto de maneira diferente, privilegiando – ainda e sempre – os grandes acontecimentos nacionais e internacionais, mas agora com um tratamento que pode ser mais elaborado»⁶² – Alfredo Barbosa viria, em Fevereiro de 1994, a ser substituído no cargo por Rogério Gomes, que assumiu a função de director interino. E em Abril de 1994, *O Jogo* enveredou por um novo caminho editorial, mudando, num só mês, de proprietário, sede, projecto e dias de publicação. A Empresa Jornal de Notícias decidiu vender *O Jogo* à empresa Jornalinveste Comunicação, mudando a Redacção para a nova sede, na Rua Gil Vicente, n.º 129. O novo proprietário apostou também num projecto que pretendia, essencialmente, redimensionar o jornal a nível nacional, tentando apagar o cunho regionalista que lhe era atribuído, fazendo de *O Jogo* um jornal nacional, sediado no Porto. Mas para que o projecto tivesse sustentabilidade editorial precisava de um reforço financeiro, tendo a Jornalinveste, dirigida por Joaquim Oliveira, investido cerca de 1,5 milhões de euros no robustecimento da estrutura redactorial do jornal, que passou a ser dirigido por Manuel Tavares.

A alteração definitiva de toda a estrutura de *O Jogo* aconteceu a partir de 27 de Abril de 1994, surgindo nesse dia com um novo logótipo e linha gráfica, tentando afirmá-lo como «um produto inovador no panorama dos jornais desportivos nacionais.»⁶³ Nesta linha de inovação, lançaria duas edições a partir de Julho, uma destinada à região Norte (Edição Porto) e outra

61 Fonte: APCT.

62 Barbosa, A. (1992, 9 de Julho). Virar de página. *O Jogo*, p. 2.

63 A Direcção. (1994, 25 de Abril). Até quarta-feira. *O Jogo*, p. 1.

à região Sul (Edição Lisboa), alterando sobretudo a primeira página – entre Abril e Maio de 1994 as vendas subiram de 15.910 para 32.838 exemplares, atingindo em Agosto vendas médias de 44.579 exemplares por edição. Face a este crescimento da circulação paga do jornal, a administração da Jornalinveste e a direcção de *O Jogo* avançaram em Dezembro de 1994 para uma periodicidade diária, de segunda a sexta-feira, correspondendo às expectativas dos leitores, cada vez mais ávidos da actualidade noticiosa desportiva. E a partir de 9 de Setembro de 1995, passou também a estar nas bancas aos fins-de-semana, aproveitando a data para lançar uma revista semanal, aos sábados, com o título *O Jogo das Estrelas*, com 48 páginas totalmente a cores.

O reforço editorial de *O Jogo*, a popularidade de *A Bola* e o crescimento do *Record* fizeram com que o quarto periódico desportivo generalista, a *Gazeta dos Desportos*, fosse vítima desse mesmo processo concorrencial. Em Julho de 1995, na sequência da passagem a diários dos concorrentes, a *Gazeta dos Desportos* adoptou também, a partir do dia 24, uma periodicidade diária (de segunda a sexta-feira), um novo cabeçalho e formato (60x37). Mas a instabilidade editorial vivida em 1995 (começou o ano com Francisco José Viegas na direcção, substituído interinamente por Mário Pereira, por sua vez trocado por Vítor Galvão Correia, que daria o lugar a Alberto Ribeiro Soares) e a acumulação de prejuízos (em Dezembro de 1995 apresentava uma tiragem média de 39.810 exemplares) fizeram com que a *Gazeta dos Desportos* suspendesse a publicação em 7 de Dezembro de 1995, após 2.385 números, levando a que o mercado dos jornais desportivos generalistas, de cariz nacional, ficasse resumido ao trio diário *A Bola-Record-O Jogo*, dominante no jornalismo desportivo generalista português durante a segunda metade dos anos 1990 e a primeira década do século XXI.

4. Os jornalistas desportivos como bode expiatório

O processo concorrencial em que se envolveram os jornais desportivos generalistas – e a própria imprensa diária generalista, que alargou as secções desportivas e passou a publicar regularmente suplementos desportivos autónomos –, conjugado com o aumento das rivalidades clubistas (principalmente no futebol, com o reforço dos antagonismos entre SL Benfica e

FC Porto) e regionais (com o reavivamento do discurso Norte versus Sul), contribuíram para o aumento da agressividade sobre a figura do jornalista desportivo. Em 9 de Março de 1993, numa reflexão sobre esta problemática, o director do diário *Público*, Vicente Jorge Silva, afirmou que os jornalistas eram o «bode expiatório privilegiado para a descarga de pulsões, frustrações e ressentimentos quando já não existem outros alvos visíveis para atingir»⁶⁴, explicando ainda que a «imprensa funciona como o “inimigo externo” mais fácil de hostilizar. A “imprensa continental”, a “imprensa lisboeta” ou a imprensa sem outros adjectivos fazem parte dessa conjura invisível que os chefes das tribos evocam para manter acesa a chama do fanatismo»⁶⁵. E o director do *Público* lamentava o facto do Estádio das Antas ser o «palco principal das agressões a jornalistas em recintos desportivos»⁶⁶.

O período entre 1988 a 1994 foi aquele que mais casos de agressões a jornalistas registou – os seis campeonatos nacionais de futebol disputados foram repartidos por SL Benfica e FC Porto (três campeonatos cada), o que indica o elevado grau de competitividade verificado nos relvados. E em Portugal, sempre que as emoções crescem no futebol, os jornalistas passam a ser alvos preferenciais da fúria dos derrotados. A 20 de Novembro de 1988, o jornalista Carlos Pinhão de *A Bola* foi agredido em Aveiro, onde o FC Porto jogava com o Beira-mar para o Campeonato Nacional de Futebol. No dia seguinte, o jornalista explicava a agressão: «Pinto da Costa trazia debaixo do braço um exemplar de *A Bola* de sábado, aberto naquela página do lamentável lapso onde se chamava campeão ao Benfica. Pouco depois, um dos acompanhantes (de Pinto da Costa) veio até nós e culpou-nos do lapso e avisou-nos “para não sair da tabelinha”. Quando o jogo acabou, dois “cavalheiros” fizeram-me marcação cerrada com pontapés, cotoveladas, pisadelas, insultos e ameaças de toda a ordem»⁶⁷. Dias depois, o director de *A Bola*, Carlos Miranda, lançava um alerta: «Hoje, agride-se um jornalista para o intimidar. Amanhã, agride-se um árbitro “para não sair da tabelinha”, ameaça-se um jogador do adversário para facilitar o que for preciso»⁶⁸.

64 Silva, V.J. (1993, 9 de Março). Estratégia da agressão. *Público*, p. 26.

65 Idem, *ibidem*.

66 Idem, *ibidem*.

67 Pinhão, C. (1988, 21 de Novembro). Um aviso para meter medo. *A Bola*, p. 8.

68 Miranda, C. (1988, 24 de Novembro). Nota. *A Bola*, p. 1.

A 5 de Março de 1989, foi a vez do jornalista Eugénio Queirós, do *Correio da Manhã*, sofrer a ira de adeptos no final do jogo Belenenses-FC Porto, contando no dia seguinte a situação: «Num instante, o jornalista está cercado, é agarrado pelos colarinhos por uma série de guarda-costas do F.C. Porto. O jornalista é pontapeado. Não há ali um agente da autoridade. Mais um jornalista foi agredido: ontem, foi a minha vez.»⁶⁹ Nesse mesmo ano, no dia 24 de Setembro, no Estádio das Antas, antes do jogo FC Porto-Portimonense, o jornalista João de Freitas, de *A Bola*, queixou-se de ter sido «espancado e agredido a soco e pontapés por mais de cinco pessoas»⁷⁰, as quais «usavam “crachás” de fiscalização do FC Porto»⁷¹ – na base da agressão esteve uma entrevista a um jogador portista, considerada tendenciosa.

Em 1990, no dia 24 de Janeiro, foi a vez do jornalista Rui Santos, da delegação de Aveiro de *O Primeiro de Janeiro* e correspondente do *Record*, ser agredido por adeptos portistas no final do jogo Beira Mar-FC Porto. No dia seguinte, o *Correio da Manhã* relatava o sucedido: «Dois valentões emergiram do escuro e agridem Rui Santos. A bom agredir. À laia de despedida, os agressores aconselharam Rui Santos a ir receber o dinheiro do tratamento ao Benfica.»⁷² Em Outubro desse ano, na Irlanda, as vítimas foram a jornalista Manuela de Freitas, do *Público*, e Luís Paulo Rodrigues, de *O Comércio do Porto*, que estavam a acompanhar a deslocação do FC Porto para a Taça dos Clubes Campeões Europeus. José Carlos de Sousa, enviado da *Gazeta dos Desportos*, contaria assim o sucedido: «A dado passo, os dois jornalistas foram abordados por dois acompanhantes (do FC Porto), que gesticulavam exageradamente à sua frente, por furibundos que estavam»⁷³, ameaçando os repórteres num «acto de intimidação, puro e directo»⁷⁴.

No ano seguinte, em 1991, foi a vez do jornalista José Carlos Soares, do *Correio da Manhã/Rádio*, viver momentos aflitivos no Estádio das Antas, no decorrer do jogo FC Porto-SL Benfica, realizado no dia 28 de Abril, no Porto. Enquanto fazia em directo o relato do encontro, «para além de ter levado pontapés durante todo o jogo, começaram a chover cuspidelas, pontas de

69 Queirós, E. (1989, 6 de Março). Jornalista do «CM» agredido por funcionários do FC Porto. *Correio da Manhã*, p. 41.

70 A Redacção (1989, 30 de Setembro). Filho de Pedroto patrocina causa contra o F.C. Porto. *Expresso*, p. 24.

71 Idem, ibidem.

72 A Redacção. (1990, 25 de Janeiro). Jornalista agredido após Beira-Mar-F.C. Porto. *Correio da Manhã* (Suplemento Desporto), p. 4/D.

73 Sousa, J.C. (1990, 5 de Outubro). A «ira» dos deuses. *Gazeta dos Desportos*, p. 7.

74 Idem, ibidem.

cigarro acesas e latas de cerveja»⁷⁵, dando azo a «uma série de insultos e ameaças de tal modo que a emissão do CMR/Rádio teve de ser interrompida»⁷⁶. O Estádio das Antas seria também palco, em 7 de Março de 1993, no final do jogo FC Porto-Famalicão, de uma agressão ao jornalista Paulo Martins, da RTP, por um presumível adepto portista. A cena da agressão, à cabeçada e ao murro, foi registada em directo pelas câmaras da televisão⁷⁷, que mantiveram a emissão no ar, permitindo a milhares de telespectadores testemunhar o acto. A derrota do FC Porto por 1-0 nesse jogo contribuiu para a propagação da violência dos adeptos contra os jornalistas: «A equipa de reportagem da RTP serviu de alvo da ira de alguns espectadores mais exaltados, enquanto os restantes representantes de outros órgãos de comunicação social foram forçados a um sequestro, que à hora do fecho desta edição, ainda se mantinha. Vários jornalistas esperavam ansiosamente por protecção policial que tardava em aparecer»⁷⁸, relatou o jornalista José Carlos Teixeira no *Correio da Manhã* do dia seguinte.

5. O desporto na esfera da televisão pública e privada

A abertura da televisão aos canais privados, em inícios da década de 1990, fez com que o desporto se tornasse num dos conteúdos estratégicos para a conquista de audiências por parte da RTP, SIC e TVI, influenciando por inerência o espectro mediático e informativo à volta do desporto, com efeitos na rádio⁷⁹ e imprensa periódica – um desses impactos foi a criação de secções de

75 Moreira, L. (1991, 29 de Abril). Armas, agressões, insultos e confusão. *Público* (Suplemento Desporto), p. 5.

76 Idem, *ibidem*.

77 Transmissão directa do jogo FC Porto-Famalicão, RTP 1, 7 Março 1993, 21h30.

78 Teixeira, J.C. (1993, 8 de Março). Escândalo nas Antas acaba em... sequestro! *Correio da Manhã* (Suplemento Desporto), p 3/D.

79 Durante a década de 1990, o desporto continuou a ser um dos temas dominantes na rádio portuguesa, reforçado a sua presença nas grelhas de programação das rádios nacionais e locais: neste último âmbito, em Fevereiro de 1995, por exemplo, o desporto apresentava o seguinte panorama na Grande Lisboa e Margem Sul: Santiago do Cacém – Rádio Antena Miróbriga: «Baliza Aberta», segunda-feira, às 8h30 e 21h00; «Canto Directo», sexta-feira, às 21h00; «Desportivamente», domingo, das 16h00 às 20h00; Setúbal – Rádio Azul: «Rádio Vitória», segunda-feira, das 19h00 às 20h00; «Azul Desporto», de segunda a sexta-feira, às 13h00, e aos domingos, das 15h00 às 19h00; Seixal – Rádio Baía: «Jogo Limpo», segunda e sexta-feira, das 21h00 às 24h00; «Especial Desporto», domingo, das 15h00 às 18h00; «Resenha Desportiva», domingo, das 21h00 às 22h00; Grândola – Rádio Clube de Grândola: «Desporto em Revista», segunda-feira, das 21h00 às 23h00; «Bola no Ar», sexta-feira, das 21h00 às 23h00; «Tarde Desportiva», domingo, das 16h00 às 19h00. Este género programação desportiva estava também presente no Rádio Clube da Moita, Rádio Echo Jornal (Alcochete), Rádio Mirasado, Rádio Pal (Palmela), Rádio Sines (Sines), Rádio Santiago (Sesimbra), Rádio Som

análise ao desporto televisivo, assinadas por críticos especializados⁸⁰, na imprensa periódica desportiva de referência. A partir de 1992, RTP, SIC e TVI definiram o desporto como área prioritária para a captação de audiências, adoptando estratégias distintas.

O desporto seria o género mais visto na RTP1 entre 1994 e 1997, o mesmo sucedendo com a RTP2 em 1993 e 1994 (Fernandes, 2001: 118). Além dos consagrados programas «Domingo Desportivo», «Segunda Parte» ou «Remate» (com o futebol como tema central), a RTP transmitiria regularmente diversas provas nacionais (aos fins-de-semana, os jogos de futebol do campeonato português e várias provas do desporto amador, através do programa «Desporto 2», da RTP2 – no Verão destacava-se a nível nacional a Volta a Portugal em bicicleta e a nível internacional a Volta a França e à Espanha⁸¹ em bicicleta, assim como os Grandes Prémios de Fórmula 1, e dava-se também assinalável cobertura ao Campeonato da Europa de Futebol (em especial o de 1996, na Inglaterra), aos «Mundiais» de futebol (no França-1998, através dos dois canais, transmitiu 56 jogos) e aos Jogos Olímpicos (em Atlanta-1996 destacou uma equipa de seis jornalistas, transmitindo 260 horas).

A SIC, que em 1992 prometia ser «polémica e agressiva»⁸² na sua programação desportiva, não teve no desporto um dos seus principais aliados para a conquista de audiências entre 1993 e 1997, ficando relativamente confinada aos programas informativos «Fora de Jogo», «Os Donos do Jogo» e ao de opinião «Os Donos da Bola». Quanto à TVI, projecto ligado à Igreja Católica, não apresentava em 1992 nenhum projecto definido para a área desportiva (ao contrário da Rádio Renascença). Mas, a partir de 1993, o desporto seria o género televisivo que mais contribuiria para as audiências da TVI (Fernandes, 2001: 120) – em 1996 contava com dois programas diários de informação desportiva geral e tinha o exclusivo, ao fim-de-semana, dos jogos de futebol da Liga Espanhola, tendo também a preocupação de acompanhar os

do Pinhal (Pinhal Novo), Rádio Seixal, Rádio Sul e Sueste (Barreiro), Rádio Voz de Almada e Rádio Voz de Setúbal (cf. A Redacção (1995, 15-21 de Fevereiro). Tome nota. *Setúbal Desportivo*, p. 15).

80 Um desses críticos foi José Gandum, que colaboraria, por exemplo, na *Gazeta dos Desportos* e na revista *Mundial*.

81 O desporto em Espanha viveu um período áureo nos anos 1990, reflexo, em parte, da organização dos Jogos Olímpicos de Barcelona, em 1992. A imprensa desportiva diária cresceu, verificando-se a sua presença em várias cidades: Madrid contava com *Marca* (250 mil exemplares) e *As*; Barcelona com *Sport* (140 mil) e *El Mundo Deportivo* (140 mil); a Corunha, com *Todo Deporte Coruña*; Sevilha, com o *Estádio Deportivo*; Valência, com *Super Deporte*; Teneife, com o *Jornada Deportiva*; e em Saragoça, o *Estádio*.

82 Palavras de Jorge Schnitzer, responsável pelo desporto da SIC, numa entrevista ao semanário *Golo*, em 7-13 de Agosto de 1992 (p. 10), dedicada a analisar as estratégias das televisões relativamente à programação desportiva.

futebolistas e treinadores portugueses que actuavam no estrangeiro, apresentando a sua programação desportiva uma «coerência»⁸³ que lhe valeu diversos destaques da ATV (Associação de Telespectadores).

6. Reforço dos órgãos clubistas e institucionais

Neste cenário duplamente activo, quer em termos desportivos, quer editoriais e mediáticos, os clubes e as instituições desportivas continuaram a marcar presença no meio desportivo através de novos órgãos informativos, alguns deles em áreas inovadoras. Em Portugal apareceram, entre 1988 e 1995, 33 novos boletins informativos de clubes⁸⁴ e instituições desportivas, tendo alguns deles um assinalável cariz informativo (ver Tabela 14).

Tabela 14

Principais Órgãos Informativos de Clubes e Instituições Criados entre 1988 e 1995

Clube/Instituição	Publicação	Edições	Sede	Periodicidade
Grupo Desportivo de Chaves	<i>O Desportivo de Chaves</i>	9 Mar. 1988 ao n.º 29, Jul. 1992	Chaves	Mensal
Sporting Clube de Portugal	<i>Sporting Magazine</i>	Set. 1988 ao n.º 6, Fev. 1989	Lisboa	Mensal
Federação Portuguesa de Natação	<i>Natação</i>	Jun./Jul. 1988	Oeiras	Bimestral
Sporting Clube de Braga	<i>O Braga</i>	Nov. 1989 ao n.º 7, Set. 1990	Braga	Mensal
Ministério da Educação – Gabinete Coordenador do Desporto Escolar	<i>Jornal do Desporto Escolar</i>	Mar. 1990 ao n.º 6, Maio./Jun. 1991	Lisboa	Bimensal
Clube Desportivo de Montijo	<i>O Desportivo de Montijo</i>	18 Set. 1991 ao n.º 41, 24 Jun. 1992	Montijo	Semanal
Federação Portuguesa de Golfe	<i>Jornal do Golfe</i>	Nov. 1992 ao Século XXI	Lisboa	Bimestral
Associação de Futebol do Porto	<i>A.F.P. Revista</i>	Ago. 1992 ao Século XXI	Porto	Quadrimestral
Núcleo de Árbitros de Futebol Américo Barradas	<i>Off-Side</i>	Abr. 1993 ao Século XXI	Lisboa	Mensal
Federação Nacional de Motociclismo	<i>F.N.M. Magazine</i>	1994 ao Século XXI	Lisboa	Mensal
Ginásio Clube Português	<i>Ginásio em Revista</i>	Out./Dez. 1994 ao n.º 18-19, Set./Out. 1997	Lisboa	Trimestral
CNID – Clube Nacional de Imprensa Desportiva	<i>CNID Magazine</i>	Abr. 1994 ao Século XXI	Lisboa	Mensal
Comissão Nacional de Xadrez	<i>Peão Distante</i>	Jan./Fev./Mar. 1995 ao Século XXI	Lisboa	Trimestral
Sporting Clube da Covilhã	<i>O Sporting da Covilhã</i>	Fev. 1995 ao n.º 52, Nov./Dez. 1999	Covilhã	Mensal

83 Gandum, J. (1996, Fevereiro). TVI – Futebol. *Revista Mundial*, p. 144.

84 Os três principais clubes portugueses mantiveram os respectivos boletins: *Revista Dragões* (FC Porto), *Boletim do Sporting Clube de Portugal* e *O Benfica* (SL Benfica), que em 1 de Dezembro de 1992 comemorou o 50.º aniversário.

Associação de Natação do Porto	Portugal Aquático	Fev. 1995 ao n.º 3, Nov. 1995	Porto	Bimestral
--------------------------------	-------------------	----------------------------------	-------	-----------

Além destes órgãos informativos clubistas e institucionais, nesta fase surgiram também uma série de publicações com um objectivo claramente comemorativo ou evocativo de uma temática desportiva, sem pretensões editoriais de continuidade, como foram os casos do *Sport 7*⁸⁵ (Lisboa, 1988), *Resultado*⁸⁶ (Funchal, 1989), *Boletim do Clube dos Caçadores de Gondomar*⁸⁷ (Gondomar, 1989), *Auto Sport*⁸⁸ (Lisboa, 1989), *ProTénis*⁸⁹ (Lisboa, 1990), *Jornal do Sport Algés e Dafundo*⁹⁰ (Algés, 1990), *Sport Auto'90*⁹¹ (Lisboa, 1990), *Hovercraft Magazine*⁹² (Porto, 1991), *Diário Desportivo*⁹³ (Lisboa, 1991), *Guia de Caça*⁹⁴ (Lisboa, 1991), *Rally Racing*⁹⁵ (Lisboa, 1991), *Bola ao Ar*⁹⁶ (Setúbal, 1992), *Clube Land-Rover Portugal em Revista*⁹⁷ (Lisboa, 1992), *Fórmula 1*⁹⁸ (Lisboa, 1993) e *Auto 4x4*⁹⁹ (Lisboa, 1994).

Numa vertente intelectual e académica, surgiram também duas publicações de interesse editorial. Em Junho de 1993 foi lançada a revista trimestral *Espaço – Revista de Ciência do Desporto dos Países de Língua Portuguesa*, propriedade da Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, da Universidade do Porto, em colaboração com a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no Brasil. Colaborariam no número inaugural um alargado leque de intelectuais e académicos ligados ao desporto em Portugal (Jorge Bento, António da Silva Costa, José Manuel Constantino,

85 Número único de 15 de Fevereiro de 1988, gratuito, dedicado à violência no futebol, dirigido por Leal Martins.

86 Número único de Dezembro de 1989, sobre o desporto madeirense, editado pela Direcção Regional dos Desportos.

87 Boletim evocativo do 76.º aniversário do clube, publicado em Março de 1989.

88 Número anual dedicado ao automobilismo em 1989.

89 Saiu em 1990 como revista anual, gratuita, dedicada à Copa Ibérica/BMW, em ténis, sob a direcção e edição de Artur Silva e com Appleton Figueira como fundador. Em inícios de 1992 assumiu um cariz trimestral e um teor de revista especializada em ténis, linha editorial que manteve no século XXI (última edição analisada: n.º 2, Maio/Junho de 2007, com Miguel Seabra a director, sendo uma edição das empresas Motorpress Lisboa e João Lagos Sports).

90 Número único, comemorativo do 75.º aniversário do clube, lançado em Novembro/Dezembro de 1990.

91 Anuário de 1990 do jornal *Auto Hoje* (Lisboa, 1989).

92 Boletim da Federação Portuguesa de Hovercraft, saiu duas vezes, em Dezembro de 1991 e Março de 1992.

93 Suplemento desportivo anual, publicado pelo jornal *O Caso*.

94 Anuário dedicado à caça.

95 Anuário, de forte cariz desportivo, publicado pela marca de automóveis Porsche.

96 Boletim desportivo infantil da Câmara Municipal de Setúbal, publicado entre Março de 1992 e Abril de 1993.

97 Propriedade do Clube Land-Rover de Portugal, publicou-se de forma irregular entre a Primavera de 1992 e Novembro/Dezembro de 1997, apresentando um noticiário desportivo ligado ao todo-o-terreno.

98 Anuário dedicado à Fórmula 1, publicado de forma irregular entre 1993 e os primeiros anos do século XXI.

99 Suplemento anual (desporto 4x4) do jornal *Auto Magazine* (Lisboa, 1992), publicado entre 1994 e 2000.

Francisco Sobral, entre outros), tendo a revista realizado unicamente mais uma edição, no segundo semestre de 1993. Dois anos depois, em 1995, seria a vez do Curso de Ciências do Desporto e Educação Física, da Universidade de Coimbra, avançar com a *Agon – Revista Crítica de Desporto e Educação Física*, cujo primeiro número foi dedicado às V Jornadas de Psicologia do Desporto, organizadas em Coimbra nos dias 5 e 6 de Maio de 1994. Dirigida por Francisco Sobral, a *Agon* faria mais duas edições, cessando, em 1996, como consequência natural do desinteresse que grassava entre a classe académica e intelectual portuguesa no respeitante ao desporto –, o que contrastava, em parte, com o que sucedia a nível internacional, reforçando-se nos anos 1990 o leque de revistas académicas dedicadas ao desporto, como foram os casos (numa vertente histórica) das publicações, em língua inglesa, *Sports Reference Series* (editada pela londrina Frank Cass Publishers) e das revistas *Culture, Sport and Society*, *International Journal of the History of Sports*, *The Sports Historian*, *Journal of Sport History* e da espanhola *Apunts*, da francesa *Sports dans la Cité* ou da revista bimestral finlandesa *Motion Sports in Finland*, entre outras.

CAPÍTULO 18

1996-2000: Conflitualidade e regionalização

1. Imprensa desportiva diária em balanço

A presença de três diários desportivos num mercado como o português (*A Bola*, *O Jogo* e *Record*) despertou inicialmente muitas dúvidas, não tanto ligadas à existência de leitores e apoios publicitários, mas sim à existência diária de notícias de interesse, que alimentassem, não só estes jornais, como também as secções desportivas dos periódicos de informação geral, as emissoras de rádio e os canais de televisão. Durante a vigência como trissemanários e depois como quadrissemanários, os jornais desportivos generalistas de referência haviam orientado a sua estratégia editorial em função da cobertura das próprias competições nacionais e internacionais (centradas no futebol), num esquema informativo simples: primeiro definia-se quem ia jogar, depois quem jogou e finalmente como se jogou. Com a passagem a diários, tiveram que enfrentar a contrariedade de não haver jogos de futebol todos os dias – essa dificuldade haveria de desaparecer na década seguinte, com a redefinição dos jogos europeus (repartidos por terças, quartas e quintas-feiras) e das transmissões internas dos jogos de futebol portugueses (desde sexta até segunda-feira, com a chegada do canal desportivo Sportv).

Na falta de notícias nos campos de futebol (principal núcleo irradiador de notícias para os jornais portugueses), propriamente dito, passou a haver um redobrado interesse pelo contexto exterior ao jogo, virando-se os jornalistas para os bastidores. E, embora muito fosse dito e escrito em nome da verdade desportiva, o que parecia importar eram as audiências, assentando o jornalismo desportivo no paradigma de «quanto maior o escândalo maiores as tiragens»¹. No final do primeiro ano de existência como diários, o trio *A Bola-O Jogo-Record* vendia, no seu conjunto, quase tantos exemplares como os quatro principais jornais de informação geral. Em 1996, apenas dois diários portugueses conseguiam ter uma circulação superior a 100 mil exemplares por edição, ambos desportivos: *A Bola* e o *Record*. Acrescentando-lhes *O Jogo*, a soma rondava os 250 mil exemplares diários – para obter um número semelhante, no campo dos jornais de informação geral, era preciso somar os

¹ Granja, A. (1996, 8 de Novembro). O poder corrompe. *O Jogo*, p. 2.

quatro principais diários (*Jornal de Notícias*, *Correio da Manhã*, *Público* e *Diário de Notícias*), atingindo aproximadamente um total de 260 mil exemplares por dia². No balanço do primeiro ano como diários desportivos era possível observar que *O Jogo* ocupava o terceiro lugar do ranking de vendas, enquanto que *A Bola* e o *Record* reivindicavam para si a primeira posição.

Em 1996, o *Record* tinha uma tiragem média de 137 mil exemplares e uma circulação total paga por edição de 101.864³, enquanto *A Bola* (jornal que se mantinha fora da APCT – Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem⁴), afirmava ter uma tiragem média de 151 mil exemplares e uma circulação diária de 110 mil. Por seu turno, *O Jogo* viu as tiragens aumentarem (em Agosto de 1996 teve uma tiragem média recorde de 80 mil exemplares), apresentando uma circulação total por edição de 34.456 exemplares ao longo do ano. Mas esta posição de destaque nas vendas diárias não rendia, aos diários desportivos, fortes ganhos em termos publicitários, sendo tradicionalmente reduzida a receita publicitária⁵ quando comparada com os lucros da venda directa de exemplares. Em 1996, por exemplo, do total de facturação de *A Bola* (4,05 milhões de contos), as receitas publicitárias ocupavam 16 por cento, contra os 84 por cento da venda do jornal. E no *Record* a percentagem de receitas da publicidade atingiu cerca de 17 por cento, num total de facturação que rondou os 3,7 milhões de contos. Estes indicadores revelavam que o mercado publicitário acreditava pouco nos jornais desportivos como veículo de promoção de produtos, o que também podia ser indicador de algum descrédito do jornalismo desportivo, reflexo da suspeição reinante no futebol.

2. Descrédito devido à conflitualidade

Durante a segunda metade da década de 1990, o meio jornalístico ligado ao desporto em Portugal viveria novos capítulos de um antigo conflito,

2 Fonte: APCT.

3 Fonte: APCT.

4 Trata-se da entidade que regularmente divulga as tiragens dos jornais associados, bem como os dados relativos à circulação média. A principal crítica que lhe era feita residia no facto de apresentar os números fornecidos pelas empresas jornalísticas. Para evitar especulações, começou a auditar os dados.

5 Em 1989, por exemplo, o peso dos proveitos publicitários do *Record* era de apenas três por cento (cf. Cartaxana, R. (1989, 26 de Novembro). 40 anos depois vem aí o futuro. *Record* (Suplemento 40.º Aniversário), p. 3).

reavivado sempre que a competitividade futebolística se acentuava entre os principais clubes de Lisboa (SL Benfica e Sporting CP) e o FC Porto. Em 1996, um dos protagonistas no reavivar da chamada guerra Norte-Sul no futebol português⁶ seria o antigo jogador de futebol do FC Porto e Sporting CP, agora no cargo de treinador do FC Porto, António Oliveira. Em entrevista a *O Jogo* (propriedade da Jornalinveste, detida pelo irmão Joaquim Oliveira), em 7 de Outubro de 1996, António Oliveira desenterrou velhos fantasmas e actualizou protagonistas. E se no final da década de 1970 *A Bola* era considerada o «eterno desestabilizador»⁷ do clube, em 1996 os inimigos tinham aumentado, numa espécie de conspiração mediática: «Esta guerra nunca acabou. Hoje, o FC Porto e o Norte vivem os processos de sempre. Neste momento, o jornal *A Bola*, o jornal *Record* e a SIC estão completamente unidos contra nós. Têm um 'lobby' constituído para destruir três pessoas em Portugal: o presidente do FC Porto e, através dele, o clube; o senhor Joaquim Oliveira, dono da Olivedesportos; e o treinador do Porto, o António Oliveira.»⁸

O reavivar do conflito levou a que os portistas tomassem medidas para evitar os jornalistas de *A Bola*, *Record* e SIC – a mais usual era impedir a sua entrada no Estádio das Antas, no Porto, aconselhando também os jogadores portistas a um «'black-out' encapotado»⁹ a esses meios de informação, assistindo-se a vários episódios de discriminação noticiosa. Em Setembro de 1996, os jornalistas de *A Bola* e *Record* foram impedidos de entrar no Estádio das Antas, barrando-lhes o acesso aos treinos e às instalações do clube. Aliado a isso, a equipa técnica e os jogadores portistas recusavam falar aos jornalistas desses órgãos informativos, acusação feita pelo *Record* que noticiou o facto dos jogadores terem sido alegadamente «“aconselhados” a não tecer quaisquer comentários»¹⁰. No mês seguinte, o jornalista Rui Santos, de *A Bola*, explicava as razões desta situação: «Se somos bonitos, bem comportados, se sorrimos, se almoçamos, se jantamos, se pernoitamos, se vestimos de cinzento ou cor-de-rosa e levamos na cabeça um chapéu de coco as portas abrem-se.

6 Sobre esta temática, Vasco Pulido Valente publicou, em 8 de Junho de 1998 (p. 35), no *Diário de Notícias*, uma reflexão sobre os paralelismos entre o futebol e a guerra.

7 Pinto da Costa (1980, 5 de Junho). In *O Norte Desportivo*, p. 11.

8 António Oliveira (1996, 7 de Outubro). In *O Jogo*, p. 5.

9 A Redacção (1996, 21 de Setembro). Jogadores portistas calam-se. *Record*, p. 9.

10 Idem, ibidem.

Se somos feios, mal comportados, se não sorrimos, se não almoçamos, se não jantamos, se não pernoitamos, se vestimos ao gosto pessoal e destapamos o couro cabeludo as portas fecham-se. E quando não se fecham há sempre um artifício encapotado ou um recado ou, para toda a gente observar, um *blackoutzinho* reparador. Basta!»¹¹. Lançava ainda um desafio: «É tempo de se perceber quem quer alinhar na equipa do jornalismo livre e independente.»¹²

Em Fevereiro de 1997, o *black-out* selectivo aos diários *A Bola* e *Record*, e à SIC, tornou-se uma realidade, sendo a decisão divulgada através de um comunicado do FC Porto, no qual se explicavam as razões da tomada de posição: «Devido ao ataque cerrado e sistemático que os jornais desportivos diários *A Bola* e *Record* e a estação de televisão SIC têm feito através de notícias caluniosas, pretendendo com esse comportamento incorrecto denegrir o bom nome do clube, deliberamos a nossa total indisponibilidade para com os órgãos da Comunicação Social acima referenciados.»¹³ No mês seguinte, em 23 de Março, em virtude deste clima hostil¹⁴, o treinador portista António Oliveira, após o jogo Boavista FC-FC Porto, realizado no Estádio do Bessa, no Porto, faltou à habitual conferência de imprensa, tentando assim evitar os três órgãos informativos proscritos pelo FC Porto. Mas diligenciou algumas manobras para despistar os jornalistas indesejados: a primeira tentativa foi a de transferir a conferência de imprensa para fora da sala de imprensa do Boavista FC, mais propriamente para o relvado (onde podia facilmente escolher os jornalistas a quem prestar declarações), só que os responsáveis boavisteiros não permitiram o ardid, indicando a sala de imprensa como o único local apropriado para fazer declarações à Comunicação Social; perante isto, António Oliveira decidiu dar a conferência de imprensa no Estádio das Antas, para onde convidou os jornalistas que tinham livre acesso ao local – «muitos não aceitaram o convite, considerando tal acto inaceitável, mas houve quem o fizesse»¹⁵, lamentaria o *Record* no dia seguinte. Mas esta aparente falta de

11 Santos, R. (1996, 27 de Outubro). Luz vermelha para os novos censores. *A Bola*, p. 15.

12 Idem, *ibidem*.

13 Rola, F. (1997, 2 de Fevereiro). Plantel decreta "blackout" ao "Record", "A Bola" e SIC. *O Jogo*, p. 10.

14 Esta hostilidade do mundo futebolístico agravou-se em 26 de Março de 1997, com a agressão do jogador Sá Pinto ao seleccionador nacional Artur Jorge, no Estádio Nacional. As imagens da luta entre Sá Pinto e o treinador adjunto Rui Águas seriam captadas pelo fotógrafo António José, editor fotográfico do *Manhã Popular*, diário que no dia seguinte, juntamente com o *Record*, faria capa com as fotografias – a SIC pagou 500 euros para as mostrar.

15 Martins, F. & Simões, S. (1997, 24 de Março). Oliveira só fala nas Antas. *Record*, p. 6.

solidariedade jornalística nem sempre foi apanágio da classe. Dois anos antes, em Setembro de 1995, tinha sido o Sporting CP a tentar restringir a entrada de jornalistas a uma conferência de imprensa no Estádio de Alvalade, em Lisboa – a interdição leonina recaía sobre a *Gazeta dos Desportos* e *Record* –, tendo os restantes jornalistas, por unanimidade, decidido retirar-se da sala, não dando cobertura à conferência de imprensa.

Esta conjuntura de instabilidade gerou naturalmente cisões no seio da própria imprensa periódica desportiva portuguesa, proliferando os discursos de favorecimento ou perseguição noticiosos, consoante os casos. Em Setembro de 1996, as direcções de *A Bola* e *O Jogo* incompatibilizaram-se na sequência da proibição, imposta pela Direcção do FC Porto aos jornalistas de *A Bola* (e do *Record*), de entrarem no Estádio das Antas, impossibilitando o seu acesso aos treinos e às instalações do clube. O director de *A Bola*, Vítor Serpa, levantou suspeitas sobre «situações de discriminação promovidas pela Direcção do F.C. Porto, privilegiando o jornal *O Jogo*»¹⁶ e, no editorial de 21 de Setembro, alertou para o facto de poder existir um «premeditado favorecimento de um jornal que tem por dono um particular amigo do presidente do clube e, por sinal, irmão do treinador principal de futebol.»¹⁷ E lançou algumas críticas ao tipo de jornalismo praticado em *O Jogo*, afirmando que era «tempo dos jornais e dos jornalistas que trabalham na área do desporto assumirem por inteiro a sua dignidade, abandonarem a ideia de serem sempre jornalistas “prontos a estar de acordo”, submissos, castrados e, por isso, merecedores de uma falsa estima e consideração por parte de alguns líderes desportivos que se sentem demasiado poderosos para verem posta em causa a sua opinião»¹⁸.

No dia seguinte, em 22 de Setembro, *O Jogo* publicava na primeira página o editorial «Insinuação e traição»¹⁹, tendo um claro destinatário: «*A Bola*, pela pena do director, parece ter resolvido enveredar pelo caminho da insinuação e do deslante em relação ao jornal *O Jogo*.» E lançava duras críticas a Vítor Serpa, acusando-o de ter entrado «declaradamente numa via “boqueira” e de “cobardia”»²⁰, colocando o jornal editorialmente próximo da

16 Serpa, V. (1996, 21 de Setembro). Uma questão de princípio. *A Bola*, p. 7.

17 Idem, ibidem.

18 Idem, ibidem.

19 A Direcção (1996, 22 de Setembro). Insinuação e traição. *O Jogo*, p. 1.

20 Idem, ibidem.

linha do *Record*: «Com esta atitude, A Bola parece querer optar pela entrada na órbita de orientação estratégica de um outro jornal da concorrência, o *Record*»²¹. Sobre as acusações de favorecimento, a Direcção de *O Jogo* defendeu-se, lembrando que «já há seis meses, há um ano e há dois anos, quando o técnico do FC Porto não era António Oliveira, as tentativas de conotar O JOGO com o clube eram habituais, pelo que se trata de apenas um argumento já estafado»²². A finalizar, a Direcção de *O Jogo* queixou-se igualmente de situações de discriminação, sublinhando que também os seus jornalistas «já se sentiram em situações de discriminação – a diferença é que nunca fizemos disto alarde ou espectáculo, antes resolvemos sempre as dificuldades, através do diálogo, antes de entrar em qualquer tipo de “guerra santa” contra quem quer que seja.»²³ O director-adjunto de *O Jogo*, Rogério Gomes tinha uma interpretação diferente: «O que transparece de todo este processo, é que A Bola e o *Record*, mais do que uma genuína preocupação com o acesso às fontes de informação, estão mais apreensivos com eventuais perdas de mercado, concretamente face a um jornal – O JOGO –, contra o qual parece terem encontrado uma plataforma de acusação e de combate.»²⁴

As divergências entre *O Jogo* e *Record* acentuaram-se a partir de Fevereiro de 1996, após o director do *Record*, Rui Cartaxana, se referir a *O Jogo* como «o jornal do sr. Oliveira»²⁵. No dia seguinte, *O Jogo* publicou o artigo «O editorial do Cartaxana (de ontem) é mesmo dele»²⁶, em que a jornalista Leonor Moreira respondia a Rui Cartaxana, referindo-se ao *Record* como o «jornal do magnata Joe Bernardo»²⁷, lembrando que «quando o Cartaxana fala de *O Jogo* como o jornal do senhor Joaquim Oliveira, dá a sensação de não ter patrão»²⁸. E em seguida passou a ataques de ordem mais pessoal que jornalística: «Nos bastidores do jornalismo circulam histórias proibidas. Uma atesta o seguinte: sempre que os editoriais de Rui Cartaxana no *Record* são correctamente escritos, foram escritos pelo João Marcelino,

21 Idem, ibidem.

22 Idem, ibidem.

23 Idem, ibidem.

24 Gomes, R. (1996, 22 de Setembro). O acordo entre jornalistas e as “bocas” da concorrência. *O Jogo*, p. 2.

25 Cartaxana, R. (1996, 21 de Fevereiro). A Europa contra Vasques. *Record*, p. 2.

26 Moreira, L. (1996, 22 de Fevereiro). O editorial do Cartaxana (de ontem) é mesmo dele. *O Jogo*, p. 3.

27 Idem, ibidem.

28 Idem, ibidem.

quando o português – para já não falar das ideias – é abaixo de cão, foi mesmo o Cartaxana quem os escreveu»²⁹.

Em Novembro desse mesmo ano, o jornal *Record* foi acusado pelo FC Porto de tentar aliciar sócios portistas, em troca de informações sobre corrupção no futebol português, especialmente casos relacionados com a equipa portista. O clube chegou a apresentar um caso concreto, de um sócio que alegadamente tinha sido aliciado com dinheiro, pelo jornal lisboeta, para dar informações que incriminassem o FC Porto. Na sequência das acusações do clube portuense, *O Jogo* publicaria na capa do dia 17 o título «Record pagava 500 contos para falar mal do Porto»³⁰, reforçando a versão portista, a qual seria refutada no *Record*, que lamentou o facto do FC Porto estar a «reavivar a famigerada guerra Norte-Sul»³¹. Na edição do dia anterior, o *Record* tinha publicado na primeira página o editorial «Ratoeiras e baixo nível»³², em que se referiu ao «assédio quase diário»³³ de pessoas que pretendiam «vender histórias mais ou menos escandalosas – de clubes, árbitros, etc. – a troco de dinheiro ou com tentativas claras de extorsão»³⁴, sublinhando o director Rui Cartaxana conhecer a origem dessas «rasteiras»³⁵, afirmando saber «de onde vêm, onde são forjadas e o que visam», tendo o jornal optado por devolver «estes vendedores de boas notícias às origens e aos gabinetes de onde vieram com tais encomendas»³⁶.

Todo este cenário de conflitualidade, envolvendo os principais títulos da imprensa periódica desportiva generalista, levou a que o desporto, em especial o futebol, passasse a ser caracterizado como «um Estado dentro do Estado»³⁷, observado com desconfiança pela opinião pública. No final do turbulento ano desportivo de 1996, o diário *Público* fez uma sondagem³⁸, publicada no dia 23

29 Idem, *ibidem*..

30 A Redacção (1996, 17 de Novembro). *O Jogo* (Edição/Porto), p. 1.

31 Cartaxana, R. (1996, 17 de Novembro). Desesperado. *Record*, p. 1.

32 Cartaxana, R. (1996, 16 de Novembro). Ratoeiras de baixo nível. *Record*, p. 1.

33 Idem, *ibidem*.

34 Idem, *ibidem*.

35 Idem, *ibidem*.

36 Idem, *ibidem*.

37 Santos, N. (1996, 12 de Novembro). O grau zero de credibilidade. *Público*, p. 3.

38 A sondagem foi encomendada à Universidade Católica pelo *Público*, RTP e Antena 1, sendo o seu universo o dos indivíduos recenseados no continente. Foram interrogadas 1.582 pessoas, em 16 pontos de amostragem, correspondentes a outras tantas freguesias.

de Dezembro, que revelava o facto de quatro em cada cinco portugueses acharem que existia «bastante» ou mesmo «muitíssima» corrupção no futebol português³⁹, mas somente 5,1 por cento dos entrevistados considerava culpado o jornalismo desportivo, recaindo as principais culpas sobre a «corrupção dos árbitros (40 por cento) e a «corrupção dos dirigentes» (29,1 por cento). Nesta altura, inerente à própria conflitualidade emanada do futebol (tema dominante no discurso desportivo português), uma outra temática editorial entrou nas linhas editoriais dos diários desportivos: a violência⁴⁰ associada ao desporto, começando os *media* a questionarem-se sobre o seu papel. E os métodos para a obtenção de maiores audiências começaram a ser questionados, condenando-se moralmente a imprensa desportiva que recorria «a qualquer meio»⁴¹ a troco da «ambição desmedida de uma nova corrida ao oiro das audiências, onde muitos se transfiguram e quase todos se perdem.»⁴²

3. Estabilização no fim do século XX

A tendência evolutiva da imprensa periódica desportiva portuguesa, entre 1988 e 1995, tinha-se centrado no campo dos periódicos especializados, despontando 57 novas publicações do género, seguindo-se a área dos órgãos clubistas e institucionais, com 33 novos títulos, e o jornalismo generalista, com 16 publicações (essencialmente de cariz regional). A maioria destes traços evolutivos iria manter-se entre 1996 e o ano 2000, período em que apareceram 60 novas publicações periódicas desportivas, distribuídas por 27 órgãos de clubes e instituições, 21 periódicos especializados e 12 generalistas.

O menor número de novos projectos generalistas esteve relacionado com a forte concorrência que se fazia sentir nesse campo informativo – *A Bola* e o *Record*⁴³ apresentavam tiragens médias acima dos 135 mil exemplares e o *Jogo*⁴⁴ superior a 63 mil –, ditando unicamente o aparecimento de uma

39 Fernandes, J.M. (1996, 23 de Dezembro). O futebol sob grave suspeita. *Público*, pp. 2-3.

40 Sobre esta temática debruçou-se, nos anos 1980 e 1990, o investigador norte-americano Bill Buford, autor da obra *Entre os vândalos – o futebol e a violência*, resultado da pesquisa que fez durante oito anos, acompanhando claques de futebol de clubes europeus, com o objectivo de definir as causas ligadas à violência no futebol.

41 Serpa, V. (1997, 17 de Maio). A corrida ao oiro. *A Bola*, p. 7.

42 Idem, *ibidem*.

43 Tiragens médias: 138.590 exemplares em 1998; 138.597 em 1999; e 146.178 em 2000 (Fonte: APCT).

44 Tiragens médias: 66.338 exemplares em 1998; 63.715 em 1999; e 65.983 em 2000 (Fonte: APCT).

publicação de índole nacional, num âmbito específico: o dos mensários desportivos ilustrados. Em Fevereiro de 1996 saiu o número zero da revista *Mundial*, com 148 páginas (formato 29x22) a cores, em papel couché, profusamente ilustradas, com o futebolista português do FC Barcelona, Luís Figo, na capa, acompanhado do título «O novo Conde de Barcelona» (o cariz futebolístico da revista ficava desde logo em evidência). Em termos organizacionais, Paulo Ferreira⁴⁵ acumulava as funções de administrador e director, cabendo a propriedade à Desportopress – Editora de Publicações, S.A., com sede em Lisboa. Ténis, basquetebol, atletismo, bicicletas todo-terreno (BTT) ou futebol americano eram outros dos temas em destaque na *Mundial*, que se distinguiu pelo excelente grafismo (responsabilidade da equipa de designers liderada por Henrique Cayatte). Em Abril, ao preço de 500\$00, saiu finalmente o número um, caracterizando-se pela qualidade das fotografias e do grafismo, identidade que manteria ao longo dos anos seguintes, publicando 55 edições até Outubro de 2000.

Em 1996, além da *Mundial*, publicaram-se mais dois periódicos desportivos generalistas, mas de pendor editorial regionalista e de curta duração: em Junho saiu a revista mensal *Plantel*, dirigida por Óscar Rocha, com sede em Ponta Delgada, e dedicada ao desporto açoriano, publicando seis números, até Fevereiro de 1997; e na sexta-feira, 18 de Outubro de 1996, apareceu, em Setúbal, o quinzenário *Sul Desportivo*, sob a direcção de Alberto Antunes, que no «Editorial» de apresentação sublinhou a intenção de «dar espaço a modalidades que raramente são divulgadas», objectivo que cumpriria nas cinco edições publicadas, até Setembro de 1997.

Em 1997 não se publicaria nenhuma nova publicação periódica generalista, sendo um ano em que o volume de novos periódicos desportivos caiu abaixo da dezena (nove no total: dois especializados e sete órgãos de clubes e instituições), o que não sucedia desde 1984 (com sete periódicos). No entanto, nos três anos seguintes, o campo do jornalismo desportivo generalista estaria relativamente activo, surgindo nove periódicos, todos fora de Lisboa e Porto, apresentando linhas editoriais regionalistas, centradas no futebol, casos

⁴⁵ Faria parte do conselho de administração da Pressmundo, SA (com Pedro Araújo e Sá e Luciano Patrão), empresa que em 2000 detinha as revistas: *Mundial* (com 18 mil exemplares de tiragem), *Adolescentes*, *Cinemanía*, *Evasões*, *Grande Reportagem*, *Invista*, *Mundo do CD-ROM*, *Notícias Video*, *Viagens*, *Volta ao Mundo* e *Viver com Saúde*.

do semanário *Fontedeira*⁴⁶ (Portalegre, 1998), *Campeão*⁴⁷ (Armação de Pêra, 1998), *Sport*⁴⁸ (Guimarães, 1998-2001), *Penalty*⁴⁹ (Coimbra, 1998-1999), *Bancada*⁵⁰ (Marinhais, 1999-2004), *Douro Desportivo*⁵¹ (Lamego, 1999), *Bancada Central*⁵² (Espinho, 2000), *Sport Magazine*⁵³ (Guimarães, 2000) e *Magazine Jovem*⁵⁴ (Ponta Delgada, 2000).

Esta espécie de regionalização, por parte da imprensa periódica desportiva generalista, seria também apanágio dos periódicos especializados, concentrando-se somente seis em Lisboa, de um total de 21 publicações do género, criadas entre 1996 e 2000. A área do automobilismo e dos desportos com motor, tradicionalmente dominadora, contou somente com três novos projectos editoriais: reapareceu o semanário *Motor*, em 15 de Janeiro de 1998, após uma ausência de cerca de seis anos (suspendera-se em 2 de Julho de 1992), apresentando-se com Armando da Fonseca Júnior na direcção e propriedade da Fólío – Edições e Publicidade, Lda., sediada no Porto, manteve-se em actividade durante a década seguinte⁵⁵; em Dezembro de 1998, foi a vez de aparecer a revista mensal *Motorsport Action Magazine*, dirigida por Jorge Cabrita, com sede no Algueirão, conciliando o noticiário comercial, do mundo automóvel e das motos, com o desportivo, publicou-se

46 O primeiro número saiu em 21 de Abril de 1998, dedicado ao desporto na região de Portalegre.

47 Com o subtítulo de «Semanário Desportivo do Algarve», publicou-se durante 14 semanas, entre 10-16 de Março e 16-22 de Junho de 1998, sob a direcção de João Pina, suspendendo-se devido à falta de apoios publicitários.

48 Dedicado ao desporto em Guimarães, em especial ao futebol, este semanário das segundas-feiras surgiu em 24 de Agosto de 1998, dirigido por Paulo Gonçalves, publicando-se até 2 de Outubro de 2001 (n.º 84, 2.ª série).

49 Propriedade da Rádio Briosa, Lda, este quinzenário, dedicado ao desporto em Coimbra, publicou nove edições, entre Outubro de 1998 e 16 de Abril de 1999, sob a direcção de Carlos Moura.

50 Semanário desportivo dedicado a Santarém e a Lisboa (ao futebol das divisões inferiores), lançou o número zero em 23 de Novembro de 1999, sob a direcção de José João Quitério, apresentando uma boa qualidade editorial, o que lhe permitiu publicar-se até ao número 213, de 30 de Março de 2004, suspendendo-se por falta de recursos financeiros.

51 Semanário desportivo da região duriense, dirigido por Humberto Costa e propriedade da Eventos – Organizações e Publicações, publicou o número um em 2 de Fevereiro de 1999, extinguindo-se em 23 de Dezembro de 1999 (n.º 43).

52 Com o subtítulo de «Semanário Desportivo de Espinho», foi fundado por Abílio Adriano Oliveira e dirigido inicialmente por Catarina Oliveira, surgindo em 19 de Setembro de 2000. Centrado no futebol local, conseguia manter-se em actividade nos anos seguintes, comemorando o 6.º aniversário em 26 de Setembro de 2006 (n.º 310).

53 Feita pela equipa editorial do *Sport*, fundado em 1998, em Guimarães, tratava-se agora de uma aposta numa revista mensal ilustrada, dedicada ao desporto vimaranense, publicada três vezes, entre Junho e Novembro de 2000.

54 Dirigido por Emanuel Pereira (fundara em 1999 o boletim Santa Clara, extinto rapidamente) e Sílvia Tavares (subdirectora), tinha como subtítulo «A Voz do Desporto Açoriano», publicando duas edições em inícios de 2000.

55 Considerado «a maior escola portuguesa do jornalismo desportivo automóvel» (palavras de José Pinto, jornalista da RTP, no número um (p. 3), de 15 de Janeiro de 1998), o *Motor* manteve-se em publicação na primeira década do século XXI (último número analisado: edição 452, 5 de Setembro de 2006, dirigido por Rui Alas Pereira).

durante a década de 2000⁵⁶; e no ano seguinte, em Dezembro de 1999, surgiu em Lisboa o anuário *Auto Desporto*⁵⁷. Além do surgimento destes três títulos, a área informativa do automobilismo assistiu, em inícios de Julho de 1997, à fusão entre as revistas *AutoSport* (em publicação desde 1977) e *Volante* (que tinha iniciado uma nova série em 1988), continuando, no entanto, ambas a publicarem-se, sob a direcção de Rui Freire e edição da Mediger, Lda., mas com uma estratégia editorial unificada, a qual se prolongaria pela década seguinte: o *Volante* dedicou-se ao comércio e indústria automóvel, enquanto o *AutoSport* reforçou a liderança de audiências no panorama da imprensa semanal dedicada ao automóvel em Portugal.

Uma outra área editorialmente activa foi a das actividades desportivas à volta do mundo da bicicleta, surgindo quatro novos periódicos nesse âmbito de especialização: numa linha editorial mais tradicionalista, ligada ao ciclismo de competição, publicaram-se as revistas *Mundo do Ciclismo*⁵⁸ (Lisboa, 1999) e *Superciclismo*⁵⁹ (Terrugem, 2000); e com um cariz inovador, reflexo das variantes que assumiu o mundo desportivo da bicicleta no final do século XX, apareceram a *Mountain Bike*⁶⁰ (Cruz Quebrada, 1999) e a *Sport Cycle Magazine*⁶¹ (Sintra, 1999). Igualmente dinâmico esteve o campo desportivo da pesca, com três novos títulos, num enquadramento editorial relativamente semelhante, centrado na pesca desportiva: o jornal mensal *InfoPesca*⁶² (Porto,

56 Última edição analisada: n.º 17, Março de 2006, com 100 páginas, ao preço de três euros.

57 Anuário de 16 páginas dedicado ao mundo automóvel e à sua vertente desportiva, publicou-se nos anos seguintes, sob a direcção e propriedade de Jacques Rodrigues.

58 Propriedade de Xistarca – Produções e Publicações Desportivas, Lda., esta revista bimestral apareceu em Janeiro/Fevereiro de 1999, sob a direcção de Guita Júnior (ao preço de 1,75 euros), publicando-se até ao século XXI.

59 Criada pelas Edições Pé de Serra (criadora da revista *Supermoto*), era uma revista mensal com um enquadramento noticioso de qualidade, do ciclismo nacional e internacional, sob a direcção de Américo Silva, mantendo uma actividade regular nos primeiros anos da década seguinte.

60 Saiu um único número, anual, sob a direcção e propriedade de João Ferreira.

61 Revista mensal de excelente qualidade gráfica, iniciou a publicação em Fevereiro de 1999, dirigida por Joaquim Teixeira, dedicando-se a várias modalidades ligadas à bicicleta, como o Cross Country, Downhill, BMX, Dual Slalom, BTT ou Estrada – última edição analisada: n.º 17, 27 de Agosto a 27 Setembro de 2000.

62 Dedicado à pesca desportiva, publicou-se entre Junho de 1997 e Julho/Agosto de 1999 (n.º 18), sob a direcção de Carlos Negrão e propriedade da Compacto Edições, Lda.

1997), a revista *Cana & Carreto*⁶³ (Porto, 1998) e o periódico trimestral *Segredos da Pesca Desportiva*⁶⁴ (Peniche, 1999).

Para além do automobilismo/desportos motorizados, do mundo da bicicleta e da pesca desportiva, mais de uma dezena de outras modalidades contariam, entre 1996 e 2000, com publicações periódicas especializadas (ver Tabela 15), sendo esta multidisciplinaridade representativa do fraccionamento da actividade desportiva em Portugal e da importância da criação de publicações periódicas⁶⁵ para a divulgação de uma determinada modalidade.

Tabela 15

*Áreas de Especialização Desportiva entre 1996 e 2000*⁶⁶

Área de especialização	Publicação	Edições	Sede	Periodicidade	Director	Propriedade
Actividades Aquáticas	<i>Nadar</i>	1996 ao Século XXI	Lisboa	Trimestral	Luís Brito Rosa	BR
Desporto Feminino	<i>Desportiva – Actualidade no Feminino</i>	26 Fev. 1996	Almada	Mensal	Sandra Dias	Sandra Dias e António Monteiro
Desportos aéreos	<i>Voar</i>	Abr. 1996 ao n.º 10, Abr. 1997	Torres Vedras	Mensal	Manuel Gomes	Aeropub, Lda.
Equitação e Tauromaquia	<i>Equitação</i>	10 Abr. 1997 ao n.º 6, 19 Jun. 1997	Amora	Quinzenal	Francisco Cancellata de Abreu	Equipress, Lda.
Actividade Física	<i>Jornal em Forma</i>	Abr. 1999 ao n.º 11, Jul./Ago. 2000	Porto	Mensal	Nuno Camilo Araújo	Unipessoal, Lda.
	<i>Training & Coaching</i>	1999 ao Século XXI	Lisboa	Trimestral	Francisco Ramos e Isabel Lourenço	Tecnofoot, Lda. e Zarco, Lda.
Andebol	<i>Andebol Top</i>	Out./Nov./Dez. 1999 ao Século XXI	Amadora	Trimestral	Célia Afra	Renascença, Lda.
Desporto Juvenil	<i>Desporto Jovem</i>	25 Jun. 1999 ao Século XXI	Linda-a-Velha	Bimestral	Francisco Carmezim	Desporto Jovem, Lda.
Ténis	<i>Oeste Ténis Magazine</i>	Nov. 1999	Torres Vedras	Semestral	Joaquim Pereira	Joaquim Pereira
Golfe	<i>Hole One</i>	Mai/Jun. 2000 ao Século XXI	Lisboa	Bimestral	Valdemar Afonso	Tomás Amaral, Lda.
Futebol	<i>Futebol Mania</i>	15 Set. 2000 ao Século XXI	Sintra	Quinzenal	Nuno Farinha	Jacques Rodrigues – Grupo Impala

A diversidade das temáticas abordadas e a descentralização em relação a Lisboa seriam duas características presentes na imprensa periódica

63 Dirigida por João Germano, saiu um único número trimestral, em Março/Abril/Maio de 1998.

64 Sob a propriedade e direcção da empresa Propesca (de Peniche), líder no fabrico e distribuição de material de pesca em Portugal, saiu com uma primeira edição trimestral em 1999, mantendo-se em actividade pela década seguinte (última edição analisada: n.º 17, de 2004).

65 A crescente importância do jornalismo desportivo, no final do século XX, reflectiu-se também a nível académico, com a organização de eventos de cariz intelectual, como o I Seminário Internacional de Jornalismo Desportivo, organizado pela Universidade Autónoma de Lisboa, entre 26 e 28 de Outubro de 2000.

66 Os dados apresentados (director, periodicidade e propriedade) referem-se ao início das publicações.

desportiva de âmbito clubista e institucional. Entre 1996 e 2000, surgiram 27 publicações desse género (englobando as edições únicas e comemorativas), aparecendo Lisboa como sede de 13 dessas publicações, distribuindo-se as restantes por 13 cidades distintas.

Tabela 16

Principais Órgãos Informativos de Clubes e Instituições Criados entre 1996 e 2000

Clube/Instituição	Publicação	Edições	Sede	Periodicidade
Instituto do Desporto da Região Autónoma da Madeira	<i>Painel Desportivo</i>	Mar. 1996 ao Século XXI	Funchal	Trimestral
Federação Portuguesa de Hóquei	<i>Hockey Magazine</i>	Jul./Set. 1996 ao n.º 3, Abr./Jun. 1997	Porto	Trimestral
Centro de Estudos e Formação Desportiva	<i>Revista Desporto</i>	Jun. 1997 ao Século XXI	Lisboa	Mensal
Confederação do Desporto de Portugal	<i>Desporto Federado</i>	1997 a 1999 (1.ª série) 2004 (2.ª série)	Lisboa	Trimestral
Sindicato dos Jogadores Profissionais de Futebol	<i>O Jogador</i>	Mar. 1997 ao n.º 29, Nov./Dez. 2000	Lisboa	Mensal
Federação Portuguesa de Patinagem	<i>Magazine Patinagem</i>	Fev. 1998 ao Século XXI	Lisboa	Bimestral
Federação Portuguesa de Aikido	<i>Aikido</i>	Abr./Jun. 1998 ao Século XXI	Carcavelos	Trimestral
Câmara Municipal de Oeiras	<i>Notícias do Espírito Desportivo</i>	Maio 1998 ao Século XXI	Oeiras	Trimestral
Associação Nacional de Treinadores de Judo	<i>Revista de Judo</i>	1998 a 2000	Mem Martins	Trimestral
Federação Portuguesa de Ténis de Mesa	<i>Revista Ténis de Mesa</i>	Out. 1998 ao Século XXI	Lisboa	Trimestral
Fundação do Desporto	<i>Tribuna</i>	Maio 1998 ao Século XXI	Lisboa	Trimestral
Clube de Futebol Estrela da Amadora	<i>Jornal Estrela da Amadora</i>	Jul. 1998 a 22 Maio 1999	Amadora	Bimestral
Câmara Municipal de Lisboa	<i>Lisboa Desporto</i>	Mar. 1999 ao Século XXI	Lisboa	Mensal
Federação Portuguesa de Remo	<i>O Remo</i>	Mar. 1999 ao Século XXI	Lisboa	Trimestral
Associação de Judo do Distrito de Santarém	<i>Revista AJDS</i>	Mar. 2000 ao Século XXI	Torres Novas	Trimestral
Federação Portuguesa de Basquetebol	<i>Basquetebol</i>	Mar. 2000 ao Século XXI	Lisboa	Bimestral

Além dos 16 órgãos informativos de clubes e instituições apresentados na Tabela 16, nestes últimos anos do século XX surgiram ainda algumas publicações com um objectivo claramente comemorativo ou evocativo de uma temática desportiva: *Cadernos Desporto*⁶⁷ (Braga, 1996), *Boletim da*

⁶⁷ Edição do *Correio do Minho*, de Novembro de 1996, sobre a Divisão de Honra da Associação de Futebol de Braga.

*Federação Portuguesa de Pesca Desportiva*⁶⁸ (Lisboa, 1996), *Dom Futebol*⁶⁹ (Lisboa, 1997), *Sintra Desporto*⁷⁰ (Sintra, 1997/98), *Curva Stromp*⁷¹ (Lisboa, 1997), *Desporto Automóvel*⁷² (Amadora, 1997), *Portugal Desportivo*⁷³ (Frankfurt, 1999), *Desporto no Concelho*⁷⁴ (Évora, 1999), *Sport Auto Magazine*⁷⁵ (Algés, 1999), *O Desporto Montijo*⁷⁶ (Montijo, 2000) e *A Académica*⁷⁷ (Espinho, 2000).

68 Boletim de quatro páginas, saiu somente uma vez, em Dezembro de 1996, sob a direcção de Santos Pereira.

69 Número único de Junho de 1997, que pretendia promover o surgimento duma revista semanal, com o mesmo título.

70 Edição da Câmara Municipal de Sintra, no 1.º trimestre do ano lectivo 1997/98, dedicada ao desporto escolar.

71 Revista da Torcida Verde (claque do Sporting CP), saiu uma vez, em 1997, com uma tiragem de 3 mil exemplares.

72 Anuário, em formato livro, dedicado ao desporto automóvel em 1997, editado pela AIFA.

73 Com o subtítulo «O primeiro jornal exclusivamente desportivo editado nas Comunidades Portuguesas na Europa», era o suplemento desportivo de *A Tribuna Portuguesa* (editado na Alemanha) e saiu uma vez, em Fevereiro de 1999.

74 Boletim anual da Câmara Municipal de Évora, dedicado ao desporto.

75 Número único, de quatro páginas, destinado a manter o título, com direcção e propriedade de João Ferreira.

76 Editado pelo Clube Desportivo de Montijo, saiu uma vez, em Abril/Maio de 2000, sob a direcção de Artur Lucas.

77 Editado pela secção de seniores femininos de hóquei em patins, da Associação Académica de Espinho, saíram dois números, entre Maio e Junho de 2000.

III PARTE

História e memória da imprensa periódica desportiva

«Num país como o nosso, em que se «sente» muito mais do que se «pensa» e há uma tendência, íamos a dizer congénita, para a má língua, o remoque, a mofa, o desdém, a zomba, a anedota, não podia a crítica desportiva deixar de ser discutida e, mais do que discutida, não só muito mal julgada, como considerada, muitas vezes, venal e deletéria.»

Vítor Santos,
chefe de Redacção de *A Bola*, 1968¹

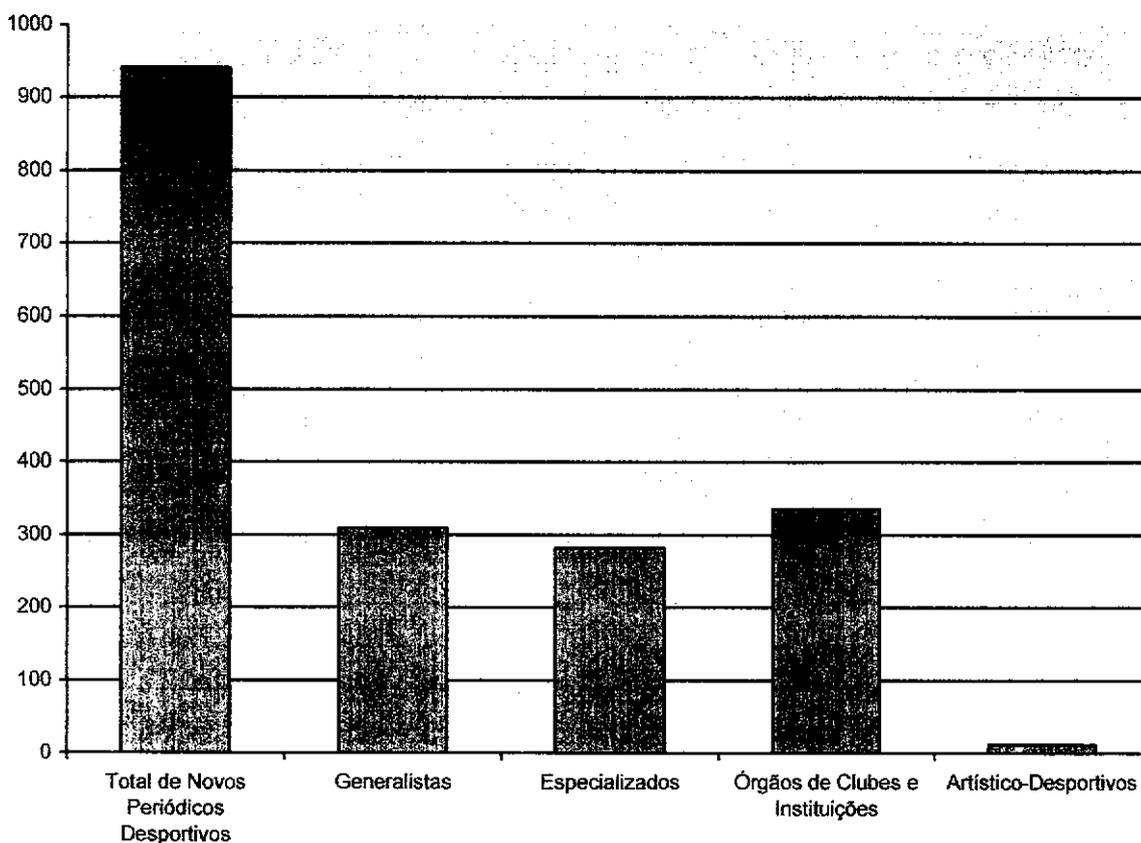
Ao longo deste trabalho procurámos analisar a evolução histórica e memorial de um fenómeno específico: o periódico desportivo português. Este objecto de estudo, intrinsecamente, comporta uma quantidade de cambiantes discursivas e dialécticas, nos domínios da história da imprensa e do desporto. E o próprio discurso doutrinal sobre as potencialidades do desporto para a realidade portuguesa é, em si mesmo, parte integrante da estrutura da história da cultura portuguesa no século XX.

A recuperação da memória colectiva (Nunes, 2001: 321) do jornalismo desportivo português, entre 1875 e 2000, determinou a configuração de 18 capítulos temporais distintos e, ao mesmo tempo, complementares entre si, formando um único sistema evolutivo. Nesse extenso período de 125 anos, a desmontagem da história do periódico desportivo português implicou a análise de 940 publicações periódicas desportivas (ver Gráfico 1), divididas em três grandes linhas programáticas (ver Anexo 1): periódicos desportivos de índole generalista (310 títulos), periódicos desportivos de cariz especializado (282) e periódicos ligados a clubes e instituições (336) – e incluímos uma subcategoria, a artístico-desportiva (12 jornais, entre 1907 e 1942).

Esta divisão dos 940 periódicos desportivos, em quatro níveis de significação (Cunha, 2001: 127) programática, e a definição de 18 períodos temporais, entre 1875 e 2000, foi a fórmula interpretativa adoptada, ao longo da II Parte, para contar a história da imprensa periódica desportiva portuguesa, surgindo agora, esta III Parte, como um balanço geral interpretativo.

¹ Santos, 1968: 3.

Gráfico 1 – Número Total de Periódicos Desportivos Criados entre 1875 e 2000



1. Evolução histórica

Traçar o perfil evolutivo, num espaço temporal de 125 anos, do fenómeno do periódico desportivo português, comporta um vasto conjunto de condicionantes de análise e um elevado risco de interpretação. E este delineamento explicativo torna-se ainda mais instável perante a ausência de uma história geral do desporto e da imprensa periódica em Portugal no século XX, que permitissem cruzar as suas memórias e saberes com esta história particular da imprensa periódica desportiva. No entanto, embora correndo o risco inerente às generalizações e contextualizações simplistas, parece-nos fulcral tentar esboçar um breve perfil histórico e identitário sobre o periódico desportivo português, servindo como forma de meditação genérica e complementar das reflexões introduzidas ao longo dos 18 capítulos anteriores.

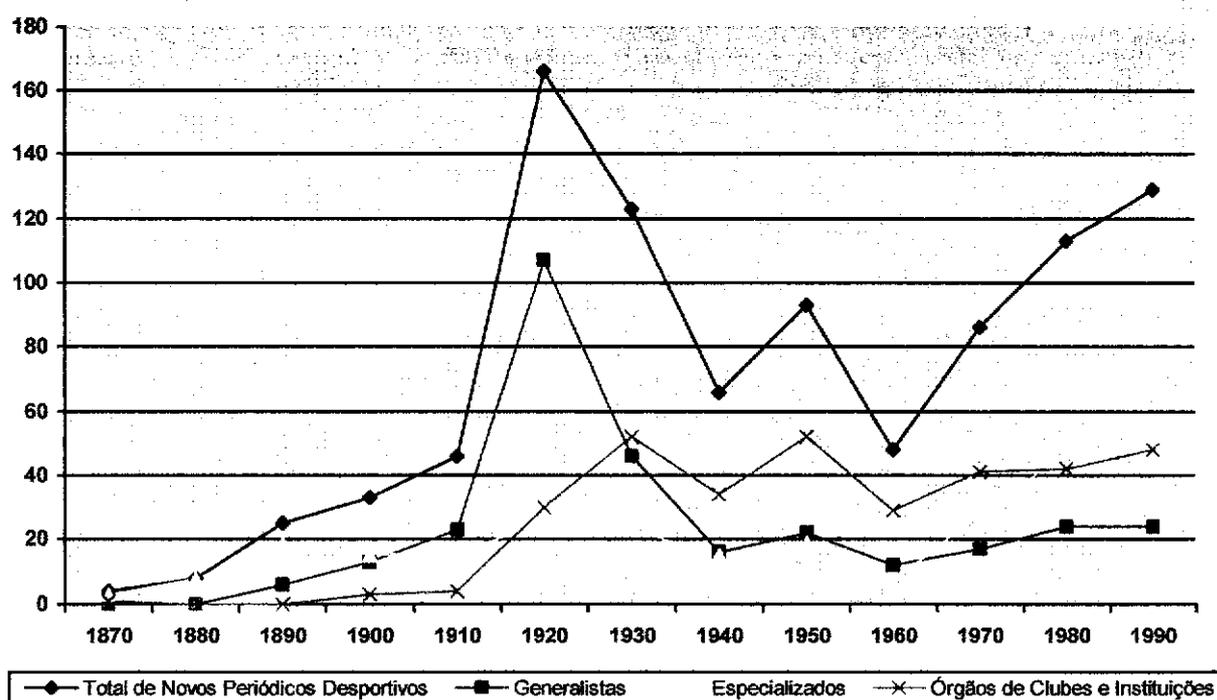
O início da construção do edifício do jornalismo desportivo em Portugal remonta ao último quartel do século XIX, assentando numa imprensa

desportiva especializada, de cariz tradicional (tauromaquia, caça, tiro) e educativa (ginástica), alargando-se pouco depois às modalidades elitistas do ciclismo e automobilismo – a imprensa diária generalista, de teor liberal, daria também o seu contributo para as primeiras fundações desse edifício.

Os primeiros alicerces do jornalismo desportivo, lançados pelo campo dos periódicos especializados, teriam como efeito natural a necessidade de criar sustentáculos informativos mais sólidos e abrangentes, percursores de uma ideia de desporto que conciliasse, num mesmo espaço de diálogos (o periódico), os diferentes imaginários discursivos, consubstanciados em distintos binómios de significação: geral versus particular, grupo vs. indivíduo, notícia vs. opinião, doutrina vs. clubismo, amadorismo vs. profissionalismo, local vs. nacional, Portugal vs. Europa, masculino vs. feminino, entre outros.

Gráfico 2

Evolução da Imprensa Periódica Desportiva Portuguesa por Décadas



Estes binómios interpretativos e discursivos começaram a formar-se a partir do momento em que se criou um jornalismo desportivo generalista, capaz de olhar para uma realidade globalizante à volta do fenómeno desportivo, rompendo com as tradicionais visões, fechadas e seccionadas, à volta da

actividade desportiva em Portugal. Como o Gráfico 2 ilustra, a evolução da imprensa periódica desportiva portuguesa pautou-se por uma linha heterogénea, patenteando um misto de crescimento regular (entre as décadas de 1870 e 1910 e as de 1960 e 1990), com uma fase de profundas assimetrias (entre os anos 1920 e 1950), apresentando, as três retóricas programáticas, evoluções distintas, embora editorialmente complementares.

A evolução da imprensa periódica desportiva generalista foi um dos principais factores que condicionou o processo evolutivo geral da imprensa periódica desportiva portuguesa, ditando as inflexões e os momentos de apogeu – como na década de 1920, em que os periódicos desportivos generalistas estiveram na origem de 107 das 166 publicações desportivas criadas em Portugal (ver Anexo 1). A linha genealógica deste género de imprensa começou a formar-se, de modo sustentado, a partir da revista *Tiro e Sport* (Lisboa, 1904-1913), periódico que conjugava um jornalismo desportivo eclético e de qualidade, uma Redacção inclusiva e polivalente, um grafismo cuidado, uma alargada rede de correspondentes (nacionais e internacionais), um fotojornalismo inovador e uma dinâmica editorial e organizacional promotora de uma ideia de desporto na sociedade portuguesa. Estas preocupações editoriais estavam intimamente relacionadas com a necessidade, cronicamente latente na imprensa desportiva portuguesa, de igualar os modelos de qualidade apresentados pelas publicações europeias do género, principalmente o modelo francês.

Ao longo do século XX, apesar da fugacidade crónica dos periódicos desportivos em Portugal – formando-se a intransponível barreira temporal dos três meses de edição –, a herança editorial construída pelo *Tiro e Sport*, na década de 1900, seria perpetuada ao longo do século XX por um restrito leque de periódicos, centralizados em Lisboa e, num segundo nível evolutivo, no Porto. Assim, essa herança matricial seria continuada, na Capital, pelo *O Sport de Lisboa* (1915-1934), *Os Sports* (1919-1945), *Stadium* (1932-1951), *A Bola* (1945), *Mundo Desportivo* (1945-1980), *Record* (1949) e *Gazeta dos Desportos* (1981-1995), e, na Cidade Invicta, pelo *Sporting* (1921-1953), *O Norte Desportivo* (1934-1983) e *O Jogo* (1985) – fora da dupla centralidade Lisboa-Porto, num âmbito discursivo mais regionalista, mas igualmente doutrinário, publicaram-se *A Voz Desportiva* (Coimbra, 1926-1975), o *Correio Desportivo*

(Funchal, 1926-Século XXI) e o *Angola Desportiva* (Luanda, 1930-1971). Este restrito grupo de periódicos assumiu-se como o centro irradiador de ideias, saberes e exemplos, confluindo nele todo o género de estratégias, quer as de índole agregadora (definição laboral, independência e isenção jornalística, associativismo de classe, condutas doutrinárias, solidariedade profissional, combatividade à censura, imaginário nacional e internacional), quer as de cariz concorrencial e facturante (amadorismo vs. profissionalismo, guerra Norte-Sul, antagonismos individuais, editoriais, desportivos e empresariais).

Apesar da centralidade noticiosa de Lisboa e, num segundo nível, do Porto, a imprensa periódica desportiva só ganhou uma verdadeira dimensão nacional com a proliferação de uma imprensa periódica desportiva regional, a partir do final da década de 1910 (assente num modelo individualizado de proprietário, director e editor, habitualmente ligado ao mundo tipográfico). Esta fase marcaria também uma primeira inversão na postura editorial dos fazedores de jornalismo desportivo, sobrepondo, pela primeira vez, a notícia à doutrina (apologética e defensora de uma ideia de desporto, como forma de regenerar o homem português) – definia-se um duplo papel para a função do jornalista desportivo: repórter e doutrinário, numa visão identitária que marcaria a sua acção discursiva ao longo do século XX.

A realidade da imprensa desportiva especializada, em termos evolutivos, foi distinta à generalista (ver Gráfico 2), apresentando maior instabilidade editorial e volubilidade, fruto das profundas mudanças nos hábitos sociais e desportivos ao longo do século XX. O binómio caça e pesca, a vela e, sobretudo, o automobilismo foram os principais eixos temáticos em que assentou o trajecto deste género de imprensa, geralmente criadora de publicações em formato revista, ilustradas e fundadas por um grupo de entusiastas da modalidade, mantendo em permanência uma postura doutrinária – de forma a promover a sua área temática, num duplo objectivo: cativar mais praticantes e leitores. A partir da década de 1960, assistiu-se a um gradual crescimento deste género de imprensa, confirmado ao longo dos anos 1980 e 1990, consequência directa da crescente redefinição empresarial do campo mediático e do jornalismo desportivo em Portugal, e do próprio meio publicitário à volta do desporto.

Um outro espaço de criação de periódicos desportivos relacionou-se com a actividade editorial dos clubes e das instituições desportivas (incluindo as de índole académico), tornando-se um campo dominador, em termos meramente numéricos, entre as décadas de 1930 e 1970, assentando essa hegemonia na necessidade recorrente dos clubes defenderem os seus interesses e informarem. Mas, este acto de informar, não era isento, nem independente e nem sempre ideologicamente doutrinal. Apresentava-se parcial e sectário, destinado a um adepto, simpatizante ou indivíduo que comungava e partilhava de um mesmo objectivo comum, ligado a um determinado clube ou instituição. Apenas o espaço clubista e institucional ligado ao futebol, temática hegemónica em Portugal, conseguiu solidez nos seus projectos editoriais.

2. Reflexões doutrinais

O periódico desportivo, enquanto «teatro de representações»² da sociedade portuguesa, contém, na sua desmontagem discursiva e doutrinal, um vasto leque de heranças culturais (Nunes, 2001: 321), algumas de cariz ancestral, adaptadas a esta nova realidade: o desporto. As ideias construídas nas páginas dos jornais desportivos portugueses reflectiram, antes de tudo, uma visão nacional, determinada pelo imaginário português presente no período histórico em que foram produzidas. Em geral, a ideia de Portugal alternou entre os sentimentos de regeneração e os de decadência, num dilema crónico entre um presente doloroso e a herança de um passado glorioso (o das Descobertas, pejado de glórias e heróis). Os sentimentos de esperança e regeneração surgiam, de forma recorrente, em épocas de mudança política, como sucedeu logo após 1910, 1926 e 1974, enquanto os discursos negativistas e decadentistas eram produzidos nas fases em que imperava a desilusão, provocada pelo fracasso das expectativas geradas à volta da mudança, com o mundo da política a ser apontado, permanentemente, como a causa da decadência nacional.

Ao longo do século XX, a imprensa periódica desportiva portuguesa preconizou uma ideia de desporto globalizante (numa espécie de matriz olímpica, à escala local e nacional), quer em relação ao indivíduo, quer à

2 Burke, P. (1992). *O mundo como teatro. Estudos de antropologia histórica*. Lisboa: Difel.

sociedade, potenciadora de um novo ambiente social, ambicionando a formação de um novo Homem português, cujas qualidades deveriam copiar as do homem desportivo, assumindo-se o desporto como um dos motores da transformação. Era regular, e potenciado, o aparecimento e a valorização da figura do herói desportivo, que encarnava as qualidades desse tão desejado novo Homem (um dos primeiros modelos criados no imaginário português foi o atleta Francisco Lázaro, no início da I República), em oposição ao tradicional indivíduo, moldado no conservadorismo do fado, da educação fradesca, da desorganização, do mar e da taberna.

Os discursos da imprensa periódica desportiva foram também dominados pelo sentimento de pequenez, relativamente a Portugal, identificando-se, por isso, com os dilemas existenciais dos povos e nações, geográfica e demograficamente, pequenas. Porém, o sentimento que nos levava a nutrir afeição pelos países pequenos era o mesmo que nos empurrava para ambicionar ser como as nações poderosas, posição ocupada nos Descobrimentos. O Portugal apresentado, nos jornais desportivos, era um país que convivía mal com a sua pequenez, ambicionando ser como os países europeus poderosos³, apelando por isso à adopção dos processos de sucesso anglo-saxónicos, principalmente os germânicos – neste contexto imaginário, as ideias de progresso e de força foram acarinhadas na imprensa desportiva, sempre que não tivessem um fim estritamente bélico, numa apologia ao industrialismo como forma de modernizar a decrépita sociedade portuguesa.

A popularização das ideias de desporto e educação física foram apontadas como fórmulas explicativas da superioridade das nações europeias mais poderosas, assumindo a prática desportiva diversos sentidos: promover a preparação física entre o cosmos masculino, criar novos espaços de emancipação feminina, abrir novas dimensões de afirmação das nações através da competição, reforçar as relações internacionais e a visibilidade de Portugal na Europa e no Mundo. Toda esta breve conjuntura doutrinal estaria presente continuamente na evolução memorial da imprensa periódica desportiva portuguesa, assente num alargado leque de tópicos, que iremos abordar na conclusão, que pretendemos seja um espaço aberto de reflexão.

³ Nesta dualidade sentimental está presente o princípio de «descentragem» permanente dos portugueses da sua própria realidade, abordada na obra reflexiva de Eduardo Lourenço (1991: 73).

CONCLUSÃO

A edificação desta história da imprensa periódica desportiva portuguesa, além do seu interesse historiográfico e matricial para futuras investigações no campo da relação entre os *media* e o desporto, e da história do desporto em Portugal, permitiu-nos entender e clarificar a importância social da imprensa desportiva no século XX português.

Entre 1875 e 2000, período em que se desenrola esta análise histórica ao periódico desportivo, os *media* assumiram um papel central na construção das identidades sociais da sociedade contemporânea, através dos seus discursos e formas culturais dominantes – as sociedades modernas passaram a viver grande parte da sua experiência cultural através dos *media* (Thompson, 1990: 68). E o discurso mediático produzido não só passou a influenciar as atitudes, os valores e os comportamentos das audiências, como construiu «o *self* de uma forma normalizadora e normativa» (Seidman, 1997: 48).

No caso português, no entanto, tem sido dada pouca importância ao estudo dos processos sociais e culturais que ligam *media* e desporto, isto apesar da enorme importância e relevância que o desporto (nomeadamente o futebol) desempenha na sociedade portuguesa. Esse relevo social fez com que o periódico desportivo, enquanto objecto de leitura e discussão, fosse predominante na leitura jornalística ao longo do século XX. Mas o espaço português de reflexão académica, produtor de saberes e de compreensão, manteve-se afastado do estudo histórico sobre *media* e desporto ao longo do século XX. Este afastamento torna-se ainda mais surpreendente se tivermos em conta que uma grande parte da relação dos indivíduos com o desporto, em especial o futebol, passou gradualmente a ser, nas últimas décadas, profundamente mediatizada, ou seja, vivida através dos *media*: como fica patente no sucesso editorial dos jornais desportivos, nas emissões desportivas de rádio e nas transmissões televisivas dedicadas ao desporto (em especial ao futebol). E, como foi possível perceber ao longo desta história, o crescimento do próprio desporto português esteve umbilicalmente dependente do apoio da imprensa desportiva – os *media* moldaram, em grande medida, o caminho que o desporto tomou na sociedade portuguesa.

A ideia de desporto, nas últimas décadas do século XX, passou a ser largamente sustentada, tal como um vasto conjunto de outras actividades, pelas indústrias dos *media*, «as quais não estão simplesmente envolvidas na transmissão e apoio financeiro de formas culturais preexistentes, mas também na transformação activa dessas formas» (Thompson, 1990: 163). Por exemplo, no tocante aos discursos dos *media* sobre a nação¹ e a identidade nacional, tornou-se célebre o trabalho de Benedict Anderson (1983), que demonstrou o papel central da imprensa no processo de imaginação da comunidade-nação, ou seja, dos Estados-nação, apresentando-se os discursos desportivos, produzidos nos *media*, como um objecto de enorme importância nesse campo de análise – no caso português ganharia relevância o estudo sociológico de João Nuno Coelho (2001) sobre o discurso de nação e identidade nacional nas páginas do jornal desportivo *A Bola*, entre 1945 e o final do século XX.

Como qualquer texto jornalístico ou literário, os jornais desportivos oferecem representações, versões, visões da realidade. Porém, no caso da imprensa periódica desportiva portuguesa, é fundamental percebermos que essas representações da realidade atingiram, durante o século XX, largos milhões de indivíduos – isto num País em que os índices de leitura foram sempre, e continuam a ser, reduzidos. Algumas dessas representações, dominantes nos discursos dos jornais desportivos, centraram-se no próprio País (como vimos na III Parte) e nos seus habitantes, constituindo-se em narrativas sobre Portugal e os portugueses, sobre as suas supostas características, ou seja, sobre as chamadas idiosincrasias de «ser português», mas também sobre o valor do País relativamente aos outros. No fundo, os jornais desportivos produzem discursos sobre a identidade e ao fazerem-no produzem identidade e cultura, num sentido lato. Neste ponto de reflexão, não podemos esquecer que a cultura «tem pelo menos dois sentidos, e um dos sentidos é o que se refere ao tecido de significados e imagens que permitem a um grupo de pessoas a sua coabitação dentro de um espaço; o outro é um sentido mais reflexivo, e digamos assim, mais consciente, que é o da produção de objectos que se referem a esse tecido de significados» (Cabral, 1993: 21). Os jornais desportivos fazem parte destes dois sentidos de que fala

¹ Outra obra importante neste campo foi *Sport, Power and Culture*, escrita por Hargreaves, na qual defendia a ideia de que os *media* eram «a mais importante instituição reprodutora da unidade nacional» (1986: 154).

João Pina Cabral, uma vez que são uma forma de produção de conhecimento sobre a realidade portuguesa, não só a desportiva, porque é impossível compartimentar a informação e o conhecimento. A narrativa jornalística desportiva apresenta várias leituras da realidade e teve ao longo do período analisado, sobretudo no século XX, um grande impacto dada a enorme capacidade de chegar aos indivíduos, de forma massificada.

Em forma de síntese, definimos dez tópicos finais, complementares às reflexões da III Parte, que servem de conclusão em aberto (Nunes, 2001: 379) e abordam questões transversais (dando pistas futuras de análise) sobre a história da imprensa periódica desportiva portuguesa:

1. Os periódicos desportivos tornaram-se no século XX na principal área informativa especializada, quer em termos de tiragens e vendas, quer na centralidade discursiva popular, assumindo três grandes dinâmicas ao longo da história: uma primeira assente num jornalismo generalista (anos 1920 e 1930), uma segunda à volta da informação clubista e institucional (década de 1950) e uma terceira centrada nos periódicos especializados (anos 1980 e 1990). A sua adaptabilidade gráfica, emotividade discursiva ou capacidade organizativa contribuíram para a consolidação do periódico desportivo junto do leitor português (infantil, juvenil e adulto, sobretudo na dimensão masculina, com a presença, embora residual, do feminino – mais num campo doutrinário), criando um espaço discursivo aberto a interpretações reais e imaginárias.

2. O papel do jornalista desportivo sofreu três fases evolutivas. Entre o final do século XIX e a década de 1910, assumiu o triplo papel de participante no acto desportivo, fazedor de notícias e patrocinador do periódico, adoptando a dualidade de jornalista e doutrinário, promovendo a causa desportiva, em prol do benefício social. No início da década de 1920, com a proliferação dos periódicos desportivos generalistas, reflexo da popularização da ideia de desporto (em especial do futebol), um pouco por todo o País, o jornalista desportivo passa a ter ao seu dispor um maior volume noticioso, ocupando mais tempo com o trabalho de repórter do que com as questões doutrinárias, embora estas continuem a perpetuar-se nas linhas editoriais dos periódicos, como forma de legitimação moral e social da ideia de desporto. A partir do início dos anos 1940, a linha geradora de novos periódicos, dedicados a promover a ideia de desporto, termina definitivamente, mantendo-se, no

entanto, o espírito de missão pela causa desportiva, que só viria a ser abandonado na segunda metade da década de 1970, quando as sociedades comerciais (vocacionadas para um princípio de lucro) começaram a dominar a propriedade dos periódicos desportivos.

3. A memória colectiva das redacções dos periódicos desportivos foi mantida e perpetuada, ao longo do século XX, pela transmissão de saberes entre as várias gerações de jornalistas, existindo uma dialéctica permanente, nem sempre positiva, entre uma nova geração, ávida de protagonismo e celebridade social, e uma velha geração, conhecedora do passado do desporto e das cambiantes vivenciais do mundo desportivo. Em termos evolutivos, a primeira geração de jornalistas desportivos, a dos pioneiros, construiu a notícia desportiva até finais da década de 1910, seguindo-se a geração dos «mestres» até à década de 1950, sucedendo-se uma geração marcada pela herança desses mesmos «mestres» durante os anos 1960 e 1970, herança que só desapareceu com a chegada de uma nova geração de jornalistas desportivos na década de 1980, pouco receptiva aos valores do passado e marcada pela assunção do total profissionalismo redactorial no jornalismo desportivo português. Entender estas dinâmicas geracionais e personificar as suas principais figuras foi uma das dialécticas deste trabalho, que apresenta mais de 70 notas biografias de jornalistas desportivos, abrindo novos caminhos.

4. O futebol só ganha o estatuto de tema dominador nas páginas dos periódicos desportivos portugueses a partir de meados da década de 1910, com o jornalismo desportivo a ser nitidamente marcado pela abertura e o encerramento da época futebolística, temática avassaladora nos discursos sociais e familiares, graças à popularização dos principais clubes portugueses (SL Benfica e Sporting CP, em Lisboa, e FC Porto, no Porto) e ao papel unificador da Selecção Nacional de Futebol. À volta do futebol, e dos seus principais clubes, iria desenvolver-se o noticiário (e as tiragens) da imprensa desportiva generalista de referência ao longo do século XX, dominando o binómio escândalo vs. moral – numa retórica de quanto maior o escândalo, maiores as vendas, seguindo-se a esses momentos de conflitualidade (encarnados em figuras como a guerra Norte-Sul, as agressões aos jornalistas ou corte de relações entre periódicos) os apelos à calma e os editoriais moralistas e de defesa do bom nome do futebol e da causa desportiva.

5. O periódico desportivo, além de produtor de discurso textual, apresentou tradicionalmente um extraordinário cariz visual, promovendo uma memória desportiva fotográfica desde os primórdios no século XIX. Construir a história do fotojornalismo desportivo e do movimento caricatural e ilustrativo na imprensa periódica desportiva foram preocupações ao longo da edificação desta história, que evidenciou biograficamente fotógrafos, caricaturistas e ilustradores, assim como destacou os periódicos desportivos ilustrados, numa linha perpetuada desde os anos 1900.

6. O periódico desportivo, nas suas facetas de narrador e ilustrador do mundo desportivo, teve necessidade de criar regularmente os seus heróis, figuras essenciais na edificação das identidades desportivas, quer ao nível dos clubes, quer no patamar da identidade nacional, principalmente durante o período do grande Portugal ultramarino – para isso também contribuiu a imprensa desportiva do Ultramar. O mundo do futebol foi um espaço privilegiado e fértil para a descoberta de heróis, surgindo também, ocasionalmente, ídolos nacionais nos campos do atletismo e do ciclismo. E o estatuto de semideus nacional só ganhou uma dimensão feminina (sempre muito presente na imprensa desportiva), embora de cariz episódico, nas décadas de 1980 e 1990, altura em que o herói desportivo português voltou a centrar-se em si mesmo e no culto da personalidade, afastando-se do estatuto de exemplo social e promotor da causa desportiva.

7. A censura, a auto-censura e o mundo das pressões internas e externas nas Redacções, foram três dimensões presentes na evolução da imprensa periódica desportiva portuguesa. Os periódicos desportivos tiveram que se adaptar a cada uma dessas realidades, estabelecendo dialécticas próprias, nos diferentes momentos temporais e espaços de representação. Compreender essas dinâmicas de funcionamento das redacções é um espaço em aberto e a explorar, permitindo uma maior compreensão sobre um tema determinante para entender a origem de certos discursos.

8. A história do periódico desportivo em Portugal foi também determinada pela história do jornalismo desportivo nos diários de informação generalista (a partir do século XIX), na rádio (desde a década de 1930) e na televisão (na esfera estatal e pública entre os anos 1950 e 1980, entrando na dimensão da televisão privada a partir da década de 1990). Cada um desses espaços

informativos determinou uma nova faceta para o jornalista desportivo, que na segunda metade do século XX deixaria o caminho do amadorismo (remuneratório e laboral) para enveredar pelos trilhos do profissionalismo (melhores remunerações e estatuto profissional) e do associativismo (consolidando uma ideia de classe na década de 1960 e o direito a ter carteira profissional de jornalista), acompanhando a própria transformação do desporto, como realidade familiar, em «desporto-espectáculo», com as audiências como nova e determinante realidade.

9. O exemplo estrangeiro serviu como referencial permanente para a imprensa periódica desportiva portuguesa, nas suas mais variadas vertentes, desde questões editoriais, gráficas e temáticas. A imprensa desportiva francesa, nas suas condutas e linhas orientadoras, assumiu-se como o principal modelo para a imprensa desportiva portuguesa, recorrentemente preocupada em igualar os patamares qualitativos (em grafismo, papel e jornalísticos) da imprensa francesa. O comparativismo entre as duas realidades é um espaço em aberto, assim como entre as dimensões do Norte e do Sul da Europa, duas esferas desportivas e noticiosas aparentemente distintas.

10. A construção desta história da imprensa periódica desportiva portuguesa, entre 1875 e 2000, se por um lado permitiu delimitar temporalmente o fenómeno e contabilizar a sua real influência (940 periódicos), abriu igualmente novas portas de investigação, em diferentes âmbitos históricos, como são o desporto, os *media*, as identidades, as instituições, as biografias desportivas e jornalísticas, o espaço dos heróis, o colonialismo, a sociedade, a política ou a cultura (a relação entre o desporto e a literatura-teatro-cinema é uma dessas divisões em aberto). Este trajecto evolutivo, ao terminar no ano 2000, não inclui uma realidade – a Internet – alteradora das dinâmicas tradicionais da imprensa periódica desportiva portuguesa, existindo nesse novo campo exploratório um vasto espaço de análise e reflexão, embora ainda na dimensão interpretativa do ensaio, devido à falta de distanciamento histórico. As novas realidades empresarias no campo dos *media*, as diferentes facetas do «desporto-espectáculo» ou a especialização, cada vez mais dominante, do jornalismo desportivo, constituem também vertentes a explorar, num contexto, como o português, cada vez mais receptivo a estudos no âmbito da realidade desportiva.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES

1. Periódicos desportivos¹

Capítulo 1: 1875-1893

Athleta (Angra do Heroísmo, 1879)
Atleta, O (Lisboa, 1838)
Atleta, O (Porto, 1838)
Bandarilha, A (Lisboa, 1888)
Boletim de Notícias do Clube Velocipedista
Portuense (Porto, 1880)
Caça, A (Porto, 1883)
Efemérides Náuticas ou Diário Astronómico (Lisboa,
1789)
Gymnasta, O (Lisboa, 1878)
Gymnasta, O (Porto, 1882)
Gymnasta, O (Porto, 1888)
Gymnastica, A (Lisboa, 1885)
Jornal dos Caçadores (Lisboa, 1875)
Lança, A (Lisboa, 1840)

Piloto, O (Coimbra, 1836)
Ramalhete, O (Lisboa, 1837)
Recreativo, O (Lisboa, 1838)
Recreativo, O (Lisboa, 1861)
Recreio (Lisboa, 1835)
Recreio (Lisboa, 1866)
Recreio (Lisboa, 1885-1893)
Recreio (Lisboa, 1885-1896)
Toureiro, O (Porto, 1890)
Toureiro Portuguez, O (Lisboa, 1890)
Toureiro, O (Lisboa, 1836)
Toureiro, O (Lisboa, 1876)
Toureiro, O (Porto, 1890)
Trincheira, A (Lisboa, 1892)
Velocipedista, O (Porto, 1893)

Capítulo 2: 1894-1900

Arena, A (Lisboa, 1900)
Atleta, O (Oliveira do Douro, 1898)
Bicicleta (Lisboa, 1895)
Boletim do Photo-Velo-Club (Porto, 1899)
Caça, A (Lisboa, 1899)
Campeão, O (Lisboa, 1897)
Campeão, O (Porto, 1899)
Campo Pequeno, O (Lisboa, 1895)
Cyclista, O (Lisboa, 1900)
Dardo, O (Lisboa, 1897)
Echo, O (Lisboa, 1894)
Lide, A (Lisboa, 1897)
Mariposa, A (Porto, 1899)

Pedestrianismo, O (Lisboa, 1898)
Revista de Sport (Lisboa, 1898)
Revista Taurina (Lisboa, 1897)
Sol e Sombra (Lisboa, 1894)
Sport (Lisboa, 1894)
Sport «Velo» (Lisboa, 1897)
Sport, O (Lisboa, 1897)
Tiro Civil, O (Lisboa, 1895)
Tourada, A (Lisboa, 1894)
Toureiro Clássico (Lisboa, 1895)
Toureiro, O (Ilha Terceira, 1894)
Velo Sport (Lisboa, 1896)

¹ Dado o volume de publicações, optámos por uma divisão por capítulos, segundo o aparecimento de cada periódico (apresentados por ordem alfabética), e pela apresentação do local e ano em que surgiu. Uma explicação mais detalhada sobre cada publicação pode ser encontrada no capítulo correspondente.

Capítulo 3: 1901-1904

Da Barreira (Lisboa, 1903)
Palco e Arenas (Porto, 1904)
Portugal Chauffeur (Coimbra, 1903)
Revista de Sport (Lisboa, 1903)
Revista Taurina (Lisboa, 1902)

Sport, O (Lisboa, 1902)
Sportivo (Porto, 1901)
Tiro e Sport (Lisboa, 1904)
Veio-Portugal (Lisboa, 1904)

Capítulo 4: 1905-1910

Athleta (Lisboa, 1909)
Auto (Porto, 1908)
Automobilista, O (Lisboa, 1910)
Bandarilhas de Fogo (Lisboa, 1910)
Campo Pequeno (Lisboa, 1907)
Coimbra Club (Coimbra, 1907)
Eco Sportivo (Lisboa, 1906)
Escândalo Taurino, O (Lisboa, 1910)
Ferros Curtos (Lisboa, 1909)
Gazeta de Sport (Lisboa, 1909)
Jornal do Sport (Lisboa, 1905)
Letras e Sport (Porto, 1910)

Revista Taurina (Lisboa, 1909)
Sociedade Hípica Portuguesa (Lisboa, 1910)
Sport Nacional (Lisboa, 1910)
Sports Ilustrados, Os (Lisboa, 1910)
Sports, Os (Lisboa, 1905)
Toureio Portuguez (Lisboa, 1910)
Trincheira, A (Lisboa, 1910)
União dos Atiradores Cívicos (Lisboa, 1905)
União Velocipédica Portuguesa (Lisboa, 1905)
Verdade Taurina, A (Lisboa, 1906)
Vida Sportiva (Lisboa, 1908)
Vida Sportiva (Lisboa, 1910)

Capítulo 5: 1911-1913

Aero-Club de Portugal (Lisboa, 1911)
Aviação, A (Lisboa, 1912)
Boletim da Associação de Football de Lisboa (Lisboa, 1912)
Crítica Desportiva (Lisboa, 1913)
Cyclista, O (Lisboa, 1911)
Evolução Sportiva, A (Évora, 1913)
Jornal de Sports (Lisboa, 1911)

Recreativo, O (Coimbra, 1912)
Revista Automobilista Portuguesa (Porto, 1913)
Sol e Moscas (Lisboa, 1913)
Sport Lisboa, O (Lisboa, 1913)
Sport, O (Horta, 1911)
Tourada, A (Lisboa, 1912)
Vida Sportiva (Lisboa, 1912)
Vida Sportiva (Lisboa, 1913)

Capítulo 6: 1914-1918

Álbum Taurino (Lisboa, 1916)
Caçador Portuguez, O (Lisboa, 1915)
Campo Pequeno, O (Lisboa, 1915)
Chocalho, O (Lisboa, 1914)
Desporto, O (Funchal, 1918)
Desporto, O (Lisboa, 1917)
Echo Taurino, O (Lisboa, 1918)
Folha de Sport (Porto, 1914)
Ilustração Sportiva (Lisboa, 1915)
Jornal de Sport (Lisboa, 1914)
Norte Desportivo (Braga, 1916)
Porto Sportivo (Porto, 1918)

Póvoa Sportiva, A (Póvoa do Varzim, 1917)
Recreio e Sport (Lisboa, 1914)
Sombra-Sol (Lisboa, 1916)
Sport (Porto, 1917)
Sport de Lisboa (Lisboa, 1915)
Sport, O (Angra do Heroísmo, 1917)
Sportsman, O (Lisboa, 1915)
Teatro e Sport (Porto, 1917)
Toureio Nacional, O (Lisboa, 1918)
Touros, Os (Lisboa, 1916)
Vermelho, O (Lisboa, 1918)
Voo Mecânico, O (Lisboa, 1914)

Capítulo 7: 1919-1920

Automóvel (Lisboa, 1920)
Football (Lisboa, 1920)
Mocidade, A (Viseu, 1920)
Revista de Educação Física (Lisboa, 1920)

Sports, Os (Lisboa, 1919)
Sul Desportivo (Évora, 1919)
Viseu-Sport (Viseu, 1919)

Capítulo 8: 1921-1923

Almada Sport (Almada, 1922)
Auto, O (Lisboa, 1923)
Aveiro Sportivo (Aveiro, 1923)
Boletim do Académico Football Club (Vila Real, 1923)
Boletim do Sporting Clube de Portugal (Lisboa, 1922)
Caça e Sports (Alcobaça, 1922)
Caça e Sports (Porto, 1921)
Causa, A (Mirandela, 1922)
Coimbra Desportivo (Coimbra, 1923)
Desportivo, O (Elvas, 1923)
Desporto Operário, O (Lisboa, 1922)
Desporto, O (Angra do Heroísmo, 1921)
Desporto, O (Funchal, 1922)
Desportos (Luanda, Angola, 1923)
Eco Sportivo (Lisboa, 1922)
Figueira Sport (Figueira da Foz, 1921)
Gazeta Desportiva (Lisboa, 1923)
Ilustração Sportiva (Lisboa, 1923)
Invicta Sport (Porto, 1921)
Janeiro Desportivo (Porto, 1923)
Minho Desportivo (Braga, 1922)

Nossos «Azes» do Football, Os (Lisboa, 1923)
Penalty-Kick (Lisboa, 1921)
Portugal Sportivo (Lisboa, 1923)
Póvoa Sportiva (Póvoa de Varzim, 1922)
Raquete (Barcelos, 1922)
Recreio (Lisboa, 1921)
Semana Desportiva (Lourenço Marques, Moçambique, 1922)
Sol e Sombra (Lisboa, 1923)
Sport de Sintra, O (Sintra, 1921)
Sport do Funchal (Funchal, 1923)
Sport Nacional, O (Lisboa, 1923)
Sport Setúbal (Setúbal, 1921)
Sporting (Luanda, Angola, 1922)
Sporting (Porto, 1921)
Sporting de Gouveia, O (Gouveia, 1923)
Sporting de Tomar (Tomar, 1923)
Sportivo, O (Aveiro, 1923)
Sports de Portugal (Lisboa, 1921)
Sports de Sintra (Sintra, 1922)
Sul Desportivo (Faro, 1921)
Tejo, O (Ribeira de Santarém, 1922)
Vida e Sport (Vila Nova de Famalicão, 1922)

Capítulo 9: 1924-1926

«Azes» do Football (Lisboa, 1925)
«Azes» do Sport, Os (Lisboa, 1925)
Acção Desportiva (Barreiro, 1924)
Acção Desportiva (Pombal, 1924)
Açores Desportivo (São Miguel, 1925)
Águeda Desportiva (Águeda, 1924)
Ar Livre (Póvoa de Varzim, 1925)
Arauto Desportivo, O (Lisboa, 1924)
Atleta, O (Lisboa, 1926)
Atlético, O (Lisboa, 1924)
Auto (Lisboa, 1926)
Azes do Football Abrantino, Os (Abrantes, 1924)

Beira Desportiva, A (Tondela, 1926)
Boletim do Sporting Club da Horta (Horta, 1926)
Boletim Sportivo, O (Lisboa, 1924)
Caçador, O (Penafiel, 1926)
Carcavelinhos, O (Lisboa, 1926)
Cine-Sport (Lisboa, 1924-1926)
Cine-Sport (Lisboa, 1924)
Clube Sports da Madeira (Funchal, 1924)
Correio Desportivo (Funchal, 1926)
Correio Desportivo (Lisboa, 1925)
Correio do Sport (Lisboa, 1925)
De Sports (Covilhã, 1926)

Desportiva (Braga, 1914)
Desportivo (Caldas da Rainha, 1924)
Desporto, O (Lisboa, 1926)
Desporto, O (Pombal, 1924)
Desporto, O (Porto, 1926)
Diário de Sport (Porto, 1924)
Eco dos Sports (Lisboa, 1926)
Eco Sportivo (Tomar, 1924)
Figueira Desportiva (Figueira da Foz, 1924)
Figuras de Sport (Lisboa, 1925)
Foto Sport (Lisboa, 1924)
Futebol «Associação» (Lisboa, 1926)
Gazeta Sportiva, A (Sintra, 1924)
Gymnasion (Lisboa, 1926)
Ibérico Atlético Club (Lisboa, 1924)
Ilustração Sportiva (Lisboa, 1925)
Leiria Desportiva (Leiria, 1924)
Luso Sport, O (Barreiro, 1926)
Pela Raça (Faro, 1925)
Pio, O (Porto, 1926)
Porto Sportivo (Porto, 1924)
Portugal Desportivo (Lisboa, 1926)
Revista de Arte e Sport (Lisboa, 1925)

Capítulo 10: 1927-1936

ABC Auto-Sport (Lisboa, 1930)
ACP (Lisboa, 1930)
Águia Desportivo, O (Vila Franca de Xira, 1934)
Ala Desportiva (Angra do Heroísmo, 1931)
Alcântara Desportiva (Lisboa, 1933)
Algarve Desportivo (Faro, 1931)
Angola Desportiva (Luanda, Angola, 1930)
Angolana (Luanda, Angola, 1929)
Anzol, O (Cantanhede, 1933)
Ar Livre (Setúbal, 1934)
Arrentela, O (Arrentela, 1934)
Arte e Sport (Lisboa, 1928)
Associação Académica (Coimbra, 1933)
Atleta (Santarém, 1933)
Atlético, O (Mossamedes, Angola, 1931)
Auto (Lisboa, 1934)
Auto, O (Lisboa, 1931)
Auto, O (Lisboa, 1933)
Auto-Minho (Braga, 1933)
Az (Lisboa, 1936)

Semana Desportiva, A (Lisboa, 1926)
Sol e Sombra (Porto, 1925)
Sport (Coimbra, 1924)
Sport (Póvoa de Varzim, 1926)
Sport dos Açores, O (Ponta Delgada, 1924)
Sport Ilustrado (Lisboa, 1924)
Sport Ilustrado Jornal (Lisboa, 1924)
Sports da Manhã, Os (Lisboa, 1925)
Sports Ilustrados (Lisboa, 1926)
Sports Ilustrados, Os (Lisboa, 1926)
Sportsinhos, Os (Lisboa, 1925)
Stadium (Lisboa, 1926)
STN 35 (Viseu, 1925)
Tiro Nacional, O (Lisboa, 1926)
Tomar Desportivo (Tomar, 1926)
Torres Sport (Torres Vedras, 1925)
Touros e Toureiros (Lisboa, 1925)
União (Coimbra, 1925)
União (Viseu, 1926)
Vendedor de Jornaes, O (Lisboa, 1924)
Viana Desportiva (Viana do Castelo, 1926)
Volante, O (Lisboa, 1926)
Voz Desportiva, A (Coimbra, 1926)

Az, O (Lisboa, 1928)
Azes (Porto, 1933)
Barreirense, O (Barreiro, 1927)
Barreirense, O (Barreiro, 1933)
Basket-Ball (Porto, 1934)
Beja Sportiva (Beja, 1931)
Bola, A (Covilhã, 1936)
Bola, A (Lisboa, 1932)
Boletim da Associação de Educação Física e Desportiva de Torres Vedras (Torres Vedras, 1936)
Boletim do Futebol Clube do Porto (Porto, 1935)
Boletim do Gimnásio Club Português (Lisboa, 1936)
Boletim do Sporting Clube de Luanda (Luanda, Angola, 1936)
Boletim do Sporting Clube Figueirense (Figueira da Foz, 1927)
Boletim Oficial do Sport Lisboa e Benfica (Lisboa, 1927)
Caça (Ponta Delgada, 1936)
Caça e Sport (Lisboa, 1935)

Caça e Tiro (Lisboa, 1935)
 Caçador do Norte, O (Porto, 1930)
 Caçador, O (Lisboa, 1927)
 Caldas, O (Caldas da Rainha, 1931)
 Campeão, O (Lisboa, 1930)
 Campo de Ourique, O (Lisboa, 1928)
 Campo de Ourique, O (Lisboa, 1932)
 Campolide, O (Lisboa, 1932)
 Capote, O (Lisboa, 1930)
 Carcavelinhos Football Club (Lisboa, 1932)
 Cine e Desportos (Lisboa, 1935)
 Club Sport Marítimo (Funchal, 1935)
 Condutor de Automóveis (Lisboa, 1929)
 Corredor, O (Lisboa, 1932)
 Correio de Sports (Setúbal, 1930)
 Dardo, O (Coimbra, 1931)
 Desportine (Luanda, Angola, 1932)
 Desportivo (Caldas da Rainha, 1928)
 Desportivo, O (Anadia, 1933)
 Desportivo, O (Angra do Heroísmo, 1927)
 Desportivo, O (Lisboa, 1931)
 Desporto Transmontano (Vila Real, 1936)
 Desporto, O (Luanda, Angola, 1934)
 Desporto, O (Viseu, 1928)
 Desportos Elegantes (Lisboa, 1932)
 Diário de Sports (Porto, 1935)
 Domingo Desportivo, O (1931)
 Eco do Sport (Benguela, Angola, 1932)
 Eco dos Sports (Funchal, 1928)
 ElvaSportiva (Elvas, 1927)
 Ferros Curtos (Lisboa, 1927)
 Figuras do Desporto (Lisboa, 1935)
 Foto-Sport (Lisboa, 1927)
 Futebol (Lisboa, 1935)
 Futebol (Lisboa, 1936)
 Futebol (Porto, 1931)
 Gazeta (Ponta Delgada, 1931)
 Gazeta da Figueira, A (Figueira da Foz, 1933)
 Gazeta dos Sports (Coimbra, 1930)
 Ginásio, O (Olivais, 1929)
 Ginásio (Coimbra, 1936)
 Goal (Vila Franca de Xira, 1933)
 Guiauto Ilustrado (Porto, 1929)
 Hockey Club Portugal (Lisboa, 1931)
 Hora de Domingo, A (Porto, 1933)
 Horta Desportiva, A (Horta, 1931)
 Jornal de Sports (Lisboa, 1927)
 Jornal de Sports (Porto, 1933)
 Jornal de Sports (Setúbal, 1929)
 Jornal Desportivo, O (Funchal, 1933)
 KO «Knock-Out» (Lisboa, 1935)
 Leça, O (Leça da Palmeira, 1928)
 Lisboa Ginmásio Club (Lisboa, 1934)
 Marvilense, O (Lisboa, 1936)
 Match (Lisboa, 1927)
 Minho-Sport (Viana do Castelo, 1932)
 Motor (Lisboa, 1928)
 Motor, O (Lisboa, 1927)
 Motor, O (Porto, 1936)
 Músculo e Rodas (Porto, 1933)
 Nadador, O (Lisboa, 1931)
 Norte Desportivo, O (Porto, 1934)
 Notícias-Desportivo (Guimarães, 1932)
 Off-Side (Porto, 1928)
 Porto Desportivo (Porto, 1932)
 Porto-Sport (Porto, 1930)
 Portuense (Porto, 1932)
 Portugal Cinegético (Lisboa, 1935)
 Provir Desportivo, O (Beja, 1933)
 Pugilista, O (Lisboa, 1929)
 Pugilista, O (Lisboa, 1935)
 Punching-Ball (Lisboa, 1935)
 Rabeca Desportiva, A (Portalegre, 1933)
 Record (Lisboa, 1927)
 Recreio e Sport (Sesimbra, 1928)
 Ring (Lisboa, 1935)
 Seixal Football Club (Seixal, 1936)
 Semana Desportiva, A (Leiria, 1929)
 Setubalense-Sports, O (Setúbal, 1928)
 Setúbal-Sports (Setúbal, 1927)
 Sport (Penafiel, 1934)
 Sport (Porto, 1927)
 Sport Barreirense, O (Barreiro, 1930)
 Sport Club do Porto em Actividade (Porto, 1933)
 Sport de Angra (Angra do Heroísmo, 1928)
 Sport de Mossamedes, O (Mossamedes, Angola, 1931)
 Sport Ilustrado (Lisboa, 1931)
 Sport Lisboa e Viseu (Viseu, 1928)
 Sport Lisboa-Lapa (Lisboa, 1936)

Sport Lubango e Benfica (Lubango, Angola, 1932)
Sport Scalabitano, O (Santarém, 1927)
Sport, O (Porto, 1929)
Sport-Cine (Figueira da Foz, 1935)
Sportinguista, O (Vila Nova de Famalicão, 1934)
Sports do Algarve (Faro, 1935)
Sports, Os (Funchal, 1929)
Sprint (Lisboa, 1934)
Stadium (Lisboa, 1932)
Stick (Setúbal, 1932)
Sul Desportivo (Faro, 1929)

Suplemento Desportivo (Lisboa, 1927)
Tauromachico, O (Porto, 1929)
Tennis & Golf (Lisboa, 1932)
Tennis (Lisboa, 1930)
Toureiro, O (Lisboa, 1931)
União, O (Lisboa, 1931)
União, O (Paredes, 1930)
Vida Automobilística (Lisboa, 1927)
Vida Sã (Lisboa, 1928)
Vilanovense (Vila Nova de Gaia, 1934)
Volta dos Campeões, A (Figueira da Foz, 1936)

Capítulo 11: 1937-1953

Actividade Automobilística (Lisboa, 1950)
Aero, O (Lisboa, 1953)
Águias, Os (Lisboa, 1940)
Alcântara (Lisboa, 1939)
Alleo (Vila Real, 1937)
Ar Livre (Lisboa, 1950)
Arte e Sport (Lisboa, 1942)
Asas (Luanda, Angola, 1938)
Ases do Desporto (Coimbra, 1947)
ATCA (Luanda, Angola, 1953)
Atleta (Lisboa, 1939)
Atlético, O (Lisboa, 1945)
Automobilismo (Lisboa, 1940)
Auto-Motor (Lisboa, 1938)
Baliza (Lisboa, 1946)
Barreirense, O (Barreiro, 1952)
Beira Desportiva (Castelo Branco, 1948)
Belenense (Lisboa, 1937)
Belenenses, Os (Lisboa, 1940)
Benfica (Lisboa, 1939)
BNU no Desporto, O (Lisboa, 1953)
Boia, A (Coimbra, 1939)
Boia, A (Coimbra, 1942)
Boia, A (Lisboa, 1943)
Boia, A (Lisboa, 1945)
Boletim da Associação Naval de Lisboa (Lisboa, 1945)
Boletim da Direcção-Geral de Educação Física, Desportos e Saúde Escolar (Lisboa, 1944)
Boletim da Secção de Remo da Associação Naval de Lisboa (Lisboa, 1944)

Boletim da Sociedade Hípica Portuguesa (Lisboa, 1939)
Boletim do Boavista FC (Porto, 1953)
Boletim do CF Estrela da Amadora (Lisboa, 1951)
Boletim do Desportivo (Portalegre, 1945)
Boletim do Fayal Sport Club (Faial, 1947)
Boletim do Futebol Clube do Porto (Porto, 1945)
Boletim do Instituto Nacional de Educação Física (Lisboa, 1940)
Boletim do Juventude SC de Évora (Évora, 1952)
Boletim do SG Sacavenense (Sacavém, 1951)
Boletim do Sporting Club Quelimane (Moçambique, 1938)
Caça e Pesca (Lisboa, 1949)
Caixeiro Desportivo, O (Santarém, 1942)
Casapiano (Lisboa, 1950)
Clube Atlético Campo de Ourique (Lisboa, 1947)
Clube de Belém (Lisboa, 1944)
Clube de Futebol Os Belenenses (Lisboa, 1946)
Clube de Futebol Santa Cruz (Lisboa, 1945)
Crónica Desportiva (Lisboa, 1953)
Desforra, A (Coimbra, 1939)
Desportivo (Lourenço Marques, Moçambique, 1938)
Desportivo, O (Lourenço Marques, Moçambique, 1944)
Desporto e Recreio (Montijo, 1946)
Desporto, O (Macau, 1940)
Desportos do Cavaleiro Andante (Lisboa, 1953)
Diana (Lisboa, 1948)
Domingo Desportivo (Coimbra, 1948)
Eco dos Sports (Lourenço Marques, Moçambique, 1938)

Esgrima (Lisboa, 1949)
 Estoril-Praia (Estoril, 1950)
 Estrela Futebol Clube (Ovar, 1938)
 Final, A (Coimbra, 1939)
 Futebol (Lisboa, 1951)
 Futebol (Porto, 1950)
 Futebol Clube do Porto (Porto, 1944)
 Futebol Internacional (Lisboa, 1947)
 Gazeta Desportiva (Sintra, 1941)
 Gimnásio Club Português (Lisboa, 1943)
 Goal (Cabo Verde, 1944)
 Goal (Luanda, Angola, 1949)
 Grupo Desportivo Covilhanense (Covilhã, 1952)
 Grupo Desportivo Os Fósforos (Lisboa, 1945)
 Guardian Desportivo (Lourenço Marques, Moçambique, 1951)
 Hockey Club de Sintra (Sintra, 1944)
 HP Agápê (Porto, 1938)
 Intransigente Desportivo, O (Benguela, Angola, 1953)
 Jornal de Xadrez (Porto, 1946)
 Jornal dos Caçadores (Tomar, 1947)
 Leão, O (Lisboa, 1940)
 Leões, Os (Fundão, 1937)
 Lusitano Sport Clube (Lobito, Angola, 1944)
 Lusitano, O (Évora, 1952)
 Marítimo, O (Funchal, 1952)
 Minho Desportivo, O (Braga, 1949)
 Moçambique Taurino (Moçambique, 1951)
 Motor, O (Porto, 1947)
 Mundo Desportivo (Lisboa, 1945)
 Natação (Lisboa, 1948)
 Noticias-Sports (Coimbra, 1939)
 Peão, O (Lisboa, 1942)
 Piscina, A (Coimbra, 1942)
 Porto, O (Porto, 1949)
 Portugal-Inglaterra (Lisboa, 1947)
 Record (Lisboa, 1949)
 Remo, O (Lisboa, 1951)
 Revista do Ar (Lisboa, 1937)
 Revista Portuguesa de Xadrez (Lisboa, 1937)
 Rodagem (Lisboa, 1953)
 SCE Sporting Clube de Espinho (Espinho, 1940)
 Selecção (Lisboa, 1948)
 Selecções Desportivas (Coimbra, 1951)
 Selecções Desportivas (Lisboa, 1946)
 Sol e Sombra (Lisboa, 1951)
 Sport Club do Porto (Porto, 1944)
 Sport Lisboa e Benfica – O Benfica (Lisboa, 1942)
 Sport Lisboa e Bolama (Bolama, Guiné, 1938)
 Sport Lisboa e Luanda (Luanda, Angola, 1937)
 Sport Lisboa e Viseu (Viseu, 1949)
 Sporting Club Ribeirense (Santarém, 1938)
 Sporting Clube de Pombal (Pombal, 1947)
 Sul Desportivo (Beja, 1945)
 Sul Desportivo (Évora, 1950)
 Ténis e Golfe (Lisboa, 1950)
 Tennis (Lisboa, 1938)
 Vela (Lisboa, 1946)
 Vida Desportiva do Benfica (Lisboa, 1948)
 Vida Desportiva do Sport Lisboa e Elvas (Elvas, 1945)
 Viseu Desportivo (Viseu, 1949)
 Vitória Futebol Clube (Setúbal, 1944)
 Vitória, A (Coimbra, 1939)
 Voleibol (Lisboa, 1950)
 Xadrez, O (Barreiro, 1946)

Capítulo 12: 1954-1957

Académico, O (Porto, 1955)
 Actualidades Desporto e Turismo (Porto, 1954)
 Árbitro, O (Lisboa, 1957)
 Arquivo de Ténis de Vasco Galvão (Lisboa, 1956)
 Atleta (Lisboa, 1956)
 Auto-Jornal Suplemento (Lisboa, 1957)
 Banheirense, O (Lisboa, 1954)
 Benfica Ilustrado, O (Lisboa, 1957)
 Benfica, O (Lisboa, 1954)
 Bilihar Desportivo (Lisboa, 1955)
 Boletim CD Olhanenses (Olhão, 1956)
 Boletim do CS Gouveia (Gouveia, 1957)
 Boletim do Salgueiros (Porto, 1954)
 Boletim do Sport Lisboa-Lapa (Lisboa, 1954)
 Boletim do Sporting Clube da Horta (Horta, 1954)
 Boletim FPF (Lisboa, 1956)
 Caldas, O (Caldas da Rainha, 1955)
 Cartaz Desporto (Lisboa, 1955)

Colecção Ídolos do Desporto (Lisboa, 1956)
Crónica Desportiva (Lisboa, 1957)
Desportivo, O (Lourenço Marques, Moçambique, 1955)
Desporto (Porto, 1954)
Desporto e Turismo (Setúbal, 1954)
Equipa (Porto, 1954)
Esperança Atlético Clube (Lisboa, 1957)
Estádio (Lisboa, 1954)
Estádio, O (Lourenço Marques, Moçambique, 1955)
Golo (Lisboa, 1957)
Gymnasium, O (Lisboa, 1956)
Hockey Club Portugal (Lisboa, 1956)
Jornal do Sport Clube União Torriense (Torres Vedras, 1955)
Jornal dos Sports (Lisboa, 1956)
Moto Revista (Lisboa, 1955)
Motor Ilustrado (Lisboa, 1955)
Mundo Motorizado (Lisboa, 1957)
Nadador, O (Lisboa, 1957)
Namibe Desportivo, O (Mossamedes, Angola, 1955)
Notícias do Automobilismo (Lisboa, 1954)

Capítulo 13: 1958-1974

Académica (Coimbra, 1970)
Académica-Benfica (Coimbra, 1961)
Aeromodelismo (Lisboa, 1974)
Alhandra, O (Alhandra, 1958)
Atletismo (Lisboa, 1974)
Autódromo (Lisboa, 1972)
Badmington, O (Lisboa, 1961)
Basquetebol (Lisboa, 1958)
Beira-Mar, O (Aveiro, 1960)
Benfica, O (Lourenço Marques, Moçambique, 1958)
Boletim (Lisboa, 1966)
Boletim da Associação Lisbonense dos Amadores de Bilhar (Lisboa, 1965)
Boletim da Federação Equestre Portuguesa (Lisboa, 1958)
Boletim da Secção da Pesca Desportiva do SCP (Lisboa, 1962)
Boletim do Clube Amadores de Pesca de Tomar (Tomar, 1961)
Boletim do Comité Olímpico Português – Olimpo (Lisboa, 1961)

Placard Desportivo (Coimbra, 1956)
Sport Algés e Dafundo (Algés, 1957)
Sport Ilustrado (Lisboa, 1957)
Sporting Clube de Espinho (Espinho, 1954)
Sul de Angola Desportivo, O (Mossamedes, Angola, 1954)
Suplemento Desportivo da Gazeta das Caldas (Caldas da Rainha, 1955)
Tempo Desportivo, O (Luanda, Angola, 1956)
Ténis (Oeiras, 1955)
Ténis de Mesa (Lisboa, 1955)
Vida Desportiva do Clube Atlético Campo de Ourique (Lisboa, 1954)
Vida Desportiva do Grupo Desportivo de Peniche (Peniche, 1954)
Vida Desportiva do Sport Clube União Torriense (Torres Vedras, 1954)
Voz do Desporto (Setúbal, 1955)
Xeque Mate (Lisboa, 1954)

Boletim dos Amadores de Pesca de Abrantes (Abrantes, 1960)
Caça e Tiro ao Voo (Lisboa, 1964)
Campolide, O (Lisboa, 1961)
Centro Desportivo (Coimbra, 1969)
Contacto (Lisboa, 1961)
Cultura e Desporto (Huambo, Angola, 1959)
Cultura e Desporto (Lisboa, 1974)
Desportivo das Beiras (Viseu, 1968)
Desporto (Lisboa, 1974)
Desporto (Macau, 1965)
Desporto Columbófilo (Lisboa, 1962)
Desporto, O (Luanda, Angola, 1962)
Ecos do Marítimo (Angra do Heroísmo, 1964)
Educação Física Desportos, Saúde Escolar (Lisboa, 1965)
Equipa (Luanda, Angola, 1972)
Equipa (Moçambique, 1966)
Espinho – Boletim do SCE, O (Espinho, 1961)
Fayal Sport Club (Horta, 1966)
Figueira Sport (Figueira da Foz, 1959)

Futebol – AFL (Lisboa, 1965)
 Futebol (Lisboa, 1966)
 Futebol (Lisboa, 1974)
 Galitos FC, O (Barreiro, 1958)
 Ginásio, O (Baixa da Banheira, 1963)
 Graça, O (Lisboa, 1966)
 INFO INEF (Lisboa, 1973)
 Jornal de Biliar (Porto, 1962)
 Jornal de Caça e Peca (Lisboa, 1958)
 Jornal de Ténis e Golfe (Lisboa, 1959)
 Livre (Lisboa, 1974)
 Lusitânia, O (Ilha Terceira, 1958)
 Máquina (Lisboa, 1973)
 Marca, A (Lisboa, 1963)
 Meta (Amadora, 1970)
 Motor (Lisboa, 1963)
 Motor Revista (Lisboa, 1973)
 Motores (Lisboa, 1972)
 Panorama Desportivo (Lisboa, 1963)
 Penalti (Lisboa, 1959)
 Pesca de Rio (Abrantes, 1969)
 Podium (Oeiras, 1970)
 Portugal Desportivo (Paris, França, 1969)
 Programa Desportivo (Lisboa, 1962)
 Rallye (Mangualde, 1969)
 Redondel (Lisboa, 1974)

Capítulo 14: 1975-1978

Açoriano Desportivo (Angra do Heroísmo, 1978)
 Anadia, O (Anadia, 1978)
 Animador, O (Lisboa, 1976)
 Ano Auto (Lisboa, 1976)
 ANTB Basquetebol (Lisboa, 1978)
 Antologia Desportiva (Lisboa, 1977)
 Atletas, O (Horta, 1976)
 Atletismo Infantil (Lisboa, 1976)
 Auto-Mundo (Lisboa, 1975)
 Auto-Sport (Lisboa, 1977)
 Benfica nas Caldas, O (Caldas da Rainha, 1977)
 Boletim Bibliográfico da DGD (Lisboa, 1976)
 Boletim da Federação Portuguesa de Xadrez (Lisboa, 1976)
 Boletim da Sociedade Hípica Portuguesa (Lisboa, 1978)
 Cadernos de A Bola (Lisboa, 1977)

Remate (Porto, 1960)
 Revista Académica (Coimbra, 1970)
 Revista Náutica (Lisboa, 1967)
 Sangalhos, Os (Sangalhos, 1959)
 Século Desportivo, O (Lisboa, 1973)
 Seixal FC (Seixal, 1963)
 Sport Clube Angrense (Angra do Heroísmo, 1961)
 Sport Clube Vila Real (Vila Real, 1960)
 Sport União Sintrense (Sintra, 1961)
 Sporting (Braga, 1970)
 Sporting (Lourenço Marques, Moçambique, 1958)
 Sporting Clube de Braga (Braga, 1959)
 Sporting Clube de Tomar, O (Tomar, 1960)
 Sporting Olhanense, O (Olhão, 1963)
 Sporting, O (Gabela, Angola, 1970)
 Ténis de Mesa (Lourenço Marques, Moçambique, 1959)
 Truteiro (Braga, 1970)
 União (Coimbra, 1974)
 Vai D'Arrinca! (Figueira da Foz, 1962)
 Vela e Pesca (Lisboa, 1972)
 Vitória de Guimarães (Guimarães, 1968)
 Volante Magazine, O (Lisboa, 1972)
 Volante, O (Lisboa, 1972)
 Voz do Sport Clube da Régua, A (Régua, 1961)
 Xadrez (Lisboa, 1967)

Cadernos Medicina Desportiva (Lisboa, 1978)
 Cadernos de Xadrez (Porto, 1978)
 Chuto, O (Vila Nova de Gaia, 1977)
 Corridas de Automóveis (Lisboa, 1977)
 Corridas de Motos (Lisboa, 1977)
 Desporto (Lisboa, 1975)
 Desporto e Turismo (Prado, 1977)
 Desporto Novo (Lisboa, 1975)
 Desportos (Lisboa, 1975)
 Direito ao Desporto (Coimbra, 1976)
 Equipa (Lisboa, 1975)
 Equipa Jornal (Lisboa, 1978)
 Estrela do Faro (Esposende, 1977)
 Extra Golo (Lisboa, 1976)
 Frasco, O (Alcochete, 1976)
 Futebol (Lisboa, 1978)
 GDAP Jornal Desportivo, O (Argoncilhe, 1976)

Ginásio (Cacilhas, 1978)
Golo (Lisboa, 1976)
Grito Samouquense (Samouco, 1975)
Ídolos do Desporto (Costa da Caparica, 1976)
Informação (Lisboa, 1975)
Jornal de Ténis (Lisboa, 1978)
Jornal do caçador, O (Aldeia das Pias, 1976)
Jornal do Desporto (Porto, 1975)
Ludens – Revista do Instituto Superior de Educação Física (Lisboa, 1976)
Minho Desportivo (Vila Nova de Famalicão, 1976)
Moto, A (Ermesinde, 1977)
Onze (Lisboa, 1978)
Panorama Desportivo (Lisboa, 1976)
Patinagem (Lisboa, 1978)

Capítulo 15: 1979-1984

AçoreSports (Angra do Heroísmo, 1983)
Basket (Lisboa, 1980)
Boletim de Cultura e Desporto (Lisboa, 1980)
Bólide (Porto, 1982)
Caça e Tiro (Lisboa, 1982)
Ciclismo (Rio Tinto, 1979)
Desportivo, O (Moita, 1983)
Domingo Desportivo (Lisboa, 1984)
Domingo Sport (Lisboa, 1984)
Foot (Lisboa, 1984)
Futebol em Revista (Lisboa, 1979)
Gazeta dos Desportos (Lisboa/Porto, 1981)
Golo Rei (Lisboa, 1984)
Grande Prémio (Queluz, 1979)
Guarda e o Desporto, A (Guarda, 1979)
Horizonte – Revista de Educação Física e Desporto (Lisboa, 1984)
Jornal Motocross (Porto, 1983)
Karting (Lisboa, 1981)
Marca, A (Lisboa, 1982)
Moto Jornal (Lisboa, 1983)
Motorismo (Coimbra, 1979)
Nautisport (Lisboa, 1983)

Capítulo 16: 1985-1987

Algarve Desportivo (Faro, 1987)
Atleta, O (Guarda, 1986)
Atletismo – Cadernos Técnicos (Lisboa, 1987)

Pérola do Atlântico (Funchal, 1976)
Pontapé Livre (Beja, 1975)
Ralli (Lisboa, 1978)
Rugby: Revista (Coimbra, 1977)
Seleções Desportivas (Costa da Caparica, 1977)
Spiridon (Lisboa, 1978)
Sport Clube Senhora da Hora (Matosinhos, 1975)
Sport Lisboa e Évora (Évora, 1978)
Sport, O (Bombarral, 1978)
Tele Caça (Lisboa, 1977)
Tele Desporto (Lisboa, 1978)
Tele Judo e Karaté-Do (Lisboa, 1977)
Treino Desportivo (Lisboa, 1976)
Tribuna do Desporto (Lisboa, 1978)
Vilanovense, O (Vila Nova de Gaia, 1975)

Notícias da Vela (Lisboa, 1982)
Off-Side Magazine (Lisboa, 1982)
Patim, O (Beja, 1979)
Pesca e Companhia (Lisboa, 1980)
Racket Club (Lisboa, 1983)
Ralis e Velocidade (Lisboa, 1981)
Revista Atletismo (Lisboa, 1981)
Revista de Medicina Desportiva (Lisboa, 1983)
Revista do Centro Militar de Educação Física, Equitação e Desportos (Mafra, 1983)
Revista Portuguesa de Medicina Desportiva (Lisboa, 1982)
Rubgy-Revista (Lisboa, 1980)
Setemetros: Revista Técnica de Andebol (Lisboa, 1982)
Sport-Billy (Lisboa, 1982)
Sprint Magazine (Figueira da Foz, 1984)
Sul Desportivo (Portimão, 1982)
Ténis e Golf Magazine (Lisboa, 1982)
Ténis Magazine (Lisboa, 1984)
Turbo (Lisboa, 1981)
Voleibol, O (Porto, 1982)
Xadrez Actualidades (Loures, 1982)

Baliza, A (Oeiras, 1987)
Boavista, O (Porto, 1985)
Bola Magazine, A (Lisboa, 1987)

Boletim de Water-Polo do CDUP (Porto, 1985)
 Boletim Centro Hípico de Braga (Braga, 1987)
 Cavalo Magazine (Lisboa, 1985)
 Centro Desportivo (Fornos de Algodres, 1985)
 Cinegética (Oeiras, 1985)
 Desportivíssimo (Funchal, 1986)
 Desportivo das Beiras (Coimbra, 1986)
 Desportivo de Loures (Loures, 1986)
 Desportivo do Algarve (Faro, 1987)
 Desporto (Albufeira, 1987)
 Desporto e Sociedade (Lisboa, 1985)
 Duas Rodas (Lisboa, 1986)
 Equestre (Lisboa, 1986)
 Fora de Jogo (Lisboa, 1986)
 Fórmula 1 (Lisboa, 1985)
 Hockey (Lisboa, 1985)
 Jogo, O (Porto, 1985)
 Jornal Atletismo (Seixal, 1986)
 Jornal do Desporto (Ponta Delgada, 1986)
 Jornal do Sporting Clube de Pombal (Pombal, 1986)

Leixões, O (Matosinhos, 1985)
 Lusitano Desportivo (Lisboa, 1987)
 Maratona (Lisboa, 1986)
 Moto Sport (Lisboa, 1986)
 Motricidade Humana (Lisboa, 1985)
 Mundial (Lisboa, 1986)
 Notícias do Mar (Lisboa, 1985)
 Portugal Desporto (Lisboa, 1985)
 Rallies (Lisboa, 1987)
 Rallyes e Velocidade (Lisboa, 1986)
 Remate, O (Tomar, 1985)
 Revista Dragões (Porto, 1985)
 Revista Surf Portugal (Lisboa, 1987)
 Sadino, O (Setúbal, 1986)
 Semanário Desportivo (Lisboa, 1987)
 Surf Magazine (Oeiras, 1987)
 Triatlo (Lisboa, 1986)
 Tsuki (Lisboa, 1985)
 Tutti Sport (Lisboa, 1986)
 Xadrez (Lisboa, 1987)

Capítulo 17: 1988-1995

ABC Canoagem (Semancelhe, 1992)
 AFP Revista (Porto, 1992)
 Agon (Coimbra, 1995)
 Alentejo Desportivo (Évora, 1995)
 Algarve Golf and Leisure (Portimão, 1993)
 Algarve Golfe (Portimão, 1988)
 Andebol Revista (Cacém, 1995)
 Ás, O (Alentejo, 1994)
 Atletismo Magazine (Amadora, 1988)
 Auto 4x4 (Lisboa, 1994)
 Auto Emoções (Lisboa, 1993)
 Auto Hoje (Lisboa, 1989)
 Auto Magazine (Lisboa, 1992)
 Auto Mais (Lisboa, 1992)
 Auto Sport (Lisboa, 1989)
 Automotor (Lisboa, 1989)
 Aventura 4x4 Moto (Lisboa, 1989)
 Basquetebol Revista (Lisboa, 1992)
 Bike Magazine (Lisboa, 1994)
 Bilhar, O (Lisboa, 1993)
 Biografias (Lisboa, 1995)
 Bola ao Ar (Setúbal, 1992)

Boletim Informativo do Clube dos Caçadores de Gondomar (Gondomar, 1989)
 Bombasket (Barreiro, 1994)
 Braga, O (Braga, 1989)
 Calatrava Avis: Caça e Pesca (Lisboa, 1990)
 Calibre 12 – Revista do Caçador Português (Lisboa, 1991)
 Cavalo Revista (Lisboa, 1991)
 Cavalos e Corridas (Porto, 1995)
 Central – Semanário Desportivo (Aveiro, 1989)
 Ciclismo (Lisboa, 1993)
 Clube Land-Rover Portugal em Revista (Lisboa, 1992)
 CNID Magazine (Lisboa, 1994)
 Desportivo de Chaves (Chaves, 1988)
 Desportivo de Guimarães (Guimarães, 1992)
 Desportivo do Montijo, O (Montijo, 1991)
 Desporto (Macau, 1989)
 Desporto Aventura (Lisboa, 1994)
 Desporto da Madeira (Funchal, 1992)
 Diário Desportivo (Lisboa, 1991)
 Em Forma – Desporto e Aventura (Lisboa, 1990)
 Equisport (Paredes, 1995)

Equitação (Amora, 1995)
 Espaço – Revista de Ciência do Desporto dos Países de Língua Portuguesa (Porto, 1993)
 FNM Magazine (Lisboa, 1994)
 Fórmula 1 (Lisboa, 1993)
 Ginásio em Revista (Lisboa, 1994)
 Gira Bola (Porto, 1993)
 Golf Europeu (Lisboa, 1990)
 Golfe Magazine (Lisboa, 1988)
 Golo (Lisboa, 1992)
 Guia de Caça (Lisboa, 1991)
 Guia dos Desportos Radicais (Lisboa, 1995)
 Hovercraft Magazine (Porto, 1991)
 Jornal da Corrida (Lisboa, 1988)
 Jornal do Atletismo (Horta, 1993)
 Jornal do Desporto Escolar (Lisboa, 1990)
 Jornal do Golfe (Lisboa, 1992)
 Jornal do Paintball (Lisboa, 1993)
 Jornal do Sport Algés e Dafundo (Algés, 1990)
 Jornal Equus – Jornal de Informação Equestre (Lisboa, 1988)
 Kíai (Porto, 1989)
 Linha na Água (Porto, 1992)
 Meio-Jogo – Revista de Damas e Xadrez (Lisboa, 1991)
 Moto (Lisboa, 1988)
 Moto Guia (Lisboa, 1994)
 Moto Sprint (Lisboa, 1995)
 Motociclismo (Lisboa, 1991)
 Motocross Magazine TT (Coimbra, 1994)
 Mundo Desportivo (Lisboa, 1989)
 Mundo do Badminton (Lisboa, 1989)
 Mundo Náutico (Carcavelos, 1992)
 Natação (Oeiras, 1988)

Capítulo 18: 1996-2000

Académica, A (Espinho, 2000)
 Aikido (Carcavelos, 1998)
 Andebol Top (Amadora, 1999)
 Auto Desporto (Lisboa, 1999)
 Bancada (Marinhais, 1999)
 Bancada Central (Espinho, 2000)
 Basquetebol (Lisboa, 2000)
 Boletim da Federação Portuguesa de Pesca Desportiva (Lisboa, 1996)

Notícias do Golf (Lisboa, 1990)
 Off-Side (Lisboa, 1993)
 Patinar (Porto, 1988)
 Peão Distante (Lisboa, 1995)
 Perícia Magazine (Sacavém, 1991)
 Pesca Mais (Porto, 1995)
 Pescador, O/The Fisherman (Portimão, 1994)
 Pleno 1x2 (Lisboa, 1990)
 Portuense, O (Porto, 1995)
 Portugal Aquático (Porto, 1995)
 ProTénis (Lisboa, 1990)
 Rally Racing (Lisboa, 1991)
 Regional Desportivo (Pombal, 1990)
 Remate, O (Tomar, 1994)
 Resultado (Funchal, 1989)
 Revista Desporto no Mundo (Lisboa, 1992)
 Rugby Magazine (Lisboa, 1993)
 Setúbal Desportivo (Setúbal, 1991)
 Slick – Karting e Fórmulas (Porto, 1995)
 Sport 7 (Lisboa, 1988)
 Sport Auto'90 (Lisboa, 1990)
 Sporting da Covilhã, O (Covilhã, 1995)
 Sporting Magazine (Lisboa, 1988)
 SportLoures (Loures, 1993)
 Ténis Europeu (Lisboa, 1991)
 Ténis Portugal (Lisboa, 1989)
 Topo Sul (Castro Verde, 1994)
 Tribuna Desportiva (Covilhã, 1994)
 TT Revista de Todo-o-Terreno (Paço de Arcos, 1989)
 Vela e Náutica (Lisboa, 1990)
 Vela Magazine (Lisboa, 1989)
 Yamagushi (Lisboa, 1992)

Caça Submarina (Lisboa, 1996)
 Cadernos Desporto (Braga, 1996)
 Campeão (Armação de Pêra, 1998)
 Cana & Carreto (Porto, 1998)
 Curva Stromp (Lisboa, 1997)
 Desportiva – Actualidade no Feminino (Almada, 1996)
 Desportivo de Montijo (Montijo, 2000)
 Desporto (Lisboa, 1997)

Desporto Automóvel (Amadora, 1997)
Desporto Federado (Lisboa, 1997)
Desporto Jovem (Linda-a-Velha, 1999)
Desporto no Concelho (Évora, 1999)
Dom Futebol (Lisboa, 1997)
Douro Desportivo (Lamego, 1999)
Equitação (Amora, 1997)
Fontedeira (Portalegre, 1998)
Futebol Mania (Lisboa, 2000)
Hockey Magazine (Porto, 1996)
Hole One (Lisboa, 2000)
InfoPesca (Porto, 1997)
Jogador, O (Lisboa, 1997)
Jornal em Forma (Porto, 1999)
Jornal Estrela da Amadora (Amadora, 1998)
Judo (Lisboa, 1998)
Lisboa Desporto (Lisboa, 1999)
Magazine Jovem (Ponta Delgada, 2000)
Motor (Porto, 1998)
MotorSport Action Magazine (Algueirão, 1998)
Mountain Bike (Cruz Quebrada, 1999)
Mundial (Lisboa, 1996)
Mundo do Ciclismo (Lisboa, 1999)

Nadar (Carnaxide, 1996)
Notícias do Espírito Desportivo (Oeiras, 1998)
Oeste Ténis Magazine (Torres Vedras, 1999)
Painel Desportivo (Funchal, 1996)
Patinagem Magazine (Lisboa, 1998)
Penalty (Coimbra, 1998)
Plantel (Ponta Delgada, 1996)
Portugal Desportivo (Frankfurt, 1999)
Remo (Lisboa, 1999)
Revista AJDS (Torres Novas, 2000)
Segredos da Pesca Desportiva (Peniche, 1999)
Sintra Desporto (Sintra, 1997)
Sport (Guimarães, 1998)
Sport Auto Magazine (Algés, 1999)
Sport Magazine (Guimarães, 2000)
SportCycle Magazine (Sintra, 1999)
Sul Desportivo (Setúbal, 1996)
SuperCiclismo (Terrugem, 2000)
Suplemento de Domingo de A Bola (Lisboa, 1997)
Ténis de Mesa (Lisboa, 1998)
Training & Coaching (Lisboa, 1999)
Tribuna (Lisboa, 1998)
Voar (Torres Vedras, 1996)

2. Periódicos artístico-desportivos

Académico, O (Évora, 1913)
Actualidades (Lisboa, 1913)
Alba (Lisboa, 1924)
Alcôa, O (Nazaré, 1917)
Alma da Mocidade (Lisboa, 1919)
Alma Livre (Porto, 1919)
Alma Lusa (Porto, 1921)
Alma Luzitana (Covilhã, 1932)
Alma Nova (Braga, 1935)
Alma Nova (Espinho, 1919)
Alma Nova (Lisboa, 1913)
Alma Nova (Viana do Castelo, 1923)
Anunciador Ilustrado, O (Lisboa, 1914)
Aristocrata, O (Porto, 1902)
Avenidas, O (Lisboa, 1925)
Aventureiro, O (Lisboa, 1904)
Azul e Branco (Lisboa, 1907)
Badalo, O (Vila Nova de Gaia, 1916)
Blague, A (Coimbra, 1921)

Borgista, O (Viana do Castelo, 1922)
Brisa, A (Porto, 1922)
Campeão Popular (Lisboa, 1898)
Caraça, O (Lisboa, 1912)
Cipó, O (Tomar, 1914)
Comédia (Lisboa, 1921)
Correio Teatral (Faro, 1923)
Crítico, O (Lisboa, 1921)
Domingo, O (Figueira da Foz, 1930)
Espectáculos (Coimbra, 1929)
Estreia, A (Lisboa, 1896)
Ferrão, O (Braga, 1922)
Fogo (Lisboa, 1936)
Gente Moça (Lisboa, 1922)
Glicínias (Porto, 1915)
Ideal, O (Porto, 1918)
Lisboa Galante (Lisboa, 1929)
Lusiada, O (Porto, 1917)
Lux (Lisboa, 1924)

Luz da Ribalta, A (Lisboa, 1922)
Madrugada, A (Lisboa, 1906)
Mocho, O (Beja, 1923)
Nova Aurora (Porto, 1925)
Raquete (Barcelos, 1922)
Revista Fayalense (Faial, 1893)
Ribalta, A (Lisboa, 1911)
Ribalta, A (Lisboa, 1928)
Sombra da Capa, À (Viana do Castelo, 1922)

Mocidade, A (Angra do Heroísmo, 1926)
Mocidade, A (Porto, 1920)
Mosaico (Lisboa, 1946)
Tesouradas (Porto, 1916)
Vida Académica (Lisboa, 1924)
Vida Teatral (Lisboa, 1914)

3. Periódicos generalistas

Alma Nova (Évora, 1929)
Capital, A (Lisboa, 1910)
Comédia Portuguesa (Lisboa, 1888)
Comércio do Porto, O (Porto, 1854)
Correio da Manhã (Lisboa, 1979)
Dia, O (Lisboa, 1887)
Diário da Manhã (Lisboa, 1931)
Diário de Lisboa (Lisboa, 1921)
Diário de Notícias (Lisboa, 1865)
Diário do Norte (Porto, 1949)
Diário Ilustrado (Lisboa, 1872)
Diário Ilustrado (Lisboa, 1956)
Diário Popular (Lisboa, 1866)
Diário Popular (Lisboa, 1942)
Expresso (Lisboa, 1972)
Flama (Lisboa, 1943)
Gazeta de Ovar (Ovar, 1919)
Ilustração Portuguesa (Lisboa, 1884)
Jornal da Noite (Lisboa, 1871)
Jornal da Noite (Lisboa, 1903)
Jornal de Notícias (Porto, 1866)

Jornal do Comércio (Lisboa, 1853)
Manhã Popular (Lisboa, 1997)
Mundo, O (Lisboa, 1900)
Notícias Ilustrado, O (Lisboa, 1928)
Novidades (Lisboa, 1885)
Ocidente, O (Lisboa, 1878)
Pátria, A (Lisboa, 1920)
Primeiro de Janeiro, O (Porto, 1869)
Província de Angola (Angola, 1936)
Público (Lisboa, 1989)
Rabeca, A (Portalegre, 1916)
Revista ABC (Lisboa, 1921)
Século Ilustrado, O (Lisboa, 1933)
Século, O (Lisboa, 1881)
Semana de Lisboa, A (Lisboa, 1894)
Tarde, A (Lisboa, 1889)
Tempo, O (Lisboa, 1889)
The Times of Portugal (Lisboa, 1924)
Última Hora (Lisboa, 1936)
Vanguarda, A (Lisboa, 1890)

BIBLIOGRAFIA E OBRAS DE REFERÊNCIA

- Abreu, M. G. (1942). *Bodas de Prata da AFF, 1916-1941*. Funchal: Associação de Futebol do Funchal.
- Alcoba, A. (1980). *El periodismo deportivo en la sociedad contemporânea*. Madrid: Editorial Deportiva Augusto Teleña.
- Alcoba, A. (1987). *Deporte y Comunicación*. Madrid: Dirección General de Deportes de la Comunidad Autónoma de Madrid/Caja de Ahorros.
- Alcoba, A. (1993). *Como hacer periodismo deportivo*. Madrid: Editorial Paraninfo.
- Alcoba, A. (1999). *La prensa deportiva*. Madrid: Instituto Universitario Olímpico de Ciencias del Deporte.
- Almeida, F. (1980). Costumes e aspectos sociais. In M. Sérgio, M. & N. Feio (Ed.), *Homo Ludicus – Antologia de textos desportivos da cultura portuguesa, vol. 2* (p. 89). Lisboa: Compendium.
- Altabella, J. (1988). *Historia de la Prensa Deportiva Madrileña: Orígenes del Deporte Madrileño*. Madrid: Dirección General de Deportes.
- Alves, L. A. (1983). *Subsídios para a história da imprensa em Portugal*. Porto: Centro de Estudos Humanísticos.
- Anderson, B. (1983). *Imagined Communities*. Londres: Verso.
- Andrews, D. L., & Jackson, S. J. (Eds.) (2001). *Sport Stars: The Cultural Politics of Sporting Celebrity*. London: Routledge.
- Andrews, P. (2005). *Sports Journalism: A Practical Introduction*. s.l.: Sage Publications.
- Araújo, F. (2001). *O rádio, o futebol e a vida*. São Paulo: Senac.
- Araújo, J. (1938). *Meio Século de Futebol, 1888-1938*. Lisboa: Associação de Futebol de Lisboa (não publicada).
- Arbena, J. L. (1999). *Latin American Sport: An Annotated Bibliography, 1988-1998*. s.l.: Greenwood Press.
- Assis, J. L. (2005). *Ciência e Técnica na Revista Militar (1849-1910)*. Casal de Cambra: Caleidoscópio – Edições e Artes Gráficas, SA.
- Azevedo, C. (1999). *A censura de Salazar e Marcelo Caetano*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Baker, A., & Boyd, T (Eds.) (1997). *Out of Bounds: Sports, Media and the Politics of Identity*. Bloomington: Indiana University Press.
- Beck, D., & Bosshart, L. (2003). Sports and Media. In W. E. Biernatzki, *Communication Research Trends*, 22 (4) (pp. 3-27). California: Centre for the Study of Communication and Culture (CSCC)
- Beck, P. J. (1999). *Scoring for Britain: international football and international politics, 1900-1939*. London: Frank Cass.
- Bento, J. O. (1987). *Desporto, matéria de ensino*. Lisboa: Ed. Caminho.

- Bernstein, A., & Blain, N. (2003). *Sport and the Media: The Emergence of a Major Research Field*. In A. Bernstein, & N. Blain (Eds.), *Sport, Media, Culture: Global and Local Dimensions*. London: Frank Cass.
- Betts, J. R. (1974). *America's sporting heritage: 1850-1950*. Reading, MA: Addison-Wesley.
- Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (1983). *Publicações periódicas portuguesas existentes na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (1641-1910)*. Coimbra: BGUC.
- Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (1991). *Publicações periódicas portuguesas existentes na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (1911-1926)*. Coimbra: BGUC.
- Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (2001). *Publicações periódicas portuguesas existentes na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (1927-1945)*. Coimbra: BGUC.
- Biblioteca Nacional (2004). *Desportos & Letras*. Lisboa: BN.
- Biernatzki, W. E. (2003). *Communication Research Trends*, 22 (4). California: Centre for the Study of Communication and Culture (CSCC).
- Birrell, S., & Cole, C. L. (Eds.) (1994). *Women, Sport and Culture*. Champaign: Human Kinetics.
- Birrell, S., & McDonald, M. G. (Eds.) (2000). *Reading Sport: Critical Essays on Power and Representation*. Boston: Northeastern University Press.
- Bonifácio, M. F. (1999). *Apologia da história política*. Lisboa: Quetzal Editores.
- Boyle, R., & Haynes, R. (2000). *Power Play: Sport, the Media & Popular Culture*. Harlow: Pearson Education.
- Boyle, R., & Haynes, R. (2004). *Football in the New Media Age*. London: Routledge.
- Branco, V. (1938). *Subsídios para a História da imprensa algarvia de 1833 aos nossos dias*. Faro: Tip. Caetano.
- Brookes, R. (2002). *Representing Sport*. London: Arnold.
- Buford, B. (1994). *Entre os vândalos – O futebol e a violência*. Porto: Edições ASA.
- Burke, P. (1992). *O mundo como teatro. Estudos de antropologia histórica*. Lisboa: Difel.
- Buscombe, E. (Ed.) (1975). *Football on Television*. London: British Film Institute.
- Cabral, J. P. (1993). Existe uma cultura portuguesa? In V. O. Jorge & A. S. Silva (Eds.), *Existe uma cultura portuguesa?* Lisboa: Difel.
- Câmara, M. J. (2003). *História do Desporto Equestre*. Lisboa: Medialivros.
- Carrefour d'Histoire du Sport (2008). *Les carrefours histoire du sports*. Acedido a 22 de Abril de 2008, em http://carrefours2008.ujf-grenoble.fr/carrefours_hist.html
- Cashman, R., & McKernan, M. (Eds.) (1981). *Sport, Money, Morality and the Media*. Sydney: University of New South Wales Press.

- Castro, C., & Gómez Carbonero, S. (1998). El cambio de los paradigmas científicos: ciências naturais versus ciências sociais? In M.P. Díaz Barrado (Ed.), *Historia del Tiempo Presente. Teoría y Metodología* (pp. 226-238). Salamanca: Universidad de Extremadura.
- Chandler, J. M. (1988). *Television and National Sport: The United States and Britain*. Urbana: University of Illinois Press.
- Church, A. (2008). *Financing Urban Development through Sport: the Canadian Sport Policy*. In NASSH (Ed.), *Book of abstracts* (p. 13). New York: NASSH.
- Coelho, J. N. (2001). *Portugal, A Equipa de Todos Nós – Nacionalismo, Futebol e Media*, Porto, Edições Afrontamento.
- Coelho, J. N. & Pinheiro, F. (2002). *A Paixão do Povo: História do Futebol em Portugal*. Porto: Edições Afrontamento.
- Coelho, P. V. (2003). *Jornalismo Esportivo*. São Paulo: Contexto.
- Cokley, J., Patching, R. e Scott, P. (2006). *Gender preference in journalism education: why sport misses out*. Acedido em 25 de Fevereiro de 2006 em http://epublications.bond.edu.au/hss_pubs/91
- Correia, J. C. (2008). Os estudos jornalísticos em Portugal: 30 anos de história. In J. M. Melo, & N. Silva, *Jornalismo: História, Teoria e Metodologia*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.
- Correia, R. (1988). *Portugueses na V Olimpíada (Jogos Olímpicos de 1912): Subsídios para a História do Desporto Português*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Coubertin, P. (1973). *Ideário olímpico. Discurso y ensaios*. Madrid: Instituto Nacional de Educación Física.
- Cox, R. W. (2003). *International Sport: A Bibliography, 2000*. London: Frank Cass.
- Credon, P. J. (Ed.) (1994). *Women, Media and Sport: Challenging Gender Values*. Thousand Oaks: Sage.
- Crolley, L., & Hand, D. (2002). *Football, Europe and the Press*. London: Frank Cass.
- Cultura e Desporto (1974), 17. Lisboa: Direcção-Geral dos Desportos.
- Cultura e Desporto (1976), 44. Lisboa: Direcção-Geral dos Desportos.
- Cunha, L. (2001). *O Estado Novo e a construção da identidade nacional*. Porto: Edições Afrontamento.
- Cultural, S.A. (2002). *Gran Enciclopédia de los Deportes*. Madrid: Cultural, S.A.
- Dantec, R. (2003). *Il y a un siècle: Le Sport*. Rennes: Éditions Ouest-France.
- Dauven, J. (1961). *Encyclopédie des Sports*. Paris: Librairie Larousse.
- Davis, L. R. (1997). *The Swimsuit Issue and Sport: Hegemonic Masculinity in Sports Illustrated*. Albany: State University of New York Press.
- Desporto e Sociedade* (1988), 88. Lisboa: Direcção-Geral dos Desportos.
- Desporto e Sociedade* (1989), 114. Lisboa: Direcção-Geral dos Desportos.

- Dias, M. T. (2000). *História do Futebol em Lisboa*. Lisboa: Quimera.
- Dias, M. T. (2001). *Os primeiros 50 anos do futebol português*. In *História*, 37 (pp. 15-21). Lisboa: História – Publicações e Conteúdos Multimédia, Lda.
- Dicionário da Língua Portuguesa (2008). Porto: Porto Editora.
- Domingos, N. & Kumar, R. (2006). A grande narrativa futebolística. In D. R. Curto, *Estudos de sociologia da leitura em Portugal no século XX* (pp. 575-638). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian & Fundação Para a Ciência e a Tecnologia.
- Dunning, E. (Ed.) (1971). *The Sociology of Sport*. London: Frank Cass.
- Dunning, E., Murphy, P., & Williams, J. (1988). *The Roots of Football Hooliganism*. London: Routledge.
- Dunning, E., Murphy, P., & Williams, J. (1994). *O Futebol no Banco dos Réus*. Oeiras: Celta Editora.
- Eisenberg, C. (1999). El deportista. In U. Frevert & H.G. Haupt (Eds.), *El hombre del siglo XX* (pp. 96-122). Madrid: Alianza Editorial.
- Elias N. (1971). The Génesis of Sport as a Sociological Problem. In E. Dunning, *The Sociology of Sport* (pp. 88-115). London: Frank Cass.
- Esteve Ramírez, F., & Fernández del Moral, J. (1999). *Áreas de Especialización Periodística*. Madrid: Editorial Fragua.
- Estrela, A. (1980). História da Educação Física. In M. Sérgio & N. Feio (Eds.), *Homo Ludicus – Antologia de textos desportivos da cultura portuguesa, vol. 2* (pp. 73-77). Lisboa: Compendium.
- Feio, N. (1985). *Portugal: Desporto e Sociedade*. Lisboa: Direcção-Geral da Comunicação Social.
- Fernandes, A.P. (2001). *Televisão do Público*. Coimbra: Minerva Coimbra.
- Ferreira, J.M. (2001). O Estado Novo. In José Mattoso (Ed.), *História de Portugal, Vol. 8*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Fieschi, J. T. (1983). *Histoire du sport français*. s.l.: Éditions PAL.
- Garrido, M. M. (1956). *História do desporto no distrito de Beja*. Beja: Ed. Autor.
- Gerold, S., Minas, D., & Erich, M. (2007). Sport on air without women: the presentation of female athletes in the sports coverage. In ECSS (Ed.), *Abstracts* (p. 416). Jyväskylä: ECSS.
- Gil, R. (1975). *El periodismo al servicio del deporte*. Cátedras Universitarias: Universidad de Zaragoza.
- Goldlust, J. (1987). *Playing for Keeps: Sport, the Media and Society*. Melbourne: Longman Cheshire.
- Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (1935-1960), 1-40. Lisboa/Rio de Janeiro: Enciclopédia.

- Guedes, R. (1987a). *Sport Lisboa e Benfica: Fotobiografia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Guedes, R. (1987b). *Futebol Clube do Porto: Fotobiografia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Guedes, R. (1988). *Sporting Clube de Portugal: Fotobiografia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Gutierrez Gutierrez, D. (1991). *Estructura y lenguaje de las crónicas de fútbol*. Tese de doutoramento: Universidad Complutense de Madrid.
- Guttman, A. (1978). *From Ritual to Record. The Nature of Modern Sports*. New York: Columbia University Press.
- Guttman, A. (1994). *Games and Empires*. New York: Columbia University Press.
- Hargreaves, J. (1986). *Sport, Power and Culture*. Cambridge: Polity Press.
- Hasse, M. (1999). *O divertimento do corpo*. Lisboa: Editora Temática.
- Hebert, G. (1946). *Le Sport Contre L'Education Phisique*. Paris: Libraire Vuibert.
- História*, 37. Lisboa: História – Publicações e Conteúdos Multimédia, Lda.
- IAMCR – International Association for Media and Communication Research (2008). Abstracts – Media and Sport Section. In IAMCR (Ed.), *Abstracts – Media and Global Divides*, (pp. 166-175). Stockholm: IAMCR.
- INEF, 1940-1990* (1990). Lisboa: Ed. Faculdade de Motricidade Humana.
- Instituto Nacional de Estatística (INE). *Anuário Estatístico de Portugal*. Acedido em 5 de Fevereiro de 2009, em <http://www.ine.pt>
- Kinkema K. M., & Harris, J. C. (1998). MediaSport Studies: key research and emerging issues. In L. A. WENNER (Ed.) (1998). *MediaSport* (pp. 24-30) London: Routledge.
- Kumar, R. (2004). Da Bancada aos Sofás da Europa: Apontamentos sobre os Media e o Futebol no século XX português. In J. Neves & N. Domingos, *A Época do Futebol: O Jogo Visto pelas Ciências Sociais* (pp. 231-262). Lisboa: Assírio & Alvim.
- Lemos, M. M. (2006). *Jornais Diários Portugueses do Século XX*. Coimbra: Ariadne.
- Levinsky, S. (2002). *El deporte de informar*. Buenos Aires: Paidós.
- Liponski, W. (2005). *L'Encyclopédie des Sports*. Paris: Éditions Grund.
- Llewellyn, M. P. (2008). A Nation Divided: Great Britain and the Pursuit of Olympic Excellence, 1912-1914. In Wray Vamplew (Ed.), *Journal of Sport History*, Vol. 35 (pp. 73-98). EUA: The North American Society of Sports History.
- Lloret Caballera, M. (1980). *Periodismo taurino*. Tese de doutoramento: Universidad Complutense de Madrid.
- Lourenço, E. (1991), *O Labirinto da Saudade*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Maia, F. (2000). Portugal nos Jogos Olímpicos. In Francisco Oliveira (Ed.), *O espírito olímpico no novo milénio* (pp. 213-223). Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Malvar, L. (2005). *La radio deportiva en España (1927-2004)*. Madrid: Pearson Educación.

- Marchand, J. (1989). *La Presse Sportive*. Paris: Centre de Formation et de Perfectionnement des Journalistes.
- Marín Montín, J. (Ed.) (2005). *Comunicación y Deporte*. Sevilla: Comunicación Social Ediciones.
- Marques, A. O. (1980). As distrações na Idade Média. In M. Sérgio, M. & N. Feio (Ed.), *Homo Ludicus – Antologia de textos desportivos da cultura portuguesa, vol. 2* (p. 82). Lisboa: Compendium.
- Martin, R., & Miller, T. (Eds.) (1999). *SportCult*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Martínez de Sousa, J. (1981). *Diccionario cultural del deporte*. Barcelona: Ediciones Bellaterra.
- McChesney, R. W. (1989). Media made sport: A history of sports coverage in the United States. In L. A. Wenner (Ed.), *Media, sports & society* (pp. 49-69). Newbury Park, CA: Sage.
- Media & Jornalismo*, 4 (2004). Lisboa: Centro de Investigação Media e Jornalismo.
- Merce Varela, A. (1972). *La exigencia periodística y el concepto de olimpismo*. Barcelona: Cátedras Universitarias de tema desportivo-cultural.
- Meyer, G. (1978). *Tribulations d'un journaliste sportif*. s.l.: J. C. Simoen.
- Michener, J. A. (1976). *Sports in América*. New York: Random House.
- Miranda, P. (2002). *As origens da imprensa de massa em Portugal: o Diário de Notícias (1864-1889)*. Tese de mestrado não publicada, Universidade de Évora, Évora.
- Miranda, P. (2005). *O jornalismo em Portugal: elementos para a arqueologia de uma profissão (1865-1925)*. Tese de doutoramento não publicada, Universidade de Évora, Évora.
- Monte, G. (1986). *Subsídios para a história do futebol em Évora*. Évora: s. n.
- Moral, J., & RAMÍREZ, F. (1999). *Áreas de especialización periodística*. Madrid: Editorial Fragua.
- Moreira, G. (1980). *A história do ciclismo português*. Alcobaça: Edição do autor.
- Murta, D. (1997). *O Mercado Português dos Jogos Desportivos*. Dissertação de mestrado não publicada. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Neves, J. & Domingos, N. (2004). *A Época do Futebol: O Jogo Visto pelas Ciências Sociais*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Nicholson, M. (2006). *Sport and the Media: Managing the Nexus*. s.l.: Butterworth.
- Nunes, M. F. (2001). *Imprensa Periódica Científica (1772-1852)*. Lisboa: Estar Editora.
- Ohl, F. (Ed.) (2006). *Sociologie du sport: perspectives internationales et mondialisation*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Olímpio, J. (1964). Propaganda e fomento do futebol através dos órgãos de informação. In Federação Portuguesa de Futebol (Ed.), *Congresso Nacional do Futebol* (pp. 157-163). Lisboa: Federação Portuguesa de Futebol.

- Oliveira, M. (1951, 14 de Novembro). As «Bodas de Prata» de «A Voz Desportiva», de Coimbra. *Stadium*, p. 3.
- Oliveira, M. (1964). Imprensa, Rádio e Televisão. In Federação Portuguesa de Futebol (Ed.), *Os 50 anos da F.P.F.* Lisboa: Federação Portuguesa de Futebol.
- Ornelas, R. (1941). Jornalismo Desportivo. In António Tinoco (Ed.), *Boletim do Sindicato Nacional dos Jornalistas*, 3. Lisboa: Sindicato Nacional dos Jornalistas.
- Paniagua Santamaría, P. (2003). *Información Deportiva*. Madrid: Editorial Fragua.
- Parreirão, H. (1989a). *Os anos de diamante, 1914-1989*. Lisboa: Federação Portuguesa de Futebol.
- Parreirão, H. (1989b). A era de ouro do futebol português. In A. Reis (Ed.), *Portugal contemporâneo*, V (pp. 381-388). Lisboa: Publicações Alfa.
- Parreirão, H., (1989, 26 de Novembro). *Imprensa desportiva tem mais de 100 anos*. *Record*, pp. 16-17.
- Passevant, R. (1978). *Journaliste sportif*. s.l.: Robert Laffont.
- Pena Rodríguez, A. (1996). História do Jornalismo Português. In A. Pizarroso Quintero (Ed.), *História da Imprensa* (pp. 351-396). Lisboa: Planeta Editora.
- Phillips, M.G. (Ed.) (2006). *Deconstructing Sport History – A Postmodern Analysis*. Albany: State University of New York.
- Pinheiro, F. (1998). *A Guerra Norte/Sul no Futebol Português*. Monografia de licenciatura não publicada. Escola Superior de Jornalismo do Porto, Porto.
- Pinheiro, F. (2006). *A Europa e Portugal na Imprensa Desportiva*. Coimbra: MinervaCoimbra.
- Pinheiro, F. (2007a). Portugal and Finland: so far and so close. In ECSS (Ed.), *Abstracts* (p. 190). Jyvaskyla: ECSS.
- Pinheiro, F. (2007b). The role of the sport press in the development of sport in Portugal. In European College of Sport Science (Ed.), *Abstracts* (p. 416). Jyvaskyla: European College of Sport Science.
- Pizarroso Quintero, A. (Ed.) (1996). *História da Imprensa*. Lisboa: Planeta Editora.
- Pontes, J. (1928). Como nasceu em Portugal o jornalismo desportivo. In Caixa de Previdência do Sindicato dos Profissionais da Imprensa de Lisboa (Ed.), *Uma Hora de Jornalismo* (pp. 113-117). Lisboa: Caixa de Previdência SPIL.
- Pontes, J. (1934). *Quasi um século de desporto*. Lisboa: Sociedade Nacional de Tipografia.
- Pontes, J. (1944). *O curriculum-vitae do Dr. José Pontes*. Lisboa: s.n.
- Raney, A., & Bryant, J. (Eds.) (2006). *Handbook of sports and media*. USA: Lawrence Erlbaum Associates.
- Record (Ed.) (1999a). *Livro do Cinquentenário: Modalidades*. Porto: Edições ASA.
- Record (Ed.) (1999b). *Livro do Cinquentenário: Futebol*. Porto: Edições ASA.
- Reis, A. (Ed.) (1989). *Portugal contemporâneo*, V. Lisboa: Publicações Alfa.

- Riaño González, C. (2004). *Historia Cultural del Deporte y la Mujer*. Madrid: Consejo Superior de Deportes.
- Rosário, A. T. (1996). *O Desporto em Portugal*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Rosas, F. (1998). O Estado Novo. In José Mattoso (Ed.), *História de Portugal, Vol. 7*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Ross, J. A. (2008). *Making Saturday Night Hockey: Radio and the Creation of a Canadian Hockey Market*. In NASSH (Ed.), *Book of abstracts* (p. 12). New York: NASSH.
- Rowe, D. (2006). Sports et médias. In F. Ohl (Ed.), *Sociologie du sport: perspectives internationales et mondialisation* (pp. 65-84). Paris: Presses Universitaires de France.
- Santos, V. (1968). *Futebol – Bancada de Imprensa*. Lisboa: Edições A Bola.
- Santos, F. (1989). *História Lúdico-Desportiva da Madeira*. Funchal: Secretaria Regional de Educação, Juventude e Emprego.
- Santos, R. (2005). *As vozes da rádio, 1924-1939*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Scalon, T. F. (2006). Sports and Media in the Ancient Mediterranean. In A. Raney, & J. Bryant (Eds.), *Handbook of sports and media* (pp. 3-19). USA: Lawrence Erlbaum Associates.
- Seidler, E. (1964). *Le Sport et la Presse*. Paris: Armand Colin.
- Seidman, S. (1997). Relativizing Sociology. In E. Long (Ed.), *From Sociology to Cultural Studies*. Londres: Blackwell Press.
- Sérgio, M., & Feio, N. (Eds.) (1979). *Homo Ludicus – Antologia de textos desportivos da cultura portuguesa, vol. 1*. Lisboa: Compendium.
- Sérgio, M., & Feio, N. (Eds.) (1980). *Homo Ludicus – Antologia de textos desportivos da cultura portuguesa, vol. 2*. Lisboa: Compendium.
- Serpa, H. (2007). *História do desporto em Portugal – do século XIX à Primeira Guerra Mundial*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Serra, N. & Alvarez del Palácio, E. (2007). The vanguard conceptions of King João I of Portugal. In European College of Sport Science (Ed.), *Abstracts* (p. 417). Jyväskylä: European College of Sport Science.
- Schultz, B. (2005). *Sports Media: Reporting, Producing and Planning*. s.l.: Focal Press.
- Silva, T., Ornelas, R., & Reis, R. (1953). *História dos Desportos em Portugal*. Lisboa: Editorial Inquérito.
- Simões, A., Márcio, A., Miranda, C., Serpa, H., Rita, J. & Serpa, V. (1994). *História de 50 Anos do Desporto Português*. Lisboa: Ed. António Simões/A Bola
- Simões, A., Serpa, H. & Francisco, J. C. (1995). *Glória e Vida de Três Gigantes*. Lisboa: Ed. António Simões/A Bola.
- Soares, E. (1994). *A Bola no Ar: o Rádio Esportivo em São Paulo*. São Paulo: Summus.
- Sobral, L. & Magalhães, P. (1999). *Introdução ao Jornalismo Desportivo*. Lisboa: Cenjor e CNID.

- Sodré, M. (2002). *Antropológica do Espelho. Por uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis: Vozes.
- Sousa, J. M. M. & Veloso, L. M. (1987). *História da imprensa periódica portuguesa. Subsídios para uma bibliografia*. Coimbra: BGUC.
- Sousa, J. P. (Ed.) (2008). *Jornalismo: História, teoria e metodologia da pesquisa: perspectivas luso-brasileiras*. Porto: Universidade Fernando Pessoa.
- Sternhell, Z., Sznajder, M. & Ashéri, M. (1995). *Nascimento da Ideologia Fascista*. Venda Nova: Bertrand Editora.
- Teixeira, J. M., Amado, M., Domingos, N. & Catrica, P. (2004). *Uma Cidade de Futebol*. Lisboa: Arquivo Fotográfico Municipal/Assírio & Alvim.
- Tengarrinha, J. (1989). *História da Imprensa Periódica Portuguesa (2.ª ed.)*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Tevez, V. H. (2007). *RTP 50 anos de história (1957-2007)*. Lisboa: Ed. RTP.
- Thébaud, F. (1982). *Le temps du Miroir*. Paris: Albatros.
- Thompson, J.B. (1990). *Ideology and Modern Culture*. Cambridge: Polity Press.
- Tomlinson, A. (1999). *The Game's Up: Essays in the Cultural Analysis of Sport, Leisure and Popular Culture*. Aldershot: Ashgate.
- Vargues, I. N. (2006). Nota de Apresentação. In M. M. Lemos, *Jornais Diários Portugueses do Século XX* (pp. 7-17). Coimbra: Ariadne.
- Vassort, P. (2005). *Football et Politique*. Paris: L'Harmattan.
- Vicente, A. P. (2000). *Arnaldo Garcez, um repórter fotográfico na Primeira Grande Guerra*. Porto: Centro Português de Fotografia.
- Vilarinho, J. (1993). *Espadas e Floretes: Contribuição para a História do Desporto em Portugal*. Lisboa: Edição do Autor.
- Vilas-Boas, S. (2005). *Formação e Informação Esportiva*. São Paulo: Summus.
- Virtapohja, K. (1998). *The Secrets of Sports Heroes*. Acedido a 21 de Março de 2008, em http://nordicom.gu.se/common/publ_pdf/13_019_028.pdf
- Vivas Holgado, J. (1999). *El Fútbol: léxico, deporte y periodismo*. Cáceres: Universidad de Extremadura.
- Wenner, L. A. (Ed.) (1989). *Media, Sports and Society*. Newbury Park: Sage.
- Wenner, L. A. (Ed.) (1998). *MediaSport*. London: Routledge.
- Whannel, G. (1992). *Fields in Vision: Television, Sport and Cultural Formation*. London: Routledge.
- Whannel, G. (2001). *Media Sport Stars: Masculinities and Moralities*. London: Routledge.
- Woodward, D., et al. (1974). *El deporte a la luz de la ciência*. Madrid: Ed. I.N.E.F.

ANEXOS

ANEXO I

Tabela 17 – Evolução Geral da Imprensa Periódica Desportiva Portuguesa entre 1875 e 2000

Ano	Total de Novos Periódicos Desportivos	Generalistas	Especializados	Órgãos de Clubes e Instituições	Artístico-Desportivos
1875	1	0	1	0	0
1876	1	0	1	0	0
1877	0	-	-	-	-
1878	1	0	1	0	0
1879	0	-	-	-	-
1880	1	0	0	1	0
Total da Década 1870	4	0	3	1	0
1881	0	-	-	-	-
1882	1	0	1	0	0
1883	1	0	1	0	0
1884	0	-	-	-	-
1885	1	0	1	0	0
1886	0	-	-	-	-
1887	0	-	-	-	-
1888	2	0	2	0	0
1889	0	-	-	-	-
1890	3	0	3	0	0
Total da Década 1880	8	0	8	0	0
1891	0	-	-	-	-
1892	1	0	1	0	0
1893	1	0	1	0	0
1894	5	1	4	0	0
1895	4	0	4	0	0
1896	1	0	1	0	0
1897	5	2	3	0	0
1898	2	1	1	0	0
1899	4	2	2	0	0
1900	2	0	2	0	0
Total da Década 1890	25	6	19	0	0

1901	1	1	0	0	0
1902	2	1	1	0	0
1903	3	1	2	0	0
1904	3	1	2	0	0
1905	4	2	0	2	0
1906	2	1	1	0	0
1907	2	0	1	0	1
1908	2	1	1	0	0
1909	4	2	2	0	0
1910	10	3	5	1	1
Total da Década 1900	33	13	15	3	2
1911	4	1	2	1	0
1912	5	1	2	1	1
1913	6	2	2	2	0
1914	5	2	2	0	1
1915	5	3	2	0	0
1916	4	1	3	0	0
1917	5	4	0	0	1
1918	4	2	2	0	0
1919	4	4	0	0	0
1920	4	3	1	0	0
Total da Década 1910	46	23	16	4	3
1921	11	11	0	0	0
1922	15	12	0	3	0
1923	17	11	3	3	0
1924	25	16	1	6	2
1925	17	9	5	2	1
1926	27	17	4	6	0
1927	17	9	4	4	0
1928	14	8	1	4	1
1929	11	6	4	1	0
1930	12	8	3	1	0
Total da Década 1920	166	107	25	30	4

1931	18	10	2	6	0
1932	15	8	3	4	0
1933	18	11	4	3	0
1934	12	3	1	8	0
1935	14	4	6	2	2
1936	14	5	3	6	0
1937	6	0	0	6	0
1938	10	1	3	6	0
1939	9	3	0	6	0
1940	7	1	1	5	0
Total da Década 1930	123	46	23	52	2
1941	1	1	0	0	0
1942	6	1	1	3	1
1943	2	1	0	1	0
1944	10	1	0	9	0
1945	10	3	0	7	0
1946	7	1	3	3	0
1947	8	0	3	5	0
1948	6	2	2	2	0
1949	8	4	2	2	0
1950	8	2	4	2	0
Total da Década 1940	66	16	15	34	1
1951	8	2	3	3	0
1952	5	0	0	5	0
1953	8	1	3	4	0
1954	17	4	1	12	0
1955	14	5	4	5	0
1956	10	3	3	4	0
1957	11	3	2	6	0
1958	7	0	1	6	0
1959	8	3	2	3	0
1960	5	1	0	4	0
Total da Década 1950	93	22	19	52	0

1961	11	0	2	9	0
1962	5	2	1	2	0
1963	6	2	1	3	0
1964	2	0	1	1	0
1965	4	0	0	4	0
1966	5	2	0	3	0
1967	2	0	1	1	0
1968	2	1	0	1	0
1969	4	2	1	1	0
1970	7	3	0	4	0
Total da Década 1960	48	12	7	29	0
1971	0	0	0	0	0
1972	5	0	5	0	0
1973	3	1	1	1	0
1974	8	2	3	3	0
1975	11	3	1	7	0
1976	18	5	3	10	0
1977	13	2	6	5	0
1978	18	4	4	10	0
1979	6	0	2	4	0
1980	4	0	3	1	0
Total da Década 1970	86	17	28	41	0
1981	5	1	3	1	0
1982	11	2	6	3	0
1983	8	2	3	3	0
1984	7	1	2	4	0
1985	16	3	4	9	0
1986	17	6	5	6	0
1987	12	5	3	4	0
1988	11	0	7	4	0
1989	15	3	8	4	0
1990	11	1	6	4	0
Total da Década 1980	113	24	47	42	0

1991	12	1	6	5	0
1992	16	4	8	4	0
1993	12	1	8	3	0
1994	14	4	6	4	0
1995	15	2	8	5	0
1996	10	3	3	4	0
1997	9	0	2	7	0
1998	14	4	3	7	0
1999	17	2	10	5	0
2000	10	3	3	4	0
Total da Década 1990	129	24	57	48	0
Total Geral	940	310	282	336	12
Ano	Total de Novos Periódicos Desportivos	Generalistas	Especializados	Órgãos de Clubes e Instituições	Artístico- Desportivos 1

1 Só foram incluídos nesta listagem os periódicos artístico-desportivos que apresentavam um forte pendor desportivo.

ANEXO II

Lista de Tabelas e Figuras

TABELAS

Tabela 1 – Periódicos Tauromáquicos Criados entre 1894 e 1900	p. 71
Tabela 2 – Caracterização dos Principais Periódicos Desportivos Generalistas Criados entre 1905 e 1910	p. 110
Tabela 3 – Panorama Internacional das Revistas de Aeronáutica em 1914	p. 130
Tabela 4 – Periódicos Artístico-Desportivos entre 1914 e 1918	p. 168
Tabela 5 – Imprensa Periódica Desportiva Generalista Criada entre 1927 e 1934	p. 256
Tabela 6 – Periódicos Desportivos Generalistas Criados entre 1946 e 1953	p. 364
Tabela 7 – Principais Órgãos Informativos de Clubes Criados entre 1946 e 1953	p. 376
Tabela 8 – Cadastro dos Principais Jornais Desportivos na Comissão de Censura entre 1954 e 1960	p. 391
Tabela 9 – Imprensa Periódica Desportiva Criada entre 1958 e 1974	p. 420
Tabela 10 – Periódicos Desportivos Especializados Criados entre 1975 e 1978	p. 477
Tabela 11 – Número de Jornalistas Desportivos no Contexto Internacional em 1989	p. 504
Tabela 12 – Periódicos Desportivos Generalistas Criados entre 1985 e 1987	p. 509
Tabela 13 – Principais Áreas de Especialização Desportiva entre 1988 e 1995	p. 517
Tabela 14 – Principais Órgãos Informativos de Clubes e Instituições Criados entre 1988 e 1995	p. 533
Tabela 15 – Áreas de Especialização Desportiva entre 1996 e 2000	p. 547
Tabela 16 – Principais Órgãos Informativos de Clubes e Instituições Criados entre 1996 e 2000	p. 548
Tabela 17 – Evolução Geral da Imprensa Periódica Desportiva Portuguesa entre 1875 e 2000	p. 588

FIGURAS

Gráfico 1

– Número Total de Periódicos Desportivos Criados entre 1875 e 2000	p. 551
---	---------------

Gráfico 2

– Evolução da Imprensa Periódica Desportiva Portuguesa por Décadas	p. 552
---	---------------

FIM